3 1761 06860784 5

BRIEF
0064289

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/osmysteriosdaegr01taxi

OS MYSTERIOS DA EGREJA

LÉO TAXIL E KARL MILO

OS MYSTERIOS DA EGREJA

VERSÃO

DE

GOMES LEAL

OBRA ILLUSTRADA COM PROFUSÃO DE ILLUSTRAÇÕES E MAGNIFICAS GRAVURAS INTERCALLADAS NO TEXTO

Povos, escutae! — Venho em nome do Altissimo atirar á vossa execração o Pontifice abominavel que vos opprime! Venho em nome de Jesus Christo ordenar-vos que não lhe dispenseis quartel algum, que lhes varejeis o coração com um ferro, e que trateis todos os seus sequazes como bandidos, quer sejam reis ou imperadores! Ah se eu fosse o chefe do Imperio faria do Papa e dos seus cardeaes um fardo só, e atiral-os-hia todos juntos ao Tibre. Este banho cural-os-hia, para sempre, das vergonhosas turpitudes que os roem.

MARTINHO LUTHERO.

TOMO I

1889

EMPREZA LUSO-BRAZILEIRA

EDITORA

LÉO TAXIL

brief
1954

PRIMEIRA PARTE

Como se canonisa um piolhoso

CAPITULO I

A Douda

A PRIMAVERA em Italia póde bem considerar-se um estio antecipado. E, todavia, n'aquelle anno, dia algum havia rompido com o céo d'um azul tão garço e rútilo, como este em que a nossa narrativa começa. Nunca a placida serenidade do crepusculo annunciára noute com mais scintillas d'estrellas. O sol atufava-se já no poente, raiado de listas rôxas, e os seus raios obliquos, cortados a espaço pela agulha d'um obelisco, pela torre d'um campanario, ou pelo terrado de um palacio, incendiavam com os seus reflexos alaranjados todos os altos de Roma.

Por detraz do portico do Colyseu resplandecia o horisonte, como n'um banho carmezim: e, ao fundo, por detraz da cupula do Pantheon d'Agrippa, para além da imponente massa da rocha Tarpeia, sempre a prumo e erecta, como para ameaçar os Pontifices, como ameaçára os Cesares, na linha do horisonte, estendia-se o Tibre, semelhante a uma cobra côr de sangue. Á medida que o sol se atufava, a campina adormecia mansamente: o rumor da cidade esmorecia: os bois alçavam com languidez, na direcção d'onde arfava a briza, as ventas humidas d'uma baba prateada: e a briza crepuscular meneava os pinheiros, os gigantescos álamos, e os cyprestes ramudos, imprimindo-lhes uma ondulação de rythmo.

Os campónios romanos, de regresso ao lar, saudavam na estrada os frades mendicantes, ou questores, seguidos das suas mulas acurvadas sob o peso da collecta em especies, e os capuchinhos, os carmelitas, os fran-

ciscanos, caminhando vagarosamente e fazendo sapatear as sandalias, ou os sacerdotes embrulhados nas lobregas sotainas, olhos cravados no breviario. De vez em quando, n'um cotovello da estrada, entre as arvores em florescencia primaveral, faiscavam brilhos d'armas, estrondeavam chufas plebeas de soldados proferindo expressões de quarteleiro, e propostas audazes ou chulas, a que respondiam casquinadas de riso, e vozes de mocetonas bellas e faceis... Depois o ruido parecia distancear-se, e por fim esvaecer-se lá no alto, na collina, em torno d'uma granitica muralha muito a prumo, muito larga, e já ennegrecida pela aza das Eras.

A vista fatigava-se seguindo os contornos regulares d'aquelle retiro impenetravel, cuja monotonia não alegrava, nem suavisava ornato algum. Seria aquillo uma caserna? Mas não se escutava ali qualquer ruido militar que podesse confirmar a existencia d'um quartel, e os soldados passavam além, sem penetrarem no edificio. Seria um carcere talvez? Tambem não. Irrompendo, mais alto que as muralhas, viam-se surgir as verdes braçadas e os cimos das arvores, e a aragem crepuscular trazia d'ali, nas suas azas ligeiras, emanações de flores. Seria acaso o retiro d'um sabio vergado sobre os seus pergaminhos e as suas retortas?... Mas então porque se ouvia esse accorde de cantares distantes, em que, vozes frescas e bem timbradas se misturavam a outras notas mais graves? Porque é que, em quanto a natureza se recolhia n'um silencio augusto, saía d'esse edificio mysterioso como que um côro de beijos abafados?... Um padre, que qualquer do vulgo tomaria por um simples frade dominicano, se o seu habito, ao entreabrir-se, não deixasse vêr o trajo entre todos temido, o trajo do *grande inquisidor*, caminhava a passos precipitados pelo caminho que levava ao torvo edificio. Desnudando a cabeça do capuz, a fim talvez de que a aragem fresca do crepusculo lhe refrescasse o craneo, onde o suor reluzia, e que coroavam mechas de cabellos brancos, podia-se-lhe contemplar os olhos assombreados por pestanas espessas, d'uma expressão vaga, o nariz rectilineo, e a cabeça que na parte frontal era protuberante e saliente. Nos cantos dos labios accentuavam-se duas prégas que davam á bocca certa expressão ácida.

Todos os traços da sua physionomia evocavam na imaginação infortunios d'uma juventude bem cedo murcha, e sem objectivo. Comtudo, o passo era seguro e resoluto, e toda a attitude revelava uma compleição inabalavel.

Ao chegar ao pé do sombrio muro, parou, e voltando-se, e abarcando com um olhar Roma e o Vaticano, atraz do qual se escondia, a pouco e pouco, o disco purpurino do sol, murmurou sumidamente:

—Tudo está ali! Não duvidemos da bestialidade humana!...

Depois, detendo-se defronte d'uma pequena porta, aberta no granito, bateu cinco pancadas, com intervallos regulares. Descerrou-se um postigo, e uma voz avinhada, disse:.

—Ah! sois vós?

Franqueada a entrada, o inquisidor achou-se n'um vestibulo mobilado de bancos grosseiramente construidos, e com uma mesa de carvalho encostada á parede, aonde uma lampada fumarenta, mais ennegrecia do que alluminava uma imagem de Madona dentro do nicho.

O porteiro, cambaleando nas tremulas pernas, com um molho de chaves tilintando em punho, inquiriu gaguejando:

— Estaes, meu padre... de... perfeita saude?...

E tentou ajuntar a esta pergunta uma saudação das mais circumflexas que lhe ia fazendo perder o centro de gravidade. Mas na face do grande inquisidor esboçou-se um gesto desplicente, e disse-lhe:

— Borrachão!...

— Assim e assim, e vós?

— Sua Santidade está no convento?

— Muito bem, muito obrigado, como vêdes!...

— Demais a mais surdo como uma porta! clamou o inquisidor enfurecido. E, saindo do vestibulo onde o porteiro continuou a sorrir-se com beatitude, internou-se no convento, pois de facto era aquillo um claustro.

Bastante amplo nas suas dependencias, mais amplo ainda do que se poderia apreciar pelo aspecto exterior, a santa habitação formava dous estabelecimentos religiosos, completamente distinctos, e isolados um do outro. Servia um de retiro a moços esturdios arruinados, a scelerados contrictos, ou resolvidos a apparental-o, a ambiciosos mal succedidos, ou a sacerdotes frascarios a quem os superiores, coagidos por algum escandalo publico demais, se haviam visto forçados a retirar-lhe as licenças. Estes elementos formavam uma milicia que por esta fórma a Egreja mantinha ás ordens sempre, aguardando a hora opportuna e precisa para dispor d'ella á sua vontade, com uma adhesão sem escrupulos illimitada e incondicional.

O outro era o refugio das que haviam peccado por *muito amarem*, das esposas adulteras, sobre cujas cabeças pendia ameaçadora uma vingança marital: ou de honestas raparigas do povo, arrastadas prematuramente ao enxurro pelos ricos ociosos. Era uma cohorte de victimas, simuladamente protegidas por uma protecção interesseira, e talvez mais doble do que a concedida a seus outros companheiros d'infortunio: voluptuoso enxame de mulheres novas ainda, todas radiosas de belleza, estremecendo ainda a uma venenosa e môrna saudade de beijos antigos: imaginações convulsionadas pelo isolamento e pelas praticas conventuaes, os extases demorados ante os gigantescos Christos de nudez tubadora, predispostas de longa data a todos os sonhos, alimentadas todas no desejo das paixões impossiveis e das aventuras triumphaes.

O inquisidor deixando á sua direita as estreitas cellas reservadas aos homens, andou dez passos, e parou em frente d'um corredor.

Comprimiu uma certa mola escondida debaixo d'uma inscripção latina, e uma pedra girando sobre si mesma, deu franca entrada, e deixou a descoberto um compartimento quadrado onde dormia um padre. Despertando-o, o inquisidor perguntou-lhe:

— Onde está Sua Santidade?

— Ali, retorquiu o padre.

— Espero um monge que está a chegar da Allemanha. Mal chegue, introduze-o.

— Assim farei.

E o padre, dobrando-se, saiu. Mas n'aquelle instante a porta, ao abrir-se bruscamente, patenteou uma sala maravilhosa, toda magnifica de pintu-

ras a fresco e de douraduras, com largas janellas rasgadas sobre a ramaria d'uma cerca. O aurilavrado tecto da sala, as paredes, o pavimento de mosaico, estavam cheios de pinturas de custo que, sobre fundo d'ouro, reproduziam scenas do deus Amor. Aqui e ali, moveis e tapetes raros, coxins de velludo sobre commodos leitos de pelles de animaes. Como se houvesse de proposito fito, querido eclipsar aquelle luxo pelo aspecto carnalmente vivo do Amor e da Volupia, grupos de mulheres repoltreavam-se em attitudes intencionaes de lascivia, involtas em veos brancos e amplos, como para tornar mais acerada a flecha dos olhos resplandecentes. Traziam todas cingido ao talhe um rosario de marfim, e, pendentes da cinta, cordões dourados. Alem, a distancia, atravez da ramada das arvores, perpassavam fórmas indistinctas e errantes: femininos bandos faziam vibrante o ar com a sonoridade dos risos: ouviam-se cantares amorosos que flebilmente morriam em labios em que a febre sensual punha a sua braza: e os moribundos raios solares, arrancando scintillas dos brincos de diamantes das monjas, faiscava nos collares de pérolas, nos diademas de prata, que sobrepujavam os cabellos negros, ou nos pentes de coral encimando as cabelleiras louras.

No meio d'aquelles rostos femininos, apaixonados uns, languidos outros, sorria um homem, ainda na virilidade, porém um tanto obeso, de feições fanadas, e olhar astuto. Mal o avistou, o inquisidor inclinou-se para um homunculo de rosto picado de bexigas, corcovado, cambaio, todo trajado d'amarello e rôxo, e que imitava os sons da flauta, agitando um gorro cheio de guizos.

— Vae perguntar a Sua Santidade, disse-lhe, se póde conceder-me alguns minutos de audiencia.

O bobo fez um gesto funamblesco, e retorquiu com uma audacia que sabia que não teria consequencias fataes:

— Amavel inquisidor, mui reverendissimo Hochstratten, em que devaneios te perdes? Não conheces os costumes do Papa, teu senhor, meu amigo?... Sua Santidade, — acaso o ignoras tu? — não gosta de ser importunado quando trabalha, muito menos quando não faz nada. Calcula o que será quando faz... o que estás vendo agora!...

— Esperarei, respondeu Hochstratten humildemente. E assentou-se, aguardando o momento azado.

O homem obeso, repoltreado entre as mulheres, era de facto Leão X.

Sua Santidade divertia-se. Tomava o lado optimista e côr de rosa da vida, reservando para a politica as horas que os mais vótam ao repouso. E por politica, no caso do Pontifice, entendemos os aboizes e artificios contra os duques visinhos: as empresas de lucros excitando-lhe a cupidez: os cuidados da propria fortuna: os negocios de familia: e tambem da Egreja mesmo.

Leão X havia escolhido aquelle convento de mulheres, para converte-l-o na sua *villa* intima, na sua verdadeira *villa*, ainda que possuisse mais outras a que o acompanhavam os nuncios e os cardeaes.

Mas emquanto que os da comitiva o suppunham affundado n'uma conferencia douta, com o douto superior do convento do lado — que era destinado aos homens — por uma porta secreta, praticada por ordem sua, para

salvar as apparencias, penetrava elle nos apartamentos luxuosos e perfumados, e esquecia no galanteio sacro todo o apparato rigido do Vaticano.

Leão X fez um gesto.

—A senhora abbadessa! clamaram as monjas, vendo uma que acabava de entrar no recinto.

— Onde está, onde está?... Quéro vel-o!... Quéro que me restitua minha filha, que o outro scelerado me roubou ha dezeseis annos... Dezeseis annos!... Durante todos elles tenho estado preza...

Cap. II.

A abbadessa, cujo trajo apparatoso fazia realçar extraordinariamente a sua bellesa d'um cunho imperativo, approximando-se de Leão X, inclinou-se sobre elle. E Leão, de mansinho ao ouvido, disse-lhe qualquer coisa, roçando quasi com os labios a pequenina orelha da abbadessa, onde uma esmeralda tremia. Ella, avermelhando-se toda, disse:

— Faça-se a vossa vontade, Pae meu!

— Quereis dizer que não é tambem a vossa, marqueza?...

Mas a marqueza só lhe retorquiu com um sorriso que seria capaz de fazer perder a alma do Papa, se ella não estivesse perdida ha muito.

N'este momento gemidos de angustia rasgaram o ar: e depois gritos abafados que pareciam sahir das entranhas da terra, e de debaixo do soalho mesmo da sala. E estes lamentos singulares pareciam um mixto confuso dos uivos d'uma fera trespassada n'um bosque, e do estertor d'uma creatura humana, no arranco da agonia final.

Um silencio algido pairou em toda a sala. A voz subterranea penetrava até ali ululante, dilaceradora, fazendo frio, desolada... como se impetrasse piedade, submettida pela dôr...

O crepusculo vespertino, e a sensação de frio que a todos empolgara n'este instante, davam áquellas articulações afflictivas um colorido soturno, que os tornava funereos...

— Ora, é a louca! disse a abbadessa, reassumindo a sua calma, e subjugando o panico.

— É a louca! clamaram as monjas, ao principio aturdidas, e agora como que reassumindo allivio pela explicação dada. E de todas as boccas uma gargalhada satisfeita e inextinguivel estallou.

Era a douda!... a orate!... As monjas pareciam felizes por poderem mofar agora d'aquillo que lhes fizera correr na espinha o arrepio gélido do medo. E todavia deviam estar habituadas áquelles uivos extraordinarios. Mas, no primeiro momento não se lembraram d'ella. O que era, porém, urgente era transferil-a para outro carcere, d'onde os seus gritos não coassem fóra. Produzia um detestavel effeito aquella desaccorde algaravia n'esse viveiro dourado, cheio de aves afinadas, cantando a primavera e o amor.

O Papa perguntou quem era essa orate. Era, segundo disse a abbadessa, uma mulher roçando os quarenta annos, enferma de longa data, e que trazida ao rebanho de Deus, apoz um grande infortunio, de subito endoudecera. Fallava de uma creança, uma filha, a quem dizia haviam assassinado. E por isso, e não obstante toda a fama que dava á religião aquella conquista, pois que ella havia abjurado do judaismo, não podia ser posta em liberdade, apesar dos seus repetidos rogos.

Não obstante a sua demencia incontestavel, não faltariam credulos a quem as suas palavras turbassem, promovendo um escandalo. Enclausurada no convento de Santa Maria, fôra removida para ali, em consequencia d'uma tentativa d'evasão. Parece que no convento de Santa Maria a tratavam com uma doçura exagerada, visto que haviam chegado ao cumulo de lhe prégarem o arrependimento e a resignação, o que não era senão um mau systema de enrijar a sua mania. Mas agora, accrescentava a abbadessa com serenidade, está bastante segura no fundo d'um *in pace*, tapado por uma pesada pedra, e onde recebe apenas o pão quotidiano atravez d'uma grade.

Ha trez dias, pelo menos, pois até então ninguem d'ella se preoccupára, é atacada d'uma sorte de desespero. Arremessa fóra o pão, derrama o cantaro da agua, e clama que quer morrer. Se por acaso rompe o silencio, ou a sua usual immobilidade, é para pedir que a deixem vêr o novo Papa, que os sinos de Roma annunciaram, no mez findo, ao orbe christão. Assevéra que elle só póde vingar a sua filha, e punir o seu homicida.

Leão X, que havia escutado attentamente, permaneceu alguns instantes apprehensivo. Depois, respondeu, suspirando:

— Accusa um sacerdote! Que Deus lhe perdôe!...

— *Amen*, psalmodiou o bobo.

Os lamentos porém da orate não eram já simplesmente lamentos, mas verdadeiros gritos, uivos de besta féra ferida. Das entranhas do sólo resudavam imprecações, distinguiam-se nitidamente palavras e phrases desmanchadas.

— O Papa! O Papa!... Quero fallar-lhe antes de morrer!... Quero que elle excommungue o miseravel!...

E entre soluços e gemidos encadeados, distinguia-se nitidamente:

— Oh! minha pobre filha!... Tão bella!... Ó minha filha!... Meu amor!...

Mas Leão X permanecia silente, n'uma attenção muda, e a abbadessa sentiu-se varada do receio de que aquelle episodio lugubre tivesse desgostado o seu hospede.

— Urge fazel-a callar? interrogou com ar resoluto. E sorriu, pondo em evidencia os seus dentes de um bello esmalte.

— Não, tornou o Pontifice. Sinto-me de humor alegre esta tarde, e pendendo para a magnanimidade. Já que a essa douda lhe dá a mania para me vêr antes de fallecer, demos-lhe esse gaudio.

— Porém, não temeis?...

— Sús!... Porque fallaes em medo!... Fazei cumprir as minhas ordens, peço-vos. Talvez a historia que conte seja bem picante, e mereça ser levada ao theatro pelo meu amigo Machiavélo, ou pelo nosso digno cardeal Bibiena...

As monjas, que instantes antes haviam sido trespassadas por um panico inconsciente, acolheram com um gorgeado chilrido d'applauso a ordem do Pontifice. Só a abbadessa resistia ainda. No momento porém em que descerrava os labios para oppôr-se áquelle joguete que reputava perigoso, a contracção do supercilio do Pontifice advertiu-a de que seguia por caminho errado. Conhecendo bem o Pontifice e os seus prazeres tremendos, tão tremendos como a sua colera, baixando as palpebras, e fazendo uma mesura, unicamente ciciou:

— Obedeço, Pae meu!...

Clamorosos applausos acolheram estas palavras de obediencia e todas as bellas monjas recomeçaram as suas risadas e as suas cantigas, dilatadas de gaudio, á ideia do espectaculo que se annunciava. Mas, n'isto, soaram seis horas e o tangido agudo d'um outro sino feriu o ar. É o *Angelus*, clamaram. E fazendo o signal da cruz todas se ajoelharam, entoando a melopêa melancolica das vesporas.

O inquisidor, entretanto, havia avançado alguns passos.

— Vós aqui, Hochstratten, disse o Papa?!

— Desejava fallar-vos.

— Tinha-te marcado o dia de amanhã.

— Pois bem, esse amanhã é hoje.

— Já?!... Como passa o tempo!... Repara: agora mesmo é que vai começar a ceia.

E, de facto, n'este intante, os pagens entraram com as mezas.

Mas o inquisidor insistindo sempre, disse obstinado:

— O caso urge. Serei breve.

— Promettes-m'o?

— Estareis de volta antes que a ceia seja servida.

— Assim seja. Vamos.

Passaram ao gabinete d'entrada, e depois de haver cerrado escrupulosamente a porta, o inquisidor disse a Leão X:

— Antes de tudo, deixae que vos felicite pelo estado da vossa saude, de dia para dia mais florescente.

— Mais baixo!... Endoudeceste! Queres que os cardeaes que me deram os seus votos no mez passado, só por que me julgaram moribundo, queres que suspeitem que eu os burlei!?...

— E como poderão sabel-o?

— Eu sei! É ocioso advertir-te de que em parte alguma as paredes teem tantos ouvidos como no Vaticano, e não estamos longe d'elle! Parece-me muito conveniente manter por muito tempo o Sacro Collegio n'este erro! Não o esqueças — accrescentou, tomando a sua mascara de dignidade. Tenho muitos inimigos entre os republicanos, para que queira crear outros novos.

— É tambem essa a minha opinião. Muito mais quando ha obstaculos de todo o genero...

— Ah! — suspirou melancolicamente o Pontifice, — os apuros financeiros, com especialidade!...

— Sim, com especialidade, — approvou o inquisidor. E para provar que o proverbio não mente, os vossos suissos ameaçam abandonar-vos.

— O que me dizes?...

— A verdade. O vosso predecessor Julio II estipendiara-lhes soldo, dizem, e além d'isso dava-lhes ensejo de fazerem a guerra. Vós não sómente não lhe daes nada, mas de mais a mais os conservaes em Roma, em doce ócio.

— Eu os farei entrar em campanha! Porém, não, por ora. Prometti dez annos de paz ao Concláve. Que os suissos me concedam alguns mezes.

— Se não lhes daes soldo, não vos deixarão quieto.

— Diabo!

— É o que ainda é peor, gritarão, e a religião se desacreditará.

— Enganas-te... Desacreditada está ella! Os meus crédores persegueim-me... Bem sabes os encargos que sobre mim pezam!...

— Sei, retorquiu o inquisidor, relanceando um olhar á porta da sala grande! Sei tambem que não se póde contar com a caridade dos fieis para encher o erario pontifical, porque os paizes mais affectos á Egreja são tambem os mais pobres. Carlos V deixou sem um ducado todos os povos que conquistou para a nossa Fé. Em quanto aos paizes opulentos, a França por exemplo, pende para a impiedade, a despeito d'um rei beato.

— É certo. Os devotos já não dão esmolas! O contacto com os judeus tem-os pervertido! O zelo diminue! Porque?... Porque nós o deixamos adormecer. Seria necessario um latego terrivel para o fazer despertar. Estou descontente da mesma Inquisição!

— Sois difficil de contentar.

— Escutae: a fogueira é um bom meio de herdar, porém, aterra: e, demais, não se póde queimar todo o mundo, e repovoal-o de novo todos os annos... Urge encontrar cousa melhor. Necessito d'uma inexgotavel mina, comprehendes Hochstratten? D'uma interminavel mina, que cresça á medida das minhas necessidades e dos meus caprichos! Suppões, talvez, que me exprimo como um homem possesso do desejo de prodigalidades insanas, que tira dinheiro desatinadamente, pelo gosto de dispender. Enganas-te. Escuta-me attentamente. Preciso muito ouro. Ah! porque não foi um subdito do Papa o que descobriu a America, patria da Riqueza?... Almejo ter muito ouro, antes de tudo, e sobretudo para os meus deleites, porque só o amor é verdade n'este mundo, e no outro, — se é que existe o outro, — e depois para minha gloria propria e do Papado!... Quero estabelecer uma equitativa proporção: — gastarei a favor de Roma tanto como para mim, um pouco na guerra (não muito porque a temeridade não é o meu fraco, e provei-o em Ravénna), e tambem em obras primas d'outro genero. Aos prodigos absolvem-os facilmente. De Lourenço de Medicis, por exemplo, meu pae, esqueceu Florença facilmente as crueldades, e o mais, para só se lembrar de que protegeu as artes e os artistas, e Florença o appellidou o *Magnifico!* Eu quero seguir este exemplo, e fazer-me absolver de todas as fragilidades que se censuram em Alexandre VI á força de gloria e de renome. Quero cercar-me de homens de letras, de sabios, coroar-me com os raios da claridade das suas auréolas! Já vinculei a mim a amisade de Raphael, e retratado pelo seu pincel estou seguro de attingir a celebridade. Miguel Angelo é mais difficil de domar. Mas possuo um meio de domar o féro leão! Projecto offerecer-lhe um assumpto digno do seu genio. O que Brunelléschi conseguiu, construindo em Florença a maravilhosa cupula de Santa Maria das Flores, quero eu que Miguel Angelo execute e o sobrepuje em Roma arremessando aos ares uma basilica digna da capital do mundo christão, a mais vasta, a mais audaz, que exista sob o Ceo! Vaes-me comprehendendo? Imaginas que em face de obra tal, de que terei sido o iniciador, haverá homem algum no mundo, ainda que seja tão grande como Savanarola, que se atreva a atacar-me?... Crês que alguem leve a audacia a dirigir-me o mais innocente vituperio?...

O Papa, desfiando os seus projectos de ambição, havia-se animado visivelmente. O inquisidor, que até então se havia mantido no mais respeitoso silencio, apagou todo aquelle enthusiasmo com uma palavra como uma vella apaga uma aragem.

— Mas que é do dinheiro? — perguntou.

— Ah! sim, eis o X do problema. Onde o encontrarei?

Leão X cravou o olhar no inquisidor.

— A que meios recorrerei?...

Hochstratten mantinha-se silente, gosando mudamente do embaraço do Pontifice, e dilatando-se com o ouvir, quasi supplice, interrogal-o.

— Esse meio — disse com affirmativa — tenho-o eu!

— Será possivel?...

— Sim! tereis ouro, tanto ouro que não sabereis o que haveis de fazer d'elle!

Assaz para construir a basilica de S. Pedro?...

— E para pagardes tantas mulheres, quantas S. Pedro possa conter!

— Por via dos judeus, não é assim?

O inquisidor fez com os labios um gesto de desdem.

— Oh! os judeus!...

— Alguns são ricos!...

— Sim, tambem não os devemos pôr de banda. Só uma palavra vossa, e expulso-os de Roma, confiscando-lhes os bens, retorquiu resolutamente Hochstratten.

— Amanhã, pois.

— Seja! Porém não espereis extrahir d'esta medida a decima parte do que julgaes.

— E porque?

— Suspeito que ha já algum tempo, por culpa de certo de proselitos imprudentes ou fanaticos, o bairro de Ghetto está de sobre aviso. Foram apprehendidos na fronteira carros carregados de milho, que produziam um sonido metalico. Parece que emigram...

— Então, o que lhes apprehenderemos nós?...

— Repito-vos: será bem pouco comparado com o de que se carece!

E o inquisidor novamente se recolheu ao silencio.

— Felizmente... — proseguiu.

— Felizmente, interrompeu ancioso Leão X.

— Espero aqui um homem, um frade da minha ordem.

— Que deve trazer-te novas de alguma negociação?...

— Não: a negociação elle é que a deve fazer toda, sem intervenção de ninguem!

— É possivel! Será capaz?...

— Respondo por elle.

— No emtanto, desconfiemos... Poderá ser capaz de fazel-a tambem só, e por si só, e logo que recolha o dinheiro d'ella, guardal-o fraudulentamente!

— Com certeza que o faria, se eu não tivesse meios de impedil-o.

— Como?...

— Por um segredo, que nos assegura a sua fidelidade.

— Algum crime?...

— Cousa parecida.

— Muito bem. E esse homem tem uma idêa?

— Infallivel.

— Como eu!

— Muito mais.

— Quanto quer pela sua idêa? Não seria melhor subtrahir-lh'a, sem lhe dar um obulo?...

— Preferis assim? N'esse caso seria a mim que defraudarieis...

— Ah! então és tu que m'a vendes? Cara me hade custar.

— Não desembolsareis um ducado.

— Então quem ganhará com ella?

— Vós primeiro, a religião em seguida, a nossa ordem depois.

— Ouçamos.

—Explicar-vol-a-hei mais tarde.

—Mais tarde, pois!...

E o padre que se mantinha de vigilancia na sala, e que havia saído mal entrára o Pontifice, appareceu então na soleira da porta.

—O que ha? perguntou o Papa.

—Lá fóra aguarda um frade que parece ter andado muito, e que diz que vem da Allemanha.

—É elle. Conduzi-o até aqui, ordenou o inquisidor.

E voltando-se para Leão X disse-lhe:

—Ides vêl-o... Esperae um instante apenas... Eil-o!

CAPITULO II

Onde apparece alguem que não se espera

De facto, o padre voltava, e detraz d'elle, de pé, no umbral da porta, surgia um frade agostinho de rosto pallido, cavado de jejuns e macerações, em que chispavam dois grandes olhos azues, cheios de vitalidade, e cujos traços revelavam uma procedencia teutonica.

O inquisidor, ao seu aspecto, fez um visivel gesto de surpreza e de desprazer.

—Não é elle! exclamou.

E bruscamente, dirigindo-se ao recemvindo, disse-lhe:

—O que quereis?

A face do monge destacava-se clara e nitidamente, mais solemne ainda por causa das primeiras sombras nocturnas sobre o fundo fôsco da parede. Ao ouvir a pergunta brusca do inquisidor teve um gesto sobranceiro, e respondeu com uma voz singularmente vibrante.

—Venho a pé da Allemanha. Vou a Roma. Pódem-me dar pousada aqui? Tenho fome e sêde.

Illudido pelo equivoco que déra logar a que fosse introduzido em logar do outro, o monge suppunha-se em uma dependencia d'um convento de homens, e portanto reclamando a hospitalidade que se não negava aos mais réfeces então, o monge estava no seu stricto direito.

Hochstratten, muito contrariado, julgava conveniente affastar quanto antes aquelle intruso, impedindo-o de desvendar cousas que prejudicariam assás a reputação da Egreja, e receioso de que a sua passagem pela communicação secreta já tivesse acordado suspeitas no desconhecido, o inquisidor tratava de retorquir-lhe, sem confirmal-o mais n'ellas, quando a abba-

dessa de subito entrou no recinto, a cabeça núa, as tranças esparsas, dizendo com um sorriso mundano:

— Esperamos-vos para o *benedicite*, Pae meu!

Tudo isto occorreu, rapido como um corisco.

O monge surprehendido por esta apparição deu um passo atraz. Pela porta, agora amplamente descerrada, distinguia a grande sala com as tapeçarias orientaes, os leitos guarnecidos de coxins de purpura, as emanações das rosas, os crystaes e as mil scintillas das pedrarias das monjas, faiscando. Nas lampadas que se balouçavam suspensas do tecto ardia um oleo aromatico, e um perfume suave como uma caricia, vinha fluctuando até elle, fecundo em inspirações deleitosas. A visão foi fugaz. A abbadessa, a uma palavra do Papa, que não desviava o olhar do extranho frade, eclipsara-se.

Vendo tudo descoberto, Hochstratten preferiu jogar jogo descoberto.

— Sentimos não poder acceder ao vosso desejo — começou dizendo. Estaes n'um claustro de monjas!

— De facto?...

— Em que não póde ser admittido homem algum.

— E vós não sois homens!

— Desgraçado blasphemo!

— Em que blasphemei?... O que disse?

— Não se trata de mim, ainda que sou o chefe supremo da ordem de S. Domingos, e além d'isso, grande inquisidor da Fé.

— Hochstratten! murmurou o monge, curvando a fronte.

— Trata-se, — tornou o inquisidor — do prelado em cuja presença estamos, do cardeal de Médicis, eleito Papa, sob o nome de Leão X, por livre eleição do Conclave, depois da vossa partida da Allemanha.

— Sua Santidade!...

Com um movimento rapido, automático, o monge dobrou os joelhos ante o Pontifice impassivel. Porém, mais rapido ainda do que se havia ajoelhado, levantou-se aprumando o talhe masculo. Cravou o olhar em Leão X, como se d'um só relance quizesse fixar os seus traços na memoria d'um modo inapagavel; sondar toda a sua intima pessoalidade.

O frade estava livido, de pallido que era. O que não podia comprehender um momento antes, apparentava então não querer comprehender.

Na sua face larga sem barba, lia-se uma inquietação aguda, o olhar exprimia como que a vertigem do que se abeira d'um pégo: parecia que uma tempestade coriscava sob aquelle craneo. Sem proferir um monosyllabo, voltou-se para saír.

Um dominicano grosso e atarracado, de que só se viam as costas, embargava a porta, disputando com o sacerdote introductor. De subito, a sua face de feições accentuadas, aspecto violento, appareceu fóra do capuz que lançara para traz.

— Tetzel! exclamou o monge que primeiro havia entrado. E retrocedeu tão bruscamente que quebrou a moldura d'uma imagem collocada detraz d'elle. O dominicano tambem o reconhecêra: e Tetzel aturdido refugiara-se no outro extremo do recinto.

— Esperava-vos, Tetzel — disse o inquisidor. E acercando-se do ouvido do Papa, murmurou-lhe:

— Este é o verdadeiro. Mandae embora o outro.

— Saíde! ordenou Leão X, com voz que se esforçava por aparentar serena.

O monge que por instantes parecera ter esquecido a presença do Pontifice, ou que talvez se agarrava áquelle pretexto para esvurmar a bilis que sentia em si latente, saíu, ameaçando com um gesto terrivel Tetzel, a quem seus olhos rútilos fulminavam.

Quando se viu fóra, no livre espaço, sob o céo azul estrellejado, respirou a pleno pulmão, e abriu os braços, como que para expellir aquelle resto de cólera menos nobre, do que o que havia sentido em face do Papa, e disse:

— Hochstratten! Leão X! O Inquisidor! O Papa!... Será veridico o que se diz?... Ah! Não quero crêl-o, n'uma primeira prova. A minha razão offuscada póde illudir-se. O cançasso e a fome desvairaram-me o cerebro. Foi uma allucinação a que me fez vêr ao mesmo nivel d'este miseravel Tetzel, os dous homens que são as columnas capitaes da Egreja, fazendo d'um claustro de freiras um antro de deboche e abominação! Não, não póde ser. Se o fosse, deveria regressar em continente á Allemanha, suspender-me ás cordas dos sinos, e tocar á revolução santa. Antes de chegar até este extremo, quero, necessito d'outras provas. De toda a fórma, a missão que trago, reclama a minha estada na Cidade Eterna. Caminha! Caminha sempre! Vae, e soergue os telhados dos mosteiros, espreita pelas cúpulas das egrejas, arroja a sonda a esse abysmo. Prosegue entre esses Phariseus a obra de Christo, espalha pelos quatro pontos cardeaes o pó dos seus sepulchros branqueados. Vae, e que Deus, esse Deus de justiça e de verdade, cuja causa defendes, te ajude do seu pavilhão d'estrellas.

E gesticulando virilmente com o braço, emquanto assim fallava, parecia tomar por testemunha os astros. Achava-se então n'um bosquesinho de pinheiros e de álamos. Quando tentava orientar-se enxergou por entre as arvores um camponio de Etruria, um d'esses audazes campinos, domadores de cavallos e de touros, atarracado, de fronte convexa, e mandibula inferior proeminente, traços todos de uma simples vontade tenaz. Aquelle homem vinha de depôr ao pé d'um álamo dous ninhos de passaros. E dispunha-se a trepar para desalojar um terceiro.

— Bom homem, perguntou-lhe o agostinho, estou muito longe de Roma?

O campino encarou-o, desconfiado.

— Não — retorquiu-lhe.

— Queres ensinar-me o caminho mais curto?... Sinto-me extenuado, e com os pés em sangue.

— Descei a collina até chegar á fonte. Ali, em frente enxergareis o castello de S. Angelo. Caminhae sempre em linha recta, e em menos de duas horas estareis lá.

— Obrigado.

— De resto, se preferis dormir algumas horas debaixo d'estes álamos, far-vos-hei uma cama de juncos.

O offerecimento era tentador. O monge hesitou um momento, depois tornou:

— Obrigado meu amigo. Que Deus premeie a tua caridade. Não posso perder uma hora. Careço d'estar em Roma esta noute.

— Como vos aprouvér.

— Adeus.

E o camponio dispunha-se já a trepar a um álamo, quando o frade detendo-se lhe perguntou:

— Divertes-te a dar cabo dos passaros?...

— Não dou cabo d'elles.

— O que fazes então dos óvos?

— Brindo a minha promettida com o ninho e com a mãe.

E com a mão indicou o peito em que dous passaros, sobresaltadamente, adejavam.

— Ella, proseguiu o camponio, diverte-se em creal-os e distrae-se ouvindo-os papear, e quando já são grádos dá-lhes a liberdade.

— Amas muito essa mulher?

— Morrerei, quando ella o levar em gosto.

— E ella ama-te?

— Não sei...

— Se não te amasse, blasphemarias de Deus?...

— Só blasphemaria d'elle quando a visse infeliz.

Os olhos do monge arrochearam-se de lagrimas.

— A Fé estará acaso no Amor?—disse de si para si, com um entranhado suspiro.

Afundado em profunda abstracção o monge começou a descer a collina, na direcção da cidade, aonde o seu dever o chamava. Caminhava gravemente, concentrado no seu destino que mais pezado lhe apparecia a cada passo. A sua sombra distanciou-se, esvaeceu-se, desappareceu por fim no claro escuro, e o zagal por muito tempo o ouviu acompanhar cadenciosamente o seu andar com um cantico religioso e triste...

Tudo era festa no refeitorio superior do convento. As mezas em torno das quaes moços pagens faziam circular o serviço de prata, e os jarros de ouro, offereciam um magnifico aspecto, plenas como estavam de toda a casta de veação, de raros e especificos productos de pastellaria. Sobre as tenuissimas toalhas de Hollanda, e entre a variedade da louça italiana, faiscavam os cabasinhos de crystal, quasi occultos sob as pyramides de pomos, e os ramos de flores raras e meridionaes. As religiosas haviam tirado os véos, e appareciam em toda a rutilação da sua belleza severa ou graciosa, habilmente agrupadas segundo o seu typo, de fórma que resaltavam pelo contraste de fórmas de cada uma, offerecendo aos olhos cúpidos a brancura dos morbidos hombros, as curvas dos seios meio decotados.

Leão X comia de todas as viandas, bebia de todos os vinhos. Só de vez em quando se interrompia para murmurar algumas phrases ás mulheres que o rodeavam, distinguindo entre todas, sempre fiel, a abbadessa, a rainha das demais pela sua belleza incontestada. Esta, na verdade, não se

inflammava muito de ciume ao vêr o Pontifice variar de favorita, a cada um dos pratos que lhe servia de joelhos o mais joven dos pagens, que em premio recebia uma caricia da carnuda mão pontifical. O inquisidor, tomava parte no festim retrahido e casto, inabalavel ás travessas seducções das monjas que chasqueavam do seu gêlo. Mas aquella frialdade era apparente apenas. Entre os seus olhos e os das captivantes freiras interpunha-se, sempre, a imagem d'uma bella transteveriana que o inquisidor, mau grado todos os seus esforços, não podia apartar da sua idêa, e da qual não podia esquecer o riso de desdem, resposta que colhia só ás suas perseguições cheias de paixão. Desejando distrahir Leão X do desagradavel effeito do *qui pro quo* do frade allemão, do qual, de resto Leão X foi o primeiro a rir-se, Hochstratten marcara para o dia seguinte a discussão do projecto de Tetzel. De toda a fórma o mais habil era dar tempo a Tetzel de reassumir a sua calma, depois do atordoamento que lhe causára a apparição do primeiro frade, de sorte que podesse obter o premio do pacto tratado. Por isso o inquisidor teve o cuidado de o encerrar discretamente n'uma cella, não sem grande resistencia d'elle, que, apenas lobrigara as monjas, suspeitara da orgia que se preparava, e experimentara em todos os seus sentidos uma sobreexcitação pouco santa.

Esquecido já das fadigas da jornada, sentia-se roido do desejo de palpar a seda da roupa das monjas, acariciar com os olhos as melindrosas curvas femininas, aspirar ávidamente as emanações das flores precóces e dos vinhos espumosos, e embebedar-se ao mesmo tempo com o cantado das vozes e das risadas das beldades, e com o pico dos manjares estimulantes.

Confiava em que, pela intervenção do divino Bacho, no agonisar da orgia, se estabeleceria uma commoda egualdade, mediante a qual os seus superiores ecclesiasticos se desprenderiam da gravidade official, e lhe permittiriam dar pastio liberrimo aos apetites, soltar o bridão a todas as concupiscencias. Mas, com muita dôr intima, teve que curvar-se á redonda e grosseira recusa do inquisidor, que, mantendo-o submisso aos seus caprichos, havia domado, com uma palavra apenas, todas as suas pretenções de peccado.

—Bebamos! Bebamos! Viva a Egreja!...

Assim gritava Sua Santidade, despindo a mascara catholica, apostolica, romana. E cada vez que a sua mão pontificia levava uma taça cinzelada ao labio oleoso, escutava-se o choque dourado, o tinido aureo de cem taças, bebendo á saude do Christo da Terra.

—Dae-me mais um pouco de carne—disse o Pontifice. E cem braços brancos, roliços, côr de leite, se estenderam para um prato colossal de veação, fumegando. Seus gritos festivos—d'um gaudio sentido em commum—espalhavam-se pela sala ampla. Mas a abbadessa, aproveitando um momento de silencio, ousou insinuar estas palavras timidas:

— Mas agora me recordo!... Estamos na quaresma!...

A estas phrases só respondeu uma explosão de gritos que parecia não dever findar. Todos os commensaes clamaram:

— Viva a Quaresma! Bebámos e comámos á saude da Quaresma!...

As empádas de carne de veado, destillando um chorume saboroso, os apetitosos salchichões de Bolonha, todos os liquidos, e todos os seus estimulantes, começaram a circular profusamente então, e deu-se começo a um picaresco duello, de que os salpicões e os presuntos eram as armas d'arremesso.

Mas de repente, no meio d'aquella salsada, e depois d'algumas vozes terem prorompido em applausos, estabeleceu-se um extraordinario silencio... Da habitação que dava para a cerca, lavada agora pelos raios lunares, partia um ruido extranho e metallico, que se assemelhava ao tilintar de cadeias que se arrastam.

— A douda! A douda! — exclamaram quasi todos os commensaes, dispondo-se a nada perder do espectaculo, como os que vão assistir ao declamado d'um drama.

A orate appareceu em pé sobre os degráos que a separavam do refeitorio, branca como um cadaver, por causa das luzes pallidas que n'ella reflectiam. E começou a acercar-se da meza, sacudindo as mãos, arrastando nos pés troços de algemas partidas.

Quarenta annos dissera a marqueza que ella contava, porém figurava roçar pelos sessenta. Devia ter sido bella: algumas gottas de sangue italiano, fundidas no sangue oriental, deviam ter-lhe amaciado a esculptural dureza das feições: o labio d'um carnudo sensual deveria, outr'ora, ter suavisado um tanto a chispa ardente de seus olhos fuzilantes. Mas hoje, ah! o adelgaçamento extremo do labio não permittia que se visse mais do que uma cavidade, semelhante á cicatriz d'uma ferida pouco funda. O nariz era delgado e fino como a lamina d'um punhal. Tinha as faces cavádas: os olhos extinctos e apagados, e tão mortos que as suas orbitas pareciam vasias. Algumas raras méchas de cabellos brancos, a espaços, erguiam-se sobre um craneo reluzente: e com a pelle enrugada das mãos e dos braços, perfurada pelos ossos, e envolta no branco habito da ordem, sobre o qual destacava uma grande cruz escarlate, a orate assemelhava-se a um esqueleto no seu sudario.

Encandeada pelas luzes da orgia, parou um momento, e com voz sumida, exclamou:

— Onde está? Onde está? Quero vel-o! Quero que me restitua a minha filha que o outro malandrino me roubou ha cerca de dezeseis annos. Dezeseis annos! Durante dezeseis annos estive na enxovia. Pareciam-me as horas bem compridas! E os calabouços são tão escuros?!... Sempre ali parece noute. Mas o que havia eu feito? Nada... Não, nada! Todas vós sabeis que eu não fizera nada.

Leão X continha o riso, para ouvir mais a seu sabôr.

— Eu requisitava a minha filha... Acaso não póde uma mãe pedir a sua filha? Depois de uma prisão fui para outra peior. Deixaram-me sempre só, só, sem outra companhia mais do que a dos reptis, cujo contacto esfria o sangue. Oh!...

E a orate estremecendo, com um gesto de panico e de repulsão intima, proseguiu:

— Vós todos sois bons. Tirastes-me do carcere. Comprehendestes que eu não sou demente, não é verdade? Eu bem o tenho dito e affirmado, por espaço de dezeseis annos. Mas não queriam acreditar-me. Pois eu affirmo que tenho uma filha. Pobre anjinho! Quasi que a não vi! Vós todas que sois mulheres bem comprehendeis o que quero dizer. Só a tive ao meu pé dois annos. Já fallava!... Veio o outro, e roubou-m'a! Não é uma acção tão feia?... Mas elle dizia: — levo-a para salval-a, depois torno a trazer-t'a... E nunca mais tornou...

Aqui, pôz-se a chorar.

— Disseram-me que a encontraria no convento, e que a minha impiedade era causa da minha desgraça. Abjurei da minha religião. Fiz-me religiosa. Ter-me-hia matado, para a vêr um instante, um instante pequenino, apenas. Deixei-me amaldiçoar por meu pae. Mas tudo inutil. Enganavam-me. Todos me enganavam! Á força de esperar e de pedir a Deus que fizesse um milagre, que nunca fez, e que me désse uma prova de que ella existia, desesperei. Obrei mal. Mas disse commigo: se ella vivesse, tel-a-hia tornado a vêr. Desejei então acabar com a vida, e ha quatro dias que não bebo uma gota d'agua, nem cômo uma côdea unica de pão. As fontes latejam-me, e o peito abraza-se-me. Soffro bastante, e tenho fome.

E aqui a infeliz deteve-se, cerrando os olhos, com uma expressão de dôr aguda.

— Bem vêdes que fiz mal em desesperar, visto que me deram por ultimo a liberdade, e visto que o Pontifice está aqui. Foi isto que me disseram. O que roubou a minha filha é um padre. Mas o Papa saberá encontral-o. Elle que tudo póde, mandal-o-ha castigar. Elle o fará confessar o que fez da minha filha, e onde a escondeu, pois não é possivel que a matasse, elle seu pae!... E o Papa o forçará a restituir-m'a. Mas tenho fome. Não cômo ha quatro dias. Conduzi-me deante do Papa, porque não vejo quasi nada. Distingo apenas cabeças pallidas, entre grandes manchas vermelhas. Acaso entre ellas estará o Papa que eu espero ha tantos annos? Respondei-me! Eu não o conheço...

Proferindo isto descia os ultimos degraus da escada.

— Eu sou o Papa, affirmou uma voz.

Ao ouvil-a, a orate avançou um passo, com uma expressão fera, e estendeu o braço para Leão X, que a observava com interesse. Não ha phrases com que se expresse o assombro com que o fitou. No refeitorio pairava um silencio gelido. Os labios da mulher abriram-se desmesuradamente para dar saída a um grito tremendo, penetrante, supremo.

— Elle! Elle! Tu, João de Médicis, feito Papa! Vejam-n'o agora feito Papa! Miseria das miserias! Agora é que eu vou perder o sizo. Tu, o Papa! Responde, cobarde, o que fizeste de minha filha? Responde, ou te arrasto commigo á minha cova...

A douda estendeu com furia os braços. Leão X empallideceu. E o inquisidor, erecto, pôz-se de pé. Reassumindo alguma calma, e suavisando a voz, a louca proseguiu:

— Não! Estou fóra de mim, e não devo exceder-me. Perdôem-me. Estou

tão fraca e tenho soffrido tanto! Só peço uma cousa. Abraçal-a antes de finar-me. Mas não: — talvez lhe mettesse medo. Vêl-a sómente. Escuta-me... Rogo-te em nome de todo o passado... Escuta...

Ficou um momento silenciosa, depois proseguiu em altos clamores:

— Sinto-me muito mal. Recordas-te d'aquella pequenina casa do outro lado do Tibre, e do signal que fazias, quando vinhas de noite? Amei-te muito, é certo. Ah! mas aquelle dia! Não voltes a cara, dize-me sequer uma palavra. Pae meu!... Responde-me qualquer cousa, por dó, ao menos... A tua humilde serva te conjura. Não a deixes morrer, amaldiçoando. S. Pedro!... Esse silencio!... Deus meu!...

De rastos, as mãos descarnadas, em que tilintavam as algemas partidas, estendidas com ar supplice, a malaventurada arrastava-se pelo pavimento.

De subito, ergueu-se, de chofre:

— Dize-me sómente, baixinho, que a não mataste, que de sorte alguma te atreveste...

O Papa voltou o rosto, e com uma fria fleugma:

— É bastante! Levem esta mulher!

— Oh! o assassino matou-a! E era este o pontifice em que eu confiava! Só d'elle esperava justiça! Sua propria filha! Deveria ser tão formosa! Faltava-me isto!...

E agarrando-se á meza, cravando as unhas nas proprias carnes, resistia aos frades que a queriam levar de rojo. Como esta lucta excitasse a hilariedade das monjas, voltando-se para ellas, clamou:

— Ride, perdidas!... Ride, infelizes, que passaes em bródios em quanto outras morrem... Ride... Tambem chorareis lagrimas de sangue. Cantae, bebei, banqueteae-vos! Mendigae os beijos d'elle, entregae-vos impudicamente, não por amor, mas por ambição, ou vicio! Vendei-vos. A vossa vez chegará. Tal e qual, como a mim. Tambem tereis filhas, e roubal-as-hão para fazer d'ellas monjas, ou mancebas. Ou as assassinarão, e quando clamardes justiça, tratar-vos-hão de doudas, enterrar-vos-hão vivas. E eu debaixo da terra rejubilar-me-hei tambem.

Uma feroz risada, que fazia frio até á medulla dos ossos, estallou de seus labios ardidos pela febre. Livre dos que a agarravam, pois ninguem ousava acercar-se da sua furia, sacudia com violencia o corpo todo, e bradava:

— Mas hão de vir os vingadores. Virão do Tibre, das enxovias, da sombra, dos esgotos, do bairro do Ghetto, de toda a parte onde apodrecem miseraveis, e se estorcem victimas. Virão até dos infernos! Virão dos altos onde corisca o raio. E tambem se rirão. Mas o seu riso aluirá vossas muralhas, e novamente vos sumireis no nada d'onde não deverieis ter saido. Mas tenho fome.

A sua voz ia tornando-se mais debil e rouca.

— Anáthema sobre Roma! Anáthema sobre os Pontifices!... Anáthema sobre os bargantes e os scelerados... Morta! Sim, deve ter morrido, visto que elle vive! Mas serás vingada, filha minha! Não é verdade, Deus meu?... Minha filha!... Filha amada!...

Os olhos cerraram-se-lhe: enviou um beijo ao alto e caiu desamparada-

mente nas lagens do pavimento. O grande inquisidor abeirou-se d'ella, e pondo a mão sobre o coração da malaventurada, disse:

— Morreu. Morreu de fome.

Mas ao voltar para a sua cadeira, disse ao Papa, rapidamente, e baixo:

— Não vos perturbeis. Diriam que não acreditaes que estava demente...

— Eu?...

E, instantes depois, a orgia reaccendia-se com mais vertigem, e a lembrança de que aquella orate tomára João de Médicis por um dos seus antigos amantes, alegrava as formosas commensaes, e fazia-as gorgear cantantes risadas.

CAPITULO III

A Padeirinha

Em um delicioso hortejo, — metade vergel, metade horta, — que por um declive suave fazia communicar uma casinha modesta dos suburbios de Roma com a riba do Tibre, toda relvosa de céspede, em um pomarsito que mais precisamente se devia dizer ladeado do que cercado de espessos renques de verdes arbustos, via-se vestida ao trajo das transteverianas uma rapariguita de belleza incomparavel. Seus maravilhosos pés descalços pisavam ao de leve a areia: um avental de côres vivas, atádo sem uma préga á saia carmesim, desenhava-lhe o contôrno das ancas: e um corpete, alvo como a mesma neve, mantinha presos seus seios de marmore e fazia resaír a côr levemente ambaráda dos hombros e dos braços que as mangas arregaçadas deixavam a descoberto.

Se o corpo d'aquella rapariga deliciosa era proprio para tentar o cinzel d'um estatuario, um pintor devia de certo encontrar um modelo para uma obra de mestre (e um pintor o encontrou de facto) n'aquelle rosto d'um desenho irreprehensivel, de largos e negros olhos rútilos e de cabellos negros como a noute, em que se fundiam deliciosamente o typo italiano e judaico. Pormenor curioso: no arco do supercilio, na fórma do nariz de delicadas e roseas narinas, havia entre a rapariga e a louca, se se levar em conta á pallidez d'aquella e a mocidade d'esta, uma especie de semelhança, qualquer cousa de singularmente parecido.

A formosa moçoila encaminhou-se para o lavadouro, levando á cabeça uma trouxa de roupa, caminhando por debaixo d'uma verde abobada formada pelas arvores, e atravez da densa ramada da qual o sol tremia com magicos effeitos, formando um verdadeiro mosaico de luz e sombra.

Ao chegar a um cotovelo do caminho, pôz a roupa em terra, e sentando-se n'um banco ficou perdida n'uma abstracção interior. Presa de uma tristeza subita, o seu labio contrahiu-se, e lagrimas, puídas como perolas boas, manaram-lhe pelas faces frescas.

—Mas elle não vê nada!... murmurou baixinho a maravilhosa rapariga. Todavia, acha-me formosa!... Dil-o bem alto aos seus discipulos, e até deante d'ella mesma, *d'ella*, ai!... E não m'o dirá nunca a mim, ao ouvido?...

Recalcando bruscamente os seus suspiros, e enxugando de subito o pranto, disse de si para si a rapariga deliciosa, fazendo um gracioso amúo:

— Oh como lhe tenho odio!... Não ha vingança alguma que me vingue do seu desprezo nem do que soffro callada!...

Com os labios premidos, a mão crispada, o coração aos baques, esquecia o tempo, e com o olhar erradio, e á primeira vista attenta ás cóplas dos bateleiros, permaneceu tempo largo.

— Para que acceitei o que me propôz? continuou fallando comsigo. Para que dei ázo a que o meu coração lhe servisse de brinco?... Ai! Era preciso contribuir para os gastos da casa e recompensar d'algum modo os sacrificios do velho que tem sido tão generoso para mim!... E de resto, elle é tão bonito com os seus cabellos compridos, seus olhos avelludados de mulher!... Tem uma voz tão doce, uma expressão que penetra tanto?... Assentam tão bem no seu talento as suas maneiras de fidalgo!...

N'este instante sorria: mas aquelle sorriso foi ephémero e fugaz como um relampago: e, recobrando o seu ar penoso, e o seu lindo amúo, continuou:

— Estou demente!... Antes eu me tivesse mettido viva dentro das catacumbas do que ter entrado no seu atelier!... O que espero eu, triste de mim!... Não sei bem certo que elle ama perdidamente Maria Bibienna!... Posso acaso, pobre rapariga de proveniencia incognita, sem paes, — luctar com a pupilla d'um cardeal!... Um beijo, mesmo um beijo d'elle sequer tenho rasões para o esperar alguma vez?... Não... Tinha rasão ha pouco!... De amor não: mas de raiva é que me devo cevar!... É preferivel isto por todas as razões!... Quando mesmo a minha paixão sem remedio fosse conhecida d'elle o que me resultaria d'ella senão a deshonra, e o abandono mais tarde?... A Fornarina póde ser para um artista como é o pintor Raphael qualquer cousa mais do que um joguete?... Não me deixaria ao abandono, para em seguida ir cair aos pés d'essa Maria tão boa... tão amollentada... que não é capaz nem de saber ter ciume, nem estallar de pena?... É tambem assim que se deve ter portado com minha mãe esse pae que eu não conheci!... Pobre mãe!... Que será feito d'ella? Viverá?... Terá morrido?... O pae d'ella, meu avô, aquelle homem de cabellos brancos que vinha inclinar-se sobre minha pobre caminha de creança, deve ter rebentado de desgosto!... Os que me separaram d'elles, não os separariam tambem?... Oh! que chatins... Como sinto odio a toda essa má gente... a todos esses ricos, que abusam... a todos esses orgulhosos maus que quando se chegam a nós, as pobres raparigas da classe humilde, é só para nos encherem de lagrimas ou de vergonha...

Assim, ora meditava baixo, ora monologava alto a deliciosa rapari-

guita, cevando-se na sua amargura que o amor produzia, e experimentando um deleite acido em maldizer aquelle por um carinho do qual daria o melhor sangue das suas arterias.

De subito deu um grito. O camponio que os leitores conhecem já, entrajado com a pelle de carneiro, as musculosas pernas cingidas de grossas correias de couro, o chapeu campesino na cabelleira ruiva, em pé, deante d'ella, contemplava-a, tendo uma gaiola na mão.

—Lucas—disse a Fornarina estendendo-lhe a mão direita:—irmãosito!...

—Não me chames teu irmão—disse bruscamente o boieiro.—Eu sou só teu irmão collaço! Graças a Deos, não sou teu irmão pelo sangue!...

—Que queres dizer Lucas?—disse a moça um tanto turbada. Para que é essa voz aspera... esses olhos ferozes?... Responde?... O que tens?... Que succedeu?...

—Não tenho nada, respondeu o campino, recalcando a sua turbação. Devéras não tenho nada!... Assustei-te?... Sou um bruto. Devo deixar-me ficar nos campos pastoreando os bois, visto que aqui não faço mais do que assustar aquelles a quem quero; pois eu só quero, tu bem sabes, a ti e a meu pae. Agora, percebo melhor que nunca, que o que devo fazer é não saír lá dos meus campos, de ao pé dos meus bois... Adeus...

—Não, deixa-te ficar Lucas... Senta-te aqui ao pé de mim, da tua irmãsita. Enganei-me, da tua amiguinha. Vejo-te tão poucas vezes, e demais a mais havias de te ir zangado, e com essa má cara que estás fazendo contra mim?...

—Não estou zangado!—respondeu o camponez amimando a voz, como se fallasse a uma creança.

E era uma scena que enternecia vêr como aquella grosseira natureza mascula se domava facilmente ao jugo da linda e moça aldeã.

—Demais, continuou a Fornarina, talvez fosse eu que te offendesse sem saber... Mas desculpa-me. Não sei que tenho. Ando adoentada...

—Tu?

—Mas não é nada. Isto passa, tornou ella com um sorriso um tanto acido que não escapou ao olho perspicaz de Lucas.

—Demais, tornou sorrindo, faria mal em mostrar-me incivil comtigo, na occasião mesmo em que me trazes uma prenda...

E indicava jubilosamente com a mão a gaiola de juncos que trouxera Lucas.

—És tu, interrogou, quem fez esta linda prisão?...

—E tambem quem te foi buscar os ninhos dos presos, quem os amestrou a cantar, e quem t'os offerece, para que de madrugada quando accordes, e que elles cantem, te lembres de mim... do teu amigo boieiro.

—Querido Lucas!—disse a Fornarina, acompanhando a exclamação com um beijo.

O camponez estremeceu: e todo o sangue d'esse impressionavel musculo, o coração, subiu-lhe como que n'uma explosão de fogo á face. Trémulo todo, ergueu-se de chofre, preza de uma turbação de que a innocente rapariga não deu fé.

—Agora, adeus, disse com voz profunda.

—Já?...

—Bem sabes que não posso deixar muito tempo ao desamparo o gado!... Os frades e os soldados far-me-hiam arrepender do meu desleixo...

—Porque não vendes esse rebanho que te amarra de continuo ao campo?... Porque não o vendes, e não vens para aqui viver comnosco?...

—Não posso! Sou um filho dos campos, e preciso de viver ao sol, ou ao relento das noutes... Dormir debaixo dos tectos da cidade é uma doença para mim. Deixa-me viver com os meus bufalos... Consente sómente que eu aproveite o tempo em que elles dormem a sésta, na estia, para correr aqui, abraçar o pae, ver-te alguns momentos, e fallar comtigo...

— Mas tu pedes-me licença?!... Não sou eu que te ando a pedir que te esqueças de vir ver-me?... E tu verás como te ralho, se eu para ti valer menos que a tua boiada!... Olé!...

—Dizes isso do coração?...

—Precisas perguntal-o?... Não sabes que sou muito tua amiguinha!...

—Não... não... A proposito,—não encontrei meu pae em casa!

—Foi ter com o visinho padeiro, a quem vendeu o resto da fazenda.

—Vou então, de caminho, fallar com elle... Até breve...

—Adeus, então, Lucas...

Lucas, depois de se despedir de Fornarina, caminhou ainda alguns passos mais; porém, de subito retrocedeu e acercou-se novamente da camponeza gentil, que depois d'esta jovialidade, talvez forçada, recaíra no melancholico pégo das suas meditações amorosas, e disse-lhe:

—Ouve lá... Tu padeces, que eu bem vejo!... A tua alegria não me engana a mim!... Ha bocado escapou-te a confissão. Demais, leio-o nos teus olhos; mas não quero saber o teu segredo. Sei que n'esta cidade pervertida muitos peralvilhos fascinados dos teus olhos hão de ter rompido as sollas debaixo da tua janella, ou hão de ter-te seguido á egreja. Mais de um talvez te terá falladó com palavrinhas doces. Pois bem: não te fies na parolice d'estes peraltas. Esses franchinotes cheios de filaucia, bem entrajados, sabem seduzir, mas não sabem amar. Fecha-lhes o teu coração, peçote. Todavia, se o quizeres entregar, faze a tua vontade. Lembra-te só que no dia em que uma dôr te amofine, no dia em que precises d'um braço, eu serei esse braço. Faze um signal, e eu virei logo, a não ser que me matem em caminho. Correrei a defender-te, a vingar-te, ou a chorar comtigo... Adeus.

E Lucas desappareceu a passos rapidos.

Quando Fornarina soergueu os olhos, transpunha elle já o hortejo ajardinado. Mas, n'este mesmo instante, um homem de estatura avantajada affastava-se precipitadamente, como que surprehendido pela saída brusca de Lucas, e desapparecia torneando a casa. Todavia, Lucas com o seu olho sagaz teve tempo para reconhecer debaixo do amplo chapeu e da capa em que o desconhecido se rebuçava, o nariz agudo, a face chupada, o olhar extincto, e o habito temido do grande inquisidor.

—É elle—disse de si para si o camponio. É o homem do outro dia!...

O que exprimiam estas palavras? Conhecel-o-hia pois já? Tel-o-hia visto alguma vez, e aonde? Talvez no mez passado, na licenciosa *villa* do Papa.

— Elle aqui!... — proseguiu Lucas, affastando-se. Anda rondando a Fornarina!... Cuidado com as tuas costas, inquisidor!... Não faz ao caso que ella me não ame e queira outro... Eu é que a amo com todas as véras do coração, e jurei defendel-a se alguem lhe tocar... Se tu andas rondando essa cachopa, eu rondar-te-hei as costas!... Toma tento, inquisidor!...

E estendeu o braço, ameaçando o Vaticano, com o rustico e masculo punho.

— Sim! Lucas tem rasão, pensava a Fornarina. Devo ser cautelosa. Não pensei bem na distancia que me separa d'esse homem!... Elle é o primeiro da Italia, e eu a mais humilde das mulheres de Roma, que nem mesmo sei o meu nome... Tenho o alcunha da *Padeira* (1), pelo mister do pae que me adoptou, e vivo apenas de servir de modelo!... E, comtudo, o seu olho de pintor, atravez mesmo da minha vergonha, descobre em mim encantos que eu não vejo!... Chama-me uma belleza!... Mas é preciso que eu esteja demènte para ter pensado que elle passe a mais d'este galanteio... Pois bem, acrescentou ella com um pequenino ar resoluto, estou na firme disposição de não mais o tornar a ver, nem ir ao seu atelier... Hoje deve elle ir cear a casa do cardeal Bibiena, no palacio perto do bairro dos Judeus. Tinha tenção de me ir vestir com os meus fatos garridos de domingo, para o ver entrar, para o ver sahir, e talvez assomar-se á janella do palacio... Pois não irei.

Mas, proferindo isto, mau grado o seu pequenino ar resoluto e o modosinho imperial que tomou, Fornarina, sem bem pensar no que fazia, pôz-se em pé de subito, esquecendo a trouxa e mais a gaiola dos passaros do pobre Lucas, colheu algumas flores vermelhas que ennastrou nas negras tranças sob a alva touca, e transpondo o arvoredo que ladeava o cerrado, seguindo a riba do Tibre, e passando a primeira ponte, com o sorriso nos labios e os olhos scintillando, encaminhou-se para o bairro dos Judeus, precisamente o local em que o pintor devia passar.

De repente, parou. Esse instincto, ou esse choque electrico, que nos faz conhecer que alguem nos observa fixamente, fêl-a estremecer. Alguem a seguia. Tinha a certeza d'isso. Dissimuladamente voltou a cabeça, cautelosamente, olhou para traz. Não se enganára. Um individuo encorpado, estatura avantajada, costeando rente a casaria, caminhava com passo cauto, seguindo a sua mesma direcção. A larga aba do chapéo não conseguia occultar o sinistro olho d'abutre que scintillava atravez do cilio espesso, e, atravez das dobras da capa, distinguia-se a ampla tunica lisa, semelhante a uma sotaina, com tres ordens de botões de velludo carmesim.

Fornarina reconheceu de certo aquella sombra, pois que na sua deli-

(1) É este o significado da palavra *Fornarina*, no italiano.

ciosa face, ha pouco tão alegre, espraiou-se uma nuvem de inquietação. Acelerou o passo, e a sombra acelerou-o tambem. O medo então apoderou-se da linda padeirita, e quasi que a paralysou. Tentou correr, não se atrevendo a buscar guarida nas casas que estavam de mais a mais cerradas, e trespassada de panico, animada só pela doce superstição do amor, abrigava a esperança unicamente de que diante do palacio do cardeal, cujos telhados dominam aquelle dédalo de casinholas, a idèa da proximidade do pintor que amava bastaria a escudal-a contra o nocturno perseguidor.

As pernas, todavia, recusam-se a andar; e era vacillando que ella se amparava ás paredes. Se, por acaso, se lhe deparasse uma egreja ao menos, entraria n'ella, a buscar refugio: mas infelizmente achava-se no Ghetto, o bairro dos Judeus, onde não havia templos. O homem acercou-se cada vez mais d'ella, e irremissivelmente creu-se perdida. Quem se atreverá a defendel-a contra tal homem? Ninguem. Bem certa está d'isso. Qualquer que o tentasse, atrevia-se a um destino fatal. Se Lucas estivesse em Roma!... Ah! como ella agora se recrimina, se julga com falta de siso, e desejaria morrer!...

O inquisidor então, n'um sitio escuso, com os braços alongados para ella, correu-lhe ao encontro. O seu bafo febril quasi lhe roçou a face.

—Fóge, demonio!... gritou a padeirita. Bem sabes que não te posso vêr!

Mas elle abraçou-a, e Fornarina cuidou sentir-lhe a pressão cálida dos beijos.

Em um campanario visinho um relogio bateu horas que outros sinos repetiram a distancia.

— Fatalidade! — gritou Hochstratten, dando no sólo, com o pé, uma pancada violenta. Faz-se-me tarde. Devia ter começado mais cedo... Maldita rapariga, e amaldiçoado capricho!

E o inquisidor largou Fornarina, que, reassumindo a sua calma e recobrando as forças que o mêdo lhe exaurira, pôz-se a fugir, mais ligeira que uma gazella. A face do inquisidor, ha pouco convulsionada pelo desejo, tornou a cobrir-se da sua impenetravel mascara, e exclamou, sumidamente:

— Deixal-a!... Primeiro a obrigação. Os gosos depois. Mas nada de ciladas, como as de hoje! Não é uma fórma inanimada e meia morta de terror que quero estreitar. É uma amante, uma verdadeira mulher amada, e que ame a de que eu careço... e obterei. Ella estima Raphael.

Demorou-se um instante como que cogitando, e depois accrescentou:

— É o que basta! Será minha.

Internou-se em seguida no labyrintho da casaria judaica a que as sombras da noute que avançava davam um aspecto funereo, e desappareceu em direcção ao Vaticano.

Fornarina, sem sequer ousar tomar a respiração, correu n'uma carreira allucinada e douda até ao palacio Bibiena. E deixando-se ahi cair sobre a escadaria de pedra d'uma casa fronteira, pôz-se em observação, reanimando-se a pouco e pouco do susto.

O macisso palacio cheio de ameias, construido no seculo IX, menos abundante de esculpturas do que de homicidios, elevava-se em frente d'ella, com todo o torvo aspecto que tivera nos tempos passados, isto é, o cas-

tello em que se encerrava e fortificava o senhor, para resistir ás rebelliões do populacho, ou ás acommettidas dos senhores rivaes. Sómente a porta, de recente construcção, e precedida d'uma escadaria com balaustrada, no estylo da Renascença, indicava que aquelle era o palacio elegante e severo de um dos maiores potentados da Egreja e do tempo.

Bibiena, secretario de Lourenço, o Magnifico, fôra collocado por seu irmão Pedro ao serviço de João de Médicis. Quando este foi eleito Papa, com o nome de Leão X, o seu primeiro acto foi conceder a purpura cardinalicia ao seu amigo. A sua eleição foi de todos approvada, e pelo decurso d'esta narrativa veremos em que terminou esta amisade começada no desterro, e cimentada na semelhança de gostos e temperamentos. Baixinho, dizia a bacharelice publica que podia muito bem succeder que a pupilla do cardeal fosse filha bastarda d'elle. E a proposito d'isto circulava de bocca em bocca uma anedocta assás mordente, que ao deante narraremos, e que se relacionava com outra historia analoga, em que o Papa representava o papel de protogonista. Era quasi um proverbio, n'aquella era, que pupilla e sobrinha de prelado equivaliam a bastardo e bastarda. E, de facto, a genealogia dos Bórgias havia estabelecido de modo incontestavel a firmeza de mão com que se operava, sem saír das familias da Egreja, a transfusão de sangue. A historia a que nos referimos, de sorte alguma prejudicava, comtudo, o respeito e a deferencia geral, de que Maria Bibiena era como que o centro e o alvo cheio das sympathias communs, deferencia e respeito que mais augmentára o amor cheio de fogo de Raphael, amor a que a gracil pupilla correspondia com um amor entranhado.

Á medida que avançava a noite, as janellas do palacio flammejavam com um diluvio de luz, e viam-se vir chegando os musicos, accessorio obrigativo n'aquella época de todos os lautos festins, dignos de nomeada. Depois vieram chegando os comicos, que deviam representar, em primeira representação, e deante dos commensaes, entre os quaes entrava o Papa, uma comedia do amphitryão: comedia, segundo parece, bastante licenciosa e livre, tanto na fórma, como no fundo.

Fornarina, que muito sumidinha a um canto observava tudo, notára, (e isto picára singularmente a sua curiosidade), que na mesma occasião em que grupos de convidados se dirigiam ao palacio do cardeal, cruzavam tambem a rua, dirigindo-se ao bairro dos Judeus, personagens mysteriosos, que apparentavam não reconhecer-se, e entre os quaes ella distinguira Machiavello, o florentino enygmatico que já vira em casa de Raphael, e o immortal Miguel Angelo, cuja physionomia altiva e triste era popular em toda a Italia. Que iriam fazer aquelles homens áquelle bairro maldito e reprovado?

Mais atraz d'aquelles grupos, e com precauções identicas, passaram outros de soldados visivelmente avinhados. E com um dos chefes ia fallando, com certo ar de mysterio, um personagem graúdo.

Ah! mas quanto áquelle, a padeirinha não ficou em duvida!... Era o bilhostre, o scelerado, que momentos antes tanto medo mettera ao seu ainda trémulo, bomsinho, mas ressentido coração!...

Era o grande inquisidor. Que extranho drama se preparava, pois, para aquella noite?...

Os convidados, os sabios, os artistas, os prelados, vinham chegando. Depois, mais tarde, surgiu a liteira do Pontifice, que tossia affectadamente, apoiando-se, para subir os degraus da larga escadaria, dos cardeaes, dilatados de jubilo intimo por o verem tão enfermo no aspecto, tão acurvado, tão abatido... Por ultimo só é que chegou Raphael, o entre todos preclaro artista, o unico que entre todos fazia palpitar no silencio, e toda sumida a um canto, o coração da padeirinha.

Sem reparar na humilde moça, trajando um elegante e faustoso gibão de velludo golpeado, subiu a escadaria, ao fim da qual o esperava o cardeal, a sua pupilla, e o proprio Pontifice. Raphael viera acompanhado de Julio Romano, seu fiel amigo e discipulo dilecto. A fronte d'este, o corpo, e o moreno rosto faziam resaír a physionomia suave e feminina, a belleza delicada do mestre.

Raphael inclinou-se com uma cerimoniosa mesura deante d'aquella que a voz publica proclamava noiva d'elle. E que golpe atroz, que lançada mortal não deveria varejar o coração da padeirinha, ao observar o sorriso de Maria, o olhar cheio de paixão do pintor, ao vêr como elle lhe osculava a mão, e lhe offerecia o braço!... A porta cerrou-se atraz d'elles. Uma jovial symphonia da orchestra saudou o começo do banquete. A misera moçita desdenhada, acocorada nos degraus, no escuro, o coração oppresso e amargurado, começou na imaginação, e esporeada pelo ciume, a contar então as doces palavras d'amor, as phrases de carinho que os dois deviam trocar. Pois de certo, pensava ella, deveriam estar sentados um junto do outro... A colera, que em vagalhões d'amargura, lhe estrangulava e subia á garganta, fez romper a moça n'um diluvio de ardentes lagrimas. Acocorada e soluçando baixo, permaneceu muito tempo, com a cabeça acurvada no peito, afundada na sua dôr, e revolvendo na imaginação projectos de vingança, mais insensatos uns do que outros. Porque ella queria vingar-se. Porém de quem?... perguntava ella a si mesmo, um tanto embaraçada a esta pergunta, e seguindo com os olhos humedecidos de pranto os vultos dos creados que via perpassar no festim, detraz dos vidros das janellas. De quem se vingaria, se nem Raphael nem Maria eram culpados?!...

Um sarapatel estrondoso, uma confusa salsada, o alarido d'ordens brutaes, e o troar frequente d'arcabuzes, tudo isto misturado á repentina vermelhidão d'um incendio, da banda do bairro dos Judeus, despertou de chofre a padeirita da sua amofinação.

CAPITULO IV

O Ghetto

— Fica combinado! — disse uma voz sêcca. E agora, amigos da dignidade, da liberdade, e da tolerancia, deixo-vos!... São horas de me ir reunir com Sua Santidade!

Phrase alguma poderia exprimir o pico de ironia que Machiavello, pois era o personagem da voz sêcca, deu a este nome de *Sua Santidade*.

— Vaes ter com elle, perguntou, franzindo o sobr'olho, o homem em quem mais tarde Fornarina julgou reconhecer Miguel Angelo.

— Ceio esta noite com elle, em casa de Bibiena.

Estas palavras proferidas em tom resoluto e seguro indicavam que aquelle pensador impenetravel, que foi um enigma para os potentados do seu seculo, queria impôr a sua conducta aos assistentes, sem a explicar. O grande esculptor, todavia, abriu os labios como que para reclamar uma explicação que todos pareciam esperar.

— Meu muito querido mestre — disse Machiavello, sem dar-lhe tempo de proferir palavra, — confiae em mim, peço-vos. Todos os que aqui estamos juramos envidar as nossas forças ao triumpho da causa levantada que defendemos. Ninguem como vós demonstrou até que extremo chega a vossa adhesão. Porém, eu tambem creio ter provado o meu zelo!... Deixae-me, pois, a livre escolha das minhas armas, e mais tarde reconhecereis, assim o espero, que a minha parte na obra commum não deve ser desdenhada!...

— Comtudo... atreveu-se a resmoncar um velho, cujo trajo e physionomia revelavam a sua procedencia judaica.

— É inutil insistir, Ephraim — interrompeu o auctor do *Principe*. Todos

vós sabeis quaes são as razões particulares, além das vossas, que me assistem para odiar aquelle que o Conclave acabou de eleger Papa, collocando-o á testa da Egreja. O que tenho soffrido deve ser garantia sufficiente do meu odio. Porém, já que por unanimidade acabamos de adoptar, até nova ordem, a dissimulação como meio de conducta, permitti que eu disfarce tambem. Por feliz me darei se poder surprehender-vos um dia, revelando-vos o fim e o valor dos meus esforços secretos. É meu alvitre, e esta será a minha palavra ultima, que visto que o Papado nos faz a nós italianos, e a vós judeus, uma guerra surda, devemos corresponder-lhe da mesma sorte. *Olho por olho, dente por dente!*... Boas noites...

E Machiavello, depois de cerrar a mão a todos os circumstantes, desappareceu. Todos os demais que se achavam reunidos em casa de Ephraim não tardaram em seguil-o.

Miguel Angelo foi o ultimo que saíu, e despedindo-se, com a sua tradicional gravidade, disse ao judeu:

— Até á vista, onde ajustamos!

O judeu, depois de se haver assegurado cautamente se algum espia de emboscada teria observado a saída dos companheiros, entrou em casa, correu bem os ferrolhos, accendeu uma lampada, e afundou-se na leitura da Biblia.

Junto com Miguel Angelo saíra um homem de cabello já grisalho, que tendo entrado em casa do esculptor para aprender e praticar, acabára por se lhe affeiçoar em extremo, e tornar-se seu amigo,—como que o seu guarda fiel. Chamava-se Neumann, e tendo chegado de Leipsig a Roma, ha perto de dois annos, professava uma admiração, que roçava o fanatismo, pelo extraordinario homem, em cuja officina trabalhava. Admirava-o ao mesmo tempo como pintor, como poeta, como esculptor, como engenheiro, e sobretudo como architecto. E tinha tanto maior razão quanto elle pertencia á mesma arte,—a esses *francos-maçons* da Allemanha, de que a Egreja se serviu para levantar por toda a christandade as cathedraes tão imponentes de conjuncto, e tão delicadas de detalhe, que são a maravilha dos seculos.

Neumann ia seguindo Miguel Angelo silencioso, respeitando a tempestade de pensamento que devia crepitar n'aquelle gigantesco cranco.

Miguel Angelo possuia uma virtude de primeira grandeza, entre todas as suas:—confiança no futuro, fé na idêa capital de que a liberdade deveria triumphar da tyrannia, e de que a consciencia quebraria um dia a ignobil algema da superstição secular. Como o seu amigo Savanarola, elle era de tempera a arrostar todos os supplicios, a morte mesma, ou como o Dante, seu conterraneo, a partir para um desterro eterno, se tanto fosse mister, para precipitar ou adeantar a hora de justiça e libertação de todos os homens. Por isto, portanto, e pela sua obstinada resistencia ás pretenções dos poderosos, foi verdadeiramente grande o preclaro pintor do *Juizo Final*. Por isto tambem, devemos dizel-o, tanto lhe queria Neumann. No dia em que o allemão mostrou desejos de formar parte d'aquella sociedade mysteriosa, da qual acabamos de vêr terminar um dos conciliabulos, foi padrinho d'elle Miguel Angelo.

Quando os dois homens chegaram á esquina d'uma rua em direcção

opposta á d'elles, toparam com um desconhecido que envergava o habito de S. Agostinho. Neumann parou deante d'elle.

E, ao reconhecerem-se, ambos exclamaram ao mesmo tempo:

—Tu em Roma!

E os dous abraçaram-se com effusão tal, que o proprio Miguel Angelo, esse incansavel batalhador de coração de bronze, se commoveu.

Não era um pesadello que atormentava Ephraim. Uma serpente, de facto, o estrangulava entre os anneis.

Cap. v.

—Em breve estarei comvosco, mestre! disse Neumann.

—Bem! bem!—tornou o esculptor. Falla á vontade com esse teu amigo. Os amigos não abundam tanto nos tempos que correm, e n'esta cidade pervertida, para que lhe regateemos uma hora. Até amanhã, e boas noutes.

Em quanto que Miguel Angelo desapparecia na sombra, os dous apertavam a mão estreitamente. O frade, que era o mesmo agostinho que

vimos Hochstratten fazer despedir no convento, e dirigir-se a Roma depois de orientado por Lucas, foi o primeiro que rompeu o silencio.

—Querido amigo, emfim torno a vêr-te! Este gosto compensa bem o que me custou a jornada! Sabes que a minha familia, meu pae, eu proprio, todos te haviamos chorado, suppondo-te morto?...

—Devéras, suppozeram-me morto!...

—Depois d'aquella occorrencia deploravel quem o não supporia?... O teu desapparecimento, teria certamente podido explicar-se d'outro modo... A fuga é prudente e natural n'um homem que havia morto, ou que julgára matar um frade, n'aquellas circumstancias... Pois o malandrino não morreu, sabes!?

—Sei-o.

—Isto era tão inexplicavel como a devota e reconhecida hypocrisia do duque de Saxonia, hypocrisia que provou mais uma vez, curando o bribante, e conseguindo, em vez do corpo d'elle ir chafurdar ao fundo d'agua, que unicamente o condemnassem a prisão perpetua...

—D'onde o duque o fez sair um mez mais tarde.

—Naturalmente todas estas rasões teriam bastado a convencer-me da tua fuga, se o desespero em que a morte da minha pobre irmã te afundou, nos não fizesse recear outro desfecho...

—O suicidio...

—Sim, de facto, essa foi a nossa primeira idêa...

—Tambem foi a minha...

—Já vês...

—Convem que tinha rasão para o desespero...

—Ai, sim!...

—Concorda tambem commigo, que quando um amor, tão feliz como o nosso era, se vê de subito aluido por um golpe tal, é bem desculpavel aquelle que um momento allucinado se afunde completamente na dôr, e pede um refugio á morte...

—Infeliz amigo!... Que golpe!

—Não o desejo ao meu maior inimigo!...

—Porém deixemos o assumpto—disse o frade interrompendo-o, ao vêr os olhos de Neumann humedecerem-se de pranto—sinto que a minha presença te fizesse reabrir uma ferida mal cicatrisada.

—E que jamais cicatrisará! A vergonha e o odio a envenenarão cada vez mais, ainda quando conseguisse offerecer á victima que adorei uma vingança egual ao meu desespero, egual á perfidia do sicario. É a esta idêa de vingança que se deve o encontrares-me vivo, e aqui, sim! Quando soube que o bilhostre não morrera, disse de mim para mim: isto prova que uma punhalada não era o premio devido ao seu peito! Arrasta pois a dôr, e prepara o castigo devido a esse safardana... Quando tiveres cumprido tua missão, morre então se quizeres... Antes porem é cedo!

—Que queres dizer?...

—Que não me faltarão occasiões, de certo, de ser util aos outros. Convicto de que o chalim, salvo por uma auctoridade ecclesiastica se creria aqui ainda mais a salvo do que em parte alguma puz-me, a caminho de Roma.

— Tinhas advinhado?

— Talvez me engane, talvez pense mal. Talvez tu me condemnas... Vamos. Sê franco. O que significa o teu silencio? Responde-me. Em que pensas?...

— Reflicto e consulto-me.

— A proposito de que?

— Se tu te visses no meu logar, se fosses frade como eu sou, e soubesses onde se occulta aquelle homem, não m'o revelarias, mesmo convicto de que eu o ia assassinar?...

— Se eu fosse frade como tu revelar-to-hia. Se tu andasses como eu em perseguição de um scelerado que levou á morte, depois de a haver desflorado, a mais amorosa e digna das mulheres, e se eu fosse como tu, irmão d'essa mulher, sim, eu te revelaria o coio d'esse bandido, juro-te, por minha palavra de honra.

— Assim farei tambem. E que Deus me julgue e faça cair sobre a minha cabeça esse sangue. E se é um peccado, supplico-lhe com fervor que me dê occasiões de salvar almas, para que eu lave a minha.

— Sabes pois onde se encontra esse tunante?

— Encontrei-o, no mez passado, n'um claustro das cercanias de Roma. Devia ter uma entrevista com o Pontifice, que o esperava.

— Elle?... Para que? Para lhe pedir absolvição?

— Não sei. Mas não acredito.

— Porque?

— Porque me parece que não é homem a sentir a necessidade da absolvição, nem Leão de lh'a offerecer.

— Acaso suppões o Papa capaz de...

— Sei que é capaz de tantos crimes, que só pensar n'elles me indigna...

— Emfim perdeste o teu respeito obstinado, a tua veneração absoluta, incondicional?...

— Ah! sim, ainda que não, sem lucta! As cousas de que tenho sido espectador, desde que cheguei a Roma, arremessaram-me ao mais estupendo dos infernos.

— De que infamias então foste testemunha?

— Contar-t'as-hei um dia, se fôr necessario. E não as direi sómente a ti, quando me armar para a lucta! Mas é bastante o que tenho dito! Sem querer estou revelando-te mais do que queria dizer!...

— Desconfias de mim? Não tens acaso certeza de me encontrares na vanguarda entre os combatentes d'esse dia? Pois bem: eu deixei-te fallar sem te interromper, satisfeito de te vêr chegar para o lado dos nossos, ainda que por diversa via...

— Dos vossos? Quem são os vossos?

— Dir-t'o-hei já, mas responde-me primeiro a uma cousa: Não viste Tetzel em mais parte alguma, sem ser no convento?

— Não.

— Suppões que ainda lá estará?

— Não sei: mas não creio.

— Como tencionas averigual-o? Como esperas encontrar o seu rasto?

— Tenho só um meio, e esse bem delicado.

— Qual?

— Interrogar francamente o Papa.

— Com que pretexto?

— Tenho um. Ha dias já que o Papa me deve uma audiencia. Espero estar com elle ámanhã.

— Bem. Todavia...

— Em quanto ao resto, fica por minha conta.

— Oh! de certo. Tenho em ti toda a confiança. Se soubesses como me sinto bem esta noite?...

— Deus queira que te sintas sempre assim...

— Hoje tenho visto luzir esperanças da felicidade a que ainda posso aspirar... Vejo acercar-se a hora da minha vingança, encontro-te a ti, e, o que é mais, encontro-te dos nossos.

— Mas não sei bem, a respeito d'isso...

— És. Estou bem certo. Adivinho teus altos designios. Comprehendo que as tuas aspirações e as nossas são as mesmas, e vejo que por fim achamos-nos todos votados á mesma obra... Oh, meu querido Martinho! como será grande a alegria em casa de teu pae, o velho mineiro d'Eisélden, no dia em que deres signal para a lucta...

— Pobre pae!...

— Como então se alegrará de teres tomado o habito!... Olha: quero apresentar-te ao mestre e aos meus amigos... Quero que conheças o fim da nossa associação...

N'este instante Neumann abaixou a voz, e obrou asisadamente porque n'um grupo de soldados reconhecêra a tôrva figura do grande inquisidor. Elle e o seu companheiro tiveram um gesto de sobresalto rapido. Apressadamente começaram a descer até ao Tibre, a fim de se distancearem d'aquelle sitio, e com segurança poderem reatar a conversação.

Entretanto, o judeu Ephraim que deixamos a cerrar a porta, interrompera a leitura.

— Ai! clamava suspirando, e levando as mãos á cabeça alva, como os cómoros no inverno cheios de neve.—Sempre os mesmos textos sinistros: *«assignaturão as vossas casas, durante a noute.»*

Depois lia o livro de Job, e lastimosamente ululava:—sempre as mesmas ameaças de desterro, e de fugida eterna deante dos Pharaós! Ah! pobre Biblia Santa, deposito das nossas tradições queridas, tu a quem elles desnaturaram e contrafizeram, tu que apresentada pelo nosso *rabi* ao novo Papa, no dia da sua coroação, és sempre acolhida com o mesmo sorriso de despreso, offereces uma notavel concordancia dos textos com os meus terrores...

Suspendeu-se um momento, pois se lhe havia figurado surdo rumor de de passos na rua, perto da porta. Contendo a respiração, prestou ouvido attento: porém o ruido cessára.

—Comprehendo cabalmente a conducta dos italianos, proseguiu, e não abrigo nenhum resentimento contra elles. A sua adhesão á nossa causa é fóra de toda a duvida. E comtudo, comprehendo que vacillem e hesitem em desencadear a guerra civil no seu infortunado paiz, arruinado pela cupidez dos Papas, e pela furia dos reis ao mesmo tempo! No seu caso, procederia como elles! Retardaria a rebellião o mais tempo que me fosse possivel. Porém, o que será de nós, de nós que não podemos obrar isolados, e que, todavia, presentimos a tempestade que nos ameaça as cabeças, e cada vez se acerca mais de nós, mais do que nunca?

Meditando isto, outras vezes monologando, havia-se posto de pé, e percorria com agitação, e ao comprido, o seu estreito aposento. Depois, de novo, parou, com sobresalto.

—D'esta vez não me enganei! disse o judeu. Rondam perto da casa... e os passos são de soldados. Reconheço o ruido que fazem as armaduras...

Nas pontas dos pés aproximou-se da janella, e por um buraco do postigo examinou a rua, visto que mostrar, que mais não fosse a sombra do corpo á janella, teria sido uma imprudencia. Mas, por mais que observou, nada descobriu.

—Que vida a nossa! disse de si para si, retirando-se do postigo. Sempre em perpetuo susto, sempre com o bordão de jornada em punho, como na Paschoa, trespassados sempre pelo terror, sem nos luzir esperança jámais!... Todos os lategos para nós são duplicadamente terriveis! A fome e a peste não nos respeitam mais a nós do que a elles, porém quando o poviléo cançado de soffrer e de lastimar-se, sem que os magnates façam nada por elles, se rebellam por fim, e com as armas na mão se lançam ao assalto dos palacios dos senhores ou dos padres, tanto nobres como sacerdotes unanimemente excitam aquellas ondas do populacho contra nós, ou os nossos haveres! Se vós soffreis—dizem á ralé que manteem na ignorancia e no embrutecimento—os judeus é que teem a culpa! Essa raça reprovada é a causa unica dos vossos males! Ella é que attrahe sobre vós a cólera do Altissimo! E os descamisados acreditam-os, e esvurmam os seus odios contra nós, sobre nós, que como elle carregamos com a mesma carga de males e vexações... E os frades e os nobres deixam-os obrar tanto mais satisfeitos, quanto nos sitios onde a arraya miuda só sabe fazer sangueira, elles sabem organisar a pilhagem e a rapina...

E, sobresaltado, pôz-se á escuta de novo. Mas não lhe restou duvida. Examinando a distancia, a rua da janella, enxergou um grande numero de vultos deslisando cautamente, e as scintillas das pontas das alabardas.

—Os meus presentimentos—disse com amargura—não me enganaram. As sinistras figuras que por estes dias rondavam pelo Ghetto preparavam alguma emboscada... uma nova matança. E esta noite talvez vai dar-se o signal. O que farei? Dar rebate aos meus amigos é convocal-os a uma morte certa e improficua! Advertir os mais é denuncial-os! Infortunados, que dormis sob o vosso tecto humilde, talvez um somno desmanchado pela inquietação, e do qual não despertareis, passae se é possivel do somno á morte, e rogae ao Deus d'Israel que vos poupe o transe de vêr arrancar dos braços quanto mais quereis na terra...

O velho deixára-se caír sobre uma cadeira, e grossas lagrimas manan-

do-lhe pelas faces, escorriam-lhe nos fios das barbas alvas. Largo tempo o curvou o soffrimento, n'aquella attitude, abysmado n'um mar de cogitações, escutando, como em sonhos, os passos cautelosos da soldadesca que estacionava na rua, e as ordens que se transmittiam em voz sumida. Resignado sem esforço a morrer, pois havia esgotado todas as agruras, parecia querer preparar-se para a hora final, recordando a serie de todos os seus males. Entre suspiros profundos coavam-se-lhes dos labios nomes pronunciados com toda a doçura e toda a tristeza d'uma alma profundamente ferida.

—Agar! Rachel!—dizia. Minha mulher!... Minha filha!...

E outro nome que proferia, mais baixo, com essa enternecida ternura dos avôs, vinha acrescentar-se áquelles. N'este momento um fracasso dos arcabuzes contra o pavimento fez-lhe levantar a cabeça abatida. Com os olhos interrogando o espaço, atravez dos vidros, procurava na esquina da rua descobrir o chefe a quem attribuir aquella ordem. O fogo do arcabuz d'um soldado illuminou o rosto d'uma rapariga que n'aquelle instante cruzava a rua. O velho judeu abriu desmesuradamente os olhos, e uma emoção inexprimivel o fez extremecer da cabeça aos pés, como um corisco que assombra e fulmina.

—Oh! exclamou o judeu. Que semelhança! Tudo, os olhos, a bocca, tudo é parecido com Rachel! O mesmo talhe!... Tudo, excepto o trajo! Será possivel que seja ella!

Esquecendo o perigo, precipitou-se fóra de casa, descerrou os ferrolhos, trémulo d'impaciencia, deu volta á chave, e, de um salto só, achou-se em plena rua, na pesquiza d'aquella imagem querida, tanto tempo buscada.

—Rebéca! gritou com todas as forças.

—Prendam esse homem, ordenou uma voz sacudida.

E o inquisidor, acolytado d'uma legião de suissos, foi o que deu esta ordem.

Ephraim, porém, retrocedendo, bradava em altos gritos, fóra de si:

—Rebéca! Rebéca!

Os gestos e os brados do velho chamaram por fim a attenção de Fornarina, pois era ella propria.

Ephraim, vendo-se perseguido, precipitou-se dentro de casa, cerrou a porta, correu os ferrolhos, barricadou-se com a sua meza d'angulos de ferro e a sua pesada tranca de madeira. Procurou uma arma, dispondo-se para a defeza: mas, tinham sido subtrahidas todas, e só encontrou uma velha espada incapaz.

—Deitae abaixo a porta! ordenou a voz de Hochstratten.

Os embates redobraram: a porta foi empuxada violentamente, e cedeu afinal. Aturdido, impossibilitado de defender-se, o misero velho torcia os braços, esterilmente. Pela janella, pela qual enxergava ainda na praça a linda rapariga, á qual a estupefacção empedrára como a propria estatua do Espanto, veem subindo os lacaios do Papa. As detonações retumbam dentro de casa.

Ephraim, que momentos antes se teria deixado arcabusar, e que talvez intimamente teria agradecido aos sicarios, agora que suspeitou que a namorada padeirinha, que conhecemos, é a sua Rebéca dilecta, desejaria viver,

quizera precipitar-se-lhe nos braços. Predisposto a vender cara a vida, lançou-se na direcção da escada de caracol, conseguiu alcançal-a, e, para assegurar a retirada, arremessa sobre os perseguidores um enorme banco, que róla, fazendo um grande estardalhaço, ao passo que sobre a cabeça de um outro deixa cair com vigor uma tranca de ferro. E sentindo a esperança renascer-lhe, correu precipitado á janella, crente no triumpho.

Os soldados, ao invadirem a casa, para chacinarem o velho, desampararam a rua, e alguns momentos apenas só se distinguiu o vulto immovel de Rebéca, aguardando o desenlace d'aquelle drama estupendo, que a interessava extremamente, sem bem atinar porquê.

Se Ephraim tivesse tempo de galgar a distancia que separava a janella da rua, em dous saltos podia achar-se ao pé d'ella. Mas saltou por fim. Fornarina expelliu um grito. O velho tentou depois levantar-se do sólo onde caíra. Fez esforços inauditos, mas estereis, porque na quéda fracturára uma perna. Com a vista turva pelas lagrimas do desespero e do furor, apercebeu ao seu lado o inquisidor e os soldados, que se dispunham a manietal-o de pés e mãos. A cafila de assassinos que o rodeou, impediu-o de vêr se Rebéca—pois elle não tinha duvida alguma de que era ella, em pessoa—continuava ainda immovel na praça. Que fatalidade! pensou o velho. No momento em que ia reunir-me a ella, para não separar-me mais, é que me prendem!... E quem? este scelerado, este lacaio dos Médicis, com a sotaina ennegrecida pelo fumo das fogueiras, este inquisidor de sinistra catadura, que tanto se presta a servir o odio clerical, como os amores do seu amo, que encarcéra os paisanos para rapinal-os, e com esse ouro, ainda banhado de sangue, sustenta as suas mancebas e prostitue as donzellas.

Fóra de si pelo furor, o velho vomitou ás faces de Hochstratten todos estes doestos, e outros ainda mais sangrentos. A sua voz nervosa dominava o fracasso que se sentia em todo o bairro do Ghetto, como póde ser o estrepito tremendo do despertar d'um bairro entre o incendio e o saqueio.

—Olha, proseguiu a voz do velho, o homem a quem serves bem deve saber o que aqui se pratica! Anda acertadamente atirando-me ao fundo de uma enxovia, pois bem deve estar convicto que a velhice não extinguiu em mim o odio, e que iria pedir-lhe contas do seu crime duplo. Dize-lhe, porém, que não chegou a occasião ainda de descansar. A vingança por tanto tempo addiada, e que não me é dado provar, outros se encarregarão de serem os executores d'ella. Dize-lhe lá, Hochstratten.

O grande inquisidor escutava-o impassivel. Fez um certo signal aos soldados, e estes levaram de rôjo o velho, que com a vista turva contemplava a deliciosa rapariguita que chamava Rebéca, e que nós conhecemos por Fornarina, e a quem enviava beijos sobre beijos, n'um fogo que enternecia, como que despedindo-se para sempre.

O inquisidor esquadrinhou a rua, e apercebendo Fornarina, não póde retrahir o seu espanto.

—Ella!...

Chamou um official, e ordenou-lhe que escoltasse aquella moça, a quem elle queria mais que a tudo, para a sua pequena casa no Tibre. Mas aquelles uivos de desespero, aquelle sarrabulho, aquelle alarido, os turbilhões da fumarada, as linguas rubras das chammas, as vociferações dos soldados be-

bados, a grita dos frades que os commandavam e que os excitavaam á degolla, ao incendio, á pilhagem, com o crucifixo alçado na dextra, tudo isto a ensandeceu e aturdiu.

A voz d'aquelle pobre velho de cabellos brancos, levado de rójo, sobretudo varejou-lhe o coração... Ainda entrando em casa, não póde evadir-se áquella visão, que a perseguia como uma obcessão que se não vence, e parecia-lhe ouvir aquellas palavras—*Rebéca! Rebéca!*...—afflictivas, e proferidas n'uma exaustão de forças que as tornava mais pungentes ainda, atravez das linguas de fogo do incendio, e já na outra margem do rio, entre o troar dos arcabuzes. E essa voz como que a envolve carieiosamente... Quando e aonde é que a bella Fornarina ouviu já aquelle nome?

No momento em que os soldados que conduziam o velho judeu se punham em marcha, a chacina attingia o seu cumulo de algido furor, e o incendio avançava terrivel, derrocando com os seus braços de flammas as velhas casinholas de madeira, seccas pelos annos e pelo sol. De vez em quando aluía, com tremendo fracasso, um telhado, cujas ruinas abafavam por um momento as chammas: e aos ensanguentados clarões viam-se fugir, meias núas, pavidas, algumas miserrimas victimas fugindo á lamina ensanguentada dos sicarios.

A cada passo, os soldados que escoltavam Ephraim, paravam, para contemplar algum atroz supplicio, que os interessava sempre cada vez mais, e nos quaes reclamavam sempre a sua parte de verdugos. Impossibilitado de fugir, menos pelas cadeias que o roxeavam que pelas dôres atrozes da perna que partira, via-se coagido a assistir impassivel aos tormentos inflingidos aos seus irmãos. Pavorosa noute aquella, e pavorosas as atrocidades commettidas em nome d'um Deus de Caridade... Magnanimo!...

Pelas praças e pelas viellas, ateadas com os moveis das victimas, as fogueiras sinistramente roxeavam um céo crystallino, salpicado d'estrellas, em quanto o ar se empestava com o nauseabundo cheiro de carne humana queimada. O sangue embebedava os verdugos.

—Súis, aos judeus!... Morte aos mafarricos!... A mãe para ti! Para mim o filho!... eram as chulas phrases de caserneiros, que entre pinchos e uivos de bestas féras soavam por toda a parte.

Entretanto, os frades empilhavam em cima das carroças saccos de couro abarrotados de dinheiro, d'onde jorrava ás vezes um rio d'escudos de ouro, em quanto os inquisidores designavam á furia do poviléo dos quarteis aquelles que se recusavam a indicar o coio onde occultavam os seus haveres.

Ephraim, forçado a assistir áquelle espectaculo barbaro, reconheceu o seu amigo d'infancia Abrahão Moser, o famoso ourives da ponte das *Quatro Cabeças* arrastado pela rua, com o cabello e barba meio chamuscados das chammas.

—O teu dinheiro! O teu dinheiro! vociferava a soldadesca.

—Já dei tudo que possuia.

—Mentes, cara de renegado! Onde tens o dinheiro?

—Certifico-os de que . . . gemia o desgraçado.

—E o teu annel de diamantes, disse uma rameira, digna companheira de taes tunantes.

—Ah! tinha um annel?. . .—interrogou alguem.

—Não só um, mas dous—affirmou outro.

—Então o que fizeste d'elles?. . .—inquiriu, colerico, um soldado.

—Ora! O judeu é capaz de os ter engulido . . .—observou um terceiro.

—É capaz d'isso!—regougaram em côro varios da chusma.

Um soldado d'infanteria allemã, um *lanquenete*, desembainhando a adaga perfurou com ella o ventre do misero, cujos intestinos golfaram pela larga fenda aberta pelo ferro do allemão, entre borbotões de sangue.

E então, n'uma selvatica impiedade de cannibaes, todos aquelles verdugos se arremessaram sobre o corpo d'elle ainda palpitante.

Ante o espectaculo d'aquella chacina sangrenta, a piedade e a angustia estrangulavam o pobre Ephraim, que entre soluços lastimava o negro destino que o impedia de soccorrer os seus. Em vão o amargurado hebreu tentou com os dentes apoderar-se d'um punhal que lhe pendia da cinta. Impotente, manietado, teve que deixar arrastar-se pela desenfreada soldadesca, endereçando sómente com o olhar um enternecido adeus ao amigo extincto.

De novo então, as azas do pensamento se abriram largas e saudosas em direcção da sua querida Rebéca que talvez,—receava elle—não tendo tempo de se evadir, tivesse sido chacinada..., ou talvez peor ainda, por aquelles birbantes pontificaes. Deus,—dizia de si para si,—não foi magnanimo commigo, pois devia ter-me permittido morrer antes de assistir a esta hecatombe pasmosa . . .

A cada passo que dava atravez do Ghetto, Ephraim e os soldados que o escoltavam viam-se coagidos a saltar por sobre os cadaveres, e em cada rua, em cada viella, em cada esquina, reproduziam-se scenas idoneas de degollação. Ora deparava com creanças estripadas pelas lanças dos carniceiros á vista das proprias mães: ora os caserneiros do papado, abrazados na cupidez da pilhagem arrancavam das mãos ainda crispadas das victimas as alfaias e as joias: ora se topava com um grupo disputando em torno d'uma mulher núa, que forcejava por evadir-se á furia da sua luxuria animal. A penna recusa descrever milhares de abominações identicas, as quaes, os que tiverem uma ligeira noção da historia da Egreja, não carecem de ver descriptas, uma vez mais.

O troar dos arcabuzes ia-se tornando, no emtanto, menos frequente, e as descargas menos furiosas. É que o numero das victimas rareava, e por fim extinguiu-se. O fogo estendera a sua acção destruidora com uma celeridade furiosa, e bem depressa o populoso bairro judaico não foi mais que um fumegante montão de ruinas, pelas quaes corria litteralmente sangue...

De subito Ephraim escuta um grito: volta-se, e distingue dous vultos que parecem dirigir-se em seu soccorro. Mas Ephraim, com a cabeça, fez-lhes imperativamente um signal negativo, e passou adeante d'elles com uma calma d'estoico.

Aquelles dous vultos eram Neumann, e o monge seu conhecido. E ao reflexo roxeado do incendio, o pallido rosto do frade dir-se-hia que se havia transfigurado. Assemelhava-se a um segundo Christo pranteando tambem sangue sobre as turpitudes d'aquelles que se diziam seus apostolos na terra.

—Meu Deus!—ciciaram quasi sumidamente seus labios—devo impassivel consentir taes atrocidades?!...

Aquella matança que Raphael immortalisou, extraíndo d'ella assumpto para o seu quadro o *Incendio da Cidade*, prolongou-se até á aurora. Mas a receita foi bem escassa, como havia previsto o inquisidor, e elles poderam dizer que levaram ao Vaticano menos libras do que almas de judeus enviaram ao inferno.

CAPITULO V

Em quanto uns riem, choram outros

Nas éras em que a vida dos grandes era uma festa ininterrompida, em que desde os Pontifices, como Leão X, e os Reis, como Henrique VII, de Inglaterra, e Francisco I, de França, até aos embaixadores, os superiores dos conventos e os banqueiros todos pareciam apostados em qual mais desbarataria o dinheiro publico com mais fausto, convidar para um banquete era de facto um problema difficil. O cardeal Bibiena conseguiu, todavia, resolvel-o, e o banquete de nupcias de Raphael e a sua pupilla, foi rememorado por muito tempo pelos convidados como um exemplo de dissipação sábia, e original cortezia.

A meza, de fórma circular, fôra collocada n'uma sala redonda do palacio, de cima a baixo forrada de colgaduras de Flandres. O espaço vasio que o annel formado pela meza deixava ao centro era occupado por um estrado do mesmo nivel da meza, em que durante o festim se assentava uma orchestra de excellentes musicos d'Italia, sem a qual então não havia festividade perfeita na Europa. Isto prova, e entre parenthesis se diga, que, como o affirmou Salomão, nada existe de novo sob o sol, e que aos festins e jantares com musica nos grandes hoteis não lhes falta precedentes. As orchestras d'então, comtudo, tinham sobre as actuaes uma ponderosissima vantagem. Sendo desconhecidos ainda n'aquella epocha os instrumentos de cobre, a musica menos estrepitosa, não fazia mais que acompanhar a conversação em vez de a affogar—arrulhar suavemente aos ouvidos dos convivas, em vez de os ensurdecer.

Sobre as tapeçarias da sala do cardeal Bibiena não se descobria n'aquella noute téla alguma, exceptuando o retrato do cardeal Bibiena, devido

ao pincel de Raphael, e que por uma lisonja cortez fôra collocado em frente do proprio auctor, como que para lhe servir de deleite, recreando-se na semelhança com o original. Das columnas que sustinham o tecto sumptuoso, pintado a fresco pelo Tintoreto, o melhor discipulo de Raphael, depois de Julio Romano, pendiam, suspensos, os escudos de Florença, patria dos Médicis, com os trez globos que eram as armas da sua familia, mais o escudo de Roma e o de Urbino, patria do pintor excelso que os escriptores da Egreja apellidaram o *divino*. Como todos os artistas d'aquelle seculo, elle era antes de tudo pagão, quer dizer adorador do *Bello* exclusivamente. Não seremos nós quem o censuremos por tal. É por isso que o seu pincel acariciava com tanto esmero e pericia esses resplandecentes corpos de mulheres, aquelles seios—virgineas flores de néve,—a cuja vista os devotos tapam o rosto, ainda que, em segredo, collijam com o maior fervor as mais eroticas d'essas pinturas.

A conversação á meza do cardeal era animada e festiva. Machiavello que fôra dos ultimos que entrára, misturava n'ella, de quando em quando a nota especial do seu estylo mordaz. Fallou-se, como era natural, de tudo quanto boiava á flor da voga n'aquelle tempo: de Alberto Dürer e de Carlos V, das bruxas e dos judeus. Mas, como a esta palavra, a face do Papa mostrasse má catadura, o cardeal Bibiena que certamente conhecia a origem, fez recaír a conversação sobre a Arte e o Amor. Era isto uma allusão graciosa a Raphael e á sua promettida, que collocados um, ao lado do outro, como bem o receára a pobre padeirinha, tomaram uma renhida parte n'aquelle colloquio agradavel. Quem melhor do que elle podia fallar da Arte? Quem melhor do que ella podia discorrer sobre o Affecto?...

Maria fôra educada por seu tutor como os poderosos d'aquella epocha educavam os filhos.

Despresando o prejuizo, sustentado ainda em nosso tempo, por faceis rasões de comprehender, e essencialmente pelo clérro inimigo sempre da sciencia, Bibiena reunira em torno de Maria os mestres mais illustres do seu tempo. O proprio cardeal tomára n'ella uma parte activa, com sollicitude quasi paternal. De sorte que aquella gracil creança de olhos azues, e pendendo para uma languidez suave, encerrava na sua fulva cabecinha dourada mais conhecimentos e idéas do que muitos Papas no seu encephalo sem phosphoro.

Leão X, até então distrahido como pela perseguição d'um espectro que só elle visse, rindo um riso forçado, como se quizesse atordoar na orgia vozes intimas de remorso, pareceu sair do seu sonhar acordado e penoso, quando Maria começou a fallar. O Papa estava sentado á direita da joven, e Raphael á esquerda, de modo que Leão X escutava muito de perto a sua voz deliciosa, que era como um chuveiro musical de notas d'uma bandada de rouxinoes voando. Quando, por casualidade na conversação, o Papa e ella iam a proferir a mesma palavra ao mesmo tempo, ella graciosamente callava-se para ceder ao Pontifice a honra de pronuncial-a, e o seu delicioso e amavel movimento de cabeça, o sorriso, deleitavam e turbavam ao mesmo tempo João de Medicis. Acostumado, desde a mocidade aos gozos faceis dos amores venaes, não tendo nunca aventuras senão com cortezãs doceis e experientes no officio, ou com monjas complacentes que

conhecendo-o entendiam nada lhe dever recusar, o Papa não conhecêra outras donzellas, verdadeiramente taes, senão as que lhe procuravam os seus agentes, e que se lhe entregavam sempre meias pavidas de vergonha e medo.

Maria Bibiena, pois, apparecia-lhe inteiramente distincta, com a sua deliciosa simplicidade no olhar e no porte, com a sua candura isempta d'estudo, com a sua victoriosa alegria, e mais do que tudo isto, com essa seducção mais irresistivel que todas as seducções: — *a que a si mesmo se desconhece.*

Por vezes, quando fallava, e que as suas palavras penetravam o mais intimo da alma do Pontifice (que avidamente escutava tudo que ella proferia), com o accionado pittoresco do gesto, roçava ao de leve a mãosinha nas vestes do Pontifice. Outras, ao voltar-se para Raphael com um movimento mimoso, sacudia para traz os anneis dos elasticos cabellos. E estes tocando de manso a face de Leão X envolviam-no rapidamente, como n'uma onda de aromas, mas aromas subtis e ignorados.

N'uma palavra, aquella simples proximidade da púdica menina produzia no seu augusto visinho sensações mais irresistiveis, que o que poderiam fazer os habeis manejos d'uma *coquette* da mais bella agua.

O espectro da infeliz douda, seus ultrajes e ameaças estavam então bem distantes do espirito do Papa. Aquelle homem, que se suppunha a si proprio embotado a respeito de mulheres, sentia n'aquella hora todos os jubilos e todos os tormentos d'um affecto entranhado.

Raphael, entontecendo-se com a sua felicidade, não observára a turbação singular do Papa. Mas da sua intensidade elle mesmo não tinha consciencia, e muito menos os mais convidados. Só Machiavello, conversando jovialmente com Bibiena seu amigo e confrade, sondara com o seu olho perspicaz a causa da convulsionada physionomia do Pontifice. A turbação effectivamente era caracteristica. Por muito habituado que elle estivesse a dissimular na face todos os varios movimentos do pensamento, era notorio para um observador tão subtil como Machiavello que á má catadura, que ha pouco lhe carregára o rosto e contrahira o sobr'olho, havia succedido uma inquietação d'outro genero bem distincto, e cujo extranho e amargo deleite se adivinhava nas contracções espasmodicas da bocca. Maria calou-se, e Raphael começou a fallar. Disse deplorar a prevenção e a antipathia fomentada, não sabia por quem, entre Miguel Angelo e elle. O pintor, dedicado d'alma e coração aos seus trabalhos, leal e franco, como são os verdadeiros artistas, preferia acreditar n'uma antipathia instinctiva de Miguel Angelo contra elle do que em um plano preconcebido pelos seus sagazes senhores. Parecia-lhe muito natural que um homem já na maturação da vida, a quem, nem o seu saber encyclopedico, nem os seus trabalhos colossaes poderam nunca arrancar do isolamento, podesse vêr, sem um instinctivo movimento, não de inveja, mas de desprazer, o triumpho de um rival muito mais novo, cujas obras admiraveis sem duvida, mas inferiores como pensamento e como effeito, a côrte disputava e pagava com sommas fabulosas.

Accrescente-se a isto, que Miguel Angelo só experimentára na sua vida aquelle amor sombrio e desgraçado por Victoria Colonna, a quem não beijára senão depois de morta, e convir-se-ha, de facto, que havia rasões pode-

rosas para que, por vontade propria, o velho esculptor de Florença se desviasse d'um homem tão insolitamente afortunado como Raphael.

O que Raphael e Miguel Angelo ignoravam e não podiam suspeitar era que aquelle affastamento e desaffecto era obra de Leão X, que imitando o exemplo do seu predecessor Julio II, e seguindo na sua esteira, pozéra em acção o celebre axioma: — *dividir para reinar.*

Os Papas que de facto careciam d'aquelles artistas superiores para obras destinadas, como disséra ao grande inquisidor, a deslumbrar os fieis e illudil-os ácerca do emprego das esmolas que se lhes pediam, ao despertar as emulações d'elles, de quem haviam aprendido a conhecer a independencia do espirito, atiçavam perfidamente os seus ciumes e as suas mutuas rivalidades, para os dominar mais a salvo.

— Confessae todavia, disse Machiavello, que como sempre se punha ostensivamente da banda do Papa, que é um homem bem singular este Miguel Angelo! Era ainda rapazelho quando deu logar a que um companheiro, Pedro Torregiani, lhe desfigurasse para sempre o nariz com um murro!... Mais tarde, um collega Baccio Bandivelli vê-se forçado a rasgar-lhe os cartões dos estudos da batalha de Pisa. Adulto já, tem desavenças com os duques florentinos, mais tarde questões furiosas com Julio II. Actualmente, como architecto não tem senão dous rivaes: San Gallo e Bramante, e professa-lhes um odio cordeal. Digam-me, peço-lhes, de que procede este insupportavel caracter?

— Talvez provenha, respondeu Raphael gravemente, de ser um genio colossal.

Esta resposta parecia ser um tiro cujo alvo visava a diplomacia pontifical: porém Machiavello aparou-o.

— O elogio é famoso devéras! Feito por um de nós seria banal. Mas na bocca de quem pintou esta téla é devéras sem preço!... Dizendo isto apontava para o retrato do cardeal Bibiena.

— A proposito, disse Leão X, buscando uma distracção, quando fareis o meu retrato, Raphael?

— Concedei-me algum tempo mais, — replicou o pintor — acabo de terminar a soltura de S. Pedro, que compuz para festejar a miraculosa maneira com que illudiste os vossos carcereiros em Ravenna.

Machiavello sorriu-se.

— Precisamente — proseguiu Raphael — o quadro foi terminado hoje. Ha pouco lhe dei a ultima demão, e se quereis vêl-o, convido-vos a que venhaes amanhã ao meu atelier ...

— Acceito — disse o Papa.

— Vereis um quadro começado, cujo assumpto vos provará que em quanto não estiver concluido, não poderei começar outro.

E dizendo isto fitava sorridente a bella noiva, que se sorria tambem, ouvindo-o.

— Comprehendo-vos — disse Leão X, suspirando.

E esta simples phrase o afundou de novo nas suas cogitações de ha pouco. Uma obsessão nova, mas mais suave, porém não menos tenaz, havia substituido a outra. Era inutil cerrar os olhos: continuava a ver essa imagem luminosa e calma na sua frente, da mesma fórma que ha minutos antes se erguia deante d'elle, ameaçador o espectro de uma mulher sacu-

dindo cadeias, e mais ao fundo, mas mais esbatida, a face de um velho de typo hebraico.

De subito, estrugiu na rua uma algazarra tremenda, e o troar de detonações que fizeram bater as vidraças.

Os convidados sobresaltaram-se. Maria empallideceu, emquanto que Machiavello observava o Pontifice.

Tem piedade d'elle!... Considera que viu a luz na mesma hora em que morria o teu... Dae-lhe o seio em que o outro se amamentava...

CAP. VI.

— Serenae-vos — disse á pupilla de Bibiena o cardeal Petrucci, homem atarracado, face ridente, e mais escarlate que a sua tunica — não é nada! É um capitão da guarda suissa que celebra perto d'aqui o seu casamento, e cujos soldados festejam as bodas, atirando para o ar os seus arcabuzes!...

Leão X com um movimento de cabeça agradeceu a Petrucci a sua engenhosa explicação.

A salsada parecia ter tido fim.

— Mais tarde — tornou Raphael, reatando o fio da conversação interrompida — comprometto-me a retratar o Papa, e com elle dous dos cardeaes que elle prefira, por exemplo, seu primo...

E designava um prelado, sentado á direita do Pontifice, que se parecia maravilhosamente com elle.

— E a seu sobrinho — accrescentou.

Machiavello tornou a sorrir-se a esta indicação, e examinou um mocito, investido já da purpura, e que estava como sempre grave e triste, em pé, ao lado do Papa.

Quando Leão X ia a acceitar a offerta, agradecendo a Raphael, escutaram-se novamente, da banda da rua, estrepitosos gritos. Maria assustada, quasi se refugiára nos braços do pintor.

— São muito ruidosos estes suissos, disse o Papa, fazendo uma ligeira careta de desprazer.

O cardeal Bibiena pensava de certo o mesmo, e a orchestra atacando com pujança a execução de uma grande marcha triumphal distrahiu a attenção dos convivas.

Só a pupilla do cardeal e Machiavello, um tanto inquieto, a julgar por uma leve nuvem de tristeza que lhe nublava a fronte, pareciam escutar ainda, como desejando certificar-se da origem do sarrabulho. Leão X, perdido na sua abstracção cada vez mais funda, refrescava deliciosamente o pensamento, com o mesmo deleite que experimentamos, deitando-nos uma noute estiva sob espessa ramada, ouvindo o murmurio d'uma agua limpida, ou de um corrente veio.

O infatigavel bebedor, deixando intacto o copo cheio de vinho da Sicilia, abandonava-se á contemplação interior d'aquella suave figura que lhe dilatava a alma, comprazia-se em todos os accessorios d'aquella encantadora cabeça, d'aquellas faces de velludo, agora um tanto pallidas: contemplava aquella dourada cabelladura que devia fazer um suave attrito na nuca, e a ondulação do palpitante seio, sob o corpo do vestido bordado a ouro. Esquecendo então todos os povos, e todo o seu imperio, quasi se inclinava com os labios cheios de ferventes caricias, as mãos tremulas, para recolher um beijo de paixão, como se estivesse n'uma orgia em casa de Flora, — a sua cortezã predilecta. Mas de repente, vendo Raphael, a sua rasão acordava: pedia vinho, para fallar e para disfarçar o indiscreto movimento: esvasiava o copo d'um trago, e tornava a ficar immovel, as fontes latejantes, os labios seccos.

Entretanto, os pagens, ainda que bastante ágeis, não bastavam a encher as innumeraveis taças em que despejavam todos os vinhos da terra, desde os do Rheno até os da Hespanha, desde os de côr de rosa, até os de côr de purpura.

— Olhae — disse Bibiena — Christo nas bodas de Caná converteu a agua em vinho.

Todos os commensaes se riram.

— Mas agora — proseguiu levantando a taça de vinho d'Anjou, alourado como o milho na sua estação, — fazemos mais ainda... Convertemos o vinho em ouro!...

— Sim, meus amigos, clamava Petrucci, terminando uma historia, — o

marido encontrou-a n'aquella posição. Posso sabel-o melhor do que qualquer outro, porque eu é que era o amante... e não tive mais tempo do que agachar-me no fogão. Pois bem: sabeis o que ella disse ao marido para explicar-lhe aquelle trajo... e o mais? Disse-lhe que estava possessa do demonio!...

Estridulas gargalhadas estalaram, e pareceram não ter fim.

Leão X, para distrahir os seus pensamentos, pediu que tornassem a contar a historia. Petrucci vacillou, por causa da presença de Maria. A joven, allegando um ligeiro incommodo, mas de facto alvoroçada no fundo pelo estardalhaço e alarido que de continuo se ouvia na rua, saíu da sala onde se dava a ceia, para os seus aposentos. Raphael, acompanhou-a até á ante-sala, e quando voltou de novo pediu licença para se retirar tambem, para não faltar ao costume de levantar-se com o raiar da alva.

Petrucci, á sua vontade, poude então recomeçar o conto. Leão X, que não vendo Maria cria-se livre da sua obsessão, ria mais alto do que ninguem, como se tentasse aturdir-se. E, por sua vez, como a historia do fogão de Petrucci lhe trouxesse á memoria outra, elle narrou como Francisco I, em casa de Madame de Chateaubriand se vingára de Bonnivet, a quem vira esconder-se tambem precisamente no fogão adornado de folhagem, como era de uso no estio, e aproximando-se do sitio em que o outro se occultára o regou, nem mais nem menos, como o faria n'uma esquina ou ao pé de qualquer marco de pedra. A hilaridade que entre os ouvintes excitou aquella anedocta foi tal que os vidros das janellas tremiam com o ruido das risadas. E Machiavello elevou a hilaridade ao cumulo, narrando contos de bruxedos, evocações á maneira das que se referem Horacio e Theocrito: serpentes que dizem a *buena-dicha:* espectros entrevistos no fumo: de como se derramam as caldeiras: o que se passa no Sabbat...

Leão X e os cardeaes desentranhavam em casquinadas de riso, e ao folião Petrucci rebentavam-lhe litteralmente as lagrimas.

De repente, todos os convivas lançaram um grito d'estupefacção, e recuaram as cadeiras: outros pozeram-se de pé. A orchestra desapparecêra rapidamente por um alçapão, como nos theatros, e fôra substituida por um elegante conjuncto de flores e de verdura, d'entre as quaes surgiam os actores encarregados de interpretar a comedia do amphytrião. Esta novidade, passado o primeiro pásmo, foi acolhida com applausos cheios de fogo. Uma actriz, em curtas roupas, curtas até acima do imaginavel, e cuja vista só deliciava, declamou um prologo em verso, especie de saudação aos convivas em geral, e em particular ao Papa, que terminou com uma reverencia profunda e um beijo ao Pontifice. O Pontifice, que tentava descobrir a physionomia da actriz sob a peruca loura, reconheceu-a no gesto do beijo, e sorriu ligeiramente. Era Flora, a primeira cortezã da cidade, d'aquella cidade que só tolerava em seu seio cortezãs de primeira grandeza.

A comedia começou em *pianissimo,* pelos accordes da orchestra invisi-

vel. A peça do cardeal era escripta em prosa, e no prologo, pormenor curioso, sustentava-se que a prosa era a lingua universal, e portanto que fallar ou escrever em verso constituia um absurdo. O titulo d'ella era *Calandria*, personagem bufo da comedia. Os actores que com Flora cooperavam para o desempenho d'ella eram rapazes todos filhos de familias illustres, ensaiados na arte scenica pelo proprio cardeal em pessoa.

Por muito respeito que deva prestar-se á historia n'uma novella (os nossos leitores far-nos-hão a justiça de confessar que temos sido escrupulosos) não poderemos deter-nos, comtudo, na analyse d'ella. Á parte o seu trivial interesse, a empresa seria cheia de espinhos, visto que as situações eram tão excessivamente luxuriosas, que poderia dizer-se que os jornaes pornographicos dizem menos em um numero do que tudo quanto, em cada scena se representava na comedia.

O argumento, ou o enredo d'ella, baseava-se na extraordinaria parecença, não de dous homens, como no *Ménechines*, de Plauto, da qual a comedia era uma imitação: mas na de um homem e uma mulher. Facilmente se póde deprehender o partido que o auctor devêra tirar d'aquella circumstancia fecunda em equivocos chocarreiros. Em resumo: apesar de muito livre que era a obra, ou antes, mesmo porque era livre em grau superlativo, alcançou deante d'aquelle auditorio de prelados o enorme successo de estridulas risadas que mais tarde obteve na côrte de Henrique II.

Leão X, por seu lado, divertiu-se tanto, como Catharina de Médicis, sua digna parenta, em Paris. Flora, cujos desenvoltos meneios provavam a sua pratica em scenas d'áquelle genero, foi applaudida especialmente: e no final da representação veio oscular a mão do Pontifice. Todos os commensaes viram então, não sem se sentirem intimamente esporeados por uma secreta inveja, como o Papa se inclinava ao ouvido d'ella, e lhe dizia uma palavra. Essa palavra era a mesma decerto que no mez passado proferira ao ouvido da abbadessa, pois a resposta de Flora, a cortezã, foi tambem a mesma da linda abbadessa.

Quando á meia noute Leão X, affectando achar-se flagellado pela tosse, subiu para a liteira, não se encontrou abandonado dentro d'ella: mas a ridente Flora lá se achava reclinada, ao fundo, na penumbra: — e o folião Petrucci, que a lobrigou, deante de Machiavello, sempre impassivel, disse ao sobrinho de Sua Santidade:

— Estas ceias, e estas noutes apressam as occasiões de herdar...

Mas o sobrinho de Sua Santidade affectou não o comprehender...

Quando na grande sala do cardeal Bibiena se extinguia o écco das ultimas risadas, e toda a farnulagem se cevava nos restos do lauto banquete, a

escolta d'Ephraim chegava na mesma occasião que a liteira do Papa a uma porta secreta do Vaticano. O misero velho mal podia suster-se nas pernas trémulas. A tibia partida fazia-lhe um peso como se fosse um cadaver que se visse forçado a arrastar. O sangue golfava-lhe com abundancia das feridas que no primeiro golpe não lhe doeram. A larga caminhada que fizera do Ghetto ao Vaticano fôra para elle uma verdadeira ascenção ao Calvario. Se alguma vez durante essa custosa subida parava um pouco, a ponta das alabardas espicaçava-lhe as carnes. Detinha-se então, esperando o golpe capital; porém de certo os sicarios haviam apenas recebido ordem de o torturar, mas não de acabar com elle por em quanto. Atravez da sangueira que o cegava, o velho reconheceu o Vaticano clareado então pela luz opalina da lua. Teria de penetrar ali para morrer?... Elle bem o desejára, e até em voz baixa o supplicava ao deus de seus paes. E, no emtanto, morrer seria renunciar a vêl-a, a ella que elle julgára ter encontrado de novo...

O velho e a sua escolta atravessam um páteo, apoz outro. Percorreram estreitos corredores abertos entre elevados muros, passaram portas talhadas nos subterraneos, e desceram por fim por uma estreita escada, no meio d'uma espessa tréva. Os guias accenderam archotes, e continuaram descendo por degraus cada vez mais estreitos e escorregadios.

O misero avançava com passo trémulo. Uma humidade salitrosa ressudava da parede, e pelo solo deslisava uma agua pútrida na qual sanguineos reflexos da tocha alumiavam uma fuga precipitada de reptis. Finalmente chegaram a um antro, ou cova, que tinha a fórma d'uma lanterna: não o deixaram, porém, ainda ali. Soergueram um alçapão, e proseguiram ainda na descida, que d'esta vez se effectuou dentro d'um poço, em torno do qual serpenteava uma escada de ferro. A vista offuscada do velho apercebeu aqui e ali solidas argolas e traços d'algemas: mais longe um esqueleto: e do outro lado um outro, mais pequenino, como o de uma creança.

N'uma outra galeria, aberta a um dos lados do poço, enxergou, pavido de horror, montões de craneos, como nas catacumbas. Por ultimo, chegou á entrada de outro corredor muito mais alto, e então empurraram-no violentamente para dentro, em quanto que sob seus pés sentia que abriam uma pezada grade. Devia ter chegado de certo ao carcere que lhe destinaram, pois desprenderam-lhe as mãos roxeadas das cadeias, e depois de lhe passarem uma corda sob os sovacos, baixaram-no a um tenebroso pégo, onde nada sentiu senão um arrepio glacial, mais intenso á proporção que mais descia e se approximava da sua fundura. Finalmente, tocou com os pés no sólo. Sobre a cabeça escutou apenas o ruido lugubre que fez a grade ao cerrar-se, semelhante á lousa d'um jazigo, e depois o écco dos passos quando se distanceiam...

Ali se encontrou abandonado o miseravel, que suppôz que o iriam deixar morrer de inanição. Mas tormentos de maior ferocidade o esperam. Tacteando, no escuro, deparou com um cantaro d'agua e um pão: é que o judeu devia viver, viver sem que forças humanas podessem levantar a pesada massa de terra que sobre elle pezava, com um pezo e um frio mais que polar, em quanto que a falta do ar parecia dever estrangulal-o.

Sacudido de desespero, pôz-se de pé, e ameaçou com os punhos o céo, ou antes a grade que para elle representava o céo. Descerrou os labios, e

soltou um grito supremo de furor, de agonia e de blasphemia. Mas a voz expirou-lhe na larynge, e n'uma exhaustão de forças caíu exanime na cova.

Todas as tyrannias se parecem. A tyrannia dos nobres na Roma antiga inventou o *Tullianum*, prisão construida sob o Capitolio, e onde o lictor sepultava, para os deixar perecer á mingoa, os heroes culpados de terem querido defender a patria contra o invasor.

N'essa prisão morreram, entre outros, Jugurtha, defensor da Numidia, que o despotico Sylla fez entregar por seu padrasto, pagando-a a pezo de ouro, e Vercingétorix mais tarde, em quem se encarnou a resistencia da Gallia contra Julio Cesar.

Á imitação d'estes patricios, os Papas na nova Roma fizeram construir carceres subterraneos, onde deviam agonisar lentamente as suas victimas, sem que os seus brados de vingança podessem nunca ser ouvidos por qualquer vivente. O carcere em que Ephraim foi mettido não tinha custado nem tempo nem dinheiro aos Papas para o construirem. Roma, como é sabido, foi destruída varias vezes pelas chammas dos incendios, pelos azares da guerra, e especialmente pela invasão dos Barbaros. Ao reedificarem-a, a nova cidade foi levantada sobre as ruinas da antiga: de sorte que debaixo de muitos palacios da cidade nova, ao abrir-se um poço, encontravam-se ruinas de habitações soterradas, em bom estado de conservação relativa.

A collina sobre a qual se eleva actualmente o Vaticano estava fóra da circumvallação da Roma antiga, e os alicerces d'este edificio foram lançados sobre as abobadas d'um arrabalde, ou *villa* construida por Nero, extramuros, e que é a mesma d'onde, segundo narram, presenciou, coroado de flores, o incendio de Roma.

N'uma sala de banhos d'aquella *villa* é onde foi encerrado Ephraim pelos famulos do Pontifice.

Aquella sala, hoje sem saida, pois os alicerces do palacio papal obstruiram as portas, recebia d'antes a luz pela parte superior, e portanto bastou apenas aos tyrannos actuaes substituir com uma grade de ferro a antiga claraboia de crystal. Foi assim que converteram aquelle recinto (bastante estreito, porém muito rico, e que ainda conserva as suas paredes de marmore porque a extracção d'elle se tornaria d'um grande dispendio) na prisão mais terrivel que jamais concebeu a imaginação monastica.

O desmaio do preso, assemelha-se bem á morte. Se o tivessem observado á luz d'uma lampada ter-lhe-hiam visto o rosto livido, e d'um branco como

o dos proprios cabellos. Felizmente o frio intenso da enxovia, que parecia congelar-lhe o cerebro, havia-lhe feito estancar o sangue da ferida.

Dissipado, pouco a pouco, o primeiro terror, havia-se apossado d'elle um somno pesado, convulsionado por visões tragicas, e interrompido pelos estremecimentos que lhe causavam a dôr da perna que partira. O malaventurado estava sob o pezo d'um pezadello, e todo sacudido de soluços, manavam-lhe dos olhos lagrimas em fio. Uma a uma, reviviam na sua memoria fresca as espantosas scenas d'aquella noute de sangue: via os seus companheiros, os amigos, uns ás mãos com os verdugos, outros impotentes para defendel-os: e, n'aquelle quadro tôrvo, destacava-se sempre a sympathica figura de Rebéca, que elle debalde chamava e que fugia sem o ouvir. E aquella imagem adorada passava de novo ao seu lado; mas então tinha o suave nome de Rachel, e parecia desculpar-se, pedir-lhe perdão de a ter tratado com severidade excessiva.

—É a minha maldição que estou agora expiando, murmurava sumidamente.

E ella supplicava-o que suspendesse a sua cólera, por um instante,— o tempo preciso para condoer-se do seu penar, e abraçal-a. E ella abeirava-se, de facto, elle estreitava-a contra o peito, mas pelo suor frio que lhe escorria da face, reconhecia que abraçava um cadaver.

Rachel estava morta. Succumbira ás terriveis mordeduras de uma escura serpente de elasticos anneis e de veneno mortal, semelhante áquellas serpentes monstruosas que em creança vira nas florestas do Libano. A serpente estava enroscada ainda ao cadaver, mas por fim, conhecendo que Rachel estava morta, desennovelou os anneis, arrastou-se, arrastou-se, e por fim acercou-se d'elle. Elle sentiu-lhe então o contacto da pelle gellada sobre a perna partida, que em vão procurou retirar. Mas o monstro enroscou-lhe a pouco e pouco o corpo flexivel em roda do seu, paralysado pelo panico. Sentiu-o, mais e mais, adstringir os anneis, cada vez com mais força, e a pressão que lhe exercia sobre o peito, estrangulava-o. Aperta-lhe a garganta, sente-se estremecer ao seu bafo môrno. A lingua aguda do reptil penetra-lhe as carnes, a bocca espantosa descerra-se, torna-se a cerrar, lacera-lhe os musculos, rompe-lhe as veias.

— Soccorro! consegue bradar então o judeu.

Mas não era um sonho apenas. Uma comprida serpente, affogando-o com a pressão dos anneis, havia-se-lhe enroscado ao corpo.

CAPITULO VI

A Missa do Papa

O monge agostinho, que o leitor conhece, passeava sosinho pelas ribas do Tibre, com o olhar triste, o labio amargamente contrahido, contemplando a manhã que alvorecia. Testemunha de tantas atrocidades, entristecido por tantos crimes, como os que presenciára n'aquella noute, caminhava sem cessar, fugindo dos gritos das victimas, buscando em ruas estreitas ou tortuosas um refugio contra os abominaveis clarões do incendio.

E era aquella a Roma que dominava o mundo! Assassinos! Bandidos! Sicarios immundos e guarida de malfeitores! O crime dando o braço á dissipação, e por toda a parte a sêde do ouro! Todos aquelles frades que elle vira ordenar a matança, aquelles sacerdotes inquisidores cumprindo o seu officio sem repugnancia, d'onde haviam surdido? Quem os havia enviado? Não. Não era possivel! Decerto tudo isto assemelhava-se a um pesadello que lhe encandeara a imaginação! O monge duvidava dos seus proprios olhos. Apertando a cabeça nas mãos tremulas, clamava:

— Senhor! Senhor! tende piedade de mim!

Abeirou-se da margem do rio, e curvou-se para molhar a mão na agua, e refrescar as fontes esbrazeadas.

Porém recuou, tomado de horror.

Nas aguas do rio fluctuavam corpos estranhos, agarrados a traves de madeira, e o sol nascente alumiava cadaveres que tingiam a agua d'uma côr purpurea de sangue.

Tornou a remontar a margem, plena d'um limo viscoso, que a maré deixa como sedimento na embocadura dos rios. Tornou a percorrer terrenos incultos, cheios de caprichosas sarças, costeou as casas baixas, transu-

dando humidade, de sordidos e apodrecidos tectos, sem mais porta, nem janella do que uma escassa abertura praticada nas estrumeiras, e cujo miseravel aspecto só consegue alegrar um ou outro vergelsito florido; algum limoeiro crescendo no meio d'um enxurro, ou rosal irrompendo atravez as fendas d'um muro. O frade agostinho proseguia meditando:

—Não! Não! O Eterno não deveria permittir isto... O Pontifice ignora taes infamias!... O que eu presenciei foi sem o seu consentimento! Quando o encontrei n'aquelle convento de mulheres—proseguiu, insistindo n'aquella recordação que o perseguia—enganei-me, por um exagero de desconfiança, tomando uma excessiva homenagem tributada á Omnipotencia Divina, a exageração d'um culto faustoso, por um luxo profano. E d'esta sorte procurava o monge illudir-se a si mesmo. Mas, no mesmo momento, proseguia:

—No entanto, aquella mulher, aquella religiosa tão decotada, todos aquelles preparativos d'uma orgia, que tão bem concordam com o que me disseram na Allemanha, o que significava?

O sol augustamente levantando-se no horisonte illuminava com os seus reflexos o rosto austero do monge, em que parecia ler-se todas as suas intimas revoltas. Tinha chegado então á ilha de S. Bartholomeu, áquella extremidade do Tibre, cheia de moinhos e de barcas amarradas á praia, onde está a ponte. Deixando á sua direita a ponte de *Cuatro-Capi* (Quatro cabeças) internou-se no bairro popular, que está isolado na margem direita do Tibre, e que por esta rasão é conhecido pelo nome de *Transtevere* (1).

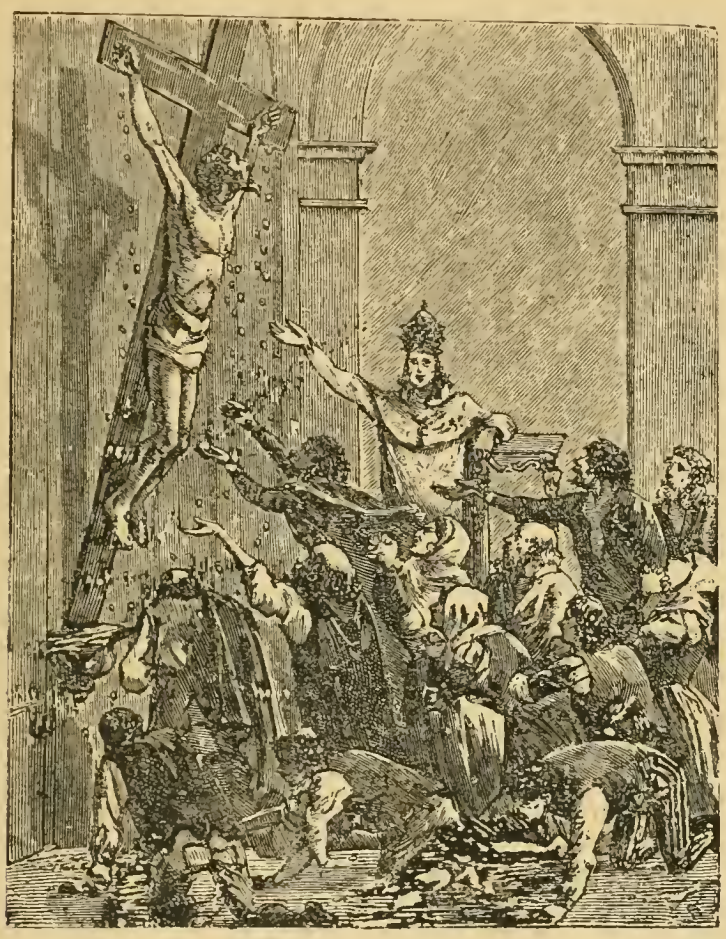
Roma começava a despertar. As fabricas de cêra começavam a abrir-se para receber os operarios. Por toda a parte se viam vestigios da antiga cidade dos Cesares: nos armazens de cêra e de lã, nos talhos, nos estábulos, nas lojas dos barbeiros, nas fachadas esculpidas das tabernas, em toda a parte, finalmente, descobria o viajante recordações da antiguidade, capiteis jonicos, estatuas completas de Venus, delicadas columnas sustentando balaustradas d'um varandim carcomido. Apoiados indolentemente a grandes barris de vinho que pejavam as ruas, italianos, de tôrvo olhar, despertos recentemente, dormiam já a sésta, as mãos nos bolsos, acarinhando, talvez com ellas o cabo d'uma navalha, prestes a estripar alguem e a chispar ao sol: algumas mulheres, amollentadamente, chinellavam, vestidas de farrapos, passeando e dando ar aos seus attractivos: e, ao fundo de hediondas viellas ou beccos sem saída, algumas marafonas viciosas, com tunantes precoces, foliavam no meio de cães, de gallinhas, e de cabras, na mais absoluta promiscuidade animal. A ignorancia, a indigencia, a porcaria, e a crápula, habilmente alimentada no povo pelos clericaes, haviam convertido, n'aquelle sórdido formigueiro de seres inuteis, aquella admiravel e generosa raça italiana, tão fecunda em recursos, e de tanta pujança inabalavel outr'ora.

O frade todo afundado nos seus pensamentos, não attentava na eloquencia d'aquelle quadro sombrio. Depois de muito reflexionar tomára uma determinação definitiva. Iria ter com o Pontifice, e ao mesmo tempo que pediria a absolvição dos pensamentos peccaminosos que o haviam salteado n'aquella noute tragica, revelar-lhe-hia tambem o mysterio terrivel d'ella, e clamar-lhe-hia:

(1) O que quer dizer da outra banda do Tibre, que em italiano é *Tevere*.—(*N. do T.*)

—Vêde, Santissimo Padre! summo representante de Christo na terra! o que fizeram em teu nome!...

E figurava-lhe já vêr o Pontifice estremecer, escutava-lhe a voz indignada, as promessas formaes de uma terrivel e immediata vingança. A idéa de que, por sua mediação, ia fazer-se justiça n'aquella hedionda chacina, espraiava no seu espirito uma placida calma, e quasi o resarcia de



Todas as chagas do Christo se haviam descerrado, e do dorso, dos pés, e das mãos, jorrava copiosa chuva de ducados.

CAP. VII.

todas as agruras em que se havia dilacerado. Tornou então a passar pelo Ghetto, como intentando fortalecer-se na sua resolução, á vista de tal espectaculo. As pilhas de cadaveres humanos e aquellas ruinas de sangue exhalavam ainda um cheiro asphixiador e acre.

Por toda a parte, o mutismo da morte succedera ao alarido infernal da noute passada. Só de vez em quando o monge ouvia o gemido agonisante de algum ferido moribundo, que, estirado no sólo, tinha a vista cravada,

com anciedade cruel no limpido céu, que seus olhos deviam contemplar, pela ultima vez.

Não se via mais espectador algum n'aquelle quadro de desolação. Dir-se-hia que Roma toda estava ainda ignorante d'aquella mysteriosa tragedia, ou que talvez os italianos tivessem reconhecido n'ella a mão potente de uma vontade poderosa, cujas decisões tinham por habito nem discutir, nem sondar.

Os vagidos de uma creança que saíam d'um becco proximo attrahiram a attenção do monge. Acercou-se, e viu exanime no sólo uma mulher que abortára devido, sem duvida, ao terror. A mãe devia ter morrido algumas horas antes, porque estava já hirta como pedra, e nos olhos extinctos conhecia-se ainda o rasto das lagrimas.

—Pobre mãe, e infeliz creança! murmurou o frade.

Com as precauções carinhosas que empregaria uma ama, tirou de ao pé da mãe finada a creança, que continuava chorando desabaladamente, ainda que com voz cada vez mais débil. A morte ia decerto victimar mais aquelle tenrinho ser, e não era possivel empregar nada para lh'o arrancar das garras!... Ai! quem sabe se a morte não seria uma ventura salutar para elle, segundo o destino que lhe estivesse preparado!... O monge endeciso, perplexo, com a creança nos braços, cogitava d'esta sorte, quando entranhados gemidos lhe chegaram aos ouvidos. Andou alguns passos, e encontrou uma joven judia, a unica que sobrevivera áquella hecatombe, quasi miraculosamente, ou antes por escarneo do destino, pois que depois de ter sido testemunha presencial da degolla de todos os seus, vira-se coagida a assistir á morte do filho, uma creança de peito, cujo craneo a pitia soldadesca havia esmigalhado contra o muro da sua propria casa. A malaventurada mãe contorcia os braços, dando desesperados e dilacerantes gritos, arrancados do mais fundo das entranhas, ante a morte do seu filho primogenito,

—Choras a morte de teu filho? perguntou-lhe o monge.

—Ai de mim! tornou a mãe, entre gemidos...

Soerguendo os olhos, e defrontando com o frade, proseguiu varada de terror:

—Pois bem, que queres de mim?... Vens reparar o esquecimento d'elles me terem deixado com vida?...

—Não, retorquiu com doçura o estrangeiro. Venho conjurar-te a adoptar este innocente, o filho de uma mulher da tua religião, morta, ao dal-o á luz.

E como a desventurada não respondesse, o frade proseguiu com voz abalada:

—Tem piedade d'elle... Considera que viu a luz na mesma hora em que morria o teu... É como se fosse a alma de teu filho a animar o corpo d'este... Dae-lhe o seio em que o outro se amamentava!... Não sejas mais cruel que os teus verdugos... O seres, como que a mãe d'elle, de certo te consolará!...

Ella continuava silenciosa: no emtanto a voz varonilmente enternecida do frade havia-a turbado. Soluçava; e o pequenino, sem a vêr, estendia para ella, instinctivamente, as gélidas mãosinhas, como que tambem a supplical-a.

A mulher não se conteve mais. Tomou a tenra creança nos braços, e apertou-a com commoção sincera ao peito, dizendo:

—Pois bem, sim, vem... serás meu filho...

Então, o frade enternecido, entregando á mulher uma bolsa de ouro, affastou-se, e o pequenino colhia ávidamente com o labio o peito d'esta segunda mãe, que sorria, affogada em pranto...

Muito tempo vagabundeou o estrangeiro, agarrando-se cada vez mais á sua esperança. O olhar chispava-lhe de alegria, e quasi que não vacillava já a respeito do bom exito da sua empreza.

—Scelerados da noute passada! dizia de si para si, caminhando com passo rapido: tremei, acautelae-vos, o olhar do Papa vae penetrar o mysterio, em que vos encobristes! Assassinos! amargareis os vossos crimes! Ladrões! tereis que restituir o ouro, as alfaias, as pedras preciosas, que pilhastes!...

Mas, empallidecendo de repente, parou. Estava detraz do Vaticano, e por detraz d'uma sólida, macissa porta, cuidou entrevêr... Sem duvida vira mal! Mas não. Ali estavam deante d'elle os mesmos frades do Ghetto, aquelles tôrvos frades ainda com as mãos tintas de sangue, e ennegrecidas do fumo...

De pé, sobre os carros que serviram para carrear a pilhagem da noute passada, iam desempilhando e carregando aos hombros dos famulos do palacio pontifical saccos de couro empanzinados de ouro, caixas de joias, diamantes, aos punhados...

Tudo, tudo aquillo, era para o Vaticano! Aquelle immenso edificio era o sorvedouro que absorvia e sugava o provento do saqueio e da dególla!

E Leão, o Pontifice, foi sem duvida o mandante d'aquella abominação!

Dos olhos do pavido frade caiu de súbito então a venda que os cobria, e uma luz inexoravel caiu a jorros n'aquelle antro em que impéra o papado.

Pensando só no stricto dever, liberto de todo o escrupulo, sem a menor sombra de turbação no rosto, o frade agostinho decidiu, como sempre, ser um vingador do direito.

Se o réo mudára de nome, não lhe importava isso; estava resoluto a chegar até ao fundo das cousas, e cauterisar as pustulas com fogo vivo. Obterá do Papa a audiencia que foi o movel da viagem, e, se o destino o favorecer, cogitará no mais seguro e rapido meio de punir o réo. Assim, poderá clamar um dia:—Vi com os meus proprios olhos! E seguil-o-hão os martyres, e os filhos dos martyres...

Com passo seguro e resoluto apresentou-se no palacio dos Papas, onde penetrou sem difficuldade, graças ao seu habito. Atravessou as duas renques de guardas suissos, que, immoveis, estão de guarda á porta do Vaticano—e quem previria que tão servil mister estivesse destinado aos descendentes de Guilherme Tell!—e subiu pela ampla escadaria que vae ter ás salas d'espera. Atravessou grandes compartimentos plenos de soldadesca, trajando uniforme de galla, de pintores, d'escriptores, pretendentes de cleresia, que deslisavam silenciosamente nos tapetes, com aspecto de sombras. E cada vez que um cardeal passava os quarteleiros de sentinella faziam-lhe uma profunda continencia com as espadas.

Por ultimo, chegou á galeria onde estava um camarista de serviço ás ordens do Papa.

—Desejo fallar a Sua Santidade, disse-lhe o frade.

—Sua Santidade não póde receber-vos. Ouve missa na Capella Sixtina.

—Esperarei.

No entretanto, um segundo frade, moreno, pescoço curto, labio carnudo e decaído, no qual facilmente reconhecerão os leitores o protegido do grande inquisidor, subia aos dous e dous os degraus do palacio.

Enxergando logo do primeiro vestibulo um camarista secreto que parecia dormitar, disse-lhe em voz baixa, acercando-se d'elle:

—Hochstratten espera-me!

O camarista sem se mover, perguntou:

—Sois Tetzel?

—Sou.

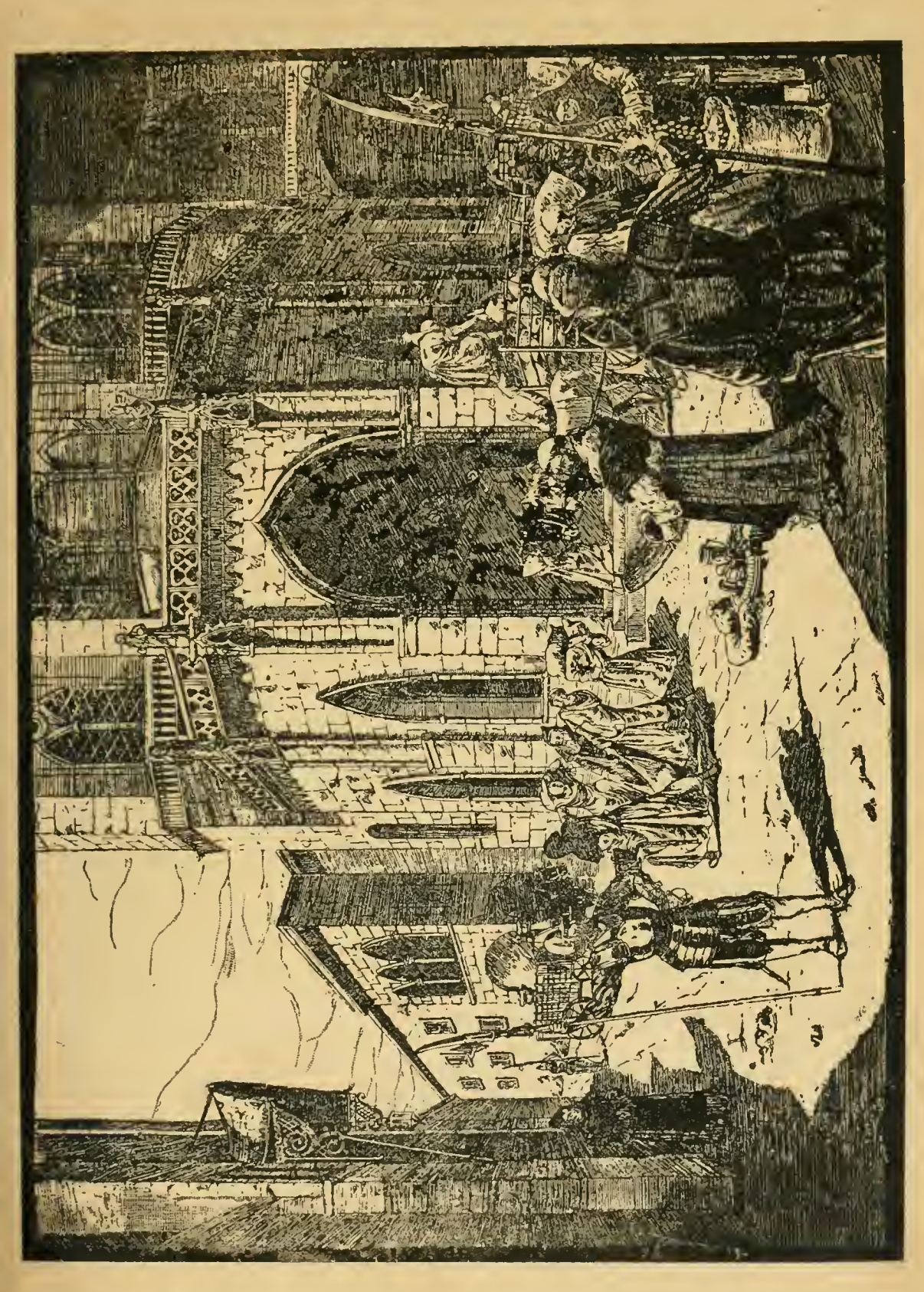
—Vinde.

O camarista ergueu-se e encaminhou-se para um corredor obscuro.

Se Tetzel, tornando a passar em frente da porta aberta de par em par, pela qual se descobria a praça flammejante de sol e tivesse sondado attentamente com o olhar a penumbra das columnas, teria de certo enxergado um vulto de cabello grisalho, vestido com trajo de procurador, que o seguia com um olhar esbraseado. E talvez tambem descobrisse, sob uma tunica desbotada, um volume um tanto pronunciado, que bem se poderia suspeitar ser o cabo d'algum ferro, nada innocente. Mas Tetzel nada de tal deu fé, e seguiu as passadas do camarista.

A missa no entanto continuava.

O frade agostinho proseguia no seu passeio d'uma para outra sala, occupando o fastiento tempo d'espera em examinar as pinturas enquadradas em molduras de preciosas madeiras. Mas chegando até uma galeria circular



Os frades descarregando para o Vaticano o producto do saque de Ghetto.—Luthero contempla-os assombrado.

que dava para uma vasta cupula, na qual fluctuavam nuvens d'incenso, e soava uma harmonia de canticos religiosos, misturados á musica flébil d'instrumentos de corda, inclinou-se o frade para vêr melhor, e o espectaculo que se lhe patenteou prendeu-lhe a attenção. O edificio em que se achava era a Capella Sixtina.

Seu olhar perdia-se, observando aquelle exercito de prelados trajando vestes luxuosas, aquelles cardeaes vestidos de purpura, aquelles superiores dos conventos, e os frades coadjutores com a estola multicor de ricas telas. As ordens estavam collocadas segundo as suas cathegorias e supremacia, desde as dos nuncios e legados com vestes franjadas d'ouro até as dos conegos, calçando sandalias de brocado.

Uma escada de marmore branco dava accesso ao altar, e ao meio dos degraus estendia-se um tapete de velludo, com as armas de Leão X bordadas. A Custodia de ouro guarnecida de pedras multicores despedia vivas scintillas, á luz das vellas vermelhas e azues, em grandes candelabros de prata cinzelada. O fundo da capella estava inundado d'uma suave claridade por onde coavam os raios solares, avermelhados na súa passagem pelos vidros. Das paredes pendiam telas ricas, representando episodios sacros.

Quem era o officiante? Quem era aquelle prelado de face obesa e carnes molles que se ajoelhava, se erguia, levantava e apertava os braços? Era o Papa? Sim... Apoiado, com os cotovellos na balaustrada, o frade reconheceu-o por aquelle olhar luxurioso, que o papel importante que desempenhava não bastava a dissimular, por aquelle rosto em que o sangue viciado pelos excessos imprimiu uma côr amarellada, por aquelle pescoço branco em demasia, e emfim pelos cabellos que já começavam a rarear. E comtudo aquelle padre não cingia a tiára. A tiára! A tiára estava ali, á direita, na cabeça de um Pontifice de pé, revestido d'uma ampla capa pluvial recamada de ouro. Cousa surprehendente! Aquelle prelado parecia a imagem do officiante reflectida n'um espelho. Eram os mesmos traços physionomicos, a mesma expressão. Não ha duvida, e, no emtanto o da tiára é Leão X. Terá acaso o Pontifice um irmão? E aquelle irmão—ó esperança!—talvez fosse aquelle que o frade viu no convento de mulheres, no mez anterior! Mas não:—Hochstratten apresentara-lh'o, como sendo o Papa em pessoa. Que interesse teria tido em mentir-lhe? Aquella semelhança encerrava todavia um enigma, cuja explicação havemos de buscar. O da tiára era indubitavelmente o Papa: a presença do legado á sua direita, a dos patriarchas mitrados que o cercam, a dos doutores da Egreja, com suas phisionomias fatigadas e confusas, que lembram pinturas antigas e frescos envelhecidos, bastariam a proval-o.

—*Dominus vobiscum.*

—*Et cum spiritu tuo.*

A voz rouca do officiante confundiu-se com a baixa e estrepitosa dos chantres. Ao toque da campainha de prata os hombros acurvaram-se, e do alto da galeria onde o monge se achava não se viam mais do que cabeças inclinadas ante o altar, e só se divisavam largas renques de hombros redondos e immoveis, que á primeira vista se tomariam por malas sustentando tunicas de largas pregas. O Papa parece não ter ouvido o sonido da

campainha: não pensa em ajoelhar-se, e nem sequer se dignou interromper o seu colloquio com o moço cardeal que está ao seu lado, e á sua direita. Este é o mesmo que já vimos no banquete do cardeal Bibiena. É o sobrinho de Sua Santidade, que apesar de contar só vinte e dous annos, está já revestido da purpura cardinalicia, ainda que a sua precocidade em tal honraria é inferior á de seu tio, que tendo-se ordenado aos dezeseis annos, aos vinte já era cardeal.

Seria a consciencia da sua responsabilidade que lhe assombreava o rosto d'um ar grave, e lhe dava aquella physionomia enigmatica? Sentir-se-hia humilhado por tantas honras accumuladas sobre elle? Procuraria dissimular a sua mocidade e inexperiencia com um silencio premeditado? A's vezes o observador sentir-se-hia inclinado a perguntar-se: — Será possivel que lhe peze a protecção do Pontifice? O Papa comtudo estremecia-o como um filho; mas, mau grado isto, todo o esplendor que o rodeia não consegue distrahil-o, não sabemos de que grave apprehensão. Quando o interrogam a tal respeito não responde: ninguem sabe que tenha algum amor mal succedido; não é tambem decerto o capricho de uma *coquette* que o observe. O pae e a mãe pereceram, é facto, d'uma morte bem tragica; mas tanto tempo ha já decorrido depois de tudo isto!...

O moço cardeal, além d'isso, é muito affavel, discreto, complacente. As suas opiniões não divergem nunca das das pessoas que frequenta, ou antes vive retirado do conflicto das opiniões.

Perito em todos os exercicios corporaes, cultor dilecto da esgrima, com o florete em punho é de força a bater-se com o seu proprio tio: accrescendo a isto o representar comedias, cantar deleitavelmente, manejar com egual destreza a espada e o arcabuz, verter odes d'Horacio em versos italianos, e quando o Pontifice o admoesta pôr desvellar noutes inteiras acurvado sobre os livros, sabe tambem como qualquer outro visitar as meninas galantes de Roma.

Um rapaz sem preço! chamou-lhe o proprio Pontifice que fez d'elle o seu confidente. É puro, dizia d'elle Sua Santidade, como o ouro, claro como a crystallina agua, e socegado como um manso caudal.

O manso caudal todavia illude frequentemente o nadador, e quem sabe, se sob a perfida e quieta apparencia se occulta agitado o redemoinho, prestes a arrebatar o que se envolver no vertiginoso labyrintho d'ondas?

Leão X dizia:

— Estás certo de que é Flora?...

— Certissimo. Comtudo trazia o fato de theatro.

— Naturalmente, como foi depois da comedia que a levei commigo, comprehendes?...

— Não reparára n'isso.

— Este Lourenço em nada repara!... E aonde é que espera?

— No vosso oratorio.

O Papa, fez a isto com a cabeça um rapido gesto de desprazer.

—O que quererá de mim? tornou. Não se julgará ainda bem paga?... Sangue de Christo! que importunação! Perseguir-me até no meu oratorio!... Não comprehendes acaso o pessimo effeito que isto póde ter produzido nos que a vissem entrar? Quasi toda a gente d'aqui a conhece pelo que ella é realmente. E apresentar-se de mais a mais com o trajo do theatro! Porque é que a não despediste?

—Ella teimava em não se querer ir de modo algum. Diz que n'isto ha perigo de vida.

—Que o diabo a carregue! Porque não me disse isso esta manhã em vez de vir agora promover um escandalo? Não sei realmente com quem lida esta mulher que eu conheci tão devota, para faltar tão desvergonhadamente ao respeito devido á fé, e aos representantes da religião!...

E o Papa machinalmente dirigia a vista para o oratorio. Profanação! desolação! abominação! Flora estava de pé, no limiar da porta mal cerrada, tamburinando com o pé n'um pedaço de ébano. Os que assistiam á missa, sem soerguerem os olhos, olhando pelo canto do olho, haviam-na reconhecido e um murmurio malicioso ciciára em toda a capella: alguns sorriam dissimuladamente: outros davam estalidos com a lingua: o proprio officiante se interrompera, e com o calyx, saudara-a familiarmente. Os sacerdotes acotovellavam-se. Inclusivamente o orgão cessou de tocar.

Leão X pondo-se de pé, trocou gestos com a importuna rapariga, para que se retirasse. Ella com outros gestos porém retorquiu-lhe que o assumpto urgia, que carecia de fallar-lhe sem delonga. E durante quasi um minuto estabeleceu-se entre o Pontifice e a cortezã um telegrapho de gestos enfurecidos.

O Papa submettendo-se por fim, deputou-lhe o sobrinho, dizendo-lhe:

—Que espere ao menos que a missa termine! Que entré já no meu oratorio, senão que a faço prender pelos suissos!

Ante esta ameaça formalmente transmittida á cortezã pelo moço prelado, Flora desappareceu, e a missa um momento interrompida recomeçou com a maior gravidade do mundo. Só o ventrudo Petrucci continuou rindo-se por largo espaço.

—A culpa d'isto tudo tenho-a eu! dizia de si para si o Papa. Quanto mais simples era em vez de a conduzir ao Vaticano ter ido com ella á sua casa, ou melhor, não ir com ella para parte alguma! Mas d'isto a culpada é Maria. Ella esbraseou-me o coração de tal sorte que á falta d'ella tive que voltar de novo a Flora. Que linda é aquella rapariga e que feliz não é Raphael!... Que bocado digno de rei, ou antes de Papa!... Que deleites não se devem gosar em seus braços!...

Os olhos extinctos do Papa chisparam vivos e apaixonados raios. Mal respirava agora; por toda a complicada rede das veias corria como que uma lubrica combustão, e o sobrinho via-o, de quando em quando, estremecer dos pés á cabeça.

Na abobada sonora elevavam-se córos harmoniosos, que como as ondulações do vento duravam um instante, tornando a dominar logo um silencio fundo. Resoavam vozes extranhas então, cujo timbre neutro participava ao mesmo tempo da voz da creança e da mulher: eram vozes de pa-

dres castrados, vozes de chantres chorando o seu martyrio, enfastiados da sua virgindade. Aquelle concerto anti-natural saía da tribuna da direita, com balcão de balaustres. Por cima da pequena rampa que sustentava a estante do côro assomavam cabeças de côres varias, de carnudas faces, bocas abertas: de vez em quando um braço enthusiasta agitava a seda violeta d'uma sotaina.

Depois, instrumentos e vozes tudo por um momento emmudecia, e só se escutava a voz grave do orgão estrondeando nos ares, semelhante ao fracasso do trovão.

Mas o Pontifice só escutava a voz de Maria, alçando-se mais alto que todos os hymnos. Com os braços encruzados, comprimia o peito, como tentando recalcar no fundo d'elle todas as palpitações do coração, estereis...

No altar, o celebrante, com os labios meio fremidos, continuava murmurando um sussurro inintelligivel. De vez em quando, interrompia-se para relancear o olhar sobre os recem-vindos, para sorrir a um menino de côro, de fresco rosto, que por elle perpassava, ou para acarinhar com a mão papuda a face imberbe de um juvenil diacono, de figura effiminada.

Ao longo das capellas construidas para o culto da Virgem, em cuja penumbra ardiam algumas vellas collocadas, em triangulo, semelhantes ás linguas de fogo do Espirito Santo, passavam damas patricias, irmãs, filhas, esposas, ou viuvas de algum magnate, que reservavam a sua confissão para aquella hora, certas de encontrarem ali os seus directores espirituaes predilectos. Envoltas em espessos véos, algumas ainda tresmunhadas e somnolentas, com a face occulta nas mantilhas, deslisavam sem ruido, e detinham-se á entrada d'um pulpito, perto d'um confessionario. A penitente ajoelhava-se em uns coxins meio gastos pelo attrito frequente dos joelhos dos fieis, e fixava, alternativamente, o ouvido e os labios ao ralo de gradeado de prata, um tanto ennegrecido e viscoso já do bafo e das respirações das beatas, e fallava, em voz sumida, ao confessor, do qual não se distinguia mais do que a sobrepeliz branca, e as mãos crusadas, prostrado na attitude avida de um judeu no deserto, esperando que a vara de Moysés, fendendo a rocha, fizesse rebentar d'ella jorros d'agua.

O Papa continuava na sua attitude apprehensiva. Com o olhar obstinadamente fixo n'uma das claraboias da nave, admirava uma pallida figura de madona, gracil e triste, como aquellas que pintava o Perugino, mestre de Raphael, e cujo ninho de ouro chispava aos raios solares. Encontrava certa vaga semelhança entre aquella Virgem e Maria, cuja innocencia tinha para elle todo o attrahente do pômo prohibido. E pensamentos, até então de seu proprio coração ignorados, o exaltavam, enlouquecendo-o. Teria immolado Raphael para possuir aquelle corpo fragil, cujas linhas correctas adivinhava sob as largas pregas do seu vestido, côr de purpura e azul. As suas mãos tremiam.

—*Dominus vobiscum.*

—*Et cum spiritu tuo,* ciciavam vozes na egreja.

Como que magnetisado pelo fulgor da imagem da ogiva, não apartava a vista d'ella, e a luminosa visão penetrava vivamente na sua imaginação encandeada, e tomava, por momentos, mais e mais, uma apparencia hu-

mana. Parecia-lhe vêl-a desprender-se do alisar de chumbo, descer lentamente até elle n'um raio de sol, e, sorridente, pôr ao alcance da sua mão curvas deleitosas, ao alcance do seu labio, a carne transparente e rosea, e por ultimo offerecer-lhe os proprios labios, os seus labios purpurinos, com uma doce confiança, um morbido abandono, que lhe fazia correr pela espinha medullar um arrepio espasmodico, voluptuoso.

Todo o ruido da capella, as vozes, o orgão, tudo, parecia fazer-lhe bater as fontes. O aroma do incenso contribuia a enerval-o: e como que ébrio de appetites, tudo lhe parecia turbilhonar á roda: foi-lhe preciso encostar-se ao hombro do sobrinho.

N'aquelle instante, do interior d'um confessionario irromperam alegres casquinadas de riso, reprimidas ao principio, mal dissimuladas depois, e, que por fim estrondearam franca e estridulamente. Todos os fieis que almejavam um pretexto de distracção, voltaram a cabeça para o local d'onde as risadas pareciam sair, cochichando entre si. O frade que continuava a observar na galeria superior, indignado, levantou-se, todo erécto. E o Padre Santo, surpreso, perguntou:

—O que é isto?

O sobrinho, depois de se haver informado, respondeu:

—Uma das vossas eminencias que confessa uma penitente.

—E quem é essa eminencia? Pela sua tosse vibrante, pelo seu riso como o cacarejar do gallo, apostaria que é Petrucci!...

—Ganhastes! disse o legado. É elle, effectivamente...

—E a penitente quem é?...

O sobrinho do Papa encolheu os hombros, com gesto de ignorancia.

N'aquelle mesmo instante, reparando-se da penumbra do confessionario lobrigou-se uma dama que se affastava rapidamente, com as feições dilatadas pelo riso, que forcejava em vão conter com todas as forças, tapando a bocca com o lenço de rendas. Mas mal assomára á porta, o riso d'elle casquinou de novo. Fôra baldada a precaução de se affastar rapidamente. O seu ar fel-a reconhecer de toda a gente. Era a bella condessa P... [1]

Pouco depois o cardeal Petrucci, mordicando o labio, com as cordoveias do pescoço infladas, a face toda decomposta pelo riso, o que lhe dava um aspecto accentuadamente picaresco, surdiu do confessionario, e veio assentar-se n'um banco d'encosto.

Os olhos de todos os fieis faiscaram ao vêl-o remorder os labios, cerrar os olhos, e sacudir a cabeça, para vencer a hilaridade que o sacudia, e ouvindo-o como que soltar roncos gritos que lhe escapavam da garganta, entre convulsões nervosas.

Leão X suspeitou que se tratava d'alguma historia escandalosa, e satisfeito d'aquelle successo que faria distraíl-o da obsessão que o perseguia, enviou um clerigo a inteirar-se de tudo, sem preoccupar-se, pouco ou muito, da santidade do local.

[1] Não queremos designar d'outra fórma a pessoa citada, que pertence a uma das familias mais preclaras de Italia. Esta familia ainda hoje existe, e expôr-nos-hiamos, publicando o verdadeiro nome d'esta dama, a desgotar um dos descentes da bella condessa, que, actualmente occupa uma posição elevada em Roma.

(N. do A.)

A missa continuava, no entretanto, e a campainha suava furiosamente. Mas ninguem já pensava em persignar-se, nem em ajoelhar-se, de modo que o celebrante atreveu-se a dirigir para traz de si olhos curiosos, pensando asisadamente, ao vêr os fieis tão satisfeitos, que occorria algum caso bem faceto. E intimamente desgostou-se que a celebração da missa o impedisse de participar tambem d'aquelle gaudio geral.

Petrucci, satisfeito de poder desabafar, narrou a anecdota ao clerigo, que por seu turno a transmittiu ao Papa, chorando de riso, entre convulsões de hilaridade.

—De fórma que—disse o Papa, que ouvira o caso, com beatitude—é elle quem...

—Precisamente.

—E a condessa é aquella que...

—Assim o creio.

—Magnifico.

—De fórma que o marido...

—Isso mesmo,—exclamou o clerigo, em voz alta.

Ouvindo isto o Papa começou a agitar-se na sua cadeira de franjas douradas tão extraordinariamente dilatado de gaudio, que difficilmente respirava; quasi suffocando-se.

O proprio sobrinho dignou rir-se com satisfação, e a pedido do cardeal do lado narrou-lhe a aventura cochichando ao ouvido.

Petrucci, pela sua parte, referiu a anecdota aos prelados, que estavam mais proximos: e a estupenda narrativa correndo com a fugacidade do corisco, foi successivamente narrada aos patriarchas, aos arcebispos, os quaes a participaram aos bispos, e demais mitrados, e acto continuo aos presbyteros, aos abbades, aos monges, aos fieis. O riso engrossava, á medida que a historia dava a volta da egreja: e já tambem casquinavam os quatro conservadores de rubras faceiras, os clerigos da camara, os mestres de cerimonias: e a hilaridade, como uma chispa n'um rastilho de polvora, communicava-se, consecutivamente, aos camaristas assistentes e secretos, ordinarios e extraordinarios, aos advogados do Consistorio, aos escudeiros, e aos chantres, cujas vozes finas e agudas se misturavam ás exclamações dos acolytos da capella, aos conegos, aos diaconos, aos suissos, e até aos mesmos lausquenetes da guarda.

Jámais os deuses que occupavam os ocios, segundo Homéro, a abalar o Olympo com as suas casquinadas de riso sagradas, riram de certo, tanto, nem tão festivamente á custa dos infortunios conjugaes de Vulcano.

O primo do Papa continuava officiando. Mas, almejando inteirar-se quanto antes da origem d'aquella hilaridade geral, apressava-se em concluir. Para qualquer parte para onde estendia o olhar não via senão faces apopleticas, ventres sacudidos pelas risadas mal contidas, e boccas extraordinariamente abertas. Tratava de encurtar as preces, engrolando os versiculos, mastigava orações, corria de um para outro lado, acotovellando os acolytos, cujos passeios para baixo e para cima do altar assemelhavam-se a uma verdadeira correria. O celebrante andava de cá para lá, voltava correndo ao centro do altar, subia e descia precipitadamente os degraus. E era tal essa precipitação que d'uma vez, tropeçando na casula, perdeu o equili-

brio, e caíndo sobre um dos diaconos que trazia os Evangelhos, este por sua vez tropeçou no subdiacono que conduzia as galhetas, e officiante e diaconos rolaram por terra. Os assistentes choravam, casquinando sempre de riso.

O primo do Pontifice proseguiu a missa, aproveitando o incidente, para voltar duas folhas, d'uma vez só. A elevação da hostia fez-se com a celeridade do raio, a communhão em um abrir e fechar d'olhos, e o calix, enchido depressa e correndo, derramou-se-lhe na casula. Mas ninguem em tal considerou, e d'ali a cerca de dous minutos, a missa estava aviada.

O celebrante levava já aos labios o calix cheio de licor divino, quando um clerigo complacente, enviado pelo Pontifice, se aproximou d'elle, e n'um relance lhe referiu a historia picaresca. Mas ella foi a sua perdição!...

O vinho, equivocando-se de direcção, detido no caminho pelo riso que subia, não encontrou outro canal para sair, senão o orgão nazal, e de facto, sem ater-se a cerimonias, foi pelo nariz que golfou. O padre quasi estrangulado, mas sempre rindo, era sacudido por um violento ataque de tosse.

Foi preciso bater-lhe com vigor nas costas, como ás creanças, e o calix, que se lhe desprendera dos dedos frouxos, rolava pelo sólo.

O gaudio dos prelados attingia a vertigem, as abobadas da capella pareciam oscillar, e o officiante jorrava sangue pelo nariz.

—Metam-lhe na guella a chave de S. Pedro!—bradou Sua Santidade.

A estas palavras todos os fieis casquinaram uma estrondosa gargalhada, batendo nos quadris.

Mas o frade da galeria não quiz vêr mais. Ia a abandonar já a balaustrada, parecendo-lhe mais sacrilega que dos diabos aquella cafila de servos de Deus, e avançára alguns passos para retirar-se, quando, da parte da sachristia, abrindo-se uma porta que antes uma columna lhe occultava, viu uma mulher, uma cortezã sem duvida, pois o estigma do vicio denunciava-se-lhe na face, nos sobr'olhos pintados, nos labios cheios de carmim como uma ferida recente, e em mais que tudo no trajo ligeiro, indecoroso, que a uma legoa a denunciava.

Era Flora que impaciente acabava de apparecer na capella, attrahida por aquelle regabofe sagrado. E a mulher, do limiar da porta, chamava o Pontifice, com signaes.

— Será possivel? — perguntava a si mesmo o frade, estupefacto.

Mas era forçoso acredital-o, visto que Leão X levantou-se da cadeira, e sem mais considerar na missa que finalmente tocava o termo, rindo ainda, dirigiu-se para a sachristia, e entrou n'ella mais a mulher, cerrando a porta.

CAPITULO VII

O Milagre de Christo

Uma cousa sobre toda as demais, attrahia as attenções no oratorio do Pontifice.

Não eram nem as elevadas janellas que velavam cortinas severas, nem os genuflexorios de carvalho, e de trabalhada obra de talha, nem o recolhimento e o silencio que se respirava n'aquelle asylo da oração, mas tão sómente um enorme Christo, de tamanho natural, suspenso na parede, entre duas télas sacras.

O Nazareno estava cravado n'uma cruz de marmore, de colossaes dimensões, e cujas veias marmoreas imitavam as veias d'um lenho.

O corpo todo do Crucificado, admiravel pela sua expressão humana, fôra esculpido em prata, e coberto depois com um verniz côr de carne. Tanta era a humana naturalidade d'aquella esculptura, que se enxergava distinctamente a rede que formava as veias injectadas, nas mãos e nos pés inflados, e em roda dos cravos apercebia-se um roxo laivo de gangrena: os cabellos, de um ruivo avermelhado, collavam-se ás fontes, como empastados de suor: os labios violaceos, meio descerrados, deixavam a descoberto a dentadura; e as feridas, imitadas com arte extraordinaria, deixando a nú os ossos, o nariz afilado, os olhos vitreos, annunciavam a aproximação da morte. O sangue gotejava da corôa d'espinhos, da chaga das costas, e das dos pés e das mãos, empapando e avermelhando o sendal que lhe cingia os flancos; algumas gotas vermelhas como o velludo que forrava as paredes do oratorio salpicavam o lenho do Crucifixo. A imagem produzia uma verdadeira sensação de horror.

A inscripção branca, esculpida em marfim, completava esta illusão, a

ponto de que era impossivel qualquer, pela primeira vez, penetrar a soleira do oratorio, illuminado por uma claridade dubia, sem retroceder espantado, suppondo-se em presença do proprio supplicio do Golgotha.

Uma porta se abriu, e Leão X entrou seguido da cortezã.

O seu primeiro cuidado foi ajoelhar-se ante o Crucifixo, emquanto que a cortezã, sem se ajoelhar, se persignava quasi com enfado, deixando errar nos labios um sorriso sceptico.

O Papa, levantando-se, disse-lhe com um ar de sobranceria:

—Bem. Aqui me tens já. Falla. Que queres de mim? Terás a bondade de explicar-me a tua conducta extraordinaria? Não sei francamente de como qualificar o teu despejo! Estás acaso mofando de mim? Que desvergonhamento! Atreveres-te, por vezes, a interromper o sacrificio da missa, e tornares-te saliente aos olhos de todo o Vaticano! Quem te pagou, para provocares escandalo tal?...

E o Pontifice dizia isto, passeando precipitado de um lado a outro do aposento.

—E com este trajo!—proseguiu alludindo ao fato da cortezã. Não tens vergonha? Como facilmente dás a mostrar quem és! Não sei, não sei o que me retem que não te entregue aos guardas! Então! Não querem vêr a descarada!...

Suffocado, rubro de cólera e de despeito, a que se juntava tambem o pesar de ter perdido o final de uma missa tão divertida, parou um instante.

Flora, habituada já áquellas scenas, não mostrou turbar-se cousa alguma por uma recepção tão descaroada, e com voz calma retorquiu:

—Decerto que não me fallaveis com taes modos hontem á noute! Como sois ingrato! Havieis-vos esquecido de mim?

—Não, mas tinha-te pedido que não me subtrahisses tempo algum do que consagro aos negocios ecclesiasticos.

—Não julgava incommodar-vos,—respondeu a audaciosa rapariga—e não faço tenção de abusar do vosso tempo cujos instantes me consta que são preciosos.

—Pois bem, falla então, mas sê breve. Podes fallar! O que queres?

Dizendo isto, o Papa apparentava não querer sentar-se, como que para dar entender á cortezã que tinha pressa de que findasse o colloquio.

Flora empurrou-o suavemente para uma poltrona e elle, sem bem dar fé de tal, encontrou-se sentado e com a cortezã aos pés.

—Meu caro Papa!—exclamou Flora então—preciso de dinheiro.

—Ainda mais! replicou o Pontifice, fazendo gesto de levantar-se.

Mas ella com a dextra segurou-o, em quanto que com a mão esquerda lhe tapava brandamente a bocca.

—Olha lá, não digas essa palavra feia, continuou ella mais familiar e despejada.

Depois, com voz entrecortada como por lagrimas, proseguiu:

— Agora sim, agora sei que não me amas.

— Vamos, Flora, por favor, nada de creancices! interrompeu o papa a quem não deixava de agradar aquella diversão. Ainda que te quizesse amar, podel-o-hia, em consciencia? Tenho o direito de dispôr do meu coração, o qual votei a Deus? Tenho o direito de desviar dos meus fieis toda, ou parte da affeição, que é dever meu consagrar-lhes?

Esperando alguma casquinada de riso chocarreira da parte d'ella que lhe désse ensejo a agastar-se dando-se por offendido, o Pontifice callou-se.

Flora teve de certo tentações de soltar largas casquinadas, mas soube reprimir-se, para o que tinha bastas rasões, pois o Papa, que fixamente a observava, soube accrescentar em voz sumida:

— Acaso um coração que se te entrega póde dividir-se com outra? Acaso fica no coração espaço para outro amor?

Quando se apercebeu do terreno perdido, era já tarde de mais. Não podia recolher já a palavra proferida. Tentou de novo soerguer-se da poltrona mas Flora cravava n'elle os seus grandes olhos humidos, e o Pontifice sentia escoar-se atravez das suas vestes talares e pontificaes o calor suave d'aquelle corpo flexivel, de languidos ademanes e meneios. E ella, com a sua macia mão carnuda e assetinada, acariciava a face sem barba do Papa que estremecia áquelle contacto delicioso.

— Está quieta! ciciava brandamente o Papa — está quieta, — não é occasião agora!... Esqueces com quem estás!...

— Não, não! exclamou chocarreiramente a cortezã, cada vez mais dengosa. E inclinando-lhe a cabeça no hombro, tornou:

— Mas olha és *tu* que o esqueces?...

O Papa experimentou um franzir d'olhos por esta continua repetição de *tus;* mas isto não passou de mera tentativa frustrada.

— Trata de não t'esqueceres — repetia ella — recorda-te...

Então, emquanto em ondulações sonoras, chegavam até elles os accordes longinquos dos canticos e os apagados echos do orgão, com sua voz insinuante e delicada, Flora relembrou a palavra que Leão X lhe ciciára ao ouvido, ao terminar a comedia da Calandria: as propostas murmuradas baixinho e que as cortinas da liteira affogavam na noute em que juntos saíram do palacio Bibiena, e aos hombros dos famulos do Pontifice foram conversando languidamente balouçados: relembrou-lhe as expansões cariciosas, a entrevista na deleitosa camara dos aromas, e quando Sua Santidade, meio nú, corria atraz da mulher caprichosa, e ajuntava a todas estas recordações picantes as risadas que elle dava perseguindo-a, as quedas prolongadas nos divans, os silencios convulsionados que se seguiam depois, entrecortados só de beijos á luz de lampadas veladas.

Ainda que Leão X se lembrava muito bem de todos estes pormenores, deixava-a fallar, meneando a cabeça, e comprazendo-se em ouvir descrever aquella orgia pela moça sacudida ainda de volupia, e experimentando deleite extranho em relembrar aquellas horas de loucura. Sentado, como estava, passeava as mãos pela abundante cabelladura da actriz, e acariciava-lhe os hombros, o collo, emquanto pestanejava nervosamente, e as faces se lhe iam, pouco a pouco, purpureando.

Os canticos haviam cessado na capella, e aquelle subito silencio pareceu despertar o Papa. Soergueu a cabeça, e os olhos encontraram-se com o olhar melancholico, o olhar quasi humano do Christo de prata.

—Basta!—disse, sacudindo a cabeça—não deveria ter-te escutado; abusas em demasia do meu capricho.

—Então, é certo! Não é mais do que um capricho!

—E tu tens tirado bastante proveito d'elle, para que consinta em que abuses mais. Que te portasses d'esta fórma com um amante trivial, vá, porém...

—Ai! és cruel!

—Tu só, tu só és a culpada. Eu seria mais commedido, se désses mostras de maior acáto. Esqueces até ao exagero o meu caracter sagrado... a minha tiára...

—Peço-vos que a tireis da cabeça, mais uma vez, Santo Padre!

E Flora, com o olhar incendido e o gesto extraordinariamente seductor e expansivo, excitava o Papa a deixar-se convencer. Porém o moribundo olhar de Christo cravado na Cruz, aquelle olhar que o turbava tanto, e que com seu raio immovel o perseguia, irritava o prelado, tornava-o nervoso.

—Peço-te,—disse bruscamente—está quieta, digo-te formalmente que não!

E para allegar um motivo, que não era o verdadeiro, accrescentou:

—Se por acaso entrasse alguem... Não, já me comprometti bastante, concedendo-te esta audiencia. Está quieta, repito-te. Era isso que querias de mim! Tinhas-me fallado d'um pedido. Queres, ou não, decidir-te a fallar?

—Ai de mim, disse já o que desejava, e não queres forrar-me á vergonha de o repetir!

—Bem sei, querias dinheiro. Pois, olha...

E um gesto desabrido desenhou-se nas feições do Pontifice. Ella arremessando-se-lhe aos joelhos, e abraçando-lhe os pés, interrompeu-o vivamente:

—Não m'o recuses! Se não fôr por amor, ao menos por piedade!

—Vamos, que nova musica é essa!

—Quando eu te fiz advertir por teu sobrinho que ia n'isto a minha vida, não exagerei.

—Conclue, peço-te por favor. Quem te ameaça?

—O meu irmão.

—O teu irmão Annibal?

—Elle em pessoa. Soube hontem por um criado do cardeal Bibiena, o capricho que havias tido por mim, a minha saída comtigo, e pretende valer-se d'esta circumstancia para se libertar dos credores, esperando, e estas são as suas mesmas expressões, que não lhe recusareis tal satisfação, depois da honra que acabaes de fazer a sua familia.

—Que despejo!—exclamou o Papa—atrever-se a fazer-me imposições!...

—Julgas isso?

—Possuindo como possuo sob o meu dominio todo o órbe terrestre, quando, com um mero aceno, posso fazer com que milhares de fieis se ajoelhem a meus pés, dispôr das suas vontades, forçal-os á obediencia, devo rebaixar-me, por ventura, a dar-lhe o producto das homenagens que

recebo, deverei submetter-me ás ordens do primeiro tunante a quem dê na cabeça fazer-me pagar as suas esturdias, os seus regabofes, os seus vicios?

—Não se trata de vós, Santissimo Padre, não me comprehendeste bem, ou eu me expliquei mal. Não é o Papa que meu irmão ameaça.

—Não faltava mais nada.

—Eu é que sou quem elle ameaça.

—E que queres que te faça? Queres que te livre d'elle?

—É horrivel o que me aconselhas!

—Agora és tu que m'entendes mal. Eu propunha-te libertar-te das suas imposições, fazendo-o prender.

—Não será preciso isso se consentires no que te peço. Elle dentro em breve vae partir para a Allemanha a offerecer a sua espada a não sei que principe, e d'este feitio em breve deixará de me torturar. Porém, se me não vales, e se eu lhe recuso a quantia precisa para elle se equipar, decerto me matará! sim, me matará!...

—Matar-te!

—Bem sabes que é capaz d'isso. Não te recordas da scena que escutaste uma noute em minha casa?...

—Encafuado dentro d'um bahú... lembro-me, lembro-me...

—Pois bem, aquillo não foi nada em comparação da scena de hoje pela manhã, quando me viu regressar a casa, sem um punhado de diamantes. Pretendia que não me podias ter dado menos. Queres que te mostre os signaes das violencias?

E Flora fez gesto de desapertar o espartilho.

—Não é preciso. Acredito.

—Basta dizer que me teria fendido a cabeça com o punho da espada, se não logro fugir-lhe; que agora mesmo me espéra, e que se volto com as mãos vasias...

E aqui a cortezã parou, sacudida de soluços.

—Tem piedade de mim, d'esta infeliz que amas, e que não quer morrer, por muito te amar!...

Depois d'isto Flora recolheu-se a um afflictivo silencio.

—E visita-te a miudo esse teu irmão?

—Sempre no dia seguinte ás noutes que passo acompanhada...

—Então dize que o vês todos os dias?

Flora baixou a cabeça.

O Papa proseguiu:

—Sabes que teu irmão exerce um bonito officio, e consentes em recebel-o!

—Eu sempre queria que me ensinassem um meio de o evitar! Borrachão e bandoleiro de encrusilhada, organisou uma quadrilha de sicarios, qual d'elles mais feroz. Elle, quando ameaça, espanca em seguida. Este irmão é a viva punição da minha vida dissipada.

—Antes mais da tua impiedade.

O Pontifice havia-se tornado grave, e tratava de servir-se d'aquelle recurso que se lhe apresentava para sair-se da difficuldade, evadindo-se a dar uma resposta definitiva ao pedido de Flora.

—Não crês firmemente em Deos—accrescentou—não tens fé bastante nos seus milagres!

Ella ia talvez retorquir-lhe que não viera ali para assistir a um sermão porém elle não lhe deu tempo.

—Esqueces—proseguiu—que o Senhor perdôa uma orgia a quem se prostra no outro dia deante do seu altar. Uma *Avê-Maria* basta a fazer perdoar centenas de phrases de amor. E já que te fallei d'amor, urge que te descubra o fundo do meu coração.

Flora escutava aquelle jorro de eloquencia com um despeito mal contido, pois affigurava-se-lhe haver perdido completamente a partida.

—Por que hontem á noute consenti em descer a desregramentos comtigo, é preciso que não cuides, minha filha, que conquistaste o representante de Deos na terra. Em mim, Pontifice, demasiado indigno, encontram-se duas naturezas distinctas: o homem e o sacerdote. O que o homem se vê forçado a sacrificar ás exigencias da Natureza, o sacerdote resgata-o de continuo por meio de exercicios espirituaes. Não me transvio um instante do trilho da virtude, sem pedir em continente perdão a Deos, movido por um impulso da minha alma.

Flora, que se havia posto de pé, ia retorquir, porém o Papa suspendeu-a com um gesto que não admittia replica.

—N'este momento é o sacerdote que tens deante de ti, e seria desgostal-o gravemente e offender o Crucificado mais gravemente ainda, insistir sequer um instante mais.

A paciencia da actriz ia-se extinguindo, e verdades amargas com que se dispunha a amarfanhar a hypocrisia do amante vinham-lhe aos milheiros á bocca, quando um camarista entreabriu a porta e annunciou que uma deputação dos mendigos da cidade sollicitava uma audiencia de Sua Santidade.

—Dizei-lhes que os vou já receber, disse o Pontifice, felicitando-se pelo incidente que lhe proporcionava evadir-se.

—Então despedis-me? perguntou Flora.

—Não—tornou-lhe. Entra ahi, e espera-me.

E com a dextra indicou-lhe, dizendo isto, uma portasinha parecida com a entrada d'um confessionario d'onde, graças a um ralo gradeado, tudo poderia presencear sem ser vista. A actriz espicaçada pela curiosidade entrou, murmurando:

—Sovina, sovina, e farçante!

O camarista fôra transmittir a resposta do Papa á sala contigua ao oratorio. Esta sala, mais larga do que comprida, sem outra mobilia mais do que algumas filas de bancos forrados de velludo verde, servia de sala de audiencia nos dias que não eram de recepção official.

N'este momento, a arraia miuda de Roma, os *lazzaroni*, os vendilhões ambulantes, os boieiros e os soldados, pareciam ter-se reunido todos dentro

d'ella. Mas, n'aquelle poviléo avido de contemplar a face do Pontifice, o elemento que predominava era o dos pobres e mendicantes de profissão, uma turbamulta de estropiados e de enfermos, cujos sordidos trajos, pustulas, andrajos e muletas davam áquella sala um aspecto de *Côrte dos Milagres*. Havia muito tempo já que aguardavam que o Pontifice levasse a complacencia a recebel-os, e nas faces hypocritas, nos rostos simuladamente beatos, mas de uma devoção desinteressada, adivinhava-se a cupidez do lucro. Era o gato, retrahindo a unha, a fim de sacar mais proveito da sua fingida humildade e mansidão.

Mas de subito as conversações cessaram e cavo silencio reinou na sala. As duas grandes cortinas do fundo acabavam de se descerrar, corridas pausadamente de ambos os lados, e Leão X apparecia magestaticamente sentado n'um throno, tiára na fronte, e em frente do Crucifixo de prata envernizada, gotejando sangue. Uma luz avermelhada, habilmente projectada sobre a Cruz, dava ás chagas da imagem uma côr mais viva, assemelhando-as a feridas, recentemente abertas. A multidão prostrára-se de joelhos. Um mestre de cerimonias mandou pôr em fila os assistentes, para que, um a um, fossem oscular a pontifical chinela. Um mendigo com o rosto crivado de cicatrizes, um olho tapado por uma pála preta, gordurenta e cheia de poeira, arrastou-se, coxeando, e abrindo caminho com a muleta por entre os outros mendigos, disse com voz tosca e colérica:

—Isto não é tudo! Já vimos o Papa, muito bem! Vamos beijar a sua augusta chinela, melhor! Mas acaba aqui a cerimonia? E a esmola? Sim, a esmola? Ninguem trata de a dar!

Estas palavras encheram de um assombro pávido os assistentes. Atrever-se a interrogar o Papa, ainda que fosse indirectamente, pareceu-lhes uma imprudencia inaudita. Á curiosidade da turba pelo Papa, misturava-se, não obstante, a sympathia. O mestre de cerimonias parecia estar perplexo. O Pontifice perguntou:

—O que diz este homem?

—O que, o que digo?—retorquiu o côxo—Digo o que dizem todos que aqui estão, e é que estamos em vesperas de morrer de fome, se vós lhe não puzerdes côbro. No pontificado do outro Papa a contínua ameaça da peste e da guerra, attrahindo os ricos á egreja, mantinha a caridade. Então, não passavamos mal, pois tinhamos para os nossos gastos, e alguns prazeres. Frequentemente, bailei varias noutes ao pé das fortificações com algumas mocetonas, porque então ainda não era côxo. Mas hoje, como a peste se foi, e concluiu-se a guerra, os devotos só empregam o seu dinheiro em dar festas e em construir palacios. Hoje, por mais que nos assentemos nos pórticos das egrejas, ainda as mais concorridas, lamuriando o mais que podemos, recolhemos apenas com que disfarçar a fome.

—E depois, que remedio posso eu dar a isso?—perguntou Leão em tom paternal.—Porque vos vindes queixar a mim de uma perda de fervor e de zêlo, que eu ainda deploro mais do que vós? Quereis manifestar que devo pedir a Deus o reinado da peste ou que cinja uma couraça sobre a tunica, que substitua o morrião pela tiára e desencadeie a guerra como o meu predecessor Julio II? Não! Então de que me accusaes? Que responsabilidade me cabe em tudo isto?

—Sois responsavel de nos haveres feito renunciar o trabalho.

—Eu? Como?

O Papa, proferindo isto, sorria. Rejubilava-se intimamente em prolongar um collóquio, cujo epilogo lhe parecia seguro, e dava áquella escória miuda o gaudio de uma accesa disputa que elle tinha meios de fechar, fazendo que revertesse toda em proveito da Religião.

—Como?—retorquiu o mendigo, alentado pela attenção com que os seus amigos o escutavam,—mandando que os vossos sacerdotes nos prégassem de todos os pulpitos que o dever dos ricos era repartir comvosco os seus bens para que vós repartisseis connosco o dinheiro que não tinhamos nas bolças e o pão que nos escasseava na meza. Não o fizeste evangelisar pelos vossos prégadores? Não o tendes prégado vós mesmo?

—Assim é,—concordou o Papa.

—E disseste-o para vosso ganho e proveito, visto que esperaveis arrecadar para vós uma parte d'aquellas esmolas que deviam passar por vossas mãos...

O côxo havia arremessado a accusação com voz resoluta e serena. A turba estremeceu, porém o Papa quedou-se impassivel.

—A respeito d'esses sermões—proseguiu o homem—teem-nos dito n'elles: Para que trabalhar, quando basta apenas mendigar? Para que ganhar penosamente a vida, quando se póde passar sem fazer nada? E nós, os velhos, abandonamos os officios, e os novos nos deram o exemplo. A religião fez de nós uns folgasãos... E aqui está a razão do meu dito de que é a religião que toca sustentar-nos!...

O mendigo ameaçava já com o gesto. Algumas vozes se levantaram na sala, apoiando a sua, e clamando:

—É verdade! Tem razão!

O mestre de cerimonias, suffocado, acercava-se já do mendigo, e fazia signaes aos lansquenetes da guarda.

Leão X suspendeu-o.

—Senhor,—disse elle, alçando os olhos ao céo, com uncção christã—Senhor, perdoae-lhe que não sabe o que faz!

Pela face do velho relampagueou um clarão de cólera.

—Alimentar-vos eu!—proseguiu o Pontifice—mas como poderia alimentar-vos? Acaso não espero, eu mesmo, repetidamente e em vão da caridade dos fieis o dinheiro necessario para as expensas do culto e para as necessidades da Santa Egreja? Acaso não sou eu o mais necessitado de vós todos pela necessidade que tenho da caridade do mundo catholico? Alimentar-vos eu? Suppõem acaso que possuo o segredo de fazer dinheiro? Prouvesse a Deus!...

Emquanto proferia isto, olhava de soslaio para o esconderijo em que se occultava e espreitava Flora.

—Prouvesse ao Senhor! que elle bem sabe quanto me pesa ter que recusar qualquer cousa!... Vós prorompeis em lastimas acerbas; mas eu mais me compadeço dos vossos malles, do que doésto o que fazeis!... Procedei tambem como eu, que tantos motivos de queixa tenho!... Em logar de vos amotinardes, orae, emplorae o Céo!...

—Palavras! tudo isso são palavras! vociferou o mendigo.

—Não, homem de pouca fé!... Dirige-te a Deus com confiança, e pódes estar seguro de encontrar n'elle um balsamo ás tuas dôres!...

—Deus tem mais que fazer do que pensar em nós!

—Não blasphemes!... clamou o Pontifice, pondo-se em oração... E vós, Senhor, —proseguiu voltando-se para o Christo—se a sua falta de fé não se vos antolha indigna de perdão, escutae os seus rogos, attendei ás suas preces...

—Ora!—exclamou o estropiado, a quem os da sua parceria não se atreviam já a apoiar nas suas audaciosas diatribes—o que quereis que faça em taes apertos o vosso Christo pintado?...

—Christo tudo póde! Roga-lhe!

—Para que? De que servirá isso?

Dizendo isto, o côxo acercara-se do collossal Crucifixo.

—Experimenta ao menos...—insistiu Leão X.

—Suppondes que elle irá dar-me o dinheiro de que careço?

—Quem sabe!

—O que? Faria um milagre!... Julgaes que caio n'essa!...

E ao momento em que isto proferia, esporeado pela cólera, bateu com o punho fechado nos pés do grande Crucifixo. Mas, n'isto, uma cousa surprehendente occorreu. Ao sacrilegio do côxo, que todos esperavam vêr expiar, caindo varejado por um corisco, respondeu uma chuva de ouro. Todas as chagas do Christo se descerraram, e das mãos, dos pés, do dorso, gottejava copiosa chuva de deducados novos e resplandecentes.

Impossivel seria debuxar a estupefacção do povilêo e da arraya miuda dos mendigos, que de chofre caíram de venta e joelho em terra.

O mendigo do palratorio audaz, varejado de espanto e mêdo, fartava-se de beijocar o chão, socando com basta murraça os peitos, clamando...

—Misericordia, Pae do Céo!... Misericordia!... Perdão!...

E o Pontifice santo sorria-se sonsa e piamente.

—Apanhem todo esse ouro,—disse com entono paternal, n'uma bella voz de baixo; e depois de um leve silencio intencional feito para saborear com mais gaudio intimo a victoria sobre a relé miuda: — Bem vistes como Jesus retroca com o bem ao mal... Por isso elle disse: «Se vos baterem na face esquerda, apresentae sem demora a direita!...»

—Misericordia, Pae do Céo!...—regougava o côxo sacudido de suspiros e de rastos, lambusando de beijocas contrictas a pontifical chinela.

—Saíde!—clamou com imperio Leão X,—dirigindo ao mesmo tempo um olhar de intenção ao mestre de cerimonias—saíde! e guardae na retentiva que o Christo tambem disse:—«Desgraçado d'aquelle, por quem o escandalo vem!...»

Proferido isto, o mendigo (e tal facto passou com cheiro de segundo milagre) saíu de tal sorte abalado e commovido que se esqueceu totalmente de coxear. Mas á porta aguardava-o um suisso que lhe tocou com a mão no hombro, em quanto a turba multa piamente, e silenciosamente, se escoava depois de a um e um ir depondo seus osculos no pantufo do Santo Padre.

A maioria, sentindo-se em estado de peccado, relanceava os olhos timidamente para o Crucificado milagrento, sem ousar abeirar-se d'elle; mas ou-

tros mais audazes, caíam de rojo ante a imagem, e de cada vez que, com fervor davam punhadas cheias de fé nos pés sacrosantos que os cravos ensanguentavam, as feridas recentemente abertas deixavam manar um caudal de ricas moedas novas. Quando todos despejaram o recinto, o Papa retirou-se, os cortinados volveram a cerrar-se, e o oratorio ficou deserto. Flora suppunha sonhar. Pallida, tremula d'emoção, escoou-se do seu esconderijo, e foi caír prostrada n'um genuflexorio. Duvidava: e, no entanto, vira e ouvira com os seus proprios olhos. O milagre era irrecusavel. O Christo em pessoa, transmudando as leis da Natureza, dava razão, por uma fórma absoluta, ao seu vigario na terra, fazendo um prodigio indiscutivel. O mesmo Deus se encarregara de prostrar ás suas plantas o bilhostre do mendigo sacrilego. E quem sabe se aquelle milagre não carrearia para ella tambem um aviso celestial, por haver chasqueado ha pouco do Padre Santo e do filho de Deus testemunha das suas chocarrices? Flora, com a cabeça acurvada no peito para esponjar do espirito o espanto que se apossara d'ella, procurava convencer-se de que em tudo que presenciara nada havia de maravilhoso. Mas, mau grado todos os seus esforços, não podia conseguil-o. Para a tranquilisar seria talvez preciso narrar-lhe o seguinte, que só um individuo sabia em Roma.

N'uma tarde do mez de Março de 1513, no mesmo mez em que o cardeal de Médicis fôra eleito Papa com o nome de Leão X, um homem passava pela Praça de Santo Agostinho saíndo do palacio de Chigi.

Este homem que teria então uns cincoenta e um annos era aquelle mesmo Pedro Torregiani, esculptor florentino, que trabalhando um dia na capella do Brancaci com Miguel Angelo, seu condiscipulo, lhe applicou na face tão asselvajado murro que lhe quebrou o nariz, desfigurando-o para toda a vida.

De subito Torregiani sentiu-se agarrar por um braço, e antes que podesse tentar resistir, alguns individuos cujos rostos não poude lobrigar, pois lhe ataram uma venda nos olhos, o manietaram e amordaçaram.

Julgando entrevêr n'aquella violencia o usual procedimento dos Papas, encommendava já a alma a Deus, quando depois de muitas voltas, e depois de ter subido e descido muitas escadas, encontrou-se n'uma sala baixa, em que, liberto da mordaça e da venda, se achou em frente de um homem de estatura mediana, bastante encorpado, o rosto tapado por uma espessa mascara.

O desconhecido perguntou-lhe:

— És o esculptor Pedro Torregiani?

— Sou.

— Achas-te com forças para executar este modêlo?

E o mascarado indicava-lhe uma pintura que representava o Christo.

— De que materia se ha-de fazer? — perguntou o esculptor, cujo pasmo ia crescendo de ponto.

— De prata.

— De que tamanho?

— Natural.

— Bem.

— Uma vez a esculptura feita, saberás pintal-a como a d'este modèlo, de modo a dar-lhe a apparencia da vida?

— Não sabes tu, quem quer que sejas que me interrogas — tornou Pedro Torregiani, — que eu fiz isso mesmo com um Christo de barro cosido que me enviaram de Hespanha?

— Sendo assim, não terás inconveniente em repetir a operação?

— Se me derem o tempo sufficiente...

— Quanto te será preciso?

— Um mez.

— Bem. Durante esse mez serás meu prisioneiro. Aqui encontrarás todos os utensilios da tua arte, e só sahirás quando déres por finda a obra.

O esculptor guardou silencio. Talvez que tenha cahido sómente, pensou de si para si, nas mãos de algum fanatico amigo das bellas artes que suspeita, não sem razão, do meu genio de vagabundagem... E para acabar de se convencer, perguntou:

— E se eu me negasse a executar este trabalho!...

— Se te negasses... retorquiu o desconhecido. Mas tu não te negarás, não é verdade?...

— Quem te affirma isso?...

— Não tornarás a vêr tua mulher e teus filhos senão no dia em que o Christo seja cravado na sua Cruz.

Torregiani não estremeceu; mas começou a suspeitar que tinha que se haver com um personagem differente do fanatico amigo das bellas artes que se lhe figurára ao principio.

— Posso prevenir minha mulher da minha ausencia, n'uma carta?

— Porque não? Escreve-lhe que partes para Florença, e que ao cabo d'um mez estarás de volta.

O esculptor escreveu a carta. O desconhecido leu-a, antes de cerral-a.

— Vou envial-a ao seu destino, disse, fechando-a. Quinhentos ducados é o que lhe mando agora, á conta da tua obra. O preço total d'ella tu proprio o fixarás, e fio-me na tua consciencia. Porém, se queres que a carta e a somma cheguem ao seu destino, e encontrar no teu regresso tua mulher e teus filhos...

A estas palavras o esculptor estremeceu.

— É preciso — proseguiu o mascarado — que me jures pela tua honra, e deante de Deus, não fallares nunca a ninguem, nem a tua familia, n'esta aventura, e executar esta pintura com docilidade, sem surprehender-te das indicações escriptas sobre ella... por estranhas que te pareçam.

— Juro guardar o segredo d'este trabalho. Ante Deus e pela minha honra, o juro!

— Está bem.

E depois d'estas ultimas palavras o desconhecido affastou-se.

O artista teve com effeito que executar uma obra caprichosa. Aquelle Christo macisso na apparencia, que á primeira vista parecia não ser mais do que um objecto de arte, occultava orificios secretos, uma rêde de tubos

que desembocavam por detraz, n'uma placa aberta mesmo na Cruz, e por deante nas chagas dos pés, das mãos e das costas do Crucificado. O mechanismo era completado por uns botões de metal, habilmente dissimulados sob os cravos e cujos botões repoisavam sobre mólas que faziam da machina um artefacto prodigioso.

Tranquillisado o esculptor depois que prestára o juramento, bem alimentado, bem alojado, e sem ter em quem desafogar a sua bilis que n'elle era habitual, trabalhou com ardimento e consciencia. Mais d'uma vez se desentranhou em casquinadas de riso ao observar aquella complicação mysteriosa de valvulas, de ranhuras, cujo mister não comprehendia.

Á medida que os dias decorriam e o trabalho avançava, Pedro sentia-se preza de inquietação, e reapparecia n'elle o indomavel caracter. Inquietava-o intimamente a idêa de se o deixariam ali perennemente, esquecendo-se de lhe pagarem e de o pôrem em liberdade. Porém, na noute mesma em que deu parte ao carcereiro de que a obra estava finda, o desconhecido reappareceu, sempre mascarado, entregou ao esculptor o dobro da somma ajustada, e depois de lhe exigir de novo a repetição do juramento, fêl-o conduzir á praça de Santo Agostinho, onde com identicas precauções das da noute da captura extranha, foi posto em liberdade, sob o céo de Roma. Ao vêr-se em plena rua ao ar livre, o esculptor encheu os pulmões com largos haustos de alegria e ar novo, e correu a casa.

Mas apenas tivera tempo de abraçar a mulher e os filhos, que o esperavam com impaciencia, quando deu fé d'um sacerdote que havia entrado antes d'elle na sua officina de esculptura, para comprar uma Virgem de marmore, a sua obra ultima.

—Monsenhor deseja comprar esta estatua? perguntou o artista. Advirto-o de que não se póde vender...

—Porque?

—Foi-me encommendada pelo duque d'Arcos.

—Quanto vos dá elle por ella?...

—Quinhentos escudos d'ouro.

—E eu offereço-vos mil.

O esculptor vacillou, esporeado pela cupidez do ganho, e assombrado. Metade da somma era mais que sufficiente a pagar a estatua.

—Não sei—tornou—se devo...

—Cumprireis o vosso compromisso com o duque d'Arcos, fazendo outra.

Tanto insistiu o sacerdote que o esculptor por fim accedeu na venda.

Um quarto de hora depois acompanhava o padre á sua residencia, e recebia em troca da esculptura uma bolsa abarrotada de ouro. Mal se achou na rua, descerrou a bolsa, para ir fazendo a contagem do dinheiro pelo caminho, mas oh! pasmo! o sacco continha apenas miuda moeda de réfece valor, que ao todo prefaria a somma de dez escudos...

Seria equivoco do sacerdote?

O pintor voltou sobre seus passos, e penetrando em casa do comprador, disse-lhe:

—Monsenhor equivocou-se...

—Tereis a bondade de dizer-me em que?... perguntou Hochstratten, pois era o grande inquisidor em pessoa.

—A bolsa contém apenas dez escudos...

—Acaso não é esse o preço ajustado?...

O sangue crepitando-lhe vivamente nas veias subiu á face do esculptor, pondo-lh'a n'uma braza viva, pois entreviu um aboiz, uma esparrella clerical, debaixo de todo este farellorio. Deu um passo á frente e fez gesto de se apoderar da estatueta.

—Devagar, um pouco!... disse o sacerdote. Essa Virgem é minha...

—Vossa?... tartamudeou o esculptor, cuja colera crescente parecia prestes a explosir. Vossa, ladrão!... Nunca! mais depressa...

E com o olhar chispando que circumvagava pela sala, procurava qualquer cousa. O sacerdote porém mantinha-se inabalavel.

De subito Torregiani enxergou um ferro do fogão, e lançando mão d'elle, d'um salto pulou para o lado da estatua, regougando:

—Mais depressa farei a Virgem em cacos...

E de facto, d'uma cacheirada só fez a virgem em fanicos. O padre, porém, sorrindo com ar de victoria fez um signal decerto convencionado, e dous homens até então occultos irromperam bruscamente pelo quarto dentro.

—Sêde testemunhas d'este sacrilegio!—clamou Hochstratten—em quanto os dous mafarricos atavam e garrotavam Pedro Torregiani.

Enclausurado n'um *in-pace* do Santo Officio, o artista foi condemnado á fogueira d'um *auto de fé*, por ultrages a uma imagem da Virgem. Aquelle caracter indomito, porém, não quiz proporcionar aos seus inimigos o espectaculo do seu supplicio. Quando o foram buscar ao covil do carcere encontraram apenas o seu exangue cadaver. Com um caco do cantaro da agua, que quebrara, conseguira rasgar as veias.

Outros historiadores, bandeando-se da opinião de Versari, asseguram que se deixára morrer de inanição. Prevaleça porém este ou outro alvitre, o que é certo é que Leão X ao saber pelo grande inquisidor a nova da morte de Torregiani, quem observasse o Pontifice n'aquelle momento ouvil-o-hia murmurar sumidamente:

—Agora já o Christo pode fazer milagres!...

E nós acabamos de vêr por que modo o Christo do Papa representava galhardamente o seu papel.

Flora ergueu-se bruscamente de pé.

—Vamos a vêr, disse, levantando a voz.

Relanceou um olhar investigador em roda do aposento, e não viu ninguem, pois não podia lobrigar o Papa que, com a face collada ao vidro d'uma claraboia, e fazendo gestos a seu sobrinho para que o imitasse, a espiava da parte de fóra.

A cortezã dirigiu-se em passo decidido e resoluto para o Christo, com os formosos olhos chispando cubiça de dinheiro. Como uma segunda Da-

nae, alçou e estendeu a saia, para receber n'ella a sonora chuva de ouro que esperava vêr novamente jorrar das feridas do Christo.

—Vamos—disse ella, sorrindo com um sorrisinho de scepticismo—corre sobre mim fonte maravilhosa! encharca-me de ducados!...

E feriu uma pancada secca sobre os cravos dos pés da imagem. Mas, horror! sangue foi o que unicamente golfou das feridas gottejantes do Crucificado.

Dos pés, das mãos, de todo o dorso chagado, começou a cascadear sangue: grossas gottas carmezins escorregavam e rolavam tambem pela face do Christo coroado de espinhos, e enlaivavam o vestido da cortezã, azorragavam-lhe o rosto pallido, as mãos pávidas e tremulas.

A misera exanime, fraquejando, semi-desmaiada, cambaleava nas pernas. E como o mendigo supplicou tambem:

—Misericordia, Pae do Céo!...

Queria fugir, não podia. Se os jorros da sangueira tivessem continuado, decerto que ella teria alli caído, varejada de mêdo.

Felizmente a sanguinolenta cascata não esguichou mais.

Flora, sem se atrever sequér a voltar o rosto, temendo vêr o aspecto indignado do Christo a fixar n'ella olhos tôrvos de cólera, ou a fazer-lhe gestos de ameaça com a mão, fugiu atabalhoadamente da sala, observada sempre de longe pelo Pontifice, que dando uma volta á chave do mechanismo do Christo, acabava de o preparar para uma segunda cataracta de peças de ouro.

Flora, no emtanto, correndo como desasisada, chegava de galgão a uma bica d'agua aonde tratava de lavar-se, extraordinariamente succumbida.

—Miseravel que tu és!... eiciava flébilmente como um gemido,—duvidaste da Omnipotencia Divina! E agora terás mais o despejo de duvidares?... Atrever-te-has mais a continuar na tua vida impenitente e airada?

Emquanto esfregava com força as mãos e o rosto na agua da bacia do marco fontenario, magicava comsigo em que mosteiro deveria ir claustrar-se e cingir um cilicio, fanar-se e envelhecer, macerando-se na oração e nos jejuns, devotada toda de corpo e alma a Deos e á contricção, como Magdalena, a peccadora das peccadoras, a quem Jesus déra o evangelico perdão.

—Sim, dizia de si para si, só as disciplinas, o cilicio, a camisa de téla grossa, o cinto de cravos, é que me podem remir... É preciso que o meu sangue corra aos gorgolhões, para expiar tudo o que as minhas blasphemias e chocarrices fizeram gottejar ao Crucificado!

—Dize-me lá, guapa cachopa—chilrou uma voz sonora ao seu lado—queres que eu com um beijo te enxugue a cara?...

A nova Magdalena arrependida voltou-se escandalisada.

Quem assim fallava era um soldado suisso, moçoilo bem apessoado, de cabello um tanto grisalho, porém ainda garanhão. Era o mesmo que poucos momentos antes tocára no hombro do estropiado.

O suisso ria, pelos modos, com um gaudio muito satisfeito, e tratava de abraçar Flora.

A dama porém persignou-se, ruborisada.

—Então que é isso, arisca?... Estará a *signora* entregue ás suas devoções?... Terá sido acaso a *signora* testemunha do milagre?...

A bella não poude então deixar de levantar ao céo os affligidos olhos.

—É talvez isso,—continuou o *raitre* [1] com um entono chocarreiro—o que dá escrupulos á *signora*. Pois bem, quer vêr a *signora* um outro milagre?...

Ella, quasi que assustada, fez um gesto de espanto.

—Não ha de que ter mêdo... Olhe ao menos de lado... Nem assim?... Pois então escute ao menos...

E pôz-se a chocalhar o conteúdo dos bolsos, dentro dos quaes saltavam innumeras peças de ouro, produzindo uma alegre tocata. Flora então levantou a cabeça.

—Que vos parece?... Tinha ou não razão, para vos annunciar um milagre?... Ha acaso algum maior do que vêr os bolsos de um soldado do Papa cheios de ricos ducados novos, com as armas de Sua Santidade?... Que dizeis a isto?...

A actriz guardava um silencio de sepulchro.

O suisso pegou-lhe no braço.

—Vamos, por Deos deixae-vos convencer!! Acabo de obter uma espinhosa missão, ainda que não muito difficil. Comtudo é bem paga, como podereis ter sido testemunha de ouvido. Deixae-me pois que a reparta comvosco, antes do que com outra. Visto que vos conheci, seria grande o meu dissabor de fazer esta repartição com outra beldade, outra que não teria decerto essa bocca, esses hombros, esses braços...

E baixando a voz descia a pormenores mais intimos. Flora, porém, permanecia no seu mutismo marmóreo.

—Agora julgo descortinar—proseguiu elle—que é o milagre de ainda agora que tanto vos desnorteia. Eu poderia dizer-vos alguma cousa a tal respeito, porém acho melhor não me intrometter em cousas taes... Se é o peccado o que vos entibia, nada de sustos! Com uma oraçãosita tudo se liquida... Uma *Avè-Maria* a proposito serve para tapar muito peccadilho...

Flora escutava attentamente.

—Amanhã vaes confessar-te—proseguiu o soldado—e é como se tal cousa não tenha havido...

E em voz baixa, muito baixa, ajuntou em seguida:

—É assim tambem que faz Sua Santidade...

Ella sorriu, com um sorriso que sem duvida lhe ficava a matar, porque o suisso exclamou:

—Leva-me aonde quizeres!... Todo o meu dinheiro é teu... D'uma cacheirada só. apanhas um rico, e fazes um bemaventurado!... Vamos, dá-me a tua branca mão... Fica ajustado...

Flora tambem d'esta vez não respondeu: mas decerto para o não affligir, deu ao soldado a sua branca mão.

E em quanto o suisso lhe dava o braço, ancho de gozo e retorcendo o marcial bigode, a actriz dizia de si para si:

—Se tal faço afinal é para livrar meu irmão Annibal do peccado da ira!...

[1] Nome que se dava antigamente ao soldado de cavallaria allemão.

CAPITULO VIII

A Miseria transformada em ouro

Ao findar a missa do Papa, o frade agostinho que conhecem já os nossos leitores, havia perguntado aos conegos do Pontifice aonde poderia ser admittido á audiencia de Sua Santidade.

O conego conduziu-o a um intendente, que por sua vez o confiou a um mordomo, o qual o indicou a um pagem, que o fez acompanhar por um soldado.

Ao frade tel-o-ía antes escandalisado um tal luxo de famulagem; mas já agora nada o escandalisava. Ao chegar ao ultimo patamar d'uma escada de marmore branco de degraus muito baixos, como construidos expressamente para pernas de velho ou de doente, o suisso introduziu o frade na bibliotheca, e deixou-o só, depois de lhe ter dito:

—Esperae.

Aquella bibliotheca celebre é admiravelmente disposta e rutilamente illuminada pela luz do sol que n'ella cascadeia, atravez de largas aberturas praticadas na peripheria da abobada, e que se abrem sobre os jardins do Vaticano. As estantes, feitas de' madeiras preciosas, que correm ao longo das paredes da sala encerram livros de encadernações luxuosas, muito raras n'aquella época, além de manuscriptos seculares, com artisticas illuminuras.

O frade, preoccupado como estava, não se demorou a admirar aquella architectura notavel, nem aquelles tectos de pinturas de fama, nem aquelle pavimento de marmore sobre o qual fileiras d'estatuas o contemplavam dos seus pedestaes.

Abstracto a tudo, e entregue a seus pensamentos, ficou em pé e immo-

vel, com a fronte meio pendida e assombrado, como quem acaba de vêr perto de si coriscar o raio. A cada passo que dava na cidade pontificia, uma terrivel vertigem lhe fazia redomoinhar a cabeça, como um homem que se entretem a olhar a fundura d'um abysmo. Cheio d'asco, ao mesmo tempo que varado por um infinito desgosto, não sabia se devia chorar, se devia chasquear do que via. Conhecendo o fel extravasar-se-lhe no coração, sentia ao mesmo tempo impetos de se desentranhar em casquinadas de riso terriveis e esmagadoras. Mas emquanto elle se recolhia em mil pensamentos desmanchados, ouviu soar duas vozes, uma das quaes sobretudo o fez estremecer. Correu para a porta que ficara entre-aberta, e d'ali viu subir pela escada de marmore dous homens, um d'elles alto, pallido, cingindo o negro habito, o outro grosso, avermelhado, vestindo o habito dos dominicanos. Era Hochstratten e Tetzel, dirigindo-se ambos para a bibliotheca. O frade agostinho ía a retirar-se da porta, para não ser surprehendido observando-os, quando uma palavra dita pelo inquisidor o fez meditar.

—Talvez se atrevam!...—murmurou comsigo.

E com um relance d'olhos percorrendo a bibliotheca avistou um reposteiro, atraz do qual n'um instante se escondeu. Este reposteiro separava a bibliotheca da galeria chamada obscena, em que se encontra a collecção d'esculpturas antigas, alfaias, amuletos, anneis, vasos de fórmas excentricas, baixos relevos encontrados na Roma pagã, e com os quaes a Roma catholica formou o seu museu pornographico reservado. Tivera apenas tempo de occultar-se detraz do reposteiro, quando os dous entraram na bibliotheca. Mas logo, mal chegaram, baixaram a voz, e o frade viu que o inquisidor designava ao seu companheiro alguem que chegava pelo lado opposto.

Era Leão X.

Paternalmente apoiado a seu sobrinho Lourenço, o Papa ria, quasi com as lagrimas nos olhos, do susto d'aquella pobre Flora, e se divertia á custa da sua subita devoção, e do seu não menos repentino regresso aos seus peccados antigos.

—Agora—dizia pensando no suisso—está depenando aquelle pobre homem... Pobre Flora! No fundo é uma excellente rapariga, e muito magana...

E dizendo isto, o Papa cerrava os seus pequenos olhitos, e recomeçava as suas casquinadas de riso apertando a barriga com as mãos.

De repente deparou com Tetzel e o seu feroz introductor. De subito tornou-se grave, e cubriu-se, como geralmente se diz, de uma cara de respeito.

Com um sorriso affavel despediu o sobrinho, que se retirou silenciosamente.

—Não me resta duvida—pensava o frade agostinho—aquella cortezã queria fallar ao Pontifice... Que ignominia!

—Quem é este padre?—perguntou Leão X a Hochstratten, indicando-lhe Tetzel—é o individuo de que me fallaste?

—Em pessoa.

Leão X examinou rapidamente aquella physionomia em que estava potentemente vincada a garra de todas as paixões violentas, e como este exame o enchesse de gaudio intimo, disse:

—Bem. Sentemo-nos.

E repoltreou-se na cadeira, fazendo gesto ao inquisidor para que fizesse o mesmo. Hochstratten porém inclinou-se, preferindo ficar de pé! Mas Tetzel sem se deter com palacianas etiquetas precipitou-se na cadeira que o superior não quizéra occupar, e estirou as pernas robustas, sentando-se á sua commodidade, sem mostrar attentar na face pasmada do Pontifice.

Ambos estavam suspensos entre o céo e a terra, agarrados á escada de corda com uma só mão, balanceando-se á mercê de uma terrivel ventania.

Cap. x.

—Não esperdiça cumprimentos o teu frade—murmurou o Papa ao ouvido de Hochstratten.

—Estou d'accordo. Tambem não vol-o proponho para cortezão.

—Para que é então que m'o propões?

—Ides sabel-o.

Estes trez personagens estariam distantes uma duzia de passos do re-

posteiro, atraz do qual se occultava o frade agostinho. Felizmente para elle, Leão X e Tetzel, collocados um ao lado do outro, fallavam voltados para a banda onde elle estava. O inquisidor, de pé entre os dous, estava precisamente defronte d'elle. Os trez suppondo-se a sós tomaram por unica precaução o baixar a voz.

Mas apesar d'isto e da distancia, nem uma só palavra escapou ao agostinho allemão.

—Podemos fallar—disse Leão X.

Tetzel abriu a bocca, e ia para começar, quando Hochstratten o suspendeu.

—Perdão, disse elle.

E dirigindo-se ao Pontifice disse-lhe:

—Annunciei-vos uma mina de ouro, e nada exagerei:—a mina de ouro existe! Porém convinde em que aquelle que a descobrir merece uma recompensa. Quando se vae a um paiz desconhecido é costume pagar antecipadamente aos guias. Um segredo perde o seu valor desde o momento que deixa de o ser.

—Comprehendo-te!—respondeu sorrindo o Papa, que esquecera completamente Maria, preoccupado pela questão de dinheiro.

Satisfeito do curso singular que a conversação ía tomando, accrescentou:

—Desconfias de mim, não é verdade?...

—Santo Padre! como podeis suppôr tal?...

—Não te censuro por isso. Pago-te na mesma moeda.

—Muito obrigado.

—Não por isso.

Tetzel disparou uma estrepitosa gargalhada, o que accrescentou o bom humor do Papa.

—De sorte que—proseguiu—não te sentes disposto a descobrir-me a tua mina, senão depois de teres recebido o teu salario...

—Diabo!

—Não és como os medicos que só cobram o valor das visitas, depois da cura?

—A cura n'este caso é tão certa, e os meus honorarios tão insignificantes...

—Recordo-me que com effeito disseste-me: Não tereis que desembolsar um ducado...

—E torno a repetil-o.

—E accrescentaste, quando te perguntei quem lucraria com o negocio: Vós primeiro, depois a religião, e por ultimo a nossa ordem.

—Não póde ser mais fiel a vossa memoria.

—Ainda bem. Queres que te diga que eu magico commigo que a tua ordem ganhará mais do que ninguem na tal mina?... Dize a verdade!...

Hochstratten, que não via rasões para estar com mais tapadouros e embuços, affectando um ar bonachão e simplorio, respondeu no mesmo entono:

—Sim!... Sim!... Bem poderá ser...

—Vamos lá, vê então pouco!... De que se trata?

—Eis aqui o caso em duas palavras:—o meu segredo e o meu agente

pertencem-vos desde o momento que vos digneis escolher na minha ordem o primeiro santo que tenhaes de canonisar.

—É tudo?

—Como vêdes, o que vos proponho não vos custa caro!...

—Sempre ha-de custar alguma cousa.

—A nossa ordem, apesar da sua pobreza, custeará metade das despezas.

Apesar do inquisidor fallar d'este modo, intimamente dizia comsigo que a Santa Sé é que as havia de custear todas. E por seu turno o Pontifice estava seguro tambem de que encontraria meio de fazer carregar com o onus todo aquella ordem tão pobre.

—Vamos—disse—vejo que não ha meio de te recusar cousa alguma. Acceito, está dito.

—Oh! contae com o meu entranhado reconhecimento e gratidão...

E caíndo no solo, joelho em terra, tocou subtilmente no hombro de Tetzel, que já caído em modôrra em breve começaria a dar o escandalo de ressonar em frente do Pontifice. Levantando-se atabalhoadamente, o frade fez tambem a sua genuflexão.

—Fica pois combinado;—proseguiu o Pontifice, quando os dous se ergueram—o primeiro santo que eu inscrever no kalendario será escolhido na ordem de S. Domingos.

O inquisidor esfregava as mãos, apopletico de satisfação.

—Sim, porém—tornou o Papa, reflectindo—a verdade é que depois do vosso fundador, os santos não teem abundado muito na vossa ordem.

—É precisamente por isso que eu vos peço que façaes um.

—Comprehendo perfeitamente.

—Os mosteiros, mesmo ainda os mais modernos, quer a regra seja mais ou menos severa, teem todos pelo menos uma duzia de bemaventurados para apresentar como estimulo aos fieis e aos noviços. Estes exemplos resolvem as vocações, fortalecem os professos, e estimulam os que se estreiam, que sentindo-se espicaçados pela santa espora da emulação, querem merecer á custa de macerações e cilicios, um banquinho no Paraizo, e emquanto o banquinho não vem, vão obtendo um mausoléo de apparato, fecundo em milagres, e mais rico do que os dos conventos de ao pé da porta.

—Isso sim, que é o verdadeiro negocio!...—disse o Papa rindo com um riso bonachão. O que vós quereis é a vossa capella privilegiada com um santo milagreiro, á qual corram em tropel as peregrinações dos fieis, que vos sirva de pretexto para as dadivas dos doentes, para os *ex-votos*, para as esmolas, para as procissões...

—Censuraes-nos por isso?...

—Não, decerto. Figura-se-me só que a pretensão da tua ordem me põe n'um grande aperto. A difficuldade não está em fabricar um santo, pois o Deus Padre não está lá em cima a investigar o estado civil dos bemaventurados que Roma lhe manda. Mas seja como fôr, urge que a opinião publica, ainda que fracamente, designe o beatificado, e, torno a repetir-te, não vejo na tua ordem frade algum recommendavel... a não seres talvez tu!

—E ainda assim...—aventurou Tetzel, que foi interrompido pelo Pontifice.

—E ainda assim—repetiu o Papa—seria preciso esperar pela tua morte, o que delongaria o negocio por algum tempo...

—Assim o espero, disse o inquisidor.

—Quem sabe!

Um gélido silencio reinou depois d'estas palavras, e entre Hochstratten e o Papa cruzou-se um olhar que esfriou o tom da conversação.

—Afinal—continuou Leão X—já pensaste em algum?

—Ainda não, ou para melhor dizer, temos pensado em muitos dos nossos frades: a eleição porém não teve logar ainda. Um conselho composto dos nossos superiores mais illustrados deve occupar-se d'isto na ultima eleição, de que espero noticias. De toda a maneira o nome do pobre homem não faz ao caso!

—Decerto. Seja qual fôr o nome do homemsinho comprometto-me a dar-lhe passaporte para entrar no Céo...

—Não hade tardar muito que o conheçaes, disse Tetzel. Por carta que recebi esta madrugada fui informado de que a eleição recaíra n'um velho chamado... chamado... Não me lembra o nome... mas isto pouco importa... um velhote muito notavel pela brandura do genio, brandura que ninguem possue como elle. Uma paciencia!...

—Devéras?—perguntou o Papa com incredulidade.

—É como tenho a honra de declarar a Sua Santidade.

—Este velhote mostrava pelas obras de Deus tal carinho, e um respeito tão edificante pelo mais réfece insecto, que desde a edade de dezeseis annos que entrou para o convento, até á hora da sua morte, não quiz despir nem mudar nunca a camisa, nem o habito, só para não molestar os innocentes piolhos que lá moravam.

O frade ria com ruidosas casquinadas: e o Pontifice imitando-o, piscando os olhos quasi chorando, apertando o ventre, clamava:

—Ah! Ah! Ah!... Eis uma virtude que me falta... Ah! Ah! Ah!... Tal genero de piedade não está ao alcance de todos!... Ah! Ah! Ah!...

—Não é verdade que é um santo raro?... perguntou Hochstratten.

—Rarissimo. É preciso não perder a occasião de canonisar tal homensinho. Não se encontra um assim todos os dias! É até uma excellente peça pregada aos meus successores que terão de procurar muito, primeiro que encontrem um phenomeno como este!... Ah! Ah! Ah!...

O Pontifice porém enganava-se: e ficaria muito pasmado n'aquelle momento se alguem lhe dissesse que, tres seculos e meio mais tarde, um outro Pontifice, do seu mesmo nome, haveria de encontrar um piolhoso egual ao qual poria a aureola de santo tambem... [1]

—Para os outros santos, porém—continuou suffocado de casquinadas Tetzel—é que a graça vae ser pesada! Como elles se vão coçar!... Vão pôr o pobre velho de quarentena!... Como as santas se vão coçar tambem!

As risadas estalaram então escandalosas. Por fim, depois de muito ter oscillado com riso o empansinado ventre de Tetzel, e do Pontifice quasi ter chorado de gaudio, rebolando-se na cadeira, disse, apertando as ilhargas:

[1] S. Labre canonisado por Leão XIII, e cujos piolhos conjunctamente com os do santo Leão X, devem ter tornado bem sordida e mondongueira a morada dos Céos. —(*N. do T.*)

—Basta de já tratarmos mais do tal santo. É um assumpto tão picante que eu sinto já umas enormes comichões pelo corpo...

E effectivamente o Papa coçava-se, mesmo no meio das risadas, furiosamente: o inquisidor tambem se coçava: e Tetzel coçava-se com furia tal, que parecia que todos os santos piolhos do piolhoso santo lhes tinham saltado para as carnes.

—Portanto, está combinado, disse Hochstratten, visto que me daes a vossa pontifical palavra...

—Pontifical o mais possivel, accrescentou Leão X.

—Estou satisfeito.

—Ainda bem.

—E agora em troca d'este santo, até agora anonymo, com que nos brindaes, faço-vos presente do meu discipulo Tetzel, que aqui está...

—Rico presente! murmurou o Papa, fazendo uma carêta.

Este gesto não escapou a Hochstratten, que proseguiu:

—Tetzel que brindará Sua Santidade com tantos saccos d'ouro quantos eram os piolhos que moravam na roupa do dito santo.

—Diabo! disse o Papa, isso é exaggerar!...

—E não diz tudo, affirmou Tetzel, levantando-se.

Leão X pôz-se sério.

N'aquelle momento pareceu-lhe que o reposteiro do fundo se movera: porém attribuiu isto ao vento que penetrava pela janella aberta, e fez signal a Hochstratten para que a fechasse.

—De sorte que—disse o Pontifice a Tetzel—tu suppões ter tido uma idêa?

—Não a inventei eu, nem pretendo assacar-me tal importancia. A idêa já occorrêra antes de mim a um dos vossos predecessores, o mais notavel de todos, segundo a minha humilde opinião...

—Aposto em que te referes a Alexandre VI?—interrompeu o Pontifice.

—Justamente: e alegro-me de estar de accordo comvosco n'este ponto—respondeu Tetzel. Alexandre VI tinha, pois, descoberto este soberbo recurso, e não atino porque não pôz a idêa em execução, ou para melhor dizer, suspeito-o...

—Dize-me,—perguntou o Papa—o teu projecto não consiste na venda das indulgencias?...

A isto o frade agostinho, occulto por detraz do reposteiro, extremamente pállido, ouvindo fallar na venda das indulgencias, estremeceu de cólera.

—Bravo! Bravissimo!—exclamou Tetzel—pozestes o dedo mesmo na chaga! Dá gosto fallar com quem nos comprehende! Na venda das indulgencias precisamente está o *quid*, porém dando ao negocio maior latitude do que a que lhe queria dar Bórgia.

—E como? perguntou o Papa.

—Ah! Esta é que é a minha idêa! o meu segredo! e que só a mim pertence! Sabeis, voltando ao Bórgia, porque é, que elle abandonou a famosa idêa? Porque para a explorar faltava-lhe nada mais do que um homem da minha pujança, e porque raras vezes um mesmo seculo produz o pensador que concebe o projecto, e o obreiro que o ha-de executar!

Emquanto assim fallava, Tetzel alçava arrogantemente a cabeça de testa mesquinha, estirava o carnudo labio, e fazendo agitar as mangas do habito punha a descoberto dous alentados pulsos capazes de racharem um pulpito com um murro taurino. Ao mesmo tempo nos olhos relampagueavam-lhe raios de orgulho, de confiança inabalavel na sua força, o que lhe dava um aspecto raro.

Leão X deixava-se subjugar por aquella força, que ainda que bestial, era emfim uma força.

Não escapou a Tetzel o effeito que as suas palavras e gestos haviam produzido, e cobrando alento no olhar significativo que lhe dirigiu o mestre, continuou n'um rapto da sua charra eloquencia:

—Vender as indulgencias pelas almas do Purgatorio, é uma idêa que effectivamente não é má! Dizer aos fieis: Os vossos caros parentes defuntos, ou amigos, eram uns bilhostres, que sem a menor sombra de duvida estão a estas horas sendo tisnados nas brazas vivas dos infernos, porque para alar-se de roldão ao Paraiso, é preciso ser inviolado e puro como os anjinhos! Pois bem! Quereis acabar com o desgosto de elles serem reduzidos a torresmos? Quereis que não tenham de estar esperando nas fogueiras, seculos e seculos? Pagae ao Papa por cada seculo um ducado, que o Pontifice untará as mãos de S. Pedro, e rezae esta e esta oração, que os vossos finados alar-se-hão ao céo, tão certo como vós não pensardes senão no inferno! Seguramente que isto era uma boa idêa!...

—Assim me parece, disse o Papa.

—Pois a minha idêa, a idêa unicamente minha—ajuntou Tetzel—é cem vezes mais sublime!... É vasta como o Oceano e como elle inexgotave!... Resgatar as almas dos mortos!... Mas quantos vivos ao todo é que se preoccupam com as almas dos mortos?... Quasi nenhuns, uma miseria, muito poucos! Não lhes basta terem que pensar na sua! Pagar o céu aos amigos! A caridade bem entendida começa por nós mesmo! Salva-te tu primeiro, que depois salvarás os outros! Minhas senhoras e senhores:—gritava o frade, inflammando-se,—é por vós mesmo agora que trabalhaes! Cada ducado que tiraes das algibeiras e pondes na palma da minha mão, que eu remetto fielmente á Santa Sé, representa um peccado que apagaes, e a cuja expiação poupaes as vossas alminhas! Acaso tendes mentido, perjurado, roubado, violado, queimado, assassinado: violado, ainda que seja a senhora vossa irmã, assassinado ainda que seja o senhor vosso papá? Que importa! Não tendes mais que pagar em proporção do vosso crime e eis-vos mais candidos do que a neve, mais innocentes do que a terneirinha balando!... Sem isto terieis que ser tisnados e assados por milheiros de seculos voltados ora de um lado, ora do outro, pelo espêto de Satanaz, ou ser fervidos e refervidos nas caldeiras luciferinas! Pois nem sequer chegareis a provar as fogueiras de Lucifer nem a sua rubra caldeira! Subireis ao Paraizo nas azas dos seraphins, sem que se chamusque um só cabello da vossa cabeça, sem uma queimadella unica na vossa pelle, e as Virgens e os Martyres deleitar-vos-hão com doces accordes de musica, tal e qual como se fosseis o proprio S. João em pessoa, ou a mesmissima Virgem Maria!...

—Que homem!—exclamou o Papa maravilhado.

Mas quando Tetzel ia a proseguir, interrompeu-o, dizendo:

— E acreditarão tudo isso?...

— Acaso duvidaes da bestialidade dos crentes, vós um Pontifice!...

— Não duvido da sua imbecilidade: tenho muito medo da sua avareza!

— Mas se lhe hade saír isso tão barato!... Demais, para obterem o céo, até poderão roubar!...

— Como assim? perguntou o Papa com assombro.

— Bem singellamente. Acaso não ficarão absolvidos?...

— Antecipadamente?

— Está claro. É precisamente n'isso, que ouso dizer que está o mais sublime e genial da minha combinação, e o que a põe ao alcance da bolsa de todo o mundo.

— Não comprehendo.

— E no emtanto, o caso é nitido. Nós não podemos exigir dos nossos excellentes fieis que depois de cada peccado se incommodem a vir comprar a indulgencia, não é verdade?... Isso estabeleceria um eterno *vae e vem:* e na vida ha mais que fazer do que estar sempre a pensar na outra! A imposição de tão successivos incommodos affastaria a concorrencia dos commerciantes, dos homens praticos, sujeitos de negocios e trafegos diarios. Alem d'isso as bolsas nem sempre estão cheias. O meu systema salva todos esses inconvenientes. Encontraes-vos, por exemplo, n'um logar por onde passa o prégador: a sua eloquencia agita-vos e turba-vos, a graça côa-a em vosso coração e dizeis com os vossos botões: Visto que custa tão barato livrar-me da massada de milhões de seculos de brazas diabolicas, façamos este gastosito, que amanhã economisaremos n'outras cousas! D'esta sorte, logo que dispondes d'uma pequena economia, correis todo ancho de gaudio e satisfação a fazel-a chegar á palma da mão d'este bom Tetzel, que em troca vos põe escorreito, limpo e são de toda a gafaria dos vossos peccados passados... e o que é mais ainda, de todos os vossos peccados futuros, o que toca e attinge os cocurutos do sublime!

— Sim — disse o Papa — porém isso não é orthodoxo.

— Sel-o-ha, se vós o quizerdes.

— Suppões isso?

— Sim, basta vós dizel-o.

— É verdade.

— Está dito! Absolvição geral! Alimpam-se as consciencias, e põem-se escorreitas, frescas, e sãs como um pêro! Universal barrella de todos os peccados, de todos os peccadores, dos seus filhos, dos seus netos, dos bisnetos, dos seus descendentes até á septima geração! Os preços serão equitativamente fixados, e publicados em quadros ou tarifas á porta das egrejas. Quereis alguma cousa mais commoda? No fim do seu jornal, o operario que terminou a obra e recebeu o salario, o commerciante que realisou lucro avultado, e o faiante gatuno a quem uma boa sortida foi favoravel, ou o senhor feudal que pôz a saqueio e pilhagem o castello do visinho — pois não nos devemos esquecer nunca dos aristrocatas e senhores de feudo — não teem mais do que consultarem a tarifa e a bolsa e escolher o peccado que quizerem perpetrar aquella noute... Haverá tabellas para todos os preços e todos os paladares. Entrae, senhoras e senhores; entrae, entrae e pedi que sereis servidos n'um pulo, em quanto o demonio esfrega um olho!...

Leão X ao ouvir o arrasoado de Tetzel abria uns olhos profundos como poços, e quasi caía-lhe a baba de satisfação. Tão ancho e dilatado de jubilo estava quanto cheio de indignação o frade agostinho occulto detraz do reposteiro.

—Escuto, por exemplo,—proseguiu Tetzel—entre os fieis a quem prégo, um paroleiro empedernido que parece pôr em duvida a efficacia da minha cura; encaro-o de frente com elle e digo-lhe: Olha bem para mim, velho! sim, tu o que estás lá ao fundo, e vós todos tambem, homens e mulheres, rapazes e raparigas, olhem todos bem para mim! Estão-me vendo bem, não é verdade? Pois então digam lá, sim, digam de que é que lhes parece que eu tenho cara? Digam-n'o sem embuços, sem rodeios, sem subterfugios, vamos lá! Não lhes parece que tenho physionimia de bilhostre, de tunante, de marau? Pois bem, sim, eu fui um bilhostre, um tunante, um marau! Aqui onde me vêdes, violei uma mulher casada, e o facto bastante escandalo originou no mundo!

O reposteiro do fundo tornou de novo a agitar-se como se estremecesse: porém o insolente prégador não mostrou attentar n'isto.

—A mulher casada matou-se, e o marido tentou matar-me a mim; em consequencia do que encarceraram-me n'uma enxovia. Como vêdes, eu tinha a alma mais tisnada do que a do mafarrico ou a bocca do inferno, e estava condemnado a ser fervido na caldeira de Pedro Botelho, por toda a eternidade. Pois bem! Comprei a indulgencia do meu crime a Sua Santidade Leão X, que Deus guarde, e eis-me aqui tão candido, puro e sem macula, como que o recem-nascido do ventre materno, crédor da bemaventurança do Paraiso, disposto a recomeçar.

Então Tetzel voltando-se para o Pontifice, com um ar ancho de si, disse-lhe:

—Que me dizeis a este rapto oratorio?

—Digo que a razão me parece irrefutavel e o exemplo triumphante. Digo que subjuga o teu cynismo, e que estou certo que levarás a empreza a porto seguro.

—Por certo! Considerae só uma cousa. Calculae um ducado apenas por peccado, e contae só o que a Allemanha poderá produzir! Imaginae, se podeis, a torrente de ouro que vae jorrar da imprensa, logo do primeiro golpe, para vir todo esse rio, todo esse caudal, engalfar-se, da mesma sorte que os rios vão ter ao oceano, para este outro oceano sem fundo...

E proferindo estas palavras, batia audaciosa e despejadamente na algibeira do Pontifice.

—Está bem—disse o Papa—porém dize-me só uma cousa. Não se extraviarão elles no caminho? Não se irão sumir algumas d'essas gottas n'este outro sorvedouro tambem sem fundo?

D'esta vez era o Pontifice quem designava o incommensuravel bolso do habito do dominicano.

—Sua Santidade—tornou com desvergonhamento o frade—não quererá certamente privar o seu banqueiro de algumas somenos migalhas do provento. Sempre me concederá algum dinheirito, que mais não seja para eu ter com que remir os meus peccados quotidianos.

—Caspitè!—exclamou o Papa—então não vaes necessitar de pouco!

Mas não importa, não quero que digam que eu fui avaro com aquelle que, como tu, me é sympathico.

Tetzel cumprimentou.

—Concedo-te o dizimo do dizimo, quer dizer, um ducado por cada cento. Se acaso não exageraste, isto bastará a enriquecer-te!

—Longe de exagerar, creia Sua Santidade que fui sobrio em ponderar-lhe os proventos do negocio—replicou o frade, inclinando-se de novo deante do Papa.

—E agora—disse o Pontifice erguendo-se da poltrona—vae-te sem mais delongas, inicia o teu apostolado pelo caminho, para te ires habituando, não percas um instante, e recorda-te que a Santa Sé confia em ti, para obter um resultado que dê lustre e honra á Religião.

E o Pontifice traçou com a mão, no ar, uma benção solemne.

—Amen—respondeu Tetzel com gravidade, inclinando-se para beijar o annel que lhe apresentava Leão X.

Depois d'isto dispunha-se a sair, quando Hochstratten o deteve e disse-lhe:

—Tetzel, Sua Santidade deu-te interesse no negocio, portanto não tenho necessidade de excitar o teu zelo. Mas devo advertir-te de uma cousa, e é de que não te é permittido distrahir-te do teu dever, nem por cansaço, desejo libidinoso, ou para tornar-te indigno da empreza, provocando um escandal-o, de qualquer ordem que seja. O teu passado póde servir-te de argumento: mas só com a condição de que ha de continuar a ser o teu passado! É-te terminantemente prohibido commetter publicamente uma abominação. Recorda-te tambem que fui eu quem te salvou do sacco de couro em que ias ser cosido em Leipzig.

—Não o esquecerei—disse o dominicano realmente commovido, e mais humilde que um borrego.

—Não esqueças tambem que eu posso, no dia em que as tuas loucuras forem um obstaculo para a exploração d'esta mina de ouro, soterrar-te de novo, e para sempre, nas espantosas enxovias da torre da porta de Grimma, que tu já conheces.

—Não esquecerei—balbuciou Tetzel, sacudido de um arrepio algido de medo, dos pés á cabeça.

—Bem. Pódes partir.

O frade saudou humildemente, e saiu.

Leão X, ancho de prazer, esfregava as mãos.

—Grande homem!—murmurava.

—Visto isso—perguntou o inquisidor, estaes satisfeito!

—O mais possivel!

—Vale isto uma canonisação?

—Vale dez. Para encontrar outro homem similhante, eu faria tantos santos, quantos póde fazer um Papa.

—Isto vale mais que a matança dos Judeus, não vos parece?

Leão X baixou a voz. Encontrava-se então por detraz do reposteiro sob o qual se occultava o frade agostinho.

—De modo que o que se arrancou aos Judeus foi uma miseria?—perguntou elle.

—Uma ninharia! Bem vos tinha prevenido. Parece que os safardanas estavam de sobreaviso...

Leão X colerico exclamou:

—E por quem?

—Não sei. Mas inclino-me a crer que os republicanos se entendem com elles e que foram quem os advertiram.

—Mas para tal seria preciso que os republicanos estivessem inteirados.

—Isto não é mais do que uma supposição de cuja certeza procurarei inteirar-me. Mas seja como fôr, o que é certo é que os nossos frades não recolheram hontem á noute o preciso para os gastos das nossas festas, durante um ou dous mezes.

—Diabo! É preciso que Tetzel se dê pressa! Elle formava tambem parte da expedição?

—Não. Para que havia de elle expôr uma vida tão preciosa?

—Caspitè! O teu homem tem todas as boas qualidades! É tambem prudente!

E o Papa ria farcistamente. Hochstratten impassivel respondeu com a maior naturalidade.

—Como tantos!

Esta discreta allusão á fugida de Ravenna pela qual tanto foi doestado Leão X, turbou o Pontifice.

—A salsada foi renhida, continuou o inquisidor,—eu proprio fiquei com o habito esburacado por uma balla de um judeu furioso, visinho d'Ephraim.

—Agora me recordo—inquiriu o Papa, baixando a voz—o que fizeste d'Ephraim?

O frade agostinho no seu esconderijo continha a respiração, para ouvir melhor.

—Mudamol-o para o calabouço que sabeis.

—Bem.

O frade no seu esconderijo sentiu um desgosto vivo, porque esperava saber o nome do calabouço.

Leão X parecia inquieto.

Depois de um escasso silencio Hochstratten perguntou:

—Sua Santidade deseja desembaraçar-se do velho?

O Papa vacillou um segundo, que pareceu um seculo ao frade agostinho que os escutava.

—Não, respondeu ao cabo.

—Sua Santidade talvez se arrependa mais tarde!

—Não: não mates: é inutil!... Não convem matar, senão quando é absolutamente indispensavel! E eu não sou ainda um verdugo! De mais a mais está a bom recato!

—Oh! quanto a isso não poderia sair d'ali senão por um milagre e vós de certo não acreditaes em milagres!

—Apesar d'isso, a noute passada, no convento d'essa sympathica abbadessa, vi alguma cousa que se parecia com um milagre... um terrivel milagre.

Acurvou a cabeça, e algum tempo permaneceu com o olhar immovel.

—Não,—disse, saindo bruscamente d'aquella immobilidade—não quero

vêr mais apparições d'aquelle genero, não quero vêr mais duendes! Ainda que Ephraim ensandeça como a outra, no seu calabouço, que não resurja ao menos como a outra! Comprehendes-me?...

—Ficae descançado!

—E agora, deixa-me. Sinto-me um tanto cançado.

O mestre de Tetzel saudou da mesma fórma humilde que havia saudado o discipulo, e ía a retirar-se, quando voltando-se para o Pontifice, disse-lhe:

—Sua Santidade recorda-se de que Miguel Angelo o espera nos jardins?

—Effectivamente, havia-me esquecido.

—Não se recorda tambem de que depois Raphael o espera, no seu *atelier?*

—É verdade, obrigado. Vou já.

—Emquanto o inquisidor descia a magnifica escadaria, o Papa, a quem bastára o nome de Raphael para se afundar n'uma especie de lethargia penosa e agradavel ao mesmo tempo, percorria, a largas passadas, a sala da bibliotheca.

De subito, recuou, surprehendido.

Na sua frente pallida como um cadaver, sombria como o Direito, aprumava-se erecta a figura do frade agostinho que elle reconheceu de chófre.

Era o mesmo que algumas noutes antes o surprehendêra no convento da marqueza.

—Sempre vós! — exclamou, fugindo-lhe a phrase a seu pesar — Porque é que estaes aqui? O que pretendeis?...

—Santo Padre! — retorquiu o estrangeiro contendo-se, e respondendo unicamente á pergunta final — o prior dos monges agostinhos d'Erfurt, a cujo mosteiro pertenço, delegou-me a vós n'uma missão, que desejaria expôr-vos minuciosamente. Porém — accrescentou, baixando o olhar ante o olhar turbado do Pontifice — a fadiga e a emoção que me causa a vossa presença, difficultam mais a minha missão do que suppozéra. Demais, as causas porque sollicitára esta audiencia estão sobejamente explanadas n'este memorial.

E do peito sacou um rollo de pergaminho.

—Este memorial redigi-o e assignei-o eu mesmo. N'elle pede-se que suaviseis as regras da nossa ordem a favor dos frades sexagenarios e enfermos, e além d'isso roga-se, que julgueis certas questões pendentes entre a nossa communidade e as communidades visinhas.

—É o bastante — disse o Papa — examinarei esse memorial e farei justiça a quem de direito a deva. Podeis partir, e reiterae ao vosso superior o testimunho do meu affecto.

Sem sollicitar a benção do Papa, o monge affastou-se com passo cambaleante.

—Descei á ucharia, e tomae algum alimento. O estrangeiro murmurou um agradecimento que envolvia uma recusa, e saíu sentindo redemoinhar-lhe no cerebro um turbilhão de idêas.

—Que pretendente tão singular! — murmurou o Papa entre dentes. Nem me disse sequer como penetrou aqui!...

Os movimentos, por vezes, do reposteiro acudiram-lhe então á mente.

—Acaso ter-se-hia escondido ali? Ter-nos-hia surprehendido tambem, d'esta vez? Ora afinal, pouco importa!...

E em seguida desceu aos jardins onde Miguel Angelo o esperava. Pelo caminho, e machinalmente, ía folheando o memorial escripto pelo frade. O documento estava assignado — *Martinho Luthéro.*

CAPITULO IX

Tetzel parte, porém não vae só

O homem de cabellos brancos em que os nossos leitores haverão já reconhecido Neumann, o amigo de Miguel Angelo, estava sempre immovel e sombrio na praça flammejante de luz com a vista persistentemente cravada na porta por onde entrára Tetzel.

Decerto devia estar afundado em funda meditação. Fóra do passado em que mergulhava o espirito, com uma amarga tenacidade, nada parecia existir para elle, nem sequer o tempo que corria sem o inquietar.

O sol que ia já bastante alto, despedia a prumo seus raios, sobre a cabeça d'elle, apenas coberta pelo gorro que usavam os esculptores do tempo. Mas elle parece que era tão insensivel ao calor como ao decorrer do tempo. No emtanto a intensidade da luz solar penetrava-lhe o cerebro, e, com a sua influencia, parece que tambem se incendiam e se exageravam as suas idéas. Debaixo do espesso sobr'olho, chispava-lhe cada vez mais o tôrvo fogo do olhar, emquanto que lhe perpassavam pelos labios phrases incoherentes. Um nome, — nome feminino, — que não proferia sem uma enternecida commoção, escutava-se-lhe com particular insistencia: Bertha!... Bertha!...

Como evocada por aquelle nome, erguia-se-lhe deante dos olhos a imagem da mulher que tanto amára. Rememorava então o seu affecto, que datava da infancia... a sua união abençoada pelo velho mineiro, pae de Luthero e de Bertha... as suas bôdas tão festivas e cordiaes... as danças sob a ramada das arvores... o regresso á modesta casinha tão cuidada, tão confortavel... o seu primeiro osculo d'amor... Com o pensamento transportava-se áquelles momentos em que uma caricia da bem amada in-

terrompia o seu trabalho; via-se esculpido na madeira as delicadas linhas da cabeça da sua Bertha; e offerecer-lhe o seu busto no dia da santa do seu nome. Lagrimas como punhos manaram-lhe então pela face e pelo labio esvoaçou-lhe um sorriso bem ácido.

De repente, o rosto assombreou-se-lhe, rangeu os dentes, e as mãos crisparam-se lhe. É que um drama pavoroso acabava de se lhe representar na memoria, com todas as suas minúcias. Recordava-se de haver saído de casa ao chamamento de um desconhecido, no qual mais tarde, porém já demasiado tarde! reconhecêra um cumplice, para comparecer a uma pretendida entrevista. Recordava-se da sua turbação quando não encontrou a pessoa que chamára: depois da sua pressa em regressar a casa, e do tremendo quadro que se lhe deparou, ao voltar. Viu a sua mulher, a sua Bertha, o seu unico e primeiro amor, ferindo-se com um dos seus cinzeis de esculptor, antes que elle tivesse tido tempo de lhe sustar o braço: via-a designar-lhe o frade que com o panico debuxado na face, procurava evadir-se!

Todas, absolutamente todas as minúcias d'aquella ignobil armadilha lhe acudiam á memoria, vivas e inapagaveis recordando-lhe as scenas d'aquella noute tragica. Até se lhe figurava ver a taça, quasi cheia ainda do narcotico... Uma nuvem côr de sangue passava-lhe pelos olhos: arrancava do peito da mulher a arma ensanguentada; e com ella vibrava ao frade um tremendo golpe: depois dirigia-se á misera: chamava-a reiteradamente, supplicava que vivesse: jurava-lhe que a amava ainda mais depois que tivera que passar por tal ultraje: affirmava-lhe que se vingára já, e conjurava-a por fim, a que não morresse, ou que o deixasse morrer a elle tambem...

Mas ella suspendeu-lhe o braço, e soldados do duque de Saxónia que haviam corrido aos gritos, forçavam a porta. Foi então ella que o conjurou a que fugisse, e vivesse para a vingar, combatendo até morrer contra aquelles frades sordidos, bandoleiros da sua honra. Elle evadira-se então, mas antes lançara mão do cinzel caído, e d'elle mais tarde fabricára um punhal, que era o que ainda hoje escondia sob as pregas da tunica.

—Ah!—dizia de si para si—o bilhostre evadiu-se! Os superiores protegeram-no contra a colera do populacho, libertaram-no da acção da lei, livraram-no de ser cosido no sacco de couro e arremessado á onda, curaram-no, e, por ultimo, franquearam-lhe as portas da prisão de Leipzig! Não importa! eu me vingarei! Luthero não carecerá de ir impetrar do Papa o castigo do scelerado, para punir a morte e o estupro de sua irmã. O acaso, ou antes o Deus de justiça que adoro e que esses chatins ultrajam, entregou-me nas mãos esse sicario. Não me escapará! O meu braço não tem razão de vacillar, e esta arma fiel não deixará fugir a vingança.

Procurando debaixo da tunica, com mão febril empunhava o cabo do estylete.

—Que prazer! continuava, a sorrir—que prazer o de atirar-me emfim sobre o salafrario, gozar do seu terror, varejal-o pelas costas n'uma emboscada, unico modo justo de castigar a sua felonia! Que gaudio para mim o poder banhar bem as mãos n'esse sangue reprovado, tomar por testimunha os céos, e começar pela degolla d'essa besta féra a guerra de exterminio a que votei todos os seus cumplices! Sim, prometti-o áquella victima

adorada, e cumprirei a minha palavra, ainda que tivessem de ruir sobre mim as ruinas dos seus palacios!

Com o punhal occulto na mão, e o braço estendido, ameaçava a porta que continuava aberta e pela qual entrára Tetzel. Resfolegava de prazer, e por todo elle corria um sentimento de satisfação mascula e selvagem...

De subito, interrompeu-se, e a alegria desappareceu-lhe do olhar.

—Oh que desgraça!—disse comsigo.—Terá esse meliante de Tetzel sabido que estou em Roma por via dos seus espias?... Acaso todas as minhas cautellas não terão servido de nada? Talvez que seja o medo, se sabe realmente que me acho aqui, que o fez entrar no Vaticano e procurar n'elle guarida? Irei acaso buscal-o até ali no meio da protecção do Papa? Porque não me atirei a elle, e não o feri mesmo na rua, sem preoccupar-me com a multidão que passava? Quem sabe se tornarei a encontral-o de novo, quem sabe se em quanto eu o espio, alguem me não espia a mim por seu mandado? Quem sabe se a estas horas não ha tambem punhaes occultos sob as tunicas que me ameaçam?

Então com o olhar esquadrinhou as esquinas das ruas e das viellas visinhas: mas nada enxergou.

—Ah!—proseguiu—é que seria muito duro morrer sem vingar-me, sobretudo agora...

Não terminou o pensamento, e com um movimento brusco lançou-se na penumbra.

Tetzel acabava de surgir no portal fronteiro. Vinha só.

Leão X descendo aos jardins, cujo desenho fôra traçado ha pouco por Bramante, encontrára Miguel Angelo, mais turvo e pensativo do que de ordinario, e tão abstracto que o Pontifice, depois de haver chamado por elle, para o despertar da sua abstracção, teve que tocar-lhe ligeiramente no hombro.

O esculptor estremeceu.

—Cheguei tarde—disse elle—porém a culpa não é minha! Quando vinha, passei pelo bairro dos Judeus, e tive que dar uma larga volta, para me affastar das ruinas ainda fumegantes.

Fallando assim, o florentino levantára os olhos, aquelles olhos de olhar agudo e triste, e cravara-os no Papa. Sentindo-se turbado o Pontifice por aquella interrogação muda, energica como uma sentença, não soube que responder de chofre.

—Já sei—disse ao cabo—fallaram-me de um incendio occorrido no Ghetto. Alguma vingança particular decerto!

—Decerto!—repetiu Miguel Angelo.

—Vivemos—tornou o Papa—n'uns tempos mui turbulentos! Nunca, como hoje, foram tão acirrados os odios!

—Nunca!—repetiu o esculptor.

Havia tal decisão, tal ironia n'aquella palavra, que Leão X se apressou a replicar.

—Seja como fôr, preciso mandar abrir uma devassa, e procurar activamente os incendiarios.

—Tempo perdido!—disse Miguel Angelo com convicção.

—Que pretendeis dizer?

—Nada, senão que não serão encontrados os criminosos.

—Porque?

—Porque ninguem se atreverá a denuncial-os, porque as denuncias de nada serviriam, mesmo dado o caso que alguem denunciasse.

—Julgaes isso?

—Estou convencido!

A turbação do Pontifice ia em augmento á medida que o seu interlocutor dava mostras de mais firmeza nas affirmativas.

—Fallaes com muita convicção—abalançou-se a dizer.—Conhecereis acaso os delinquentes? Quem julgaes que sejam?

—Eu?

—Vós, sim, fallae!...

—Eu penso o mesmo que Vossa Santidade!

A resposta era habil, e Leão X a quem aquella surda hostilidade começava a exasperar, preferiu mudar de conversação.

—Pois bem—disse—chamei-vos para vos pedir um serviço, um grande serviço...

—Que serviço é?

O Papa esteve um instante silencioso, seguro do effeito que ia produzir.

—Quereis—disse—construir-me uma cathedral?

—Eu?

—Em Roma?

—Quero, sim!

—Uma cathedral que seja a mais vasta e audaciosa do mundo, tal como a que deva ser erigida para conter em seu seio a cadeira de S. Pedro? Quereis?

—Sim, sim, repetia o artista, esporeado pelo enthusiasmo.

O Pontifice acertára. Sómente pela Arte, sómente pela vastidão d'uma obra tal, poderia ganhar aquelle homem. Os olhos de Miguel Angelo chispavam sob os seus sobr'olhos espessos. Elle tão taciturno, tão pouco expansivo, estava radiante d'enthusiasmo, embriagava-se com a sua propria eloquencia, expressava-se com viveza, acompanhando as palavras de gestos eloquentes.

—A cathedral de Roma!... Ha muito que, sob uma outra fórma, eu acaricio essa idêa!... dizia.

E sem se preoccupar com o effeito que as suas palavras produziriam no Pontifice, tão pagão como elle afinal, proseguia:

—Na capital do mundo antigo, convertida na capital dos seculos vindouros, quizera eu erigir em Capitolio mais colossal do que o antigo, porém mais pacifico, templo de todas as glorias, excepto das de sangue, sanctuario da Arte e da Liberdade.

—Bravo!—interrompeu Leão X—construi-a!

Levantar-se-ha lá dentro um altar, em cima se erigirá uma cruz, e do vosso Capitolio farei eu uma basilica, que mais tarde quando os republicanos vossos amigos desterrarem da terra a religião de Christo, o que não succederá amanhã, assim o espero, poderá servir para qualquer outro fim.

Miguel Angelo conservara-se silencioso, e todo afundado nos pensamentos que aquella encartada do Pontifice evocára n'elle. Acrisolado patriota,

Os assassinos cada vez estreitavam mais o circulo, desesperando d'aquella resistencia tenaz... Galias, viu então uma cousa extranha...

Cap. XI.

figurava-se-lhe ver já o advento das doutrinas republicanas, aquelle triumpho da Rasão reinando victoriosa sobre os altares elevados ao fanatismo e á superstição.

—Tendes acaso já—perguntou-lhe o Pontifice—algum projecto sobre a execução d'esse monumento gigantesco?

—Tenho, de facto, um projecto—respondeu o esculptor—o plano d'um

edificio coroado por uma cúpula prodigiosa, cúpula arrojada sustentada só por quatro pilares sem essa confusão de botaréos em que se apoiam antigas cathedraes, o que constituirá segundo descortino, e se os meus calculos me não falharem, um prodigio mais extraordinario do que o que foi realisado por Brunelleschi em Florença.

— Justamente! — exclamou o Papa. — A cúpula de Santa Maria das Flores era precisamente o modêlo que sonhára:

— Incomparavel maravilha! — disse o artista. — Oxalá possa eu ser sepultado não longe d'ella para admiral-a ainda do meu esquife!

Leão X interrompeu-o de novo.

— Pois bem, posso acaso vêr esses planos? Podemos conferenciar sobre o assumpto? Poderia ser hoje mesmo? Quanto antes seria o melhor!... Uma empreza colossal como esta requer para o seu complemento muitos annos, e o meu desejo, a minha ambição é que fosse começada e concluida sob o meu pontificado.

— A minha maxima gloria seria tambem — disse o esculptor — o de deitar-lhe a primeira e a ultima pedra. Conseguil-o-hei?

— Não me respondeis, — insistiu o Pontifice. — Posso ir ao vosso atelier examinar esses planos, e quando?

— Hoje mesmo, se o quizerdes. O meu atelier não é faustuoso e principesco, como tantos...

Com estas palavras, Miguel Angelo queria alludir ao atelier de Raphael...

— ... Porém — proseguiu — no emtanto vereis uma obra curiosa, pelo menos espero-o.

— Estou certo d'isso — respondeu palacianamente o Papa.

Em quanto que Miguel Angelo se despedia e se dirigia ao seu atelier, para preparal-o de modo a receber o Pontifice condignamente, Leão X entrava no palacio profundamente apprehensivo. A allusão de Miguel Angelo a Raphael seu rival, havia-o feito regressar ao delirio que o acossára na noute passada. Um nome suave como um osculo virginal, accudia-lhe aos labios a seu pesar, e o mordomo Tariz de Grasso que se acercára d'elle, para receber as suas ordens, ficou extremamente varado de pasmo ao receber por unica resposta este nome trez vezes pronunciado, com um inexplicavel accento de paixão: — Maria! Maria! Maria!!...

Neumann deixára affastar-se Tetzel.

Deslumbrado pelos enormes lucros que ia recolher da sua missão, pelo poder illimitado que lhe fôra concedido, o frade dominicano com a face radiante de gaudio caminhava, esfregando as mãos. Pensava no seu inimigo Luthero, a quem não temia já, pois que recebêra a absolvição do seu crime, e possuia em suas mãos, com o titulo de grande inquisidor da Allemanha que Hochstratten lhe conferira, a arma mais terrivel de que alguem haja podido dispôr. Embriagando-se com a idêa da sua auctoridade, sorria diabo-

licamente. Assim abstrahido nos seus pensamentos é que passou á esquina em que se occultava Neumann, roçando por elle quasi de fórma que o esculptor julgou-se descoberto. Mas o frade proseguiu o seu caminho serenamente.

O esculptor então deu um passo ávante, sacou de debaixo da túnica o punhal, com a nodoa ainda do sangue da sua mulher, ergueu o braço, e ao mesmo tempo abriu a bocca para soltar um grito que fizesse voltar a cara ao dominicano, e reconhecer o seu assassino.

De repente estacou. Um pulso masculo lhe segurava o braço, uma robusta mão lhe tapava a bocca. Quem é que ousava oppôr-se á sua vingança?...

— Luthero! murmurou.

— Silencio...

O que suspendera o braço vingador de Neumann era de facto Luthero, que havendo saído do pavilhão, logo em seguida a Tetzel, reconhecêra Neumann, e apressára-se a evitar o seu homicidio.

— O que? És tu quem me seguras? Deixa-me vingar tua irmã!...

— Não mates esse homem! — insistiu Luthero — a sua vida é-nos mais preciosa do que a sua morte!

— Mas...

— Peço-te!

— Tu? Mas repara que nos escapa! Vamos perdel-o de vista, para sempre...

— Eu bem sei aonde vae, e o que vae fazer!

— Algum crime novo decerto, crime que eu posso evitar...

— Não: não vae mais do que a desmascarar o catholicismo! Vae vender publicamente o perdão dos seus peccados, desacreditar a religião romana e o Papa, de golpe, envilecel-a e achavascal-a! Por isso, digo-te: deixa-o obrar, deixa-o partir. Trabalha em beneficio da nossa obra!

— Seja! — disse o artista desentranhando um suspiro. Talvez tenhas razão! Fallar-me na nossa obra, é fallar-me no que mais estremeço, — mais ainda do que a minha vingança!

Isto comtudo não impediu o esculptor de murmurar lamentosamente, vendo affastar-se o frade que de nada suspeitára.

— Apezar d'isso a vingança seria sublime!

— Mais tarde a gozarás! — accrescentou Luthero. — Tornará a caír de novo nas tuas mãos, depois d'esta delonga que te peço! Logo que finde a sua missão entregal-o-hei ao teu braço!

— Pois seja!

— Fica adiado para o dia em que dê começo á minha obra.

— Fallas na tua obra? Que significa isso? Por que não dizes *nossa obra?* Separas as tuas esperanças das nossas aspirações?... Recusas-te a entrar nas nossas fileiras?...

— Sim.

— Martinho!

— Não insistas! Eu respeito as vossas idêas, ainda que as minhas devirjam d'ellas! Não sei se sois vós, se eu que estou em erro.

— És tu — affirmou Neumann.

—Veremos. O futuro dará razão a quem a tiver. Adeus.

—Vaes-te?—perguntou Neumann com tristeza.

—Sim. Volto á Allemanha, ao meu convento.

—Porque?

—Ali estarei melhor do que em qualquer outra parte para começar a lucta.

—Só?

—Não. Estarei comvosco, em espirito. Longe ou perto serei sempre o vosso amigo, especialmente teu!

—Acredito, e espero tambem encontrar-te ao meu lado, na refrega.

—Não contes com isso!

—É o mesmo—tornou o esculptor depois de curto silencio.—Não esqueças porém que esse salafrario, foi-te emprestado só, e que terás de restituir-m'o brevemente!

—Reitéro a minha promessa certo como estou—disse apontando para o Papa, que saía do Vaticano—de que Deus está por mim contra esse homem!

—Bem—disse Neumann.—E embainhando o seu estylete, deu o braço a Luthéro.

Haviam apenas dado alguns passos, quando os chamou com voz robusta um homem de abundantes carnes, e ventrúdo, que estava apoiado á umbreira d'uma porta, em que se lia esta palavra—*Hospedaria*.

Approximava-se a hora de jantar e os abrasadores raios do sol provocavam a sêde. Por isso, cedendo aos reiterados rogos do hospedeiro, os dous penetraram no estabelecimento. Instantes depois, abancados ambos á mesa, comiam e bebiam como bons allemães.

Acabava Tetzel de voltar a esquina, quando o rumor de uma salsada attrahiu a sua attenção para uma casinha occulta e sombreada pelo arvoredo.

Balouçando suavemente ao compasso da andadura pausada e pachorrenta de uma formosa mula cinzenta, e entregando-se ás delicias da digestão de um almoço bem regado, o frade vacillou um instante sobre se devia, ou não, acercar-se da casinha entre a ramada. Valeria aquillo a pena de que interrompesse a sua digestão, o homem recentemente nomeado grande inquisidor da Allemanha? Não, decerto, pensava comsigo. Que se matem, pois, esses tumantes, á vontade!

Mas um incidente açulando a sua curiosidade, coagiu-o a sacudir a sua poltroneria. Uma voz de mulher, cantante, e sympathica, misturava-se aos gritos do sarapatel e da briga. Dirigiu Tetzel a sua pachorrenta mula para a casinha, e empinando-se nos estribos, lançou os olhos atravez da gallhuda ramada dos cyprestes. Um dos brigões, pois eram dous só, trajava o uniforme dos guardas suissos do Papa. Ainda que tendo passado a mocidade já, deveria ter sido bem apessoado. O outro, mais baixo, de formidaveis bigodes, e de uma catana mais formidavel ainda, pinchava, gritava, e gesticulava, fazendo uma balburdia de mil diabos.

—Põe-te na rua, insolente!—vociferava elle—ou empavio-te para o outro mundo!...

Mas o suisso parecia ser surdo-mudo de nascença; não se mexia.

— Põe-te fóra, tunante! — tornava, gritando, o homemsinho. — Rua! insolente! que te atreveste a faltar ao respeito á minha irmã!...

A mulher, segundo parecia, era irmã d'elle. Mas Tetzel que do seu observatorio improvisado só via, pela parte de traz, o busto magnificamente modelado da dama, e as suas douradas, maravilhosas tranças, longe de se satisfazer só com isto, sentia terriveis tentações de vêr mais.

— Não me desesperes, melcatréfe! — escabujava o suisso, que começava a perder a tramontana.

— Melcatréfe, eu! — regougou o irmão da bella. Melcatréfe!...

E ao mesmo tempo deu um pulo.

— Annibal! — clamou a bella desconhecida, soltando um grito, e tentando em balde segural-o.

E no movimento de sobresalto que fez, ficou precisamente defronte dos olhos do frade, que chisparam de luxuria, e que murmurou, contendo-se apenas:

— Flora!...

É de crêr que, pelo menos de vista, o grande inquisidor da Allemanha conhecesse a mais radiante corteza de Roma.

— Como é formosa!... — murmurou, babando-se, Tetzel.

De facto, a graciosa mana de Annibal, a quem o sol dava de chapada, fazendo destacar as bellas fórmas sob o fundo verde escuro do arvoredo, estava n'aquelle instante extraordinariamente picante. E grande fortuna foi isto para o seu colerico irmão, pois o grande inquisidor espicaçado pela volupia dos attractivos d'ella, decidiu-se a saltar da sua mula, e a galgar o muro não muito alto que o separava dos combatentes.

O frade chegava a tempo, em socorro d'Annibal.

O guarda suisso desembainhava a catana, mas ao primeiro golpe conheceu que tinha que terçar com um espadachim de profissão, muito astuto, conhecedor de botes atrevidos e novos, sem parada, e contra o qual era insania porfiar. Demais, o suisso, inferior a elle em agilidade e destreza, só da força poderia esperar o seu triumpho. Pensou isto acertadamente, e, por isso, servindo-se da espada, como de uma pezada clava, começou a gilvar cega e desalmadamente Annibal, com furia tal, que ás duas por trez lhe moeu o braço, e o irmão de Flora, desarmado da catana achou-se á mercê do suisso victorioso. Nada é mais tremendo que a colera de um homem, que depois de muito se conter, se enfurece afinal. O suisso bem o demonstrou. Surdo ás supplicas de Flora, dirigiu-se resolutamente para Annibal; e apesar que este sentiu tentações de dar ás de villa de Diogo, sabia decerto por experiencia o quanto é arriscado voltar as costas a um inimigo, ou fugir ás recúas, e então deixou-se cair de barriga para baixo. O seu intuito era agarrar-se ás pernas do suisso, e pregar com elle, catrapuz! em terra.

O suisso, ou conhecia o aboiz, ou previu a cilada, porque pinchou a pés juntos sobre o costado de Annibal, e acachapou-o litteralmente no solo sob o seu pezo, forçando-o a espernear e agitar, inutilmente, braços e pernas como a mosca empalada por um alfinete.

O lance era espinhoso, e ia sel-o ainda mais para o espadachim, porque o suisso, alçando o terçado, dispunha-se a perfurar com elle aquelle sitio

molle e carnoso em que o bimano se assenta, precisamente aquelle local de Annibal em que outro mais piedoso teria applicado, singelamente, um inoffensivo pontapé.

Mas de subito, o suisso deu um grito de dôr, emquanto Annibal dava outro de gaudio. Em menos tempo do que é preciso para o contar, a situação cambiára d'aspecto completamente. Instantes antes, o suisso assemelhava-se ao archanjo S. Miguel, calcando sob a planta victoriosa o principe das trevas; mas agora de repente os papeis haviam-se invertido, e Annibal é que campeava em cima como o archanjo em quanto o outro estorcia-se por terra, fulminado como o diabo.

Para operar esta mutação, bastára apenas uma trinca que Tetzel déra por traz nas pernas do suisso. Flora, testemunha d'esta brusca operação, como boa rapariga que, apesar de tudo, queria muito a seu estremecido mano, dirigiu ao frade um olhar agradecido. E o frade, grato a este olhar expressivo,—mas d'esta vez foi uma felicidade para o suisso!—interveio na lucta precisamente no momento psychologico em que Annibal, ébrio dos fumos da victoria, ia perfurar, com a catana que havia já reconquistado, aquelle mesmo sitio carnoso do suisso, tal e qual como antes o suisso o queria perfurar a elle.

Tetzel porém oppôz-se a esta perfuração, com aspecto bondoso e de magnanimidade. Mas a sua magnanimidade ia-lhe saíndo cára! Furioso de despeito o suisso pela trinca que lhe dera, ia atirar-se sobre elle de chifarote em punho, quando por felicidade o frade se lembrou de sacar da algibeira, como escudo, uma arma segura, infallivel, e que sem demora brándiu.

Immediatamente, á sua vista, o capitão suisso caiu de rojo, joelho em terra. Este escudo era nem mais nem menos do que um pergaminho sellado com as armas de Papa, e rubricado pelo grande inquisidor.

Não havia ainda Tetzel guardado o pergaminho, nem abaixado a mão com a qual com um gesto d'imperio indicava a porta ao suisso, quando este corria como um raio para o seu posto no Vaticano, que com tanta má sorte havia abandonado.

A sua aventura, ocioso será dizel-o, era pouco lisongeira e nada encerrava do que com razão se possa chamar uma *aventura feliz*. Eis o que occorrera: Por ordem do camarista do Pontifice, o bravo militar havia arrancado ao mendigo cóxo o ouro que elle apanhára da chuva do Christo milagreiro, e a dita somma deveria pagar não sabemos ao certo que tenebrosa intriga. Porém, como se estivesse escripto pelo Destino que aquelles ducados novos, apesar da sua origem divina, não teriam de fazer a felicidade do seu possuidor, os rutilos olhos de Flora de tal sorte haviam ateádo fogos vorazes no peito do suisso, pouco favorecido de beldades d'esta grandeza, que o pobre diabo esvasiara todo o seu ouro, mesmo sem o ter contado, nas brancas mãos da diva, sem sequer lhe ter pedido garantia alguma, nem arrhas. De certo que foi grave imprudencia esta da parte d'elle, imprudencia que tentava reparar na casinha do arvoredo da bella, quando de chofre Annibal, que entrára atraz d'elles, surgiu precisamente no instante em que o amante grisalho, mas ainda frascario, impetrava de joelhos á corteza muito eloquentemente alguma garantia, e tão eloquentemente que

já estava em vias de a convencer, e que ella já lhe apresentava os labios, resoluta a não o fazer penar mais.

Mas o austero Annibal, que não transigia em pontos de honra, feroz guardião da virtude da sua irmã,—e não era pequena tarefa a que se impozera!—não permittia a Flora gente d'arraya miuda, ou de simples burguezia; mas tão sómente fidalgos barouados, e prelados respeitaveis... de conego para cima! Mesmo o innocente facto de dar a mão a beijar a um insignificante capitão parecia uma baixeza de tal quilate áquelle dragão da honra, que ainda que reputava, sem contestação, ser o valor a primeira fidalguia, reconhecia porém, que a bondade das damas, deve attender aos postos militares.

Fôra isto mesmo o que elle tentára explicar ao guarda suisso quando os surprehendeu na casinha do arvoredo. Mas a isto, o biltre respondeu que havia pago antecipadamente...

Que bilhostre!... Molestou esta phrase sensivelmente a delicadeza de Annibal, que não querendo ouvir uma palavra mais, deu começo logo áquella salsada que Tetzel interrompeu com tanta opportunidade, evitando perfurações nada geographicas.

—Reverendissimo!—murmurava Annibal, joelho em terra, aos pés do frade—Reverendissimo! abençoado sejaes vós por me haveres livrado das mãos d'aquelle salafrario!... É verdade que tambem o salvaste das minhas mãos, mas a vossa primeira boa acção eclipsa a fealdade da segunda. Recordar-me-hei d'ella toda a minha vida. Ficae certo d'isto!...

E como Tetzel fizesse gesto de interrompel-o para lhe provar que o que fizera era um facto singelissimo:

—Nada de modestias!—tornava elle—nada de modestias! que não teem aqui cabimento... Acabaes de salvar na minha pessoa um dos primeiros capitães no nosso seculo, um homem cuja espada solicíta n'este momento o duque de Saxonia, Frederico, o Sabio. Podereis estar convicto d'isto, pois precisamente ía envergar a armadura de campanha, para pôr-me a caminho, quando dei de cara com aquelle safardana!

—Bem, bem!—dizia o frade, que parecia preferir, por mil razões especiosas, os agradecimentos da irmã aos do irmão—Bem! bem! agora podeis ir em paz vestir a vossa armadura de campanha.

—Corro já; porém, antes, quero jurar-vos pela memoria do grande Annibal, filho de Hamilcar, magistrado carthaginez, e meu antepassado, que vos pertenço até ao ultimo sangue das minhas veias, e que em qualquer local que vos encontreis, não tereis mais do que chamar-me e eu acorrerei logo prestes a derramal-o por vossa causa, como vós me salvastes a mim.

Dizendo isto, Annibal, que durante todo o tempo, que este arrasoado fizera tivera a espada empinada para cima, baixou-a com dignidade, e meteu-a na bainha. Inclinou-se depois deante de Tetzel, e entrou em casa para envergar a armadura de campanha não sem supplicar á sua *pequena*, —pois era assim que designava Flora,—que brindasse com algum refresco Sua Eminencia Reverendissima.

Tetzel, que parecia fazer pouco caso da licença que Annibal lhe outorgára, interrogou a cortezã com um olhar significativo, a que ella respondeu

com outro. A resposta foi de certo favoravel ao frade, porque abrindo a portasinha do jardim introduziu por ella a mula, feito o que, e, seguindo a bella, penetrou na casinha do arvoredo.

Sem duvida calculava gastar muito tempo a refrigerar-se, porque demorou-se muito a magicar em que local ataria a cavalgadura de modo a que tivesse ainda sombra, depois do sol ter feito o seu giro.

Havia de facto já tempo bastante que o sol déra a volta, e que o seu disco brilhante afogueava o horisonte, quando duas pessoas que acabavam de voltar a esquina foram testemunhas d'um espectaculo devéras extranho.

De uma casa sombreada por uma espessa e virente folhagem de cyprestes, saía, cavalgando uma mula, um personagem de má catadura, que de longe se teria tomado por um frade, e que trazia pendente na deanteira da sella certa cousa que balouçava e chispava aos raios do sol com um brilho extranho. E aquella cousa agitava-se-lhe como um corpo vivo. De repente baqueou na estrada, produzindo um grande estardalhaço metallico, ao qual se seguiu um gemido rouco e afogado quasi por uma estrepitosa casquinada do homem que ia a cavallo. Alliviada da carga, a mula metteu n'um galope rasgado pela estrada fóra, no meio de nuvens de poeirada.

Os dois individuos, que eram Luthero e Neumann, que até então tinham estado engalfados em conversação aturada, estugaram o passo mais, e chegaram ao sitio em que se déra o extranho incidente.

Viram então um homem que, coberto de armadura de ferro como as da época, immobilisado pelo peso da couraça, com as pernas presas nas articulações de ferro, das grevas e dos coxotes, os braços atados, e as mãos sem movimento pelas manoplas de aço, a cabeça até ao pescoço enterrada n'um capacete de vizeira callada, gemia e quasi suffocava, forcejando inutilmente por se levantar, semelhante a um negro besouro, que, preso no visco, não póde despregar os seus elytros.

Quando o frade agostinho e o esculptor se acercaram d'elle, o desgraçado nem já forças tinha para se lastimar.

Luthero inclinou-se sobre elle, e emquanto Neumann o desembaraçava do coxolete, cujas correias cortou com um punhal, elle levantou-lhe a vizeira do capacete, e desarticulou a placa de ferro que lhe opprimia o pescoço.

Uma face magra, mas injectada de sangue, com formidaveis bigodes, a bocca desmesuradamente aberta, os olhos esbugalhados, appareceu então a seus olhos.

Annibal, pois era elle em pessoa, soltou um prolongado suspiro, que cuidou que deveria ser o final, pois não dava fé do que se passava, atordoado como estava pela raiva, pela anciedade, e pelos primeiros symptomas da asphyxia.

—Está ferido?—perguntou Luthero a Neumann.

—Não... pelo menos não vejo sangue algum—respondeu o esculptor.

— Torna a si.

E de facto, o tunante, cujos olhos tinham perdido a fixidez assustadora que ao principio tinham, ergueu os olhos ao céo, tomou com soffreguidão um prolongado hausto de ar, e em seguida vendo ao seu lado um frade, soltou um grito, bradando:

—Elle ainda!...

Suppunha ter ainda que haver-se com Tetzel; porém um exame mais demorado da physionomia e do habito de Luthero tranquillisou-o um tanto. Comtudo, só se calmou de todo, e respirou desaffogadamente, quando levantando a cabeça, e apoiando-se no cotovello, não enxergou em toda a estrada alma viva que se parecesse com Tetzel.

Só então se assentou.

—Então, amigo, sentis-vos melhor?—perguntou Luthero.

Com um gesto de cabeça, Annibal retorquiu affirmativamente.

—Era só a asphyxia que vos incommodava?—inquiriu Neumann.

—Só isso—respondeu o irmão de Flóra—mas supponho que não era pouco!...

—Effectivamente—disse o frade agostinho—se chegamos um pouco mais tarde...

—Se chegaes um pouco mais tarde—disse Annibal estremecendo—eu teria sido asphyxiado, e minha irmã teria perdido este seu irmão!

E passando da melancolia ao tom ainda mais alto da amargura:

—Ou para melhor dizer, se tardaes um tanto mais, teria sido eu que ficaria sem irmã...

E como se a idéa da sua morte o impressionasse lancinantemente, accrescentou, estendendo a mão a Luthero:

—Obrigado, desconhecido caritativo, e vós, senhor, obrigado tambem! Ambos me salvastes das mãos d'aquelle frade cynico. Ficae certos de que me lembrarei d'isto toda a minha vida!...

—Bem, bem!—interrompeu Luthero—isto não vale a pena que nos agradeçaes. Qualquer bom christão, no nosso logar, faria o mesmo!

—Nada de modestias!—tornou Annibal—nada de modestias! A modestia aqui não tem cabimento!

E como se o irmão de Flora quizesse provar que sabia economisar a imaginação, e em occasiões semelhantes servir-se de phrases semelhantes, continuou dizendo:

—Acabaes de salvar na minha pessoa um dos primeiros capitães do nosso seculo, um homem cuja espada solicíta precisamente n'esta occasião o duque de Saxonia, Frederico, o Sabio.

Neumann e Luthero estremeceram, ouvindo o nome do duque, porque lhes recordava a funebre tragedia.

O espadachim equivocou-se, tomando por gesto de incredulidade o movimento que os dois fizeram.

—É veridico o que vos digo, tão veridico que acabava de envergar a armadura de campanha e me dispunha a partir para Leipzig, quando dei de cara com aquelle frade, excommungado elle seja!

E com a mão indicava a estrada por onde Tetzel desapparecêra.

—Sabei, senhores—tornou o charlatão—que eu sou o irmão de Flora,

a bella romana, que talvez vossas senhorias tenham o gosto de conhecer...

Como os dois amigos indicassem que não, com um gesto negativo, Annibal proseguiu:

— Não a conheceis, tanto peor para vossas senhorias... Pois bem, saía da minha casa quando me encontrei com esse diabolico dominicano que saía de casa d'ella, precipitadamente... Isto chamou-me a attenção...

Luthéro franziu o espesso sobr'olho, e ia perguntar que especie de irmã era aquella que recebia frades em sua casa, a deshoras: mas Annibal não lhe deu tempo, e proseguiu d'esta fórma:

— Pedi-lhe cortezmente que tivesse a bondade de accrescentar á lembrança que de certo tinha dado a minha irmã, outra lembrança para mim, com que pagar todo, ou pelo menos parte do meu equipamento para a guerra...

Os dous homens então começaram a ver claro, e como a historia os não interessava deram um passo para se irem, deplorando terem perdido o seu tempo em salvar semelhante marau.

Mas o irmão de Flora suspendeu-os.

— Uma casquinada — continuou o irmão de Flora, foi a sua unica resposta, senhores, e em quanto casquinava, dava-me um tapa ôlho que me fazia tombar a vizeira, e aproveitava o ensejo para me carregar como um fardo ás cavalleiras na mula, a qual, com o excesso da carga, não fazia senão choutear horrivelmente e moer-me atrozmente os ossos, até que afinal me atirou para aquelle sitio em que me achastes...

— Bem, bem, adeus!...

Foi esta a unica resposta de Luthero, em quanto Neumann sorria pachorrentamente.

— Desculpae, senhores, — contestou Annibal, correndo a cortar-lhes o passo — então não quereis repousar um bocadinho em casa de minha irmã?... Sem cerimonia!...

— Não, obrigado! — responderam ao mesmo tempo os dous interpellados.

— Não sabeis o que perdeis!...

Depois d'isto Luthero e Neumann pozeram-se de novo a caminho.

— Ide pois onde vos chamem os vossos que fazeres — disse Annibal. Flora passará pelo desgosto de não vos ter podido dar os agradecimentos, tão expressivamente como mereceis! Quanto a mim não sou ingrato, assim como não sou importuno!... Ide, pois... Antes porém desejo jurar-vos, invocando a memoria do grande Annibal, filho de Hamilcar o magistrado carthaginez, meu antepassado, que o sangue das minhas veias vos pertence até á gota final, e que em qualquer parte que vos encontreis, seja em que perigo fôr, não tendes mais que chamar-me, que eu acorrerei prestes para vos salvar, como vós me salvastes a mim!

Como da primeira vez, ao proferir estas palavras, Annibal, depois de ter alçado a espada ao horisonte, tornou a embainhal-a com gravidade, inclinando-se deante de Luthero e de Neumann, e com a consciencia perfeitamente tranquilla por aquelle juramento duplicado, que mais para deante o havia de pôr em delicadas complicações, encaminhou-se lentamente para a

casinha, arrastando os pedaços da sua armadura, que, entrechocando-se, produziam um extranho tintillar de ferros velhos.

Os dous amigos proseguiam o seu caminho silenciosos. Luthero, parando um instante, foi o primeiro a romper o silencio.

—Adeus, irmão—disse com voz grave.

—Até á vista!—disse Neumann.

De tal sorte chispavam os olhos do fidalgo, que a desgraçada conhecendo que se lhe armava uma cilada, comprehendeu que era a sentença do bem amado que lhe pediam que assignasse.

Cap. XIII.

E ambos se abraçaram.

—Então, definitivamente não?—perguntou uma vez ainda o esculptor.

—Não, decididamente!—replicou Luthero. Depois d'isto, estreitaram-se as mãos, e separaram-se: o esculptor em direcção a Roma, o frade a caminho da Allemanha.

—Não—pensava este ultimo—ainda que seja contrariando um amigo

não devo acceitar n'esta lucta senão o apoio d'aquelles que inscrevam nas suas bandeiras os mesmos lemmas que eu... Se me encontrar só não importa! Sósinho declararei a guerra ao tyranno.

E Luthero, continuando o seu caminho para a Allemanha, accrescentava:

—E o seu castello de S. Angelo não me infundirá mêdo, nem as suas prisões, nem as suas fogueiras, nem os seus inquisidores!... As paredes dos seus palacios não o porão ao abrigo do trovejar da minha voz.

E, proferido isto, continuou o caminho com passo resoluto, caminhando toda a noute. Neumann, do seu lado, magicava d'esta sorte:

—Que pena perder tão bella acquisição! Quanto não vae sentil-o Miguel Angelo, o mestre! Emfim não se podem obrigar vontades! A todos é licito escolher o caminho que lhe convém, e nós não admittimos nas nossas filas e não associamos á nossa empreza ninguem, que não venha a nós de sua livre e expontanea vontade! Não tenho pena comtudo de o haver informado ao de leve da existencia da nossa associação! Bom é que saiba que póde contar com alliados! Demais, não o supponho capaz de trahir o segredo!...

N'este ponto das suas contemplações estava quasi o artista chegando á porta da barreira de Roma, quando ia tropeçando com uma velha de aspecto singular.

—A Sibylla!—exclamou, cumprimentando-a.

Porém a velha resmoneava extranhas syllabas de uma lingua desconhecida. Os seus olhos chispavam sob as brancas mechas do cabello emmaranhado, e não deu mostra alguma de haver conhecido o esculptor. Elle, porém, conhecia-a de a ter encontrado em casa de Miguel Angelo, que a havia decidido, não sem muito custo, a servir-lhe de modelo nos estudos de Sibylla que pintava para a capella Sixtina. Ninguem sabia quem era aquella mulher, nem qual o seu nome, porque se negára sempre a declaral-o. Sabia o italiano; porém quasi nunca o fallava, e solicitada pelo Raphael d'Urbino a servir-lhe de modelo formalmente se negára.

Com que prazer comtudo o faria, se soubesse a mulher que ali havia de encontrar...

Neumann, antes de passar a porta da barreira de Roma, voltou-se de novo para vêr Luthero, e dizer-lhe adeus mais uma vez. A Sibylla, porém, que era como a chamavam em casa do mestre, havia desapparecido. No emtanto, em todo o caminho não se enxergava uma casa, uma arvore, e até os proprios sarçaes eram raros e rachiticos. Aonde pois se teria ella sumido? Esporeado pela curiosidade, Neumann rodeou o sarçal, mas nada lobrigou. Convencido de que Luthero não estava já ao alcance da vista, pôz-se de novo a caminho, preoccupado todavia pelo subito desapparecimento da velha.

—Será verdade—magicou comsigo—como dizem, que a Sibylla é bruxa! Não creio nada nos milagres, e muito menos nas mocanquices das bruxas... Comtudo quero tirar-me de duvidas... Espero em breve ter ensejo de sabel-o... Veremos!...

E d'ali a pouco desapparecia pela porta da barreira, que os guardas cerraram atraz d'elle, pois a noite adeantava-se.

Á medida que Annibal, arrastando a sua armadura, se acercava da casinha do arvoredo, acordava n'elle uma suspeita extranha.

—Porque é que sua irmã não se lhe déra saber o que lhe havia occorrido?

Um pensamento, cada vez mais tôrvo, o navalhava. Correndo quasi, entrou de roldão pela porta que ficára entreaberta, precipitou-se no quarto da corteza, e apenas levantou o reposteiro deu um grito agudo. No quarto tudo apresentava o aspecto da desordem e da devastação mais completa, e no meio de um montão de almofadas e de cadeiras caídas jazia o corpo exanime de Flora no chão, pallida, a cabeça n'um charco avermelhado, a madeixa esparsa e desmanchada.

Não havia duvida, o safardana do frade havia-a assassinado para a roubar e por isso fugia tão atabalhoado. Morta! Morta!... Effectivamente... a pallidez, o sangue, a sua immobilidade, bem claramente o manifestavam.

—Mana Flora! minha pequena! gallinhinha dos ovos de ouro!... chamava com entonações cada vez mais flebeis e queixosas, o inconsolado espadachim.

Porém Flora não respondia. Estava morta! A bella e incomparavel romana fôra roubada ao amor dos romanos...

Lamuriando, em alta voz, condoendo-se do que iam soffrer os romanos, e sobretudo, condoendo-se de si proprio, Annibal percorria a habitação, rebuscando tudo. Sem duvida procurava o punhal com que haviam trucidado a irmã, poisque se acurvou sobre o corpo da malaventurada. Porém não era o punhal, o que elle rebuscava: era o seu collar de perolas. Ah! o outro salafrario havia tido decerto a mesma idêa, porque o seu collo nú não ostentava o collar precioso, que fôra decerto tão bruscamente arrancado pelo assassino, que duas das suas perolas jaziam ainda no solo, caídas. Por fim, decidiu-se a apanhal-as, sacudido de soluços, e durante alguns minutos podel-o-iam ter visto com uma perola em cada mão, e uma perola de amor fraternal, em cada olho. N'este estado correu a casa toda. Mas cousa alguma do que havia n'ella de algum valor, e que podia facilmente ser transportado, appareceu ali á mão. São tão largos e tão commodos para isso os habitos de um frade!...

—Sicario! Bandido!—exclamava Annibal—e ainda se atrevia a rir-se e a querer matar-me por todos os modos imaginaveis! Ah! felizmente não o conseguiu, graças áquelle outro frade tão caritativo, ainda que um tanto desdenhoso, mas que me reconcilia com as ordens monachaes! A vida que lhe devo quero empregal-a em vingar-me... e para começar corro a denunciar o assassino ao proprio Papa em pessoa...

Annibal deu um passo, resoluto a cumprir o que dizia: porém suspendeu-se, antes de dar o segundo.

—Denunciar ao Pontifice um frade provido de uma cedula papal rubricada com o sello da Inquisição!... Não, não o farei! pois não seria elle, mas sim eu que seria enviado á fogueira, e eu respeito muito a minha dignidade, para morrer assado, tisnado e chamuscado como um porco... Não: tomarei a vingança por minhas proprias mãos. Vou pôr-me immediatamente no encalço do assassino, pois felizmente não me roubou, e ainda, graças a Deus, me resta algum dinheiro. Quando elle se me aca-

bar, pedil-o-hei cortezmente aos viajantes, ou descortezmente se fôr preciso, pois uma causa santa tudo desculpa! Para poder alcançar a sua mula, careço desde já d'um cavallo, e tel-o-hei, ainda que para isso tivesse de deitar o cavalleiro de venta em terra. A vingança primeiro que tudo!

O desditoso Annibal voltou de novo ainda ao pé do corpo inanimado da sua irmã, e disse com a voz alterada pelo pranto:

—Adeus!

Descobrindo ao mesmo tempo uma garrafa esquecida de vinho da Sicilia, esvasiou-a, applicando o gargalo á bocca, interrompendo-se só a cada trago para soltar uma lamentação.

—Adeus, casa adorada! Adeus, porta do céo!... Adeus, refugio dos peccadores!... Adeus, consolo dos afflictos!...

Largo tempo ainda continuou psalmodiando aquella ladainha. Porém a botelha não podia verter mais uma gota só.

—Adeus, recurso da minha velhice, refugio para sempre perdido!

E dando termo á sua lamuria de desesperação affastou-se em continente d'ali, não sem lhe pesar ter que se affastar tão rapidamente, sem poder prestar os ultimos deveres funerarios á victima.

—O Papa se encarregará d'isso!—disse com os seus botões, para se consolar—se acaso não é um monstro de ingratidão! A vingança primeiro que tudo!

Envergando a armadura, de novo saiu, e pôz-se a caminho estugando o passo. Mas ao cabo de meia hora de marcha afrouxou a andadura. Não era porque a armadura de batalha o molestasse, pois que as peças tinham adquirido maior elasticidade com o serviço de ha pouco, e elle habituara-se mais ao peso, confortado além d'isso com o conteúdo generoso da garrafa, e sentindo-se robusto como um carvalho. Comtudo, uma somnolencia invencivel se apossava d'elle. E apezar de não ter motivo de se achar já alquebrado, sentia no entanto um insupportavel alquebramento, e pestanejava. Teria elle acaso somno? Parecia-lhe que sim. Não seria talvez uma sobre-excitação nervosa? Talvez que a magoa e o sentimento fossem as causas!...

O que é certo é que Annibal, começava a sentir devéras o não ter um cavallo seu, quer dizer d'outro.

De subito estacou, e, cravando a espada no solo, apoiou-se n'ella de fórma que a catana e o seu corpo formavam, exactamente, um A. O seu intuito era repousar alguns instantes n'aquella attitude sem correr o risco de se deixar dormir, o que elle não queria.

—Não quero!—dizia elle—em primeiro logar: e em segundo não devo... A vingança primeiro que tu...

Não terminou a palavra nem a sua phrase querida, porque escabeceou preza d'um somno irresistivel, cerrou os olhos, e tal cabeçada deu, que, perdendo o equilibrio, caíu de venta em terra, ficando o gladio ainda enterrado no solo.

Alguns dias depois d'este, tão fertil em successos, todos os sinos de todas as egrejas, capellas e basilicas de Roma annunciavam á cidade a proxima canonisação de um novo santo, o memoravel irmão Mathias Realini.

Hochstratten havia-se recordado afinal do nome. O bemaventurado morrera no convento da Pouille, nome predestinado, [1] e em consequencia d'uma enfermidade cujos symptomas não se tiravam a limpo, e não sem justificada prudencia, pois aquelle genero de virus era novo no mundo christão, o qual não o conhecia antes da viagem de Christovão Colombo.

O digno monge dominicano tinha morrido com um cheiro, que apesar de pouco balsamico, e de empestar tudo, não se duvidou em qualificar de *cheiro de santidade*. O jury de prelados, constituido para lhe passar licença de residencia no Paraizo, reuniu-se, nomeou commissões, leu relatorios, e ainda alem d'isto tudo regalou-se com os viveres offerecidos pela devota munificencia dos fieis. Era isto moda então, e os beatos e beatas porfiavam a qual regalaria com mais abundancia estes fabricantes de santos. Nos nossos tempos as offerendas de viveres foram substituidas pelos donativos em metallico, e ahi está a canonisação de um certo S. Labre, chamado o Contra Insecticida, para provar que para taes solemnidades requer-se uma grossa maquia. O que, seja dito entre parenthesis, pode fazer suppôr que S. Pedro é um porteiro como os da sua egualha, e que só abre a porta a inquilinos que se lembrem de untar-lhe as mãos.

N'aquella occasião os ducados não escassearam tambem; com a vantagem muito para se louvar que não foi preciso rogar muito para se obterem, como occorreu na ultima. Os milagres que se verificaram no tumulo de futuro santo, conservavam desperto o enthusiasmo. Sabia-se que o milagre do Christo, galfando e cascadeando ricas peças d'ouro pelas feridas, milagre que por largo tempo entreteve a attenção dos fieis, se verificára precisamente no dia mesmo em que Leão X pensára n'aquella canonisação, o que foi considerado como prova incontestavel de que Fr. Mathias Realini era esperado lá em cima nas alturas celestiaes.

Immediatamente organisaram-se peregrinações, correu-se a beber a agua miraculosa, em que se haviam lançado raspaduras da pedra da sua tumba, e até das solas dos seus sapatos, ainda que é preciso advertir que isto custava muito mais caro. Havia porém a classe dos privilegiados, os quaes bebiam uma tisana feita com os restos authenticos dos piolhos do santo, e aos quaes se dava a beijocar a sua unica camisa, camisa virgem de sabão e de barrellas, e que jámais passára pela mão peccadora d'uma lavadeira.

Uma creança que engulira um botão, e á qual sobrevieram nauseas em consequencia de ter tomado a tisana com os parasitas do santo, vomitou e expelliu o botão de cobre, que de certo a teria envenenado. Esta cura, resultada d'aquelle vomitivo, foi exaltada até ás nuvens. Os leprosos que se banhavam n'um poço aberto ao pé do tumulo do santo, curaram-se tambem da enfermidade... porém perdendo a vida, e isto era de certo um

[1] Piolhoso em francez escreve-se *pouilleux*, e da sua semelhança com *Pouille* fazem os auctores um calembargo. — *(N. do T.)*

novo milagre. Porém o espectaculo que mais impressão causou nos fieis foi o seguinte:

Certo dia, o mesmo mendigo estropiado, côxo e torto, que se guindára a arengador dos da sua egualha, o audacioso accusador do Papa, que provocára o milagre dos escudos, e a quem ninguem havia tornado a pôr a vista em cima, appareceu no grupo dos fieis que rodeavam o tumulo de Realini. Ao darem de chofre com elle, todos os devotos retrocederam e se desviaram d'elle como um leproso, ou um empestado. Dous moços o seguravam, o que era de certo em attenção á sua coxella. Estacou em frente do esquife, coxeando muito, muitissimo, mais do que nunca, e clamou no meio do mais cavo silencio dos circunstantes, apoiando-se sempre nos dous moços, com a voz tremula, sem duvida pela emoção e do respeito de que se achava possuido:

—Oh! grande santo! se é que a vossa devoção vos tenha alcançado influencia junto do Altissimo, fazei com que a minha perna doente, como todos pódem vêr, torne ao seu primitivo estado, sã.

Não havia ainda bem terminado estas palavras quando os dous famulos o forçaram a ajoelhar-se, o que o côxo fez não sem muitos gestos de quem lhe custava, e depois a levantar-se. Em seguida espicaçaram-no com as alabardas nas costas.

Então a gentalha e a turbamulta presenciou uma cousa notavel—e era o côxo, que sem coxear nada, corria furiosamente em roda do tumulo, pinchando e bailando. Todos os devotos e devotas, joelho e nariz no sólo, clamavam:

—Milagre!... Milagre!...

Porém o prodigio não se quedou aqui.

—Grande santo!—tornou a ulular o mendigo—se é certo que a vossa devoção vos haja conquistado alguma influencia junto do Altissimo, fazei com que o meu ôlho, que todos teem podido e podem observar tapado por uma palla, de putrido que está, se torne são de novo.

Os moços tiraram-lhe a palla do ôlho, e tão depressa foi dito como feito, pois que o ôlho se tornára são e escorreito, como se nunca tivesse tido nem um simples argueiro.

Os moços tapam-lhe então com a palla o olho são, e com aquelle unico que o santo curára vê tambem como com os dous: lê a inscripção do tumulo: fazem-o repetir se um dos circunstantes tem barba, ou não tem: qual a côr dos seus cabellos, se ruivos, louros, pretos ou castanhos claros: e a tudo responde cheio de um desembaraço que era um pasmo, sem em nada se atrapalhar ou confundir, com uma chibança, uma clareza, que era um gosto ouvil-o, e embasbacar-se uma pessoa!...

Então a turba multa e o poviléo prorompeu de novo em grita:

—Milagre!... Milagre!...

Porém o prodigio ainda d'esta vez não quedou aqui.

Restabeleceu-se o silencio, e de novo o mendigo, extraordinariamente pallido, evidentemente por causa das successivas emoções, cambaleando, em consequencia decerto da desmanchada e macabra carreira, e dos funambulescos pinchos que déra, se apresentou defronte do jazigo do santo, e ululou:

—Grande santo!—e cambaleou por tal fórma que os moços tiveram que sustental-o pelos sovacos dos braços—grande santo! se é certo que eu sou um bilhostre e um salafrario que ultrajei outro dia o Santissimo Pontifice Leão X, teu representante...

O mendigo estacou. Estava perplexo, vacillava: mas, como um dos moços lhe ciciasse ao ouvido umas quaesquer palavras, pareceu resolver-se, e accrescentou, tartamudeando:

—Grande santo! faze com que caia morto de repente.

E de facto, mal articulára o antigo estropiado esta phrase, quando baqueou, fulminado, no sólo.

Os circumstantes ficaram estarrecidos de terror.

Talvez estivesse apenas desmaiado, foi a idêa que occorreu a um dos que o seguravam, pois se lhe viu tirar do bolso um frasquinho que fez respirar ao desgraçado para lhe fazer passar o vágado.

O mendigo estremeceu, convulsionou violentamente os braços, e ruiu exanime, ao comprido, no chão. Estava morto. E a arraya miuda, o povilêo aterrado, gritou pela terceira vez:

—Milagre!... Milagre!...

Tão miraculoso era aquillo de facto, tão certo era que o dedo de Deus andava em tudo aquillo, que a um certo Rodolpho, pagem do duque de Urbino, inimigo, como é sabido, de Leão X, como succedesse que aquella noite n'uma taberna pretendesse que aquelle côxo talvez não fosse côxo, que a palla talvez tapasse um olho são, e que ninguem sabia se aquelle frasco cujo cheiro o esbirro lhe fizera respirar conteria apenas saes ou antes um subtil veneno que chegado ao olfacto bastava a produzir a morte, todos os assistentes prophetisaram que occorreria algum accidente áquelle blasphemo. E não tardou a tal succeder.

Ficou cego,—de certo porque Deus quiz punir os seus olhos que se haviam recusado a vêr,—e se não ficou cego, então cousa parecida lhe devia ter succedido, porque n'aquella mesma noute, que de certo não estava escura, aquelle moço, que era do paiz, perdeu-se, e não soube encontrar a ponte por onde devia passar, baldeou ao rio, onde no outro dia foi encontrado o seu cadaver.

SEGUNDA PARTE

A Bastarda do Cardeal

CAPITULO X

A Escada de corda

A noute do anno de 1495, um moço de aspecto serio e involto n'uma capa de côr sombria, o chapéu deitado sobre os olhos, virava a esquina do Palacio Vecchio em Florença.

A atmosphera estava pezada, caliginosas nuvens se condensavam no horisonte, e o fracasso de trovões distantes que se acercavam paulatinamente, prenunciavam tempestade.

O desconhecido, costeando as paredes das casas, internou-se nas ruas mysteriosas e solitarias, fugindo, intencionalmente, dos sitios mais illuminados. Quando desembocou na praça de *Santa Maria Nova*, a lua, meio occulta até então detraz das nuvens de um negro côr de tinta, desappareceu completamente, deixando tudo affundado em tal escuridão que era impossivel lobrigar qualquer cousa, a distancia de dous passos.

O joven,—decerto algum fidalgo florentino, pois se lhe enxergava a espada sob a capa,—não deu mostras de inquietar-se por tão pouco, e como pratico nas ruas proseguiu o caminho. Tomou á direita, passando os dous obeliscos que marcam o limite da pista para a corrida dos carros, e internou-se depois n'uma rua bastante estreita e solitaria, a julgar pelo echo sonoro que accordavam n'ella os passos do passeante nocturno.

Só encontrou duas ou trez pessoas no caminho, decerto habitantes do bairro, que regressavam a toda a pressa ás suas casas, ante os prenuncios de tempestade. O que é verdade é que retiraram a tempo, porque de subito desencadeou-se a tormenta, e uma terrivel rabanada de vento forçou a

andar o embuçado mais depressa do que elle queria. Para se poder orientar n'aquella escuridão e com aquella ventania teria sido preciso possuir olhos de gato. Por fim, depois de muitas perplexidades e incertezas, o passeante deteve-se.

As ruas estavam desertas, e não se escutava outro ruido alem do sibilar da ventaneira, e por momentos o ronco do trovão. N'aquelle instante n'um dos relogios visinhos soava meia noute.

—Está bom!—murmurou o caminhante—vim mais cedo do que devia e não posso deixar de o vêr.

E depois de um escasso silencio, murmurou, sumidamente:

—E, comtudo, se o que me disseram fosse certo... se se atrevesse a vir!...

Achava-se então o embuçado no recanto ou entrada que apresentava um muro, abrigando-se o melhor que podia do furor do vento. Ao alcance do braço havia uma portasinha baixa, gradeada, que elle muito bem conhecia. Quantas vezes em frente d'aquella porta havia elle sonhado, com o coração pleno de desejos, mas sempre respeitoso.

Aquella porta conduzia a um jardimsinho situado precisamente ao pé d'um palacio cuja fachada deitava para a rua.

—Deve ter uma chave!—pensava.—A noute é propicia!...

E proferindo isto, com o punho cerrado, ameaçava o céo, como accusando-o de permittir delicto tal, e continuava monologando:

—Ah! se ella me engana, maldito seja elle!...

E instinctivamente, dizendo isto, levava a mão ao cinto procurando o cabo do punhal. O tempo, no emtanto, continuava o seu curso, e a demorada espera e as bategas d'agua que caíam torrencialmente calmaram um pouco a excitação do cerebro do desconhecido, que começou a duvidar.

—Não,—monologou—ella tão joven, tão pura... não é possivel!... Então não foi ainda hontem mesmo que ella respondeu que sim, é verdade que em voz muito baixinha, quando o pae lhe perguntou se acceitava a minha mão, e se queria ser minha esposa?... Não. ella não podia prestar-se a tal projecto... Se elle se houvesse abalançado a tal tentativa, sem sequer a prevenir, tenho certeza de que ella gritaria, ainda que fosse surprehendida, e que denunciaria ao pae o sacripanta!... Isto é tão inverosimil que não posso acredital-o!... Quem sabe se quizeram apenas mofar de mim? O mascarado que ainda agora me preveniu, quem me diz que não me quiz empulhar, pelo carnaval?... Mas não, a sua voz tremia... A sua insistencia não me permitte duvidar. Cousa singular! pareceu-me voz de mulher... Será acaso uma rival!... Quem sabe? O que é certo é que não era homem!... Se o fosse, desinteressado n'esta questão, nada teria revellado: interessado, teria vindo directamente a mim em vez de mandar mensageiro. Mas, a não ser que seja o ultimo dos poltrões e dos biltres, é um inimigo da minha familia... algum dos Médicis... Ah! perco-me em conjecturas!...

De subito uma pedra rolou a seus pés. Escutou attentamente. A ventaneira augmentava. Abeirou-se da porta, e prestou ouvido attento... Nada...

Fôra sem duvida uma pedra arremessada por uma rabanada da ventania.

—De todos os modos—pensou o embuçado—se é elle, não póde passar por outro caminho...

Mas n'aquelle instante parecia ouvirem-se passos cautelosos. Depois, o ruido cessou, e sentiu-se como que o leve rumor que produz o attrito de uma pessoa passando rente a uma parede. O desconhecido olhava com olhos esgazeados, e não se atrevia a saír do seu esconderijo. Talvez que se o outro o visse, tivesse tempo de chegar até á porta; além d'isso, se se mexesse, arriscar-se-hia a não descobrir nada. Não chispava a lua um unico raio, e tudo estava immerso na escuridão mais densa e absoluta. Mas o ruido começa de novo, e d'esta vez é como que o tintillar d'uma espada contra a parede. Ah! agora sim, custe o que custar, é preciso observar e saír de duvidas.

O moço deu dous passos adeante, affrontando a ventaneira que continuava desencadeada, e que o forçava a curvar a cabeça e a cerrar os olhos. Sangue de Christo! O vento açouta-lhe a face desapiedadamente, como se fosse com umas disciplinas. Retrocede e prepara-se a desembainhar a espada. Precisamente n'aquella occasião a claridade d'um relampago illumina a rua. O embuçado deu um grito. N'um segundo podéra enxergar que ao comprido da fachada da casa pendia uma escada de corda pela qual trepava um homem, que levava deitado para traz o manto, que d'outra fórma o impediria na sua ascenção no meio das lufadas da tempestade. No cinto chispava o cabo d'uma adaga. Pelo seu trajo e a cabelleira longa o moço reconheceu-o logo.

—E Bibiena! disse.

Aquelle a quem o desconhecido chamava Bibiena dirigia-se para um balcão do segundo andar, e assomada a elle—e fôra isto que arrancára o grito ao embuçado—uma joven, bella e rosea como a aurora, esperava-o anciosa.

—Beatriz! murmurou elle esporeado de zelos. Não ha duvida! Ella sabia, e esperava-o! Que infamia!...

Um soluço affogou-lhe uma praga na garganta, e cobrando alento varonil, disse:

—Vamos! Veremos qual dos dous chega primeiro até lá!

Galgando de um salto a extremidade da escada de seda, que balouçava á mercê do vento, ágil como um gamo, começou a subir atraz do seu rival nocturno. Bibiena não ouvira o grito do desconhecido. A sacudidella imprimida á escada não o surprehendera tambem, nem lhe chamára a attenção a tesura maior que tomára a escada. Suppozera apenas que se havia engatado n'algum varão de ferro da varanda do andar de baixo, com o que se alegrava.

—Mais facil me será descer,—dizia de si para si—e demais facilita-me a subida!

E proseguia subindo, suppondo-se protegido pela cumplidade das trévas, olhando a bem amada, a quem mal distinguia. Apenas a alguns passos a distancia d'ella, Beatriz, que nada vira, disse-lhe:

—Meu querido, vem com cuidado!...

—Não tenhas medo, minha Beatriz—dissera elle.

Mas ainda não terminára a phrase, quando ella, que á luz d'um relampago lobrigára o desconhecido, atirando-se para traz assombrada, clamou:

—Detraz de ti... Rodrigo!...

Bibiena voltou a face, e olhou para baixo. Era já tempo: o desconhecido quasi o alcançava, e Bibiena poude vêr reluzir-lhe entre os dentes a lamina d'um punhal. Então, no meio da espessa caligem d'aquella noute, interrompida só a espaços por sinistros e intermittentes clarões, teve logar uma lucta tremenda e silenciosa. Bibiena desembainhára a adága, mas no momento em que se curvava para ferir o seu adversario, o outro arrojando-se sobre elle apertara-lhe com força o braço com que elle segurava o ferro, estreitando-o selvaticamente como entre tenázes. Ambos estavam suspensos entre o céo e a terra, seguros á escada que os aguentava, com uma mão apenas! A joven, anciosa, com meio corpo fóra do varandim, sondava com o olhar turbado a escuridão da noute e aos fusis dos relampagos via os dous adversarios gilvarem-se furiosamente. Não se atrevia a gritar; porém, se aquella lucta se tivesse prolongado mais, teria caído morta de angustia.

Os dous homens interromperam por um momento a lucta. Estavam condemnados a não fazer movimento algum. Abrir a mão com que se suspendiam á escada sacudida pela ventania furiosa seria o mesmo que sentencearem-se a ruir espedaçados contra a parede, ou no lagedo da rua. Bibiena tentou esmagar o craneo de Rodrigo, espapaçando-o sob o calcanhar, mas perdeu o equilibrio, e se o seu rival se não tivesse abraçado a elle, teria baqueado irremissivelmente.

Uma lufada mais violenta do que as outras, imprimiu uma sacudidella terrivel á escada, elevando-a ao ar a grande altura, e quando caíu de novo buscando o nivel, ambos os rivaes foram lançados contra a parede, em quanto que um grito de raiva reboava no espaço.

Beatriz sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias. Qual dos dous teria perecido espedaçado no lagedo? No instante em que Bibiena fazendo um esforço sobrehumano havia conseguido desembaraçar-se de Rodrigo, e se curvára sobre o adversario, e que este lançando-se para traz para evitar o golpe brandindo o punhal na mão direita, n'este mesmo momento é que a escada que, sacudida pela ventania se torcêra, recobrou a sua posição natural, cedendo ao corpo de Rodrigo, o qual se sentiu arremessado com violencia contra o angulo d'uma esquina. A mão bateu n'ella com força extrema, e deu uma tremenda pancada: a adaga caíu-lhe das mãos, e o braço erguido ao alto ficou inerte pela dôr. Era preciso ter-se um valor heroico para não soltar a outra mão da escada. Bibiena, que já recobrára o equilibrio, comprehendeu a sua vantagem e a fraqueza do rival, e de um só golpe feriu o adversario no cotovello direito.

Rodrigo ululou um gemido horrivel de angustia. A lamina do punhal cortára a escada de seda, e Rodrigo, soltando-se de chofre, balouçou um instante no espaço sustentando-se só nos pés, e sacudindo o braço ensanguentado.

A escada rangia sob o pezo, e, o ferido, apenas se segurava já á escada por um pé, cuja espora se havia prendido á corda, e que cedeu emfim. Escutou-se um angustioso gemido e depois o baque surdo d'um corpo despedaçando-se contra o lagedo da rua.

Beatriz no balcão estava quasi exanime de medo. Ainda que nada via,

pois que haviam cessado os fusis dos relampagos, pelo golpe dado, adivinhára o que succedera.

Um homem acabava de subir a varanda. Seria o seu amante? Se fosse o outro, a determinação da joven estava tomada. Arremessar-se-hia da janella, e iria esmigalhar e aluir o craneo junto ao corpo do que amára. Mas á luz da lampada, emquanto assim cogitava, reconheceu o amante.

—Francisco!—exclamou, soluçando de alegria.

D'ali a poucos momentos Bibiena, depois de ter retirado a escada já inutil, e cerrado a janella, estreitava entre os braços a querida amada, pallida ainda, e com o coração aos baques de alegria e de turbação.

Os dous jovens amavam-se ja ha alguns mezes com um amor vehemente que haviam contrariado, por largo tempo, a vigilancia paterna e o odio das duas familias. Francisco Bibiena, o mesmo que vimos cardeal, brindando com uma ceia Leão X, tinha então vinte e cinco annos, visto que nascera em 1470. Orphão de tenra edade, fôra collocado mais tarde por seu irmão Pedro na qualidade de secretario, em casa de Lourenço o Magnifico, duque de Florença, e pae de João de Médicis, de quem mais tarde Bibiena se tornou amigo. João de Médicis, cardeal então (pois fôra nomeado da edade de 13 annos) não aspirava n'aquella epoca ao pontificado. Por estas circumstancias Francisco estava alliado aos Médicis, a cuja familia estava tambem vinculado por alguns laços de parentesco, ainda que remotos.

Beatriz era filha de um Salviati. Bem sabido é que estas duas familias, se haviam jurado um odio mortal. A guerra dos Guelfos e Gibelinos havia-os encontrado em dous campos oppostos. Não decorria uma semana sem que se soubesse em Florença que um dos Médicis havia varejado em duello um dos Salviati, ou vice-versa.

A opinião publica e a crença geral era que uma d'aquellas familias acabaria por devorar a outra. E, de facto, nenhum outro remate parecia plausivel n'aquella lucta sustentada por um odio tão arreigado e as predicções pareciam proximas a realisar-se por occasião d'aquella terrivel trama dos Pazzi em que a metade dos conjurados eram Salviati. Quando aquella conjuração que terminou pela chacina dos Médicis na cathedral de Florença, e a execução na forca e desterro de tantos Salviati, quando aquella conjuração acabou, d'ella escapou milagrosamente Lourenço de Médicis.

Só o amor podia unir aquelles dous seres pertencentes a duas familias adversas, da mesma sorte que n'outro tempo o amor reunira Romeo e Julieta, a despeito da inimisade dos Capuletos e dos Montéchios. Porém d'esta vez a tragica aventura dos amantes não devia dar causa a uma reconciliação geral.

Bibiena até então, como obedecendo a um presentimento, permanecêra extranho áquelles furores que entranhadamente deplorava. Preferia consagrar o seu tempo a exercicios corporaes, á poesia, ao estudo, e ás mulhe-

res, sentindo um gosto particular quando se via embaraçado n'alguma doce intriga d'amor, enamorado de todas as mulheres, quer dizer de nenhuma. Os galanteios em que se envolvia eram sempre pudicos, deixando transparecer n'elles um certo platonismo que os seus camaradas muitas vezes chufavam. É que os seus sentidos não teriam de despertar senão quando o seu coração se interessasse, e por isto preferia mais o olhar virginal d'uma joven deslisado atravez das rejas de uma gelosia, ás interesseiras caricias dos amores luxuriosos e livres. O seu maior attractivo consistia em frequentar as egrejas, não para orar, mas sim para vêr se lobrigava alguma devota gentil, mulher vigiada pelo marido, ou joven pudica cujo missal elle podesse apanhar, ou descortinar seus mais mysteriosos desejos. Habil n'este genero de exames, deleitava-se em vêr como começavam e como rematavam essas aventuras ternas, para as quaes as egrejas foram sempre um terreno de feição.

Foi por este tempo, e n'estas circumstancias, que certa manhã de primavera estando em pé, por detraz d'uma columna de *Santa Maria Nova,* se viu de chofre em face do sonho ideal da sua vida. Era uma joven pudica, semi-rosada e loura. A sua irmã era morena e pallida: mas a lourinha era mais pequena e mimosa do que a morena, e esta mais altiva do que ella. Atraz d'ellas conheceu pelo seu passo cadenciado e seguro, Gáleas Salviati, antigo provedôr destituido por Lourenço de Médicis, e cujos bens todos haviam sido sequestrados, com excepção unica do palacio por onde vimos fazer a sua ascenção Bibiena na escada de seda. Gáleas era afamado pela sua tempera d'aço, que chegava á crueldade. Dizia-se d'elle—ponderando o seu caracter inabalavel—que, se açoutassem Salviati com uma barra de ferro, quem vergaria seria a barra de ferro.

Quando o enamorado Bibiena viu a joven, acudiu-lhe á memoria certa lenda mysteriosa que circulava ácerca da mulher de Salviati. Fallava-se de um secreto drama que occorrêra por occasião do nascimento da sua filha mais nova, drama que não podéra nunca esclarecer-se, porém de que se suspeitava, por algumas indiscripções. O que é indubitavel é que a mãe morrêra pouco depois em circumstancias inexplicaveis, e que todas haviam estremecido ao aspecto do marido acompanhando o féretro de sua mulher, sem que um unico musculo da face lhe estremecesse.

Esta filha mais nova era Beatriz, que Bibiena conhecia de nome. Era a loura, a mais pequena das duas: e desde aquelle momento o enamorado, fervente admirador do Dante, como todos os florentinos, promettêra a si mesmo que aquella Beatriz o conduziria pela mão até ás mais placidas alturas celestiaes do amor.

A sua resolução foi inabalavelmente tomada, desde aquelle instante. Quiz votar-lhe, de subito, toda a ternura accumulada ha muito em seu coração, sem que o aterrasse nenhuma das difficuldades e riscos da empreza. Estamos quasi em asseverar que nem cogitou de tal.

Adeantou-se dous passos ás duas irmãs que se dispunham a saír, e foi postar-se ao pé da pia da agua benta. Deixou passar o pae, voltando a face quando elle passou, para que o não reconhecesse, e com o corpo interceptou a passagem ás duas irmãs. Á mais velha, que ía adeante, offereceu-lhe agua benta, e o mesmo fez naturalmente á outra que a seguia.

No momento em que os seus dedos roçaram as pontas dos dedos afilados de Beatriz, pareceu-lhe que o estremecimento que o invadira se communicava tambem á joven, que saíu com a cabecinha baixa e ruborisada.

Se Bibiena não tivesse ficado quedo e immovel a seguil-a com a vista, no portico cheio de fieis, e sobre tudo se não tivesse ficado com a cabeça tão transtornada por aquelle amor tão repentino que o subjugava, teria notado, elle tão industriado em achaques d'amor, que a outra joven, equivocando-se com o objectivo das suas attenções, e attribuindo a si a causa da sua etiqueta, lhe havia fuzilado, ao passar por deante d'elle, um olhar incendiario d'amor.

Esta joven era a irmã mais velha de Beatriz, e a quem ao pé da porta seu pae chamára, dando-lhe o nome de Branca.

Todos os domingos, uma hora antes da missa, Bibiena comparecia na egreja, seguro d'encontrar lá as duas irmãs, e em todos os domingos lhes offerecia agua benta, tomando todo o genero de precauções, para não ser lobrigado nem pelo pae, nem pela creada, que ás vezes o substituia.

Cada domingo tambem Branca, apaixonada, tomava por dirigidos a si todos os olhares e attenções. E como nenhuma das duas irmãs fazia sua confidente a outra, não havia margem a cessar d'uma vez aquelle equivoco. Bibiena, alheio a tudo isto, só dava fé d'uma unica cousa: era de que seus olhares eram amorosamente acolhidos e retribuidos por Beatriz, e a sua agua benta tomada de muito bom grado e acceitação. Não conhecia ainda o metal de voz da sua bem amada, e da qual se cria correspondido, não sem rasão; mas unicamente, com o roçar a sua mãosinha timida e com aquelle gozo de todos os domingos, se dava por pago e satisfeito.

Certo dia, porém, figurou-se-lhe que Beatriz havia chorado. Se se tivesse affirmado melhor teria descoberto tambem rastos de lagrimas nos olhos de Branca. Quando Beatriz passou por deante d'elle, fixou-o com uns olhos tão tristes, que elle cuidou finar-se de puro desgosto, a seus pésinhos. N'aquelle dia nem mesmo teve o prazer de lhes dar a agua benta. Mas a mais velha, essa, sorrindo-se melancholicamente, roçou a mão do gentilhomem com a sua mão delicada, e, ó surpreza! sentiu que lhe entregava um bilhete. Occultar-se n'uma penumbra e devorar o perfumado bilhetinho foi obra d'um segundo. A missiva rezava assim:

«Acautelae-vos. Meu pae desconfia. Nós não voltaremos mais á Egreja e ficaremos reclusas em casa.»

Quem, em caso identico, se não haveria equivocado? Bibiena não conhecia a lettra da bella e pudica lourinha que requestava, e a carta trazia como assignatura estas duas iniciaes—*B. S.*»

Para o moço apaixonado as duas iniciaes não podiam ter outra significação a não ser esta: *Beatriz Salviati.*

Suspirou profundamente. Era amado, e a prova estava ali n'aquellas curtas linhas. Porém ser amado, e não poder ver mais sequer a pessoa a quem se ama, nem ouvir repetir que nos ama mil e mil vezes á pessoa que idolatramos, póde constituir alguem venturoso, acaso? *Reclusas*, dizia o bilhete que o enamorado secretario de Lourenço o Magnifico beijou mil e mil vezes. E era esta a verdadeira palavra. Elle, que por ter seguido,

ainda que de longe, as duas irmãs conhecia a sua morada, bem sabia que não podia encontrar-se nada de mais sombrio e torvo do que aquelle funebre palacio que parecia reflectir o luto de seus senhores, perseguidos pela tyrannia de Lourenço. O aspecto das paredes do edificio em que jámais se lobrigava uma janella aberta, era em demasia lugubre, e se exceptuarmos a velha serva, verdadeiro dragão de gesto acido, que por vezes acompanhava as duas irmãs, e que por ironia do acaso respondia ao melifluo nome de Nella, nunca se vira sair alguem d'aquelle palacio, que muitos creriam deshabitado.

O que faria em taes perplexidades? Deveria fallar ao tremebundo Gáleas? Mas isso seria equivalente a cerrar para sempre deante de si as portas do palacio. Teria sido despertar completamente as suas suspeitas, ainda não manifestas, e quem sabe se expôr sua filha a qualquer brutalidade, motivada pela cólera. Por não ter que arrepender-se de não ter procurado todas as vias deliberou fallar ao pae.

Certo dia, na rua, viu vir na sua direcção o velho Gáleas bastante apprehensivo, e determinou aproveitar este ensejo. Mas, quando chegára a alguns passos do velho, este levantou a cabeça, e o apaixonado moço leu na chispa do seu olhar tal odio inabalavel para um secretario bem conhecido dos Médicis, que, perdendo a coragem, encaixou de novo o seu gorro na cabeça, gorro que elle havia começado a tirar, para fazer uma profunda saudação ao seu projectado sogro. Fingindo ter-se equivocado com a parecença de Gáleas com qualquer outro individuo, desappareceu, comprehendendo que seriam estereis todas as suas tentativas n'aquelle sentido.

Depois d'isto, o que projectaria? Não seria melhor esperar? Esperou uma semana, e depois mais outra; mas tudo foi baldado. Ella, como havia escripto no bilhete, não mais appareceu n'aquella egreja, nem em nenhuma outra, pois elle as percorreu todas.

Ora, tenha-se na devida conta o que era n'aquella epoca, não deixar ir uma filha á missa, e ter-se-ha uma prova evidente da terrivel teimosia do pae. No emtanto, o moço continuava rondando a casa da sua amada convertida em claustro, e frequentemente, occulto na penumbra, se lhe figurára ver agitar-se uma cortina, e deixar passar atravez, semelhante a uma flecha que vareja um coração, o raio fuzilante de dous olhos negros, porque Beatriz, ainda que loura, tinha os olhos negros, menos comtudo do que sua irmã.

Regressava um dia profundamente desalentado de um d'esses passeios melancholicos a que tão dados são os namorados, quando, não distante de casa, encontrou um frade mendicante, que esmolava dinheiro e donativos. Passou junto d'elle sem sequer ouvir a fanhosa voz do capuchinho, quando este puxando-o pela manga o tirou das suas cogitações, e Bibiena ao lobrigar o ventrudo monge de rubicundas faces, soltou uma exclamação de gaudio, que tornou boquiaberto de admiração o roliço frade.

—Teria eu sem saber, a honra de ser conhecido de vossa senhoria?—disse o capuchinho.

—A honra seria minha,—respondeu palacianamente Bibiena.—Tenho hoje um dia de alegria!—accrescentou, não sem suspirar—e quero que vós partilheis d'este meu gaudio.

—Bemdito é todo o gaudio que se partilha com os ungidos do Senhor —disse entre dentes o capuchinho.

Bibiena, que tinha a sua idèa premeditada, respondeu:

—Amen!

E travando do braço ao irmão pedinte, fel-o entrar em sua casa.

O criado esperava-o, e ao annunciar-lhe que a mesa estava posta, e a

A abbadessa e o prior haviam partido; Bibiena continuava estendido sobre o pavimento. O officio continuava.

Cap. xiv.

comida prestes a ser servida, o bom rapaz, cujo maior pesar então era vêr com que absoluta indifferença o seu amo olhava para as eguarias que elle cosinhava, ficou muito satisfeito ao ouvir Bibiena dizer:

—Ainda bem, pois já temos appetite, tanto o irmão...

—Serafim, disse este.

—Serafim, como eu—repetiu Bibiena, terminando a phrase.

Momentos depois estavam abancados á mesa, o irmão capuchinho e

Francisco, e em quanto o capuchinho abrindo muito os olhos psalmodiava o *benedictus*, cheio de commoção, Bibiena ao ouvido do creado murmurava algumas palavras.

—Vamos—pensou o creado com os seus botões—meu amo parece que se vae despedir das aventuras amorosas e passa a afogar em vinho as suas afflicções!

Assim o poderia suppôr quem ao cabo d'uma hora tivesse visto o montão de garrafas vasias, em fila sobre a mesa, ao lado d'uns restos de gallinha, e de um colossal pastel. Mas não teria sido difficil deprehender-se de que o moço esvasiara muito pouco vinho, e que tudo que a menos se encontrava nas botelhas devia estar dentro do bandulho monacal. E de facto, os olhos do capuchinho cerravam-se insensivelmente, com grandes tendencias, a uma santa somneca. Para estar mais á larga, com licença e a pedido do amphytrião, havia-se desembaraçado da tunica e dava signaes evidentes de estar possuido da mais entranhada alegria, misturando com os psalmos, que cantava com voz grave, fragmentos de coplas e cançonetas bastante alegres e frescalhotas, interrompidas de vastos arrôtos.

—Á saude da bella abbadessa!—gritava—e á do conego de S. João... Vamos, bebei mancebo!... Vejo com pesar que as jovens são pouca viciosas!... O que vae a ser do mundo na semana que vem? O que faremos ao vinho?... Á saude dos vossos amores!...

Francisco esvasiou o copo, tão deleitavel lhe pareceu aquella saude.

Como os outros, ou mais ainda do que os outros, aquelle dia decorrêra triste para a pobre moça clausurada no seu lugubre palacio. A misera desesperava-se, apoiada ao balcão da janella da sua alcôva que deitava para o meio do jardim, entretendo-se para se distrahir a seguir o vôo dos passaros que chilravam e se perseguiam amorosamente, tão livres nos seus vôos como nos seus amores. Porque a pobresita n'aquella clausura não tinha outra diversão. Nem mesmo tinha uma pessoa com quem conversar, porque sua irmã Branca, invocando os direitos de irmã mais velha, reclamára, e n'elle passava quasi todo o dia, o quarto menos triste d'aquella triste habitação, e que deitava para a rua.

Comtudo, no fundo, Beatriz preferia o isolamento completo á conversação banal e agri-doce a que a condemnava a surda inimisade e os ciumes de uma irmã que não a estimava mais de que seu pae, e da qual, com motivo fundado, desconfiava. Receava Beatriz que não lhe escapasse o seu segredo, e sobretudo por este motivo estava muito satisfeita de dormir a distancia de Branca, deante da qual temia revelar o seu segredo, em sonhos. Estava da janella vendo seu pae, que saía de casa com passo de inflexivel juiz, quando ouviu que batiam á porta. Beatriz correu a vêr quem era, com o coração aos baques, e ouviu na sua alcova a voz desabrida de Branca que gritava:

—Não te incommodes... É um frade pedinte...

—É preciso dar-lhe esmola, retorquiu a joven.

De facto, era um frade que na ante-camara resmoneava *padres nossos*, com a cabeça quasi velada pelo capuz, e implorava uma esmola á joven creadinha, que debaixo da direcção de Nella servia as duas irmãs. Foi n'este instante que Beatriz desceu.

—Julieta—disse ella—vae buscar á dispensa um bocado de carne, e uma garrafa de vinho á adega, para este bom irmão.

—Que Deus vos pague! respondeu por entre dentes o capuchinho.

A creada saíu. E o capuchinho então precipitou-se sobre a mão da joven. Ella retrocedeu... mas não teve mais tempo do que suffocar um grito, grito de surpreza e alegria, pois o capuchinho que acabava de deitar para traz o capuz, fôra reconhecido.

—Vós?—murmurou ella.

Como quasi desmaiava, Francisco—pois era elle—susteve-a nos braços, embriagado de vel-a e de ouvil-a, e pela primeira vez seus labios se uniram n'um primeiro beijo.

—Sim, minha Beatriz, sou eu!—dizia.

Depois de por tanto tempo ter almejado o momento de lhe fallar, não sabia o que dizer-lhe. Porém a sua situação, o seu estreito e apaixonado abraço, os baques do seu coração, o extasis que em seus olhos se reflectia eram mais eloquentes que todas as juras, e que todas as phrases.

—Por fim vejo-vos, depois de tão longa ausencia!... Se isto se prolongasse mais teria succumbido... É certo que não me esqueceste?...

—Eu?... Não, oh não... só penso em vós, só por vós vivo!...

—Oh, fallae! Quero ouvir-vos!... É tão doce a vossa voz!... Parece-me que o seu meigo som já o escutei em sonhos!... Fallae...

—Não, não me façaes esquecer a vossa loucura. Deixae-me ser mais prudente do que vós... Póde vir alguem... Meu pae póde voltar... Oh, meu Deus, se meu pae vos surprehendesse aqui!...

—Não ha perigo... Este habito...

—Esse habito não poderá servir-vos outra vez...

—Desejaes, pois, que torne?

—Ainda m'o perguntaes?

De subito callou-se.

—Silencio! disse em voz sumida.

Depois de ter posto o ouvido á escuta, disse:

—Não é nada!... Suppuz que era Julieta que vinha... No emtanto não póde tardar... Ide-vos, peço-vos... Procurae esquecer este desasisado amor, que ambos nos faria infelizes... Não procureis penetrar de novo n'uma casa tão vigiada... Apresentar-vos, como o fizestes hoje, em pleno dia é desafiar a morte...

—Ah! Beatriz, se me amasseis, eu viria de noute!...

—O que? Quereis?...

—Recusaes-mo?...

A joven emmudeceu. A volta da creada não lhe deu tempo a responder.

—Beatriz tem rasão,—dizia de si para si Bibiena—não devo confiar o risco de uma outra entrevista ás eventualidades do acaso. Era preciso primeiro combinar tudo. Como o faria? Despedir-se-hia d'ella para sempre, dando-lhe um eterno adeus? O amor aconselhou-o n'aquella perplexidade. Recordando-se de que a joven fôra educada, como o eram então as donzellas ricas, recitou o fragmento de um psalmo que podia passar aos olhos de Julieta por um agradecimento em latim ou um conselho pio, e misturou ao texto algumas palavras profanas que pronunciou nitidamente:

— *Expectate me: hac nocte redibo* — o que quer dizer: *Esperae-me: eu esta noute virei.*

Beatriz estremeceu, denotando assim que percebêra. As faces da pudica joven acarminaram-se deliciosamente, e cravando o meigo olhar no chão, affastou-se ligeiramente, murmurando palavras de despedida, que o fingido capuchinho tomou por um deleitoso *sim.*

Em quanto a creada entregava ao capuchinho a garrafa e a carne que fôra buscar, este, depois de ter-se certificado de que ninguem os podia ouvir, fallou em voz baixa a Julieta, que a principio fez um gesto de pasmo e de recusa, e por fim acabou por parlamentar e discutir largo espaço. Bibiena não se enganára, quando tratou de se certicar de que ninguem o escutava. Porém, se ao depois tivessem prestado attenção, teriam sentido ranger a escada, o que denunciava passos cautelosos, e poderiam ter surprehendido Branca, á escuta. Parecia que o penetrante e ardente olhar da joven tinha adivinhado que sob o habito do capuchinho se occultava Bibiena, e por isso tanto se impacientava com as vacillações e incertezas da serva, como se comprehendesse a cumplicidade que o frade supposto lhe pedia.

— Esta noute, pela porta do jardim, — disse elle.

E a pobre serva punha-lhe embaraços.

— O que, tambem isto me vaes negar? O teu espelho não te aconselha artimanhas tambem d'amor? A crueldade d'um pae sem entranhas não basta a fazer vencer os teus escrupulos, assim como vencerá os da filha?...

Encurralando a moçoila, a joven creadita, n'um circulo de argumentos, de perguntas e de syllogismos, Bibiena parlamentou com ella muito tempo. E tanta eloquencia lhe prestou a sua paixão, que Julieta se deixou convencer, e decidiu-se a acceitar como recompensa uma bolsa plena de metal cantante, destinada a indemnisal-a, no caso que a aventura fosse descoberta, e ella fosse despedida da casa.

— Até á noute, então — repetiu Bibiena com o ar de jubilo feliz do que consegue uma cousa longo tempo regateada.

Proferindo isto cubriu a cabeça bem com o capuz, saudou no caminho a velha Nella que entrava, e a quem não regateou uma benção e desappareceu pouco depois na rua, passando nos dedos as contas do rosario, e sobraçando sob o braço esquerdo as vitualhas da dispensa de Salviati.

Quando Gáleas entrou tudo estava na mesma tranquillidade de quando elle saíra.

Nella, interrogada por elle ácerca de quem tinha vindo, disse-lhe que apenas viera um frade mendicante que acabava de saír ha pouco.

— Quando acabarão esses mendicantes! — disse o velho grunhindo.

Não era porque elle podesse suspeitar que atraz do frade se occultava um amante; mas sim um espia assalariado. Elle bem sabia com quanta facilidade os famulos da Egreja se bandeiam sempre com os tyrannos contra os mantenedores da liberdade, dos oppressores contra os opprimidos.

Branca parecia mais jovial que de ordinario. Tornava-a de tal sorte feliz a certeza de que era amada, e a convicção em que estava de que Bibiena fôra lá por sua causa, que no egoismo da sua alegria não attentou no risonho rosto de Beatriz, nem das frequentes distracções que tinha, durante o jantar. O pae fallou de Rodrigo, o seu parente, e as duas irmãs

que sentiam uma egual antipathia por aquelle rapaz de genio taciturno, como se se tivessem combinado, não disseram mal d'elle n'aquella noute.

—Vamos—dizia Gáleas comsigo—precisavam apenas de um pouco de jaula as minhas férasinhas, para amansarem... Rodrigo ficará contente d'isto... Demais, o que elle cuidou vêr na egreja não tem importancia. O primeiro melcatrefe que chega tem ali o direito de dar agua benta ás mulheres. Porque imaginar que um apaniguado dos Médicis se tenha atrevido a fazel-o, sabendo que se dirigia ás filhas de um Salviati, é cousa que me parece inverosimil, e em que não posso crer!

Mais tranquillo depois d'estas reflexões o velho retirou-se para os seus aposentos.

No momento mesmo em que o pae se deitava, Julieta entrou no quarto de Branca para a despir. Branca estava reunindo todas as suas alfaias e joias, e vestia um trajo de viagem.

—A menina não se deita?—perguntou a creadita pasmada.

—Decerto que não:—respondeu a filha mais velha de Gáleas—pois tu suppunhas que eu continuaria aqui, depois de ter recebido a visita do meu amante!...

—Esta é boa!... A menina tambem?—disse a creada sem poder conter-se.

—O que? O que quer isso dizer?... De que serve dissimular commigo? Julgas que eu não conheci quem era o frade?...

—Ai! menina...—disse a creada amedrontada.

—Eu ouvi tudo!

Julieta cahiu de joelhos aos pés da sua ama.

—Perdôe-me, menina!...—exclamou ella toda commovida e turbada.

—Eu não tenho que perdoar-te! Antes, pelo contrario, te agradeço. Não te teria nunca perdoado que não accedesses em meu nome á entrevista que elle te pedia. Quero-lhe tanto!...

—Era então por vós que elle?...—perguntou a creada.

—Por quem querias então que fosse?—respondeu Branca, cujos olhos lampejavam de alegria.

—Eu não sabia, julgava... mas effectivamente a menina tem rasão—balbuciou a moça.

—Está bem. Vae-te embora—ordenou Branca.

A serva saíu. Mas uma suspeita acida, em que se não atrevia a pensar sequer, acabava de despertar no espirito de Branca. Ciumes violentos e subitos lhe mordiam o coração. Acaso se teria enganado? Aquelles olhares, aquelle amor, o elle ter corrido tão diligente a penetrar ali n'aquelle lugubre palacio, não seria acaso por ella? Seria por...

A intelligencia quasi se lhe offuscava, a cabeça escandecia-se-lhe só ao pensar no nome da realmente querida.

—É impossivel! dizia... Ella é ainda uma creança!... E demais, ella estava ali que tal impediria, que saberia bem não consentir tal!

Terriveis pensamentos relampejavam-lhe no cerebro: um indefinivel amargo veio-lhe á bocca. Momentos havia em que se lhe figurava que ia ensandecer, outros em que cria sonhar. Deixaria fugir aquella aventura tão tentadora, tão extraordinaria? Não, de fórma alguma! Fôra ella quem

primeiro o amára e era a ella, portanto, que elle pertencia. Era ella que mais o amava, e melhor: ella, a unica que o sabia amar; a unica que o poderia fazer feliz; a unica mulher que se sentia calcinada por uma paixão tão intensa como elle merecia.

Deram as dez horas, que era a hora fixada para a entrevista, e o tilintar do timbre do relogio a arrancou das suas abstracções. Elle devia estar em baixo atraz da porta do jardim, esperando. A sua sorte, em poucos minutos, ia decidir-se. Na alcova de Beatriz não se sentia o menor ruido. Evidentemente Beatriz não amava ninguem, e ninguem esperava. Oh! se aquillo fosse verdade, quanto ella estimaria sua irmã, aquella pobre menor tão desprezada! Com que lealdade lhe pediria perdão das suas suspeitas! Mas porque é que Julieta não descia a abrir a porta a Bibiena?

Branca correu ao quarto da creada. A pobre rapariga, ao entrar no quarto, havia-se deitado, mesmo vestida em cima da cama, chorando a falta que commettêra. O somno depois apossou-se d'ella, e dormia agora profundamente. Branca hesitou um momento, antes de a despertar.

—Não—pensou de si para si—é melhor que me convença por meus proprios olhos! Ainda que deva estallar de pena, quero sabel-o. A noute está escura e tudo favorece o meu projecto! Pensando assim, passava a vista pelo quarto, como se buscasse alguma cousa.

—O melhor é que, de toda a fórma, não acorde até amanhã de manhã!

Procurou no pequeno sacco em que tinha mettido as joias, e tirou de dentro um frasquinho de prata, vertendo algumas gotas do seu conteúdo nos entre-abertos labios da serva.

Momentos depois Bibiena batia discretamente á porta do jardim que não tardava em abrir-se.

—Obrigado—disse elle, entrando, á mulher que via na penumbra, deante d'elle.

E como lhe parecesse vêl-a tremer acrescentou:

—Não tenhas mêdo. Como já não preciso de ti agora, pódes-te ir deitar, com tanto que amanhã pela manhã ao romper do dia, venhas fechar a porta, quando sair. Agora vae-te, que eu posso ir bem só até ao quarto de Beatriz.

Dizendo isto, subiu a escada.

Branca não soltára nem um grito, nem um suspiro durante esta scena.

De repente, as pernas vacillaram-lhe, figurou-se-lhe que o cerebro se lhe esvasiara completamente, que os ouvidos lhe zuniam, que as paredes dançavam, e que o sólo lhe fugia debaixo dos pés. Apertou o coração com as mãos, pois parecia que lhe ía saltar fóra do peito, e caíu desmaiada por terra. O frescor da noute é que a despertou. Quando se levantou comprehendeu que não teria valor para continuar a desempenhar o seu papel de aia. Sentiu então ter dado a Julieta o narcotico. Decidiu-se no emtanto a esvasiar o calyx de amargura até ao fim e fazer o que Bibiena lhe ordenára.

Era a primeira vez que elle lhe dirigia a palavra, e devia ser a ultima: portanto queria obedecer-lhe. Aquella rapariga altiva convertera-se de subito, por um momento, n'uma creança. Com as faces rociadas de lagrimas, n'um pranto silencioso, em pé, com a vista cravada na alcova da sua rival, contava mentalmente os beijos, as palavras cariciosas, os ardentes affagos que deviam trocar.

—A Julieta—pensava comsigo—tinha razão. É Beatriz que elle ama!

E repetia isto indefinidamente, até á saciedade, monotonamente, sem saber o que dizia. O pormenor, porém, mais curioso, é que nem uma vez só lhe assomou ao cerebro uma idêa de vingança, em toda aquella noute. Ella, que depois foi tão inexoravel no seu odio, n'aquella noute não pensou senão em soffrer e sondar o esbarrondeiro aberto sob seus pés. Tudo terminára para ella. A sua vida, como antes do seu malaventurado amor, parecia d'objectivo. Demasiado altiva para ir mendigar de Bibiena uma palavra terna, que elle decerto lhe não diria, era de sobejo orgulhosa para acceitar outro homem. Tanto no seu coração, como na Natureza, como em tudo que a circumdava reinavam as trévas implacaveis.

Porfim, a noute chegou ao seu termo, e começou a raiar o crepusculo que precede a aurora, tingindo com uma luz alvadia, as paredes dos palacios e os telhados das casas.

—Quando sairá! Não se desprenderá nunca dos braços de Beatriz?...

Trémula, com os labios ardidos e o olhar encandeado e vago, ella espiava á janella ainda cerrada. Bibiena appareceu n'aquelle momento na escada, radiante de alegria, erguendo a cabeça para olhar á janella que acabava de entreabrir-se, e aonde Beatriz assomava. E Beatriz assomou-se, semi-nua quasi, com a vasta cabelladura loura desmanchada em graciosos anneis sobre os hombros. Com a mãosinha enviou um demorado beijo ao enamorado.

Branca, no emtanto, tremia embrulhada na sua capa.

—Ah! estás aqui?—disse-lhe Bibiena.—Esperavas-me? Obrigado, Julieta.

Sem saber o que fazia, machinalmente apertou-lhe a mão.

—Com a bréca! tens febre—disse. O relento decerto te fez mal... Deves metter-te logo na cama...

Bibiena dirigiu ainda um ultimo olhar á sua bem querida, cuja face sorridente tingia-se agora de um rosado côr da aurora, e saíu.

Branca cerrou a porta, e Beatriz que, assomada á janella, a tomou por Julieta, inclinou-lhe ligeiramente a cabeça, sorrindo.

O dia começava rapidamente a raiar. Branca, tremendo dos pés á cabeça pela febre, e que ainda mais lhe acrescentára o contacto da mão de Bibiena, receava não poder chegar á alcova. Envidou comtudo ainda um esforço, e consèguiu subir a escada, despiu-se e deitou-se no leito. Durante um mez ficou cravada n'elle, preza d'uma febre que a devorava quasi constantemente. Ainda no meio do seu delirio foi tão fiel ao seu amor—não por sua irmã, que ella cria indigna d'isso—mas por Bibiena, a quem continuava adorando e que não queria deitar a perder, que nem uma syllaba do seu segredo lhe escapou nas suas allucinações. A sua tenaz vontade podéra sellar-lhe os labios.

Como Julieta, que era a unica que suspeitava da causa d'aquella enfermidade nada dissera, ninguem tambem suspeitava quaes fossem os zelos que a haviam ralado, a ponto de a pôrem em perigo de vida. O vigor innato á mocidade, venceu comtudo a doença, e a filha mais velha de Gáleas comprehendeu que a dita de morrer lhe era recusada. Não sabia que partido tomar. Continuar a ser testemunha das entrevistas d'elle com sua irmã antolhou-se-lhe martyrio demasido para as suas forças. Ao affluir-lhe de novo a vida, de novo o odio lhe affluia ao peito. Conhecia que se se prolongasse aquella situação sentir-se-hia empurrada implacavelmente a commetter alguma acção hedionda, criminosa, que lhe repugnava, mas que passado algum tempo não lhe repugnaria. No dia em que se poude soerguer do leito e descer ao jardim, disse ao pae, n'aquelle mesmo sitio em que a voz de Bibiena tão direito e a fundo lhe anavalhára o coração:

—Meu pae, ámanhã desejo entrar para um convento.

Salviati havia supportado todos os transes, experimentado todos os golpes; mas separar-se da unica filha que elle amava, e que o amava a elle, produziu-lhe um cruel e tremendo choque. No emtanto, disfarçava a a sua pena. Gostando que a sua vontade fosse respeitada, queria respeitar a dos outros!

No dia seguinte, elle mesmo conduziu a filha ao claustro, e esta, tendo pressa de romper com o mundo, esperando achar um allivio n'aquelle local onde só se lhe haviam de despertar pensamentos malignos, pronunciou os votos logo que expirou o praso, e renunciou mesmo ás liberdades que lhe facultava uma regra pouco severa, e claustrou-se n'uma soledade que havia de acidular as suas penas, longe de as adoçar.

Sósinha sempre, constantemente retrahida, absorvida de continuo na sua ideia, mordida de zelos perennemente, o seu despeito converteu-se depressa em odio, e para isso os seus desejos não satisfeitos prestaram-lhe uma inacreditavel violencia, cujos terriveis effeitos não tardaremos em presenciar.

Desde então, Beatriz livre do seu olhar mysterioso e analysador que a turbava, livre d'aquella espia por quem ella se desvellára na doença, sem que aquelle episodio doloroso em nada estreitasse de modo algum o affecto mutuo das duas—e isto ella mesmo o sentia—entregou-se com maior liberdade ao seu amor. Raras vezes saía de casa, e essas mesmo só acompanhada de seu pae, ou da taciturna Nella. Porém, como passára a occupar a alcova que fôra de sua irmã, e que deitava para a rua, aproveitou-se d'isto, ajudada da creada, para fazer chegar um bilhete ao namorado e combinar nova entrevista. Havia ao principio luctado muito tempo comsigo mesmo, e ainda mesmo depois de se possuir da idéa de que sendo amada por elle seria venturosa. Por muito tempo, quando o não via senão na egreja, lhe parecia um delicto o pensar tanto em Bibiena. Mas colhida de surpreza no dia em que o vira sob a tunica de frade, a paixão tresvasando do coração

demasiado pleno da imagem d'elle e de amor, havia-lhe affluido e escapado dos labios e dos olhos. Beatriz não suppozera durante aquellas primeiras horas que se seguiram á entrevista, que Bibiena voltasse de noute. No abandono com que, não sem lucta, se lhe entregou, havia além de muito amor um pouco de admiração e reconhecimento pelo homem que affron-

O odio e o amor estavam frente a frente... Um era mais valente, porém menos colérico do que o outro. E o pae, que luctava para matar, apesar dos seus cabellos brancos, combatia com menos braveza, n'aquelle duello tragico, do que o pae que combatia para salvar.

(Cap. XV.

tára masculamente todos os riscos para a vêr. E, de facto, qual seria a mulher que tyrannisada, como ella, pelo pae, teria podido em tal noute resistir a um amor que a exaltava a seus proprios olhos, que lhe fazia vêr que alguem pensava n'ella, e que o immenso mar de affecto que ha no coração feminino tinha emfim um objectivo, e não se esterilisaria no silencio, no abandono, e no desprezo—como se ella não fosse alguem!

De certo que Beatriz sentiu depois remorsos que a amarguraram e jurou não tornar a vêr mais o querido amado. Mas ao receber aquella nova, Bibiena, segundo contára Julieta, ficára tão esbarrondado, e jurára com uma voz tão tremida que estalaria de pena, que Beatriz não teve alma de manter o seu rigorismo por mais tempo, e, para o livrar da tentação de morrer, aprasára-lhe uma nova entrevista. A sagaz creadita comprára uma rica escada de seda, fina e resistente, e das prendas d'ella já apreciamos e tivemos as provas. Quando a alva apontava, e o amante saía, Beatriz escondia-a n'um esconderijo da parede, occulto por detraz de um armario.

Pintar a embriaguez victoriosa de Bibiena seria empreza difficil. Pediremos pois só aos leitores e ás leitoras que rememorem os seus mais rutilos dias d'amor!... Para elle nada existia em Florença, além da sua Beatriz, e a aia. Subira ao setimo céo dos amores correspondidos e venturosos. O seu intento era raptar a sua querida e fazel-a esposa ante um altar, visto que o odio que separava as duas familias o coagia a dispensar o consentimento paternal.

—Quem sabe?—acrescentava, pois chegou a tanto a sua loucura—se esta paixão não desarmará talvez o pae!?... Tem soffrido já tanto! A sua filha mais velha está encerrada n'um convento... Amaria ella tambem algum inimigo d'elle!...

Bem pouco pensava Bibiena quão verdadeiro era o que dizia!—Gáleas de toda a maneira não quererá perder a unica filha que lhe resta! As suas lagrimas e as minhas rasões talvez acabem por embrandecel-o e abalal-o!

O pobre namorado illudia-se completamente com aquella esteril esperança.

O acordar foi tremebundo.

Uma noute, ao saltar da escada de seda no quarto de Beatriz, encontrou-a suffocada em choro.

—Que tens?—perguntou-lhe.—Que aconteceu?

A moça encostou-se ao hombro do amado, e rompeu a soluçar.

—O meu pae quer casar-me, disse.

Bibiena esteve a ponto de ter um vágado, e em voz sumida perguntou:

—Com quem?

Queriam desposal-a com Rodrigo, um primo d'ella, de quem já lhe havia fallado. O pae d'aquelle Rodrigo era nem mais nem menos do que um irmão de Gáleas, que o salvára em risco da propria vida no dia da conspiração dos Tazzi. Salviati pagava pois a divida de gratidão ao pae fallecido, dando a mão de sua filha ao filho d'elle.

Havia já muito tempo, segundo parece, que se affagava aquella ideia, porém o tio não era menos dissimulado do que o sobrinho e nem um nem outro tinham deixado resudar uma palavra do projecto.

Gáleas havia tocado no assumpto, n'aquella mesma noute, a sua filha, á ceia. E dera-lhe a nova triste de que dentro de poucos dias a apresentaria ao homem, que lhe pedia desde já que considerasse seu esposo. Tanto esta nova surprehendêra e aterrára Beatriz, que não soube que retorquir uma palavra. O alquebramento e a indignação que a nova produzira em Bibiena é facil de conceber-se. Esteve bastante tempo sem poder dominar-se, nem entrar no inteiro uso das suas faculdades. Um pouco serenado, emfim, passou o resto da noute em combinar com Beatriz os meios mais seguros de conjurar aquelle perigo e de evitar aquelle golpe inesperado. Em quanto a ella, a idêa sómente de dar a um outro homem ainda que fosse a mão a beijar apenas, a horrorisava, e queria fugir, mas fugir sem demora.

Faltava-lhes porém dinheiro, muito dinheiro, arma indispensavel em emprezas de tal natureza, e Bibiena não podia apurar todo o seu até ao dia seguinte. Era indispensavel tambem prevenirem-se de cavallos, e assegurar mudas, para o caso de uma perseguição, o que era de logica acautelar. Era tambem necessario pôr a salvo Julieta, pois seria cruel abandonar a pobre aia á explosão da colera de Gáleas, que lhe faria pagar bem caro o seu amor á sua joven amada. Era necessario tambem ter a certeza de que no dia que chegassem a Livorne achariam meio de se embarcarem para França, em continente: porque, apesar da protecção dos Médicis, parecia-lhes prudente abandonarem as terras da Italia ao menos por algum tempo.

Por todas estas razões ficou decidido que fugiria com Beatriz na sexta feira proxima.

N'aquella noute Gáleas vira-se obrigado a passal-a fóra de casa, porque um amigo velho, um d'aquelles poucos velhos amigos que se lhe haviam conservado fieis, descendente dos antigos *Gonfallonieri*, e seu correligionario politico, havia-o convidado para as bodas de sua filha, e á festa de nupcias que celebrava.

Beatriz, que ha já algum tempo não saía á rua, pretextaria a clausura da sua irmã no convento, ou uma indisposição qualquer, para se dispensar de assistir á boda, ou pelo menos para se retirar, depois de ter assistido a ella, alguns instantes.

De toda a fórma os namorados ganhavam algumas horas para executarem o seu plano, e esperavam assegurar a cousa por tal fórma que Gáleas não conheceria a fuga d'elles, senão no dia seguinte. Com isto levar-lhe-hiam já bastante avanço aquelles que elle mandasse em sua perseguição. Pensaram e combinaram em saír da cidade por uma porta opposta á da sua saída definitiva. Haviam de ganhar assim ainda mais tempo, com esta saída falsa, e ganhariam mais terreno sobre elles. Bibiena não voltaria ao palacio de Salviati senão n'aquella noute.

Tomou todas as providencias com cuidado minucioso, até que finalmente chegou a sexta feira tão desejada. A atmosphera abrazadora, asphixiante, insupportavel, fazia prenunciar uma tempestade proxima. Bibiena folgava intimamente em que o tempo tempestuoso com as suas trévas e os trovões facilitariam a execução da sua empreza. Nem sequer a chuva o quesilava.

Acaso os namorados pensam em insignificancias taes?

Bibiena, acostado á porta de uma loja visinha, espiou a saída de Gáleas e de Beatriz para a festa, e depois, quando ella regressava acompanhada dos creados. Emquanto Beatriz mudava de vestido, pondo um outro mais adequado ao tempo espantoso que fazia, elle foi dar uma volta n'um baile em casa dos Médicis, seus senhores. Depois, em continente, regressou ao seu posto, com o bolso abarrotado de ouro, ébrio de enthusiasmo, e bem armado. Vimos já como esta ultima precaução não lhe foi inutil, e que a falta de um punhal de tão bella tempera como o seu, teria bastado a comprometter, senão de todo a impedir a sua fuga.

Decerto os nossos leitores se recordarão de que Rodrigo, advertido no meio do borborinho da festa a que assistia, se retirára momentos depois que Beatriz saíra. Recordar-se-hão tambem de como elle espiára a chegada do seu rival, e as consequencias que teve aquella lucta terrivel para Rodrigo, que despedaçára o craneo no lagedo da calçada.

Pallida de emoção deixára-se cair sobre uma cadeira.

—Vamos—disse Bibiena com accento resoluto—dêmos-nos pressa. A força com que o vento sopra terá impedido que os gemidos d'esse desgraçado tenham sido ouvidos por alguma patrulha. Porém se algum transeunte tropeça com o cadaver poderemos ficar muito compromettidos.

Beatriz estremeceu.

Elle ajoelhou deante d'ella, murmurando:

—Causo-te horror!

Ella enlaçou-lhe os braços ao pescoço n'um rapto de paixão, e beijou-o, dizendo-lhe:

—Cala-te! Cala-te! Vamos-nos!...

Dizendo isto pôz-se em pé, deitou uma capa sobre os hombros, envolveu a cabeça n'uma mantilha, e fez o signal da cruz. Estava muito resoluta. No emtanto, uma grande tristeza se apossou d'ella, uma saudade, ao ter que abandonar aquella casa em que nascera, onde sua mãe expirára, e onde, apesar da brutalidade de seu pae, de certo excessiva, elle lhe ensinára todavia os principios da lealdade e da honra. E, comtudo, era preciso fugir para se subtrahir áquelle matrimonio que lhe repugnava, e para se manter fiel áquelle que o seu coração escolhêra.

—Vem—disse Bibiena—dirigindo-se para a porta.

—Abraça-me, para me dares valor—murmurou a joven.

Durante um minuto estreitaram-se com paixão.

De subito, quando a joven se separava dos braços d'elle, abriu-se a porta e a serva precipitou-se na camara, clamando:

—Menina, seu pae! Seu pae está lá em baixo!

—Meu Deus!

Ficaram varados de terror. Os passos de Gáleas ouviam-se, precipitados, no vestibulo.

—Pelo jardim!—disse Bibiena.

—É verdade—murmurou Beatriz.—Vae tu só, vae-te...

—Não, não! Só, não, comtigo!...

E precipitou-se sobre ella, arrastando-a comsigo até á escada. Mas o que viu pela janella, fel-o recuar.

—Estamos vendidos!—disse com voz que se assemelhava a um rugido.

—Não penses em mim—dizia Beatriz fóra de si—foge pela janella.

—Queres vir nos meus braços?

—Sim.

—Pois bem, vamos.

Dirigiam-se já para a janella, quando Bibiena exclamou:

—Estou doudo! A escada está agora muito curta!

—A minha capa de seda completará—tornou Beatriz.

E ao mesmo tempo tirava-a do corpo.

—Desce para a atar, e sobe logo depois. Mas depressa... que escuto já passos no corredor...

Bibiena correu á balaustrada da varanda, e recuou dizendo:

—Maldição!

As duas mulheres viram-no retroceder, estrangulando um grito de raiva.

N'aquelle momento batiam á porta.

CAPITULO XI

Depois do amor o odio

A festa que por occasião dos esponsaes do filho celebrava o descendente dos antigos Gonfalloneiros era digna da sua fortuna e da sua nobreza.

Entre a innumera quantia de candelabros e de balões de côres, perpassavam centenas de pares, envergando os faustosos e caprichosos trajos de mascaras.

Por aquelles tempos era uso em geral tirar partido de toda a festa, fosse qual fosse o seu caracter, para se fazer ostentação de trajos ricos, e intrigar as mulheres, parolando denguices assucaradas ou chascos cheios de sal, debaixo da mascara.

No meio d'aquella verde juventude irrequieta, viam-se vaguear, graves e sevéros, alguns velhos que haviam exercido os cargos mais altos da administração da cidade, desdenhando as diversões reservadas á adolescencia. Aquelles seus trajos negros, no conjuncto das côres vistosas, destacavam lugubremente pelo contraste.

Salviati acabava de saír para conduzir sua filha a casa, a qual para não acceitar o pedido de Rodrigo de dançar com elle uma *pavána,* simulára uma indisposição, que a final a sua pallidez attestava. Graças a ella, podéra retirar-se do baile, sem que nem seu primo nem seu pae tivessem o mais ligeiro motivo de suspeita.

Gáleas, que, a pedido de sua filha, voltára para o baile, passeava de uma extremidade a outra do seu salão, turbado e inquieto, sem atinar elle mesmo porque. Pretendendo que não estava de humor a cogitar assumptos graves, fugia da conversação dos amigos, e fugia tambem do baile, provando assim que tambem pouco se lhe davam os prazeres futeis.

Strozzi, seu velho amigo, não lhe podéra arrancar mais do que palavras rapidas. Mas o velho republicano, que conhecia o seu caracter, não o surprehendeu com aquella mysantropia.

Ainda que pouco supersticioso, Salviati, comtudo, não poude subtrahir-se a um certo vago presentimento. Pouco accessivel ao medo, sentia-se, no emtanto, preza de um temor confuso, perseguido por ideias sinistras como um pezadello, e como que ameaçado de uma catastrophe.

—Ora!—pensou, sacudindo a cabeça, para desterrar os seus presentimentos—estou doudo!

E entranhou-se nas galerias, plenas de mascarados. Bem depressa o turbilhão do baile o fatigou. No meio das alegres sonatas parecia-lhe distinguir soluços cavos, e o funebre badalar do sino, dobrando a finados. Apprehensivo, dirigiu-se para o jardim d'inverno, d'onde commodamente a vista se espraiava pelos demais jardins. Reinava ali uma tranquilla e doce frescura. Largos e commodos assentos convidavam ao repouso sob a folhagem das plantas raras. Com um cantante chilrido a agua deslisava por entre o capim esmaltado de flores. Pelas alamedas viam-se perpassar, no emtanto, bandadas de amorosos aos pares, entranhando-se na penumbra discreta, e a harmonia do baile quasi que só ali coava, amortecida, e como que longinqua.

Salviati, preza de uma lassidão singular, deixou-se caír sobre um dos bancos. Talvez aquelle mau estar, aquella inquietação,—pensava de si para si—não fosse afinal mais do que um effeito da proxima tempestade atmospherica, cujos primeiros rugidos tinham feito tremer os vidros com as armas de Florença.

Abstrahindo d'isto, sem metter em linha de conta os annos de exilio, de prisão, a lucta, os amigos extinctos, e sem fallar da mysteriosa tragedia cujo epilogo fôra a morte da esposa, Gáleas tinha motivos assás para estar apprehensivo aquella noute. Havia só algumas semanas que Branca, a sua filha mais velha, a mais dilecta, o abandonára, e se claustrára n'um mosteiro, deixando-o só com sua irmã.

Porque seria que os labios do velho pronunciavam com odio e desdem o nome de Beatriz?

Dentro de curto prazo poderia casal-a com Rodrigo, que a amava. Fazendo-a com isto feliz, teria cumprido o seu dever de pae. Teria pago a sua divida de reconhecimento a seu irmão, e poderia dizer a seu sobrinho, no dia das bôdas:

—Entrego-t'a pura! Ama-a!

Mas, de chofre, estremeceu, sobresaltado. Ergueu a cabeça.

Um homem de estatura regular, de talhe delgado, entrajado de trovador, e meio envolto n'uma capa de velludo encarnado, estava em pé, erecto deante d'elle. No rosto trazia tambem mascara vermelha, o trovador, e o gorro que lhe cobria a cabeça era de fórma conica adornado de vistosa pluma. Sob elle desciam louros e vastos cabellos, em graciosos anneis. Dissémos que era um homem; mas quem sabe se realmente o era! A cutis parecia branca e fina, as mãos delicadas e elegantes, os pés quasi microscopicos e a amplidão da capa dissimulava mal as redondas fórmas.

—O que quereis?—disse o velho.—A quem julgaes dirigir-vos?

—A Gáleas Salviati.

A voz, de entonações graves, vibrava com sonoridade, ao proferir aquellas palavras. A Gáleas figurou-se-lhe ter já ouvido aquella voz.

—Venho—continuou a voz—a prevenir-te e a aconselhar-te.

—Não preciso nem de advertencias, nem de conselhos.

—Talvez que sim—tornou com entono seguro o mascarado.

A seu pezar, o pae de Beatriz sentiu esporeal-o o interesse. Aquella apparição e aquellas mysteriosas palavras correspondiam tão bem aos seus presentimentos secretos que sentiu medo instinctivo de os vêr confirmados, e ergueu-se do seu banco, como para evadir-se. Mas o mascara suspendeu-o.

—Escúta.

—Para que?

—É preciso.

—Que direito tem um desconhecido para me ditar ordens?

Mas a voz accentuou com energia:

—Quem sabe?

—Quem és, pois?

—Que te importa?

Salviati não poude reprimir um movimento de curiosidade. Não era esta a primeira vez que ouvira já aquella voz. Estava certo d'isso.

Sem preoccupar-se por aquelle gesto, o mascarado fez menção ao velho de que se sentasse. E assentou-se ao lado d'elle, tambem.

—Porque é que deixaste—perguntou—que tua filha Beatriz abandonasse a festa? Porque não ficaste ao pé d'ella, em casa?

—Que queres dizer?... A que vem aqui o nome de minha filha?

O desconhecido não se deu pressa em responder. Mas, ao cabo, disse:

—Volta para casa, e verás.

—O que é que verei?

—Se me dás credito, vai depressa.

—Porque?

—E como talvez a tua espada não baste, trata de não ir só.

—Ainda alguma nova perseguição? Ameaça a minha filha algum perigo, alguma desgraça?

—Vae, e depois darás o nome que quizeres ao que ameaça tua filha.

—Ter-lhe-hão armado algum laço?

—Não disse tal.

—O que é que queres dizer, então, desgraçado?

—Nada de que não esteja absolutamente seguro.

O sangue affluiu como um braza candente á face de Salviati.

—És um cobarde—disse, colerico.—Deves ser um Médicis.

O seu interlocutor levantára-se. Elle tambem se pozera de pé, e deu um passo para arrancar a mascara ao desconhecido, porém um passo tão rapido e violento que o trovador não teve tempo de recuar. Mas no momento em que Gáleas ía tocar na face do mascara sentiu-se seguro por um másculo braço de ferro. Era o braço de um vulto que, até então occulto entre a folhagem, se precipitára sobre Salviati, cravando-o com força no seu logar.

O mascarado continuou:

—Interessa-te mais saber quem eu sou do que inteirar-te dos segredos que te dizem respeito? Se me quizeres crêr, deves ir convencer-te a tua casa. Não, não sou um Médicis. Digo isto, por teu interesse.

—Seja! retrucou o velho.

A duvida envadira-lhe o espirito.

—Promettes-me que te certificarás pelos teus olhos?

—Sim—respondeu Gáleas, vergando a cabeça.

—Bem—disse o desconhecido.

E dirigindo-se ao athleta mascarado que ainda segurava Salviati, disse-lhe:

—Deixa-o.

O outro obedeceu, e soltou Gáleas.

Este, por um momento cambaleou, e cravou o seu agudo olhar no homem da mascara vermelha, que ficou impassivel e impenetravel.

Como o velho, circumvagando o olhar, parecia buscar alguem com a vista, o trovador perguntou-lhe:

—Procuras Rodrigo?

O velho estremeceu. Advinhara-lhe o pensamento.

—Não o procures. Já foi prevenido e partiu, ainda que commetteu a imprudencia de ir só.

Gáleas, com a fronte acurvada no peito, reflectiu um momento, e affastou-se rapidamente entranhando-se no jardim. Este estava quasi deserto, em consequencia de começarem os accordes da musica para uma nova dança.

Mas no momento de saír, Gáleas, como que voltando sobre seus passos, com um baque no peito, disse de si para si:

—Aquella voz parecia de Branca...

Voltou rapidamente ao jardim de inverno, mas os dous mascarados haviam desapparecido.

—Decididamente—pensou—estou doudo! Branca está n'um convento. Isto é obra d'alguma rival de certo, ou então simplesmente alguma cortezã paga pelos Médicis, pois não posso crêr que elles não entrem n'esta meada. Tentarão acaso urdir-me algum laço? Mas a ser assim para que me advertem que não vá só? Tentarão provocar alguma rixa? Vamos vêr...

O velho saía a porta que dava sobre a calçada, e caminhava apressadamente, sem fazer caso da chuva, nem da ventaneira.

Occulto por detraz de uma tapeçaria, o desconhecido da mascara vermelha viu-o distancear-se, e o que o acompanhava ouviu-se suspirar flebilmente.

—Pobre pae!—E curvou a cabeça, com acabrunhamento.

Depois erguendo-se e retomando a sua voz natural, disse com resolução:

—Simão, vae-te, para me contares tudo o que succeder. Esperar-te-hei no sitio que sabes.

O homem a quem o primeiro mascarada chamava Simão, curvou-se, e desappareceu na mesma direcção de Gáleas.

O desconhecido permaneceu alguns momentos quedo e silencioso. Depois abandonou por seu turno, o baile, recusando entrar para a liteira que lhe offereciam os famulos.

— Ora! — disse elle, como que respondendo a si mesmo — ella teve a culpa! E elle não fugirá com ella, como não fugiu commigo! Beatriz fará o mesmo que eu, se quizer consolar-se!... Metter-se-ha n'um convento.

E, arrancando a mascara da face, Branca Salviati deixou que a chuva refrescasse o seu rosto n'uma braza viva!

Branca, poucos tempos depois de dar entrada n'um convento, havia-se cançado das macerações e penitencias. Bem depressa se convencêra de que penitencia alguma apagaria o fogo que inteiramente a calcinava. Antes ao contrario, parecia que as mortificações, os extases indefinidos, as horas interminaveis passadas entre aquellas paredes que a suffocavam, e o isolamento, sobretudo, não faziam mais do que irritar as suas amarguras, esbrasear os seus desejos.

Bem depressa arrependida do seu arrebatamento de peccadora havia-se despenhado n'um pégo de odio e de zelos. Como ía recuperando a raiva da juventude, a sua saude restabelecia-se, a violencia do seu sangue fazia experimentar transportes terriveis. Se aquella situação se prolongasse muito tempo mais, o hysterismo teria feito d'ella sua presa, como se apodéra da generalidade das mulheres que sobrevivem ao regimen do claustro.

Durante horas e horas da noute, revolvia-se inquieta, devorada por sonhos desmanchados, e n'elles chamava aquelle a quem desejaria communicar o ardor do seu sangue: ora afogando o seu nome entre as pregas do travesseiro, ora revolvendo entre os lençoes, apaixonadamente, o seu corpo morno e semi-nú, ignorante e ávido de beijos e de caricias. Fôra esta a compensação que encontrára para a sua espantosa desgraça: abysmar-se em Deos, contentar-se com orações respirando mais ou menos uma sensualidade mystica, roer os punhos de desesperação durante interminaveis officios monotonos e que levavam ao embrutecimento. Havia tido medo da morte. Porém era aquillo viver? Ah! a verdadeira vida era a que vivia sua irmã! Ainda que perturbada de sustos e agonias, bastava a dilatar-lhe e a encher-lhe a alma o prazer da espera do amante, todos os mil inefaveis gosos da paixão. Com a simples idéa d'aquelles jubilos reservados a Beatriz, — que a ella se lhe figurava meia desmaiada de deleite nos braços do amante — a sua raiva e os seus secretos rancores a navalhavam horrivelmente. Se se tivesse atrevido a tanto, tanto aquelle supplicio a torturava, teria pedido licença á abbadessa, ainda que disfarçada, e vagabundearia pelas ruas de Florença á cata de aventuras, regressando ao claustro antes do sol nado, como aquella imperatriz romana, a Messalina, levando ainda ao palacio de Çesar o cheiro do prostibulo.

A abbadessa que passára por transes eguaes, adivinhou aquella tortura, e a obrigou a suavisar as praticas, fazendo-a transportar da sua estreita cella para um luxuoso aposento, cujas janellas caíam sobre o jardim. E Branca, comtudo, penava ali mais ainda. A calma do sol, mais sombreada, bafagens brandas meneando as flores, o balanço suave das arvores, o mur-

murio da agua cantante em que se espelhava a lua palida, tudo para ella tinha effluvios d'amor. A Natureza por vezes parecia-lhe mais cruelmente ironica que a Religião. A sua exaltação tocava já as raias da insania.

— Mas não existe — pensava ella de si para si — n'esta cidade nenhum moço que deseje uma amante ardente, disposta a arriscar a sua vida por uma noite de volupia? Não subirá nunca um dia algum homem por esta janella, dia e noite aberta de par em par?

E um dia, ella, a orgulhosa patricia, surprehendeu-se, affagando com um olhar insistente as fórmas robustas do jardineiro, moçoilo bem encorpado, e que era o homem unico que penetrava no convento.

A contemplação d'aquella forte musculatura de homem válido e sadío absorveu-a de tal sorte, que não deu fé mesmo d'ella, senão ao reparar na turbação que os seus olhares tinham causado no forte rapagão. Só então deu fé que os seus braços e hombros estavam despidos. Retirou-se cheia de pejo, mas não tão subitamente que não tivesse tempo de vêr e ouvir que uma mulher, entreabrindo a parte do jardim, chamava o jardineiro, clamando:

— Simão! Simão!

— Tem uma amante — pensou Branca, quasi com ciumes.

E continuou em observação. De subito soltou um grito.

— Sim — disse — parecia-me ter reconhecido esta voz. É a Julieta, a nossa aia. Ámanhã urge que eu falle a este homem. Hoje é muito tarde, e tambem reparo que se vai embora.

N'aquella noite, depois de largas horas de insomnia, e de contemplação á janella, os olhos cravados nas estrellas, Branca poude emfim conciliar o somno. Sonhou que Beatriz occupava o seu logar no convento, e que ella voltára a habitar a alcova, hoje de sua irmã; que Bibiena subira, como de costume, entrando pela janella aberta por onde coavam os raios da lua, e que elle se dirigia ao seu leito, suppondo encontrar Beatriz adormecida, ou talvez esgorjando de vêr Branca em seu logar. E depois murmurava, como um cicio da aragem, ao seu ouvido:

— Sou eu...

Juntava os labios aos labios febricitantes d'ella, e estreitava-a enternecidamente entre os braços. De subito, deu um grito, sobresaltada. Tinha sentido, na realidade, um beijo. Não sonhava!

— Simão! — exclamou ella.

E occultou o rosto no peito do jardineiro. Desde essa noite Branca teve ao seu serviço uma alma submissa. O moçoilo, que considerava já como supina honra o haver fechado o coração d'uma aia, não se atrevia a acreditar que levára de escalada o coração d'uma patricia, uma aristocrata! Ser o amante d'uma alta dama, o amante adorado na penumbra do mysterio!... Que gosos! Aquillo parecia-lhe inacreditavel, e no emtanto era real!

Branca amava aquelle rapagão pela facilidade que tinha de o poder amar, pelo pico estranho da aventura, pela vergonha, pelo opprobio até que isto lhe causava! Quasi que se vangloriaria triumphalmente da sua humilhação!... Amava-o emfim sobretudo, porque esperava servir-se d'elle para cevar, e repastar-se no seu odio. Simão pozera a sua vida a seus pés.

Estava de molde a abalançar-se a todas as audazes biltrarias, até ao crime, caso ella lh'o ordenasse. Um volver dos seus olhos negros teria bastado a decidil-o a tudo, e vimos já, pela audacia com que elle escalára a janella de Branca, que o jardineiro não peccava pelos processos timidos.

Graças a Julieta, com a qual queria romper, do que o dissuadiu Branca, veio a descobrir as entrevistas de Beatriz com Bibiena. Isto foi-lhe tanto mais facil de saber, quanto Julieta teve que servir-se d'elle, para comprar a escada de corda, e cuja compra ella teve de fazer, compromettendo-se. Por Julieta é que o jardineiro soube do dia em que devia ter logar o rapto, e por ser recommendado pela aia é que Bibiena se utilisou dos serviços d'elle em certos preparativos, combinando-se que Simão e Julieta iriam esperar a chegada dos fugitivos a França.

Na segunda-feira, na sua entrevista com Branca, pôl-a ao corrente de todos os pormenores do projecto, e não poude reprimir um sobresalto de espanto ao descortinar a expressão de alegria selvagem que dilatava a face de Branca, ao escutar aquella noticia. A filha mais velha de Gáleas acabava de tomar a resolução que vimos pôr em prática na noite do baile.

E isto explica porque n'essa noite, isto é, terça-feira, um adélo judeu da extremidade de *Ponte-Vecchio* alugára a um rapaz um trajo de mascara muito escuro, e a uma joven um trajo completo de trovador, com gibão escarlate, e mascara tambem escarlate. E explica tambem que o adélo descendente de Abrahão lançasse um grito de assombro e pasmo, ao vêr que o trajo que lhe deixára em casa a dama, que tanto se envolvia no seu manto, era um habito de freira.

Emquanto que Branca entrava no convento pela mesma porta por onde saíra poucos momentos antes, isto é, pela do jardim, Salviati, trémulo de inquietação, dirigira-se para o palacio. As enigmaticas palavras do mascarado resoavam-lhe ainda ao ouvido, como se aquella voz o perseguisse obstinadamente. Caminhava então a toda a pressa por uma viellasita. De subito parou, e deu alguns passos para traz.

—Já me esquecia—disse de si para si.

E como se envergonhasse do que ia fazer—accrescentou:

—De todo o modo não perco nada em tomar as minhas cautellas!

Parou, e bateu duas pancadas na janella de uma casa baixa, precedida de pilares de madeira, formando uma especie de portico, e por cuja janella coava uma ténua restea de luz.

A fechadura rangeu, correu-se um ferrolho dentro de casa, e a um postigo da porta assomou uma cabeça.

—Ah! sois vós!—regougou uma voz rouca.

—Sim, sou eu!

—Ha muito tempo que nos não viamos. Acaso estaveis...

—Vamos, basta;—interrompeu Gáleas—não está tempo para estar fallando na rua.

—Tendes razão—retorquiu o homem, acrescentando em voz sumida:—E, demais ha datas que ás vezes se desejam esquecer!

E proseguiu:

—Estaes sósinho?

Ao fazer esta pergunta, o desconhecido levantára a lanterna, a cuja claridade se enxergava uma face de espesso e sedoso bigode, um nariz carmezim, e uma larga cicatriz que lhe riscava o rosto.

—Oh! oh!—exclamou o espadachim, que depois de dirigir uma vista d'olhos pela rua introduziu Gáleas n'uma casa de tecto ennegrecido—oh! que cara tão exquisita que trazeis! Parece que esta noute não estaes tambem para festas!...

Salviati deu um alentado murro sobre a meza, para provar a Spavento que lhe desagradavam as suas observações, e atirou-lhe com uma bolsa cheia de dinheiro.

—Dar-te-hei ámanhã outra somma egual, se a obra me agradar!...

—Póde saber-se de que se trata?

—Eu mesmo não sei!

—Não é crivel, ora!... Para me preparar, preciso de saber...

—Prepara o teu homem. É ainda o mesmo?

—Ah! não, affogaram-m'o... Pobre Andrea!... Porém este vale quasi tanto como elle!...

—Bem.

—Bastarão dous?

—Commigo?... sim... creio que sim. Adeus, eu vou adeante. Dentro de um quarto de hora deveis estar á porta do jardim.

—Basta. Não faltaremos. Eu conheço o logar.

Gáleas saíu.

—Que tempo tão levado da bréca para trabalhar!—grunhiu Spavento.—Mas as occasiões tornam-se tão raras, os burguezes vão-se tornando tão pacificos, os esbirros sympathisam tão pouco com os homens de espada, que para que a mão se nos não paralyse, não temos outro remedio senão acceitar todo o negocio e do primeiro que apparece! Emfim, vamos indo!... Ah, agora não é o mesmo tempo de quando era rapaz!—accrescentou, suspirando.—Então havia por onde escolher!... Quando me empregou pela primeira vez... aquillo é que era um rico tempo!... Emfim, que lhe havemos de fazer!...

Envergou as suas armas, e fez signal a um rapaz acaçapado a um canto, com o qual esvasiou um copo de vinho.

—Em marcha!—disse Spavento—e traze a tua capa!

—Com esta chuva não é preciso que m'o lembrem!

—Não é para te guardares da chuva que eu te mando trazer um trajo tão incommodo!

—Então para o que é?

—Já o vaes saber.

Saíram e levaram a mesma direcção que levára Gáleas.

—Ninguem sabe, disse Spavento, o que póde occorrer, nem que feitio podem tomar os acontecimentos! Vou a casa de Cesar prevenil-o. Cada um tem a sua especialidade!...

Procurando distrahir o collega, a quem a chuva punha de mau humor, Spavento contou-lhe, como e para que, tanto elle como o pobre Andrea, tinham sido empregados em identica occasião por Salviati.

—Era—começou elle—no anno de setenta e oito. Havia já quatro annos que Gáleas casára. É preciso notar que sua mulher... Diabo! fallemos mais baixo, e encostemos-nos á parede que passa uma patrulha.

Seguido do seu companheiro que haviam excitado aquellas palavras, entranharam-se na penumbra, fallando em voz baixa.

Salviati, cego pela chuva, e surdo pela ventania, continuava caminhando para casa. Nunca lhe parecêra tão longo o caminho, como n'aquella occasião. Quando devia estar perto de casa desembainhou a espada. Effectivamente enxergava-se já o palacio. Nenhum outro ruido se ouvia, além do fracasso da ventaneira e da trovoada. Não se escutava um grito no interior, e nem mesmo, quanto a escuridão o permittia, se lobrigava alma vivente nos arredores.

—Antes assim!—pensou de si para si. Eu já suspeitava que tudo era uma calumnia! Foi mesmo loucura ter dado credito ao mascarado! Entremos... Oh! tropecei com qualquer cousa! O que será?...

Inclinou-se, palpou.

Era um corpo inerte.

—O que é isto? Um borracho, ou um ferido? Será agua da chuva só o que escorre do seu gibão?...

E procurou-lhe o braço, para o levantar de pé. Horror! aquelle braço não tem mão. O que acaba de tocar é apenas um côto ensanguentado. Um sangue, uma sangueira ainda morna, inunda o peito d'aquelle misero e empasta os seus cabellos. Não póde estar morto, não. O coração lateja ainda, ainda que muito debilmente. Um convulso estertor lhe sacode o peito. É a morte que avança, e a agonia ultima que começa?

Inclinado sobre o corpo do ferido Gáleas tenta reconhecel-o. Mas a noute está tão tôrva que não é possivel descriminar-lhe as feições. Oh! não conhecer aquelle homem! Será elle acaso o amante de sua filha? Mas então quem foi que lhe roubou a sua vingança? Terrivel duvida! E o ferido vae expirar, sem ter podido dizer palavra.

Gáleas sacudiu-o.

—Senhor... respondei... disse-lhe elle.

Mas elle não se moveu. Molhou-lhe as fontes então na agua d'um riacho, almejando debalde um relampago, que riscasse aquella impenetravel treva. Porém o céo continuava cerrado agora, e o estertor do ferido continúa. Na sua bocca entreaberta, que a chuva enche de agua, produz-se um glú-glú sinistro...

Um relampago, emfim, corisca.

—Ah! pobre Rodrigo!

Soergue-lhe a cabeça que parece esmagada por uma tremenda pancada.

—Rodrigo! Foi o outro, decerto, que o assassinou!... Miseravel! Então sempre era verdade!...

O moribundo exhala um profundo e demorado suspiro. Será o ultimo? Não, agora geme. Descerra os olhos, e ao clarão de um novo corisco reconhece o pae da amada infiel.

—Tu! tu!—exclama Gáleas. Dize o nome de quem te matou! Por piedade, dize-me o seu nome!...

Rodrigo fez um esforço. Moveu os labios. Porém a sua bocca ensanguentada não poude articular palavra. As que intentou pronunciar perderam-se entre as gengivas sem dentes, quebrados na queda.

—O seu nome sómente...

O desgraçado moribundo intenta fallar de novo, mas em vão. Julga ter pronunciado um nome, e que Gáleas o não ouvira. Rodrigo, com gestos, indica que não póde fallar.

—Maldição!—grita o pae de Beatriz, dando com o pé uma pancada no sólo.—E talvez que tenha fugido!... Sem duvida que fugiu!... E por onde?...

E de novo se acurvou sobre o ferido agonisante.

—Fugiu, não é verdade? Por onde, sabes? Ouves-me? Aonde está?

Rodrigo soergueu-se um pouco, e gesticulando pela dôr que lhe causa aquelle esforço, levantando os olhos, aponta ao mesmo tempo a janella com a mão direita.

—No quarto de minha filha, com Beatriz?!...—exclama o pae—é isto que queres dizer?

O moribundo agita a cabeça, como que para affirmar que sim.

Mas n'aquelle esforço supremo escoou-se-lhe toda a energia, e a cabeça caíu-lhe exanime no lagedo da calçada. O coração deixou de bater.

—Morto!—exclamou Gáleas, levantando-se, e dirigindo uma vista ameaçadora e terrivel para a janella, da qual pendia ainda um bocado da escada de seda, e cujos restos elle encontrára no solo.

—Agora, elle e eu!—disse, desembainhando a espada. Tenho um duplo crime a punir!

As pancadas que davam á porta do quarto eram cada vez mais violentas e repetidas A joven fazia esforços sobrehumanos para suster-se em pé. Este era o momento supremo, o momento terrivel, o momento capital, em que tudo ia findar. Para salvar a sua amada, e salvar-se a si, seria preciso que Bibiena podesse trucidar Gáleas, ao primeiro golpe, apenas elle se assomasse á porta, que ia afinal ceder. Mas isso teria sido pôr uma barreira entre elle e a sua amante, infallivelmente.

—Apaga a lampada—ordenou Beatriz.

—Não, não a apagues—disse Bibiena com vivacidade, ao qual acabava de occorrer uma idêa, ao passo que, dirigindo-se ao balcão, começava a desatar a escada de seda.

—Mas a porta—tornou Beatriz—vae ceder, cede já.

—Não importa!—respondeu Bibiena, dando um beijo na amada, e correndo para a outra porta que communicava com a antiga habitação de Beatriz, que deitava janella para o jardim.

Mas dois homens estavam emboscados á porta do jardim. Bibiena não

o ignora, e é isso o que lhe fez puxar a si a escada suspensa. Se, quando queria descer com a amante nos braços, temia a morte, agora não, procura-a. O que elle quer é conseguir que Gáleas se lance em sua perseguição.

—Emquanto elle procura alcançar-me, desce tu pela escada que dá para a rua—disse elle, enviando-lhe um beijo com a mão.

N'este momento a porta, cedendo a uma terrivel sacudidella, abre-se com estrepito e violencia, e Salviati apparece pallido, a espada em punho.

—Onde está!—gritou o pae, ébrio de valor e cólera.—Fugiu! Esta porta aberta, e uma sombra que corre pelo corredor!... Ah! eil-o aqui! Corre, maldito, que eu já te apanho! Não me escapas!

Dizendo isto, precipitou-se cego de ira sobre elle.

—Fujamos, menina!—disse a aia a Beatriz, não podendo resistir á emoção. Fujamos, que elle o disse!

—Não, foge tu!—tornou Beatriz—eu quero vêr o que lhe succede!

—Pois eu então ficarei tambem! Não quero fugir sem a menina.

A filha de Gáleas precipitou-se então pela porta que deitava para o corredor, e por onde seu pae ía no encalço do amante.

No fim do corredor abre-se a porta que deita para o seu quarto, e um grito terrivel se escuta.

É elle, é Francisco, o seu amado, morto talvez! Como se a vida lhe abandonasse o corpo n'aquelle momento, ao conceber a suspeita de que tivesse morrido o eleito do seu coração, Beatriz caíu desmaiada nos braços de Julieta.

O sacrificio de Bibiena não lhe ia servir de nada, e ía morrer, varejado, sem salvar a que amava. Estava irremissivelmente perdido.

Apenas entrára no quarto, fechára a porta, e obstruira a entrada, deitando por terra um movel muito pesado. Depois de um salto, pozera-se sobre a janella, com a escada de seda na mão. A escada estava curta, porém conhecendo que era menos perigoso saltar de uma altura pequena ao sólo, do que ficar ali, ía a desenrolal-a, correndo-lhe o risco, quando viu á luz de um relampago que se haviam duplicado o numero dos sicarios que lhe faziam cerco, e agora, de dous que eram, estavam quatro.

Um grito de raiva lhe saíu da garganta; e foi este grito, que, ouvido por Beatriz aterrada, a fez desmaiar. Ainda que tivesse conseguido descer a escada, ter-lhe-ia sido impossivel escapar aos quatro esbirros, que tinham sobre elle a vantagem da posição. Era-lhe tambem impossivel fugir, evitando á sua amante um escandalo publico.

—Maldição! — gritava.

Ao soltar este grito, e ao abrir a mão que segurava a escada, uma rabanada de vento a levou, atirando-a para cima de uma grande arvore, que se balouçava violentamente sacudida pelo vendaval, a vinte passos d'elle. Ah! se ao menos podésse saltar para aquella arvore!

Lembrou-se então de que o leito de Beatriz devia estar n'aquelle quarto, e que atando as extremidades dos lençoes, uns aos outros, poderia substituir facilmente a escada perdida. Sem deixar de prestar o ouvido a todos os ruidos, buscou o leito ás apalpadellas até o encontrar. Uma cousa o espantava: — O pae, que durante algum tempo empuxára violentamente a porta e batera grossas pancadas com os copos da espada, prorompendo

em doestos ferozes e ameaças, agora cessára todo o ruido. A idèa de que Gáleas tivesse retrocedido para o quarto de sua filha, e cevasse n'ella toda a sua ira e impetos de vingança, desesperava-o: e quiz certificar-se. Desatravancando o movel com que obstruira a porta, entreabriu-a cautelosamente. Nada viu. Abriu-a toda. O corredor estava deserto. Avançou alguns passos.

— Beatriz! Julieta! — gritou.

— Aqui! — respondeu a voz da aia.

— E Beatriz? — perguntou Bibiena aterrado.

— Desmaiada.

— Traze-a para o seu quarto antigo! Depressa!... Bem!

Mal acabára de proferir estas palavras, Bibiena voltou para a alcova. O seu plano era o seguinte: — visto que encontrára os lençoes, trataria de descer por elles, com Beatriz nos braços. Uma vez no jardim, o resto pertence a ao destino. Não temeria então os esbirros, porque morrer por morrer, mais valeria succumbirem juntos.

Tirou os lençoes do leito.

No corredor sentiu os passos de Julieta conduzindo Beatriz desmaiada. Entrementes foi atando os lençoes, e experimentou a sólida resistencia do nó a que deve confiar a preciosa existencia da sua amante. Mas de subito sentiu uma dôr agudissima no braço. Uma porta que elle não conhecia abriu-se detraz do leito, e um homem appareceu no umbral, de emboscada. Talvez que fosse um esbirro, e Bibiena, n'esta supposição, levantou o punhal. Mas um relampago n'aquelle instante clareou com a sua luz livida a camara, e elle reconheceu o pae de Beatriz, em quem lhe não é permittido tocar, mesmo para se defender.

— Pára! — gritou elle á serva.

Salviati quiz tirar os lençoes, mas o pezo do corpo de Bibiena, que saltou sobre o leito, impediu-o de o fazer.

Veloz como o raio, correu á porta, meia obstruida ainda pelos moveis: mas um esbirro, dous, se apresentaram a seus olhos.

Então, devéras, crê que está perdido irremessivelmente. Vae morrer n'aquella alcova em que começaram os seus amores, morrer a alguns passos da sua querida...

— Emfim és meu, bandido! — gritou o pae.

E dirigindo-se ao esbirro, disse-lhe:

— Deixa que eu o mate. Pertence-me.

E lançou-se sobre Bibiena.

— O teu nome — clamou, colérico — dize-me o teu nome, antes de morrer, se não és um cobarde!

— Não me conhece! — pensou Bibiena comsigo — Nem tambem se faz preciso!

Certo de que o esbirro o não o atacará, pois só está ali para evitar a sua fuga, conserva-se quedo n'um canto, que de vez em quando illumina um relampago sinistro, e tapando a face com a mão direita. Trata então de chegar-se pára a janella, e precipitar-se d'ali, n'um salto terrivel á escadaria de pedra, despedaçando n'ella a cabeça, com o que espera não poderá ser reconhecido nem depois de morto.

Chegou emfim á janella, e vae saltar já a balaustrada, quando Salviati se precipita sobre elle, para ter o gaudio de o chacinar ali mesmo, antes que elle salte.

Mas uma cousa extranha os faz retroceder a ambos. Um fracasso formidavel, e como que mil golpes de um latego estalando de subito, o trovão reboando mesmo em cima das suas cabeças, um corisco incendiando com a luz o espaço, e depois um choque violento como se ruisse nos seus alicerces a casa, foi o que assombrou e cravou a todos, estarrecidos de espanto, no pavimento. Depois do primeiro abalo Salviati correu á janella. Mas não encontrou já o seu inimigo. Os ramos de uma arvore que tapam a janella, como se tivesse ali crescido de repente, lhe obstruem a sahida.

—Corpo de Christo!—exclamou. Uma arvore! Foi por ali que elle se evadiu!...

O raio, de facto, partira e arrojára contra a parede a arvore em que poucos momentos antes se havia prendido a escada de seda de Bibiena. No momento mesmo em que a arvore ruía, inclinando-se sobre o seu tronco partido, Bibiena comprehendera a situação. Saltára para os ramos que pendiam quasi sobre elle, e, deixando-se resvalar, corria já no jardim quando ainda Salviati não se dava conta do successo.

Aquelle espantoso estrugido attrahiram ao mesmo tempo a creada e Beatriz, que voltára a si do seu desmaio. Entraram precisamente na occasião em que o esbirro descia tambem pela arvore por onde fugira Bibiena, e em que Gáleas dava ordem, de cima, aos homens que estavam emboscados com Spavento, para que guardassem bem a porta, do outro lado do muro do jardim.

Bibiena, que conhecia o perigo, trepando pela escada tentou subir a um quarto do interior da casa que deitava janella para a outra rua, procurando fugir por ella. Mas ruidos d'armas e de vozes provinham d'ali, e Bibiena não teve mais tempo do que dar volta á chave d'aquella porta, deixando assim encerrados estes novos inimigos, que parecia que nasciam de todos os cantos. Outro menos corajoso do que elle teria recuado deante de lucta tão desigual. A esperança de impedir Gáleas de conhecer o seu nome, a convicção talvez de que nada estaria perdido para Beatriz, em quanto elle vivesse, ou quem sabe o que? sustiveram os seus alentos.

Bibiena correu para a porta do jardim. O muro era bastante baixo, mas não o sufficiente para descer, sem partir as pernas. As travessas da porta teriam facilitado a subida para o muro; porém o remate, a parte superior d'ella, terminava formando uma notavel saliencia, que impedia que se podesse subir com facilidade ao muro. Teria sido preciso que a porta estivesse aberta para subir ao lanço do muro menos alto. Salviati, que descia pela arvore com grande difficuldade, gritava a Spavento:

—Entrem, entrem!... Agarrem-o ahi!...

Salviati reuniu os seus homens, e empuxou a porta com violencia.

Nada podia fazer que mais favorecesse os secretos desejos de Bibiena. Rapido como o pensamento, trepou á porta, e em um ápice esteve de pé sobre o muro, empunhou o punhal com a mão esquerda, a espada com a direita, armou o salto, e aproveitando-se da hesitação que ao entrar manifestaram os esbirros, saltou a pés juntos.

Calculára bem o salto. Os pés tocaram os hombros de um dos sicarios que, aturdido, caíu, no momento mesmo em que Bibiena lhe cravava com gana a adaga no craneo, e do qual teve bastante difficuldade em a arrancar. E este momento podia ter-lhe sido fatal, porque um outro esbirro, posto álerta, pelo grito do companheiro, voltou atraz e arremessou-se sobre elle. Bibiena, porém, levantou a cabeça a tempo, e sem se pôr em pé, cravou a espada no bandulho d'aquelle melcatrefe, que a não ter o muro para ponto de apoio teria mordido o pó, ou, para nos expressarmos com mais propriedade, teria chafurdado no esterco. Foi então que Bibiena poude desenvencilhar a espada do craneo do salafrario morto, e deitou n'uma fuga desesperada, seguido de cima pelo olhar pavido da aia, porque Beatriz, ao vêr saltar o amante do muro abaixo, caíra n'uma nova syncope.

Desgraçadamente para elle corriam no seu encalço Spavento e Salviati. Este corria sempre, esbufando, e grunhindo:

—Agarrem-n'o! Agarrem-n'o!... Sús aos ladrões da honra!...

—Com mil raios!—pensava Spavento—parece que sempre me hão-de chamar a mim, a esta casa, para estes bicos d'obra!...

N'isto, tropeçou com o cadaver do esbirro a quem Bibiena perfurára o craneo, tão imprevistamente para elle.

—Tambem parece escripto—resmoneou Spavento—que n'esta casa devo perder os meus melhores collegas!...

Dando-lhe com o pé, para o reconhecer, e vendo que era o moço a quem ha pouco contára uma historia de palpipante interesse, exclamou:

—Morto!... O que nós somos!... Pobre Giannino, chacinado quasi no mesmo sitio que Andrea!...

Sem deixar de correr atraz do matador ía, comtudo, magicando:

—Ora! Sempre é um de menos com quem repartir!...

O salario era na realidade consideravel, porque Gáleas, correndo sempre atraz de Bibiena, gritava com todas as forças:

—A sua cabeça pezada a ouro, a quem m'o entregar!...

Esta promessa esporeou Spavento e o seu collega, e, sem deixar de perseguir o fugitivo, como os mastins que perseguem a caça, gritavam furiosamente. Bibiena corria mais leve do que o vento, lamentando de si para si que o raio que lhe facilitára a fuga, varejando a arvore, pozesse remate á tempestade. De facto, a lua irrompia no horisonte limpo de nuvens, denunciando-o aos seus inimigos.

Por mais ardis que inventasse, por mais que se internasse nas viellas estreitas e tortuosas, tudo era inutil. Spavento, que era quem dirigia a expedição, era dotado de pernas de ferro e olhos penetrantes, e não o perdia um instante de vista.

Uma outra desgraça acabrunhava o fugitivo. O braço direito onde Gáleas o ferira, causava-lhe terriveis dôres. O sangue golfava d'elle em bica, e corria tambem da perna esquerda, junto do joelho. Esta ultima ferida, que ao principio nem sentira, fôra feita por um dos esbirros, aquelle a quem Bibiena furára o ventre. A clavicula esquerda que ferira tambem, ao descer da arvore, produzia-lhe violentas dôres.

Porém, mais que todos os seus soffrimentos physicos, o que mais entibiava já o seu pouco valor, e lhe tirava o desejo quasi de salvar a vida,

era a idêa de que talvez Beatriz tivesse morrido. No momento em que saltava do muro sobre os hombros do esbirro, ouvira o seu cruciante grito d'angustia. Temia que algum d'aquelles sicarios, por ordem do pae, a tivesse degollado.

Ah! se isto assim fosse, de que lhe serviria viver?... Para que luctar? Para que fugir, supportando as dôres atrozes das feridas? Para que tanto esforço e tanto sacrificio?... Só para evitar que Gáleas o conhecesse, e elle podesse ainda algum dia certificar-se de que ella não fôra assassinada. Mas se tivesse sido assassinada?... E se ainda vivesse?...

Assim, preza de terrivel delirio, desvairando accordado, passava alternativamente da desesperação á esperança.

Apezar de tudo, continuava correndo, mas conhecia que cada vez ia perdendo mais terreno. Cada vez mais se ia encurtando a distancia entre elle e os seus perseguidores, e elle não encontrava n'aquella maldita cidade uma unica porta aberta onde se refugiasse.

—É melhor dirigir-me ao palacio de Lourenço—pensou comsigo.—Ali de certo que poderei refugiar-me mais descançado de que em nenhum convento ou egreja!... Porque não lhe occorreria aquella idêa logo ao principio? Restava só averiguar para que direcção ficava o palacio, porque Bibiena já não sabia onde se achava. Tinha-se perdido, e suppunha que estava muito longe, muito longe d'elle. A perna ferida negava-se a sustental-o por mais tempo. Sentia que estava prestes a ter uma syncope.

Os perseguidores, cujo numero parecia ter crescido, aturdiam-no com os seus gritos, cada vez mais proximos. Voltou o rosto, e pôde contar, de facto, cinco homens que de perto o seguiam com encarniçamento. Reanima-se, e continúa correndo com dobrado ardor. Coxeia, mas não importa: continúa correndo e coxeando. As fontes parece que lhe querem estalar. Quasi que não vê, tropeça, cambaleia, mas continúa sempre correndo, desesperadamente. Interna-se n'uma viella que conduz ao Arno; reconhece então o caminho, e cóbra novo alento. Logo que tenha passado o rio estará perto do palacio Pitti.

Mas, de subito, cessam detraz d'elle os passos e os gritos. Ninguem já o persegue e a viella fica silenciosa. Acaso Gáleas e os seus terão desistido da caçada que lhe fazem? acaso alguma patrulha terá accorrido em seu soccorro? Nada d'isto. Spavento suppôz penetrar a intenção do fugitivo, e cortára por um atalho, convicto de caír sobre elle, de chófre. Tanto encarniçamento empregado na perseguição de um ferido exasperou Bibiena, e encorajou-lhe o animo. Já que Salviati não se pejava de o fazer perseguir por tantos e taes salafrarios, o seu orgulho empenhava-se em destruir todas as suas artimanhas e em triumphar de todos elles juntos. A ponte chamada *Ponte Vecchio* se lhe depára, e Bibiena abalança-se a passal-a.

Ao comprido da ponte existia então uma dupla fila de lojas d'ourives, cujas fachadas deitavam para o rio. Cosme de Médicis não fizera ainda construir a galeria de madeira, que passando sobre os seus telhados punha em communicação a sua casa com o palacio Pitti: porém, apesar d'isso, a altura d'estas casas era sufficiente para que Bibiena podesse desapparecer na sua penumbra.

Achar-se-hia talvez a meio da ponte depois de ter corrido tão desatina-

damente que recuperára já quasi toda a vantagem que ao principio tivéra, quando á luz da lua viu apparecer na outra extremidade da ponte um pelotão de homens armados, que eram de certo novos perseguidores.

Spavento e Cesar, seguindo muito de perto o ferido, advertiram-no quasi ao mesmo tempo com um grito, e os assassinos predispõem-se a embargar o passo de Bibiena. Os dous pelotões de perseguidores avançam em sentido inverso, e juntos predispõem-se a chacinar o desgraçado. Juntam-se com effeito. Mas não encontram Bibiena. Como lhes fugiu elle, se estão certos de que não se abriu a porta de alguma loja? Talvez que se occultasse no estreito passadiço que existe entre duas barracas. Cesar explora o terreno.

—Ah! malvado! queres atirar-te ao Arno!... Espera...

Segue-se áquelle grito o ruido de uma lucta curta, mas desesperada.

—Escusas de te cançar!... por mais esforços que faças, não conseguirás arrojar-te ao rio... Em todo o caso mergulharemos juntos. Deixaste-me quasi sem fôlego... mas não importa!... Com o banho me refrescarei!...

De novo reina um cavo silencio, e acto contínuo escuta-se uma terrivel blasphemia, e o baque surdo d'um corpo que se precipita na agua. Dissemos um corpo; mas um dos esbirros, dirigindo-se a Spavento, disse-lhe:

—Atiraram-se ao rio ambos.

—E ambos ficarão lá!—tornou Spavento, sóbrio nas suas orações funebres, como se póde apreciar.

E em seguida accrescentou:

—Vamo-nos deitar, meus filhos!

—Não—interrompeu Gáleas—paguei-vos para que matasseis um homem, e, até agora, que eu saiba, ainda não haveis morto ninguem.

—Não, porque é elle mesmo que se encarrega d'isso.

—Ninguem póde affirmar que elle se affogára!

Spavento quiz insistir, pretendendo que tinham sido assalariados para matar, e não para correr; mas Gáleas não o deixou concluir, e disse com voz resoluta:

—Separae-vos em dois grupos, e collocae-vos nas duas extremidades da ponte, vigiando o rio.

Spavento e os seus sicarios obedeceram. Salviati collocou-se na margem mais visinha ao palacio Pitti. Pelo ardor que o fugitivo mostrava nos ultimos momentos de fuga, decerto se poderia prevêr que elle tratava de se refugiar no palacio habitado pelos inimigos mortaes de Gáleas e da sua raça. A lucta deveria ter logar sob os arcos, provavelmente, pois cousa alguma se enxergava quer rio acima, quer rio abaixo, onde era natural porém que a corrente tivesse arrastado os dous adversarios.

E Salviati, no emtanto, pensava comsigo, quando o viu nadar na direcção do palacio dos seus inimigos:

—Talvez seja tambem um Médicis! Horrivel ignominia!

O seu susto era justificado, porquanto Bibiena teve, com effeito, a intenção de nadar até áquella margem, a ver se conseguia libertar-se dos braços de Cesar, com quem luctava debaixo d'agua.

—Talvez que ambos vão morrer afogados!—pensou de subito Salviati, batendo com raiva o pé no chão, desesperado pela idéa de que tivera tão perto

de si o bilhostre, roubador da honra da sua filha, e que não podia agora, nem depois de morto, reconhecel-o, nem ter a satisfação de insultar o seu cadaver.

—Álerta!—gritou de subito Spavento.

Um dos dous homens, qual d'elles não podia saber-se por causa da distancia, descia a corrente com lentidão, enfraquecido sem duvida pelas feridas, das quaes jorrava, de certo, aquella vermelha sangueira que tingia as aguas.

Fluctuava dando sacudidellas irregulares, afundando-se ás vezes, voltando a apparecer á superficie depois de um esforço penoso, e de tal fórma inerte que facilmente o tomariam n'algumas occasiões por um cadaver.

—É um affogado—disse um dos esbirros.

—Não,—respondeu Spavento—os affogados não fluctuam á tona d'agua [illegible] só instante.

O corpo continuava sempre seguindo a corrente central.

—Se seguir esta direcção—disse um dos sicarios de Cesar—podemos observal-o algum tempo.

—Que pena que não tenhamos um arcabuz!—murmurou um, ao pé de Salviati.

—Para que?—perguntou Gáleas—seria um erro servirmos-nos d'elle, quando, a meu vêr, as espadas fazem já barulho demais.

—Comtudo, não podemos...

—Desamarra essa barca, gritou o pae de Beatriz a Spavento, designando-lhe com a mão uma bateira amarrada a um arco.

Spavento desceu a margem.

—Não ha remos—disse d'ali a breve trecho.

Enfurecido por tantos obstaculos, Gáleas correu pela margem acima, em busca de remos, quando viu da penumbra um homem que saía do rio correndo, e que, correndo, coxeava. E aquelle homem ía todo escorrendo agua.

—Álerta!—gritou Gáleas.—Eis aqui o nosso homem! Adeante!

E arrastou atraz de si os esbirros que davam ao diabo já aquella perseguição interminavel.

No emtanto, esporeados e estimulados pela raiva, correram atraz d'elle com novo ardor. Elles tinham então vantagem, pois que haviam descançado alguns instantes, em quanto que elle na sua lucta dentro d'agua perdera sangue e forças. Quando se havia atirado ao Arno, Bibiena suava e sentia febre. Mas agora tiritava de frio, e fugia com passo tardo e cada vez mais vacilante. A sua captura parecia inevitavel, e obra de escasso tempo, de minutos apenas.

O que perdêra o misero Cesar fôra o seu manto escarlate, que os amigos haviam tomado por sangue. Enrolado nas suas dobras dentro d'agua, Cesar não podéra oppôr senão uma tibia e inerme resistencia a Bibiena. E era o manto que, já morto, o fazia fluctuar ainda, á flôr das aguas. Bibiena na lucta, emquanto que o outro lhe queria despedaçar o craneo com uma acha de madeira que topára no rio, degollou-o com a adága, dando-lhe tão alentado golpe, que a cabeça do esbirro ficára quasi truncada do corpo, o que dava ao seu cadaver uma singular fluctuação.

Spavento, atravessando a ponte para se reunir a Gáleas, ao contemplar o cadaver cuja capa se prendêra a um pedaço de madeira, exclamou:

—Um valente de menos!... Todos hão morrido na flôr dos annos!... Pobre Cesar! Quanto o deve ter acabrunhado morrer com a bocca cheia d'este insipido elemento da agua, elle tão dedicado ao vinho!... Vamos, que para aquella banda se joga pancadaria brava!—terminou elle, interrompendo os seus necrologios.

De facto, ouviam-se gritos de envolta com um tremebundo tintinar de ferros. Bibiena corria com todas as forças. Mas quasi em seguida a tão prolongada carreira e uma perseguição tão obstinada, estava extenuado e tropeçára e caíra por duas vezes. Faltavam-lhe só cem passos para chegar ao palacio Pitti; mas não podia já suster-se em pé.

A cincoenta passos esperava-o a muda de cavallos que mandára apparelhar para a fuga com a amante: os cavallos aguardavam já sellados e enfreados para a marcha detraz da porta, que mal elle chegasse, se descerraria, se lá acaso podesse chegar. Mas eram inuteis. As forças abandonavam-n'o.

Com um supino esforço, arrastou-se comtudo até á extremidade da viella, confiando só n'algum inesperado auxilio. Porém enganara-se no caminho, e soltou um grito terrivel de raiva e desespero. Mettêra por um becco sem saída.

—Pilhamol-o!—clamou Gáleas.

Os esbirros, que eram seis, accorreram prestes e ageis.

Cambaleando, apoiando-se á parede que lhe parecia que tambem cambaleava, Bibiena deixou acercarem-se os seus perseguidores, com a espada em punho. Mas o que conseguiria fazer? Nada.

A espada tremia-lhe na mão, e quanto ao punhal ficara-lhe enterrado no pescoço de Cesar. Irremissivelmente aproximava-se a sua hora capital. Levantou os olhos ao céo então, como se o quizesse tomar por testemunha de que fizera quanto podéra para arrancar a sua amada ás mãos de Gáleas.

Mas por cima do muro a que se encostava lobrigou as janellas illuminadas de um convento e escutou as vozes das freiras que se mesclavam, cantando, aos sons de um orgão no officio da noute. Ali poderia, de certo, refugiar-se. Ali poderia ficar a salvo. E tão perto estava!... Tentou gritar: mas a voz expirou-lhe na garganta. Ah! ainda que as freiras o tivessem ouvido, e o tivessem querido salvar, não teriam podido fazel-o. Teria sido preciso que elle trepasse ao muro, e a espada de Gáleas roçava já a rua.

Não poude resistir. A lamina da espada partiu-se como se fosse de vidro. Salviati avança, e os esbirros o imitam.

—Vaes a morrer!—disse elle.—O teu nome? Dize lá o teu nome!

—Nunca!—gritou o ferido—reunindo todas as forças, para pronunciar aquella palavra.

Mas nada mais poude ajuntar, porque, como que um grande vágado se apoderou d'elle, e confusamente, como que velado por uma tenue nuvem, viu Gáleas voltar-se para os assassinos, e dizer-lhes:

—Bem. Agora, entrego-vol-o!

Mas n'este instante Gáleas presenceou uma cousa extranha. Os esbirros

tinham parado e proferido uma tremenda praga. Entreolharam-se, consternados, arrimando-se á parede, boquiabertos, estupefactos.

Bibiena havia desapparecido.

Spavento havia-lhe atirado á face a capa do companheiro, pensando aturdil-o, e evitar toda a resistencia. Mas a capa caíra ao chão, e debaixo d'ella não apparecia corpo algum... não estava nada!

CAPITULO XII

Começa a dôr, quando o perigo acaba

Julieta havia transportado a sua pobre ama, a sua *menina*, para o leito da alcova da janella para a rua. Porém, apesar do muito que lhe esfregára as fontes, que a enchia de fricções, e que a chamava com voz carinhosa, Beatriz continuava inerte: os seus olhos não se abriam á luz, nem os labios se descollavam. A aia, pavida e assustada, começava a recear, como tambem o receára Bibiena, que o grito da joven fôra um grito de agonia, e que aquella inercia que aparentava, era já a inercia da morte.

—Menina!—gemia Julieta, contristada, chovendo sobre o pallido rosto da Beatriz lagrimas e beijos á mistura.—Menina! acorde, responda-me.

Mas Beatriz continuava silente e desmaiada. Quasi a medo, pôz a mão sobre o coração d'ella, e pareceu-lhe que, ainda que debilmente, batia comtudo. Aproximou-lhe um espelho da bocca, e o vidro empanou-se, ligeiramente. Respirava! Talvez ainda houvesse esperança, algum remedio...

Julieta então lembrou-se de Nella. Estaria acaso a velha governante em casa, ou teria fugido, assarapolhada pela baralha e pela salsada que houvera? Antes de deixar Beatriz sósinha para procurar a serva, a aia teve o cuidado de reparar um tanto o desalinho em que ficára a alcova, depois da scena que ali se déra, a fim de que aquella mesma desordem tragica não impressionasse Beatriz mal, se acaso tornasse a si do seu desmaio, antes d'ella voltar.

Mas havia todas as probabilidades de que Nella fugira, espavorida, pois Julieta fartou-se de chamar á porta do quarto. A cama estava desfeita: mas a ella ninguem a via. No emtanto, não deveria estar muito distanciada, porque a sua roupa estava ali sobre uma cadeira, aos pés da cama.

Julieta fartou-se de correr e chamar por ella em todos os cantos da habitação, a qual por toda a parte apresentava vestigios da encarniçada lucta que ali se travára.

Procurou-a no antigo quarto de Beatriz, por cuja janella, que a ramada da arvore não permittia fechar, penetrava a ventaneira, procurou-a debaixo da cama, e até mesmo no celleiro. Porém em parte alguma se encontrava Nella. Desceu ao andar de baixo, rebuscou os quartos de Salviati, a sala de jantar, a ucharia, a cosinha. Nada... Dispunha-se já a subir de novo á alcova de Branca, mal dizendo a cobardia da velha, e do tempo que lhe fizéra perder n'uma pesquisa inutil, quando se lhe afigurou ouvir flebeis queixumes de voz timida e desolada, que pareciam provir de debaixo da terra. Aquella voz decerto que era de Nella. Mas aonde diabo se teria ella escondido? Talvez que na adega. Se o susto e a consternação em que estava a aia tivessem sido menores, não teria podido suster o riso, quando descendo ao lagar, com a luz na mão, viu a pobre dona em camisa, agachada atraz dos toneis, atabalhoada, ululando: mas sem se esquecer mesmo, no meio da sua turbação, de velar com mão púdica a nueza das suas fórmas, que a ninguem decerto teriam dado ganas de contemplar.

—Piedade!—ululava a velha—respeitae a minha pudicicia que tão valentemente tenho defendido até agora, louvados sejam os santinhos!... Não vos aproximeis, por favor, que eu nada fiz!... Sou uma mulher innocente e donzella... Respeitae-me, senhor soldado! Conservae intacta a minha virgindade!...

—Socegue, senhora!—dizia cariciosamente Julieta—socegue, que não é nada!...

—O que me diz, senhor soldado? Atreve-se a dizer que não é nada a minha honra?

—Não é isso—tornava Julieta, adoçando-a—digo que sou eu, a aia, a Julieta...

—Isso é falso, senhor soldado!... Quer fazer perigar a minha virtude!...

—Reconheça-me, senhora—insistia a rapariga—e apresse-se a subir. Perdeu os sapatos ao fugir e póde apanhar um grande resfriamento.

—Ah! és tu, na realidade, minha pobre Julieta? O que é que te fizeram minha querida?

—A mim nada. Porém a nossa ama está a morrer.

—Meu Deus!

—É preciso que em quanto eu estou ao seu pé, que Nella vá chamar um medico.

—Pois sim.

—Ou então irei eu, em quanto Nella fica aqui.

—Não, não tenho muito medo! Não está cá nenhum soldado em casa?

—Nenhum. Podeis vir.

—E o patrão?

—Ainda não veio.

—Misericordia, Pae do Céo! Que noute!—ululava a velha.

E como se aquellas scenas de horror lhe tivessem feito despertar na memoria outras, accrescentava:

—E no mesmo quarto!... Ah! a casa está amaldiçoada! Tomára já morrer, para não assistir a mais scenas d'estas!... Tenho visto aqui tanta desgraça!

Momentos depois, vestida atabalhoadamente e á pressa, e graças ás ajudas de Julieta, Nella, depois de certificar-se de que não havia nenhum filho de Marte emboscado á cóca da sua virgindade, corria tão

Hochstratten sentindo-se ferido pelo macaco gritava dolorosamente.

Cap. xvi.

agil e prestes quanto lh'o permittiam suas velhas pernas, em busca de medico.

Teria andado apenas uns dez passos, quando começou a tremer, faltou-lhe a respiração, e por pouco não caiu na calçada. Alguem, talvez um sicario (pelo menos assim se lhe figurou), corria atraz d'ella. Quasi desmaiada, encostou-se á parede, e ia a lançar-se de joelhos aos pés do desconhecido,

recomeçando de novo os seus queixumes doridos, quando conheceu o individuo que lhe ousava puchar pela capa.

—Simão!—disse ella—o namorado de Julieta!

—Silencio—disse o jardineiro.

Ella abaixou a voz, e disse:

—Sabes o que acaba de acontecer, meu rapaz?

—Sei pouco mais ou menos. Aonde vae a senhora Nella?

—A chamar o medico, para a menina.

—A senhora Nella quer o meu braço?

—Ia pedir-te esse favor.

E o espadaúdo rapaz perguntando, e a velha Nella parolando e dando ais, pozeram-se a andar, em cáta do doutor.

Havia instantes já que o doutor se installára á cabeceira da enferma, e a examinava minuciosamente.

Beatriz dava indicios de voltar a si da syncope.

Sacudiam-n'a leves estremecimentos, e já os labios e as mãos começavam de agitar-se.

O medico, que era um homem ainda na força máscula da vida, levantou afinal a cabeça, cessando de analysar a doente.

N'outra epoca não distante fôra um dos maiores gandaieiros d'aquella cidade de gôzo. Havia porém annos já que vira expirar em poucos dias de uma febre maligna uma mulher amada, a quem estremecia como as pupillas de seus olhos.

Esta catastrophe pozéra como que um açude á sua corrente de libertinagens, e, aluido, esbarrondado por aquelle cataclysmo moral, pedira á sciencia não o olvido, mas o balsamo, o linimento ás magoas, que proporciona o bem executado. Desde essa data, votára a sua existencia a todos os enfermos. A sua porta, tanto de dia como de noute, estava aberta sempre para quem carecesse dos seus soccorros. A sua reputação de habil e perito fazia que o chamassem até mesmo das terras mais limitrophes. Mas elle preferia permanecer em Florença, ali onde amára e fôra amado, e o coração se lhe diluira em lagrimas, saboreando como que uma ácida alegria em salvar enfermos quasi perdidos, exclamando a cada nova cura:

—Ah! se então soubesse o que sei hoje!...

Viajára muito, e a sua sciencia fizera-lhe obter um farto peculio de observações e de tradições colhidas. Empregava com efficacia e de preferencia muitas vezes remedios dos medicos arabes que tinham sido por aquelles tempos os maiores physicos do mundo, testemunhas Avicenna e Averrões, para não citar senão os nomes maximos que chegaram até nós. Não desdenhava, no entanto, os preceitos dos que se votavam ás sciencias occultas, d'onde saíu a chimica moderna, sem comtudo se servir da magia. No seu consultorio topava-se com extranhos sêres. Mendigos e charlatães se mesclavam com moçoilas seduzidas e judeus foragidos. Hospitaleiro, como poucos, e amigo de vir em auxilio de todas as agruras, podia fazer

inscrever na sua porta, parodiando-a, a inscripção que o Dante viu insculpida na porta do Inferno: — Recobrae a Esperança, ó vós que entraes!

No emtanto, este medico ainda moço, devia morrer durante a terrivel peste de Florença, e da qual tão imponente quadro nos legou Machiavello.

Aquapedente, que era o nome d'este clinico, conservava-se silencioso, emquanto Julieta e Nella procuravam lêr-lhe os pensamentos na fronte acurvada.

De repente, Beatriz estremeceu. Soergue-se com impeto no leito, com os olhos extraordinariamente dilatados.

Acabava de abrir-se a porta do quarto, e Gáleas entrava.

A expressão da face d'elle era terrivel, tão terrivel que a filha ao vêl-o com a espada em punho, soltou um grito rouco:

— Morreu! Morreu! — disse.

O pae ia a retorquir:

— Não, porque me fugiu! Não morreu ás minhas mãos, mas morrerá das feridas.

Mas reflectiu, e abeirando-se da cama em que estava a filha proferiu esta simples palavra:

— Sim.

Beatriz nem sequer estremeceu. Só os olhos é que se dilataram cada vez mais e mais, e o rosto cobriu-se-lhe d'uma expressão sinistra e espantosa.

O pae quebrou aquelle silencio algido, dizendo com uma grande voz colerica:

— Sim, morreu; morreu varado por esta espada, que vae varar-te tambem, infame!

— Seja — respondeu Beatriz.

E abriu os braços, para offerecer melhor alvo.

— Ah! como tu lhe queres! — disse Gáleas, com uma voz que parecia um rugido de féra.

E ao mesmo tempo arremessou-se sobre a filha, com o ferro levantado. Nella e Julieta, pavidas, nem tinham achado forças para se moverem. Mas quando Salviati, cego de colera, ia a ferir a filha, gritando:

— Sim, vaes morrer na mesma cama em que morreu tua mãe e pelo mesmo crime, Aquapedente, erecto, n'uma attitude energica e varonil, desviou o golpe com a mão, interpondo-se.

Gáleas teve como que um accesso de furia.

— Para que se mette n'isto o senhor? Que faz aqui?

— Cumpro com o meu dever de medico.

— E eu com o meu de juiz. Creio que nada tereis que objectar.

— Perdão: tenho que vos declarar alguma cousa, que talvez ignoreis.

— O que?

— Que dentro de alguns mezes vossa filha será mãe.

— Beatriz?

— Eu?

Estes dous gritos brotaram ao mesmo tempo dos labios do pae e dos da filha, terriveis e dolorosos.

—Mãe!—repetiu Salviati, carmesim de vergonha, e batendo violentamente com o pé no chão.

Mas de repente serenou. Uma terrivel e satanica idèa acabava de lhe cruzar o cerebro.

—Assim seja!—exclamou alto, embainhando o ferro.

—Senhor—tornou dirigindo-se ao medico, com voz surda—tendes rasão. Prestastes-me um serviço de que vos fico grato. É melhor que ella viva.

Tendo proferido isto, com um modo singular, cumprimentou o doutor e saíu da alcova.

—Um filho!—murmurava Beatriz entre soluços.—E elle não estará presente para ver o seu primeiro sorriso...

—Porque não terá voltado Simão?—perguntava Branca, inquieta, andando de um extremo a outro do jardim.—Tanto dura a rixa? Apesar do que lhe mandei, não terá permanecido de parte? Comtanto que o não hajam ferido, defendendo ou atacando aquelle tunante... Não era preciso, e não o fará... Deve saber que isso seria desobedecer-me...

E sacudia a cabeça. As suas fontes latejavam com febre, e tremia debaixo das dobras do seu habito de religiosa, com que tornára a cobrir-se.

—Basta que meu pae se encarregue d'isso!—accrescentou.—Este assumpto pertence-lhe, e não a mim!

A voz de Branca affogava-se. Cambaleava, ao proferir estas palavras. Envergonhava-se então do laço que preparára, da denuncia cobarde... Quem poderia dizer quantas mortes iria causar o seu odio, e quaes as victimas immoladas? Quem lhe affirmaria que seu pae não seria ferido? E ante esta perspectiva tremeu, horrorisada. Porém não, não era possivel. Bibiena não se atreveria a trucidar Salviati. Mas talvez Rodrigo succumbisse na lucta. Talvez Simão sairia mal ferido da contenda. Branca tremia de todas estas hypotheses, e sentia-se acabrunhada e arrependida.

Desejaria orar: mas não se atrevia. Tinha sobresaltos de medo ao pensar que ao dirigir os olhos para Deus, Deus lhe gritasse:

—Se o teu amante morresse não seria uma punição justa, irmã desnaturada e vingativa, que fazes assassinar o amante d'ella e talvez a tua propria irmã?

Esta idèa punha-a pávida. Não queria sequer demorar a idèa n'ella. Mesmo sanguisedento, ruminando só vingança, decerto que este Gáleas não quereria matar a sua filha!... Mas o pensamento que mais lancinantemente a flagellava, e que sem o poder affastar, lhe navalhava o coração, é que Bibiena talvez succumbisse aos golpes. Figurava-se-lhe elle caíndo inanimado, depois d'uma lucta desegual, e parecia vêl-o abrir a bocca para amaldiçoar pela ultima vez, ao mesmo tempo que erguia a mão e que seus olhos chispavam, ameaçadores. Era então que conhecia

que errára, e que a si mesmo se illudira, cuidando que o odio apagava o amor. Achava então insulsos, frios e banaes os beijos do rustico e apaixonado Simão, tão cego e tão namorado, comparados com os beijos e os amorosos afagos que lhe dispensaria aquelle homem, que áquellas horas talvez exhalava o alento derradeiro, se não morrêra de todo. Porque é que ella não envergaria de novo o seu maligno trajo de mascarado? Porque não correria a destruir o que tão bem urdira? Porque não surgiria a libertar e lenir as feridas de quem tão bem tramára perder? Furiosa contra si propria, revolvia-se, passeava irrequieta e turbada nas alamedas do jardim, semelhante a uma leôa engaiolada. Irritavam-na até os cantos monotonos que o orgão acompanhava na capella.

De repente parou e pôz o ouvido á escuta.

Parecia-lhe ter ouvido detraz do muro, ao pé da porta da rua, rumor surdo de passos, depois mais passos e gritos, ameaças confusas.

Era decerto Simão que perseguiam, por haver tomado parte na rixa.

Uma voz, que Branca conheceu ser a voz de seu pae, dizia:

—Agora o apanhamos!

Teria elle defendido Bibiena! Valente Simão—dizia de si para si, n'um effluvio subito de gratidão, Branca.

Ouviu-se depois o retintim das espadas terçando... depois reinou um fundo silencio, que de novo interrompeu a voz que dizia, provavelmente, aos escudeiros:

—Agora, pertence-vos! Entrego-vol-o!

Estava perdido irremissivelmente, e ella detraz do muro separada d'elle pelo espaço d'uma pedra, nada podia fazer em seu auxilio.

Branca quiz gritar: mas a voz estrangulou-se-lhe na garganta. O seu amante estava perdido. Ia exhalar o ultimo gemido, irremediavelmente. Desesperada, furiosa, ensanguentava as mãos, arranhando o muro maldito, contra o qual se encostava.

De repente sentiu-se empuxada para traz, como se o muro, abrindo-se com um movimento brusco, a repellisse.

Ora era isto o que approximadamente succedia. Todo um lanço da muralha girára sobre si mesmo, por causa de occulta molla, que Branca, inconscientemente, tocára. A abertura acabava de dar passagem a um homem que fizera renascer em Branca subita esperança, realentando-lhe as forças.

A porta, depois, tinha-se cerrado mysteriosamente sem fazer ruido, e Branca, tremula de alegria, bemdizendo aquelle providencial acaso, inclinara-se sobre o ferido, no meio da escuridão.

—Será, na realidade, o diabo?!—dizia Spavento, terrificado.

—Sangue de Christo!—rugiu Gáleas.

E todos os esbirros assarapolhados, o pae, livido de coragem e ira, todos os mais possuidos de um vago e supersticioso terror, começaram com as espadas a explorar a rua e o muro do mosteiro.

Mas nada encontraram. O sólo e o muro, ao serem golpeados com o punho das espadas, davam o mesmo som abafado dos corpos massiços.

Aquella porta construida ao mesmo tempo do que o muro, por um frade que morrêra em consequencia d'uma quéda de um andaime, e que levára o seu segredo á sepultura, fôra mandada fazer por ordem e para o serviço de um cardeal, amante da primeira abbadessa do convento. Era formada de pedras que adheriam entre si por barras de ferro perfeitamente dissimuladas, e girava sobre gonzos interiores, e fechava debaixo da acção de um contrapezo occulto n'uma cavidade invisivel.

O cardeal tivera por fim, mandando construir aquella porta, que era sufficientemente alta para dar passagem a um homem, o evitar o escandalo. Ella fôra tão habilmente dissimulada, que, quando fechada, ao proprio que a mandára fazer e sabia da sua existencia, custava-lhe immenso dar com ella. Os exemplos d'estas portas e passagens secretas são mais abundantes do que se póde cuidar, ainda que a sua descoberta é difficil.

Sem fallar da porta formada por um só bloco que descreveu com tanta fidelidade Victor Hugo no *Noventa e trez*, e que dava accesso á Tourgue, conhecemos a porta do mesmo genero praticada em um castello do famoso barão d'Adrets, cujas cadeias e contrapezos desciam até aos alicerces do castello, e perdiam-se nas setteiras da muralha. Esta porta, occulta no vão d'uma chaminé, e cujo segredo possuia exclusivamente o castellão feroz, tinha uma lenda celebre em Provença.

Uma joven noiva, desposada com um dos mais recentes senhores do solar, havia-a aberto no dia das suas bodas, sem saber como, tocando talvez, como Branca, casualmente na molla que regia o machinismo, e de subito achara-se murada e morrendo de fome, sem que o noivo nem nenhum dos convidados ás bodas ouvisse grito algum, nem podessem explicar aquella repentina desapparição.

Só muito tempo depois, e já n'este seculo, o acaso ajudou o descobrimento do mysterio e da porta occulta.

Brincavam um dia creanças o jogo das escondidas, e um d'elles lembrou-se de se esconder n'aquelle vão. Sem querer e sem saber tocou na molla, e fez abrir a porta, e viu-se de repente encurralado n'aquelle calabouço com um esqueleto vestido de branco.

Felizmente para o pobre rapaz, houve quem o visse desapparecer pela parede. Experimentaram e fizeram reconhecimento nas paredes, mas nada descortinaram. Tão solidas e massiças eram, que os que as experimentavam ficavam desconcertados. O pequeno, que por felicidade vira o gato do porteiro do castello introduzir-se na prisão por um ventilador de cima, atou-lhe ao pescoço uma carta escripta a lapis. Esta carta, encontrada a tempo, esclareceu os paes da creança, de modo a dirigirem bem as suas pesquisas.

Pela bandeirola da porta, que estava habilmente dissimulada, deu-se-lhe de comer, e por fim alargaram-n'a para dar liberdade ao prisioneiro. Foi então que ao descerem áquelle calabouço se reconheceu pelas joias o esqueleto da recemcasada, cujo desapparecimento déra margem a uma extraordinaria lenda.

Os esbirros, que não estavam muito ao corrente de taes pormenores, não estavam muito longe de supporem que havia bruxaria no successo, e que o diabo mettera no caso a sua pata fendida.

Baldadamente Salviati tentava dissuadil-os.

—Levantae-me aos hombros!—disse. Eu vou escalar o muro.

Mas ninguem se moveu, nem respondeu.

—Estaes surdos—regougava o velho—ou não me comprehendeis?...

—Sim, nós entendemos-vos—atreveu-se a dizer Spavento—porém...

—Porém o que? Vamos, não vos paguei para matar este homem?

—Pagastes, porém...

—Pois para o matar é preciso primeiro apanhal-o! Ajudem-me, portanto.

—Perdão... não podemos.

—Que dizes, velhaco?

—Digo, senhor Salviati, que nós não temos duvida em perseguir um homem, mas não o Diabo.

—Estaes doudos, para dizeres semelhantes parvoiçadas!...

—Não estou. E quando elle não fosse o Diabo, elle que se sóme atravez das pedras sem deixar vestigio, nem pégada, digo que não serei eu tão pouco quem o vá procurar a um convento... Não faltava mais nada!

—Eu tambem não vou!—grunhiram a fio os outros.

Gáleas insistiu, ameaçou, offereceu dobrado salario: mas tudo esterilmente.

Os esbirros tinham tomado a sua resolução, e cousa alguma os podia abalar. O fugitivo—pensavam elles—póde ter encontrado cumplices, e quem sabe quantos poderão estar emboscados detraz do muro. Além d'isso, o rapaz mostrou muito *palpavelmente* o valor da sua catana, para que nós corramos de novo a fazer escorchar as costellas.

O pae de Beatriz, bem a seu pesar, teve que conformar-se e deixal-os partir em busca do companheiro ferido que ficára no caminho, mais distanceado.

Logo que se viu só, recusando-se a admittir a intervenção de nenhum sortilegio que tornasse invisivel o seu adversario, rebuscou e esquadrinhou tudo sem resultado, durante ainda alguns segundos. De repente deu um grito. Acabava de pisar a espada de Bibiena. Apanhou-a, e pôz-se a examinal-a ávida e attentamente á claridade dos raios da lua.

Afortunadamente para Bibiena, a espada com que elle ao saír de casa se armára, era uma espada de combate, que não tinha nem as suas armas gravadas nos cópos, nem nenhum lemma ou divisa cinzeladas na lamina. Não denunciava pois quem era o seu dono; e Gáleas atirou-a ao chão com despeito, murmurando emquanto se encaminhava para o palacio:

—Hei-de saber o seu nome, por força!

Já vimos como Beatriz se negou a revelal-o: e como o pae, obedecendo a uma inspiração repentina, não insistira contra a intervenção do medico.

Quando Branca declarou a seu pae a resolução de entrar para um claustro, Salviati não a contrariou e não quiz exercer sobre ella pressão alguma, mas deu-lhe a entender todavia quanto o entristecia e lhe era

penosa a sua determinação, e que a ser ella menor não lh'o teria permittido. Quando saíu para o convento não a quiz abraçar, como para não sanccionar aquelle acto.

—Empenhas-te em morrer para o mundo?—disse-lhe—Assim seja! Separas-te de teu pae? Teu pae separa-se de ti tambem. Farei de conta que não tenho filha!

Depois d'isto entregou-lhe o insignificante dóte que lhe legava, dizendo-lhe:

—Se mais te não dou, a culpa não é minha: é dos Médicis.

Foram estas as ultimas palavras que dirigiu a Branca.

Quando Nella que a acompanhou ao claustro, veiu para casa, toda afogada em chôro, nem sequer quiz inteirar-se de qual o convento a que sua filha mais velha se retirára.

Mas fez mal n'isto: pelo menos, para a sua vingança.

Se o tivesse sabido, não teria deixado de conhecer na parede do convento, detraz da qual o fugitivo desapparecêra, o mosteiro em que sua filha se recolhêra: e, então, quem sabe, se, recordando-se da semelhança que lhe parecêra notar entre a voz de sua filha Branca e a do mysterioso personagem da mascara vermelha do baile, reatando todas estas coincidencias, teria encontrado o fio conductor que lhe faltava, para saír do intrincado labyrintho de conjecturas e duvidas em que se perdia.

Apesar da sombra espessa que projectava o muro, á religiosa pareceu-lhe, ao primeiro relance d'olhos, que o ferido não era Simão. Sem duvida alguma este era muito mais delgado. E demais aquella longa cabelleira loura... aquella barba... Quem seria aquelle homem? O coração da monja palpitava, sobresaltadamente. Uma suspeita terrivel acabava de despertar de subito no cerebro d'ella.

Approximou o ferido do local onde caía de chapada a claridade da lua, e, ao reconhecel-o, soltou este grito lancinante e terrivel:

—Bibiena!

Sim, era elle! Porém, em que estado! Coberto de limos e de sangueira, o cabello escorrendo agua, e exanime como um morto. Que desprezo não sentiu então por si! Encheu as faces de lagrimas amargas e de desesperação. Foi com anciedade que se precipitou sobre o coração d'elle, para vêr se ainda pulsava: inclinou-se sobre elle, esperando ouvil-o respirar: juntava os seus labios, que a febre ardia, aos labios algidos e desbotados do moribundo, como n'um beijo nupcial, amoroso e mortuario. De repente, pôz-se em pé, livida, petrificada, tomada de desalento. Um jorro de sangue acabava de golfar dos labios esvaecidos de Bibiena, salpicando-lhe o rosto com a sua humidade môrna. Pavida, e sem alento, fitava-o fixamente com os olhos dilatados.

Não reparou, todavia, que pela outra porta do jardim acabava de entrar Simão e que a observava pallido, zeloso, querendo apertar com a plebêa e rude mão os baques do peito, e esporeado por um ciume cruel.

Quando Branca attentou n'elle afinal, disse-lhe, seccamente:

— Ai, és tu! Chegas a tempo!... Ajuda-me...

E sem esperar resposta, pegando em Bibiena pelos hombros, fez gesto a Simão de que lhe pegasse nos pés e transportou-o para a sua cella de religiosa.

Inanimado, deitaram-n'o sobre o leito de Branca. Temendo uma indiscripção que o perdesse para sempre, não se atreveu a mandar Simão em busca d'um facultativo. Desapertando-lhe o gibão, foi ella mesmo que lhe enxugou as feridas: collocou-lhe bem a cabeça sobre uma almofada: observa-o com indefinivel anciedade.

Simão está perto d'ella, e refere-lhe tudo quanto ouviu, viu e lhe constou.

Mas Branca, abstrahida, não presta attenção á sua palavra: e o pobre moço, que a vê affagar o moribundo com olhos cheios de ardencia, estremecer, irrequieta, agitada, nervosa, comprehende então, ainda que tarde, que aquelle odio implacavel que antes enfebrecia Branca, era só despeito amoroso: vê a claro a sua situação, que é: — que, por despeito, e á falta d'outro homem, é que elle foi acceite: vê limpida e nitidamente que Branca não o ama, mas sim o ferido...

Elle, porém, ama-a e quere-a, com ardor. Por ella desprezou Julieta que lastíma a sua ingratidão: por ella se entregou, alma e corpo, áquelle amor cuidando expirar de deleite. E agora, miseria das cousas humanas! toda aquella ebriedade amorosa era mentira — pensava elle. Aquella paixão que roçava ás vezes os pinaculos do frenesim, aquelles beijos enfebrecidos, tudo, tudo era para o outro: elle não era mais que um joguete!...

Esta idêa espantosa endoudecia-o: o engano era claro, evidente: o alquebramento e a lassidão langue da religiosa fallavam eloquentemente, além do beijo que elle presenceára ella dar ao ferido, no jardim... Não podia pois duvidar. Os labios de Branca estavam collados aos labios côr de lyrio do ferido. A misera allucinada, ainda no meio do seu desespero, previra tudo o que podia comprometter Bibiena, e mandára-o a elle mesmo, Simão, buscar á rua a sua espada. E Simão fôra-a buscar: e Branca mostrára só então ficar mais calma e repousada. A espada, porém, que elle tinha em suas mãos, tentava-o. Tinha occasiões de querer trespassar com ella o rival, varejar o coração da mulher desleal em cujo peito não occupava logar nenhum, e em seguida varar-se a si proprio. Esta tentação fascinava-o tanto e estrangulava-o tão tyrannicamente, que mau grado seu, empunhava a espada com ira. Conteve-se, comtudo, e saíu da alcova, colerico, enfurecido, quasi doudo.

A abbadessa, ao entrar de manhãsinha, na cella da filha mais velha de Gáleas, achára sem surpreza o ferido installado no quarto da religiosa. A metamorphose de Branca, tão alegre de repente, quanto estava melancolica antes, haviam feito suspeitar á superiora a existencia de alguma aventura parecida com a que se dava.

Sem difficuldade alguma, e muito mais, porque era conveniente ao ferido, prometteu a abbadessa a Branca guardar silencio, e pôz á sua disposição a pharmacia do convento. Em quanto a dulcificar a amargura da namorada não pensou em tal: com o seu bom criterio conheceu a su-

periora que não era aquella a occasião opportuna para taes lenimentos e allivios d'alma.

Branca, para se tranquillisar, quiz saber, antes de tudo, se Bibiena se salvaria, pois ainda que menos pallido e menos rigido, não perdêra ainda toda a sua immobilidade cadaverica. Depois interrogou-se a si mesma, se, depois de são, elle a amaria. A desgraçada agarrava-se, desatinadamente, áquella esperança insensata.

—Oh! sim, eu perdi-o... mas foi por amor... e por felicidade elle não o sabe... Demais, se eu o salvar... De reconhecido, ainda que seja só por gratidão, amar-me-ha. E quando eu lhe disser ha quanto tempo o amo, com que ardencia o estremeço, e lhe quero, não será possivel que me desattenda.

De subito, callou-se e escutou, attenta: os labios do ferido haviam-se movido, e faziam esforços para articular qualquer cousa. Ao mesmo tempo, os olhos do moribundo descerravam-se, e fixavam-se n'ella. Ia decerto fallar, e, quiçá, pronunciar o seu nome.

—Beatriz!—murmurou o ferido. E de novo desmaiou.

Tudo findára. Era esteril e pueril alimentar mais esperança alguma. Bibiena amava sua irmã, mas amava-a a ella só: e, ainda depois de morta, a ella só amaria. Morta,—ajuntou ella—a amará muito mais, e muito mais me odiará a mim, pois que com razão me imputará o seu infortunio. Só ao odio d'elle posso aspirar n'este mundo.

Pois bem, sim, venha o odio—concluia ella, depois de se torturar.—Devia ella, acaso, depois de o haver salvo, atirar-se a seus pés, impetrando-lhe um beijo como uma esmolla? Isso não: nunca! Odial-o-hia, visto que a isso era coagida. Mas odial-o-hia, então, profundamente.

N'este entrementes, Simão entrava.

—Que ha?—perguntou Branca—Meu pae matou-a?

—Não.

—Estás certo?

—Sei-o da bocca da pobre Julieta.

Branca não pareceu dar fé do tom de voz commovido com que disse estas palavras Simão, nem da indifferença e frieza com que proferiu as outras.

O jardineiro referiu-lhe a entrada do pae na alcova de Beatriz, e da feliz intervenção do medico.

—Obrigado—disse ella—quando concluiu.

E inclinando-se-lhe ao ouvido articulou algumas phrases, em voz sumida. O jardineiro parecia vacillar. Ella interrogava-lhe as feições com olhar turvo e sombrio.

—Seja—disse elle por fim, com frieza. E saiu da cella.

Quando Bibiena, suspirando flebilmente, recuperou os sentidos, ao fixar ao caír da tarde d'aquelle dia á luz do sol poente que esclarecia o quarto, uma face que cuidou reconhecer acurvada sobre elle, com interesse, disse com voz debil e desfallecida:

—Vós?...

Percorreu, surpreso, o local em que se achava, com o olhar. Ella mantinha-se muda.

Como via a irmã de Beatriz sentada á cabeceira de seu leito, figurou-se ao ferido, sobresaltadamente, que estaria ainda em casa de Gáleas. Mas apezar da fraqueza extrema que lhe baralhava as idêas no cerebro, recordou-se que Branca se retirára para um convento. As imagens e os emblemas religiosos que ornavam as paredes da cella, confirmaram-no na sus-

As freiras apavoraram-se, ao lobrigarem um animalejo negro que saltava entre as arvores, e lhes enviava beijocas com a mão. Disseram, á uma, que era o Diabo.

Cap. XVI.

peita de que estava, de facto, n'um claustro. O echo dos cantos do côro coando-se pela janella entreaberta, recordavam-lhe a scena da vespera, quando quasi desmaiado se apoiára ao muro d'um mosteiro, e a sua queda incomprehensivel, apoz a qual de nada mais se lembrava. Mas se, de facto, se encontrava n'um convento, porque é que Branca não tinha o seu fato monastico? De facto, Branca trajava um vestido d'um estofo negro, e

cobria-lhe a cabeça um véo negro tambem, como as viuvas no seu espesso lucto. Á vista d'aquelle trajo escuro, uma ácida e lancinante suspeita atravessou-lhe o cerebro e o coração. Acaso Gáleas, quando voltou a casa...

—Por quem andaes de lucto?—perguntou, fazendo um esforço horrivel.

—Pela pessoa que amaes!—respondeu Branca.

Bibiena nem soltou sequer um grito. Percorreu com o olhar allucinado ás paredes da alcova que acarminavam os raios do sol poente, sentou-se um momento no leito, e caíu de novo desabaladamente nas almofadas, jorrando uma golfada de sangue pela bocca.

Branca ficou gelada como uma estatua. Foi aquella, uma noute horrivel. O ferido, no seu delirio, queria levantar-se e abraçar pela derradeira vez a amada, antes que o mettessem no ataude: ou queria que o enterrassem ao pé d'ella, para que a mesma valla encerrasse os dous, a mesma cova emmaranhasse d'hervas os seus cabellos, e tapasse com terra os seus labios que se haviam beijado, e os seus olhos que haviam fallado tanto de desejos.

Branca retorquia-lhe que era impossivel: que havia já muitos dias que ella fôra sepultada. Mas n'estas occasiões, Bibiena entregava-se a transportes desesperados: furioso, tentava despedaçar os apparelhos e apósitos das feridas. Simão, que por ordem de Branca, velava ao lado do ferido, não podia por vezes segural-o. A enfermidade d'elle prolongou-se. Durante muitas semanas esteve suspenso entre a vida e a morte. Só a espaços, recuperava os sentidos. Mas comprehendia então toda a immensidade do seu infortunio, e era anavalhado e pungido pelos pensamentos implacaveis, e pelas insomnias mais implacaveis e mais ágras ainda.

N'uma d'ellas, graças a um novo calmante, conseguira conciliar o somno e dormir profundamente. Sonhou que o collocavam como que em maca, que o tiravam do local em que encontrára Branca á sua cabeceira do leito, e que depois elle e os que conduziam a maca ou a liteira atravessavam largos e desertos corredores, até que emfim um alçapão se abria e por elle o desciam a um subterraneo. de certo, porque apesar de bem coberto sentia um frio humido penetral-o até aos ossos. Este excentrico sonho do enfermo assemelhava-se como que a uma allucinação mais do que a um pezadello, pois havia n'elle impressões que não eram sonhadas, mas realmente sentidas. Acaso Salviati teria descoberto o seu paradoiro? Talvez que denunciado por Branca, cujo fixo olhar o espantava, iam mural-o n'um *in pace*, como era d'uso nos conventos, condemnando-o a morrer á mingoa. E Bibiena sentia-se descer sempre. Por fim parou isto, e elle ouviu ou cuidou ouvir o estrugido d'uma porta de ferro, girando sobre gonzos, em quanto que uma rabanada de vento muito frio lhe fustigava a face. Percorria uma d'essas communicações subterraneas, como as que recentemente se tem feito atravez das ruas, e que serviam para entrar e sair dos conventos dos frades para os das monjas—sem duvida para bons fins, para officios pios e exercicios espirituaes.

Quando Bibiena acordou, nunca poude dizer-se a si mesmo quanto durára o seu torpôr: facilmente tomou aquillo tudo por uma lethargia, um sonho. Estava, na realidade, n'uma casa differente da outra, rodeado de faces novas, faces pallidas de homens, umas papudas e oleosas, outras ma-

cilentas e angulosas. Em todas as cabeças, porém, havia a monacal tonsura.

Perguntou onde estava, e disseram-lhe que no seminario de *Santa Maria Nova*.

Manifestára muitas vezes durante o curso da sua doença—affirmaram-lhe os que o rodeavam—que só em Deos confiava para o ajudar a supportar aquelle lance terrivel; que estava desenganado do mundo; que não queria mais reapparecer n'elle senão com o habito monastico; que, á vista de tantas manifestações que tomaram por indicios seguros d'uma vocação que se pronuncía, o haviam transferido d'aquelle convento de freiras, onde só por caridade poderia ser tolerada a sua estada ali, e o haviam transportado áquelle local pio.

Quando de todo estivesse curado, decidir-se-hia, ou não, pela vida do claustro. Ácerca de tal ponto davam-lhe a plena liberdade d'acção, sem quererem fallar no jubilo que todos sentiriam, ao vêl-o procurar um refugio tranquillo ao pé do altar.

Resumindo: tanto e taes cousas disseram, tão fraco e debilitado estava pela doença, que os padres, habeis todos na sciencia de intervirem nos desfallecimentos da vontade, deslisando n'ella como os insectos atravez as fendas dos muros, obtiveram de Bibiena que ficaria no seminario, preparando-se para o sacerdocio, livre sempre de se pronunciar pelo mundo, querendo, antes de se ordenar e pronunciar os votos.

Estes conselheiros estavam bem seguros de arranjar as cousas de fórma que tal idêa não lhe occorreria, evitando e impedindo que lhes fugisse um homem nas condições de Bibiena.

Gáleas esperava, no entretanto, que se o amante de sua filha era, como elle o suppunha, um Médicis, a mesma familia denunciaria esse parente desapparecido, tratando de fazer indagações e averiguar o seu paradeiro.

Mas as esperanças de Salviati ficaram frustradas, por quanto Bibiena tivera na vespera da sua planeada fuga a prevenção de advertir o duque de Florença que não se inquietasse pelo seu desapparecimento, pois que se tratava d'um rapto d'uma joven, e que pôrem-se na sua pesquiza seria o mesmo que dar o alarma e denuncial-o ao furor do pae, por quem elle esperava ser activamente perseguido. Ninguem déra pois um passo no palacio Pitti, que Salviati rondava impaciente com muita frequencia, para saber novas do raptor de sua filha.

Ainda que Lourenço de Médicis lhe parecia que o seu secretario se deixava absorver demasiado nas delicias dos seus amores, tranquillisou-se dizendo:

—Ora! é um meio poeta! e se a estas horas está em França, ainda mais se terá imbuido do doce mel da galanteria, que é o achaque d'aquelle paiz!

Bibiena pensára em fazer-lhe chegar noticias da sua existencia: mas

os seus pios e beatos amigos preferiram que Lourenço não tivesse conhecimento da sua resolução, senão quando já não podesse oppôr-se a ella, e o haviam feito desistir do seu proposito. Demais, elle achava-se tão bem n'aquelle abrigo, tão livre de todas as fortes emoções, tão embalado, pelos desvelos e affagos d'aquelles homens, que os seus sentidos se embotavam, e a sua vontade como que adormecia. Aquelle lethargo, que tanta semelhança tinha com a morte, os seus estudos em que completamente se afundava, calmavam o desespero de Bibiena.

Gáleas, no emtanto, proseguia nas suas indagações, sem se desesperar com a esterilidade dos seus resultados, como homem a quem o tempo não importava, seguro de que em época determinada ha-de desvelar o enigma cuja solução procura. Parecia até mesmo que descurava de vigiar a filha, que lhe abandonava o leito, e lhe concedia até uma liberdade relativa. Julieta, que pedira licença para a sua menina descer ao jardim, obteve-a sem difficuldade: mas aquelle sitio que evocava na memoria da joven successos tragicos, tornou-se-lhe insupportavel, terminando por sentir aversão á mesma casa. A aia deu-o a entender a Gáleas, e este occultando habilmente os seus projectos tanto á serva como á filha, indicou que Beatriz poderia ir passar alguns tempos em casa de sua ama, a irmã de Nella, uma affavel camponia que vivia a uma legoa de Florença.

Julieta tinha ordem tambem de acompanhar sua ama. Beatriz comprehendeu o que aquella mudança de habitação significava, e acceitou jubilosa de ir dar á luz o fructo das suas entranhas, longe de todos os olhos adversos. E não era porque então se arreceasse da cólera do pae. Affagava a cariciosa idêa de que pacificando-se ante a adversidade, e para não ficar isolado e sem ninguem dos seus no mundo, o desvairado pae um dia perdoaria a sua filha uma falta que um tão fundo amor desculpava, e que ella já com tantos prantos remira. Suppunha Beatriz que o primeiro vagido do innocente que ía nascer, sustaria a maldição nos labios do rancoroso velho.

Porque é que Salviati lhe não perdoaria o esquecimento dos seus deveres? Não lhe perdoára ella a morte do seu amante?

Porque Beatriz continuava a suppôr morto Bibiena, em vista da inutilidade das pesquizas que Julieta fizera. Aquapedente, mesmo, que envidára tambem esforços, do seu lado, nada podéra averiguar, e não havia indicio algum que podesse fazer suppôr que Bibiena havia escapado á furia dos seus perseguidores. Julieta chegava a valer-se de Simão: mas o jardineiro, profundamente sombrio e inquieto, respondera-lhe:

—Procurei, rebusquei, indaguei, mas nada pude colher!

Na vespera de partir para casa da ama de Beatriz, tornára a insistir, mas obteve identica resposta, com a differença de que inquirira d'ella em que ponto estava situada a casa para onde iam, ajuntando:

—Nunca te esqueço, ainda que a ti te pareça! Os teus affectos são

tambem os meus, e tambem participo dos teus odios, e mais tarde o verás!...

—Quando?

—Não sei. Quando fôr preciso, eu cá estou!... E ao dizer estas palavras, foi-se.

—Nem sequer me dás um beijo?

—Não tarda que venha pedir-t'o!...

CAPITULO XIII

Qual era a idêa de Salviati

— Como se sente esta tarde, menina?

— Mal, minha pobre Julieta.

A creada, que era quem isto perguntava na soleira da porta da casa habitada pela ama, desceu ao jardim, um vergelsito cheio de flôres de outomno. Beatriz, pallida, e envolta n'um trajo de lucto que havia vestido mal chegára a casa da boa camponia da sua ama, estava assentada n'um assento baixo, e tinha os pés cuidadosamente envoltos n'uma pelle de cabra. A ama estava em pé, deante d'ella, triste por vêl-a doente, mais triste ainda por vêl-a inconsolavel.

Effectivamente, semanas e mezes inteiros se passavam sem que os seus prantos attingissem um termo. Pelo contrario parecia que o seu mal longe de minorar, augmentava, á medida que se approximava o fim da gestação. A sua gestação, ai! que triste se lhe figurava este successo em taes circumstancias! Desejaria vêr-se livre do fardo da vida, para poder reunir-se ao amado, no mundo dos espiritos. Porém nem aquelle desejo já lhe era permittido: não tinha já direito sobre si: pertencia toda ao ser pequenino que em breve devia nascer. Mas, pobre creança! que existencia o aguardava! De quão grande odio teria que defender-se, se a esperança de reconciliação e de perdão, que por largo tempo ella affagára, se desvanecesse ante uma crua realidade! E quem defenderia aquelle tenro sêr? Seu pae morrêra, e quanto a ella, sua mãe, bem inutil era que a aconselhassem a viver: esteril era que a incitassem a resignar-se com a amargura da vida, pois estava convicta que a sua estada na terra seria de curta duração. Mesmo que ella vivesse, depois de dar á luz seu filho, não gosaria muitos

dias do prazer de vêl-o sorrir, e quem sabe se teria tempo de receber os seus affagos! Esta idêa desconsoladora era objecto para Beatriz de nova angustia, e com estas idêas torvas e tristes nunca tinham fim as suas lagrimas. A pobre joven notára que Aquapedente, que ia visital-a ameudadamente, pois que havia sympathisado com ella e com o seu infortunio, ao despedir-se, meneava melancholicamente a cabeça e fallava em voz baixa com Julieta, que o acompanhava até á porta.

A pobre serva callava e dissimulava, como a velha ama, e escondia a causa verdadeira da sua pena: mas Beatriz, que mais d'uma vez surprehendera Juelita chorando, ainda que a excellente rapariga attribuisse as suas lagrimas a não receber novas de Simão, não se deixava illudir, dotada como era d'aquella perspicacia que possuem certos doentes.

—Mas como quer a menina que eu chore por sua causa, se está hoje com tão bom parecer! Sim, está hoje com melhor côr do que nunca!—dizia Julieta, tentando sorrir.

—É a febre, minha filha...

A aia procurava responder inventando alguma mentira: mas a filha de Gáleas interrompia-a, e pegando-lhe na mão, dizia-lhe:

—Não, minha querida, não: isto vae mal. Sinto que vou perdendo forças a cada momento... Espero ter ainda o gôso de vêr o meu filho... mas nada mais...

—Calle-se, menina, por Deus!—interrompia a boa rapariga, a cujos olhos as lagrimas assomavam, grossas como punhos.

—Bem cedo te verás livre d'esta pobre doente, tão exigente e tão triste...

—Ah, por compaixão, não me falle assim, menina!...

—É preciso que te resignes, assim como eu me conformo, minha Julieta. O teu namorado Simão, não te deixará...

A serva movia melancholicamente a cabeça, com expressão de duvida!

—Sim, sim, tu verás!... Virá a ti, mais namorado do que nunca! Ajudar-te-ha a consolar-te, e os seus beijos enxugarão as tuas lagrimas... Vamos, não chores, não chores... A vida sorri-te!... É tão bello o verdadeiro amor!...

A está idêa que lhe avivava na memoria amargas e doces recordações da alegria passada, a pobre doente tornava a recahir na sua melancholia alquebrada.

—Amem-se muito—continuou, depois de um escasso silencio—porém quando se casarem, e nada os impedir de se amarem sem constrangimento, tratem que entre si não haja odios de familia; e, quando tiverem filhos, que façam a sua felicidade, não esqueçam o meu pobresinho orphão!... Venham de vez em quando vêr a minha pobre filha, pois terei uma menina, que o sonhei esta noute, outra vez... Sim, uma filha... as filhas parecem-se mais com o pae... Será loura como elle, com uns formosos olhos negros como os seus... e chamar-se-ha Maria como tu, minha querida ama!...

E voltando-se para ella, ajuntou:

—Então, vaes-te?!..

—Vou dar uma vista d'olhos ao jantar—disse a pobre velha, retirando-se com a voz quasi estrangulada de soluços.

E desappareceu ligeira para que a Beatriz não suspeitasse a causa das suas lagrimas. E a pobre menina, inclinando-se para Julieta, disse-lhe:

—Não é verdade que virás vel-a muitas vezes? Quando a minha pobre ama morrer, peço-te, pelo affecto e dedicação que sempre me tens mostrado, que não abandones a minha filha... Conserva-a em tua casa, mas não a leves a Florença. É uma cidade maldita em que reina o odio. Vive com ella n'uma casinha em que mores, não longe d'aqui, esta mesmo, se poder ser. O meu jazigo quero-o ali... debaixo das arvores, e rodeado de flores... Deves leval-a ali muitas vezes... Conta-lhe a minha vida, dize-lhe que eu a teria amado muito, com todas as véras da minha alma, e que lhe desejo muita ventura, e muito amor correspondido e feliz.

Cançada, callou-se alguns momentos.

—Vê, menina?—disse-lhe Julieta, sem poder suster o pranto—faz mal em dizer essas tontices, que está-se a cançar...

—Não: deixa-me fallar, minha querida Julieta, em quanto tenho ainda algumas forças... Tenho ainda muito que dizer-te, e receio não ter tempo... Fiz o meu testamento, que encontrarás debaixo da almofada do meu leito.

—Meu Deus!...—clamava, rompendo em pranto, a pobre rapariga.

—Ter-lhe-hia legado a elle, se fosse vivo, as minhas roupas, o vestido branco que trazia na primeira vez que o vi na egreja, e na noute em que pela primeira vez o recebi na minha alcova: ter-lhe-hia deixado os restos da fatal escada que tu achaste ao pé da arvore... mas tudo isto, as minhas joias e o meu dote quero que te fiquem a ti, e a minha filha...

—Minha querida menina... peço-lhe... supplico-lhe...

—Não, sou eu quem te peço e te conjuro... Eu já terminei... Isso te ajudará a creal-a e a educal-a. Sobre a educação, tomarás os conselhos do senhor Aquapedente, que tão bom tem sido para mim e ao qual peço que acceite, em recordação dos seus beneficios, o bracelete que trago commigo... Não esquecerás nada d'isto, não é verdade?...

—Não, de certo, mas não hade ser preciso que me lembre!... A menina viverá, sim! Viverá, apezar de tudo o que está dizendo, e muito, muito tempo! E verá casada a sua filhinha...

—Calla-te!—disse Beatriz vivamente—não me faças parecer a morte mais amarga! Não me é dado gosar d'essa alegria! Os meus ultimos dias approximam-se...

—Não, não é possivel... Tão nova!...

—É inutil que trates de me enganar. Não me enganarás. Eu sei o que digo. Tive avisos do céo a respeito da morte. Não, dormindo bem acordada, no mesmo logar em que estou agora, escutei a voz d'elle, que me chamava docemente. A voz murmurava nas aguas do Arno, misturava-se ao distanceado rumor da cidade, ao tangido dos sinos de todos os campanarios, mas terna e cariciosa... Beatriz! dizia... E ao mesmo tempo, destacando-se sobre a luz pallida do crepusculo, eu via Francisco descer por uma escada de seda, balouçada pelo vento, do alto do cypreste que se enxerga detraz d'aquelle cerrado. E mostrava-me as suas duas feridas. Essa visão appareceu-me hontem, e tornou-me a apparecer hoje. Duas vezes! Assim tambem comprehendi que me restavam dous dias de vida...

Julieta tentou desenganal-a e desfazer-lhe aquellas apprehensões, tranquillisando-a, mas viu-a tão plumbeamente livida, com os olhos fixos no céo, e os labios tão descoloridos, que não se atreveu.

—Tem frio?—perguntou-lhe.

—Sim, algum... São horas de me recolher.

A aia chamou Maria, e pegando cada uma n'um braço de Beatriz, a quem fatigava excessivamente a gravidez, entraram em casa.

—É preciso—disse Beatriz, interrompida a cada instante por uma tosse cava—que vás chamar o medico. Sinto o ter que te mandar tantas vezes a Florença, minha pobre Julieta. Mas talvez—accrescentou, sorrindo ligeiramente—sejas recompensada d'este trabalho, encontrando Simão.

A doente, apoiada nas duas mulheres, continuou andando vagarosamente. Ao cabo de alguns passos, parou de novo.

—De caminho—accrescentou—avisarás o frade de que esta manhã nos fallou a ama, para que me venha ouvir de confissão. Como se chama elle, que já me não recordo?

—Fr. José.

—É isso.

N'este momento as tres mulheres tiveram um gesto de espanto e de surpreza. Pareceu-lhes ter lobrigado uma cabeça de homem detraz do cerrado.

—Já hontem me pareceu vêr o mesmo—murmurou Beatriz. Vae vêr quem é.

—Entremos em casa primeiro,—insistiu a ama.

Depois de haver sentado a enferma junto do lume, Julieta correu para o cerrado, e d'ali a poucos instantes estava de volta.

—Quem era?—perguntou a ama.

—Ninguem. Foi imaginação nossa!—respondeu Julieta. Quem nos assustou foi apenas um bóde que estava ruminando as plantas do cerrado, empinado nas patas trazeiras.

Dizendo isto, ria-se: mas Beatriz meneava a cabeça em signal de duvida.

A aia, depois d'isto, pôz-se a caminho de Florença. Mas ía apprehensiva e magicava:

—Acaso a minha pobre menina terá suspeitado tambem, como eu suppuz vêr, que o homem que estava detraz do cerrado era seu pae?...

E sem demorar-se um instante, voltava de vez em quando a cabeça para traz, como se temesse que alguem a seguisse. Não viu ninguem. Porém, se attentasse mais, teria talvez enxergado, atravez a caligem da noute que avançava, a sombra d'alguem que parecia ter interesse em não ser reconhecido.

—Até á vista, meu filho; valor! Amanhã não carecereis já dos meus conselhos. Uma vez que tenhaes pronunciado os votos, entre vós e o mundo levantar-se-ha um pégo impossivel de galgar. Consagrado absolutamente

ao confôrto dos mais, nem vos restará tempo para cogitar sequer nas vossas proprias penas. A minha missão terminou já. Porém uma sympathia, cuja causa talvez algum dia vos explique, me retem ainda a vosso lado. É por isso que não vos digo—*adeus*—mas sim só *até á vista!*

—Até á vista, meu padre! Como os escudeiros na vespera do dia em que deviam ser armados cavalleiros, vou passar a noute entregue a vigilias e a orações. Simples diacono hoje, amanhã serei ordenado sacerdote.

Bibiena, pois era elle quem assim fallava, entrou na sua cella e o velho que lhe havia dito *até á vista*, saiu do mosteiro profundamente contemplativo.

—Pobre rapaz! Que differença que tem feito desde o dia que entrou aqui, e lhe ouvi a primeira confissão! Parece que está mais pallido, que os olhos se teem encovado e o brilho extinguido. A sua barba curta, os seus longos cabellos, a sua sotaina, a sua voz cada mais cava, tudo contribue a dar-lhe a apparencia d'um espectro... E como se parece com o outro!...

O frade acercava-se do arrabalde, entregue a doridas e fundas cogitações. Tropeçava a cada passo, como um distrahido, levava a cabeça acurvada no peito, e, ás vezes, uma lagrima rolando-lhe das palpebras ia perder-se nos grandes fios da sua barba branca e longa.

N'este entrementes saía da cidade. E cogitava comsigo:

—Dir-se-hia que effectivamente uma maldição peza n'aquella casa!

E depois de um prolongado silencio tornou:

—Não bastavam acaso duas victimas?...

Subia por um caminho a prumo e escabroso, no fim do qual se abria uma estrada no meio de duas rochas e que dava accesso a uma gruta natural, hoje adorno principal de um dos mais bellos parques dos arredores de Florença, que era então a gruta reservada do eremita. Austéro e bom aquelle homem, victima de certo d'algum pesar secreto e lancinante, tinha-se tornado a providencia dos infelizes. Mendigava para elles muitas esmolas e donativos, dos quaes ao inverso dos outros frades mendicantes elle não guardava para si nada. Succedia-lhe a meudo não ter que comer, por ter dado a outro a sua ração. Toda a Florença sentia pelo velho um intimo e fundo respeito, e os seus penitentes não hesitavam em confiar d'elle as missões mais delicadas. Á força de rogos e de eloquencia, obtivera frequentes vezes de gentes desalmadas restituições quantiosas. Ás vezes, por este motivo, fôra portador e depositario de sommas bastante avultadas. Uma noute succedeu-lhe que uns bandoleiros emboscados n'uns pinhaes, tendo sentido tintinar de dinheiro nos bolsos de um viajante, arremessaram-se sobre elle, e, ao reconhecerem Fr. José, prostraram-se a seus pés, pedindo-lhe perdão. Chegaram até ao extremo de lhe darem a esmolla para os seus pobres. Deram-lh'a de boamente: e desde tal dia jámais Fr. José foi atacado nem no caminho nem na sua gruta sempre aberta. E o facto era assaz notavel se se tiver em conta de que maneira assombrosa se havia propagado a lepra dos bandoleiros d'estrada, lepra sustentada pelos proprios senhores feudaes que tinham a sua parte nos beneficios, pilhando os salteadores. Aconselhando os namorados e os esposos, levando a toda a parte palavras de paz e lenimento, assemelhava-se um pouco áquelle irmão Lourenço que Schakspeare introduziu no *Romeo e Julieta:* porém era

mais austéro do que elle. Nos tempos de guerras civis, e esses tempos eram muito frequentes em Florença, descia á cidade: e, no meio das ruas, increpava e doestava os criminosos, fossem elles quem fossem: curava os feridos, sem distincção, dando sempre a prioridade, que não a preferencia á gente do povo. Dizia ácidas verdades aos proprios Médicis, como Savanarola n'outro tempo, apenas com a differença de que a sua popularidade o protegia muito mais efficazmente

---

Em busca d'este bom homem é que precisamente caminhava Julieta. Entrára na gruta sem encontrar viva alma. Do alto da collina, então, pozera-se a examinar os arredores, não sem alguma inquietação.

—Até que afinal, ahi vem!—exclamou, saindo ao encontro do frade; e, arquejante de cansaço, disse-lhe algumas palavras com voz turbada e inquieta.

—Está bem—retorquiu o monge, que parecia comtudo bastante fatigado e carecendo de repouso.—Vou já... o sufficiente para levar um pão da minha gruta. Aonde diz que é a casa?...

—Mesmo d'aqui ella se avista—tornou a serva—É detraz d'aquelles cyprestes, em casa da velha Maria.

—Ah! já sei, já sei!... Hontem ao passar, reparei na doente...

—Adeos, meu padre—disse a rapariga, indo-se.—Vou a Florença á procura do medico.

—É escusado. Eu farei as suas vezes. Volte depressa para casa, aonde talvez seja bem precisa a sua presença. Eu a vou seguindo.

Julieta, portanto, sem retorquir tomou o caminho de casa.

—É caso singular!—murmurava o frade entrando na gruta—figurou-se-me que aquella rapariga doente era parecida com a outra...

No emtanto a aia, correndo para a casinha de Maria, a ama de Beatriz, voltava de vez em quando a cabeça assustada. Porém não enxergava ninguem.

—Ora—disse de si para si—perdeu-me de vista, de certo, e não poude averiguar para onde me encaminhava...

De subito estremeceu. Á luz da lua que se elevava no firmamento, reconhecêra um homem que em pé, erecto sobre as rochas, fazia gesto ao frade para que parasse. Este homem era Salviati. O que se ia passar? Como douda correu para casa da ama, resolvida a prevenir a sua querida menina.

—Não faça tal—disse-lhe Aquapedente, que saía de visitar a enferma—A sua debilidade augmenta. O parto não terá logar de certo antes de amanhã, o mais tardar. Eu voltarei, e se os outros doentes não me esperassem, ficaria aqui. Mas até eu vir não esqueçam que são necessarios os maiores resguardos, e visto que Fr. José vem ahi, sigam o que elle disser. Elle lhes dirá o mesmo que eu, que em taes condições a mais insignificante emoção póde occasionar a morte. Adeus até ámanhã.

Julieta entrou muito triste em casa de Beatriz, que se achava devorada pela febre, e depois de lhe communicar os seus receios, installou-se á cabeceira do seu leito.

—Espere um instante—disse Gáleas ao frade.

—Salviati!—exclamou Fr. José.

—Sim, sou eu. E alegro-me de que me conheça. Isto evitará palavras estéreis.

—Pensa que eu possa esquecel-o!—perguntou o eremita com voz sevéra. Pensa que eu possa olhar as suas mãos sem vêl-as vermelhas de sangue ainda das suas victimas?

O frade disse estas palavras com um accento tão dorido de angustia e de auctoridade, que o velho fidalgo, por um movimento irreflectido, machinal, escondeu as mãos debaixo do manto. Porém isto não foi mais que um gesto inconsciente e mechanico, de que bem depressa se serenou, e aprumando-se, disse:

—Não estou aqui para ouvir ameaças.

—Vem então dirigil-as?

—Talvez. Isso depende de si.

—Que quer dizer?

—Vae sabel-o! Ha um momento affastou-se de ao pé de si uma rapariga, que o veiu chamar para ouvir de confissão uma doente.

—Moribunda.

—Pois seja.

—Que mais?

—Disse-lhe o nome da moribunda?

—Não.

—Tanto peor. Demais, ella é o vivo retrato de sua mãe, que conheceu, e que decerto se ha de lembrar. Deve reconhecel-a, mal a vir, pela sua semelhança.

—A filha de D. Mencia.

—Desgraçado! não profira nunca esse nome deante de mim!

—Prefere que diga então a filha de Giannino?

—Miseravel frade, insultas-me!!...

E proferido isto, de chofre, Gáleas deu um salto, e desembainhou a espada.

—E depois? Então? O que?

—Quer-me chacinar tambem, como ao outro?...

A voz do frade estava perfeitamente calma, sem o menor estremecimento de agitação, e esta serenidade inalteravel do frade, que elle não esperava, a seu pezar impôz-se a Gáleas, e conteve-o.

—Póde felicitar-se—accrescentou, embainhando a espada—de eu precisar dos seus serviços!

—De mim? Para que?

—Já lh'o direi pelo caminho, porque se nos demoramos muito, a morte póde chegar primeiro do que nós á casa aonde vamos.

— Partamos — disse o frade.

Andaram alguns passos em silencio, ambos afundados nas recordações tragicas que n'elles evocára aquelle encontro.

— Beatriz, chama-se assim a doente a cujo leito é chamado para confissão — começou a dizer Salviati, — e este é unicamente o nome com que deve ser designada... Beatriz está a morrer, Beatriz morrerá decerto ao dar á luz o filho.

— Como sua mãe! — murmurou Fr. José.

— Sim. Terá com sua mãe mais este ponto de contacto, e muito mais porque a creança que vae nascer é filha d'uma falta. Beatriz não está casada.

— O que prova isso mais do que uma fatalidade hereditaria? A primeira d'estas faltas preparou a segunda. Mas responda-me, quem foi a causa da primeira?

Gáleas não retorquiu.

— Beatriz — continuou elle — julga que o seu amante morreu, e assim poderá ser effectivamente, porque recebeu duas feridas graves. Comtudo, eu não vi o seu cadaver, e póde tambem ser que o lucto que cobre Beatriz seja apenas uma astucia para mais me confirmar na idêa da sua morte.

— Meu Deus!

— Que diz?

— Nada digo. Parece-me apenas que sois sempre o mesmo homem!

— Felicito-me de que isso seja verdade. Diria, pois, que o amante podia estar vivo, e escapar ao meu rancor arraigado, occulto n'algum refugio.

— Não diga rancor, mas sim odio.

— Como quizer.

— Que mais? — inquiriu o frade, que, sem deixar de prestar attenção a Gáleas, parecia seguir o fio d'alguma idêa confusa.

Salviati continuou:

— Pois bem, o irmão José vae confessar Beatriz.

— Será preciso primeiro que ella peça a confissão.

— Pedil-a-ha, pois não o fez chamar para outra cousa.

— Não sabia.

— Pois sei-o eu.

— Bem. E repetiu: — Que mais?

Esta pergunta, feita com um timbre de voz calmo, pareceu desconcertar o aristocrata, que vacillou alguns instantes, antes de retorquir.

— Na sua confissão — tornou — fallará de certo do seu amante.

— Póde ser.

— De certo. E eis aqui o serviço que espero de si...

— Sou todo ouvidos.

— Eu, o que sei apenas ácerca d'este homem é que tem vinte e cinco annos, que não é feio, encorpado, barba e cabellos louros, e que se chama Francisco...

— Francisco! — repetiu em voz sumida o frade — Não me resta duvida. É elle! Ó Providencia, quão admiraveis são os teus designios!

Uma nuvem, n'este momento, velava o disco rútilo da lua, e graças a isto, Gáleas não observou o estremecimento de surpreza e jubilo com que o nome de Francisco emocionava o seu companheiro de jornada.

Salviati, demais, parecia ainda como que irresoluto e enleado em manifestar o que lhe restava a dizer. Mas o seu odio vencendo toda e qualquer outra consideração, não bem Fr. José tornára a repetir pela terceira vez: — E que mais? — respondeu brutalmente:

— Que mais? Pois bem, é preciso que eu saiba como se chama esse bilhostre, e em que coio elle se esconde depois de ter fugido cobardemente aos nossos botes.

— Eram, então, segundo o que ouço, uns poucos a atacal-o? — disse com um innarravel metal de voz o frade.

— Para que m'o pergunta?

— Para saber a quem devo chamar cobarde.

Gáleas mordeu o labio grosso e bestial.

— Has de pagal-as todas juntas! — regougou elle.

Depois, ajuntou em voz elevada:

— Comprehendeu-me bem?

— Ouvi dizer-me que tinha necessidade de saber o nome do individuo, que julga viver, e indagar o asylo onde elle se refugía: mas ignoro o porque d'essa necessidade...

— Para matal-o, sangue de Christo! Então não me conhece ainda?...

— Sim, agora reconheço bem Gáleas Salviati!

— Ora, ainda bem.

— Porém, pergunto-me agora a mim mesmo: com que fim me vem dizer todas essas cousas?... Julga que eu saiba, e que lhe vou revelar o nome e o refugio do moço que amou Beatriz, e que ella não quiz revelar?...

— Não. Não creio que o saiba por emquanto, nem que m'o possa revelar.

— Então?... — interrompeu Fr. José.

— Mas tenho a convicção de que em breves instantes me poderá ser util.

— Eu? Mas como?

— Não se lembra que vae ali áquella casa — tornou Gáleas, indicando com a mão a casa da ama de Beatriz — e que a vae confessar?...

O frade não poude dominar um subito sobresalto de horror por aquelle homem. Mas dominando-se, graças a um esforço sobrehumano, perguntou com singeleza:

— E então o que quer?

— Que obtenha de Beatriz o segredo do nome d'elle e do coio onde elle se esconde.

— Não tenho direito a fazer tal pergunta.

— Arranje as cousas de modo que ella o diga, sem ter necessidade de lh'o perguntar. Isso é lá comsigo, que é prático em confessar mulheres!...

— Porém — objectou Fr. José, que capitulava sem remedio — se ella o cuidar morto, ou pretender illudir-me a tal respeito...

— N'esse caso, faça por averiguar ao menos o nome d'elle, porque o resto fica a meu cargo.

— O que de mim exige, está prohibido pelos canones, e constitue um peccado grave.

— Confesse-se d'elle, e trate de obter a absolvição. Demais, eu faço tenção de recompensar este serviço com o dote de Beatriz, do qual fará o uso piedoso que lhe aprouver.

— E se eu não conseguisse arrancar-lhe o seu segredo, ou me negasse formalmente a isso?...

Os dous homens haviam chegado, fallando d'esta sorte, em frente da casa da ama. Gáleas parou, e apontando para a janella illuminada, disse ao frade:

— Se tal acontecesse, se por vontade ou por força não estivesse resolvido a fazer-me chegar ao cabo do meu projecto, valeria mais que m'o dissesse já. Pois, juro-lhe pelo odio que sinto pela creança que vae nascer, que antes de ter de partir á busca d'outro confessor menos escrupuloso, lhe deixaria aqui o cadaver no meio da rua, n'este mesmo local, tão certo como ha vinte annos ter cumprido o que agora disse, com o homem cujo nome pronunciou ha pouco.

Fr. José pareceu reflectir alguns instantes.

— Basta! — disse com voz grave — acceito.

— Bem — respondeu Gáleas.

E accrescentou de si para si: — Estava certo de que alcançaria o meu fim, desembainhando a espada, e promettendo um sacco d'escudos.

— Entre — tornou, alçando a voz. — Confio na sua palavra, e póde confiar na minha! Porém advirto-o lealmente que se tratar de se esquivar ao compromisso, pagal-o-ha com a vida! Espero-o ao pé d'esta janella com a espada na mão.

— Não me farei esperar muito — retorquiu o frade.

E entrou.

A pobre Beatriz não podéra permanecer na cama, em que a cada instante parecia que ia suffocar. Maria, a ama, levantara-se, e Julieta n'aquelle momento ajudava-a a sentar-se n'uma ampla cadeira, junto do lume. A aia tremia como um junco açoutado do vento, preza d'uma indefinivel anciedade. Desejava poder escapar-se de Beatriz para correr á janella e assegurar-se, pelos seus olhos, de que o ermitão escapára a Gáleas, e que chegava em breve. N'este momento teria dado tudo o que possuia para não ter ido chamar o confessor. Quem seria capaz de dizer o desastre que ia occorrer n'aquella casa?... Mas de subito, a porta abriu-se, e o frade fechou-a, mal entrou. Julieta correu-lhe ao encontro.

— Não lhe aconteceu nada? — perguntou ella em voz baixa — Gáleas?

O frade ciciou apenas:

— Sciu!...

E movendo imperceptivelmente o dedo que levára ao labio, impondo silencio, indicou com elle a janella.

— Meu Deus! — murmurou a pobre rapariga — comprehendendo de certo.

Não se atrevendo sequer a olhar de soslaio para a janella detraz da qual teria visto a tôrva sombra do pae de Beatriz, meia desfallecida pela commoção, encostou-se a um movel. Apenas teve forças para advertir o frade que o medico recommendára que se evitasse a Beatriz toda a commoção forte demais.

—Ah! sois vós, Fr. José?—perguntou a doente descerrando os olhos e endireitando-se na sua cadeira.

—Obrigado, obrigado...

O frade ajoelhou-se ao pé d'ella, ainda que Beatriz se oppunha. Julieta e a ama haviam-se retirado para a outra extremidade da casa.

—Minha filha—começou o sacerdote—o tempo escaceia, e vós pareceis muito fatigada. Deixae que eu vos interrogue, pois, sómente. Respondereis apenas affirmativa ou negativamente com a cabeça. Não vos surprehendam as minhas perguntas, que todas visam o alvo da vossa salvação.

Carregou n'esta ultima palavra, accentuando-a com um entono solemne. A aia ia e vinha pelo jardim, com passo lento, como uma sombra...

—E, antes de tudo, tendes alguma cousa que confiar-me que não seja a confissão dos vossos pecados?—perguntou o monge.

—Não, meu padre, tudo fica consignado no meu testamento.

—Bem. Então agora ouvi-me: A falta que me ides confessar eu conheço-a. Julgo-me auctorisado, pelo vosso infortunio, que já bem a remiu, a absolver-vos d'ella, como tenho absolvido outras...

—Então, comprehendeste?... disse Beatriz, mostrando o seu vestido de lucto.

—Não só comprehendo, minha filha—retorquiu o frade com um tom de voz quasi paternal—não só comprehendo, como até sei...

—Como?

Fez-se um silencio: e Beatriz que quasi se aprumára de pé, em consequencia de um movimento de extranha curiosidade, fitava o monge, que a contemplava attentamente, e com ácido prazer como enxergando n'ella traços de phisionomia conhecidos, recordações de outros traços.

—Sim—disse ao cabo,—conheço o seu segredo, e não a surprehenda o que vou dizer-lhe ácerca de seu pae...

—Meu pae!—exclamou a pobre menina, deixando-se cair na cadeira e semi-cerrando os olhos.—Não me perdoará nunca, não é verdade?—murmurou com voz desfallecida.

—Receio-o bem.

—E approvaes a sua conducta?

—Não: visto que a absolvo. Cumpro a vontade de Deus que lhe perdôa tambem, e que lhe reserva uma grande prova da sua infinita misericordia.

—Que quereis dizer?

Beatriz fitava com anciedade os seus grandes olhos na face do monge, que hesitava, coitado, como se fosse fazer a confissão d'um peccado ou de um pensamento maligno.

— Pois bem — disse com prudencia — tomando a mão da enferma e conservando-a entre as suas para avaliar melhor o quanto poderia aventurar-se, sem perigo para ella. A causa do seu infortunio não foi só seu pae que m'a revelou.

— Quem, além d'elle, a conhece?... Não sei quem seja...

Não acabou a phrase. O frade fez signal de que se acercassem as duas mulheres.

— Seria acaso minha irmã Branca? — perguntou a doente.

Sem dar ao frade tempo de retorquir, accrescentou:

— Mas Branca deve ignorar isto...

— Não foi ella — disse o ermitão.

— Então ouviste talvez a confissão de Francisco moribundo...

— Só se equivoca na ultima palavra — aventurou-se a dizer Fr. José.

— Vive? — clamou Beatriz n'um indescriptivel arranco d'alegria — Vive? Viste-o? É elle quem vos manda? Ah! bemdito seja! Deus é bom, tendes rasão! Vive, não é verdade? Dizei-o, por Deus!

O frade inclinou a cabeça com um movimento affirmativo.

— Ouves, Julieta? — disse a doente — E nós que o choravamos, como morto! E eu que andava de lucto! Pobre e querido Francisco!

A aia pegára da mão que lhe estendia Beatriz, mas sorria melancholicamente, vendo além agitar-se inquieta no jardim a sombra terrivel de Gáleas.

— Vive? — repetia a joven com eloquente expressão de alegria — e ama-me?

— Sempre — murmurou o frade.

— Vive, e ama-me!... — repetia ella.

E duas lagrimas crystallinas rolaram-lhe nas faces desfeitas e esmaecidas.

— Tende cuidado, minha filha! — exortou com doçura Fr. José — Não vos exalteis!...

— Não receeis nada, meu padre! A alegria não faz mal! Não mata, ressuscita. Olhae: já me acho melhor. Apenas o veja ficarei curada... porque elle ha-de vir, não é verdade? Talvez mesmo que esteja ali no jardim, e que não se atreva a entrar...

— Não, não, interrompeu com vivacidade o monge. — Elle não está ali, nem veio. Elle tambem a suppunha morta...

— Coitado, coitado! Como deve ter chorado e soffrido!...

— Tanto chorou e tanto soffreu, que para se consolar lançou-se nos braços da Egreja...

— Que dizeis? Fez-se padre?... Acaso terei que renunciar a elle no momento mesmo que acabo de o encontrar?...

— Não, ainda não. Amanhã é que deve pronunciar os votos...

— Á mesma hora talvez em que seu filho vier ao mundo... Elle talvez não saiba ainda que é pae... Está em Florença?...

— Sim.

—Vá avisal-o, quer? Vá depressa. Trate de arranjar um cavallo. Diga-lhe que venha sem tardar. Parta... Mas não, espere. Vou dar-lhe uma carta para elle. Que venha, logo que vir a minha carta. Dêem-me penna e tinta. Maria, vou escrever apenas duas letrinhas. Assim, parecer-lhe-ha a elle que me ouve fallar...

Em quanto que com esta vehemencia se expandia assim, Beatriz chegara-se á mesa.

A velha ama apresentava-lhe a penna, tremula de alegria. Beatriz pegou n'ella, e escreveu, lendo ao mesmo tempo em voz alta o que escrevia.

«Meu Francisco:

«Vivo, amo-te, e teu filho vae nascer. Vem.»

—Assigna agora!...—disse uma voz terrivel.

—Meu pae!...

—Gáleas!...

Estes gritos soltaram-se ao mesmo tempo dos labios dos circumstantes, pávidos.

—Sim, sou eu, que estava impaciente por estar lá fóra sem ouvir nada!

De facto, emquanto Beatriz escrevia, Salviati impellira a porta e entrára em casa, sem ninguem dar fé d'elle.

A misera doente, mal o viu, baqueou na cadeira, com os olhos cerrados, agitada por um violento espasmo nervoso.

—Quer matal-a?—perguntou o frade.

—Tem razão. Ainda não é tempo.

Beatriz abriu os olhos, e estendeu com vivacidade a mão para a carta que acabava de escrever. Gáleas deteve-a com gesto imperioso.

—Assigna! disse-lhe.

—Que quereis fazer?—balbuciou Beatriz.

—Que te importa?—Assigna!

Tão sinistra era a expressão que fuzilava no olhar de Gáleas, que a misera comprehendeu que era a sentença do ente amado que se lhe exigia que assignasse.

—Nunca!—respondeu ella com energia.

O pae, colerico, deu um salto, e avançou.

—Nunca!...—atreves-te a dizer-me *nunca*, a mim!...

Tanto esbufava de raiva, que, vociferando e escabulando, sacou do punhal e apoiou-o no collo de Beatriz.

—Assignas, ou não?—cascabulhou.

Morrer sem vêl-o era tambem cruel demais... Além d'isso, Bibiena já déra nimias provas do seu valor. Deus—cogitava ella comsigo—que já o salvou uma vez, salval-o-ha tambem agora. A pobre menina volveu então um olhar ao frade como que para o sondar n'aquella situação terrivel e angustiosa.

—Assigne, minha filha!—disse-lhe o frade, apertando-lhe a mão.—Assigne.

Havia tal doçura e tal amor no olhar do monge ao proferir isto, que ella, sem mais hesitação, assignou.

A penna escapou-lhe depois dos dedos, e, livida, tornou a deixar-se caír na cadeira.

—Ai! matou-a!... — clamou Julieta a Gáleas impassivel.

— Não: vive ainda, — disse o ermitão, ao cabo de um escasso silencio. Mas esta scena abreviou os seus instantes... Deitem-n'a de novo, e roguem a Deus que não morra antes do parto.

Emquanto a ama e Julieta deitavam á pressa Beatriz, inerte como um cadaver, Salviati agarrára na carta escripta e assignada com letra muito tremula.

—Bem—murmurou sombriamente: e dirigindo-se ao monge:—Obrigado, padre. Pelo que vejo deves ter alcançado d'ella o segredo do coio do namorado.

—Sei, de facto, onde elle está.

—Dize-m'o, então, para que seja eu mesmo o portador, e lhe traga a ella o amado que espera...

Com os olhos cravados no frade, ao dizer isto, olhava-o com filaucia.

Fr. José parecia cogitar.

—A minha consciencia—disse elle com firmeza—não me permitte revelar esse segredo.

—Estamos aceados!...—interrompeu o velho.

—Espere. Não tenho direito de dizer onde esse moço se encontra. Porém eu vou levar-lhe a carta, e está no seu direito seguir-me.

—Ah! muito bem! Comprehendo—disse Salviati, acolhendo satisfeito aquella interpretação digna de um casuista.

Restava-lhe, no emtanto, ainda uma duvida, e perguntou:

—Então queres que te dê esta carta?...

O frade, fitando-o com um olhar limpido, respondeu com singeleza e naturalidade:

—Póde, se assim o entender, não entregar-me a carta senão quando esteja perto da casa aonde me dirijo. Porém, assim não ficará tão tranquilla a minha consciencia, porque da minha parte existiria cumplicidade, e não haveria violencia. Comprehende agora os meus escrupulos?...

—Perfeitamente—disse Gáleas com um sorriso algido.

Depois accrescentou:

—Tome a carta.

—Obrigado—disse o frade, guardando o papel.—Agora parto já.

E, voltando-se para Julieta, disse-lhe:

—Minha filha, a sua ama, por emquanto não precisa dos seus cuidados, e a ama póde substituil-a por um momento.

—Não tenham cuidado—disse a ama. Eu ficarei ao pé d'ella. Demais, o dia aponta já, e d'aqui a pouco é sol nado, e o medico não deve tardar.

—Pois bem—disse Fr. José, dirigindo-se á aia.—Quer-me acompanhar, minha filha?

—Com muito gosto, meu padre.

—Porque se faz acompanhar por outra pessoa?—perguntou Gáleas.

—Porque, com sua licença, como estou muito fatigado, levarei uma pessoa commigo, a quem me apoie, até Florença.

—Pois bem—disse Gáleas, assentindo.—Partámos.

Os tres então saíram, depois de terem lançado um ultimo olhar a Beatriz, que jazia prostrada no leito, branca como o seu travesseiro, e sem dar outros indicios de vida senão os seus apagados gemidos, e o ligeiro movimento dos labios.

No momento em que o fidalgo, o frade e a serva saíram do jardim, Gáleas fez parar o ermitão, dizendo-lhe:

—Ouve uma palavra só.

—Escuto.

—Quem me dá a certeza de que logo que tenhas entrado na dita casa, não saias por outra porta, illudindo a minha vigilancia e livrando da minha cólera aquelle que busco?

—A aia de Beatriz entrará sósinha, se assim lhe parecer. Eu ficarei comsigo como em refens.

—Está bem.

O ermitão, encostando-se ao braço de Julieta, começou a caminhar então em direcção a Florença, seguido de Gáleas, a curtos passos de distancia apenas.

A alva começava já a arraiar o horisonte.

CAPITULO XIV

Novas complicações

Por aquellas mesmas horas quasi, Branca, a quem o sino do convento despertára, despedia Simão. Bibiena, no dia seguinte, devia separar-se para sempre d'ella, matando as suas esperanças insensatas com o pronunciamento dos votos: e a religiosa, n'um arranco de zelos, queria convencer-se a si propria que já não amava aquelle homem.

Por isso, depois de muito tempo, concedera entrevista a Simão, aquella noute.

—De modo que—perguntava-lhe a religiosa, dando-lhe o ultimo beijo, inclinada sobre o jardineiro—não podeste desencantar o retiro de Beatriz?

—Não: já t'o disse—retorquiu Simão.

—Vou-me convencendo de que estás um grande tunante, e arrependo-me de te querer tanto, como te quéro!... Vai-te...

—Mandas-me embora?—perguntou o jardineiro ao attentar no modo imperioso com que a sua fidalga amante o despedia.

—Assim é preciso—disse ella dulcificando um tanto o metal sacudido da voz.—Não ouves a campa do convento? Mas, antes, ouve-me com attenção: nunca mais se abrirá para ti aquella janella, nunca mais os teus olhos trocarão os seus olhares com os meus, nunca mais a tua bocca se unirá á minha, se me não indagares a morada de minha irmã.

A campa continuava com o seu tangido: e n'este momento resoavam passadas no corredor.

O jardineiro saltou lésta e céleremente para o jardim.

Se se tivesse demorado alguns segundos mais ao pé d'aquella mulher, Simão, apezar da formal promessa que fizera, teria revelado o local onde

Beatriz se refugiara a todas as vistas. Uns instantes mais que se prolongasse este colloquio com a odienta religiosa e elle perderia Beatriz, como estivera prestes a perder o amante. Tão subjugado e vencido estava pelo sensual afago d'aquella sereia!... Tel-a-hia perdido, de certo, pois bem conhecia que o odio de Branca não estava nem extincto, nem satisfeito. Aquella fera escabujava de desespero, porque lhe escapara a preza d'entre as garras.

Emquanto Simão saía para a rua pela porta do jardim, desfilavam processionalmente, pela porta principal, as freiras precedidas pela abbadessa, dirigindo-se para o grande seminario de *Santa Maria Nova,* onde devia celebrar-se uma ordenação.

—Não o avisto — murmurava uma religiosa, de estatura avantajada, e cujo véo branco mais realçar fazia os seus fundos olhos negros e seus negros cabellos tambem. — Sacode a cadeia, mas a cadeia é forte e pezada, e eu farei com que não a possa esmigalhar nunca!

Caminhando com resoluto passo, continuava cogitando comsigo a freira:

— Separa-os agora a elles uma barreira insuperavel, uma cadeia de ferro! Dentro de uma hora será a sua separação irremediavel. Ainda que se venham a encontrar, será como se se não vissem, nem nunca se conhecessem... Ah! Beatriz vae ser mãe, segundo Julieta disse a Simão... Não importa: agora que o pae morreu, ou está como se tivesse morrido, o filho d'elle póde nascer.

No emtanto, seguidos sempre de Salviati, continuavam a caminho de Florença, tanto Julieta como o ermitão. Este apoiava-se no braço da aia. A Gáleas parecia-lhe que o frade e a boa rapariga cochichavam cautamente.

Aquapedente, que se agregou a elles d'ali a pouco, sem que trocassem com elle um gesto, ou um cumprimento sequer, pareceu notar, quando passou por elles, que a rapariga e o frade, ao vel-o, fallaram em voz baixa entre si, e que pareceram hesitar.

Quasi que sentiu ganas de parar e inquirir o que havia de extraordinario n'aquillo: comtudo não o fez.

— Devemos servir-nos d'elle? — perguntou a rapariga, em voz sumida, quasi ao ouvido do frade, designando com o olhar o doutor.

— Não — tornou o monge — a sua assistencia ao lado da doente póde ser-nos mais util do que n'outro qualquer logar.

Depois de um demorado silencio, e sem pararem nunca, Fr. José perguntou a Julieta:

— Não se acha com animo de ir entregar esta carta?

— Sem que Gáleas m'a tire?... Não... Eu bem o desejava, com todas as véras da minha alma: mas sinto que me faltam as forças, porque as emoções dos ultimos dias, o cançasso, o sobresalto d'esta noute mesmo, tudo... Não: sinto-me doente, muito doente, ainda que não o diga!...

Sinto-me tão mal, que prevejo que não durarei muito. E digo isto sem pena. Quando a minha menina morrer, que faço eu no mundo, só, e sem ninguem que me estime?...

A pobre rapariga soltou um suspiro entranhado, e continuou:

— Dous passos apenas que eu désse, e conheço que me faltariam as forças. O medo e o cansaço paralysar-me-hiam as pernas. Olhe: O padre

Mohamet accendeu o brazido, e o papa deu ao folle, fazendo ferver algumas gotas do liquido contidas no recipiente de cobre.

Cap. XVII.

sustenta-me mais com o seu braço, do que eu o sustento a si! Gáleas viria apanhar-me sem muito custo, e estavamos ambos perdidos... A minha pobre ama morreria sem ter a alegria de ainda vêr o pae de seu filho...

— É verdade — disse Fr. José.

— Aquillo em que só confiava não é possivel, e não nos resta senão appellarmos para um imprevisto soccorro do Omnipotente.

—Mas elles vão fallando muito particularmente! — cogitava Gáleas — Tambem, pouco me importa do que possam tratar! O essencial é que não fujam, e quanto a isso desafio-os a que o façam.

O caminho desembocava então n'um espesso bosque de pinheiros, semeado de rochedos. Mas Salviati, a cada cotovello do caminho, encontrava o frade e a rapariga sempre adeante, caminhando a egual distancia. Apesar d'isso, seguia-os d'olho vivaz e cauto, dilatando-se todo de gaudio com a idêa de que cada passo o avisinhava da vingança tanto almejada, e que ia emfim obter. De repente parou, e soltou um grito de raiva e espanto. Perdêra de vista, por instantes, Julieta e Fr. José n'um cotovello do caminho. Quando tornou a avistal-os, estava parado um cavallo ao pé d'ella, o frade entregava uma carta á aia, e o cavalleiro, pegando na mão da rapariga, collocava-a de golpe sobre a sella, e o cavallo deitava á desfilada, a caminho de Florença.

—Maldição! — rugiu Gáleas, e caíu de arremettida sobre o frade com a espada núa.

Na capella do seminario achavam-se reunidos em grande numero frades e freiras, aguardando só, para que a cerimonia começasse, que chegasse o futuro presbytero.

Seria na realidade elle aquelle espectro pallido, de passo tardo e tremulo, como o de um velho, de face ascetica e macerada, sobre a qual mais fusilava, pelo contraste, o raio e o brilho do largo olhar? Bibiena olhava com insistencia em roda de si. A pessoa que procurava e cuja ausencia lhe occasionava uma surpreza penosa era o seu confessor Fr. José.

—Não terei a meu lado—cogitava comsigo—n'este momento supremo aquelle amigo austéro e unico que me resta, aquelle sympathico conselheiro? Porque?

Era que a separação começava, e que elle abandonava o mundo para entrar no isolamento. Urgia que elle começasse a fazer a dura aprendisagem.

Aquelle olhar prescrutador que dirigiu para todos os recantos da capella fixou a attenção de Branca. O odio mais terrivel despertou no seu coração pervertido.

—Anda, anda!—murmurou ella—dá os ultimos passos do homem vivo. Entra na escura noute da tumba!

Emquanto assim desafogava o seu odio, enxergou na sua frente, occulto por detraz de uma columna, Simão esbufando, coberto de pó, e que lhe fazia signaes para que se acercasse. Julgou ella que elle desencantára o paradeiro de Beatriz, e que a chamava para lh'o communicar. N'este momento o officiante, que era o arcebispo de Florença em pessoa, saíu da sachristia, seguido dos seus acolytos. Um movimento identico ao fluxo e refluxo das ondas agitou a multidão, e graças a elle, Branca, não sem custo, poude chegar até onde se achava Simão.

—Sabes já a morada?—perguntou-lhe com anciedade—Aonde está? Já deu á luz? Falla, por Deus!... Que estás tu ahi, especado, a olhar para mim?...

—Não sei nada ainda do que queres... Tenho uma carta, que é preciso fazer chegar, immediatamente, ás mãos de Bibiena.

—Dá-m'a.

Simão, como se não tivesse ouvido, e fingindo não vêr que Branca estendia a mão para a carta, ajuntou:

—É preciso não provocar as attenções, e não sei como hei de chegar até elle...

Bibiena estava então posternado deante do altar.

—Quando d'aqui a alguns instantes—tornou o jardineiro—Francisco se roje de rastos no chão, deante do altar, e que o prior dos dominicanos por um lado, e a nossa abbadessa por outro, cubram a cabeça d'elle com um panno negro, antes da tonsura e de elle proferir os votos, podeis então pedir á abbadessa que lhe dê esta carta. O caso é da maior importancia.

Tudo isto dissera Simão, como um borbotar de palavras, rapido, e como que de chofre. E como isto ainda lhe não bastasse, accrescentou:

— Corre, se a não lê, risco de vida...

—O que te importa a ti a sua vida?...—perguntou Branca—porque te interessas tanto por elle?... Queres acaso salval-o, quando eu o quero perder? Atrever-te-has por acaso a trahir-me? Ah, que se eu o suspeito, ou descubro!...

Os seus olhos coriscavam, irados: mas Simão, que parecia ter tambem previsto a suspeita, atalhou:

—Não me comprehendeste bem! Quando te disse que elle corria risco de vida, queria dizer que a comparencia d'elle á entrevista que lhe marca esta carta, fal-o-ha incorrer em morte inevitavel.

—Ah!

—E portanto, para que elle acorra a ella, antes de ter professado, vim até aqui correndo, todo a suar, e esfalfado...

— Graças a Deus, até que me pareces o mesmo...—disse ella toda sorridente de gaudio satisfeito.

Simão déra no alvo, fazendo entrar como factor da realisação do seu plano o odio entranhado d'ella.

—Dá-me a carta—disse Branca.

—Toma-a.

A filha mais velha de Gáleas n'um relance unico d'olhos leu:

«Meu Francisco amado:

«Vivo, amo-te, e tua filha vae nascer. Vem.—*Beatriz.*»

— Effectivamente é d'ella a missiva,—exclamou, dobrando o papel—deixará tudo de certo para correr ao seu chamado.

—Teu pae espera-o ali, para...

—Estás certo d'isso?

—Se estou... se fui eu mesmo que lhe armei a esparrella...

Simão mentia. Urgia, porém, inspirar confiança á freira, para a decidir a entregar o bilhete, porque o tempo corria.

— Porque não m'o disseste esta manhã?...

— Queria ter a certeza, e uma prova.

— Está bem. És um amigo dedicado.

— Vae entregal-a já...

Branca sorriu-se de um modo tão original e expressivo que fez estremecer o jardineiro.

— Não: já, não — disse. Heide entregar-lh'a, quando já tiver professado, quando de toda a fórma seja já tarde.

Simão ficou logrado. Cuidando ir mais depressa, compromettêra o exito da empreza.

— Mas — oppoz elle, não querendo resignar-se ainda a dar tudo por perdido — d'aqui a um instante será tarde demais. A Beatriz só resta um sôpro de vida, e morrerá de certo, ao dar á luz. Não seria mais cabal a tua vingança, tendo tu a certeza de que elle chegará ainda a tempo de a vêr morrer?

Com este refinamento de odio esperava o jardineiro encadear a amante.

Mas ella respondeu:

— Mas assim ainda teria a satisfação de lhe fallar, e ella a de o ouvir, ainda que não podesse responder-lhe. Depois, quem sabe se o amor a salvaria?... O amor mata, mas tambem póde resuscitar. E se Beatriz vivesse, elle tambem se salvaria. A felicidade centuplicar-lhe-hia as forças, e elle conseguiria desarmar meu pae, o que não succederá se a achar morta, porque então entregar-se-ha aos golpes da espada d'elle, sem oppôr resistencia.

Simão quiz ainda replicar: mas ella não o deixou, porque exclamou violentamente:

— Quero-o. Está dito.

Bibiena acabava de se estender no chão da egreja, deitando a cabeça nas lagens do pavimento. O arcebispo impozera-lhe o pé sobre a fronte durante um segundo, e depois o prior e a abbadessa estenderam sobre elle um panno negro, em quanto o orgão entoava os accordes lugubres do officio de defuntos.

— Ainda é tempo — murmurou Simão, ao ouvido de Branca.

Branca, premindo o papel nos dedos, parecia não ter ouvido. A abbadessa e o prior haviam-no deixado já, e Bibiena continuava estendido e de rojo ao comprido do pavimento. O officio dos finados continuava.

Branca, no seu oratorio, continuava immovel, e como que surda, como que alheada.

D'ali a um pedaço mais o officiante começaria a tonsural-o com as tesouras, e elle estenderia a mão para o altar, na altitude hieratica do rito, para pronunciar os votos. D'ali a pouco seria tarde já. A Simão dava-lhe o coração desabalados baques, e o sangue fazia-lhe latejar as fontes, e perder a luz dos olhos.

— Porque não desfaço — magicava elle comsigo, — esta mulher, esta vibora, unico obstaculo para a felicidade de muitos malaventurados?... Porque não lhe tiro a carta, e não a entrego a Bibiena, ainda que tenha de atravessar por entre todos os conegos, e todos os diaconos?

Em pé, nervoso, atraz de Branca, acariciava irrequieto o cabo do punhal que trazia á cinta. Ella estava ali, de joelhos, com a face devotamente acurvada ao chão, n'uma postura de piedade. Um golpe só na núca, na nascente do cabello, e tudo estava dito. A sua mão crispava-se, empunhando a arma.

Quando a campainha dos acólitos vibrou metallica e solemnemente nos ares, no meio do silencio dos fieis, o sacerdote elevou sobre a cabeça d'elles a hostia consagrada, o que se afigurou a Simão o proprio olho de Deus.

Foi isto que lhe sustou o braço, e, furioso contra si proprio, saíu da capella.

O sacrificio, no emtanto, continuava.

Miseravel! — regougára Gáleas — precipitando-se com a espada erguida sobre Fr. José. — Enganaste-me! Foste tu que urdiste esta traição!...

E apontava, com furioso gesto, Simão, que sangrava violentamente com a espora os ilhaes do cavallo, levando nos braços Julieta, quasi desmaiada de commoção e de alegria. A pobre rapariga agradecia com o olhar ao amante o ter chegado tanto a proposito. Simão, que sentia invadido todo o seu ser pelo doce calor do contacto de Julieta, bemdizia a Providencia, e esquecia o olhar gelado de Branca.

— Não — disse o frade — nada d'isto foi planeado por mim; juro-te pelo Deus vivo! Mas ainda que assim fosse, suppões que teria vergonha de o ter feito?...

— Desafias-me? Toma cuidado!...

— De nada tenho mêdo.

— Vamos vêr.

E dizendo isto, Gáleas caíu de golpe sobre o frade, mas este affastou-se rapidamente, e, antes que o seu adversario tivesse tempo de se pôr novamente em guarda, estreitou-o entre os braços com tal pujança máscula que Gáleas julgou que ía ser estrangulado.

A cabeça andava-lhe á roda, as fontes latejavam-lhe, os olhos injectavam-se, raiados de sangue; cambaleou, e a espada caíu-lhe do braço, bambo e inerte.

Fr. José apanhou-a, dizendo:

— Agora a tua espada é minha!

E caíu de arremettida sobre o velho.

— Dizia-te eu, Gáleas, que ainda que fosse eu que tivesse preparado o que tu chamas traição, não teria vergonha de tal! Suppões que recuaria deante d'uma mentira para escapar á terrivel emboscada que me havias armado? Deus, que foi o meu unico cumplice n'esta aventura, ter-me-hia perdoado a mentira para livrar do teu aboiz a minha vida, apesar de nada valer. Calcula, pois, como elle não perdoará quando se trata de salvar a dos innocentes, a de trez, talvez...

— Basta de palavras! — interrompeu Gáleas, colérico.

—Paciencia! Em breve voltaremos á acção, mais depressa de que tu o has-de desejar! Não quero, porém, que se diga que nos encontramos ao cabo de vinte annos, sem que eu expandisse o que sinto.

O frade, erecto, alçando a voz, com a espada em punho, tinha devéras uma apparencia terrivel: semelhava uma phantastica apparição.

—Tu suppozeste que eu homem, eu confessor, ía consentir que tu chacinasses o pae deante da mãe, e offerecesses tal espectaculo aos primeiros olhares de um recem-nascido sem o impedir? Não, d'esta vez não ha-de succeder assim!... Ha vinte annos que assassinaste Giannino, meu irmão mais novo, aquelle irmão a que eu quasi servia de pae, e que commetteu o crime de amar a que já o amava...

—Não me falles d'esse homem, nem d'essa mulher!...

—Sim, quero fallar, porque eu só recebi a sua confissão final, eu só unicamente sabia quanto amor fremia ali n'aquelle coração por D. Mencia, e no de D. Mencia por elle. Só eu sei que ella te revelára esse amor, antes de ser tua esposa, e te declarou que se matrimoniava comtigo a seu pesar, e forçada, pois que se achava enamorada do seu parente.

—Basta! Basta!...

—Ah, já te magôas! Tens vergonha!... Conheces que és o unico responsavel d'esse crime, pois te quizeste casar, mau grado ella, e mau grado tudo. Não foi ella a culpada de ter cedido á sua paixão, e de se ter deixado caír nos braços do homem que o acaso collocou no seu caminho. E assim, assassinaste um artista tão nobre, um moço tão leal!... E assim a assassinaste tambem a ella, na propria occasião, na hora suave e enternecedora em que ella amamentava seu filho!...

—Mata-me!—regougou Gáleas, cego de furia.

—É o que eu vou fazer, vingando ao mesmo tempo os que morreram, e salvando os que ameaças.

E o frade, limpando uma lagrima, que a recordação de Giannino lhe fizera borbulhar nos olhos, de joelho em terra, murmurou:

—Que o escasso bem que por ti poude fazer, alcance o perdão da mentira que proferi ha pouco, [illegible] sangue que vou fazer jorrar, pelo que sabes, Senhor!...

[illegible]-se de pé. Estav[illegible]. Mas o seu tôrvo olhar não largava Gáleas, nem a espada lhe tre[illegible]ão.

—Reza pela ultima vez!—disse com voz rapida.

—Para que?—perguntou Gáleas que estava na frente d'elle, de braços encruzados, affectando serenidade absoluta.

—Porque vaes morrer.

—Quem sabe!

—Não queres orar?

—Não. Nada temo.

—Miseravel!

Ao proferir esta exclamação Fr. José arremetteu para Gáleas, dirigindo-lhe a espada ao coração.

Mas um inesperado successo então occorreu.

A espada, como se tivesse sido dirigida contra a parede, mal tocára o peito de Salviati foi repellida com um violento arranco, dobrou, saltou da

mão do frade, e com uma elasticidade de gutta-percha, pinchou a alguns passos de distancia.

—Uma cóta de malha!—exclamou, irritado, Fr. José—Tens medo de morrer, cobarde!

Salviati, de um salto, apanhou a sua espada.

Reinou um fundo silencio então. O frade, vendo a impossibilidade de recuperar a arma, porque Gáleas estava mais perto d'ella do que elle, agarrou então n'um calhau enorme, collocado á borda de uma ladeira que se erguia a prumo no caminho. De um salto, galgou a altura, mas Salviati que lhe previu o intento, saltou atraz d'elle ligeiro. O que fazer n'aquella conjunctura? Esmagar o fidalgo com o pedregulho desconforme? Era impossivel. Travou-se então entre os dous uma lucta obstinada e terrivel, corpo a corpo. Cingidos um ao outro, com a dextra tentavam arrancar um ramo de pinheiro proximo, para se servirem d'elle como de uma cláva. Entregaram-se a inuteis e desesperados esforços, durante muito tempo, para o conseguir. Por fim, a vantagem pareceu estar da parte do frade. Conseguira acercar-se da arvore o bastante para colher um ramo que arrancou e esgalhou finalmente. De posse então do formidando estadulho, dispunha-se a despedaçar com elle o craneo do adversario; mas a fatalidade quiz que ao tempo em que vibrava o ramo, ao fincar pé atraz para buscar apoio mais solido e desfechar golpe mais alentado, tropeçasse no pedregulho em que pegára ha pouco, contra Gáleas, e que o pedregulho se abalasse. Gáleas comprehendeu n'um ápice toda a vantagem d'este pé em falso, e caíu em arremettida furiosa sobre o frade, que brandia o desmarcado estadulho. O ramo caíu-lhe da mão, e o frade despenhou-se pela vertente abaixo, recebendo um grande baque no peito do enorme pedregulho, que rolou atraz d'elle, e que, dando-lhe em cheio, lhe esmigalhou toda a ossatura thoraxica.

—Deus faça o resto!—murmurou Fr. José, e um vomito de sangue lhe jorrou da bocca, com o suspiro final.

Gáleas desceu, e encontrou-o já cadaver.

—Morreu!—disse. E foi inalteravelmente apanhar a espada.

Bibiena, n'este interim, proferia os votos. Deante do arcebispo acabava de jurar: obediencia cega á egreja, pobreza absoluta. A estes votos accrescentára outro voto ainda mais absurdo e mais criminoso, mas que elle no cumulo do seu desespero amoroso se julgou com forças de poder cumprir: castidade inviolavel. O arcebispo fizera-lhe a tonsura, abençoára-lhe os pés destinados a caminhar d'ora ávante no caminho da egreja, e as mãos habeis d'ali para o futuro, para a prestidigitação catholica, apostolica, romana. Francisco era já sacerdote, e não mais se chamaria Bibiena.

Terminára o officio, e depois dos prelados, retiraram-se as monjas e os frades, deixando Bibiena só, para que passasse uma hora em oração, n'aquelle sanctuario onde toda a noute passára orando.

Bibiena meditava na morte. Elle tambem morrera, mas como n'aquella noute tão semelhante ás da tumba não podia gosar da presença da sua amada, toda a alma do triste se delia em prantos. De subito estremeceu. Acabavam de lhe tocar no hombro. Quem era que estava ali? Soergueu a cabeça: uma religiosa, de avantajada estatura e rosto pallido, estava defronte d'elle observando-o com olhar sombrio e demorado.

—Branca!—exclamou—Ainda!

E accrescentou em voz sumida:

—A sua irmã!

—Ah! Com que então reconheceis-me, apesar d'este habito?—perguntou ella surdamente.

—Sabia que havias professado.

—É verdade. Ella deve ter-vol-o dito...

Parece que um imperceptivel soluço, estrangulado logo, imprimira á sua voz uma vibração ao proferir estas ultimas palavras.

—Que tendes?—perguntou o novo monge—Tremeis? Porque estaes tão pallida? Se tivesse a temer algum infortunio diria que me vindes dar a nova d'elle.

Branca não respondeu a estas palavras. Disse apenas:

—Reparaes que estou pallida e tremula, mas ha dez mezes não destes fé de tal!...

—Quando?

—Na noute em que fingindo ser Julieta vos abri a porta do jardim.

—Vós? Éreis vós? E com que fim?

—Não o advinhastes? Deixae-me continuar. Eu sou a que estive a ponto de desmaiar quando me perguntastes onde ficava o quarto de Beatriz.

—Mas porque?—murmurava Bibiena, que quasi temia adivinhar o enigma que se lia no fundo dos olhos coriscantes da religiosa.

—No dia immediato caí de cama, e só a deixei para me encerrar no claustro.

—Mas, porque rasão?

—Pela mesma rasão que te fez a ti vestir esse habito.

—Um amor desgraçado?...—perguntou o frade.

—Tu o disseste!—exclamou Branca com tal accento de paixão e de amargura, que Bibiena commovido alçou-se de pé.

—Por mim?—disse—Por mim?...

—Sim, por ti. Eu amava-te.

—Grande Deos!

—E talvez te amo ainda.

—Fallae baixo...

—Não receies cousa alguma. Não vim aqui para te fallar d'isto, que é ridiculo e culpavel. Fazes bem em m'o dares a entender.

A sua voz silvava. Com uma das mãos premia o peito dentro do qual latejava o coração como se quizesse estalar. Ao cabo d'uma longa pausa, continuou:

—Tu és monge e eu religiosa. Nem eu posso ser esposa nem mãe: porém tu não podes egualmente ser marido nem pae.

—Pois sim, e então?...—perguntou elle, preza de uma extranha anciedade, cuja causa lhe escapava.

—Pois bem: a mulher que amaste tanto quanto a mim me fizeste soffrer, a mulher de quem fizeste tua querida, e pela qual estiveste em extremos de perder a vida...—escuta bem o que te digo—essa mulher...—eu curei-te e salvei-te para te perguntar:—crês que está morta?...

—Vive?

—Sim.

—Santos do céo!... Porém o teu lucto, demonio, o teu lucto e as tuas lagrimas?...

—Tudo mentira! Era só um aboiz que armou a minha vingança! Ahi tens a explicação.

—Oh! isso é satanico! Vive, e eu acabo de morrer por ella, e para ella! Isto é impossivel, impossivel!... É uma experiencia que estás fazendo... Tu querias que fosse verdade, mas Deus não o permittiu...

Branca sorria.

—Ainda não sabes tudo—continuou a freira, inabalavel.—Vive, mas não vive só.

—Que queres dizer?

—Os teus beijos e affagos não foram estereis...

—Um filho!—exclamou Bibiena, estrangulado de soluços!...

—Que acaba de nascer, n'este instante.

O frade, com os punhos cerrados, correu de golpe para a religiosa com catadura terrivel de ameaça.

—Escuta—disse-lhe.—Toma tento nas tuas palavras. Se aprecias a vida, não chasqueies. Dize que mentiste, ou prova que estás louca. Senão, pela salvação da minha alma te juro que te espapáço a cabeça contra estas lagens ou te enforco n'aquellas grades...

O frade com o supercilio franzido, os labios premidos, os olhos coriscando de furia, estendia as mãos já para Branca, para pôr em acção o que disséra.

Ella deteve-o, dizendo-lhe:

—Olha.—E entregou-lhe a missiva que Beatriz lhe mandára, e em que elle pegou, febricitante.

—Misericordia! É certo... Chama-me... Um filho!... Tenho um filho!...

E no seu desespero olhava para aquella vestimenta negra que agora lhe esbrazeava as carnes, e ameaçava com o punho os santos nos altares.

—Nunca! Nunca!...—gritava, como que bebado de amargura.

E, pávido, fugiu, deixando Branca sósinha na capella, que acabára de caír com uma syncope nas lagens do pavimento.

—Chama por mim!—repetia o infeliz, correndo pelos claustros como um doudo—Mas aonde a hei-de encontrar?... Um filho... Quem me levará ao pé d'ella?...

—Eu!—disse uma voz máscula.

E o frade ao mesmo tempo sentíu-se agarrado por um braço.

—Simão?!

—Tendes uma espada?—perguntou elle.

—Sim, tenho uma na minha cella. Espera-me que vou buscal-a. Mas tu terás um cavallo?

—Tenho dous.

—Sabes o caminho?

—Julieta espera-nos, para nos levar lá.

—Um filho...—continuava machinalmente a repetir o frade, correndo a buscar a espada.

CAPITULO XV

Quantas mortes póde custar um nascimento

—É uma menina,—disséra o medico a Beatriz.

E ella sorrira ligeiramente.

—Que felicidade!...—ciciou. Deixem-m'a vêr! Como é linda! Tem os olhos como os d'elle!...

A pobre mãe entregava-se a transportes doudos de alegria. Mas o medico impôz-lhe silencio, e a doente saíu de um desmaio para caír n'outro.

—Chegará elle a tempo de me vêr ainda?—murmurou com voz desfallecida.

O medico, terrivelmente turbado no fundo, fazia esforços para a socegar, e ella acreditava-o com facilidade. Beatriz nem pensava sequer que talvez não lhe restasse mais do que uma hora de vida.

Instinctivamente, assim como antes desejá a morrer, desejava viver agora, e só cogitava em que o seu amado ia chegar em breve, e que ella lhe poderia apresentar a sua filha.

Consultado em segredo pela ama, Aquapedente meneára a cabeça com melancholia. Ella dormia com o sorriso nos labios quando, de subito, a porta se escancarou de par em par, e ella despertou, n'um sobresalto.

—É elle!—exclamou—abrindo-lhe e estendendo-lhe os braços para o receber.

Quem entrou, porém, foi o terrivel Gáleas, seu pae.

Beatriz acurvou-se, para proteger a creança com o seu corpo, o medico fez ao mesmo tempo um gesto analogo: mas Gáleas, olhando com desdem a creança, sem dizer palavra, encostou-se á parede, como dispondo-se a esperar. O aspecto d'aquelle homem sinistro baldeou de chofre Beatriz, na amarga realidade. Não era já um amante, nem um pae feliz que ella es-

perava, era uma victima cujo sangue tingiria talvez as paredes d'aquella alcova. Fr. José não a trahira de certo, mas a presença de Gáleas transformava aquella entrevista n'uma emboscada homicida.

A misera quando chamára o amado contára com o seu valor: mas quereria elle defender-se? Estaria acaso a infeliz destinada, antes de morrer, a ver rolar o amante trespassado a seus pés, e teria que levar para o tumulo o remorso de ter originado a sua morte?

Não, não podia. Mais valia privar-se da alegria de o vêr. Não queria saborear essa dita, se a devia comprar por preço tão desmarcado. Fez signal ao medico para que se approximasse.

—Vá, peço-lhe—disse-lhe ella ao ouvido—porque a sua presença agora aqui não me é tão precisa, como lá fóra, para avisal-o de que não entre agora, impedil-o por todos os modos de penetrar aqui. Diga-lhe que é a minha ultima vontade, que aqui o espera a morte!

—Vou já—disse Aquapedente.

—Obrigada.

Mas, no momento em que ía a saír, Gáleas, sem abandonar a sua posição de espectativa, e sem se mover, disse-lhe:

—Ficar-lhe-hei agradecido se não saír agora.

—Os deveres da minha profissão chamam-me a outro logar.

—É possivel que não haja necessidade da sua pessoa aqui por em quanto. Mas se o que deve succeder soffresse algum transtorno, sentiria ter que lhe attribuir a culpa.

—Fique, doutor!—gemeu Beatriz, supplicante—fique!—insistiu ella, ao passo que com o olhar o conjurava a que não desafiasse a colera de Salviati.

Occorreu á idêa de Beatriz que Bibiena não teria recebido a missiva a tempo, e não poderia, portanto, vir á entrevista. Confiava em que isto o salvaria.

Aquapedente parecia de certo suppôr o contrario, pois deu um passo para a porta, e Gáleas avançou tambem na mesma direcção.

—Tome tento!—disse elle—a soleira d'esta porta é muito perigosa, e póde n'ella estar a morte.

—Isso vae-se vêr!—tornou o medico.

E deitava ao mesmo tempo mão á chave.

—Veja como é certo!—rugiu Gáleas, desembainhando a espada.

Aquapedente não se alterou, e com voz tranquilla e arrastada, perguntou sómente:

—Pelo que vejo, o senhor mata a gente...

Gáleas abaixou a espada.

—Engana-se—respondeu com sorriso gelado—se cuida que é a sua pergunta que o salva.

—Então o que é? Diga-me, por favor...

—Escute.

Beatriz prestou o ouvido, sacudida de um estremeção angustioso.

Ouviam-se patadas de cavallo, e passos no jardim. E de chofre, a porta abriu-se e Bibiena entrou no quarto.

—Beatriz!...

—Francisco!...

Estes dous gritos irromperam simultaneos da bocca e dos corações dos dous infelizes. Beatriz sentara-se no leito, e Bibiena caíra-lhe nos braços.

Atraz de Bibiena tinham entrado Simão e Julieta, tremendo ainda do terror que lhe causára o cadaver do monge, estatelado e ensanguentado ao sopé da ribanceira.

—De sorte—disse Spavento, cruzando os braços tranquillamente,—imaginaes que não me hão dado conta das vossas proezas, e que não vos referi as cousas como realmente eram?

CAP. XVII.

—E meu filho?—perguntou Bibiena.

—Olha para ella, é uma menina!—respondeu a mãe—olha para ella!...

—Olha-a bem—disse Gáleas—porque vae morrer!

Todos recuaram.

—Morrer!...—gritou Bibiena.—Acaso vos atreverieis?...

Gáleas sorriu com um sorriso terrivel, luciferino.

—Chegarias acaso a suppôr, que eu te havia feito vir ter aqui, para te matrimoniar?...

Beatriz ouvia-o com os olhos esgazeados. Salviati ajuntou:

—Vamos! Já miraste bem a tua filha. Agora dá-m'a cá...

—Nunca!...

—Que queres fazer d'ella? Acaso lhe quererás servir de pae, tu que te fizeste padre?...

Beatriz soltou um grito estridulo. Bibiena, tendo voltado as costas, acabava de patentear-lhe aos olhos a tonsura redonda e branca sobre a fronte, semelhando uma hostia.

—Padre! Fez-se padre!...—murmurava inconsolavel.

Bibiena, colerico, increpou Gáleas:

—Desgraçado! Não sabieis que ella ignorava isto?...

—Sabia.

—Então, quereis matal-a?

—De certo, porém depois da filha.

—Faze-o, se te atreves!—clamou Bibiena, desembainhando a espada e cobrindo com o seu corpo o berço do recemnascido, dormindo, e o leito de Beatriz. Simão, que havia agarrado n'um banco de pau, brandia-o atraz da cabeça de Gáleas, e estava prestes a deixal-o caír, esmigalhando-lhe o craneo.

—Simão!—gritou Bibiena—prohibo-t'o, prohibo-t'o!

E como o jardineiro se obstinasse:

—É seu pae. Não quero...

Simão atirou com o banco ao soalho, com gesto despeitado.

—Arrepender-vos-heis da vossa lealdade!—exclamou.

—E de certo!—accrescentou o velho feroz.

—Póde ser que tenha razão o jardineiro—pensava Bibiena comsigo—mas hoje, menos do que nunca, eu tenho direito de matal-o, mesmo para salvar os outros dous sêres...

Por isso não atacava, e nada mais fazia do que defender-se, e defender os seus, cousa que por causa do encarnecimento de Gáleas, não era de facil tarefa. O odio e o amor estavam face a face. Um era menos valente, mas estava mais colerico do que o outro, e o pae que luctava para matar, mau grado a sua edade, combatia sem attender a nada, com mais encarniçamento n'aquelle duello tragico do que o pae que luctava para salvar. Duas vezes a espada de Gáleas roçára o peito de Bibiena, e duas vezes Beatriz ficára como que estarrecida, estrangulando os gritos na garganta, com receio de turbar a attenção do amante.

As testemunhas d'esta lucta, de subito estremeceram. As espadas dos dous duellistas acabavam de cruzar-se, e disporem-se para se desarmarem mutuamente.

Gáleas, furioso, com um punho de ferro, torcia o braço do seu contendor, procurando com um movimento habil, ferir ao mesmo tempo a creança que estava no berço. Bibiena adivinhára a tactica, e fazendo um esforço supremo alçou o braço, e a lamina da sua espada separou-se ao mesmo tempo dos copos da espada do contrario; e Salviati, surprehendido, recuou um

passo, tratando de apoiar-se á parede. Arrastado pelo impulso que para desenvencilhar a espada fizera, Bibiena carregou a fundo, e, prevendo o que poderia occorrer, tratou de desviar a arma: porém, sem que o podesse evitar, a ponta deu no peito de Gáleas, resvalando sobre a cota de malha que o protegia.

Todos os assistentes soltaram um grito de pavor. A espada de Bibiena, ao resvalar na cota, encontrára a garganta do velho Gáleas, e varejara-lh'a, deixando-o cravado na parede, immovel, com a bocca e os olhos desmedidamente dilatados...

O medico acercou-se, e disse em voz sumida:

—Morto!

Apesar do tom baixo em que o disse, para não ser ouvido de Beatriz, ella ouviu-o, e um grito, de que em vão pretenderiamos exprimir as modulações, lhe fugiu da alma. Depois escabujou desesperadamente, contorcendo os braços, deixou cahir a face esmaecida e branca sobre o travesseiro, tão branca e tão esmaecida como elle, e com o dedo apontou a parede laivada de sangue. Bibiena correu para ella, e cobriu-a de frementes beijos de paixão.

—Perdão!... —exclamava—Bem viste que foi contra a minha vontade!... Responde-me... Sobretudo não morras... Ainda podemos ser felizes... Eu arrancarei este habito, e fugiremos ambos para um paiz estrangeiro... para França, como haviamos combinado antes da nossa catastrophe...

E chamava por ella, gemendo:

—Beatriz, não me ouves?... Se não me pódes responder volve ao menos teus olhos para mim, e para tua filha... Beatriz!...

Mas nem os olhos da infeliz se voltavam para elle, nem se moviam os labios, que nunca mais dariam signaes de vida. A misera, da mesma fórma que sua mãe, não teria o jubilo supremo maternal de ouvir fallar sua filha. Uma cabrinha de Maria, a ama de Beatriz, é que foi a amamentadora da creança.

Bibiena, acompanhado de Simão e de Julieta, permaneceu toda a noite velando junto do leito mortuario, estarrecido de dôr, contemplando melancholicamente aquella que fôra todo o amor da sua vida.

Á boquinha da noute Simão, que ajudado do medico fôra sepultar o cadaver de Gáleas n'um campo da ama de Beatriz, despediu-se de Julieta, dizendo:

—Ámanhã de manhãsinha, vae a Florença, e espera-me á esquina da rua de *Por-Santa-Maria*, do lado de *Lunquarno Acciajoli*, no fim da *Ponte-Vecchio*.

Simão disse isto, com uma voz velada e sombria, mas Julieta não attentou n'isso, e com um movimento de cabeça fez-lhe signal que iria!

Depois de uma prolongada insomnia, e de mortaes horas passadas á janella esperando debalde que Simão viesse trazer-lhe novas, Branca adormecêra emfim, ainda que n'um somno febril e desmanchado. Deitada no leito e meio despida, vista ao alvor da lua que penetrava pela janella entreaberta, Branca n'aquelle momento estava tão pallida como a sua defuncta irmã. As duas tranças da sua abundante cabelladura, sobre o travesseiro, semelhavam duas serpentes negras enroscadas. Sem duvida que a salteiam no sonho tétricas visões, porque de quando em quando escapam-lhe da garganta gritos inarticulados, e os seus formosos braços mús agitam-se como que para affastar e repellir um espectro, um avejão, que lhe opprime e angustía o peito. A pouco trecho, porém, fluctua-lhe nos labios um sorriso, e a face recobra um ar de pacificação, que lhe suavisa as linhas.

Tal e qual como n'aquella noute em que começaram os seus amores com o jardineiro, uma sombra, um vulto, assóma agora, escalando a janella. É Simão que salta, e que, andando nas pontas dos pés, se dirige para ella, que pára, e que a contempla

A posição da freira, n'este momento, accorda de certo no espirito do jardineiro a recordação de Beatriz inanimada no leito, porque o espinho d'esta lembrança parece sangrar-lhe o peito.

—Miseravel!—murmurou elle—E comtudo como é formosa!...

Talvez que sentisse então um enternecimento, e que fosse para se ajoelhar junto ao leito, e que, como na noute em que começaram os seus amores, a fosse beijar e brincar com seus cabellos; mas ella despertou, e Simão pôz-se de pé.

—És tu?—perguntou ella, somnolenta.

O jardineiro demorou-se em responder, a voz prendia-se-lhe na garganta. Finalmente disse:

—Sim.

—O que dirá ella? Vamos a vêr qual é a sua primeira palavra? Do que disser depende a sua perda ou a sua salvação, que eu me torne em seu amante ou em seu juiz,—cogitava o jardineiro comsigo.

Mas Branca descerrou os olhos, e pegando na mão de Simão, perguntou-lhe:

—Entou? Morreu?...

—Ella mesmo se condemnou—pensou elle. E com a voz singularmente vibrante, respondeu:

—Sim.

Branca abriu-lhe os braços, e attrahiu-o contra o peito.

—Vem—ciciou-lhe, roçando-lhe a face com o labio.

Mas elle quedou-se immovel e insensivel. Acaso não teria ouvido?

—Porque não vens?...—melodiou ella.

—Aqui estou—disse elle.

E de um salto pulou para o leito, com os olhos fusilando, rangendo os dentes. Todos os traços da sua phisionomia extraordinariamente tensos revelavam tal ferocidade, que a monja sentiu-se invadida de um verdadeiro medo e espanto.

—Terá endoudecido?—perguntou-se ella espavorida.

Mas Simão com o joelho aperta-lhe o peito até o fazer estalar e ran-

ger, e embalde ella quer gritar, falta-lhe o alento. Mas ainda que o tivesse, ser-lhe-hia inutil, porque para que ninguem ouvisse os seus soluços amorosos, escolhèra uma cella mais distanciada que as outras, e, portanto, ninguem lhe escutaria tambem os gritos pavidos de soccorro, nem os arrancos do estertor.

Ella não comprehende a causa d'aquella ira de Simão, mas não lhe

Ao virar a esquina deparou com uma grande carroça parada, cujos cavallos bebiam n'um bebedouro.

Cap. XVIII.

quer supplicar, porque lh'o veda o seu orgulho, e demais, comprehende, que de nada lhe serviria. Recorrerá á astucia? Mas como? Enganal-o-ha? Mas de que modo?... Allucinada, pretende fugir á sua fúria, mas não tem tempo; elle não lhe dá tempo, porque a aperta mais e mais, como se receasse que as palavras d'ella o desarmassem. Branca fecha os olhos resignada já á sua sorte, e em quanto que o joelho d'elle brutalmente

e inabalavelmente lhe vae paralisando todos os movimentos, sente um espantoso estremeção na cabeça como se lhe arrancassem toda a vasta relva dos cabellos. O que queria elle fazer? Que genero de morte lhe reserva? Duas cordas macias, lisas, sedosas, as duas tranças do cabello, lhe opprimem a garganta e lhe seccam as fauces puxadas para traz, pela nuca, e como a apertam, como a apertam... a estrangulal-a, fazendo-lhe golfar um grito estridulo, espantoso, grito de desespero, de furor, e de agonia. Mas uma espessa mordaça, feita de seus proprios cabellos, lhe tapou bem depressa a bocca para impedir um segundo grito.

A freira, com um esforço desabalado, tenta levantar a cabeca, que uma forte mão de ferro, implacavel, tenaz, acurva outra vez sobre a almofada: os olhos d'ella vagueiam esgazeados, como que querendo saltar das órbitas, e um estremeção horrivel lhe faz escabujar todo o corpo. Depois findou tudo. Simão, agachado sobre ella, continuava premindo-a com todo o pezo do seu corpo espadaúdo, e observando todos os seus arrancos. Ao cabo deixou de offegar, deixou de existir. Tentou então arrancar-lhe da bocca a mordaça dos cabellos, mas não o conseguiu porque os dentes adstringiram uns aos outros com a força do desespero e da agonia de tal fórma, que ninguem os conseguiria desapertar. Reparando então no aspecto d'aquella bocca aberta com violencia, não se atreve a continuar, e saltando ao chão, tapando a face do cadaver com os negros cabellos, saiu de novo pela janella que escalára, e pôz-se a caminho, deixando que a bafagem fresca da noute lhe refrescasse a fronte esbrazeada das commoções moraes.

Taciturna e lugubre se passava a noute em casa da ama de Beatriz, e em funerarios preparativos. Bibiena e Aquapedente haviam recebido cada um os seus legados. O padre baptisára a sua propria filha, pondo-lhe o nome de Maria, como sua infeliz mãe desejava: o medico fôra padrinho, e madrinha Julieta. Quanto sombria era já a entrada da vida para aquella misera creança, baptisada ante o cadaver da mãe! Esta, amortalhada com um vestido branco, o vestido de que tanto ella como Bibiena gostavam, por ser o vestido que tinha na primeira noute da sua entrevista, foi collocada n'uma especie de maca coberta de folhagem de ciprestes e de choupos, a arvore em cuja ramada ella tanto se comprazia em ouvir o cicio da bafagem da noute.

A ama avisára o hortelão da casa do lado para que viesse, mais o filho, cavarem e abrirem no jardim de que ella tanto gostava, a valla em que o seu corpo devia ter jazida. Junto d'aquella valla, escavaram outra para Fr. José, cujo cadaver transportaram e removeram para o jardim. O padre, o malaventurado Bibiena, é quem deu as bençãos finaes ao seu confessor: e elle foi sepultado n'aquella leiva amiga, por aquelle que fôra o seu ultimo pensamento, e por quem fizera o derradeiro sacrificio. N'essa mesma noute plantou-se um abéto sobre a cóva do ermitão.

Bibiena, mais tarde, n'um manuscripto encontrado no peito do velho

Fr. José, leu a historia de D. Mencia e de Giannino, e por ella soube e comparou a identidade da sua desgraça com a d'aquelles amantes. Foi isto que lhe conquistára o affecto sincero e a sympathia do velho monge.

Quando Bibiena entrou na camara da sua amada morta, achou o cadaver todo cheio de flores que fôra colher a boa ama, e toda coberta e vestida d'ellas é que foi levado á terra o corpo da pobre Beatriz.

O sombrio anniquilamento do padre é que fazia resumar lagrimas aos olhos dos espectadores d'aquella tragica cerimonia de morte. Bibiena, na sua desesperação, queria atirar-se sobre a valla da finada amante, e ali vivo ficar enterrado com ella. Foi preciso arrancarem-n'o d'aquelles restos mortaes cheios de flores, e em que choviam as suas lagrimas, e que a mesma natureza interviesse, fazendo com que a propria violencia da dôr o lançasse n'um demorado desmaio.

Quando tornou a si não lhe lembrava nada do occorrido, mas ao lobrigar aos raios da lua os coveiros que terminavam a sua tarefa, a ferida que lhe sangrava na alma abriu de novo os labios, e mais funda lhe pareceu a sua miseria. As lagrimas, porém, negaram-se então a resumar das glandulas lacrymaes e a rociarem-n'o beneficamente como um orvalho e um lenimento, e a sua dôr aggravou-se até ao paroxismo de fúria. Quiz-se atravessar n'uma espada, e foi o medico quem lhe sustou a mão.

—É cruel!—disse-lhe Bibiena.—Para que me tira o unico recurso que me resta? Para que impedir-me de me dar a morte? Que empenho é esse em que eu viva, e em obrigar-me á vida? Para que?

O medico, sem lhe responder, indicou-lhe silenciosamente o berço em que dormia o pobre recem-nascido.

—É verdade!—exclamou Bibiena, sentindo como que um grande estremeção nas entranhas, e, sacudido de soluços, gemeu:—Tem razão! Aquella ainda vive... e é sua filha!...

Porque aquella creança sorridente e dormindo era a filha de Beatriz, e e não sua... elle era padre!

Mais tarde Bibiena impetrou do Padre Santo que lhe annulasse os votos: mas ainda que existiam muitos exemplos de casos analogos em que se apoiasse, o Pontifice recusou-se a isso, porque o Papa n'aquella epoca era da familia dos Róvere, e portanto inimiga da dos Médicis. Além d'isso, Bibiena quando professou estava demasiadamente desesperado do mundo para querer de novo engolfar-se no turbilhão dos prazeres, e, portanto, permaneceu fiel ao seu juramento. Alguns tempos depois d'estes successos morreu seu irmão mais velho, a quem elle narrára toda a sua tragica historia, e o doente no seu leito de morte perfilhou Maria. Graças a esta adopção, Bibiena poude ver sua filha sem escandalo, e velar em pessoa na educação d'ella, á medida que os annos corriam.

Fiel aos conselhos d'Aquapedente, buscára um lenimento aos seus pesares no estudo: e na época em que o vimos regalar com uma ceia, Leão X, esforçava-se por esquecer Beatriz, ou antes em reviver n'aquella gracil creatura, de olhos negros como sua mãe, e de cabellos d'ouro como ella.

A joven amava Raphael, e Bibiena nadava em alegria e em orgulho de tal amor.

Ah! Quem poderia olhar d'alto o largo campo do Destino impenetravel,

e por acaso futurar que uma terrivel aventura contrariaria o amor de sua filha, e que na mesma edade em que Beatriz se extinguira, lhe succederia a ella uma catastrophe analoga!...

Pontual á hora da entrevista, Julieta esperava Simão sentada na soleira d'uma porta, á esquina da rua *Por-Santa-Maria*. Por mais esforços que fizesse não poderia represar as lagrimas que derramava pela sua pobre *menina* morta, e tambem por aquelle infeliz Bibiena que renunciára o viver, para velar sobre os dias da orphãsinha...

Ella tambem promettêra a Beatriz velar sobre a innocente, e não esquecerá a sua promessa nunca, de certo.

Mas Simão deve ajudal-a n'aquella tarefa, e para tal será preciso que a receba por sua mulher. Querel-o-ha o jardineiro? Amal-a-ha ainda? A aia recorda-se então das turvas palavras com que Simão se despediu d'ella, e o tom grave com que lhe marcou aquella entrevista. Começou então a meditar no véo de tristeza que cobre ha dias a face do jardineiro, como se o opprimisse um penoso segredo, uma funda magua que o esbarronda e alúe. Além d'isso, porque será aquella insistencia em fugir d'ella?... Ter-lhe-hia conquistado o coração outra mulher? Esta idêa tortura-a cruelmente, e anavalha-a: mas é tão fundo o thesouro de amor que aquella pobre rapariga aninha dentro de si, que se sente com alma de lhe perdoar, e de consolal-o, se fôr preciso, porque essa de certo o faz soffrer muito, incapaz de o amar como ella.

Como Simão não compareceu ainda á entrevista, a aia torcionada pelas tristes emoções da noute passada, abandona-se ás mais lugubres chimeras, aos mais turvos presentimentos a que em vão tenta subtrahir-se. Acaso será victima d'um allucinamento? Não: na realidade, ouviam-se ali perto gritos e gemidos, misturados com o tintinar de cadeias e que pareciam resodar de debaixo da terra. Circumvagou o olhar pasmado em roda, e só então lhe acudiu á idêa que estava sentada junto á prisão de *los Stinche*. Sombrio presagio! Soergueu-se, inquieta, e começou a passear precipitadamente ao comprido do caes de Lunquarno Acciajoli, para desentorpecer os membros regelados pelo frio d'aquella madrugada de outubro. Porque tardará tanto? cogitava ella. Disse que viria ao raiar da alva, e ha já bocadinho que o dia é nado. Na outra riba do rio o sino da egreja de *Santa Felicitas* toca o Angelus, e de golpe todos os sinos das torres florentinas começaram a bimbalhar, semelhante a uma bandada de passaros que despertam ao canto d'um dos seus maioraes. Impaciente, já a rapariga não tirava os olhos de *Ponte-Vecchio*, o sitio por onde devia assomar o jardineiro, porém nada enxergava, nada... Ah! emfim, alguem desemboca pela rua Guiguiardini... É elle finalmente... Mas caminhava com um passo tão tardo e vagaroso, que quasi que se arrasta. Quando deu de cara com elle a rapariga sentiu medo.

— Emfim chegaste...

Julieta tentou travar-lhe do braço, porém elle evitou-o, e começou a caminhar pela margem do caes, seguido d'ella. Ambos se conservavam silenciosos, e como que enterrados em pensamentos doridos.

—Julieta—disse elle—deves-me um beijo, e venho pedir-t'o...

—Estou prompta, Simão, a dar-te dez—respondeu a linda rapariga, abeirando-se sorridente.

Mas elle repelliu-a com doçura.

—D'aqui a bocadinho... A mim é que me toca dar-t'o, e não tu a mim...

—Como quizeres...

—Mas, primeiro, é preciso que te diga uma cousa...

Simão tremia. A rapariga, que presagiou algum infortunio na sua vida, quiz animal-o, mas não se atreveu.

—Queria-te muito!—tornou Simão—queria-te com todas as véras da alma...

—Quer dizer que já não me amas...—murmurou ella.

—Agora? Oh, agora sim!...

O jardineiro articulou estas palavras com paixão e com ternura...

Ella que desejava vivamente acredital-o, ella que se lembrava de com quanto carinho elle a estreitava dias antes contra o peito, quando a levava no cavallo a galope pela estrada de Florença, acreditou-o sinceramente. Quando esta convicção se reflectia nos olhos calmos da moça, elle acrescentou:

—Mas agora não tenho direito a...

—Que dizes?...

—Não me interrompas... Deixa-me ter força para te contar tudo...

Simão guardou silencio. Chegavam então perto d'uma ponte, áquellas horas deserta, e aonde se internaram.

O jardineiro golpeava o peito dando punhadas, e grossas lagrimas silenciosas, resvalavam-lhe nas faces.

—Sou um desgraçado!...—desabafou por fim.—Esqueci-te por uma outra, por uma mulher miseravel que se serviu de mim para converter-me no instrumento do seu odio e da sua vingança. Era galantissima, convirás n'isso, quando te disser o seu nome, e quando souberes o nome d'essa que me embriagava com um amor insensato, e com elle me ensandecia...

Julieta travou-lhe da mão.

—Não quero sequer—disse ella docemente,—saber o nome d'ella. Se esqueceste o meu amor, não importa; esse teu desvio servirá só agora para o amor nos parecer mais agradavel. Não chores mais. Guarda essas lagrimas para outras penas. Eu amo-te...

—Ah! calla-te!—interrompeu elle.

—Amo-te, Simão, e perdôo-te!...

—Não, não é possivel...

—Duvidas? Queres uma prova d'isso?—melodiou a aia, apresentando-lhe a fresca face com coquetteria.

Estava tão captivante com a sua pallidez, d'uma gentileza tão ductil, que Simão, beijando-a, esteve por um momento a pique de não revelar

mais nada e fugir com ella. Mas isto affigurou-se-lhe a mais réfece das cobardias.

—Não! não!...—exclamou.

—Repelles-me?...

—És tu que me repellirias se soubesses...

—Nunca!...

—Nem mesmo quando soubesses que a mulher que amava era a filha mais velha de Gáleas?

A rapariga, abrindo muito os olhos, boquiaberta, perguntou:

—Quando estava já no convento?...

—Sim, quando estava no convento... Ao crime ajuntava o sacrilegio...

—Não digas isso, Simão!...

—Ah! não queres que te falle d'esse crime?—tornou o desgraçado, experimentando um feroz prazer em embriagar-se com a sua vergonha.—Não queres que te diga que sou um scelerado, eu que fui o cumplice de tudo o que occorreu?...

—Que queres dizer?—gritou Julieta, sentindo um arrepio algido correl-a, dos pés á cabeça.

—Quero dizer, que foi possivel a Branca achar um homem que a auxiliasse n'esta obra satanica, pois tudo de que foste testemunha foi preparado por Branca: emfim, um homem que a pôz ao corrente das entrevistas de Beatriz e de Francisco, e que ajudou Rodrigo e Gáleas a espiarem as entrevistas dos dous amantes.

—Meu Deus!—ciciou a pobre rapariga.

Simão proseguiu:

—Bibiena escapou á morte, Beatriz tambem. Branca, que não estava ainda satisfeita, quiz que elle professasse e encontrou ainda um homem que a ajudasse n'esta empreza. Esse homem, se o quizesse salvar, não tinha mais do que entregar immediatamente, durante o officio, a carta de Beatriz a Bibiena, porque elle ainda não professára, e era tempo ainda de o evitar. Mas este homem não entregou a missiva pessoalmente, deu-a a Branca, que só a entregou a Bibiena quando era já irremediavelmente tarde.

Como todos os homens encandeados intensamente por um remorso que os desasisa, o jardineiro exagerava todas as suas culpas, como atravez d'uma lente augmentativa. Assim é que na scena da capella, elle dilatava mais do que o justo a sua responsabilidade, visto que envidára todos os esforços para salvar Bibiena, e só entregára a missiva de Beatriz a Branca, julgando illudil-a, e na supposição erronea de que ella mais depressa a faria chegar ás mãos do que ia professar.

Mas quando tal requinte de ferocidade ouviu da bocca do amante, Julieta esbarrondada, gemeu doridamente, como se viessem de a esfaquear:

—Deus meu!... É possivel!?...

—Isto é um crime, bem sei... Pois este homem fui eu... A morte de Fr. José, a morte de Rodrigo, a morte de Gáleas, a morte de Beatriz, todas pezam sobre mim. Sou eu só o responsavel de todas ellas...

O jardineiro, excitando-se á medida que falava, parecia comprazer-se em avolumar e assombrear com encarniçamento a enormidade das suas culpas.

—Sim—continuou—para salval-os a todos, não tinha mais que fazer, logo de principio, o que fiz esta noute...

—Que fizeste tu?—perguntou Julieta, visivelmente transtornada.

—Estrangulei Branca.

—Misericordia!...

E, ao desentranhar este dilacerante grito, escondeu a face entre as mãos.

—Bem vês como te inspiro aversão, bem vês que não obterei nunca mais os teus affagos, e que é melhor que morra...

Esta palavra arrancou a triste rapariga do fundo da sua estupefacção...

—Morrer!...—balbuciou ella.

Mas, ao abrir os olhos, viu-se sósinha, e notou que Simão desapparecêra. Acurvou-se sobre o parapeito da ponte, e então poude observar que o misero se abicára ao rio que o amortalhára no seu lençol d'espuma, e, exanime, alanceada por tantos golpes successivos em tão pouco tempo, a pobre rapariga desabaladamente caíu no chão desmaiada.

E eis aqui porque ainda hoje, isto é, na occasião em que occorrem os successos d'esta narrativa, Julieta, aia de Maria Bibiena, como o fôra de sua mãe, traja sempre de lucto, e uma touca tambem preta lhe retem o cabello que começa a encanecer.

CAPITULO XVI

A Sybilla e o seu amigo Talmud

Ao abrirmos na nossa historia este largo parenthesis, deixamos Leão X um tanto preoccupado e inquieto com o seu colloquio com Miguel Angelo: mas, apezar d'isto, annunciou-lhe a sua proxima visita, aquella tarde mesmo. Uma hora depois, de facto, o Pontifice estava no atelier do esculptor.

Tinha tenção o Papa de, em seguida, dirigir-se a casa de Raphael. Porque ainda que fosse maximo o interesse que lhe inspirava o seu plano da cathedral, cuja idêa affagava cada vez mais e a cada momento, a segunda visita tentava-o mais do que a primeira. Alem d'isso, o grande artista tinha melindrado e desgostado o Papa, a quem se lhe não varria da memoria o modo como lhe fallára da chacina dos judeus. Como que para augmentar mais ainda o desassocego do Papa, Miguel Angelo mostrara-lhe as estatuas dos dous escravos, ainda não terminadas, e que nunca terminou, e que fazem parte hoje do Museu do Louvre, e que se podem admirar na sala da Renascença, onde foram collocadas.

Sobre este assumpto tivera o artista ensejo de fallar da escravidão da sua patria, com a mascula indignação que fazia lembrar a d'aquelle capital soneto que compozéra a proposito da sua estatua da *Noute*.

Esta mirifica obra, esta extraordinaria esculptura de mulher, que elle representára languidamente apoiada n'uma cornija, inspirára a um poeta contemporaneo de Miguel Angelo uns versos em que, ponderando a naturalidade da estatua, terminava dizendo *que se esperava d'um momento para o outro, vel-a descerrar os olhos.*

O soneto do esculptor, melancholica resposta a este elogio ao seu glorioso trabalho, fechava com este verso:

Dormindo esquece... Não a desperteis!

Por tudo isto Leão X sentia-se constrangido e oppresso n'aquella sala, atulhada de esboços severos, de obras em marmore quasi em blóco, porém já com a expressão colossal que o artista imprimia a tudo, colossal sobretudo pela sua originalidade, unica maneira de se ser verdadeiramente um artista maximo.

Além d'isso, o silencio obstinado de Machiavello, a quem encontrára á porta da casa do grande mestre e que o acompanhára, não era assás proprio para desenvolver no espirito do Pontifice a alacridade. Por isso o protector das artes apressava-se nas suas observações, e fitava distrahidamente os trabalhos do mestre, tendo cuidado, para evitar o tecer elogios ás esculpturas presentes, de trazer a terreiro sempre o seu projecto da cathedral.

—Se quereis passar a este gabinete,—disse-lhe Miguel Angelo—mostrar-vos-hei os planos que tracei.

—Com muito prazer—apressou-se a dizer o Papa.

O esculptor então, descerrando uma cortina, introduziu-o n'um compartimento contiguo, que era o *atelier* reservado onde elle estudava as suas grandiosas concepções, especie de sanctuario em que os profanos não tinham entrada.

—Não entraes, Machiavello?—perguntou Leão X ao florentino, na soleira da porta.

—Entro já...—retorquiu este.

Comtudo, Machiavello não mostrava pressa, e durante um bocado entreteve-se n'uma tarefa mysteriosa a um dos cantos mais escuros da officina. Havia-se acocorado, tirado um gesso escondido detraz d'uns cartões, e depois collocára-o sobre um movel. Em seguida tapou-o com um bocado de panno da Syria, e fôra reunir-se com o Pontifice e o esculptor, deixando pairar nos labios um enigmatico sorriso. Apenas, porém, desapparecera da larga sala, detraz d'uma colossal figura de gesso, correu-se uma cortina de purpura, e assomou uma cabeça, cuja face continuamente gesticulava, com uma expressão diabolica, uma cabeça semelhante á d'uma creança mulata, mas d'expressão envelhecida, e em que chispavam extraordinariamente dous olhos vivos, rutilos e inquietos. Esta figura tinha uma côr em que se mesclava o roseo e o bronzeado, um nariz chato, sorriso extranho, dentes alvissimos, ponteagudos e finos. A cabeça deprimia-se de um modo desmarcado, mas em compensação a barba era saliente, e em roda d'esta face um tanto descolorida, avultava, destacando, um collar de pellos de um vermelho encarniçado.

Ao mesmo tempo que esta figura excentrica assomava, ouviu-se um silvo agudo na extremidade da sala, e, de repente, o ser a quem pertencia aquella comica mascara, deu um pincho formidavel, e em duas ou tres reviravoltas no ar atirou-se sobre um feixe de vestidos, de armaduras e de mantos, que se usavam para vestir os modelos. Mas, d'aquelle monte de

trapos, d'onde partira o silvo, agitou-se e d'elle levantou-se uma velha de cabellos brancos, corcovada e doentia, que apertou contra os seus andrajos, beijando-a ao mesmo tempo com a bocca desdentada, a singular creatura que vimos pular ha pouco. Ora esse extranho ser era um macaco, e a velha andrajosa era aquella que Neumann encontrou ás portas de Roma, que elle chamára Sybilla, e aquella que os romanos apontavam aos filhos, para lhe metterem medo, ciciando-lhes em voz baixa:

—*É a bruxa*...

O animalejo esfregava cariciosamente a sua cabeça achatada contra as ossúdas mãos da velha, que murmurava entre dentes phrases entrecortadas d'uma linguagem guttural, que deveria pertencer, sem duvida, a algum idioma do Oriente. Era extremamente curioso aquelle grupo, aquelle conjuncto, em que á primeira vista era difficil extremar qual era o animalejo e qual o ente humano.

A velha estava ali tão tranquillamente como em sua casa. De facto, ella frequentava muito assiduamente o atelier do esculptor, porque Miguel Angelo, por varias vezes a havia alliciado a que se prestasse a servir-lhe de modelo, pois queria terminar os seus esboços da Sybilla que andava pintando na capella Sixtina. Ainda que o artista se espantasse ás vezes d'aquelle caracter singular, umas vezes insubmisso, outras insubordinado, não era homem que deixasse perder tão bom modelo, por tão pequenas maravalhas. Aquelle typo com que elle adornou a *Delphica*, seduzira-o e Miguel Angelo não o teria cedido por dinheiro algum. A ella para estar á sua vontade bastava que a deixassem estar a seu modo, e o artista de bom grado soffria alguns enfados e contratempos que a velha lhe causava, pela sua natureza mysteriosa. Intimidada a Sybilla pela chegada de Leão X, acompanhado de Machiavello, occultára-se lestamente entre uma trouxa de trapos esparsos no chão, d'onde surdiu só ao vêr-se sósinha.

Sentou-se então sobre um tapete de Smyrna, tirando do peito um baralho de cartas bastante usado, visguento e pegajoso. O macaco sentou-se deante d'ella, rindo, gesticulando e esfregando as mãos, como prova manifesta de gaudio por aquelle recreio inesperado. A velha distribuia vagorosamente as cartas de extravagantes figuras, e dava-lhes formas ainda mais extravagantes. Collocou-as primeiro em fileira, e em ordem regular; mas logo depois quebrou aquella larga fila, e dispol-as em fórma de cruz. Então parou e pareceu cogitar profundamente. O macaco, que a observava, passou a mão pela cabeça silenciosamente, imitava-a, coçando a sua com furia. A velha, por fim, levantou a cabeça e viu o macaco.

—Talmud!—gritou ella.

Por que excentricidade designára a velha o animalejo com o nome do livro venerado dos judeus? Que enigmatico chasco envolveria aquelle appellativo? O macaco, d'um pulo, voltou-se de costas, e a velha então baralhou de novo as cartas, e dispol-as em fórma de circulo.

—Talmud!—repetiu, fechando os olhos.

O animal pinchou novamente, com um pulo mais alto do que o primeiro, e tirou uma que collocou em logar d'outra. Esta operação durou alguns segundos. O macaco depois sentou-se e soltou um agudo guincho, ao qual, como se fosse um signal convencionado, a velha Sybilla abriu

os olhos, e consultou a ordem das figuras. Depois d'isto assobiou e o macaco designou uma carta: a velha tirou-a, contou mais sete, e assim procedeu successivamente até que as teve todas na mão, estendeu-as de novo depois no pavimento, mas com as figuras para baixo.

—Talmud!—ordenou de novo.

O macaco tirou duas cartas ainda, e a face da velhota encandeceu-se vivamente, e grunhiu com voz cavernosa:

—A prisão! Os padres! Sempre os padres! O futuro não varía...

Alçou-se de pé, e com o olhar parado, bradou:

—Não ha que vêr!... Observei á risca a ordem santa, o numero sagrado, e as constellações favoraveis! O olhar do animal é tranquillo. Nenhuma nuvem se interpõe entre mim e o futuro, a encobrir-m'o. A besta desapparece, e o espirito é que falla... A prisão! Os padres! Estas são precisamente as duas visões que me saltearam durante a missa, as duas palavras que murmuraram a voz do Norte e a do Meio Dia. Repetiram-m'as tambem a pallidez da lua e as roxas nuvens da madrugada. Fallaram-me tambem a cruz e mais a hostia, e as suas palavras foram as mesmas. O crime e os criminosos, eis o que era preciso saber primeiro que tudo, e agora já o sei! Ah! tomae cuidado, espiões das almas, eu leio debaixo das vossas véstes mais negras do que a noute, ou mais vermelhas do que o sangue: leio em vós, como n'um livro aberto... Os trez circulos de corôas cobrem cabeças trez vezes malditas. Nas trevas apparece uma luz vacillante, assim como a estrella d'alva: cresce, dilata-se até tomar o tamanho da lampada d'um sanctuario. Cuidado, Pontifice, a tua claridade branqueará as prisões soterradas debaixo da terra, crescerá como a lingua flammejante do incendio, e acabará por consumir-te... Os que vivem morrerão, e os mortos voltarão á vida!...

A Sybilla estava terrivel n'aquelle momento. O seu braço descarnado apontava aquelle que na abominavel scena da orgia do convento, por onde começa a nossa veridica historia, designára o braço tambem da douda, de que os nossos leitores devem estar certos, e á qual ella de resto se assemelhava n'aquelle momento, pela chispa do olhar e pela rispidez da voz!

O orango parecia comprehendel-a, porque ao ouvir proferir a palavra padres, o mono ajoelhou-se, fingindo ciciar orações, e esmurraçando o peito. Parecia escutal-a com sisudo recolhimento, e, imitando-a, o bugio ameaçava com o seu longo e velloso braço a porta por onde desapparecêra o Papa. Mas de repente, o macaco parou, puxando pela roupa da bruxa: é que um homem acabava de entrar na officina. Era Neumann.

—A velha!—disse elle—a bruxa! julgando sempre vêr visões!... Sangue de Christo!... e que olhos tão coruscantes!... O que se passará aqui?...

A velha não replicou.

—Callas-te? Está bem! És senhora de guardar os teus segredos, boa velhota!

—Os segredos perderam o seu nome,—murmurou a bruxa com voz calma, e como se fallasse de si para si.—Já não ha segredos.

—Comtudo ainda os ha para desapparecer n'um descampado, sem deixar

rasto sequer — retorquiu Neumann que desejava apurar o caso da desapparição da velha na vespora.

Mas ella limitou-se a responder:

— Tudo o que saíu da terra, á terra ha-de voltar.

Dito isto, sentou-se, na disposição de não descollar mais os labios, e por isso nada mais respondeu quando o moço esculptor repetidas vezes lhe perguntou:

— Onde está o mestre?

A velha porém a tudo se mantinha immovel, como se nada ouvisse.

— Que leve o diabo a douda! — disse elle, por fim, desesperado.

O mono então enviezou o olhar para elle, não se sabendo ao certo se foi o nome de douda ou do diabo que lhe desagradou. Neumann, sem se obstinar mais, dispunha-se a começar a esculpir, quando, andando á cata do seu cinzel seguido do bugio que lhe remedava todos os movimentos, attentou no baralho de cartas esparso no tapete.

— Ah! Ah! — exclamou — estavas então consultando o futuro? Dize-me, seria desacertado, em quanto não vem o mestre, pedir-te, bruxa mais enigmatica do que a Esphinge, que me fizesses a fineza de me lêres a *buena dicha?*

Neumann largando o tom um tanto burlão com que dissera as palavras anteriores, e tomando uma voz mais natural, insistiu e disse:

— Cogito n'uma cousa que constitue a aspiração de toda a minha vida. Como me sairei d'ella? Sabes, ou podes dizel-o?

A velha fixou então o seu fusilante olhar na face de Neumann, pegou-lhe na mão, examinou-a detidamente, e depois disse:

— S. Pedro tem as chaves na mão direita... e no molho d'ellas está a que deve abrir esta porta.

— Está chasqueando de mim — pensou Neumann.

Como se a velha tivesse adivinhado a sua idêa pateou no chão, o bugio fez outro tanto e a Sybilla tornou com tom brusco:

— Está ali... Já se approxima... Levanta a cabeça... Porém não te viu... Tu és tão alto... e elle tão baixo... O céo serve de abobada... Toma cuidado, que já soou a hora... Então, que esperas?... Prompto, prompto!... Bem...

Recuou, tapando os ouvidos, e murmurou:

— Parece castigo de Deus!

Acurvou-se depois para o chão, como se olhasse o fundo de um precipicio, ou d'um esbarrondeiro, e exclamou:

— Acabou-se... Os calhaus da terra serão o seu sepulchro... e as pingas do seu sangue e do craneo escaqueirado branquearão o teu immenso pedestal.

Proferindo isto, a Sybilla alçou os braços, deixando-os caír em seguida lentamente. Talmud imitava picarescamente os meneios todos da velha. Neumann, impressionado, mantinha-se silencioso com os braços cruzados n'uma attitude cogitativa. O orango caricaturava egualmente todos os seus gestos, como tregeiteára os da velha.

N'isto bateram á porta, e Neumann bradou:

— Entre.

Hochstratten assomou na soleira da porta.

—Não está cá o Santo Padre?—interrogou o grande inquisidor.

—Não sei: acabo de chegar.

—Deve estar com Machiavello e Miguel Angelo.

—Em todo o caso devem estar n'este gabinete—disse Neumann, dirigindo-se ao atelier reservado do mestre.—Tende a bondade d'esperar, em quanto vou saber...

Hochstratten e a bruxa ficaram então a sós. Mal o recemvindo assomára, Talmud escondera-se precipitadamente. A velha parecêra não ter dado fé da entrada do grande inquisidor: mas quando levantou a cabeça, e o fitou, não poude reprimir um estremecimento de sobresalto. Ainda que não sabia quem era aquelle homem, e fosse esta a primeira vez que o vira, experimentava por este vulto sinistro uma especie de repulsão instinctiva. Uma secreta voz, ou melhor, um presentimento, a advertia de que d'aquelle homem trajado de branco e de escuro lhe provinha a maxima parte das suas calamidades e desventuras. A velha, agitada e inquieta, erguera-se.

Ao dar de cara com ella Hochstratten surprehendeu-se d'aquella apparição desplicente e fóra do commum: a Sybilla, porém, correu para elle com uma expressão de furor.

—Os padres!—dizia com entono prophetico—Desgraça! Desgraça!...

Hochstratten recuou espantado. Enxergára o inquisidor que aquella velha, d'olhar fusilante, tinha compridas e aceradas unhas com que o ameaçava, e por isso, cautamente, julgou de bom senso pôr-se ao fresco, fazendo uma retirada prudente. Mas a velha cortou-lhe a retirada d'um salto, e abrindo bruscamente a porta da sala principal desappareceu, fechando-o á chave. Hochstratten não poude suster uma casquinada de riso.

Mas o riso expirou-lhe nas fauces seccas, e rechinou, em logar d'elle, um grito penetrante. Do alto d'uma escada acabava de cahir-lhe qualquer cousa em cima da cabeça: um ser vivente assentara-se sobre a nuca d'elle e empuxava-o com freneticas sacudidellas. Graças a um espelho, collocado em frente, poude então observar um espectaculo que o turvou e arrepiou todo. Uma face encarniçada e vellosa gesticulava collada a um corpo de animalejo que se remexia, cravando no pescoço e no toutiço do frade as suas unhas de ferro, e arrancando-lhe as farripas do cabello. A comprida e elastica cauda da besta féra enroscava-se ao corpo da victima, como se fosse a d'uma vibora.

Estarrecido o inquisidor, pôz a salvo os olhos, tapando-os com a mão direita, emquanto que com a esquerda tratava de desaggregar o mono obstinado do seu pescoço. Gritava, chamava, ameaçava, mas o animalejo, como que excitado, imitava grotesca e terrivelmente as ululações os gritos e os queixumes da sua victima.

A Fornarina, que deixamos na primeira parte d'esta obra, após as chacinas ensanguentadas do bairro dos Judeus, vagueava pelas ruas e praças de Roma, profundamente pesarosa, cogitando no velho judeu, e buscando em balde reatar o fio quebrado das suas recordações. Andando, andando, o seu pensamento tomou outro rumo ainda mais amargo, mas no qual se parecia demorar e comprazer-se. Chegou a uma porta de canniçado que dava accesso a um bonito jardim, atravessou o cerrado plantado de virentes li-

Ás mãos ambas, puxou violentamente pelas pernas do fidalgo.

Cap. XVIII.

moeiros, e entrou n'uma alta e faustuosa sala, esclarecida por uma janella aberta no alto da mesma. Aquelle que ella buscou com a vista, logo que o famulo saíu, era Raphael, quasi occulto debaixo d'uma grande téla collocada no seu cavallete, em que trabalhava com ardor, e absolutamente abstrahido. Ao rumor dos passos da padeirinha, soergueu Raphael os olhos, e, pondo de lado palheta e pinceis, correu ao encontro d'ella.

—Ah! veio?—perguntou com voz cariciosa. Não esperava vêl-a hoje!

—Venho muito tarde?...

—Um poucochinho, é verdade... Mas não importa, temos ainda muito dia para trabalhar...

Ao vêr a padeirita dirigir-se para uma cadeira de couro de Veneza, em que se via um trajo de dama nobre, o artista deteve-a, dizendo:

—Não, não quero occupar-me mais d'esse quadro. Hoje tenho tenção de começar outro...

Raphael affastou o cavallete, que sustentava um esboço, e tomando uma téla nova, disse:

—Quero fazer um estudo do nú.

A rapariga sentiu como que um estremeção algido sacudir-lhe todo o corpo, e exclamou:

—Ah!...

Mas o pintor, sem mostrar dar fé da onda de sangue côr de rosa que coloriu, invadindo a face da padeirinha, continuou:

—Póde passar áquelle pequeno gabinete. Mas dê-se alguma pressinha...

A moça parecia não ter comprehendido. Em pé, com os olhos cravados no chão, cravada ella mesma, como se estivesse especada, começára a tirar a sua touquinha branca, depois o avental, depois a sua saiasinha escarlate, e começava já a desapertar o collete e a mostrar a sua camisita bordada, deixando adivinhar umas fórmas graciosissimas e admiraveis, quando ao tratar de se despojar das ultimas roupas, deixou caír as mãos ao longo do corpo, e não podendo mais conter as lagrimas que, copiosas, lhe choviam na face, occultou o rosto com um braço, e rompeu a soluçar.

Raphael olhou-a, estupefacto, e tristemente.

—Que tem Fornarina?... O que lhe succedeu?...

—Nada... Oh! Nada...

Havia tempo já que Fornarina servia de modêlo a Raphael. Começára servindo para estudos de grupo: porém nunca, nunca experimentára aquelle envergonhamento e acanheza que n'aquelle momento acabava de a turvar e de a invadir. Era que até então não sondára a sua alma, e não conhecera que amava o pintor. Sacrificando-se para ganhar alguma ajuda á pobreza dos seus, e servindo de modêlo ao pintor, desempenhava fleugmaticamente o seu officio apresentando as suas formas divinas á sua tela e aos seus pinceis, mas sem jámais ter sentido aquella repulsão púdica, aquella repugnancia, que agora não fôra senhora de si em não mostrar. Mas ao passo que aquella paixão lhe ía invadindo o ser, a moça ía passando por diversas phases dos modêlos: mas servindo sempre de modêlo vestido. Mas agora, porém, oh! agora..., que de repente lhe era preciso desnudar os mais secretos thesouros da sua belleza áquelle a quem mais amava do que tudo no mundo... Não... não podia, não... Era uma cousa superior ás suas forças...

—Não, hoje não!...—gemia a rapariguinha entre soluços.—Por favor, outro dia...

Abalado por aquella mágoa que não sabia a que attribuir, Raphael consolou-a.

—Vamos! Não chore, Margarida!—disse-lhe. Fica para outro dia...

Assim como assim, eu hoje não teria muito tempo, porque espero o Papa...

A Fornarina soergueu então para elle os grandes olhos que lhe sorriam atravez do orvalho das lagrimas, e com o gesto agradeceu-lhe tão commovida, tão feliz, que insensivel e distrahidamente quasi encostou a cabeça ao hombro do pintor!

Estava tão graciosa n'aquelle momento, com seus cabellos soltos, seu collo arfando, meio desnudado, que Raphael, cedendo a uma attracção irresistivel, deu-lhe um beijo no rosto.

Ao receber aquelle primeiro affago do artista a joven estremeçeu e sentiu correr-lhe todo o corpo um calafrio nervoso. Depois vestiu-se lentamente, em quanto Raphael voltava á sua téla grande. Fornarina estava silenciosa, e ainda que conhecia que era tempo de se ir, não se atrevia a partir, sem dizer alguma cousa, ainda que não sabia o que deveria dizer. Além d'isso Raphael estava tão complacente, aquella manhã... Não seria loucura ir-se embora?... Elle parecia que se não lembrava da outra... Além d'isso n'aquelle beijo não lhe teria ella communicado algum tanto do fogoque a encandecia?...

—Estaes zangado commigo?—atreveu-se a dizer, depois de algum tempo, a moça.

—Eu?...

—Sim, enfadaste-vos com razão. Não sei o que tinha, peço-vos que me perdoeis... Aqui me tem disposta a obedecer—agora mesmo se o quizer...

—Não é preciso.

—Bem se vê que está enfadado commigo... Não quer que venha outro dia?...

—Tontinha...—disse-lhe Raphael sorrindo.—Venha ámanhã, venha sempre que quizer...

—Devéras?...

—Sim, de certo—respondeu o pintor em quanto cogitava comsigo:

—O que terá ella hoje?... Alguma penasinha d'amor?...

—É que me custaria muito, se me não quizesseis mais...

Raphael estava sentado então, e ella em pé. O pintor fel-a sentar sobre os joelhos, e pôz-se a conversar com ella. E no fundo, pensava comsigo:

—Coitada!... É uma natureza amoravel que precisa que a tratem bem!... E tratava-a cariciosamente como se fosse um doente ou uma creança a quem se affaga e acarinha para a fazer sorrir. E elogiava a sua belleza, dizendo que em toda a cidade de Roma não se encontrava um modello egual: que diziam que elle pintava obras primas, mas que a verdadeira obra prima era ella.—O meu unico mérito, dizia o artista,—é copiar-vos bem.

Aquella voz sympathica e doce, mais doce desde que o amor o invadira, embriagára Fornarina que se deixava emballar por aquella harmonia affectuosa e suave, sentindo-se penetrada de pensamentos de felicidade que a attrahiam e que ella bebia nos olhares magneticos de Raphael. Contemplava-a elle, de facto, com olhos d'artista, e o que ella tomava por desejo e amor não era mais que a expressão da sua admiração illustrada e fremente pela belleza plastica. Raphael pôz-se a recordar então o dia em que a vira pela primeira vez, por acaso, ao passar em frente do cerrado de

Fornarina, surprehendendo-a a lavar os pequeninos pés na onda do Tibre, e em seguida lavando roupa como a bella princeza Nausica surprehendida por Ulysses. A proposito d'isto contou-lhe o delicioso episodio d'Homero, em que o rei d'Ithaca espanta e dispersa o bando das guapas moçoilas gregas que estavam retouçando no cannavial. Fallando assim, com as mãos dadas, o tempo deslisava suave e insensivelmente para ambos.

Virá elle a amar-me?—pensava de si para si a Fornarina. E a esta idêa sorridente o seu coraçãosinho dava baques de gaudio dentro do peito e latejava-lhe violentamente. Raphael comprazia-se em observar o interesse, com que ella o escutava, e proseguia recordando-lhe a ovação que lhe fizeram os seus discipulos, os seus applausos e os seus enthusiasmos no dia em que, pela mão d'elle, ella fizera por assim dizer uma entrada triumphal no seu atelier.

E elle sorria por vel-a feliz, e ella, ao vel-o sorrir, sorria tambem.

N'este momento, um rapazelho entrou bruscamente no atelier alegre e enthusiasmado.

—O que ha de novo, Cricco?—perguntou-lhe Raphael vivamente.

—O que ha, mestre? É o Padre Santo em pessoa que vem aqui ao atelier... Nada menos do que essa honra...

—O Papa!...—exclamaram ao mesmo tempo o pintor e o seu modêlo, pondo-se de pé.

—E com elle—continuou o rapaz—vem um velho com cara de ferreiro, que traz o pescoço tapado com um lenço.

E o rapazote, ao fallar do frade, ria cheio de gaudio e galhofa.

Leão X, e até o proprio Miguel Angelo que raras vezes desenrugava o sobr'olho, não tinham podido conter as casquinadas de riso, quando tendo corrido á sala grande do atelier do esculptor, pela gritaria enorme que fazia Hochstratten, o viram forcejando por se escapar ás garras afiadas do seu inimigo de quatro patas.

Mas o misero Hochstratten não tinha vontade de rir. Ensanguentado, sentindo todo lacerado o pescoço, gritava como um doudo furioso. O caso era grave, e todos correram em auxilio do grande inquisidor. Machiavello, sorrindo, que era a sua maneira especial de rir, Neumann, grave, pois não se atrevia a chasquear um grande inquisidor, agarraram-se com força ao rabo de Talmud; mas, com quanta mais força puxavam, mais o bugio enterrava as suas desalmadas unhas na pescoceira de Hochstratten, que regougava desatinadamente. Mas como nada se conseguiu do orango, pensou-se em outro meio de pôr termo áquella lucta original. Machiavello correu á procura d'uma navalha, mas como a não achasse, pegou d'um martello para escaqueirar a cabeça do macaco. Mas, como se o mono adivinhasse o pensamento do florentino, pinchava como um endemoninhado,

evitando de tal fórma as pancadas, que não seria muito para admirar que, se porfiassem muito, em vez de escaqueirarem a cabeça do macaco, fizessem em cacos sómente o craneo tonsurado do inquisidor.

Hochstratten continuava gritando, como se o espatifassem. Miguel Angelo teve então uma idêa inspirada: tomou de cima d'uma meza um frasco de verniz seccante e acercou-o desrolhado das ventas de Talmud.

O effeito foi rapido e maravilhoso. O mono sacudiu a cabeça, fazendo um gesto furibundo e grotesco, largou a sua preza e deitou a correr assarapolhadamente pelo atelier fóra.

Então começou uma epica e hippica perseguição, cujos pormenores faziam desentranhar risadas sobre risadas ao Summo Pontifice. Neumann, Machiavello e Hochstratten, este ultimo mais encarniçado do que nenhum, perseguiam o animalejo correndo desatinadamente atraz d'elle, mas elle, lésto e alerta, fugia-lhes com uma tactica e uma presteza surprehendentes, sem deitar abaixo objecto algum, por entre esboços, bustos, estatuas e armas. O inquisidor queria atirar-lhe com um banco ou escavacal-o debaixo d'uma escada: e não custou pouco trabalho para lhe fazerem comprehender que não valia a pena destroçar tanto objecto bello d'arte por um bugio endemoninhado.

Houve um momento em que Neumann cuidou ter catrafilado o mono, que foi quando elle se refugiou n'uma galeria superior, que ia de uma a outra extremidade da officina de Miguel Angelo: Machiavello entrou n'ella por um lado e Neumann por outro, ficando Talmud por esta fórma irremediavelmente bloqueado. Como a altura era muito grande, não cuidaram que o orango se atrevesse a saltal-a d'um pulo, e Hochstratten soltava já um grito de triumpho, quando, de chofre, o macaco galgou a balaustrada, e, catrapuz!... pulou d'alli abaixo. Tão bem calculou o salto, que enrolou a cauda a uma lampada que se balouçava suspensa do tecto por uma cadeia, saltou por cima do inquisidor, a quem achou meio de mais uma vez arranhar a cachaceira, e foi sentar-se precisamente defronte do Papa, ao qual começou a tregeitear as casquinadas e as visagens que fazia com o riso, levando as mãos á barriga. Sua Santidade casquinava a bandeiras despregadas, como vulgarmente se diz.

—Espera ahi, que já te digo se has-de rir, besta do diabo!—barafustava Hochstratten, tendo perdido de todo as estribeiras. (1)

Emquanto assim desentranhava a sua sanha e a furia, agarrava n'um grande tapete e atirava-o ao mono, cuidando assim apanhal-o. Mas elle, matreiro e marau, adivinhou-lhe a artimanha, e, rapido como o corisco, aparou o golpe com outro tapete tambem de Smyrna. E emquanto o tapete do tonsurado caía ao chão, batendo nos pés do Papa, o inquisidor achava-se de subito enrodilhado no tapete que lhe arremessára o mono. Muito ancho d'esta sua ultima facecia, gargalhando dos esforços que Hochstratten fazia para se desenvencilhar do tapete, o orango tratou de vêr por onde se escapuliria. Curvou-se deante do Papa, cheio de reverencia, as mãos cruzadas no peito, fazendo o esgar do signal da cruz, e tratava de-

(1) É de suppôr que esta phrase pouco pia, *besta do diabo*, se endereçava ao macaco, e não ao Papa...

escalar um ventilador, quando, de golpe, Machiavello que lhe adivinhou a tramoia, gritou:

—Fechem o postigo!

—Puxae a corda, Santo Padre!—accrescentou Miguel Angelo.

Leão X puxou a corda para si, o postigo fechou-se com estrondo, e a retirada foi-lhe cortada. Outro mais lerdo do que o amigo da feiticeira ter-se-hia com isto de certo desalentado. Talmud, todavia, não se deu por vencido, e foi-se á corda que o Papa ainda segurava na mão, e zás! cortou-a com a afiada dentuça. O postigo abriu-se, o mono metteu a cabeça pela frincha, e Hochstratten que acabava de se desenrolar do seu capuz, soffreu a lastima de vêr pinchar o macaco para uma arvore do jardim proximo, e baloiçar-se, muito lépido, da sua ramada.

Ora este jardim pertencia á cêrca d'um convento de freiras, e as monjas, que passeavam n'aquelle momento, caíram de rastos, atabalhoadas e medrosas, ao verem aquelle pelludo e negro estafermo que passeava de ramo em ramo, de galho em galho, e que saltava o muro atirando bençãos e beijos com a mão, e mesclando uma infinidade de gestos religiosos a outros mais que profanos, de tal fórma que a mais joven noviça e a senhora madre abbadessa crêram piamente terem visto o diabo, e a irmã rodeira recebeu ordem de fechar em continente a portada, com todas as trancas e todos os ferrolhos. Aquelle avejão salteou durante muitas noites os pesadelos desmanchados das boas monjas.

Mas os risos que estalavam na officina cessaram de repente, quando se viu o Pontifice pondo-se de pé e apontando para uma esculptura. Era uma estatua de tamanho regular que estava collocada em cima d'um movel, em frente do Papa, e que o macaco destapára ao tirar o tapete que arremessára ao inquisidor. A estatua era um primeiro esboço de Moysés, cinzelada para o sepulchro dos Médicis, em Florença. Mas, insolita audacia! Miguel Angelo imprimira á estatua do propheta, a quem representava sentado e com as taboas da Lei em punho, os traços da physionomia de Savanarola, o monge republicano, o tribuno atrevido, que recusára a absolvição, no seu leito de morte, ao duque de Florença, Lourenço de Médicis, e a sua amante Clarice dos Ursinos, pae e mãe de Leão X.

O Papa não proferiu uma palavra. Olhou turvamente Miguel Angelo, chamou Hochstratten para partir com elle, sem quasi lhe dar tempo a que a velha serva do esculptor lhe pensasse as feridas que lhe fizera o bugio, e partiu de esfuziote, mal o creado lhe abriu a porta do atelier que a Sybilla tinha fechado.

—Collocar sobre o tumulo dos meus antepassados—cogitava o Pontifice, pelo caminho—a estatua do seu mais figadal inimigo, do propagador das doutrinas revolucionarias, d'aquelle que prégava a destruição de toda a authoridade, e o advento da licencia e da anarchia!... Viu-se já philaucia egual!... Ah, se eu não precisasse do genio d'este homem, far-lhe-hia pagar bem caro n'uma bem immunda enxovia este ultraje, que tenho que supportar calado!...

Tão mal humorado por este incidente, como Hochstratten pelo outro, chegaram a casa de Raphael. E o que ali ia presencear, decerto o não deveria tambem deleitar muito...

CAPITULO XVII

Preparativos de ataque

Um homem de face escaveirada, embrulhado, com ar farfante, nas dobras d'uma capa por cuja extremidade surdia a ponta d'um largo espadão, encostado ao muro, contemplava a agua corrente do Tibre, e tomava o sol, sem preoccupar-se, ao que parecia, mais do que em matar pachorrentamente o tempo.

Debaixo do seu amplo sombreiro, carregado sobre o rosto, talvez para que o não incommodasse a luz viva do sol, apenas se lobrigavam as longas guias do bigode grisalho, quasi branco, e uma cicatriz que lhe malhava a face.

De vez em quando dava alguns passos para desenferrujar as pernas. Andava com passo seguro e rapido, apesar d'uma especie de rigidez que se lhe notava n'uma parte da perna direita, e que de vez em quando lhe arrancava um ligeiro queixume e um gesto dorido.

—Ah! pobre amigo!—dizia elle comsigo.—Vaes-te fazendo velho.

E como que contristado por esta idêa soltou um fundo e cavo suspiro.

—Ah!—proseguiu—onde estão aquellas encantadoras noutes de Florença, as artimanhas, as notaveis operações que tu apresentavas aos teus nobres clientes, ai!... Onde estão as neves do anno passado?... como murmurava aquelle bravo Vigile, o francez mais franco que conheci em toda a minha vida!...

Engolfado nas suas recordações o desconhecido parecia cada vez tornar-se mais apprehensivo e melancholico.

—E Vigile mesmo, o pobre Vigile, onde está? No paraiso dos valentes,

em que bellas moçoilas de certo lhe enchem até ás bordas ricos vinhos em bellas taças de prata, na região dos duellos homericos, dos raptos por conta dos amantes ricos, das viellas escuras e tortuosas trilhadas por transeuntes com algibeiras abarratadas de ouro... Ah! ali faz elle de certo saudes a Andrea, a Cesar, e a outros... Só eu falto n'aquelle regabofe, mas não faltarei muito tempo...

Aqui interrompeu elle as suas exclamações para observar o caes.

—Nada!—murmurou.

E proseguiu:

—Era melhor assim!... Estou realmente cansado... Estou mais do que cansado, estou farto d'esta existencia monotona e precaria... Emfim, digam-me com franqueza: Vale a pena, por causa d'isto, de me ter entregado a tantos perigos, de ter estado a pique de caír dentro das masmorras ducaes, reaes, imperiaes e até papaes?... Vale a pena ter-me evadido do forte *Santo Angelo*, ter galgado trez muralhas collocadas umas por detraz das outras, e cuja escalada causou a morte d'uma mulher que estava gravida, de ter sahido são e escorreito do meio das pontas de tantas espadas contra mim apontadas, que se as collocasse no chão ao lado umas das outras ter-se-hia feito com ellas um circulo que fecharia o Vaticano? Vale a pena ter-me sabido escapulir ás ganas de tantos amantes irritados, de tantas mulheres zelosas, de tantos maridos burlados, de tantos indiscretos espiões da policia, sem contar os usurarios, a peste, as loureiras, e tudo para o que? Para vêr-me na edade que tenho, eu,—professor reputado, arbitro venerado, conselheiro chamado para toda a parte,—a mendigar algum bico d'obra miseravel para ganhar alguns miseraveis escudos, e tendo quasi que me pôr de cócoras deante de aprendizes sem valia?... Que baixeza!...

Estas phrases ultimas acompanhou-as com um gesto expressivo d'asco e de desprezo.

—E succede de mais a mais que nunca tenho sorte no jogo. Está claro que depois de ter manejado tanto tempo a catana, os dedos estão muito fortes ainda mas não prestos e ligeiros... Ah! digo-o francamente, tão despresivel e vão me parece o mundo, que sinto ás vezes ganas de me fazer frade, e fal-o-hia se não fosse a pena de me separar de Rosalinda!...

Rosalinda era a catana.

—Se não fosse o santo horror que me inspirou a agua abicar-me-hia, de cabeça para baixo, n'esse elemento insipido.

N'este momento um sino dava horas. O homem contou as badaladas, e exclamou:

—Meio dia! a hora em que os capitalistas estão jantando!...

Meneou melancholicamente a cabeça, e como se ainda não podesse acreditar na absoluta penuria das algibeiras, metteu outra vez a mão n'aquelle abysmo sem fundo, que já tantas vezes esquadrinhára, aquella manhã. Nada! A algibeira em que elle bateu com força não deu sonido metallico algum.

Então, com o espirito amargurado e o estomago vasio, fazendo um esforço heroico apertou mais o cinturão com as mãos ambas.

—Não encontraram nada, por causa de...—exclamou. Mas não sejamos

severos... Eu fui, e tambem nada encontrei... Eu conheço-me. Emquanto não tomar uma boa fartadella, não tasquinhar um bom bife, regado com o competente sumo da parreira, estarei tapado como uma porta, e não acharei inspiração...

E de novo fixou a vista, distrahidamente, no caes.

—E pensar eu—continuou elle, que o armazem das idéas está a cem passos d'aqui, na locanda do tio Tibre que é a mais confortavel de Roma! Pensar eu que o locandeiro cruel tem alma de me dar com a porta no nariz, sob o pretexto ridiculo de que não pago, e que lhe devo!... Uma ninharia afinal, nem eu já sei quanto!...

—Não me engano, não!...—repetiu de repente o nosso homem.—São elles!... É o signal... Victoria!

E pôz-se a andar, com passo lesto.

—Aquelle panno que fluctua ao vento quer dizer: *Vem!* O locandeiro apaziguou-se, o locandeiro te abre de novo os seus braços e as suas caçarolas... A toalha já está na meza... Vem!...

Trompeteou então um toque de clarim e levantou a cabeça, com triumphal victoria, á doce perspectiva da papança, como o cavallo de Job ao estrupido da peleja.

—Vou—murmurou elle—ter a penetração d'Alexandre, abarrotar-me de talento até ás goellas, fartar-me de ter espirito sob fórma liquida, e de força, sob fórma solida. Ah! d'esta vez, de certo, que ha-de vir a inspiração. Os deuses ajudam-me. Sinto-me renascer, tenho medo de recair afinal na bondade e na honradez... Nada! Vivam os homens subtis, os habeis, os que teem manhas... O primeiro nome de capitalista que ouço, acceito-o como se me fosse apontado pelo dedo de Deus, ou o olho da Providencia... Ponho-me logo a magicar nos meios de me abeirar d'elle e de lhe fazer um cerco em fórma... Sim, meus amigos, sim, eis-me aqui!...

—Alto ahi, e tento!...—gritou uma voz brusca.

—Olá! Então que succede?!... Uma alabarda!... Um guarda suisso!... Que novidades ha? Que se passa de novo?...

—Deixae passar, e respeito!—replicou a voz.—O Papa vae visitar Raphael.

De facto, o Pontifice, levado aos hombros de carrejões espadaúdos, balançava-se, com as cortinas corridas, onde brilhavam as armas pontificaes.

O nosso homem ajoelhou, de venta em terra, de certo por um respeito illimitado.

—O Papa e Raphael!—matutou comsigo—acaba de dizer este suisso!...

E levantando-se mal a liteira passou adeante, pondo-se a caminho tambem, matutou ainda:—Não póde ser o Papa. Se fosse...

Mas n'aquelle momento chegava á soleira da porta da bodêga do tio Tibre, e mal abriu e entrou, a sua presença foi saudada por um *hurrah*, cheio de acatamento e satisfação.

Raphael, a quem a subita vinda do Pontifice interrompêra, dispunha-se, ajudado por dous creados, a voltar contra a parede úma grande tela que esboçára pela manhã, quando a inesperada chegada do Papa lhe não deu tempo.

—Apanhou-me!—disse comsigo o pintor.

E cumprimentou Leão X, esforçando-se para attrahil-o á outra extremidade da sala, onde esperava distrahil-o com qualquer assumpto d'occasião. Leão X notára o gesto turvado do pintor, ao vêr-se surprehendido, e, reparando n'essa turbação que era demasiado visivel, perguntou-lhe:

—Que representa essa tela?

O pintor ficou mudo. O Pontifice approximou-se da tela e começou a observal-a. Era um incendio, a chacina, o saqueio, judeus fugindo... Era um quadro do Ghetto. Era com effeito o esboço do famoso quadro intitulado—*O incendio da Villa.*

A censura muda contida n'aquelle quadro era tão implacavel, o observador sentia-se oppresso d'uma compaixão tão funda á vista d'aquella multidão espavorida, d'aquelles velhos salvando as suas alfaias, d'aquellas mães e d'aquellas pucellas tremendo pela sua honra, que o Papa viu-se forçado a emmudecer, como fizera poucos instantes antes em casa de Miguel Angelo.

Entre os ultimos que haviam chegado ao atelier de Raphael achavam-se duas damas da aristocracia romana, cuja entrada distrahira o Papa e lhe suffocára a surda colera contra os artistas que, apparentando sentirem-se honrados com a sua visita, lhe dardejavam censuras tão crueis e eloquentes.

Mas duas cousas mais interessantes ainda tinham de attrahir a attenção do Pontifice e de Hochstratten.

O grande inquisidor, com a cabeça e o pescoço cheio de parches, não podia deixar de vêr, constrangido, Fornarina ali, por ter de se apresentar deante d'ella n'aquelle estado grotesco. No emtanto, apesar do seu aspecto pouco fascinador e que o egualava ao *cavalleiro da triste figura*, continuava asseteando a gracil padeirinha com coruscantes olhares amorosos, mas mal recompensados.

O Papa passeava pelo atelier examinando os quadros e as telas mais notaveis. Elogiára os quadros de Cimabue com as suas figuras flexiveis e delgadas, com auréolas d'ouro vivo sobre as asceticas cabeças, ponderára depois as bellezas das telas do Perugiano, outro dos predecessores de Raphael na arte, e seu mestre querido; mas os desenhos do artista, em que estavam os esboços das suas composições grandiosas, foram os que mais mereceram os elogios e os encomios de Leão X.

De golpe, na multidão dos quadros mais ou menos adeantados, lobrigou um de uma moça gentilissima que estava collocado n'um cavallete. Mal podendo refrear um grito de alegria e espanto, murmurou:

—Maria!...

E em voz mais alta ajuntou:

—É Maria Bibiena!

De facto, era o retrato da sobrinha do cardeal. Apenas tinha o rosto concluido, e fôra este o trabalho do artista durante os ultimos dias. O busto

O INCENDIO DA VILLA

(Copia d'um quadro de Raphael d'Urbino, existente no Vaticano, segundo uma photographia tirada por um distincto photographo de Roma.)

e as mãos estavam sómente indicadas, mas essa unica parte concluida justificava plenamente a exclamação do Pontifice. Jámais Raphael tratára assumpto algum com pincel mais delicado, jámais soubera exprimir com tal vida a flamma d'um olhar, jámais pintára assim a frescura das carnes sob cuja cutis parecia vêr-se circular o sangue, a quem a brancura da pelle desmaiava o encarnado vivo, temperando-o de suave côr de rosa. O amor, ajudando o genio, ia tornar aquelle retrato o mais admiravel de todos os seus, apezar de todos serem obras capitaes.

Um murmurio de admiração levantara-se em toda a sala, augmentado ainda pelo desejo de adular o Pontifice que se arrebatára deante d'elle. E a Fornarina que não conhecia a tela em questão sentiu-se invadida, ao vêl-a, de ciumes terriveis. O pintor que estava ao seu pé, notou aquella mudança na phisionomia de Fornarina, e attribuiu-a a algum amor que ella nutria talvez por algum dos seus discipulos. O mesmo poderia elle tambem attribuir em referencia a Hochstratten, com visos de probabilidade, por quanto o inquisidor, d'um angulo da sala, não affastava d'ella os seus olhares insistentes, um momento só.

Mas entrementes que o Papa manifestava o seu enthusiasmo com um diluvio de palavras que se consideravam filhas do seu gosto artistico, e que eram só na realidade saídas da sua indomavel paixão, Raphael que por instantes se conservou distanciado do grupo por modestia na apparencia, mas no fundo, para distrahir e consolar a bella rapariguinha por quem começava a nutrir uma intima sympathia, disse-lhe:

—Não esteja triste...

Ella tão gentil, e elle tão bem apessoado, formavam um grupo encantador e difficilmente teria podido dizer-se qual das duas phisionomias, a do pintor ou a do seu modelo, respiravam maior doçura. Mas não era este o quadro encantador que Hochstratten, meio occulto na penumbra, observava. O que o preoccupava só, era o ter reconhecido que havia entranhado amor na chispa scintillante do olhar que Fornarina lançava a Raphael. Sem poder ter mão em si pôz-se a expial-a, occulto detraz d'uma estatua.

—Dentro d'alguns dias—dizia-lhe o pintor— vou mudar-me para uma casa que acabo de comprar no campo. Escrever-lhe-hei, logo que chegar, e virá ter commigo.

Raphael queria, por este modo, assegurar-se sómente d'aquelle inapreciavel modêlo. Mas ella, com o coraçãosinho aos baques, figurou-se-lhe ver n'este convite uma cousa bem diversa.

—Amar-me-ha?—dizia comsigo, louca de alegria, e seguindo-o com o olhar.—Quem sabe se me ama já?

—É o que basta!—cogitava o inquisidor na penumbra, detraz da estatua.—Sei o que é preciso!... E seria bem tolo quem n'estas poucas palavras...

Interrompeu-se. O Pontifice, como desejasse conservar a impressão agradavel que lhe produzira no espirito o retrato de Maria, despedia-se, por fim, vollando-se ainda uma vez mais para admirar aquella incomparavel cabeça de virgem, e Hochstratten juntava-se ao Papa, quando, de chofre:

—O que? ainda?...—disse elle, detendo-se deante d'um quadro de dimensões colossaes.—Ainda não mandaste pôr a moldura no meu quadro—*A Soltura de S. Pedro?* Sabeis que o vou mandar buscar, assim mesmo, sem moldura?...

Dizendo isto, sorria-se, porque se lembrava talvez da sua fugida de Ravenna: d'aquelles soldados adormecidos que o pintor collocára nos angulos inferiores: d'aquelle preso acocorado detraz da grade d'um calabouço: e d'aquelle anjo translucido, que lhe viera quebrar as cadeias e o conduzira pela mão até fóra da enxovia.

Em Ravenna, esse anjo de Leão X, fôra uma mulher.

Raphael desculpou-se. A culpa da delonga não era sua, mas do carpinteiro, a quem elle, n'aquelle mesmo dia escrevêra, ordenando pressa na moldura.

—Para prova da minha verdade—acrescentou o pintor—aqui está a carta.

—Deixae vêr!—disse Hochstratten, pegando na carta que o artista lhe déra.

Havia tal precipitação no movimento brusco de Hochstratten, que o Pontifice não poude deixar de sorrir-se, e exclamou:

—Que pressa!... Atirou-se sobre ella como um gato...

—Sobre um rato—concluiu Hochstratten, pensando na Fornarina.

Mas depois accrescentou:

—Um autographo de Raphael! Cuido que é cousa preciosa bastante, e que vale a pena esta precipitação...

De facto, nada havia ali que replicar.

—Não vos canseis mais com o vosso carpinteiro—tornou o inquisidor, dirigindo-se ao artista—eu me encarrego d'ir fallar-lhe pessoalmente.

Dizendo isto saudou-o, e saíu em seguimento do Papa, que Raphael acompanhava.

O Pontifice saía preoccupado, em quanto que o grande inquisidor, sem sequer se voltar para vêr ainda uma vez mais Fornarina, murmurou, comtudo:

—Agora sim, que a tenho fechada na mão!...

E o seu antipathico rosto pallido, coloriu-se torvamente, e nos labios premidos e esbranquiçados deixou pairar um sorriso minaz.

Spavento, pois suppômos que os nossos leitores terão já reconhecido no venerando espadachim, o mestre d'armas ao serviço de Gáleas, o homem passeador e esfomeado que n'aquella manhã passava e repassava deante da porta do atelier de Raphael,—Spavento, depois de ter bem bebido, e de bem se ter empanturrado de papança na locanda do tio Tibre, tinha a cicatriz d'uma côr mais encarniçada, e o passo mais resoluto e lépido, como se já lhe não passasse nem pela memoria, nem pela perna, a dôr no joelho.

Bem o dizia eu — monologava elle, aperaltando-se — que as idêas haviam de me ser inspiradas pelos bons piteus!... Que vinho tão espirituoso!... Oh! a idêa é rutilante! Mas as ruas estão ainda bastante concorridas, como esta, e por isso não ouço nenhum signal d'elles...

Mas de golpe um assobio se fez ouvir, partindo da extremidade da rua, seguindo-se-lhe um outro semelhante.

—Fallei antes de tempo!—murmurou o espadachim. Não se enxerga ninguem... Pois vamos até lá, e coragem!

Cessou então de passear, e encostando-se a uma parede pôz-se a rebuscar as algibeiras, sem perder o seu ar de indifferença. Pôz as mãos atraz das costas. Casualmente estava encostado á porta da casa de Raphael.

Mas assim que deixou de ouvir ruido de vozes no interior, retirou-se precipitadamente, exclamando:

—Apre! Não era sem tempo!...

Com effeito, pouco depois saía Leão X seguido de Hochstratten.

Ao entrar em casa de Raphael, Leão X despedira os homens da liteira. Nem ao Pontifice nem ao grande inquisidor desagradava o terem que voltar a pé até ao Vaticano, para assim espairecerem as idêas que os martellavam. Quem poderia nutrir sombra de suspeita de um transeunte de tão inoffensivo e até innocente aspecto, como o nosso bonacheirão Spavento? De certo que até o mais desconfiado, o mais suspeitoso, o mais cauto burguez o tomaria por um doutor sem clientella, ou um misero poeta esfomeado, e á gandaia.

Spavento, sem virar a face, com o largo chapeirão rebuçado sobre os olhos, caminhava rapidamente, com passo estugado, e bambaleando as mãos. De vez em quando parecia mirar um objecto qualquer que trazia na mão.

—Diabo de soalheira!...—exclamou.—Não tenho tempo a perder... A cêra começa a derreter-se-me na mão.

Sorriu-se, todo ancho de gaudio, e melodiou:

—Magnifico molde!... Com isto temos com que comer a abarrotar... E não ha-de ser só paparóca!... Ha-de ser tambem do rico sumo de parreira, do fino!...

Virou a esquina, e internou-se no fundo d'um pateo em que estrugia um ruido ensurdecedor de martellos em bigornas. Sobre a porta lia-se em letras maiusculas:

JOSÉ SAHAGUN, DE SEVILHA, SERRALHEIRO.

Leão X ao entrar no seu gabinete havia dado ordem que não deixassem entrar ninguem. Sentou-se n'uma poltrona, e entregou-se absolutamente

aos pensamentos que lhe fervilhavam no cerebro e o atulhavam, escandecendo-o.

O Pontifice tiritava, sacudido d'estremeções, que não podia evitar. Em balde procurava scismar em cousas alegres e diversas. A mesma idêa fixa, a mesma imagem, o obsediava, o perseguia com uma constancia inalteravel, irritante, luciferina.

Era evidente, era infelizmente certo para elle, que não podia affastar da idêa a graciosa recordação do perfil suave de Maria de Bibiena. A cólera do Pontifice augmentava e calcinava-lhe o desejo esteril, quando se lembrava que era ella que se obstinava em não comprehender ou fingir não comprehender os seus olhares fusilantes, ainda que discretos. E com os olhos da alma via-a mover os labios, aquelles labios d'um purpurino côr de romã que ella descerrava gracilmente: mas só para pronunciar outro nome, que não o seu... Que fizéra Raphael para conseguir que a fortuna tanto a plenas mãos o cumulasse de todas as venturas?... Não fôra só prendado do genio, mas possuia tambem o coração de todas as mulheres, e sobre tudo da mais encantadora de todas, da mais desejavel?... Aquelle retrato da sobrinha do cardeal que elle vira em casa do pintor, affigurava-se-lhe uma outra ironia, um insulto feroz, um refinamento de mordacidade, ideado pela imaginação do artista. Ah, se não fosse o seu genio, como elle o... Mas por que não exprimiria todo o seu tragico pensamento, visto que estava ali só, que ninguem o ouvia?... Raphael era-lhe odioso... Odiava-o, sim, profundamente. Nem os seus quadros, nem as suas pinturas maravilhosas tinham a seus olhos valor algum, n'aquelle momento. O que elle anceava era a posse de Maria.

—O que me desespéra é não ter a certeza de que, se acaso elle não existisse, ella me amaria... Se eu estaria agora no paraiso em que elle habita, ou se escabujaria n'este inferno de dôres em que me estorço... Se não fosse elle...

De repente, quedou-se, apprehensivo. O que seria? Porque teria empallidecido? Porque se levantou tremulo e agitado, com a vista encandeada? O que é que acabava de lhe crúzar o cerebro?

—Sem elle...—ciciava sumidamente...

E parece que deante d'elle se levantou um véo que lhe patenteava um futuro risonho, celestial, de côr de rosa e azul, e que lhe promettia uma existencia deliciosa. Mas, ao fundo d'esta perspectiva ridente, longe, muito ao longe, detraz d'aquella visão paradisiaca, levantava-se, erecto, um espectro. Mas não era mais do que um espectro, e os espectros nada podem fazer. Evocados pelos remorsos, em vão elles projectam a sua terrivel sombra, como uma vingança: nada pódem contra os sorrisos d'uma pucella, é-lhes defeso interpôrem os seus labios lividos, côr de lyrio, quando os d'ellas nacarados, côr da saude, da vida, pedem beijos. Demais, aquelle espectro só elle podia vêl-o, e isto só no caso de que o conseguisse aterrar a sua sombra. Recorreria ao crime? Porque não? Porque tem vacillado tanto até aquelle dia deante do crime?... Mas baldadamente o Pontifice tenta encarar a pé quedo o horror d'aquella idêa. Parece-lhe que na balança de todas as outras victimas nenhuma tem o pezo equivalente ao d'aquella, e por isso fica gelado d'espanto, trepida, vacilla, hesita... Tem até hoje sido forçado a immolar

alguns pobres filhos das hervas, alguns maltrapilhos, alguns doudos, em beneficio da religião, algumas vezes, outras para occultar aos olhos dos fieis as abominações dos seus padres. Mas immolar aquelle artista de genio, cujos pinceis creavam cada dia uma nova maravilha, aquelle homem que era a honra viva da Italia, aquelle artista incomparavel, aquelle digno rival de Miguel Angelo, que talvez viria a sobrepujar com o tempo... Ceifar em flôr aquella transcendental esperança... Apagar aquella flamma archangelica que allumiava a christandadé, e illustrava a Egreja e o seu Pontificado, fazendo escurecer as suas orgias, e até perdoal-as... Não! Não!...

O Pontifice metteu a cabeça esbrazeada entre as mãos, e tratou de vêr se varria aquella idêa execravel, sangrenta, teimosa como um pesadello. Mas em balde a combateu. O Papa sente-se resvalar por uma ingreme ladeira que leva direito a um esbarrondeiro, a um precipicio. É a imagem de Maria que elle devêra arrancar do peito e da memoria, e isso era-lhe impossivel. Urgia, portanto, resignar-se á idêa de que ella seria esposa de Raphael, e que elle, o Pontifice, talvez, e mais que talvez, com certeza, teria que abençoar aquella união, presidir ás bodas, vêl-os penetrar juntos, extacticos e ruborisados, na camara nupcial!... Não! Não!... Não póde ser!... Não o quero de modo algum, clamou elle, depois de alguns segundos. Mas logo, acto continuo, n'uma tensão de vontade decisiva, inabalavel, bradou:

—É preciso que seja minha aquella mulher, e ha-de sel-o! Será preciso, bem sei... Mas não importa, far-se-ha, custe o que custar!...

Por fim tomou uma resolução determinada. Reparou a desordem do trajo, banhou os olhos inflammados em agua fria, dirigiu-se á meza, e tocou uma campainha d'ouro. Ainda duravam nos ares as vibrações metallicas da campainha, quando á porta assomou um camarista de serviço.

—Chamem Mohammed—disse Sua Santidade.

Cinco minutos depois entrava a soleira da porta um arabe de pequena estatura, macilento, rachitico, com uma cabeça desconforme, rosto acobreado, coroado por um montão de farripas crespas, meias brancas já. Ao entrar acurvou-se ante o Pontifice até ao chão, prosternou-se de rojo, batendo com a face no pavimento, segundo a formula oriental dos fieis na mesquita. Havia n'aquella abjecção meio religiosa, meio servil, toda a abnegação sem reserva nem limites, de um ser insignificante e refece deante de um amo omnipotente, ao qual o ligava a gratidão de certo, e talvez o medo.

O Pontifice fez um gesto.

Mohammed alçou a pequena estatura e, sem proferir um monosyllabo, interpretando bem os gestos do Papa, levantou a meza, e tirou o grosso tapete de lã que cobria o pavimento de mosaico. Puxou por duas argollas de ferro presas ao marmore, e pôz a descoberto uma cavidade perfeitamente dissimulada que deixava vêr os degraus d'uma escada. O Papa então fechou os ferrolhos das duas portas do gabinete, mandou descer o arabe, e desceu atraz d'elle. Depois de ter descido trinta e dous degraus, e de ter virado por um corredor, tanto o Pontifice como o oriental acharam-se n'uma ampla sala, mais larga do que comprida, atulhada de fogões, retortas, e alambiques. No tecto estavam suspensos plantas e animaes de todos os

paizes, e nas paredes brilhavam trophéos d'armas de todos os feitios, formas e tamanhos.

—Escolhei, Senhor — disse Mohammed, fazendo uma reverencia.

O Papa passou revista a todas as armas desde os *kriss* maltezes até aos sabres do Japão. Experimentou uma folha circassiana de fórma curva e ligeira como uma penna, e decidiu-se finalmente por um estylete hespanhol, cuja folha triangular e curta terminava n'uma ponta tão fina como uma agulha.

—Ensaia esta—ordenou Leão X.

O homunculo mysterioso tomou um ducado que apresentou ao Pontifice, pôl-o no chão, e atravessou-o com o punhal d'um só golpe. A arma não soffreu detrimento algum.

—Bem—disse o Pontifice que recobrára todo o sangue frio, com a voz extranhamente vibrante e os olhos fusilando—é preciso que me envenenes a ponta d'este punhal com um veneno seguro, de acção instantanea. Tens algum n'estas condições?

—Tenho, Senhor.

—E póde causar a morte?

—Como um corisco.

—Bem—disse Leão X.

Mahommed pegára n'um vaso de crystal quasi cheio d'um liquido amarellento e viscoso, accendeu o brazido, e o Papa deu ao folle, fazendo ferver algumas gotas do liquido contido no recipiente de cobre. Pôz depois a aquecer a rubro a folha do punhal, e introduziu-a em seguida no liquido onde esfriou, produzindo um prolongado rechino, acompanhado de fumarada.

Mahommed seccou o punhal escrupulosamente e apresentou-o ao Pontifice.

— Eil-o—disse elle a Leão X.

O Papa pegou n'elle, cautelosamente.

—Mette-o n'uma bainha—disse-lhe.

—Não são demais as cautellas!...—disse o homemsinho, sorrindo-se.

Um quarto de hora depois, ninguem poderia suspeitar d'aquella communicação secreta que ia ter do gabinete do Papa ao laboratorio do arabe. O tapete cobria de novo o mosaico de marmore, e a meza voltára a estar no mesmo sitio. Mas o gabinete agora estava deserto, e só quebrava o silencio que n'elle reinava o rumor tardio de passos, provindo de um quarto visinho. Um dos reposteiros correu-se, e assomou no gabinete um fidalgo. No meio da escuridão da noute que avançava, era difficil distinguir a phisionomia d'esse individuo, de cabellos em abundantes anneis, de fino bigode. Trajava um elegante gibão de velludo: da cinta pendia-lhe um punhal de cinzeladura preciosa.

O fidalgo abeirou-se do fogão, sentou-se, estendeu as pernas, aproximou os pés do lume e murmurou surdamente:

—São nove!—Ainda tenho uma hora deante de mim!...

Quatro homens reunidos n'uma sala de tectos e paredes esfumaçadas em um edificio situado n'uma ruella estreita e porca, bebiam e parolavam, sentados á roda de uma toalha enlaivada de vinho.

Um brandão resinoso illuminava debilmente aquella habitação, e á sua claridade lobrigavam-se outras mezas mais cheias de vasos d'estanho e de garrafas esvasiadas, e um sem numero de bancos de pau, assim como as mezas. No mostrador, de massiço carvalho, roncava sonoramente um homem que parecia prestes a estourar, tão empanzinado estava!...

Era o patrão ou o dono da lôbrega taverna.

Aquella parte, onde estavam abancados aquelles frescatas goliardos, era a trazeira da locanda do tio *Tibre*, a qual, como o velho Jano, tinha duas caras. A de deante constava d'uma bonita sala de brilhantes aparadores, e ventiladores alegres, que deitavam para o rio, e em que reinava um continuo vae-vem de burguezes ou de farçolas artistas endinheirados que, em quanto comiam em pratos limpos e niveas toalhas finas, iam abraçando as frescas moçoilas das sopeiras todas secias, mocetonas, e nada ariscas... A trazeira da locanda era separada d'esta parte por uma grossa parede e por uma porta secreta, e da qual os frequentadores estavam em harmonia perfeita com a mobilia, mobilia de *comes e bebes*, e bambochata plebêa.

Os quatro convivas bebiam sem deixar de palrar, sobresahindo entre elles Spavento, que, de certo, porque bebia mais do que os outros, fallava mais alto, excitando-se cada vez mais com as libações que não eram nada pausadas, e com o enthusiasmo crescente com que explicava aos companheiros de regabofe o seu plano de ataque. Estes aventureiros de baixa estofa, escutavam-no com uma exaltação desmedida: mas emquanto Spavento se desembaraçára do cinturão, pendurando-o n'um dos numerosos pregos da parede, e que serviam modestamente de cabides, elles haviam collocado as catanas em cima da meza, ao alcance da mão, e velavam sempre sobre ellas, que eram a sua enxada, com um olhar de mães carinhosas.

— De fórma que — gritou Spavento, pondo ruidosamente sobre a meza o seu copo vasio — ainda me não percebestes, é o que vejo!...

— Com mil raios! — protestou o mais novo, com um rudo movimento de hombros — não somos nenhuns bolonios!...

— Ta, ta, ta... Aqui está a réplica com que me respinga este franganote!... Bem se vê, meu menino, que estás ainda muito pouco desmamado cá na cousa... Apprende de mim, Spavento, que por minha vez o apprendi do preclaro Scoronconcolo, o illustre, o incomparavel Scoronconcolo, que foi meu mestre.

Dizendo isto, com magestatico entono, tirou o largo chapeirão em signal de respeito, procurou enxugar uma lagrima, e orou assim:

— Apprendei que a primeira virtude da innocente profissão do homem d'espada é prevenir tudo, sem o que...

E com a mão espalmada, fazendo um semi-circulo no ar, n'um expressivo e conveniente gesto, continuou com mais fogo:

— Sem o que, boas noutes!... Não é verdade, amigo Trogue?...

Spavento acompanhou esta interrogação, com uma grossa palmada de metter as omoplatas dentro, no hombro do seu visinho que ficou abalado, mas convencido. Trogue, que era um moçoilo alto, esguio, secco, inteira-

mente calvo na flôr dos annos, contentou-se em acurvar ligeiramente a cabeça, cerrar as palpebras, em signal de affirmativa.

—Continúo, pois—tornou Spavento, animado pelo apoio do seu collega. —O tal Raphael de que se trata deve saír da sua casa, como habitualmente, por essas dez horas. Se é a amisade ou o amor o que o prende longe do seu lar durante uma hora bem puchadinha, é cousa que ignoro.

—Isso tambem pouco faz ao caso...—disse o franganote, o mais novel d'aquelles bargantes.

—Perdão, meu rico filho, o que importa ao caso é saber se elle está fóra de casa mais d'uma hora, porque este tempo é muito poucochinho para lhe rebuscarmos os grandes cartuchos de ouro de que estão gravidas, como uns ôdres, as gavetas...

Trez pares d'olhos fusilaram a estas captivantes palavras como coriscos na escuridão: especialmente o par d'olhos que servia d'ornamento á cara do que estava em frente de Spavento, que era um venerando salafrario, um tanto taciturno, mas de magestosa barba grisalha, quasi amarella.

—Levaremos o ouro todo, dê lá por onde dér!—disse o franganote.

—Tendes o carro prompto?...

O mais rapazelho do bando dos tunantes olhou para o de barba amarella e o da barba amarella olhou expressivamente para Trogue, que regougou:

—Está já prompto, olaré!...

—E os cavallos que taes, hein?...

—D'estalo!... Tenho as minhas fumaças de pescar da cousa... São cavallos de arromba, cavallos de fidalgaria... cavallos que eu arranquei por minha propria mão das unhas do safardana do cocheiro, sem civilidade, que os roubára a seu patrão... Quem rouba a ladrão... Demais eu não os roubei, tirei-os das mãos d'um selvagem que não tem caridade para com os animaes... Foi o coração que m'o pediu!...

—Muito bem!—applaudiram todos os convivas enternecidos.—Foi o bom coração d'elle!—exclamaram uns para os outros.

—Demais elle queria desfazer-se d'elles, e encontrou-me em tão boa occasião...

—E é esse cocheiro quem ha-de guiar o tal carro?—perguntou o mais joven d'aquelles honestos maraus.

—Ah! não—tornou Trogue.—O infeliz não tornará mais a exercer o officio... Morreu de raiva...

—Mas quem substituirá então o defuncto, *que Deus lhe falle n'alma?*...

—Eu!—replicou o franganote.

—Tu tens acaso dous dedos do officio?...

—Já fui artilheiro.

—Tu?

—Sim, eu. Aqui onde me vêem já desertei dez vezes no tempo de Sforza.

—Ah! então é differente. Serás tu que tomarás conta dos cavallos. O resto fica por nossa conta. Não terás que mexer-te do teu logar, nem largar o pingalim.

E, voltando-se para Trogue, accrescentou:

—Aonde metteste o carro?...

—Está aqui á esquina da rua, ao pé da fonte, á nossa espera. É um carro de apparencia catita, que aluguei para um passeio, graças ao que o obtive por metade do preço.

E ia talvez dizer que o guapo aspecto dos cavallos lhe tinha evitado ter que deixar penhor, quando, mudando de tenção, continuou:

—Só tive que deixar dous ducados em deposito...

—Diabo!

—O carro vale o duplo, e mais... Póde transportar tudo que quizermos, com facilidade.

—Estaes certo de que lá aonde nos conduzis ha muito por onde possamos fazer rapinancia?...

—Absolutamente certo!—affirmou Spavento, com magestade, e tratando por *tu* sempre os collegas, com a familiaridade senhoril que os outros seus camaradas rapinantes e foliões da gandaia não ousavam imitar, tratando-o sempre respeitosamente na segunda pessoa do plural.

—Figurem, vocês, um pintor—continuou Spavento—que vende por um dinheirão todos os trapos que lhe dá na veneta pintar!... Calculem se ali deve ou não haver muito dinheiro!...

—Elle que ganha muito tem obrigação de não ser forrêta!... Quem sabe se...

—Desculpa—interrompeu o mais velho dos rapinantes, o barbaças brancas—não faças maus juizos de Raphael, pois que é meu conhecido...

—Teu?...

—Sim, meu... Servi de modelo já no seu *atelier*.

—Então dize que tens sido o homem dos sete officios, com a bréca!...

—Raphael não é nenhum esturdio perdulario... Nem mesmo se lhe conhece uma pequena qualquer, amante d'elle...

—É possivel?...

—É o que te digo!... Vae casar-se em breve...

—Arruinemol-o então depressa... Talvez que esta primeira desgraça o livre da segunda.

—Emfim—murmurou Trogue—vamo-nos divertir um bocado. Mas, palavrinha de honra! que já era tempo...

O relogio deu meia hora.

—Nove e meia, rapaziada!—gritou Spavento—Dentro de pouco tempo começa a dança!... Fiquemos n'isto: eu com a chave falsa abro a porta. Inuteis portanto escaladas de muro, que são sempre brincadeiras que compromettem... Sobre tudo, gravar bem na cachimonia que nada de trabalhinho antes do signal...

—Um grito de mocho é que nos avisa para o marosca não é?...

—Está dito.

E os quatro da vida airada e da rapinagem chocaram as taças, com ar sorridente, despejando nas guellas, com aquella, a decima garrafa.

Mas o ancião do bando honrado, o melcatrefe barbudo, continuava guardando silencio.

—Diabo!—exclamou Trogue subitamente—e os creados?... Não nos lembramos dos creados...

O franganote fez um gesto de envergonhado por ter tido uma occasião

de se convencer da sua imprevidencia, mas tranquillisou-se, vendo Spavento encolher os hombros e dizer com um sorriso e entono um tanto burlão:

—Ah! rapazes, rapazes, se não fosse por mim!...

—Pensaste acaso já n'este inconveniente?... — perguntaram-lhe todos os outros, anciosos.

—Foi a primeira cousa. Mas n'este ponto tambem a sorte nos favorece. Foram hoje as bodas do mordomo da casa de Raphael, e o pintor deu licença a toda a creadagem para assistir á festa e ao bailarico; mas de tal fórma bailaram e se emborracharam na boda, que lá ficarão toda a noute. Em casa não ficou mais do que um creadito, uma especie de pagem de Raphael d'Urbino.

—Ora... um pequeno, um frango...

E com a mão fez o gesto expressivo de torcer o pescoço.

—Não pensem em tal! — clamou Spavento magnanimamente, e protestando com afflicção. — Na flor da idade!... Que selvajaria!... Sois acaso uns botocudos, uns selvagens, uns cáfres, uns antropophagos, uns cannibaes?... Não tendes delicadeza!... Derramar sangue innocente!... Fazer d'um joven, na aurora da vida, na flor dos annos, um cadaver!... E, demais, de que serviria isso?... Procedamos com doçura. É bonito vêr a doçura alliada á força! De resto, eu tenho um meio segurissimo de affastar de casa aquelle infeliz mancebo...

—Qual?

—Vali-me d'uma guapa moçoila, minha conhecida, que mora nas trazeiras de S. João de Latrão. Ora esta dita cachopa deu-lhe uma entrevista para esta noute, e confio n'ella, certo de que o não largará do seu seio antes do raiar da aurora... Oh! é uma rapariga de truz!...

Um murmurio de approvação acolheu estas palavras.

—Ah! sois um grande mestre! — exclamou Trogue, esbarrondado de convicção e de pasmo.

—Isso sabia eu já!... — disse Spavento com modestia.

Só porem o mais velho dos espadachins, o barbaças silencioso, continuava a guardar o seu mutismo de sepulchro.

—E tu, Bartholomeu, não abres bico? — perguntou-lhe o mais novo, tocando-lhe no cotovello.

—É porque, — respondeu o interpellado — nada tenho que piar...

Dizem que o fallar muito faz mal: sem duvida o silencio tem o mesmo inconveniente, visto que Bartholomeu, que não proferira uma palavra unica, durante quasi toda a noute, tinha a lingua atabalhoada e confusa, e o rosto afogueado como uma braza.

—Só tenho que dizer uma cousa — continuou, fixando em Spavento o seu olhar emmublado e turvo. — Estás certo de que banda ficam os quartos interiores?

—Tranquillisa-te, Bartholomeu, — replicou o mestre, a quem surprehendeu aquella familiaridade — informei-me de tudo.

—E... é respeitavel a burra?...

—Assim, d'este tamanho — retorquiu Spavento, pondo em cima da meza, verticalmente, o espadagão de Trogue — e toda abarrotada d'ouro sómente, rico ouro sonante, tudo...

Os olhos de Bartholomeu coriscaram, subitamente. Trogue filava de um modo particular Ricci. Reinou, por segundos, um fundo e cávo silencio.

—É que — observou Bartholomeu — é duro emprehender um bico d'obra como esses, cujas consequencias pódem não ser agradaveis, sem saber... sem ter uma certeza... Porque emfim quem nos dá a segurança...

Spavento, pôz-se de pé, como impellido por uma occulta mola com os olhos esbrazeados.

—Pelas tripas do Diabo!—gritou elle, acompanhando a exclamação com um alentado murro em cima da meza.—Parece-me que não estou cego.

E, circumvagando um olhar escrutinador em roda, como para se certificar de que ninguem estava á escuta:

—A noute passada, estando eu pespegado e cosido com a parede, vi, nitidamente, o pintor abrir uma grande burra...

Ao ouvirem a musica d'estas palavras magicas, os tres melcatréfres abeiraram-se d'elle ávidos, de beiço pendente, olho guloso, e Spavento, sorrindo-se, continuou:

—Uma burra enorme, de bronze cinzelado...

—Onde está?—perguntaram os trez birbantes, ao mesmo tempo.

—Na casa da frente, na sala que tem varanda...

Aqui os trez supinos maraus acotovellaram-se mutuamente.

—E tem alguma fechadura de segredo?—perguntou innocentemente Bartholomeu, a quem o vinho embriagava menos do que a esperança do lucro que a empreza promettia.

—Fechadura de segredo? Nenhuma, homem, nenhuma! — respondeu com ingenuidade Spavento.

Decididamente algum projecto occulto germinava ha muito nas cacholas dos trez da vida airada, porque piscaram o olho de intelligencia, uns para os outros, com ares maliciosos de transcendentes patifes. O mestre, porém, apparentemente, nada pareceu perceber, pois continuou, dizendo:

—A burra abre-se com a maior facilidade do mundo... Parece um brinco de creança...

Bartholomeu pozera-se em pé.

—Então — disse — bebo á tua saude, Spavento.

E ao mesmo tempo, com a ponta da espada, fez cair ao chão a de Spavento, que estava pendurada no prego da parede. Tão rapida e imprevista foi aquella bisca jogada, que Spavento, que déra um pulo atraz, quedou-se quasi pregado na parede, olhando com surpreza os seus queridos collegas.

Uma estrepitosa casquinada de riso estallou então. Era Trogue a quem desenvolvera alegria a attitude de pasmo em que ficára o chefe. Ricci tambem o olhava sonsamente.

—Segundo vejo — exclamou o nosso espadachim, a quem não custára muito repôr-se das suas primeiras impressões — o que pretendeis é simplesmente espoliar-me do meu quinhão na partilha...

—É tal e qual! — concordaram em côro os tres rapinantes.

—E para isso...

—E para isso — continuou Bartholomeu, dispondo-se a fazer uso da catana — queremos impedir-te que tu nos faças o mesmo a nós...

E, disposto a tudo, desembainhou o chifarote. Trogue e Ricci imitaram-n'o.

A situação de Spavento começava a ser critica. Comtudo não se buliu do seu logar.

—Sabeis—disse elle, com fleugma—que sois tres salafrarios?

—É para isso que nos pagam—observou Ricci, que era amante da logica.

—O que não impede—continuou Spavento—que não passeis de tres pedaços d'asnos...

A estas palavras, as tres espadas que ameaçadoramente apontavam contra o mestre, suspenderam-se. Os tres espadachins haviam adivinhado que surdira, quiçá, uma complicação.

—Imaginaes talvez—tornou Spavento—que eu não lobriguei os vossos gestos de intelligencia, as vossas cotovelladas uns nos outros, e que vos contei as cousas tal e qual como realmente são?...

—Como?—exclamaram os tres.

As tres catanas, que estavam levantadas, abaixaram-se, de golpe.

—Vamos, reflecti bem. Vós sois tres papalvos!

A voz de Spavento vibrava com modulações tão escarninhas e zombeteiras, que os assarapolhavam.

—Dizei-me, atrever-vos-hieis a vibrar sósinhos o golpe? Não. E então... ficae quietinhos: nada sabeis de positivo... Só eu sei onde se acha a burra, só eu sei onde está a chave falsa, que tive cautella de não trazer commigo, *para que se não perdesse*. Quando tiveres nas unhas a gallinha dos ovos d'ouro podeis tratar de me chacinar então... Não digo se quizeres, *digo se poderes*...

Spavento, completamente reposto da sua primeira turbação, readquirira a sua magestosa altaneria. Os tres cumplices, subjugados por aquella ferrea logica, não sabiam que retorquir, e, sem recalcitrar, olhavam-se uns aos outros, corridos e escorraçados.

Convencidos das verdades de Spavento, embainharam unanimemente as catanas, e estenderam a mão ao seu chefe.

Porém, Spavento offendido, com ar de imperador romano, manifestou com um gesto que queria que lhe entregassem a espada. Os tres apressaram-se a apanhal-a. Elle então pegou n'ella, prendeu-a ao cinturão e disse com magestade e vagar estas sublimes palavras:

—É preciso, quando se implora o perdão, começar por merecel-o.

A isto responderam os réus, estendendo unanimemente as dextras, como para prestar um juramento augusto.

O tasqueiro que acostumado ás rixas dos freguezes não cessára um só segundo de roncar desafinadamente, accordou, de repente, estremunhado.

—Estejam um pouco calladinhos, meus filhos!—disse elle—que me parece que ouvi a patrulha.

Effectivamente uma estrupida de passos resoava na baiúca. Era realmente uma patrulha que passava pela rua, ao pé da viella onde era situada a parte trazeira da locanda.

A face de Spavento turbara-se.

—Será preciso apressarmos-nos um pouco mais, meus senhores—disse.

Já me não lembrava de que, por ordem d'esse maldito Hochstratten, dobrou-se o numero das patrulhas.

—Comeremos a dous carris, para acabar mais cedo—disse em sentido figurado Ricci.—Não gosto muito do trabalho que tem de se fazer depressa.

Em seguida accrescentou:

—Tu, meu *bambino*, meu fedelho, és muito novo ainda no officio. Fica entendendo, e não o esqueças nunca, que não se deve brincar com a tropa...

Ricci callou-se.

—Não teremos tempo ainda de beber uma pinga mais?—perguntou Bartholomeu.

—Nós, sim. Tu, não—disse Spavento.—Tu já tens mais da conta. Pelo menos é o que me parece. D'aqui a um quarto de hora já não vês dous palmos adeante do nariz... Agora mesmo é bem difficil vêr...

E em quanto dizia isto, abriu uma janella. A noute estava escura como breu.

—Noute rasoavel!...—disse sentenciosamente Spavento—ainda que talvez um poucochinho escura.

E dirigindo-se a Bartholomeu accrescentou:

—Vae fazer sentinella á roda da casa... Não sei se a conheces, hein?...

Bartholomeu fez um gesto com a cabeça affirmativo.

Se vires saír o dono da casa, não te venhas embora, que nós lá iremos ter comtigo.

O chefe dos espadachins disse isto com tal gesto e entono imperativo, que Bartholomeu, sem oppôr objecção alguma, pôz-se em pé e foi-se embora, não sem dardejar ainda um ultimo olhar de cubiça e gula á garrafa de vinho, cujo gargalo Spavento quebrava n'este momento com os copos da espada.

CAPITULO XVIII

Vantagens e inconvenientes de não vêr bem

—Singular moça! —pensava Raphael, logo que atraz de Leão X a Fornarina saíu do seu atelier.

O pintor estava profundamente apprehensivo. Interessava-se mais, do que elle a si mesmo confessava, por aquella orphã cuja conducta não fôra alvo nunca de censura alguma, e que não tinha os ademanes desvergonhados dos modelos de que se servira até ali.

Surprehendêra extremamente Raphael aquelle pudor, aquella repugnancia que ella mostrára em se deixar vêr despida deante d'elle. Aquelle arranco singular de pudor, por mysteriosa associação de idêas, evocára n'elle a imagem da promettida. Amava Raphael entranhadamente Maria Bibiena, e haviam-n'o captivado mais do que a sua jerarchia e talentos as graças nativas e singellas. Por isso, ao encontrar n'uma rapariguita do povo, sem familia e sem cultivo, graças semelhantes, haviam-n'o surprehendido dobradamente, parecendo-lhe um raro phenomeno digno de observação. Tomava Deus por testemunha, comtudo, de que elle não sonhava sequer em comparar as duas mulheres.

Para elle não havia mulher alguma que se podesse medir com Maria. Aquella Fornarina, que elle pagava a tanto por sessão, era bonita, de certo, muito bonita, gracil, captivante... De boa vontade concordava n'isto, com surpreza—pois até então não pensava em tal—mas com puras intenções, e sem outro enthusiasmo mais do que o extasis puro do artista. Absorvido absolutamente pelo amor da sobrinha do cardeal, Raphael d'Urbino não podia imaginar sequer que era elle de quem Fornarina se apaixonára. Raphael não percebêra o alvo dos suspiros da bella mocinha, não déra fé dos

olhares candentes que discreta e medrosamente ella lhe lançava, nem no rubor que lhe acudia ás faces a um elogio que elle lhe fizesse no calor da composição, nos estremecimentos que lhe causava o contacto da mão d'elle, arranjando-lhe melhor uma préga do vestido, ou ao collocar-lhe a formosa cabeça n'uma attitude mais artistica.

—A quem amará ella?—perguntava a si mesmo Raphael, continuando a trabalhar no *Incendio da Villa*, sem se preoccupar com a impressão que o quadro produzira no Papa.

E durante o jantar preoccupou-o ainda a solução d'aquelle problema. Mas, depois de muito cogitar nos nomes dos seus discipulos e dos modelos masculinos que frequentavam o atelier, acabou por desistir de achar resposta satisfactoria áquelle enigma.

—Ora!—exclamou, encolhendo os hombros,—não atino!... Mas no fim de tudo que me importa!...

E estendeu-se sobre uma pelle de tigre para scismar mais a seu sabor, sem dar fé de que obstinadamente o seu espirito se voltava de continuo para a deliciosa scena de Ulysses e de Nausicaa. A abstracção de Raphael estava a ponto de se tornar em sonho, quando uma pancada dada na porta o despertou da contemplação. Quem o chamava era o seu pagem que lhe trazia a luz. O rapaz, que era um moço moreno, bem apessoado, e cujo rosto agradavel provava o bom gosto da moçoila de que fallára Spavento, ficou em pé deante de Raphael, impaciente por que elle lhe désse licença de se retirar, ou então almejando por que o amo saisse, para elle tomar a a licença, de seu livre alvedrio.

—Tens razão,—disse Raphael, que conheceu a causa da impaciencia d'elle—esqueceu-me que tens de ir ás bodas...

O pagem inclinou-se, sorrindo.

—Agora percebo por que me trazes hoje tão cedo a luz...

—Não é por isso, senhor. É que são já dez horas...—disse o pagem, apontando para o relogio.

—Tens razão. Como o tempo vôa, quando se está distrahido!...

E Raphael pensava de si para si:

—Seria esta a primeira vez que tivesse deixado passar a hora do meu passeio debaixo do balcão de Maria.

Aquelle passeio nocturno era para elle o alvo da sua vida, o brilhante remate do dia dedicado á pintura e á Arte.

Mesmo que tivesse visto de dia a sua promettida, quando a noute chegava ia sempre passear em frente do palacio de Bibiena, tinha a certeza de distinguir sempre á mesma janella uma esbelta fórma, cuja sombra tornava mais visivel a luz da lampada da alcova.

—Traze-me o gorro, a capa e a espada—disse o pintor.—Vou sair, e tu depois ficas livre para fazeres o mesmo.

O pagem deu-se pressa em cumprir as ordens, e não poude deixar de admirar o trajo elegante com que seu amo saía ao passeio costumado.

Um fidalgo, que fazia ranger as botas extraordinariamente na rua, vagabundeava por tortuosas calçadas e ruellas. Vinha dos lados do Vaticano, embrulhado n'uma larguissima capa, entre a qual e o chapeirão, de enormes abas, apenas se lobrigava a ponta do nariz. Decerto que deveria ser algum namorado, pois ia murmurando palavras incoherentes acompanhadas de gestos apaixonados, parando ás vezes para enxugar o suor que lhe escorria da face, e outras para se embrulhar melhor na capa. Outras vezes parava tambem, e parecia pôr-se attentamente á escuta. Teria notado acaso um ligeiro ruido, uma especie de rumor sumido de passos, que se ouviam a pouca distancia, detraz d'elle? Não. O que elle parecia escutar avidamente eram as passadas da patrulha, para fugir ás vistas da qual, por duas vezes se escondeu no vão d'uma escada. Porque se arreceria aquelle noctambulo das perguntas da guarda nocturna? Seria o amor que o entibiava, ou seria arrastado acaso para um crime?

Á esquina da rua teve um grande abalroamento com um carro de dimensões colossaes que estava parado, emquanto os cavallos matavam a sêde na larga dórna d'um bebedouro.

— Vae com tento, borrachão! — rechinou uma voz tão rouca, que seria difficil dizer qual dos dous estava de facto mais borracho, se aquelle que alcunhavam de bebado, se quem o alcunhava.

Na verdade, a embriaguez dos dous goliardos era de natureza differente. O fidalgo apressou o passo. Ao principio levou a mão ao cabo do punhal, ao ouvir-se insultar: mas depois, reflectindo melhor, parece que achou asisado fazer ouvidos de mercador. N'este momento, cuidou ouvir atraz de si ruido de passos: parou e prestou attenção: como nada escutou mais, julgando haver-se equivocado, proseguiu, caminhando. Ao cabo de um instante fez alto: pareceu-lhe ter chegado ao ponto aonde se dirigia, e de facto estava deante da casa de Raphael. Respirou ruidosamente. Achava-se então junto d'uma parede não muito alta, que era o muro do jardim. Pela sua attitude deprehendia-se que queria agarrar-se aos ramos d'uma videira que pendiam do muro, para fazer a escalada do jardim, mas que não conseguia deitar mão a elles. Irritado, soltou uma furibunda praga. Acócorou-se e pareceu um momento hesitar: mas depois, como se o aspecto calmo e socegado da rua o tranquillisasse, começou a tactear o sólo com as mãos ambas, como se procurasse qualquer cousa. D'ali a pouco encontrava o que queria, que era dous enormes pedregulhos mal seguros nos alvéolos, que arrancou sem muito custo, e que collocou em cima d'um marco de pedra. Este escabello improvisado, completava a altura requerida, e aprumando-se na ponta dos pés, alcançou por fim os ramos da vide. Depois de ensaiar a resistencia d'elles, ajuntou n'um molho varios galhos, e com um vigor e agilidade de que o não creriam capaz, trepou-se ao muro e bifurcou-se em cima d'elle. Já era tempo, pois o borracho que momentos antes o apostrophara, approximava-se, cantando entre dentes. Ao reconhecer o local em que estava, parou, e pôz-se á escuta, attentamente. Não se ouvia o ruido mais imperceptivel.

O fidalgo aproveitou as varas da vide para descer, assim como se servira d'ellas para subir, e graças a isto, caiu sem violencia sobre a terra humida do jardim.

—Oh! Oh!—murmurou—Se chego um pouco mais tarde, não fazia nada!...

E de facto, atravez dos vidros das janellas que deitavam para o pateo da entrada, e que se enxergavam do jardim, via-se o reflexo d'uma luz que ia descendo a escadaria. O fidalgo então atirou-se para o vão d'uma pequena porta que viu descerrada. Empurrou-a, cautelosamente; a porta abriu-se sem ruido e o homem deslisou pela escada de madeira lavrada. Mas os passos do homem que vinha descendo, escutavam-se com a mesma sonoridade tranquilla, como de quem não déra fé de nada. Era um rapagão moreno, de cabelleira comprida, vestindo uma capa de velludo, sob a qual surdia apenas a ponta da catana; na cabeça, um gorro de velludo tambem, e na mão esquerda um archote, cuja luz dava uns tons encarniçados á mão direita que o resguardava do vento. Os passos d'elle retumbavam sobre a cabeça do desconhecido como se lhe escáqueirassem o craneo. Dentro d'alguns instantes, o grande artista ia de certo dar de cara com o inimigo que o esperava agachado na sombra. O fidalgo desembainhára o punhal que trazia á cinta, mas a lamina tremelicava-lhe na mão.

—Maria!—murmurou Raphael.

Ouvindo isto, o assassino empunhou a adaga com força.

—Desce, desce,—pensou elle—desce á tumba!... Mas apressa-te, porque te quero cravar esse nome na garganta.

Ao mesmo tempo escondia-se léstamente na penumbra.

O artista continuando a descer, chegára, no emtanto, ao ultimo degrau, passára em frente do vão em que se occultava o sicario, e voltando-lhe as costas, dispunha-se a abrir a porta do jardim.

—Comtanto que elle me não veja!...—magicava comsigo o birbante.

E caíu sobre elle, de chofre, dando um pulo. Mas ao saltar fez bulha com os pés, e o outro voltou-se, dando um grito. N'este entrementes, a folha do punhal do scelerado entrava até ao cabo nas costas do pintor. O ferido cambaleou um instante, e o archote caíu-lhe das mãos, no sólo, onde se apagou. A victima, estarrecida de dôr, inclinou-se para traz, e baqueou mesmo nos braços do assassino. Este, ao seu contacto ensanguentado, deu um pulo para traz. O cadaver baqueou então de vez no chão, dando uma violenta pancada nas lagens do páteo. O fidalgo levou a mão trémula ao peito da victima. O coração de Raphael não palpitava. Assustado, o bargante pulou por cima do cadaver, abriu a porta e fugiu para o jardim. Ao impulso do vento, a porta, ao cerrar-se, fez um grande estrugido. O sicario enxugou o sangue das mãos, limpou o punhal e embainhou-o de novo. Mas tremia, como cannas verdes: imaginava que uma grita desconforme de lamentações e de gemidos ía annunciar á Italia inteira que o seu mais famoso pintor acabava de morrer ali, trucidado na escuridão e pelas costas. Espantado, fulminado pelo que acabára de perpetrar, mortificado por aquelle silencio que reinava em roda d'elle, e que lhe parecia mais que tragico, insupportavel, disse quasi em voz alta, fazendo um esforço para não indicar na voz o tremelicar do corpo todo, e que parecia abanar:

—Vamos! Vamos!... Estou maluco!... Ninguem me viu, e portanto estou safo...

Queria pronunciar um outro nome, um nome de mulher: mas não

poude articulal-o. Mirou e remirou bem a rua antes da se aventurar a sair: tudo estava escuro como breu. Escorregou depois então pelo muro, buscando com o pé o marco de pedra, e repetiu de novo para si monotonamente:

—Ninguem me viu!... Ninguem me podia vêr!... Mas, de golpe, sentiu-se agarrado pelas pernas.

Bartholomeu tardára, mais do que a elle lhe parecêra, a vir da ponte d'onde o carro d'elle parára, até á rua para onde deitava a janella da casa de Raphael. Finalmente chegára sem estôrvo e occultara-se em um vão d'escada, tendo grande cuidado em se não deixar pegar no somno. Mas convencendo-se de que se estivesse ali quêdo muito tempo, o somno acabaria por ser mais forte do que elle, pôz-se a dar largas passadas pela rua êrma áquella hora. Nas janellas da casa do pintor enxergava-se ainda luzes, o que claramente indicava que Raphael não saíra ainda. Não tardou porém muito em que a luz desapparecesse, o que era prova de certo de que Raphael se dispunha a saír. Bartholomeu abeirou-se então da portasinha, mas não escutou rumor algum, nem enxergou qualquer luzerna. Que queria aquillo dizer? Acaso teria o jardim duas portas? Para se inteirar bem, Bartholomeu tornou a percorrer a rua, explorando o muro. Encontrando na outra esquina um marco como o que servira ao sicario para trepar ao muro, subiu a elle, e por fim lobrigou que atravez dos vidros da janella da escada uma luz descia, descia, e por fim apagou-se. A noute porém estava tão escura, que ainda que o pintor estivesse no jardim havia de dar trabalho a quem o quizesse enxergar. N'aquella escuridão era difficil averiguar se elle sairia ou não pela outra porta. O melhor seria pois tornar ao primeiro ponto onde se escondêra, e se ao fim de algum tempo Raphael não saisse, ir avisar o chefe e os camaradas. N'esta intenção, voltava já a esquina, quando uma pedra que caiu do muro chamou a attenção para o ponto d'onde proviéra o ruido. Approximou-se, e apesar da escuridão pareceu-lhe vêr, ainda que não se atrevesse a assegural-o de repente, uma fórma humana que se movia em cima do muro. Elle ao principio cuidou sonhar, ou achar-se ainda sob a influencia alcoolica do vinho que despejára nas guelas, mas o ruido procedia da banda da rua e talvez que fosse Raphael que o fazia, ao saír.

—Vou pôr-me á cóca!...—murmurou Bartholomeu.

E, da melhor fórma que poude, imitou o pio lôbrego d'um môcho.

Mas nada respondeu.

—Olá!—exclamou o bandoleiro—não é o chefe! E se não é elle, ó Bartholomeu, se não é elle, quem poderá ser? De certo que é outro...—terminou elle, triumphante, com esta conclusão digna do cavalheiro La Palisse.

Bartholomeu sorriu-se.

Não fôra sem motivo que pensára que não estava ainda completamente sereno, e livre dos vapores do alcool. As pernas tremelicavam-lhe ainda, e os seus raciocinios eram ainda um tanto lerdos e desconchavados.

Mas de repente parou, e levando o indicador ao nariz, exclamou...

—Agora sim, que...

De facto, não se enganava n'este momento. A lua começára a chover do firmamento uma trémula e tenue claridade leitenta, e espancava as sombras em roda. Graças áquella dúbia e doce claridade, podéra distinguir uma fórma humana pendurada no muro.

—Ah! então, afinal, apanho-te com a bocca na botija!—disse approximando-se encolerisado.—Fazeis-me vigiar, e começaes a *obra,* sem me dizer pio!... Mudaram de tenção depois que saí... Aqui está a razão porque entenderam mandar-me safar: era para não levar rasca na assadura!... Para me rapinarem... Pois é obra asseada, limpem as mãos á parede, fazer rapinancia a um collega da parte que lhe tóca!...

Achava-se então mesmo ao sopé do muro.

—Olá, Trogue!—disse elle a meia voz.

E de chofre, subindo ao marco, agarrou na tibia do desconhecido, que Bartholomeu teimava em suppôr algum camarada. Mas o desconhecido não respondeu, nem fez gesto algum.

—Ricci!—exclamou elle então, sempre agarrado á perna do desconhecido nocturno.

Mas egual silencio reinou.

—Olé! E demais, com botas!... Que grande alarve eu sou!... É o capitão... Olá, capitão!...

Mas o individuo, preso pela tibia, continúa n'uma immobilidade que turbava Bartholomeu, sem tugir nem mugir.

—Isto é demais!...—gritava o borracho encolerisando-se e sacudindo ao mesmo tempo pujantemente as pernas do homem pendurado no muro.

Mas o proprietario das pernas, empuxado bruscamente por Bartholomeu, pinchou afinal do muro, e caíu, paf! mesmo em cima dos hombros de Bartholomeu, que com o baque que sentiu cambaleou e rolou atordoado, estatelando-se emfim no lagedo da calçada. Mas o grande borrachão na quéda poude ainda agarrar pela capa o homem do salto, que não queria largar nem á mão de Deus Padre, de fórma que quando o fidalgo incognito se quiz escapulir, achou-se agarrado nem mais nem menos que o casto José por Putiphar.

—E traz capa de velludo!..—exclamou Bartholomeu, indignado.—Canalha! A quem é que tu roubaste depois que eu me vim embora? Talvez essa capa seja de Raphael!...

O fidalgo desconhecido, aqui, estremeceu, sobresaltado.

—Vamos, capitão, responde...

Ao principio o individuo aterrado por este incidente imprevisto, julgára escapar facilmente das mãos do que o surprehendera, deixando-se ficar quedo e silencioso, mas bem depressa a fallacia de Bartholomeu, indicando-lhe com que especie de individuo tinha que se haver, fel-o mudar de tactica, decidindo-o a livrar-se d'elle por meio d'um sopapo.

Uma duvida terrivel o deteve porém, no momento psychologico em que levantava a mão. Foi o nome de Raphael que lhe tolheu o braço, porque Bartholomeu, sempre insistente, perguntou:

—Afinal, já se fez a dita *obra* do tal Raphael?...

Instinctivamente, e sem attender bem no que dizia, o fidalgo retorquiu:

—Não, não!...

—Bem!—exclamou o borracho—porque teria sido uma acção feia não contar commigo...

—De que se tratará?—pensava comsigo o desconhecido.

O Papa sentava-se no leito, e com a mão estendida apontava a janella, interrogando com o olhar e com o gesto.

Cap. XIX.

—E, demais,—continuou o borracho—bem sabeis, capitão, que não é por muito trigo que o anno é mau... Eu não creio que o pintor tenha saído já...

—Hum!—murmurou o fidalgo, não podendo conter esta exclamação.

—Comprehendeste-o tambem d'esta fórma, e é por isso que tocaveis já á retirada.

O incognito regougou qualquer cousa que poderia tomar-se por uma affirmativa.

—Pois então se quereis, vamos esperar os collegas, e todos de roldão entraremos pela portasinha... De sorte que se o tal Raphael quizer mostrar *farronca*...

Bartholomeu, que era de medidas extremas, não completou a phrase, ou para melhor dizer, terminou pittorescamente o seu pensamento, com um gesto impossivel de descrever, mas em que elle queria de certo exprimir isto:—*espatifamol-o, damos-lhe cabo do canastro*...

O fidalgo noctambulo estremeceu de novo. Não lhe restava já duvida alguma. Tratava-se d'uma emboscada. Occorreu-lhe então á ideia que com muita facilidade podia lançar sobre outros a responsabilidade do crime que commettêra. Considerando bem, desesperava-se por não ter esperado meia hora mais: porque n'este caso os outros teriam perpetrado o crime, em vez d'elle—e elle, portanto, ver-se-hia livre do rival, sem ter enlaivado as mãos no seu sangue. Extraordinariamente agitado, não deu mesmo fé de que o borrachão o soltára. Só se convenceu de que estava livre quando o interlocutor lhe ciciou ao ouvido uma phrase inintelligivel, que de certo era algum esclarecimento mais do gesto que fizera para exprimir o destino que estava reservado a Raphael, se elle oppozesse qualquer resistencia.

Acto continuo, tratou de fugir. Não devia perder tempo, porque a lua, alta agora no céo, esclarecia quasi toda a rua. Mas a sua má sorte quiz que o borracho, admirado de não obter a resposta que as palavras d'elle requeriam forçosamente, pôz-se a observar com attenção aquelle que elle se obstinava em tomar por chefe. Este, que lhe adivinhou o pensamento, sentindo penetral-o o olhar suspeitoso d'elle, resolvido a jogar as ultimas, affastou o rapinante com um pujante tabéfe, e pinchou pelas ruas fóra com pernas de perdigueiro. A luz da lua deu-lhe de chapa na face.

—É um fidalgo!...—exclamou Bartholomeu, estupefacto.

E, arrependido de ter dado larga ás suas expansões, accrescentou:

—E eu que lhe contei tudo!...

E desembainhando a catana, caiu de arremettida sobre o fugitivo, que se voltára para vêr se o perseguiam, e atirou-lhe um terrivel golpe apontado ao peito.

O fidalgo, com celeridade egual á do ataque, fugiu com o corpo, atirou-se ao chão, e, rolando, foi parar aos pés de Bartholomeu, que, tropeçando no fidalgo tambem, rebolou pela calçada, de venta em terra.

—A mim!—regougou elle.

Na queda, a catana escapara-lhe das mãos indo cravar-se entre as juntas das pedras da rua. O fidalgo, mal viu o sicario sem espada, apoderou-se d'ella: mas apenas teve tempo de se voltar, porque tres melcatrefes, attrahidos pelo grito do collega, acudiram prestes em seu auxilio, e teve então logar um grande e desconforme sarrabulho. Na baralha, o fidalgo perdêra ou lhe caíra a sua cabelleira de caracoes, e mau grado o bigode talvez postiço parecia-se tanto com o Papa, que todos diriam que era elle em pessoa, ou seu primo, o cardeal, ou o seu dilecto sobrinho.

Mas o primo não podia ser, porque prégava áquella hora n'uma capella de monjas, e quanto ao sobrinho, esse, encafuado no quarto, lia attenta-

mente a conspiração de Bruto e Cassio contra Cesar. Todas as probabilidades, pois, eram de que fosse aquelle o Papa;—e o cuidado com que obstinadamente se escondia na sombra confirmava a suspeita de que aquella era mais umas das mil aventuras nocturnas a que era attreito Sua Santidade. De facto, aquella tactica de se conservar na penumbra era de muita habilidade: porque, ao mesmo tempo que n'ella se escondia e deixava os inimigos em plena luz, era um meio seguro de vêr bem e não ser visto, o que augmentava as suas probabilidades de exito na lucta.

O Papa, pois que era o Papa quem se via embrulhado n'aquelle sarapatel, era muito dextro e habil no manejo d'espada: e n'aquella occasião dava provas sobejas d'isso. Muito dado aos exercicios corporaes, era muito frequente vêl-o passar dias e dias inteiros entregue ás caçadas do gamo e do javali, nas margens agrestes de Civitta-Vecchia. As mais das vezes, era elle que excitado no ardor da perseguição cynegetica, adeantava-se a todos os fidalgos da comitiva, e entregava-se ao prazer perigoso e mortal de luctar com a besta-féra, corpo a corpo, até varejar-lhe com a faca de mato o coração. Não era pois motivo para surprezas que fizesse agora face, corajosamente, aos tres espadachins conloiados. Bartholomeu, aturdido ainda da pancada, conservava-se estatelado na rua, sem se atrever a levantar-se.

—Safardana! Javardo!—gritava Spavento caíndo a fundo, furioso.—Vou-te enterrar este chifarote nas guellas!... Viu-se já tal filaucia e descaro!... Atacar honrados transeuntes que regressavam a suas casas, a cear com a familia... Já não póde um cidadão honesto dar um passeiosinho á noute a tomar o fresco... Pois toma lá este trunfo... Apanha isto, birbante... Toma para o teu tabaco, marau... Apara lá este bóte, bigorrilhas...

Mas quem recebeu primeiro o bóte foi elle, porque tropeçou ou metteu o pé no buraco que haviam deixado os calhaus levantados por Bartholomeu: escorregou, e arrastado pelo movimento que fizera para ferir o Papa, cahiu para deante, estendendo tanto os braços que o Papa, para não ser atravessado pela espada d'elle, teve que dar um salto atraz. Spavento rebolava no chão, mordendo a terra, sem largar mão da espada, que o Papa teve que quebrar, pondo-lhe fortemente o pé em cima. Spavento soltou um uivo de dôr, como se lhe tivessem arrancado os olhos da cara.

—Miseravel!—regougou—atrevêr-se a quebrar uma folha tão magnifica como aquella!... Se fosse Papa excommungava-te!...

Empunhando um fragmento da catana, pôz-se de pé, e com a agilidade duplicada pela furia, atacou o adversario, excitando ao mesmo tempo os dous companheiros. O Papa recuava sempre, defendendo-se, e conseguira ferir Ricci que, bastante impetuoso no ataque, não tratava de cobrir o corpo. Apesar d'isto, a lucta proseguia sempre desegual entre elle e os adversarios. Além d'isso a rua era em declive, e bastante aprumada, e aquella retirada ás recúas podia-lhe ser fatal. Duas vezes esteve em risco imminente de cair, e se caisse de certo que se não levantaria mais, porque as espadas dos espadachins tel-o-hiam cravado no chão antes que elle tivesse tempo de levantar-se.

Refeito do susto e da queda, o borrachão Bartholomeu alçara-se tambem de pé, encorporara-se aos collegas, e portanto os sicarios que ata-

cavam o Pontifice eram ao todo agora quatro. Leão X continuava recuando.

A lua occultára-se de traz das nuvens, mas esta escuridão, se o favorecia, prejudicava-o tambem. Virar as costas aos desalmados e deitar a correr, esperando que o acaso os fizesse caír nas garras da policia, era arriscado em demasia. Além d'outros riscos, nada o garantia de que a espada d'algum d'aquelles tunantes não o perfurasse pelas costas. Exhausto já, com o braço moido d'aquelle exercicio violento, ia comtudo tomar esta determinação, coagido pela crescente fúria dos espadachins refilões: ia já a voltar costas, quando deu um grito de raiva. Era o caso que, da extremidade da rua por onde esperava fugir, surdia-lhe um quinto adversario. Não lhe ficava outro recurso mais que dar-se a conhecer, correndo o risco de por esta fórma se denunciar como assassino de Raphael. No proprio momento em que ia abrir a bocca, para o fazer, foi atirado ao chão por possante e máscula manapola, desarmado, e emquanto o diabo esfrega um olho, impossibilitado completamente de defender-se e de fugir.

—Maldição!...—vociferou elle.

Fizeram-lhe uma mordaça com um lenço, que ao mesmo tempo lhe tapava a cara e a bocca, e de tal modo, que á primeira vista era difficil ser reconhecido. Spavento e os companheiros rodeavam-no.

—Honrado taberneiro!—exclamavam elles—Prestou-nos um serviço!...

Com effeito, na tréva desenhava-se o vulto do dono da baiúca, que, a avaliar pela força dos másculos pulsos que haviam atirado ao chão o Papa como se fosse uma penna, era um excellente camarada dos rapinantes, para aquella especie de baralhas e sarrabulhos.

—Emfim, caiu-nos nas unhas!...—dizia Spavento. Ah, sacripante do diabo!... Agora vaes-nos pagar caro o negociarrão que nos fazes perder!...

—E o gilvaz que me fizeste!...—roncou Ricci.

—E a minha coxella!...—ajuntou Trogue, que avançou, coxeando.

—E as minhas costellas escavacadas!—carpiu queixosamente Bartholomeu.

—E a minha espada partida, a minha velha e rica espada de combate, cujos cópos ostentam cento e onze signaes, prova evidente de cento e onze... victorias!

E de golpe, ao mesmo tempo, trez catanas e um fragmento de catana se apoiaram no peito do vencido.

—Párem!—ordenou o tasqueiro, em voz baixa.

—O que ha?—perguntaram, á uma, os quatro.

—Olhem! acabo de despejar-lhe as algibeiras—tornou o interpellado, fazendo soar o ouro dos escudos.

—Dinheiro!—melodiaram quatro vozes, de subito enternecidas.

—Este homem é um aristocrata—tornou o taberneiro, fallando sempre em voz baixa, por cautella—se quereis acreditar nas minhas luzes, não o entregaremos á familia, se não virmos primeiro nas unhas um bom resgate...

—Ahi é que está a cousa!

—Rica idêa!

—Tem instrucção este tasqueiro!... Hurrah! pelo tasqueiro!...

E Spavento corria a apertar-lhe a mão, quando este, retirando-a, fez um signal com o dedo indicador nos labios, impondo silencio. Ouvia-se estrupido d'armas e de passos precipitados.

—A patrulha!

—Maldito seja Hochstratten—ajuntou Spavento.

Os rapinantes estavam contristados por este successo contrario.

—Levemos o homemsinho á taberna—alvitrou o capitão.

—Nada de chalaças...—objectou o tasqueiro—os soldados poderiam ouvir-nos...

—Então que faremos?...

—A quem pertence o carro?...

O taberneiro designava o carro que estava parado perto da fonte.

—É nosso—retorquiu Spavento.

—Pois levemos até lá em charola o fidalgo... Cocheiro, toca a girar...

—Teremos tempo?...

—Sim, por este lado, a rua está desimpedida...

Todo este dialogo fôra ciciado quasi, dito em voz sumida; mas foi n'um abrir e fechar d'olhos executado.

Os espadachins agarraram em Leão X, uns pelas pernas, outros pela cabeça, e transportaram-no até ao carro, para onde o atiraram como quem atira uma trouxa.

—Depressa!... Toca a girar!—ordenou Spavento, estimulando Ricci que tinha já as redeas na mão.—Tens nas unhas o pingalim?... Pois prova-nos que sabes servir-te d'elle... O ponto onde nos devemos encontrar é nas *Tres pontas*... E roda...

Depois, voltando-se para os outros da vida airada, disse-lhes:

—Tu, patrão da tasca, mette-te dentro, e olho no preso... Levas nas tuas mãos Spavento e a sua fortuna...

—Não tenhas cuidado... Não ha-de ser por culpa minha que elle se ha-de perder!...

—Quero crer... Nós cá vamos á locanda buscar as nossas farpellas, e depois saíremos pela porta da frente...

—Roda...

E os tres, quer dizer Spavento, Trogue e o proprio Bartholomeu, a quem infundia valor o medo da patrulha, desappareceram pela viella. Entretanto, os cavallos fustigados rijamente, fizeram um esforço desesperadissimo para puxar o carro; mas o carro não se mexeu.

O locandeiro, em quanto accommodava o preso dentro do vehiculo, impaciente por este caso imprevisto, praguejava como um endemoninhado:

—Trovões e raios!—regougava elle—Se isto dura um minuto mais, estamos perdidos!

Por mais que o cocheiro vergalhasse as pilecas, não já com a pita do pingalim, mas com o mesmo cabo do chicote, as pobres peruas não arredavam as patas, e relinchavam dolorosamente.

Entretanto, a patrulha acercava-se, e Ricci, desesperado, dando-se a todos os diabos, dispunha-se a descer da almofada.

—Tu não reparas, alarve, que a roda está presa no marco de pedra,

Ricci puxou os lóros em direcção contraria: mas em quanto os rocins faziam esforços desesperados para puxar, o preso dentro do carro pensava, e pensava da mesma fórma o cocheiro, que era preciso que o tasqueiro sentisse um medo dos diabos para que a voz lhe tremelicasse tão extraordinariamente. N'este momento a patrulha parára na extremidade da outra rua, em quanto que na taberna se ouviam furiosos e desabalados gritos.

—Sús! Sús!—gritava Spavento. Ha-de pagar-nos cara a chalaça!...

—Lá deram com o outro!...—resmoneava o taberneiro entre dentes.

Trogue e Bartholomeu corriam atraz do capitão. E os tres foram então testemunhas d'um espectaculo extranho. O taberneiro saltou do carro, precipitou-se sobre a roda, levantou-a e quasi a separou do eixo.

—A ti, mata! mata!—gritava o espadachim.

—A ti é que te toca, Ricci—gritavam os outros, correndo tambem, esbufando.

Spavento, furioso, fazia signaes ao cocheiro, agitando uma trouxa de trapos que trazia na mão. Faltava-lhes porém muito caminho que correr, antes que alcançassem o carro.

E antes que Ricci se tivesse voltado, para vêr qual era a causa d'aquella grita toda, d'aquelle berreiro infernal, recebeu uma funda punhalada pelas costas. Então o taberneiro, com as mãos enlaivadas e escorrendo sangue, atirou-o para fóra da almofada, baldeando-o na calçada da rua. Parecia que estava morto, ou proximo a dar o arranco final: comtudo, na convulsão ultima, a mão crispada já, procurava ainda aferrar-se nervosamente ao carro. O taberneiro, então, decepou esta mão desesperada e angustiosa. O corpo baqueou inerte. O taberneiro escalou a almofada, apoderando-se do chicote e dos lóros.

Os cavallos açoutados, soltando relinchos de dôr, deitaram então a galope rasgado, atropelando o cadaver de Ricci.

—Pelas tripas do Papa!—rugia Trogue.

—Será isto obra do diabo?...—pensava comsigo Bartholomeu, recorrendo ao seu inexgotavel reportorio de doestos.

Ora eis aqui o que motivava a cólera e a furia dos rapinantes.

Ao entrarem a soleira da baiúca, onde os vimos esvasiar a undecima garrafa, os tres bandoleiros, como se todos tivessem tropeçado, cahiram uns sobre os outros.

—Quem me empurrou?...—perguntou Spavento.—Foste tu?...

—Não! Foi aquelle.

—Perdão, não fui eu. Foi o capitão que escorregou.

—Fica sabendo que eu não escorrego...

E ia accrescentar nunca, quando por um pouco não vae de venta a terra.

—Agora, sim! É a primeira vez que escorrego na minha existencia...

Os tres acurvaram-se então para o chão, a vêrem a causa que os fizera a todos tropeçar. E todos soltaram um grito unico, com tres modulações diversas, mas todas exprimindo o assombro e o horror.

—Um cadaver!...

De facto, um cadaver semi-nú jazia sobre o pavimento.

—Accendam a lampada!—gritou Spavento, inclinando-se para reconhecer o morto.

E em voz baixa resmoneava: — Este ventre... estas pernas... esta barba... Se ha pouco ainda o não tivesse visto acudir em nosso auxilio tão a proposito, juraria que...

Bartholomeu approximou a luz da face livida do morto...

— É o taberneiro! — exclamaram, em côro, os trez.

Não havia duvida, com effeito. Era o tasqueiro em pessoa, o fundador do *Tio Tibre*, o inventor do bacalhau com nabos. Ferido com um golpe fundissimo que lhe cortára as duas carótidas e penetrára até ao fundo da garganta, o bodegueiro jazia quasi decapitado, n'um lago de sangue, que, como uma auréola sinistra, o circumdava. Tão colerico estava Spavento, que nem se lembrou de honrar o defuncto com uma oração funebre.

— O malcatrêfe, — murmurou elle — roubou-lhe o fato e veio ainda burlar a gente...

Ebrio de furor, com o troço da espada ainda em punho, precipitou-se na direcção da ruella, não sem ter lançado préviamente a mão a um rolo sellado que encontrou atraz do mostrador.

O barulho do carro rodando sobre a calçada, arrastado por cavallos desbocados que arrancavam chispas dos calhaus, por onde elle batia, ferindo lume, e sobretudo aquella individualidade mysteriosa que, disfarçado com o fato do locandeiro que chacinára, acabava n'aquelle instante de assassinar o cocheiro tambem, apoderando-se da almofada e do pingalim, tudo isto, que se assemelhava a uma visão apocalyptica, havia gelado o sangue de Trogue e de Bartholomeu, que permaneciam immoveis e como que especados na rua, de tal maneira assarapolhados que esqueceram completamente a patrulha que se abeirava d'elles.

Mas assim que ella se approximou, deu-lhes motivo a arrependerem-se d'este olvido. Chegou alguma cousa tarde, é verdade, segundo é uso e costume de todas as patrulhas que respeitam os habitos da classe; mas comtudo chegou ainda a tempo de catrafilar os dous malandrinos, operação que não offereceu difficuldade alguma.

— E Spavento?... — pensava Trogue comsigo.

Spavento desapparecêra, eclipsára-se. Quando a patrulha, levando sob custodia os dous presos, se entranhou pela ruella, o official saudou com a espada um frade de edade provecta, barba branca, pronunciadamente barrigudo, que vinha em sentido contrario, a face completamente escondida pelo capuz.

— Não encontraste, irmão — perguntou o official — nenhuma pessoa suspeita na locanda?

— Ah! — respondeu o frade, com voz tremula — n'essa locanda não ha mais que o cadaver do pobre dono d'ella, e que acabei de confessar.

— Morreu? — perguntou o official.

— Receio-o muito — respondeu o frade.

— Então, pelo que vejo, esta rua é a rua dos assassinatos. Ali, n'aquelle canto, jaz tambem o cadaver d'um rapaz.

— Ah! — ululou o frade — vou orar por elle, a seu lado.

E proseguindo seu caminho, murmurou piamente:

— Deus chama á sua presença, quando lhe apraz, tanto o velho de barba branca, como o moço respirando vida e pujança...

E voltou-se, para deitar a benção á patrulha, que se inclinou, assim como os dous galopins presos, que inclinaram religiosamente a cabeça. O frade desappareceu, resmungando entre dentes:

—Tanto os moços cheios de saude e pujança, como os tasqueiros, mais barrigudos do que pipas, como as patrulhas, são todos mais burros do que os proprios burros!...

Spavento previra tudo isto. Spavento era sempre o mesmo fino marau.

CAPITULO XIX

O Duende

O carro corria á desfilada, fazendo saltar chispas de lume das pedras da cidade de Roma entregue ao somno. Leão X, atado de pés e mãos, na impossibilidade absoluta de ficar sentado com os balanços formidaveis do carro, rolára para o fundo do dito. A mordaça asphixiava-o. E ainda com risco de ser reconhecido, quando os tunantes que o levavam preso lhe desatassem os laços que o prendiam, esfregava a face pelas almofadas do carro, conseguindo finalmente que o lenço que servia de mordaça caísse e que podesse respirar desafogadamente. O bigode postiço incommodava-o muito tambem; mas não achava meio de o arrancar.

Que catastrophe aquella que succedera ao Pontifice, e como os remorsos o cruciavam! Nem mesmo queria pensar nas consequencias d'aquelle acto! Que escandalo o do dia seguinte, se antes de romper o dia, os seus roubadores o não matassem primeiro!... Os cavallos, entrementes, continuavam desesperadamente galopando, fustigados pelo latego e pela voz do cocheiro improvisado. Que desgraça, ter caído precisamente nas mãos dos que conspiravam contra Raphael!

E ao chegar a este ponto dos seus pensamentos parou um instante e em seguida proseguiu:

—Precisamente nas mãos d'uma quadrilha de malandrinos, ávidos de capturarem ricos e praticarem roubos valiosos!...

E o perigo da situação fazia que o Papa deplorasse aquelle desastrado amor pela bella Maria, amaldiçoasse aquella paixão dementada que o levára a abicar-se no pégo onde actualmente se achava despenhado. Ah, como o esbarrondeiro em que caíra lhe fazia terrivelmente expiar a sua demencia!...

Mas, sem o poder agora remediar, o pensamento d'elle girava sempre no mesmo circulo: e tornavam-se-lhe cada vez mais insupportaveis estas e outras idêas, a cada giro das rodas vertiginosas do carro. Baldadamente procurava considerar o seu caso apenas sob o aspecto do ridiculo, e não deplorar em todo aquelle successo senão a sua dignidade compromettida, e o escandalo que rebentaria no dia seguinte na cidade, quando se evidenciasse que o Papa Leão X fôra raptado na noute passada por uns réfeces larapios.

O Papa não podia affastar da mente a idêa de que todos relacionariam a sua aventura, com a outra... Todos perguntariam certamente, a rasão d'aquelle disfarce do Pontifice. Não haveria meio tambem de pretextar uma aventura amorosa, por quanto aquelle gatuno borracho de Bartholomeu o vira bifurcado no muro da casa de Raphael. Aquelle sacripanta de certo que palraria sem duvida do caso, e não hesitaria em accusar o o Papa, com tanto que se desculpasse a si. E ao passo que se descobriria a chacina do pintor, averiguar-se-hia que quem o chacinára fôra...

Esta idêa inundava-o de suores frios, e os olhos cerravam-se-lhe, como se quizessem furtar-se á contemplação dos espectros que se levantavam ameaçadoramente na consciencia. Se podesse atirar-se ao menos entre as rodas do carro, e escaveirar o craneo debaixo d'ellas, para evitar assim a reprovação eterna que ficaria ligada ao seu nome, como a sombra ao corpo!...

Pelo ruido que sobre a calçada produziam as patas dos cavallos pareceu-lhe conhecer que estava ainda na cidade e não no campo, em planicie larga, como era logico suppôr depois de tão endiabrada carreira. O carro, de repente, abrandou a andadura, e n'este momento figurou-se-lhe que caminhava debaixo d'uma abobada, porque o ecco das patas dos rocins repercutia-se sonoramente. Emfim parou, e Leão X ouviu o cocheiro saltar da almofada.

Chegou pois ao termo.

Mas aonde estará? O que farão d'elle? A portinhola do trem abriu-se, mas a noute continuava extraordinariamente cerrada. Viu estender-se uma comprida mão, ás apalpadellas, e sentiu sobre o pescoço o frio glacial d'uma arma branca. Terão acaso mudado de aviso os melcatréfes? Quererão desfazer-se d'elle? Quererão talvez atirar ao Tibre o seu cadaver, e é para isso que o trouxeram para debaixo do arco d'uma ponte?... Mas, com pasmo d'elle, cortam-lhe os laços, e o Papa pôde estiraçar os membros entorpecidos.

—Vinde, monsenhor!...—murmurou baixo uma voz.

Visto isso, conhecem-n'o. Sabem quem elle é. E Leão X julgou conhecer aquelle metal de voz: mas, apesar d'isso, continuou a vêr na frente um vulgar locandeiro d'avental branco! aquelle mesmo de certo que o amordaçou, e que agora tem a audacia, o marau! de o desamordaçar, e de lhe cortar as ataduras. O sicario parecia ter esquecido, assim como o Pontifice, que elle ainda trazia á cinta um estylete envenenado. Mas de chofre, a idêa accudiu a ambos; e o taberneiro, mais lésto do que o Papa, arrancou-lhe a arma, ficando assim á discripção do que elle suppunha um bandido. Terá elle a certeza de que o Papa é o seu prisioneiro?

O homem fez um signal, e Leão X, aturdido, obedeceu, seguindo o des-

conhecido. Entrou por uma pequena porta, sem oppôr resistencia alguma, o que seria rematada loucura, attendendo ao extranho espectaculo que se lhe ía offerecer. Apesar do cerrado da noute, e da confusão que lhe perturbava o cerebro, juron reconhecer o aspecto dos logares que o rodeiavam. A porta cerrou-se atraz dos dous; e o Papa sentiu debaixo dos pés um fofo e macio tapete. A sala em que entraram estava ás escuras, silenciosa. Estariam sós? N'este instante uma duvida terrivel, cruciante, devorou Leão X. Teriam acaso descoberto já o seu attentado? O locandeiro não seria acaso um amigo do pintor disfarçado? Conduzil-o-hiam acaso junto de Raphael, para o acarear com a victima? A todas estas duvidas e terrores o Papa sentiu correr-lhe a espinha um arrepio algido de horror.

De repente accendeu-se uma lampada, e tão viva claridade illuminou o aposento que Leão X teve que fechar os olhos. Quando de novo os abriu, escapou-se-lhe do peito um intimo suspiro de jubilo e assombro. Os moveis, os tapetes, os quadros sacros, tudo aquillo lhe mostrava que estava de novo no Vaticano, no gabinete mesmo em que tivera horas antes a entrevista com Mohammed.

—Mas estou em casa!...—clamou em voz alta, e respirando com força um grande hausto de ar, como se sentisse alliviado d'um pezo enorme que lhe opprimisse o peito.

—Sim, monsenhor!—respondeu uma voz: e, causa de pasmo, essa voz era a voz do tasqueiro!

—Hochstratten!...—exclamou o Papa, reconhecendo-o.

Era Hochstratten em pessoa, o grande inquisidor em carne e osso, mas completamente disfarçado sob o seu trajo picaresco e ridiculo. Trazia até um ventre mais pançudo, do que do costume, e cuja causa se reconheceu facilmente, ao vêl-o desembaraçar-se muito lépidamente d'um almofadão que escondia debaixo do alvo avental de tasqueiro. O Pontifice comprehendeu então o mysterio de todo o succedido. Tanto a intervenção do taberneiro como o carro de batida, a mordaça, tudo se explicava nitidamente e mais alvo do que a neve ou um arroio cristallino.

—Ah! meu caro Hochstratten!...—clamou Sua Santidade, n'um enternecimento—sem ti, estava tudo perdido!...

—Assim me parece!—respondeu o inquisidor com a sua voz rude.—Pelo menos estaveis deshonrado

Leão X ao ouvir estas palavras asperas, mas veridicas, curvou a cabeça, emmudecido, envergonhado, como a creança surprehendida a commetter uma feia maldade e resignada pacientemente a ouvir as censuras paternas.

—Seguiu-me!—pensou elle comsigo.—Seguiu-me até lá, ou adivinhou o que eu ia lá fazer.

E assim se poderia deprehender talvez da attitude imponente do inquisidor, vista a maneira como elle levantava a cabeça com orgulho, e os tons rudes e severos da voz, o que não podia provir só da arrogancia e da consciencia do serviço prestado.

—Para que se lembrou, monsenhor—disse Hochstratten—de vaguear pelas ruas de Roma a taes deshoras, e com semelhante fato?... Se por casualidade o não tenho seguido, se não me tenho atrevido a seguil-o

ainda em risco de incorrer na vossa maldição, na vossa vingança e cólera, palavra! que vos achaveis n'uma entalação bonita!...

E Hochstratten guardou intencional silencio, como para dar tempo a que o dardo penetrasse mais entranhadamente, rasgasse mais a carne, e fizesse sangue.

Depois de uma demorada pausa, continuou, espaçando e accentuando muito as palavras:

—Que motivo tão forte foi esse que vos obrigou a obrar, sem communicar o projecto a ninguem?... Porque desconfiastes, repentinamente, dos vossos confidentes habituaes?... Não deverieis ignorar que a cidade está inçada de rapinantes e valdevinos!... Por um pouco que não sois victima de taes maraus!

A cumplicidade aproximava as distancias entre ambos.

—Sabe tudo!—magicava o Pontifice.

—Sem attenderdes—proseguiu o grande inquisidor—que o maior perigo não estava da parte de dentro do jardim, mas de fóra.

O Papa pozéra-se de pé, erecto. O seu olhar encontrou-se com o de Hochstratten, penetrante e acerádo como um gume. Hochstratten estava n'uma situação delicada. Ia perguntar a unica cousa que realmente lhe merecia interesse, e não ousava, comtudo, elle que não era nada timido. Um nome de mulher, aquelle que lhe martellára o cerebro toda a noute, em quanto seguira o Pontifice, accudia-lhe aos labios... mas não queria apresentar brutalmente a questão de chofre. Em primeiro logar, porque corria o risco de não receber resposta, e em segundo, porque não se achava com forças de o proferir, com receio de que a emoção o traísse, e lhe denunciasse o ciume e o interesse que tinha na aventura. Leão X mortificado por aquelle silencio, dominado pela catadura fria do frade, escutava-o attentamente, perguntando de si para si:

—Não seria melhor abreviar o interrogatorio, e revelar-lhe tudo, que, de resto, elle sabe já?... Acaba de me dar uma grande prova de affeição, e talvez que elle descubra um meio de evitar as consequencias do crime... Ia, emfim, fallar; passeando agitadamente pela sala, em que o calor asphixiava, abrira uma janella que deitava para a rua, e um tanto mais pacificado pelo fresco do sereno nocturno e o aspecto do céo que rutilava, semeado de constellações, predispunha-se a contar-lhe tudo, mas o inquisidor não lhe deu tempo.

—Era alguma mulher que vos levava a entrar áquellas deshoras, em casa de Raphael?...

—Pois bem, sim!—respondeu o Papa entre dentes—Sim! Era por causa d'uma mulher!...

Ainda não dizia tudo; mas ia em caminho direito.

Hochstratten estremeceu. Não era possivel que áquella hora estivesse em casa de Raphael outra mulher, a não ser aquella cujo nome bastava a escaldar-lhe o labio. Só a idêa de que ella estaria lá talvez áquella hora ferir-o no mais intimo, produzindo-lhe novos ataques de zelos, e no peito desencadeou-se-lhe violenta cólera contra aquella cujo olhar o fazia estremecer, a elle—o frade feroz. O seu amor insensato rebentou então n'um grito de despeito.

—Podieis bem chamal-a uma rapariga...

—Desgraçado!—esbravejou o Papa.

—Causa-vos admiração?... Não acreditaes que seja de facto a manceba de Raphael?...

O Papa interrompeu então *ex abrupto,* de golpe, os seus passeios pela alcova.

—Cala-te! Não digas uma palavra mais!—ordenou, com imperio.—Dize de mim o que quizeres, que sou um doudo, um mentecapto, um... Mas não insultes Maria de Bibiena...

Ao proferir o seu nome, dizendo isto n'um ésto sincero de paixão, quasi que juntou as mãos supplices.

—Maria?...—murmurou Hochstratten.—É Maria que elle ama!...

Respirou com satisfação e força um largo hausto d'ar. Liberto d'aquelle cuidado, recuperou a sua freima habitual, o seu sangue frio.

Não dando a perceber que ignorava isto, accrescentou:

—Basta, calo-me já. Mas não foste vós que déste a entender que ella era amante de Raphael, dizendo que ella estava em casa d'elle, ás dez horas da noute, quando já não ha visitas nem creados?...

—Quem te disse que ella estivesse lá?

—Vós, que declaraes ter ido procural-a...

—Fui lá por ella, ou por causa d'ella, como queiras—replicou o Papa, a quem molestavam já aquellas perguntas, que reputava outras tantas insidias.

E bruscamente accrescentou:

—Bem deves comprehender que não era para ella que destinava isso que tu revolves entre as mãos...

Estas palavras disse-as, coléricas, sentindo infinitamente ter sido coagido a dizel-as.

O que Hochstratten revolvia entre as mãos era o punhal, e revolvia-o olhando-o curiosamente como homem que quer dar a entender que ignora absolutamente o uso d'esses instrumentos curtos, cobertos d'uma baínha cinzelada por Mohammed.

Na realidade, o inquisidor não fazia mais do que vêr se podia dissimular a sua turbação—pois, pela primeira vez na sua vida, haviam-n'o conseguido espantar. A idêa do homicidio de Raphael, que elle reputava seu rival, não lhe tinha nunca cruzado o cerebro.

Via-se, portanto, excedido na audacia do crime, e com voz trémula, a seu pesar, sem atrever-se a levantar os olhos, perguntou:

—De modo que, então...

Não disse mais, e um grito, como que um rouco grito de agonia, expirou-lhe nas fauces.

Leão X, saltando sobre elle, rapido e lésto como um gato, arrancara-lhe das mãos a lamina envenenada, e brandia-a ameaçadoramente. O Pontifice queria mostrar-lhe unicamente uma gotta de sangue que malhava a extremidade do afiado punhal. Mas o inquisidor recuou com taes mostras de espanto, que Leão X comprehendeu que aquelle homem, cujas mãos todavia estavam maculadas de sangue, sentia n'aquelle momento por elle uma grande repulsão e implacavel desprezo: e então, de repente,

esporeado de furor, levantou o braço e brandiu a arma terrivel, da qual o mais leve attrito apenas bastava a causar a morte. E, voltando a cara, ia para a enterrar no coração do frade.

De subito, porém, o braço ficou parado, os olhos dilataram-se-lhe, abriu a bocca desmesuradamente, deixou cair o punhal no chão, e estarrecido, immovel, como que especado no sobrado, com o dedo apontava indicando, preza de um invencivel terror, qualquer cousa que acabava d'enxergar na rua.

—É a sua sombra!...—gaguejou.—É a sua sombra!...

Hochstratten, depois de apanhar o punhal, voltou os olhos na direcção em que o dedo do Pontifice ainda apontava. Á tibia claridade da lua, andando vagarosamente rente d'uma parede, em que a sombra d'elle se projectava, o inquisidor viu um homem caminhando, cujo andar e pórte recordavam a graça e elegancia de Raphael. Tinha a mesma estatura, o mesmo andar; usava como elle o cabello comprido e fluctuante, trazia como elle um gorro de velludo, e uma capa semelhante á d'elle.

Indubitavelmente era o seu espectro, porque de mais a mais levava de vez em quando a mão ao peito, como para conter o sangue d'uma ferida, e suspirava, caminhando.

Se Hochstratten não tivesse adivinhado já o tragico segredo do Papa, teria ficado inteirado d'elle, vendo os estremeções que o sacudiam e a lividez que lhe invadia o rosto. Leão X não tirava os olhos d'aquella visão sangrenta. No momento em que o duende parava e estendia o braço para o céo, com os olhos alçados, como para fazer alguma jura, o Papa estendeu o braço tambem, e baqueou em seguida no pavimento.

—Fiz bem—disse de si para si o grande inquisidor.—Se não tenho tido a cautella de apanhar o punhal, talvez elle o tivesse enterrado em si mesmo quando caíu, e o Conclave teria que fazer a eleição de um outro Papa... Diabo!... Isso é que não me convinha de modo algum... A este tenho-o eu seguro e bem seguro, sobretudo agora...

E pensando isto, fez vibrar um timbre, escondendo primeiro n'um cofre o punhal e o trajo que servira para Leão X se disfarçar.

No mesmo instante appareceu um familiar.

—Trazei sáes—ordenou o frade.

O camarista, que era um homem do mundo, grande perito na maneira de curar as syncopes das mulheres, tirou um frasco da algibeira, e vendo que era o proprio Pontifice quem carecia do seu auxilio, acurvou-se sobre elle, dispondo-se a fazel-o voltar a si.

—Mandae um pagem—disse Hochstratten—da minha parte, saber se o homem que ali vae é Raphael. Se fôr elle, o pagem deverá dizer-lhe, sempre da minha parte...

E aqui baixou a voz, ciciando o resto da phrase ao ouvido do camarista. Este inclinou-se, e saíu.

—Vamos a vêr— murmurou Hochstratten, se acaso morreu devéras. Depois das commoções d'esta noute, com a bréca! não seria para extranhar...

O grande inquisidor pôz a mão sobre o peito do Papa.

—Sim senhor, o coração palpita—disse, sentando-se, depois de rapida

analyse — já abre os olhos... Ah! bem póde dizer que me pregou um bello susto...

O Papa levantou-se por fim: mas com o braço indicava ainda a janella, interrogando o inquisidor com os olhos e com o gesto, ao mesmo tempo.

— Vamos, basta — disse Hochstratten. — Agora encostae-vos um pouco e não penseis em mais nada. Tendes muita necessidade de descanso.

Spavento tinha amarrado o joven fidalgo a uma das rodas da carruagem, revistara-lhe os bolsos e as malas, e fizera mão baixa sobre o segundo alasão da vara.

Cap. xx.

Mas Leão X insistia:

— O espectro... Quero vel-o... Onde está o seu espectro?...

Isto ha-de acabar por uma vez — pensou o grande inquisidor — se não acaba por ficar doudo e varrido. E accrescentou em voz alta, sorrindo, para pacificar o Papa.

— O espectro? Qual espectro?... Acreditaes então em avejões e avantesmas, vós que com muita rasão não acreditaes em milagres? Não olheis para mim, com olhos esgazeados e de pasmo... Nada mais simples...

Leão X pozéra-se de pé.

— Então, — disse elle — o que é feito d'aquelle individuo que passeava debaixo d'esta janella?... Eu não sonhei... Vi-o muito bem...

E contra o desejo de Hochstratten abeirou-se da janella, e gritou:

— Misericordia!... ainda o vejo!...

— Sim é, verdade — respondeu Hochstratten — mas já o não vêdes sósinho...

— É certo!... — murmurou o Pontifice.

— O moço que falla com elle é um pagem do palacio.

— Mas eu não quero que lhe falle — interrompeu Leão X vivamente.

— Não vos precipiteis. Sabeis acaso o que elle lhe diz?

— E tu sabes?

— Perfeitamente, visto que o preveni da minha parte que a patrulha acaba de prender uns rapinantes que escalaram o muro do seu jardim.

— E atreveste-te?...

— Isto teria occorrido a uma creança... Reparae como o meu aviso não foi inutil, e como Raphael trata de voltar a casa, estugadamente.

— Como? Aquelle é Raphael, devéras?

— Elle mesmo em carne e osso. Não vos enganastes.

O Pontifice, assombrado do sangue frio do seu cumplice, apertava a cabeça entre as mãos. Parecia-lhe que lhe invadia o encephalo a embriaguez ou a loucura.

— Mas então — balbuciou, escolhendo as palavras — que é feito d'aquelle a quem eu...

— Quereis dizer — interrompeu o inquisidor — a pessoa a quem aquelles birbantes chacinaram com um punhal envenenado... De certo que se equivocaram por causa da semelhança do trajo... Como a noute estava escura...

— Não havia muita luz!

— Não lhe viram bem a face, de certo...

— Só de perfil — respondeu o Papa, inclinando a cabeça — mas o cabello era tal e qual...

— Talvez fosse uma cabelleira.

— Era tal qual o mesmo rosto feminino, a mesma estatura, a cinta delgada, o ar afeminado, tudo tal e qual.

— E não seria talvez?... — perguntou o inquisidor com extrema inquietação, proferindo ao mesmo tempo um nome.

— Seria talvez?...

E o Papa parou em meio, estarrecido, porque tambem acabava de lhe occorrer uma idêa terrivel, cruciante. Lembrava-se de que em casa de Bibiena, na noute da celebre ceia, se fallara d'um baile de mascaras para a noute em que elle cuidou ter trucidado Raphael, e ao qual assistia sem falta Maria Bibiena. Teria acaso ella pedido ao noivo um fato d'elle? Seria acaso ella?...

No cerebro fez-se-lhe como que uma tempestade, que lhe offuscava a

vista, o coração bateu-lhe precipitadamente, as fontes pareceu-lhe que lhe iam estalar.

—Não, não póde ser!—murmurava—Nada o indica.

Mas, mau grado toda esta certeza que elle a si mesmo dava, para se illudir, a duvida continuava a martellar-lhe o cerebro e o coração impiedosamente.

—Vem a ficar doudo...—magicava o inquisidor comsigo.

Hochstratten, no entanto, não estava menos turbado do que elle.

Aquelle fato d'elle podia tel-o envergado qualquer modelo, sobre tudo se esse modelo fosse a dilecta de Raphael. Não queria crêr em tal; no entanto tudo era possivel. Porque na realidade um capricho de namorado explicava cabalmente o caso...

De olho sombrio e severo espiava fixamente o Papa. Ella era morena como Raphael. Se fosse ella devéras a assassinada pelo Pontifice... Parecia-lhe que tinha ganas de o estripar com o mesmo punhal que estava ainda ali, á mão, no cofre...

Encandeado pela magoa e pela colera que esta idêa lhe occasionava, deu um passo para o abrir, e sacar de lá a arma terrivel. Mas de repente desistiu. Na rua ouvira um grito de mulher, que não poude deixar de lhe arrancar um d'espanto. O Papa nada ouvira. O inquisidor correu á janella. Aquella voz!... Mas é que não havia em Roma toda uma voz semelhante á d'ella. Ella... Era ella effectivamente que seguindo, sem duvida, Raphael, fôra descoberta pelo pagem do Vaticano.

O pagem, que no palacio estava educado na alta escola da frascaria, quizera beijar a linda padeirinha, que o olhára com severidade; porém, apesar de severos, os seus olhos não deixavam de ser extremamente lindos, e por isso o pagem, sem de modo algum se desconcertar, tentára pelo contrario apertar-lhe a gracil cinturinha.

Fôra esta audacia do pagem garanhão que motivára o grito da formosa moçoila, que, vendo a insistencia do fedelho, lhe applicára com a pequenina mão um bem repinicado sopapo, que estalou que foi um regalo n'aquellas bochechas juvenis e tenras. Mas ao receber o bello bofetão, o despejado rapazelho, em vez de se escapulir d'ali, corrido, vendo-se castigado antecipadamente, quiz abalançar-se a protervia maior, a crime mais graúdo, e ainda se portou mais atrevidamente. Debalde a pobre padeirita se defendia, como podia. O pagem agarrara-lhe as mãos e esporeado ao mesmo tempo pelo desejo e a colera, com a outra mão prendera-lhe a cabeça, muito disposto a beijocar-lhe gulosa e perdidamente os lindos labiosinhos côr de romã.

Mas de repente ouviu o sibillo de um apito, que o fez estacar e espetar no chão, como uma estatua. Voltou-se para o Vaticano, e viu destacar-se na janella illuminada o sombrio vulto do temido e terrivel inquisidor. Espiados immediatamente, sob aquelle banho de gelo os seus desejos ardentes, largou a padeirinha, e em quanto ella fugia sem mesmo se dar ao incommodo de saber quem a havia livrado de tão critica situação, o pagem entrava no palacio, todo murcho, de orelha caída, olhos em terra, como escolar que espera ouvir um sermão e quem sabe se cousa peor. Alguns dias apenas de calabouço foram o seu unico castigo. O inquisidor,

cousa rára, parecia estar de bom humor por aquelle incidente, e saiu da janella tranquillo e risonho.

—Não, não póde ser—repetia machinalmente o Papa—não era ella. Mas então quem seria?...

—Quem sabe—respondeu Hochstratten, já completamente alliviado do pezo que o opprimia—se seria algum dos seus discipulos...

—Talvez... Póde ser...

—Agora me lembro de ter ouvido Julio Romano dizer esta manhã em casa de Raphael que o mordomo casava-se n'aquelle dia. Talvez o individuo fosse um dos creados que se vestiu com o fato do patrão, para ir ás taes bodas.

—Póde ser—repetiu Leão X, que desejava poder crêr isto; mas a quem agitava, no emtanto, uma angustia interior, de que só se viu livre quando entrou um familiar que elle mandára a casa do tio de Maria Bibiena.

—Dizei ao cardeal—ordenara-lhe o Papa—que tive um pesadêlo a noute passada em que vi sua sobrinha assassinada, e que mando saber da saude d'ella, pois não quero tornar a dormir sem estar completamente socegado a respeito da saude d'uma donzella, tão digna de interesse, a todos os respeitos.

O familiar voltou trazendo os agradecimentos do cardeal, que, impressionado tambem por aquelle sonho, foi certificar-se á propria alcova de sua sobrinha da saude d'ella, e achou-a dormindo serenamente.

—Está bem—disse o inquisidor, quando o familiar saiu—seja como fôr, o que é certo é que não foi Raphael o assassinado.

—Felizmente!...—disse o Papa, soltando um entranhado suspiro.

Hochstratten olhou-o fixamente.

—Disseste que felizmente?

—Sim.

—Então fica tudo como d'antes.

—Tens pena?

—Decerto! Quando uma cousa se decide e se resolve...

—Cala-te. Pelo contrario, eu não tenho pena.

—Visto isso então resignaes-vos a perder Maria.

—Ai de mim!

—Porque me parece que deveis comprehender que a perdeis de todo, pelo menos em quanto elle fôr vivo... A não ser que...

—Não quero que morra—interrompeu o Papa—não quero que morra... Salvou-se por um milagre, que quero considerar um aviso do céo...

—Ouvi-me, sem vos alterardes. Eu não quero tambem que elle morra. Não se devem matar homens d'aquelles senão quando absolutamente é preciso, e não nos achamos agora n'esse caso...

—Julgas então que ha um outro meio?...

—Estou certo d'isso.

—Eu não creio. Mas que meio é esse? Não comprehendes que Raphael em quanto viver ha-de amar essa joven de olhar pudico, e que ella, por seu lado...

—Quem sabe...

—Por qual dos dous dizes—quem sabe? Por elle, ou por ella?

—Pelos dous.

—Explica-te. Queres agora tambem recorrer á calumnia? Pensas talvez convencel-a de que Raphael é indigno do seu amor? Lá macular a sua reputação com calumnias de qualquer genero que seja, isso não quero eu.

—Quereis que ella seja realmente vossa amiga?

—Sim, isso queria... Mas ha ainda outra cousa...

—Comprehendo... Não querieis que ella fosse deshonrada por outro, a não ser por vós...

—Isso mesmo. Eu, como Raphael, amo-a pela sua castidade.

—Seja. Só a castidade póde fazer endoudecer de amor... Ha no emtanto provas do contrario...

—Que queres dizer?

—Que para separar para sempre Maria de Raphael ha cousa melhor do que a morte...

—Qual?

—Outra mulher.

—Outra?... Explica-te.

—Isto é o meu segredo.

Leão X, contrariado, pateou violentamente com o pé no sólo.

—Permittes-te então ter segredos para mim?—gritou.

—Não os tivesteis vós tambem para este vosso servo?...

O Papa mordeu o labio.

—Ah—pensou comsigo—tem-me sob o seu dominio. Que cadeia fui eu proprio soldar-me aos pés!...

Hochstratten passeava lentamente. Os olhos chispavam sinistros relampagos.

—Este é o unico meio,—affirmava, fallando comsigo. A mulher! Esta é que é a alavanca d'Archimédes, e o ponto de apoio ao mesmo tempo, em que se estriba e move o mundo. Paixão, traição, desesperação, capitulações com a consciencia, desprezo da dignidade, insano desejo de escabujar na vingança propria, embriaguez mortal—tudo isto um olhar unico póde inspirar. Fallaes da morte? Que peor morte que a que se encontra nos seus desdens que esporeiam, nas suas concessões, e nos seus beijos?...

Hochstratten tomára uma tôrva e fera catadura. Foi em voz baixa que completou o seu pensamento, que devia ser profundamente sombrio, visto que mais lhe entenebreceu a face, de ordinario impassivel. Leão X suppôz escutar o Dante, voltando do seu catholico inferno. Na sala reinava um cavo e soturno silencio. Hochstratten não alludiu nada ao serviço prestado, nem deixou resudar nada do segredo a que alludira.

—Concedeis-me plenos poderes?...—perguntou.

—Sim—respondeu o Papa, curvando a fronte.

Quando a levantou, já o inquisidor havia desapparecido.

Raphael chegára a casa, desassocegado e inquieto, como o leitor póde imaginar. Não lhe custaria tanto que lhe roubassem o dinheiro, mas os seus quadros, os seus esboços, e, mais que todos, o retrato da sua bem amada Maria, já quasi concluido, isso atormentava-o. Havia pouco tempo ainda que a vira á janella do palacio: os beijos que lhe enviara com a mão fizeram-lhe dilatar mais o coração no peito: quando o Papa o vira alçar os olhos ao céo, era d'ella que Raphael fallava ás estrellas, como os poetas. N'aquella noute amava-a com paixão e violencia nunca sentida, porque tambem a alma humana tem fluxo e refluxo.

Mal chegou á porta, chamou:

—Domingos!... Domingos!...

Ninguem respondeu, nem luz alguma se lobrigava na janella, ou pela frincha da porta. Porque seria que Domingos não estava no seu posto, como de costume? Teriam os ladrões apagado a luz?

Parou um pouco, a reflectir. Tinha acaso, na realidade, a certeza de que os ladrões tivessem vindo, ou estivessem para vir? Hochstratten sabia-o pela policia, e por isso o avisára. Mas, ás vezes, tambem a policia se equivóca. Teem-se dados casos.

Em toda a casa não enxergava signal algum da menor rapinancia. Quanto a Domingos se não respondia, pobre rapaz, é porque talvez tivesse ido ás bodas do mordomo, e talvez tambem por isso se esquecera de collocar a luz no sitio costumado. Andando ás apalpadellas, dirigiu-se para a escada; mas de repente parou: acabava de tropeçar em um corpo humano.

Era um ferido, um morto talvez. De facto, o rosto que elle apalpava estava gelado como o marmore. Quem seria? Pelo tacto, figurou-se-lhe que a capa era de velludo. Não podia pois ser Domingos. Raphael foi então abrir a porta do jardim. E um jacto claro de luz veio illuminar o cadaver, de chapa.

Sim, era Domingos, na realidade. Pobre rapazelho! Morto... Sim, estava realmente morto. Porém, porque levaria elle aquelle fato, que Raphael bem sabia não ser d'elle?... E o que vinha a ser aquellas malhas azuladas que lhe manchavam a cara, as faces, as mãos? O pintor apanhou o archote, accendeu-o, subiu a escada, e com a espada em punho revistou toda a casa. Que ladrões tão singulares! magicava elle comsigo. Revistou tambem o jardim. Conhecia-se que fôra por ali que os larapios tinham entrado e saído. Examinando o chão descobriu pégadas unicamente d'um pé elegante e bem calçado. O pintor preoccupado voltou para o pé do cadaver. Como se vê bem, Hochstratten pouco se equivocára.

N'aquella noute uma guapa mocetona loura esperou debalde n'uma rua, por detraz de S. João de Latrão, encostada á janella que fechou raivosa. Tornou-a porém a abrir, porque ouviu assobiar um frade, de barba branca, que bateu na porta com um crucifixo de ferro, que podia muito bem ser o punho d'uma espada.

Quasi á mesma hora em que Spavento parava, com ares melancholicos, á porta de Clorinda, a patrulha conduzia sob custodia ao Vaticano os seus dous collegas. Trogue e Bartholomeu iam profundamente tristes. E a sua tristura augmentou quando viram chegar em trajo de grande inquisidor um homemzarrão, cuja voz aspera os fez estremecer.

—É o taberneiro!—pensaram ambos ao mesmo tempo.

E ambos quedaram-se apprehensivos e absortos, em profundos scismares.

Pobres moçoilos, aquelles scismares deviam ser os ultimos.

Depois de ter conversado um pedaço, em voz baixa com o official, o grande inquisidor saiu, e os dous amigos, com toda a força que lhes consentiam as algemas, estreitaram as mãos enternecidos. Haviam lido no frio olhar que lhes fuzilava o inquisidor, ao retirar-se, a sua sentença de morte, a approximação da hora final.

A um signal do chefe, a patrulha retirou-se do Vaticano, levando os dous presos pelo mesmo caminho por onde tinham vindo ha pouco. Iam, de certo, fuzilal-os perto da muralha.

—Pois seja, já que não ha outro remedio!—pensaram elles—Esta, afinal, é a morte do soldado!...

Trogue, erguia com magestade a sua cabeça calva, caminhando com um ar de philosopho. Bartholomeu mostrava-se tambem valoroso, e apezar de coxear um pouco, andava com firmeza e passo masculo. Comtudo, não deixava de ir matutando melancholicamente que para o futuro deveria ensinar-se aos meninos que é perigoso agarrar pelas pernas os fidalgos que escalam muros. Para elle tudo acabára. Não tornaria mais a visitar aquella baiúca do *Tio Tibre*, na qual, quando havia dinheiro, se manducava muito bons piteus, e tão bellas garrafas se despejavam do mais precioso sumo da parreira.

N'este momento, como se o official da escolta tivesse comprehendido os seus pesares, a patrulha metteu pela rua que desembocava na tão conhecida ruella onde era situada a locanda do *Tio Tibre*. Poderia, pois, o bravo Bartholomeu saudal-a pela derradeira vez ao passar. Mas esperava-os ainda surpreza maior, pois que os conduziram á mesma taberna, fazendo-os lá entrar. Que queria isto dizer? Por ventura os soldados do Papa seriam excellentes rapazes que não sabiam guardar rancor a ninguem? Teria talvez o fingido locandeiro remorsos de haver arrancado áquella locanda tão bons freguezes? Teria tenção aquelle bello official de lhes fazer beber a cada um, um copazio de vinho, antes de os fazer embarcar para a eterna viagem? Ai! o seu sorriso parecia indical-o. Ao mesmo tempo, por sua ordem, desataram-lhes as mãos, e pozeram-lhes deante copos e garrafas.

—Diabo!—pensou Trogue, o philosopho calvo,—se o vinho está envenenado!...

Esta idéa, este escrupulo detem os dous collegas, que murmuram, cortezmente, muita desculpa de não acceitarem.

—Bebei, vós primeiro!—melodiam elles, polidamente, ao official.

Este enche o copo, e brinda fraternalmente:

—Á vossa saude!...

—Á vossa!—repetem elles, enternecidos.

Não havia que duvidar; aquelle militar era um excellente rapaz, e os outros, aquelles honestos soldados que estão á porta, são tambem pessoas capazes.

Bartholomeu esvasia outro quartilho, e tão ancho e á vontade se sente, pela absoluta ausencia de cerimonias, que d'ali a pouco, e cheio de gaudio, pôr-se-hia a entoar qualquer cantiga foliana e bachica se não o detivesse a presença do cadaver d'aquelle pobre tasqueiro, estendido no chão, de bocca aberta, deixando bem patente o ventre quasi nú e tão descompassado que o tomariam por um tonel.

A garrafa entrementes ficara vasia.

—Bebamos mais outra pingola! — gritou Bartholomeu, batendo na meza — e dirigindo-se para o pobre tasqueiro com tenção de o accordar, pois perdêra a memoria a tal ponto!...

—Não — disse o official segurando-o — agora vamos variar de bebida!...

—Não, para que, se o tinto é d'estalo?...

—Tinto será tambem o que vae correr.

E recuando até á porta entregou um punhal a cada um. Uma fila d'arcabuzes impedia a saída. O official, com dous brandões accesos em cada punho, alumiava a baiúca.

—O que quer isto dizer? — perguntou Trogue, com altivez.

—Quer dizer — respondeu o official — que como ambos sois dous lentes praticos no manejo das armas, se vos concede a graça de vos chacinardes um ao outro, a fim de que por esta fórma não escape nenhum.

Bartholomeu, voltando de novo á fria realidade, ameaçava já com o punhal a patrulha, e desentranhava-se já em doestos e insultos. Mas Trogue suspendeu-o. Estava tranquillo e digno como um dos sete sabios da Grecia.

Com um ademan magestoso, abaixou-se, apanhou um dos punhaes, e escolhendo o mais largo entregou-o a Bartholomeu. Ao mesmo tempo, travando-lhe da mão esquerda, apertou-a entre a sua, olhando-o fixamente. Bartholomeu estava pallido mas resoluto, e Trogue não sentiu tremer-lhe a mão.

— Bem! — murmurou elle.

Saudou com a mão o official, como os adversarios se saudam com o florete, antes de começarem uma sessão d'esgrima, e diz em voz alta ao collega:

— Um abraço!

Ambos se lançaram nos braços um do outro. Mas ao mesmo tempo cada dextra se levantou com seu punhal, varejando-o até ao cabo nas costas do amigo.

Os golpes foram vibrados ao mesmo tempo, e os dous bandidos baquearam tambem de chofre ao chão, ambos de mãos dadas ainda.

A patrulha não poude deixar de admirar e applaudir a perfeição e a justeza d'aquelle ataque de morte.

No dia seguinte, quando o criado foi abrir as janellas da bodega, tropeçou com o cadaver de um homem de barba branca, depois com outro de relusente calva, e finalmente com o ventre desmesurado do patrão.

—Olá!—disse elle—tambem esta noute houve aqui sarrabulho?...

CAPITULO XX

Allianças offensivas

Apesar das repetidas caricias de Clorinda, que se votava com afan a consolar aquelle valente, apesar das voluptuosidades d'uma noute que poderia ter acabado funestamente para o nosso conhecido Spavento, o espadachim demonstrou visivelmente que não estava de humor para facecias.

Os primeiros raios da aurora surprehenderam-n'o já calçado e vestido, levando debaixo do braço o habito de frade que tão bem o salvára do arriscado transe da noute passada. Contemplava com tristeza a bainha da espada, em que só existia metade da folha, porque a outra ficára honrosamente no campo da batalha. Ainda que com custo, viu-se forçado a dizer o ultimo adeus á sua antiga companheira de trabalhos e fadigas. Mas se elle podesse ainda ir apanhar os seus ultimos restos no theatro da lucta?... Teria sido um erro, quiçá o mesmo que ir metter-se na ratoeira. E afinal, para que? Para conservar uma triste e esteril reliquia.

O unico remedio que restava ao espadachim, era procurar, fosse onde fosse, uma outra não nova em folha; mas já experimentada, que já tivesse passado por provas e cujo aço, ainda que fino e flexivel, resistisse, sem se partir, aos mais rudes choques.

Presa d'estas idéas que lhe escandeciam o cerebro, passeava Spavento pelo quarto. Clorinda encostada ao leito, offerecendo aos olhos a sua excitante nudez, dormitava n'uma doce somnolencia, fatigada das bem empregadas horas da noute. Spavento dirigiu-lhe um olhar d'artista. Suspirou, como se sentisse ter que deixar aquella alcova em que se respirava um tenue e estonteador perfume, e aquelle corpo de mulher prompto a satisfazer-lhe o minimo desejo.

Approximou-se d'ella, para lhe depositar na fronte um beijo casto... mas pareceu-lhe que era melhor não a acordar. Quem sabe se a alma lhe não trepidaria, ao escutar aquella voz tentadora?

Os mais fortes são tambem os mais amoraveis. A prova d'isto foram Samsão com Dalila, Hercules aos pés d'Omphale. Tratar de procurar uma nova catana, um novo meio de defeza e ataque, era cousa que urgia quanto antes. Cedendo a esta ultima reflexão afogou um segundo suspiro, e saíu.

O sol começava a illuminar com os seus pallidos e tibios raios o horisonte. No bairro não se avistava ainda viva alma.

O espadachim caminhava apressadamente. Pobre Spavento! causava pena vel-o com o seu bigode pendido, pallido, e revelando claramente em toda a sua pessoa que os affagos de Clorinda sómente haviam logrado consolal-o um pouco. Era evidente que o destino o estava tratando com um rigor extremo.

Havia-se dedicado de corpo e alma a amestrar aquelles valorosos companheiros d'armas: fôra elle que os dirigira, que lhes communicára o seu sangue frio, a sua prudencia, que lhes ensinára os mais certeiros golpes —e quando, emfim, estava prestes a recolher os beneficios d'aquella brilhante educação, chegavam os vis que ceifavam aquelles heroes em flôr. Porque elle conhecia bem a crueldade dos soldados da patrulha, ainda que não suppunha que chegassem áquelles refinamentos de caraibas, de botocudos. Para se dizer tudo d'elles, bastava dizer que Hochstratten era a alma da policia.

Por isso, Spavento, ia mandando a todos os diabos negros do inferno o grande inquisidor. Mas mais o teria amaldiçoado ainda se soubesse que era elle o fingido locandeiro do *Tio Tibre*, e que a violenta punhalada que estripára o seu discipulo amado Ricci, viera tambem d'aquella mão inquisitorial.

—Pobre Trogue!—murmurava.—Infeliz tambem de ti, Bartholomeu, meus discipulos dilectos!... Elles jazem talvez todos a esta hora, em attitude horisontal, crivados de gilvazes pela soldadesca avinhada... O sangue espadana-lhes talvez dos craneos, das guelas, talvez do peito... Ou talvez estão pendurados da ramada d'uma arvore, tal e qual como se fossem quartos de boi ou de suino.

E continuava, suspirando. Debalde magicava comsigo:

—É verdade que elles tambem eram uns grandes birbantes, uns ingratos maraus... Sem ir mais longe, ainda hontem me quizeram escaqueirar...

Comtudo, apesar d'estas recordações acidas, não podia deixar de accrescentar:

—Sim, tudo isto é verdade... Mas quem é que já não assassinou alguem?...

E proferindo isto, uma lagrima tremula e puida pôz-se a bailar-lhe nos olhos.

Sem reparar no que fazia, saíra de Roma e achava-se então divagando pelas campinas. O formoso espectaculo do raiar da aurora não o embevecia, o cerebro agitado por mil pensamentos amargos permanecia inacessivel ao melodioso canto dos passarinhos.

—Infortunado Trogue!... Malaventurado Bartholomeu!... Um pulso tão robusto!... Um bebedor tão completo e tão formoso!... Quem os poderá substituir jámais!... Quem me ajudará agora a mim, nas minhas arriscadas aventuras?... Vou-me fazendo velho... A necessidade de ajuda faz-se sentir cada vez mais, de dia para dia... Cada hora que passa mais faz avivar a necessidade absoluta de um amigo... Não me importa que a neve dos annos me branqueie o bigode; o coração continua sendo joven e amoravel, e quando o amor chega a ser superfluo, é justamente quando a amisade mais falta nos faz.

De repente parou n'estas cogitações melancholicas. A luz do crepusculo matinal ia sendo substituida, a pouco e pouco, pela claridade mais brilhante do dia, que já alegrava as planicies e as verduras das folhagens. Graças a esta claridade mais viva e radiante distinguiu ao longe um objecto delgado e direito como um junco, especado em terra, e cuja extremidade superior rematava n'uma cruz luzente como o aço. Debaixo do braço transversal lobrigava-se perfeitamente outro braço mais pequeno. Este objecto parecia-se extraordinariamente com a desejada e querida catana. Pondo uma das mãos em frente do olho direito, em ar de pala, olhou com insistencia. Oh! milagre! ó inesperada e clemente protecção da sorte! Aquelle objecto era com effeito uma espada, uma espada de primeira grandeza, que não parecia pela sua fórma pertencer a um guarda suisso. Spavento não conhecia no orbe vivente algum capaz nem digno de manejar aquella espada... senão elle.

—Eil-a ali!—exclamou, apressando o passo.—É a irmã gemea da minha!... da minha pobre *fouce da morte*, bastante larga para escancarar alguma bocca insultante e incivil, e bastante comprida para alcançar um inimigo a distancia.

Quando esteve a dous passos d'ella, exclamou maravilhado:

—Pelo Christo vivente! que magnifica obra!...

E veio-lhe agua á bocca só com a idéa de rapinar aquella arma que reputava um bem perdido. Á medida que ia andando ia-se consolando da quebra da primeira catana, e quasi que começava a desejar que passasse alguma patrulha d'Hochstratten, com quem podesse medir a sua destreza, estreando logo aquella arma providencial a que desejava dar rapido baptismo de sangue. Estendia o braço já para a arrancar da terra, quando parou. Pareceu-lhe escutar uma rouqueira sonóra e proxima, que parecia provir de um fosso visinho. Spavento voltou o rosto, e lobrigou um homem de meia estatura, fornidos braços, e rosto feroz, estendido no chão, com a bocca para cima, e as pernas abertas. Este homem era Annibal.

Este encontro, a outrem que não fosse um mestre, tel-o-hia feito fugir, deitando primeiro a mão á desejada catana, e pondo d'esta sorte, entre elle e o proprietario da espada, uma respeitavel distancia.

Mas os nossos leitores sabem já que Spavento era um philosopho, e não levava a cabo acto algum sem primeiro o ponderar maduramente e bem. Observou o dormente, observou-o mesmo com muita attenção, e convenceu-se de varias cousas, a saber:

1.º Que seria parvoiçada grande obstinar-se em tomar aquelle fingido cadaver, por um homem honrado.

2.º Que por signaes evidentes e varios, d'elle bem conhecidos, taes como fato de fidalgo, gibão remendado, numerosas cicatrizes, vestigios de varias rixas, não o devia considerar senão como um aventureiro, um tunante, um rufião, um valdevinos.

3.º Que os seus sentimentos de honra e delicadeza, nunca desmentidos, lhe não permittiam despojar um confrade.

4.º Que emfim talvez o acaso, a Providencia, lhe tivesse posto no caminho cousa melhor ainda do que uma espada: um amigo da gandaia, da vida alegre, se se fosse a ajuizar pelo seu nariz avermelhado, e um amigo de grande valia, a avaliar pelo pezo e comprimento do peixe espada, aquella arma em que elle tanto se embasbacava.

— Não sei porque — matutava Spavento — inspira-me grande interesse este homem a quem nunca vi mais gordo!... Um presentimento intimo me diz que ha-de ser o socio dedicado dos meus trabalhos, e que eu mereço pelas minhas fadigas... Á fé de Spavento, que é preciso que eu lhe dê um abraço, e vou atrever-me a perturbar o seu somno...

Dispunha-se a juntar a acção á palavra quando, figurando-se-lhe ouvir um estrugido qualquer, prestou ouvido attento. De facto, na estrada ouvia-se a estrupida de passos, mais de patas de cavallo e do rodar de um carro.

— Ainda mais importunos! — pensou comsigo.

Já não pôde entregar-se livremente ás suas expansões.

Saltou do fosso para a estrada e começou por pôr em segurança o espadagão do seu amigo desconhecido, que lhe deu muito trabalho a puxar do sólo, tão fortemente estava enterrado na terra. Depois impellido, não sabemos porque curiosidade, desappareceu, occultando-se atraz de uma espessa sarça d'onde podia observar, sem ser observado.

N'este instante a carroagem apparecia na estrada já. Era um carro elegante, puxado por dous soberbos alazões, e guiado por um moço que vestia um fato de fidalgo romano. Creado algum o acompanhava.

Isto explicava-se perfeitamente pelo facto do moço entreter uma intriga amorosa com uma mulher casada, que acabava de visitar áquella hora sempre, em convento de religiosas, cuja abbadessa, sua parenta, lhe facilitava aquellas entrevistas... mediante algumas esmolas. Rabelais teria dado áquella abbadessa outro nome.

— Olá! Olé! — disse o moço namorado, saindo subitamente da sua abstracção pelo galão que deram os cavallos. Que ha de novo? Que succede? Hop...

Com o pingalim fustigou os dous cavallos da lança. Os ardegos alazões empinaram-se de novo.

— Dedididamente — exclamou o rapaz — ha cousa!... Hop...

Pôz-se em pé, no carro, e dirigiu a vista á roda.

— Um homem morto — disse de si para si. — Um homem assassinado...

Acabava de descobrir Annibal que na occasião não roncava, e cujo corpo se mantinha absolutamente immovel.

Desceu do carro e dirigiu-se para o cadaver, murmurando:

— Pobre homem!... Quem sabe se será um pae de familia!...

Ao pobre rapaz representava-se já o lucto da familia, escutava o choro das creanças, e impressionado pensava já que acaso algum dia o podia

esperar a mesma sorte, pois que o marido da sua bella podia perder a paciencia e estripal-o, do que era muito capaz, e que seria o castigo da sua vida irreligiosa.

De repente, recuou, assombrado! Annibal, a quem o relincho dos cavallos acordára, e que a pouco e pouco se recordava que bebêra metade d'um narcotico, o mesmo que de certo bebêra sua irmã, e que a matára, levantou-se bruscamente, em attitude propria d'um homem que não conseguiu sacudir de todo os effeitos d'uma borracheira.

—É um phantasma!...—gritou o rapaz.

E aferrado como estava á sua primitiva idêa de que se tratava d'um homicidio, não encontrava para este caso uma explicação mais satisfactoria e cabal. Quiz fugir, e não se sentiu com forças. Só poude deixar-se cair de joelhos, multiplicando infinitamente os signaes da cruz, persignando-se, de olhos no chão e murmurando preces incoherentes.

—Mandarei dizer missas pelo repouso da vossa alma!—exclamava, tiritando de tal modo, que os dentes batiam como castanholas.

Mas quando depois de muitas rezas e signaes da cruz se convenceu de que a apparição tinha tempo de se ter evaporado como o fumo e álçou a cabeça, foi testemunha d'uma cousa verdadeiramente inesperada, que lhe não causou menor impressão do que o que já vira.

Annibal ouvira o rapaz gritar:

—Um phantasma!...

E um segundo só lhe bastára para comprehender o que se passava, recordar-se do laço em que o fizêra caír Tetzel, e, acto continuo, tirar partido da situação e do medo do devoto. Com uma rapidez extraordinaria na concepção e um sangue frio admiravel na execução, que lhe conquistaram logo a estima de Spavento, saltou ao carro, e fustigou desalmadamente os cavallos. Foi isto que o perdeu. Os ardegos animaes não estavam acostumados a tão duro tratamento e empinaram-se furiosos, acabando por fazerem baldear o carro n'um fosso.

O cocheiro cuspido fóra da almofada caiu, por fortuna sua, em terra macissa; porém o carro ficára voltado d'um dos lados e com uma roda saída fóra do eixo. Comtudo, como os varaes se não tinham quebrado, os cavallos ficaram piafando junto do fosso, impacientes, e puxando com todas as forças pelos tirantes dos arreios. Este successo inesperado, permittiu ao rapazote reunir as ideias, e formar uma opinião mais veridica sobre a natureza do pretendido e temeroso avejão. Mal o carro se voltou, o rapaz arremetteu furioso, caíndo sobre Annibal. Este acabava de se pôr em pé, quando recebeu o abalroamento do furibundo adversario.

—Ah, bandido! rapinante!—gritava o moço, que, havendo-se apossado do pingalim, flagellava com gana, batendo-lhe com o cabo, e com todo o arranco e pujança de braço, a cara de Annibal, deixando-lh'a n'um lastimavel bollo. Ah, miseravel! bigorrilhas!...

—Não bata mais! Perdão! Perdão!—escabujava Annibal, defendendo-se como podia d'aquella surra monumental, e sem tréguas, que o derreava.

—Qual perdão, nem meio perdão, safardana! bilhostre! larapio! valdevinos! marau!...

E Annibal, pregado em terra pelos musculos do seu braço de ferro, chamava em seu auxilio todos os santos e santas da côrte celestial, recommendando-lhes a sua alma, a cada nova vergalhada que recebia sobre os lombos, ou no toutiço.

A sangueira começava já a cegal-o, e o misero regougava, figurando-se-lhe já que o cerebro lhe escorria liquefeito pelas boccas das feridas.

—Ai! Flora!—pensava elle comsigo. Em breve me vou reunir comtigo ao côro dos anjinhos do Paraizo, que tu ganhaste com tuas boas obras!...

Mas de subito, eis que vê com pasmo o seu inimigo fazer uma pirueta, estatelar-se no chão, e uma voz roufenha, gritar:

—Córte, amigo, os tirantes dos cavallos, e safemos-nos...

Annibal possuia uma qualidade transcendente. Se o seu heroismo nem sempre correspondia á sua furia, ao seu arranco, como elle desejaria, a sua intelligencia era lésta e rapida como o corisco. Assim, pois, não se fez repetir duas vezes a intimação, e cortando os tirantes aos dous guapos e fogosos animaes, bifurcou-se sobre um d'elles. N'este entrementes, e isto passou-se n'um instante, Spavento, cuja apparição veio tão a proposito, atára o joven fidalgote a uma das rodas do carro, revistando-lhe as algibeiras, e tomando em seguida posse do outro lindo cavallo. A distancia, da banda de Roma, viam-se chegar alguns transeuntes.

—Salve-o Deus!—dissera Spavento fraternalmente, apertando a mão que Annibal lhe estendia, logo que se viram a cavallo.

—Saude e para a frente!—respondeu concisamente Annibal.

—Para onde vae?

—Para a Allemanha?

—Pois está a calhar!... Tambem vou comsigo, collega!

—Bravo! É para a frente!...

E picando ambos d'esporas os cavallos, os aventureiros metteram a galope.

Quando os viajantes chegaram e desataram o moço fidalgote que esbravejava e golfava de cólera espuma pela bocca, Annibal e Spavento, que eram já os dous maiores amigalhaços do mundo, desappareciam no horisonte. Galoparam assim durante dous dias, sem pararem em parte alguma, senão o tempo sufficiente para comer e dormir. Durante todo este tempo, referiram mutuamente as suas numerosas aventuras, não sem as florear e engrinaldar um tanto, começando pela ultima. Annibal, enternecido, déra uma lagrima ás memorias de Trogue e de Bartholomeu, cujos manes deviam de certo ficar-lhes muito penhorados, e Spavento accrescentára á lista das suas orações funebres o elogio d'aquella malaventurada Flóra, que elle não tinha tido a honra de conhecer pessoalmente, mas a quem a voz publica elogiava muito, e de quem fallava até Clorinda, não sem uma pontinha d'inveja.

N'uma palavra, Damão e Pythias, Harmodius e Aristogiton, Orestes e Pylades, não eram exemplos d'amigos que se podessem citar ao pé d'elles. D'ali para o futuro só se devia fallar dos dous amigos incomparaveis—Annibal e Spavento. Ambos os intimos se admiraram de se não haverem conhecido ha mais tempo. Annibal começava a consolar-se da falta de sua irmã: Spavento sentia-se ditoso: e, no entretanto, ambos suspiravam,

como se lhes faltasse alguma cousa, no meio d'aquella prosperidade. Annibal deplorava não encontrar Tetzel, Spavento desesperava-se por não encontrar a sua catana, e, por vezes, succedia-lhe olhar com inveja o grande espadagão, que, pendente da cinta do amigo, açoutava o costado do cavallo, emquanto elle carregava só com a trouxa de mis habitos de frade...

Á hora em que Spavento saía de casa de Clorinda, um personagem de estatura avantajada, rebuçado sob um amplo capuz, caminhava pela rua que costeia o jardim de Raphael, n'aquelle que na noute passada soffrera um tão rude assalto.

Andava vagarosamente como um bom frade de S. Domingos, que recita as suas orações; porém, atravez do capuz poderiam vêr-lhe os olhos esquadrinhando a rua deserta, em todas as direcções, e as casas e janellas ainda fechadas. Porém, para onde elle olhava com mais attenção e insistencia era para o chão, principalmente á medida que se avisinhava do jardim de Raphael. De certo não encontrava o que procurava, porque parecia impacientar-se, e batia com o pé no chão, soltando exclamações surdas:

—Imprudente! Patife!...

De repente, parou e fechou o breviario. Achava-se ao pé do muro do jardim do pintor.

Examinou com precaução se estava sósinho, examinou o muro e as janellas da casa de Raphael, deixou caír o livro de rezas no chão, e tornou-o a apanhar.

Sem duvida, havia acabado de lêr, porque metteu o livro na algibeira, e dir-se-hia que conjunctamente escondeu uma loura madeixa de cabello.

—Finalmente!—suspirou elle.

Examinou os arredores, lobrigou o buraco no chão, que haviam feito os dous pedregulhos arrancados, e que ainda estavam em cima do marco de pedra, e depois de um momento de reflexão, murmurou:

—Não, pelo contrario... Antes assim...

E continuou o seu caminho, com andadura vagarosa e socegada. Comtudo, com a mão no bolso, apertava o objecto que apanhára do chão.

—Que será isto?—perguntava a si mesmo. Parece que é um ferro com um annel n'uma extremidade, e na outra... De certo que é alguma chave, mas que chave tão extraordinaria!... Para que fechadura seria feita?... Ora! que importa!... Isto é cousa de certo dos ladrões de que elle me fallava ha pouco, porque não póde ser d'elle... Não creio que elle tenha pensado em tal...

De novo parou. Encontrava-se precisamente em frente da porta da casa de Raphael, e observara a semelhança d'aquella fechadura com a fórma da chave que trazia no bolso. Uma ideia lhe cruzou o cérebro, e fuzillou-lhe como um relampago nos olhos.

—Olá! Olá!—disse. Isto é que seria curioso. Gostaria de o averiguar!...

E sem mais se deter, proseguiu o seu caminho. Ao virar a esquina, es-

tugou o passo, voltou duas vezes á direita e começou a descer para a parte do Tibre. Começavam a passar alguns transeuntes, mas pareceu não se inquietar com isto. Entrou em uma egreja que se acabava d'abrir, e atravessou-a em sentido lateral, saiu por uma porta occulta, e logo que se achou na ruella cheia de lojas, separadas pelas columnas d'um templo pagão, contou a terceira, e bateu a uma janella, trancada ainda com uma tranca de ferro. No fronstipicio da porta, sobre fundo d'ouro, destacava-se em letras gothicas esta inscripção:

ALOYSIUS ESTEVÃO

ILLUMINADOR

Bateu á porta com a mão fechada, porém não respondeu ninguem de dentro. Tirou a chave do bolso, e com ella tocou no postigo o rythmo do versiculo d'um psalmo, que cantou em voz baixa.

A isto respondeu então uma tosse secca, e poucos momentos depois entreabria-se a porta com precaução, apparecendo no umbral uma figura extranha. Era um velho de estatura regular, corcunda, largas melenas caindo-lhe nos hombros. Era torto, tinha a cara rapada, excepto no queixo d'onde irrompiam alguns pellos raros e brancos: quando sorria, os labios deixavam a descoberto duas filas de dentes de resplandecente alvura: vestia uma especie de tunica com ramagens, de panno e tecido oriental, na cabeça um gorro ponteagudo: e no nariz encavallavam-se uns oculos, mas dos quaes, por economia de certo, só o que correspondia ao olho que não era torto, é que possuia vidro. Este estrambolico personagem acercou-se do desconhecido, e depois de o mirar attentamente, exclamou:

—Ah! pois sois vós!...

E inclinando-se, introduziu Hochstratten,—pois era o grande inquisidor em pessoa—n'uma sombria loja cheia de pergaminhos, de tintas em pó, de pinceis, e de todos os utensilios necessarios aos illuminadores e copistas.

Dispunha-se a levantar já as cortinas da janella, quando o inquisidor o suspendeu, dizendo-lhe:

—Espera um bocado...

E, dizendo isto, sacou do bolso um papel que lhe pôz deante dos olhos.

—Poderias fazer-me, mas muito depressa, uma carta com esta calligraphia?—perguntou o inquisidor, n'um tom que equivalia a dizer:—É preciso que o faças!

Aloysius, accendeu uma lampada, e, com o seu olho são, examinou a epistola. Ao lêr a assignatura fez um movimento de surpreza.

—Olé!—disse—É de...

—Assim parece—respondeu o inquisidor, suspendendo no labio do illuminador o nome que elle ia proferir.

Depois accrescentou:

—Bem! Fica combinado!...

—Conforme—respondeu o corcunda.—Mas será preciso que pagueis dobrado das mais vezes.

—Porque?

—Porque a letra é muito mais difficil d'imitar de que outra qualquer, e a imitação muito mais arriscada!...

—Pois bem, seja. Mas depressa.

—Não gastareis inutilmente o vosso dinheiro. Tendes ahi o texto da carta, que é preciso escrever?

—Sim. Senta-te.

Aloysius obedeceu e Hochstratten dictou-lhe, em voz baixa, algumas linhas. Atirou-lhe sobre a meza uma bolsa, e disse-lhe:

—Amanhã, a esta mesma hora, virei buscar a tua obra.

—Estará prompta, e muito limpamente feita. Asseguro-vos que por muito conhecida que seja essa letra de qualquer pessoa, se enganará completamente.

—Confio em ti. Até á vista.

Aloysius acompanhou á porta o inquisidor com vastos *salamaléques* e contumelias. E em quanto caminhava com um passinho apressado, esfregava as mãos todo ancho de um gaudio que se lhe lia visivelmente nos olhos.

Aloysius fechou a porta e approximou-se d'um dos pilares da egreja, a que estava encostada a sua misera barraca, e puxou por um botão de metal que estava occulto n'uma moldura. O pilar abriu-se pelo meio, chispando reflexos vivos d'ouro á luz da lampada que Aloysius trazia na mão. A cavidade que o pilar pôz a descoberto estava abarrotada de moedas d'ouro, que o corcunda contemplou e admirou com prazer infinito. Depois de saborear alguns instantes aquelle goso de avaro, o corcunda abriu a bolsa que lhe déra Hochstratten e despejou sobre o seu thesouro as moedas reluzentes e novas, em ricos escudos d'ouro, de que a bolsa estava cheia.

Mas de repente, o avaro estremeceu.

—Parece-me que bateram...

Escutou com attenção e anciedade. E de facto, batiam com gana.

—Será acaso o inquisidor que s'esqueceu de fazer-me alguma recommendação?...

Suspirando, fechou de novo o buraco, e depois pegou, como por disfarce, n'uma caçarola em que punha em fusão o chumbo para os sellos, e com a caçarola em punho, arrastou os passos, e foi abrir a porta. O visitante, que era desconhecido, redobrava com violencia as aldravadas á porta. Mas nem por isso Aloysius se apressava. Por fim chegou, deu volta á chave, e abriu a porta.

Uma mulher alta, bem apessoada, bastante morena segundo se podia lobrigar atravez da mantilha negra que lhe rebuçava o rosto, appareceu na soleira da porta, preza, ao que parecia, d'extrema turbação. A mulher empurrou a porta e entrou com passo rapido e firme, tão rapido que o corcunda teve que recuar, para não entornar sobre ella a sua caçarola de chumbo derretido.

Mal entrou, levantou a mantilha, mostrando um rosto pallido e admiravel, em que sobresahiam dous fundos e rutilantes olhos negros, orvalhados de lagrimas.

Com voz rapida, profundamente commovida, penetrante, perguntou ao illuminador:

—Não me conheces?...

—Eu, não!—balbuciou o velho, inquieto sem saber porque.

—Eu sou—ajuntou ella—Francesca Pandolfini.

Ao ouvir este nome, Aloysius empallideceu, e teve que se encostar a um dos fogões da sua barraca para não caír.

—Francesca!—murmurou elle, todo perturbado.

Tão encolerisado estava o fidalgote, amarrado á roda do proprio carro, que quasi não atinava com os agradecimentos que devia dar aos viajantes que o haviam desamarrado.

Depois de um pouco mais calmo, partiu para Roma com passo lésto, esquivando-se d'esta sorte ás perguntas e explicações que os viajantes libertadores lhe pediam.

—Quem sabe—perguntavam elles uns aos outros, que eram na maioria commerciantes piemontezes—se será algum dos ladrões que o roubaram aquelle que nós livramos?

—Comtudo, pelo trajo não parece.

—Talvez que haja vestido o facto d'algum que elle saqueasse.

—Isto prova—acrescentou um terceiro—que não são demais nunca as cautelas que se tomem, quando se viajar por territorio papal, e que não se deve confiar nada na vigilancia da policia.

Entrementes, o fidalgote dirigia-se a Roma, em procura do primeiro serralheiro que encontrasse, para lhe concertar a caléça. A inesperada aggressão de que fôra victima, imprimira-lhe á face umas tintas tôrvas, assim como ao espirito. Desde este caso, desconfiava de todas aquellas estradas em que os mortos resuscitavam transformando-se em bandoleiros, e a seu pesar, ia cogitando em que podia succeder que, em quanto elle ia em busca de quem lhe encontrasse a sége escangalhada, alguma quadrilha de bandoleiros, advertida já pelos rapinantes de ha pouco não satisfeitos de lhe terem roubado os cavallos, voltasse outra vez a rapinar o carro, para completar a boa preza. Pensando maduramente, decidiu não perder de vista a sége, e entrou, para pedir conselho e auxilio, na casa visinha, aquella casa rodeada de um bosquesito de cyprestes.

—Ah!—exclamou, se não me engano, esta é a casa de campo de Flóra...

É forçoso crêr, em vista d'estas palavras, que apesar da sua devoção, o fidalguito conhecia a cortezã, pelo menos de nome, e quem sabe, se o seu amor pela dama casada o não impedia de procurar diversões em outra parte, visto que acrescentou com certa farfanteria chibante:

—Livrar-me d'esta atrapalhação é o menos que póde fazer essa bella pequerrucha de Flóra!... Nem eu, nem ella, nos podemos recusar nada!...

Dizendo isto, empurrou a porta do jardim, que estava entreaberta, e como não visse ninguem, bateu.

—Ainda se não levantaram!—pensou, deixando escapar um leve sor-

riso. E ao mesmo tempo penetrava pela casa dentro. Percorreu grande parte da vivenda, sem encontrar viva alma, e descia já ao jardim, disposto a ir-se embora, na persuasão de que a cortezã passára a noute na sua casa de Roma, quando o espectaculo que enxergou por uma janella aberta, o fez quedar immovel. O que viu fôra o mesmo que já vira Annibal na vespora: Flóra inanimada, mórta, o cabello esparso no meio d'um charco de sangueira.

—Cuidado!—gritou elle—não dês mais um passo.
Ella não fez caso d'estas palavras, e elle, fóra de si, nas pontas dos pés, brandiu a caçarola cheia de chumbo derretido.

Cap. xxi.

—É este então, pelo que vejo, o dia dos assassinatos—disse comsigo, procurando, ainda que debalde, sorrir.—Acaso esta morta resuscitará tambem como o outro?...

A pallidez de Flóra, o soalho ensanguentado, a immobilidade da victima, formavam um quadro tão tragicamente eloquente, que não julgou necessario approximar-se mais, para se convencer de realidade a que assistia. E com a

face inundada de camarinhas de suor, turbado pela emoção, sem se atrever a olhar para traz, saiu afinal do cerrado.

— Miseravel! — murmurou. — Foi de certo o tal meu dormente que a assassinou!... Pobre rapariga! E o desalmado resonava ainda, depois da chacina!...

Continuava machinalmente a andar pela estrada de Roma, procurando embalde varrer do espirito aquella funebre idêa: mas, mau grado seu, representava-se-lhe sempre aquella scena atroz da malaventurada moça luctando contra o seu assassino, que sem duvida irrompêra bruscamente detraz de alguma porta, movel, ou reposteiro, atraz do qual se escondêra para a degolla da infeliz.

De repente, um grito afogado pelo espanto e o terror, expirou-lhe nos labios. Mesmo ao pé d'elle, acabava de surdir detraz d'uma sarça um homem de rosto tão sombrio como o seu trajo.

— Soccorro! — gritou o rapazote.

— O que ha de novo? — perguntou o recem-chegado, que não era outro senão o mesmo Machiavello. — O que te aconteceu Luigi? Não me conheces?

— Ah! sois vós, meu tio! — respondeu o moço.

— Bem vês que sim!

— Mas d'onde saís? De debaixo da terra?...

E com o gesto indicava a sarça, a mesma detraz da qual Neumann vira, poucos dias antes, desapparecer a bruxa.

— Eu? — retorquiu Machiavello com um sorriso. — Distraía-me, vendo trabalhar as formigas... Tu bem sabes que de boa vontade convivo com os animaes, para esquecer os homens...

— Bem sei — respondeu Luigi, e ajuntou, sem saber o que dizia:

— E conseguis isso algumas vezes, tio?...

— Nem sempre, sobrinho! — respondeu Machiavello rindo.

Luigi tentou fazer o mesmo, mas não poude, tão esbarrondado estava.

— Ora vamos! O que é que te succede? — perguntou o auctor do *Principe*. Estás ferido?... O que é que te fizeram?

A voz do diplomata tinha n'aquella occasião modelações extraordinariamente sympathicas, e encorajava o sobrinho a responder-lhe e a abrir-se com elle.

— O que me fizeram? — respondeu o moço — roubaram-me os cavallos e escaqueiraram-me a sége.

Machiavello ia rir-se.

— E é isso o que tanto te abala? — perguntou-lhe.

— Não se ria, meu tio. A minha commoção tem outra causa mais grave. Não se trata só de mim, ainda que esteja ferido, mas que felizmente escapei são e salvo... trata-se do que acabo de vêr agora ha bocadinho.

E dizendo isto, tremendo ainda sacudido d'um estremeção e arrepio de terror, dirigiu os olhos para a casita meio occulta entre os cyprestes.

— Aonde? — perguntou o tio — Em casa de Flóra?...

Tambem elle, pelo que se deprehende, conhecia o confortavel ninho...

— Sim — retorquiu o rapaz.

— Admira-me, porque de ordinario essa pequena tem um genio excessivamente alegre...

Luigi interrompeu-o com entono lugubre.

— Dizei que *tinha*, tio.

— O que? Teria acaso morrido Flóra?

— Assassinaram-a!...

— Pobre rapariga! — disse Machiavello.

E accrescentou:

— Que perda para a Egreja!... Mas estás bem ao facto do que dizes?...

— Estou, infelizmente.

E Luigi narrou então, meúdamente, tudo o que vira e lhe occorrera, ao tio.

— É preciso — pensava comsigo Machiavello — que corra já a dar a nova a Roma. Se a gratidão não é uma palavra vã, assistiremos a funeraes pomposos...

Depois accrescentou:

— Vens d'ahi commigo?

— Não, obrigado. Fico tratando de concertar a caléça.

— Então, até logo.

— Fazei-me o favor de me mandar alguns operarios que m'a concertem.

— Deixa estar — replicou Machiavello, dirigindo-se em continente para Roma.

Acabava de indicar o local em que seu sobrinho ficára esperando a um ferreiro dos suburbios da cidade, insinuando entretanto á mulher do ferreiro, habilmente, que em casa de Flóra, perto da qual a sége se voltara, existia um cadaver, mas que não convinha fallar em tal, quando na rua se ouviu uma grande estrupida de passos, e um ruidoso estardalhaço.

— O que ha? — perguntou.

Bastos magotes de poviléo corriam pela rua, e distinguiam-se nitidamente entre a grita estas afflictivas vozes:

— Fogo! Fogo!

Toda a gente estava alvoroçada, e preza do panico mais extraordinario.

— Onde é o fogo? — perguntava o povo, correndo açodado e espavorido.

Um garoto que passava, respondeu:

— Ainda se não sabe: mas parece que é n'uma egreja...

Um frade que o ouviu, clamou:

— Sem duvida, isto é obra tambem dos judeus!...

Um artista que se intrometteu na conversa esclareceu o caso, dizendo:

— É em S. João da Porta Latina.

— Corramos depressa! — exclamou o frade. — Vamos salvar a casa do Senhor.

Machiavello pela voz conheceu Hochstratten.

— Diabo! — murmurava o inquisidor, correndo desabaladamente para a egreja ameaçada — eis aqui um fogo que occorre muito mal a proposito. Com tanto que o meu homem, Aloysius, tenha tido tempo de escapulir-se...

CAPITULO XXI

Vingança de uma mãe

— Francesca! — murmurava Estevão, pallido como um finado.

— Conheço pela tua perturbação — disse a mulher — que sabes o motivo que aqui me traz!

— Que queres dizer? — ululou o avaro, interpondo-se instinctivamente entre a mulher e a columna, em cuja cavidade enterrára o thesouro.

— Bem o sabes, miseravel! — gritou a mulher, dando um passo para elle.

O corcunda inquieto observava-a, suspeitando que ella pretendia acercar-se da móla occulta do pilar.

— Terá acaso ella descoberto onde eu guardo o meu rico ouro?... — pensava elle, suspirando gemebundamente.

E como occorre muitas vezes, quando a perturbação nos cega, o corcunda recuou machinalmente para o pé do seu rico metal, mas bateu com tal violencia no pilar, que, com o choque, o botão que estava occulto na moldura foi comprimido e a columna abriu-se, deixando patente a cavidade pejada d'ouro.

Francesca teve um momento de estupefacção: cuidou que o avaro lhe queria fugir e escapar-se por uma porta occulta. Mas pelo grito de Aloysius e pelo modo afflictivo e de terror com que elle se atirou sobre o dinheiro, como para o proteger maternalmente, a mulher, adivinhou mais depressa do que viu, a verdadeira razão do proceder do avaro.

— Ah! Ah! — exclamou com um sorriso devéras terrivel.

E tal medo assoberbou o avaro, que por elle se sentiu disposto a arcar com tudo para o salvaguardar.

— Livre-se! livre-se de dar um passo á frente!... — esbravejava elle.

Mas ella não fez caso algum da chibanteria do corcunda. Elle, então, aprumando-se nos bicos dos pés, brandiu a caçarola plena do chumbo em fusão, e arremessou-lh'a, zas! mesmo á face e á cabeça. Mas o terrivel liquido candente passou, roçando-a apenas, porque Francesca adivinhara-lhe a intenção, e curvára a cabeça, esquivando todo o corpo.

Só uma gota apenas chegou a esburacar-lhe a mantilha, queimando-lh'a.

A caçarola foi cair sobre um montão de calhamassos e pergaminhos.

—Ah, miseravel!—vociferou a mulher.

E, de golpe, n'uma furiosa arremettida, caíu sobre o corcunda, atirando com elle ao chão, e de venta a terra.

A furia da raiva, o orgulho da mulher, centuplicavam-lhes as forças.

—Soccorro!—regougava o avaro a quem a espadauda mulher com o joelho fazia quasi rechinar toda a arcada do peito, estrangulando-lhe a voz e a respiração.

Mas não acabou mesmo a palavra afflictiva, porque Francesca, tirando o rebuço de seda, com elle n'um abrir e fechar d'olhos o amordaçou e atou de pés e mãos.

Reduzido d'este feitio á immobilidade, o corcunda, com o unico olho desmesuradamente dilatado e fixo pelo medo e espanto, fez terriveis esforços para gritar, apesar da mordaça.

—É inutil gritares!—dizia-lhe Francesca.—Os postigos estão fechados, e ninguem te ouve.

Estevão então começou a dar grandes sacudidellas, tentando quebrar as ataduras.

—É tambem escusado tentares soltar-te. Ao primeiro movimento que faças, mato-te!

Aloysius não se mexeu mais, resignava-se á sua sorte, não sem ameaçar ainda a mulher.

—Então tu ainda me ameaças?—disse Francesca. Pois ameaça, que não me mettes medo! Hei-de vingar-me, deixa estar!... Ainda que a tua chuvada de chumbo derretido me tivesse deixado torta como tu, não pagava caro o que acabo de descobrir!... O teu castigo será dobrado, e tão terrivel quasi como o meu...

Transtornada, andava d'um para outro lado da barraca, com os olhos relampejantes de furor.

—Já que te lembraste do meu nome, saberás tambem, pouco mais ou menos, a minha historia...

O corcunda fitava-a pallido e inquieto, prevendo que aquella tranquillidade d'ella annunciava um tragico desfecho.

—Tu sabes—proseguiu Francesca—que houve uma pobre mulher, filha de boa familia e honesta, que um fidalgo, que tu bem conheces, Giovani, se empenhou em seduzir. Não lhe custou muito, porque elle era tão bello como devasso, e ella amava-o doudamente. Ella não o conhecia a fundo, elle não era de Roma, e razões graves, segundo elle dizia, o forçavam a occultar o verdadeiro nome. Ella não lhe perguntou quem elle era, e entregou-se-lhe confiadamente, e tanto mais que ninguem da sua familia a poderia defender d'elle. Seu pae havia fallecido poucos annos antes na Allemanha, e sua mãe, Noemi, fora lá dar-lhe sepultura. A sua dôr fôra tão

intensa e funda, que renunciando a tudo, até a sua filha, deixara-se ficar na Allemanha, entrando em um convento de Nimpkchen.

— Não estás sciente de tudo isto? — accrescentou Francesca, dirigindo-se ao corcunda.

Aloysius respondeu affirmativamente com a cabeça, e tornando-se cada vez mais pallido, viu a mulher pegar d'um folle, e com elle avivar a chamma do fogão.

— Que irá ella fazer? — matutava penosamente o corcunda.

Sem deixar de soprar o folle, a mulher continuou:

— Logo que a seducção teve logar, Giovanni fugiu, deixando exposta á vergonha e ao labeu publico a malaventurada. Abandonou-a cobardemente, no momento mesmo em que os seus beijos a tinham tornado fecunda, e que ella estava para ser mãe. A misera amava-o tanto, que acreditando ainda no seu amor, esperava-o sempre. Dissera-lhe que viria breve, e ella obstinava-se em acredital-o, não se fiando nas apparencias. Ella queria-lhe tão perdidamente que um outro rapaz, mais joven, guapo e elegante, que a conhecêra em circumstancias bem afflictivas, offerecera-se para a consolar, votando-lhe um amor sincero e desinteressado. Ella rejeitou-o, não querendo d'elle mais do que uma leal amisade.

A pobre abandonada deu á luz uma creança bella como o dia. Judia, como a mãe, a infeliz entregou o filho a uma ama judaica, que habitava no Ghetto, porque o pesar seccara-lhe o leite.

Francesca, aqui, parou. As lagrimas prestes a saltarem-lhe dos olhos, faziam-lhe tremer a voz. Aloysius, tremulo, sacudido d'estremeções e arrepios de medo, viu-a, com olhos pávidos, ir apanhar e pegar na caçarola, e em seguida dirigir-se ao cofre do aváro, tomar um punhado de ducados de ouro e deital-os a um e um dentro d'ella. O alegre tinido metallico e cantante que as moedas faziam, caindo na caçarola, arrancavam lastimosos e entranhados suspiros ao corcunda, obrigando-o a fechar os olhos, para não ser testemunha de tal desgraça. Francesca, porém, parecia não ter pressa. Emquanto, que com uma grande paz d'espirito, simulada ou real, ia despejando na caçarola os ducados, accrescentou:

— Algumas semanas depois, Giovanni apresentou-se de novo em casa da rapariga abandonada. Tambem deves saber isto, não é verdade? — continuou, dirigindo-se ao illuminador. — Tambem deves saber porque é que elle se atrevia a apresentar-se, e quem era o cumplice d'aquella nova infamia...

Mas Aloysius com a vista encandeada, espavorido, seguia agora sómente o caminho que tomavam as moedas saltitando no fundo da caçarola. A mulher continuou:

— Quando ella procurava uma arma para matar o miseravel que não queria abandonar a casa, o traidor desarmou-lhe o braço, apresentando-lhe uma carta, uma carta de sua mãe Noémi.

A mulher aqui parou, e acercando-se do aváro disse-lhe:

— Tu sabes muito bem que aquella carta não era de sua mãe...

Depois, Francesca, approximou-se do fogão, e pôz a caçarola ao lume.

Aloysius, preza d'uma anciedade inarravel, perguntava a si mesmo:

— Mas o que irá ella fazer?...

— Giovanni pretendia — continuou a mulher — que aquella carta fôra

elle buscal-a á Allemanha, e que n'aquella viagem levára todo o tempo que a sua ausencia durou, pelo que, dizia elle, ella talvez podia accusal-o; mas que tambem o devia absolver e dar-lhe o seu perdão em vista das provas da sua veracidade. E, dizendo isto, apresentava-lhe a carta que ella leu avidamente.

—Tu bem sabes qual o conteúdo d'aquella carta—continuou Francesca, dirigindo-se em voz surda ao illuminador.

Depois, olhando-o fixamente, pôz-se a recital-a a meia voz, como se fallasse comsigo mesmo:

«Minha querida filha.

«Giovanni confessou-me o vosso mutuo amor... Apresso-me a escrever-te, porque se avisinha a minha hora final. Perdôo-te a tua falta, com a condição que has-de perdoar a Giovanni a sua ausencia, cuja causa tu saberás logo que leias esta carta e consintas em desposar-te com elle. Tal é, não a minha ultima vontade, porque eu não tenho precisão de impôr-te ordem alguma, mas sim, o meu ultimo pedido. O meu mais entranhado desejo é que sejas tão feliz com elle, como eu fui com o homem, cuja morte ainda choro, e com quem não tardo a reunir-me.

Tua mãe.

Noemi Pandolfini.

Francesca reforçára o tom da voz, á medida que ia chegando ao fim da carta. Quando acabou, cravou olhos ameaçadores no velho.

—Eis aqui, miseravel!—exclamou—eis aqui a que infame e negregada mentira se prestaram as tuas mãos!... Eis a villania que te atreveste a fabricar, o embuste de que me fizeste victima! Prestaste-te a imitar a letra de uma mãe, por ordem de um ladrão da honra. Foste tu que dardejaste com mão perfida esta epistola desvergonhadamente mentirosa a que tu sabias que eu não podia resistir... Fizeste afogar o meu odio, envolveste-me n'uma artimanha nefanda, peor do que a primeira, tudo isto por um punhado d'esses miseraveis ducados que agora o fogo derrete... Tu fizeste isso para proporcionar áquelle homem o seu perdão em um beijo d'amor: mas não era o perdão que elle cubiçava, mas sim o beijo. E a misera, a desditosa mulher, estava tão commovida, tão turbada, que ia conceder-lhe esse beijo...

—E sabes tu—continuou depois de um curto silencio—porque não deu esse beijo?... Não, isso tu o ignoras... Pois bem! escuta e comprehende o meu desespero, e, se podes, faze uma idêa da minha tortura...

Avivando sempre a chamma, com o folle, a mulher proseguiu:

—No momento em que Giovanni avançava para ella, com os braços abertos, a porta da camara abriu-se violentamente empuxada, e uma mulher com o cabello desgrenhado e em desordem entrou. Giovanni, n'este momento, dizia-lhe:—Queres que seja teu esposo?—Misericordia!...—gritou a recemchegada—não lhe deis ouvidos, senhora, é meu marido...

Aloysius exhalou um gemido.

Francesca tirou do lume a caçarola, em que os ducados quasi estavam liquefeitos, em fusão, ainda rechinando, depois de tirados do fogo.

—Ah!—continuou ella—parece que afinal vaes percebendo, scelerado... Já vês que conheço toda a infamia... Por esse crime, e por outro mais que te direi, vou-te fazer a ti, o que fiz a elle...

O illuminador fez um esforço maximo, distendendo os musculos, dilatando a arcada do peito, retesando as veias, para dilacerar as ataduras, quebral-as e levantar-se a prumo; mas só a mordaça ficou lassa um pouco, apenas.

—Giovanni morreu?—murmurou elle.

—Giovanni pagou a sua villeza, o seu crime...—disse ella friamente, impassivelmente, inexoravelmente, como a bocca de marmore da estatua da Justiça, proferindo uma sentença sem appello.

—Aos gritos de sua mulher—proseguiu ella—caíu de rojo a meus pés, tão humilde, tão abatido, tão rendido, tão despresivel, que senti asco e vergonha por elle.—Perdoae-me!...—clamava entre gemidos soluçados. Desembaraçando-me dos braços d'elle, que tentavam, infame! attrahir-me para si, saquei a agulha d'ouro dos meus cabellos, e estrangulando um grito na garganta, enterrei-lh'a na testa com tal força que lhe atravessei o craneo com ella. Giovanni baqueou em terra tão violentamente que partiu a cabeça no soalho. Morrêra.

Francesca narrára toda esta scena com voz sacudida e breve, sem que um só musculo da face lhe tremesse, nem denunciasse a menor commoção.

De subito Aloysius estremeceu, sentindo-se inundado de copioso suor frio. Francesca acabava de tirar com umas tenazes um escudo meio derretido, uma gota candente do qual cahiu no chão, e a mulher, tranquillamente, com a caçarola em punho, dirigia-se para o corcunda.

—O que queres fazer?...—regougou o illuminador.

—Quero servir-me para tua punição e tortura, do que tu mais amas, que é o teu ouro. Amas mais o teu ouro do que a propria vida—é o que poude descobrir ha pouco—e é o teu ouro que te vae servir de instrumento de morte.

—Não quero! Não quero!—rugia e ululava ao mesmo tempo o corcunda, fazendo contorsões extranhas que o assemelhavam a um torcionado do Santo Officio.

—Aquieta-te:—respondeu Francesca, sempre com a sua freima glacial d'estatua—asseguro-te que não morrerás logo, de repente.

—Que dizes?...

—Affianço-te que terás tempo d'ouvir o final d'uma historia que te ha-de interessar.

Dizendo isto, inclinou-se sobre o avaro, que poude lêr então em seus olhos um tão implacavel odio, uma determinação tão fria, firme, inabalavel e feroz, que nem sequer teve alentos para impetrar-lhe compaixão.

—Tomae cuidado!—exclamou com desespero.—Tenho protectores poderosos, que...

Mas a phrase foi terminada ou antes rugida, com um espantoso grito. Francesca acabava de lhe fincar na testa o ducado fundido que se lhe grudára na fronte.

O illuminador torcia-se em contorsões verdadeiramente epilepticas.

— Grita, miseravel!... Chora! — clamava a terrivel mulher — não soffrerás mais do que eu penei, nem tanto como ainda me resta penar... Ruge... Eu ainda sou mais digna de compaixão do que tu...

— Por piedade! Não vos enganeis!... Perdão!... Eu não sabia... Se eu tivesse podido prevêr... Tambem eu fui enganado por aquelle homem... Piedade!... Perdão!...

Francesca ficára queda e silenciosa, olhando aquella horrivel ferida, cuja vista só causava espanto.

— Ah! tu julgas que eu estou enganada! — respondeu ella, apparentando não ter ouvido o resto. Cuidas que a mulher de Giovanni me teria deixado viver, se a minha vida não estivesse condemnada a uma flagellação perpetua?... Ella mesma m'o contou. Com a sua propria mão arrancou a agulha da testa do marido e com ella varejou o coração, porque o amava, sim, porque o amava... Antes de morrer, disse-me:

— Senhora, não tenho necessidade de ser vingada. Estaes já sufficientemente punida...

— Que quereis dizer? — perguntei-lhe, sentindo-me invadida de uma duvida cruel. — Escuta isto, velho, e calla-te: a mulher de Giovanni disse-me:

— No Ghetto acaba de se fazer uma chacina de judeus. Estou certa d'isto. Eu sei aonde vivia a ama do vosso filho, que era judia tambem, e sei-o porque vos segui de longe, assim como a meu marido... Pois bem: a vossa ama foi tambem victimada.

— E accrescentou, — e estas foram as suas ultimas palavras... Mas não me dás attenção, velho?... — O filho d'ella foi tambem assassinado, assim como o vosso...

A voz de Francesca foi estrangulada por um soluço, e lagrimas amargas lhe rebentavam dos olhos.

— Senhora, disse com um tom lastimoso e supplicante o corcunda, em nome de vosso filho, essa creança morta, perdoae-me!...

Mas a mãe deu como que um salto de cólera.

— Miseravel! Excommungado sejas!... E ainda te atreves a pedir-me perdão, em nome d'elle!... Não sabes que não querendo crêr no que a mulher me disse corri desasisada ao Ghetto, e que ali, entre as ruinas fumegantes, á porta de Sára, encontrei o cadaver d'ella, e os de dous tenrinhos seres, o meu filho e o d'ella, meio carbonisados... Talvez os monstros os tivessem queimado, mesmo antes de morrerem!...

A voz de Francesca era terrivel e ameaçadora. Correu ao brasido, e pegando na caçarola e acercando-se de Aloysius com outro ducado aquecido rubro nas tenazes, gritou:

— É assim que vaes morrer...

O aváro desesperadamente ululou:

— Soccorro! Soccorro!...

— Silencio!

— Soccorro! Assassinos!...

— Queres calar-te?...

— Assassinos!...

— Calla-te, falsario!... Fecha essa bocca!...

E dizendo isto lançava-lhe pelas guelas abertas um jorro de ducados derretidos. O illuminador ficou horrivelmente queimado na garganta, até ao fim do canal...

—Come, e farta-te d'esse ouro que tanto adoras e que ganhavas com tantas trapaças e alicantinas...

O misero, com o unico olho são que tinha extraordinariamente dilatado, olhava espantado a mulher.

—Fecha esse olho tambem!—gritou ella.

E tapou-lh'o, queimando-lh'o tambem com um ducado em fusão.

—Agora vou queimar-te tambem essas mãos que praticaram o crime.

E novo jorro d'ouro derretido abrazou-lhe as mãos que rechinaram, e queimou-lh'as até aos ossos. O corcunda cessou de gemer.

—Agora chega a vez da barraca, chega a vez da caverna em que se fabricavam testamentos falsos, falsos contractos, o antro em que se forjaram tantos crimes. Ao fogo os pergaminhos, ao fogo!...

Dizendo isto, espalhava os tições ardendo sobre os pergaminhos que, com a acção do fogo, se calcinavam e consumiam. A mulher caminhava açodada d'um lado a outro, atiçando o fogo com o folle. Estava terrivel na sua vindicta, na sua obra de exterminio, no meio das flammas e da fumarada, cujo reflexo lhe encarniçava as faces.

Os visinhos foram os primeiros que acudiram alarmados e attrahidos pelo cheiro a queimado que se escoava atravez das frinchas das janellas. Porém como Aloysius era muito pouco estimado, e muito temido no bairro, o que primeiro todos no seu egoismo tratavam de salvar era o seu dinheiro, as suas joias, as suas alfaias, em quanto que os visinhos, que moravam mais longe do local do incendio, iam dar aviso ao sineiro para que badalasse os sinos a fogo.

Entrementes, a multidão ía-se condensando em grupos, e começavam os commentarios, porque sempre foi cousa mais facil fallar do que obrar.

—Este Aloysius tinha uma figura estrambolica—diziam uns.

—Talvez que fosse um judeu!—atreveu-se a aventar uma beata.

—Talvez cousa peor!—alvitrou um sapateiro.

A estas palavras fez-se nos circunstantes um cavo silencio, prenhe de cousas tremebundas e mysteriosas, e alguns foram sacudidos por um estremecimento glacial.

—Que quereis dizer, compadre?—perguntou com voz aflautada e tremelicante a beata.

—Nada, senão que trazia sempre roupas muito largas, talvez para esconder os pés...

—Julgaes acaso que os tivesse...

—De cabra?... Tenho cá minhas desconfianças...

—Pois eu tenho certeza d'isso—affirmou outro.—Vi-os uma noute...

—Então acaso seria...

—O cão tinhoso em pessoa... O diabo em carne e osso...

—Virgem Santa! Tremo toda!...

Todos os circunstantes esmurraçaram então o peito, ao nome da Virgem Santa, com bastos signaes da Cruz, sem comtudo por isso deixarem de galrar e de dar á taramella, copiosamente.

—E o seu olho?... Não haveis reparado n'aquelle olho d'elle?...

—Parece impossivel que com aquelle lusio fizesse trabalhos tão delicados...

—Com certeza, a cousa não é das mais faceis... Ali havia maniversia...

—E as mãos que tinha... com os dedos todos encaranguejados!...

—Tinha chifres?...—perguntou um marido.

—Está claro... Como se explica então que elle nunca tirasse o carapuço...

N'este instante o interesse da paróla foi interrompido pelo estardalhaço de detonações que saíam de dentro da barraca. Eram de certo retortas, alambiques, que estalavam ao fogo, produzindo clarões extravagantes, e cheiros ainda mais.

—Não vos cheira aqui a enxofre?—perguntou o sapateiro.

Não concluiu a phrase porque uma denotação mais violenta do que todas as outras o impediu em meio. Os postigos da porta, que ninguem se atrevia a deitar abaixo, saltaram com estrondo no lagedo da rua, obrigando a chusma de curiosos a recuar espavorida.

Mas em seguida um assombro maior gelou a turba, porque se viu apparecer, envolta em chammas, uma mulher vestida de preto, com a face purpureada, o olhar tôrvo, e cabellos esparsos, que ao poviléo pareceram serpentes.

—Outra encarnação do diabo!—regougou uma voz.

—Cruzes, canhoto!—regougou outra.

E apavorados, assarapolhados, aturdidos, cairam todos de venta em terra, de rastos, olhos no chão, batendo basta murraça no peito, e apegando-se ao côro dos santos e anjinhos.

Quando as cabeças se levantaram timidamente, a mulher desapparecera, o que se tomou como mais uma prova de que era o *mafarrico*.

Em logar d'ella porém viu-se Hochstratten, que, com voz energica, gritava, apontando para uma viella:

—Corram atraz d'essa mulher!

Ninguem se buliu porém, nem tão pouco tugiu nem mugiu. Hochstratten então desabotoou o habito, patenteando a todos o seu trajo de grande inquisidor.

—Obedeçam!—disse com voz e gesto imperativos.

O outro não era o diabo, no fim de contas; mas este é que era sem contestação o grande inquisidor.

Isto dissipou as ultimas hesitações, e venceu os recalcitrantes.

—Vamos á cata do démo!...—gritou o sapateiro, correndo.

E alguns da arraya miuda e do poviléo que se juntára, começaram a correr furiosos, como uma matilha de perdigueiros atraz da pista, no encalço da mulher. Hochstratten, lançando uma vista d'olhos á barraca, certificou-se de que o corcunda, de facto, havia morrido.

—Maldição!...—exclamou elle.

E lançou-se tambem em perseguição da desconhecida.

A mulher, ouvindo atraz de si a enorme grita furiosa da turba, corria com todas as ganas, mas era visivel que perdia terreno a cada passo.

—Vinte ducados ao que a apanhar!—gritava Hochstratten.

Embeiçados pela maquia, queriam catrafilal-a, e redobravam de celeridade. Por duas vezes chegaram a soltar um hurrah de gandio. A mulher tropeçára e estivera a ponto de caír, perdendo cada vez mais terreno. Á terceira vez caíu. Estavam já a cerca de vinte passos d'ella.

A mulher não podia resfolegar, as pernas fraquejavam-lhe e tremiam-lhe como juncos. Continuava correndo, todavia, rente a um muro de jardim, porém já tão extenuada que tinha que se apoiar com as mãos a elle para não caír.

—D'aqui a pouco está filada!...—gritava contente a gentalha.

Teria ella ainda forças sufficientes, para virar a esquina do muro?... Seria difficil dizel-o. Ella mesmo receava caír inanime e que as forças lhe escasseassem.

—Meu pobre filho!...—murmurou. Não ha remedio... Dentro em breve reunir-me-hei a ti!...

Ainda consegue virar a esquina. Mas pouco recurso lhe resta. As ruas succedem-se ás ruas e a nenhuma outra esperança se póde apegar senão a correr, correr sempre, fugir! fugir!... Morrer por morrer, mais vale então que seja de prompto. Ia pois já a render-se, e a deixar-se caír, levantando os braços e os olhos ao céo, n'uma prece final, e n'uma ultima invocação, quando...

—Sangue de Christo!—vociferou o sapateiro, que foi o primeiro a dobrar a esquina.

—O que ha?... Para onde se sumiu a mulher?—inquiriu furioso Hochstratten.

—Isso mesmo é o que eu ia a perguntar—retorquiu atarantado o outro.

Em balde buscaram e rebuscaram por toda a banda; não encontraram d'ella vestigio algum.

Todavia em parte alguma se enxergava porta, ou janella, ou frincha, por onde ella se tivesse sumido. Tel-a-hia sorvido a terra, como um avejão, um avantesma, ou o proprio diabo em pessoa?...

—Quando eu vos affiançava que era o *mafarrico*...—disse o sapateiro, folgando immenso lá no seu intimo por aquelle desapparecimento portentoso, que dava razão ao seu dito.

—Não digas disparates, nem sandices!—disse o grande inquisidor bruscamente—sóbe a este marco e olha detraz do muro. O teu companheiro te ajudará...

Mal o aviso fôra dado, foi promptamente executado.

—Sangue de Christo!—exclamou de novo o homem, que parecia querer de preferencia a este bonito juramento.

—Mas então o que ha? O que ha?

—Um cavallo que corre á desfilada, e um cavalleiro que leva nos braços a tal mulher, visto que querem por força que seja uma mulher e não o mafarrico...

—Quero vêr tambem!—disse o inquisidor, fazendo-se alçar acima do muro.

—Sangue de Christo!—murmurou por sua vez tambem o inquisidor.

Não poude porém conhecer quem era o cavalleiro, porque estava voltado de costas. Examinou o jardim que estava deserto, assim como tambem o palacio de que elle dependia. Lembrou-se então de que aquelle edificio era propriedade d'um proscripto, propriedade que em breve deveria reverter á Egreja: mas que na occasião estava absolutamente abandonado e inculto, como o provava a pachorra e liberdade com que os bois ruminavam, pastando, no parque. Assim, portanto, d'aquella banda não havia esperanças de colher esclarecimento algum. Não podia suppôr tambem a existencia d'um libertador postado ali de proposito, para o que désse e viesse, e, portanto, o caso ia-se tornando cada vez mais intrincado e mysterioso. Contrariado, voltou, portanto, á barraca de Estevão com uma bilis levada da bréca. Mas o que ali observou, augmentou ainda mais o seu mau humor. A barraca fôra completamente preza das chammas, assim como a as outras mais proximas: porém não era isto o que o exasperava, mas sim morte do illuminador.

—Que pena!... Uma cousa tão bem combinada!...—murmurava elle —Como substituir este homem precioso?... Que fazer?... E, comtudo, urge que a rapariguita cáia no laço que lhe está preparado... Sim, é indispensavel!...

Passeava inquieto e irritado, com a mão no peito, como se receasse que o coração lhe estallasse ao choque dos desejos desmanchados que o agitavam.

Como sentisse na algibeira o pezo de qualquer cousa, exclamou:

—O que é isto?...

Era uma chave.

—A chave de Raphael!—exclamou Hochstratten.—Vamos, ha remedio para tudo... Vejamos se este achado não poderá diminuir e minorar o primeiro contratempo.

E pensativo, continuou seu caminho.

O cavalleiro, entretanto, esporeava o cavallo, que corria á desfilada. Logo que saiu do parque, moderou a andadura. A mulher que levava consigo, desmaiara-lhe nos braços. A cabeça caída, deixava fluctuar esparso o cabello que roçava de rojo a terra. Estava tão formosa, mau grado a pallidez, com seus labios ligeiramente entreabertos, seus olhos cerrados, n'uma expressão meio abatida e langue, que o coração bateu-lhe desabaladamente e sentiu uma tentação, um desejo langoroso de a beijar. Comtudo, poude conter essa febre impetuosa, essa violencia do seu sangue.

—Seria uma villania!—disse elle, a meia voz. Esperemos que volte a si, e que m'o dê de seu motu proprio!...

—Toma-o!—murmurou a joven, sorrindo.

E voltando a si do seu desmaio, ao descerrar os olhos, deixou escapar uma exclamação d'alegria, ao reconhecer o seu libertador.

—Sois vós!—disse.—Ah, como sois bom!

O cavalleiro beijou-a com deleite.

—Não me agradeçaes—exclamou elle, em quanto que nos olhos lhe fusilava um fogo extranho.—Estou mais que pago, pela satisfação de vos ter arrancado ás mãos dos vossos perseguidores.

—Bemdito seja o acaso!—disse Francesca, commovida. Mas como é que vos achaveis ali detraz do muro?...

Vae ali um cavallo que corre a toda a brida, montado por um cavalleiro que leva nos braços uma mulher.

Cap. xxi.

Então o joven libertador, com voz tranquilla e sympathica, contou-lhe que aquelle dia era o anniversario da morte de seu pae e de sua mãe, a cujo tumulo fôra orar, e que invadido por idêas sombrias bastante, em consequencia d'aquella visita lugubre, esporeado por uma tentação que não poude dominar, e a que cedeu, mandára cellar o cavallo, e deixando-se

ir ao acaso, com o fim de affastar do espirito a dolorosa obsessão que o penava, o cavallo por si mesmo enfiára pelo parque do proscripto, sem que elle lhe oppozesse a menor resistencia. Galopava havia pouco tempo por ali, quando os gritos que na rua ouviu chamaram a sua attenção, e attrahiram-lh'a para o muro. O fim do caso sabia-o ella. Levantára-a nos braços, pozéra-a a cavallo, e deitára á desfilada.

O cavalleiro não ajuntou mais nada. Tambem não interrogou Francesca, em primeiro logar por descripção, em segundo porque a memoria de seu pae e de sua mãe, de novo lhe annuviavam o espirito.

Francesca comprehendeu a causa d'esta subita nuvem escura, e sem tratar tambem de lhe fazer interrogações, fallou d'outros pezares, dos seus. Ella sabia que aquelle homem a amava. A alegria que elle manifestou pela haver salvo, bastariam a proval-o. Não tinha ella no mundo ninguem em quem mais podesse confiar do que n'elle: a falta passada havia-a ella expiado com sangue e lagrimas. Por isso confiou-se a elle, e referiu-lhe a morte de Giovanni e de sua mulher, a horrivel nova que esta lhe déra no transe final, noticia cuja realidade fôra tristemente comprovada pela degolla de seu filho ao lado do cadaver de Sára; e por fim, o supplicio que ella inflingíra a Estevão, e o incendio da barraca, que fôra o que occasionára a sua perseguição. As lagrimas, então, d'ella e d'elle manaram em commum, espontaneas como na irmandade de um mesmo infortunio. Ella, commovida pelas mostras d'aquelle affecto tão desinteressado e d'aquella dôr partilhada por elle tão vivida e tão sinceramente espontanea, como acontece sempre nos temperamentos em demasia amoraveis e expansivos, que ás vezes são tambem os mais energicos, agradeceu muito mais ao cavalleiro esta demonstração de sensibilidade do que o proprio beneficio do libertamento. Elle, cuja face se assombreára, ouvindo contar a chacina do Ghetto, estava callado e fundamente apprehensivo.

—Que infamia!—murmurou afinal.

Depois de um novo e prolongado silencio, perguntou:

—E agora que tencionaes fazer?... Se quizerdes permanecer em Roma podeis ficar certa de que ponho o meu credito desde já ao vosso dispôr. Infelizmente sou ainda novo bastante, e apesar do meu nome e da amisade com que me honram personagens influentes, talvez me fosse impossivel suspender o braço que ha pouco vos ameaçou.

—Sei isso muito bem, e não quereria que vos perdesseis por minha causa... Eu tenho tenção de me ir embora...

—Para onde?

—Para a Allemanha. O que vos contei acordou em mim a suspeita sobre se minha mãe morreu effectivamente no convento de Nimpkchen.

—Se isso tivesse succedido eu deveria sabel-o. O amigo que tenho em Grima e que me annunciou a determinação de vossa mãe de se enclausurar no convento, encarregando-me de vos levar essa nova, o que me proporcionou a occasião de vos conhecer e amar, ter-me-hia participado tambem a noticia lugubre.

—Não importa. Estou inquieta, e quero certificar-me. Desejo receber d'ella um perdão que os meus soffrimentos e pesares me ajudarão a obter; pelo menos assim o espero.

— Tenho tambem a mesma esperança, e não seria eu quem pretendesse fazer-vos desistir d'essa viagem, por muita dôr que me cause o ter que renunciar a vêr-vos. Desejára poder acompanhar-vos, disposto a protejer-vos de todos os perigos... Mas um dever sagrado me reterá em Roma durante ainda algum tempo... Se não se tratasse de uma missão delicada e santa... De toda a maneira contae commigo, e eu regularei as minhas cousas de modo que me possa juntar comvosco na Allemanha, sem que a minha ausencia seja notada de ninguem... Mais ainda, se antes d'esse tempo carecerdes de meus serviços, avisae-me immediatamente. A minha vida absolutamente vos pertence, e mal receba letras vossas irei onde me indiqueis.

— Como sois bom!...

— É por que vos amo!

O cavalleiro proferiu isto, com um tom de funda convicção e inabalavel sentimento. Cavalgando sempre por sitios escuros e viellas êrmas, tinham chegado ao sopé da muralha da cidade, parando debaixo da ramada d'uns choupos.

— Quando quereis partir?

— Hoje mesmo.

— Tencionaes ir buscar dinheiro a casa?

— Não, de certo. Seria uma imprudencia.

— Certamente: poderiam conhecer-vos.

— Vendendo este collar, terei o sufficiente para os gastos da jornada.

— Não, não o vendaes, supplico-vos. Trazias-lo a primeira vez que vos vi...

— Pois bem, conserval-o-hei, como recordação vossa. Mas...

— Permitti que me encarregue do resto...

— Não sei se devo...

— É um emprestimo que vos faço, e de que me reembolsareis no regresso.

— Com essa condição acceito, e agradeço-vos...

— Não me agradeçaes. Tendes alguem que seja de confiança que vos acompanhe?

— Não, todos os meus creados se venderam a Giovanni. São uns miseraveis. Só posso confiar n'uma velha creada meia doente.

— Pois bem. Com vossa permissão, eu despedirei os outros e encarregarei qualquer pessoa de confiança para que conjunctamente com a vossa velha creada cuide da casa.

— Pensaes em tudo.

— Quanto ao vosso companheiro de jornada eu me encarregarei de vos dar um. Não faço mais do que cedervol-o. Mas respondo pela sua dedicação. É um honrado velho tão meu affeiçoado como era de meu pae.

Ao nomear o pae o moço, com aquella tradicional veneração antiga, descobriu-se, e continuou:

— Elle é tambem de raça israelita, como vós, e talvez vos encontreis ainda com elle.

— O que quereis dizer?...

— Esperae-me n'esta egreja. Dentro de uma hora estarei de volta, e

comprehendereis, sómente ao vêr o homem, que é capaz de defender-vos, e tambem pelo nome vereis que póde acompanhar-vos nas vossas lagrimas...

O cavalleiro conduziu Francesca até á porta da egreja proxima, e despediu-se d'ella.

N'este momento Hochstratten batia á porta de Raphael.

CAPITULO XXII

Uma carta

—O que sentes tu, Margarida?—perguntava Lucas á Fornarina.

—Asseguro-te que estou boa—respondeu ella.

Mas o seu ar, no emtanto, desmentia estas palavras. Inquieta e agitada, ia e vinha d'um lado para outro, sentava-se alguns curtos momentos á janella, contemplando os telhados das casas de Roma, entre as quaes parecia buscar uma com insistencia, sua conhecida.

Reinava um fundo silencio. O boieiro observava-a attentamente. A febre que a devorava, colorindo-lhe as faces, animava-lhe os olhos e augmentava-lhe a bellesa.

Impressionado, ou para melhor dizer, subjugado por ella, o moço boieiro acercou-se da padeirita, extraordinariamente turbado, com uma perturbação differente d'aquella que de ordinario ao pé d'ella sentia.

O tempo estava pesado, prenunciando tempestade proxima. A brisa era fraca, e chegava até elles impregnada dos enervantes aromas das flores. Lucas, com os braços pendentes, e agitado, estava ao pé d'ella, ao lado, e um pouco por detraz da padeirita, observando n'um enlevo suave a amorenada pelle do collo da moça, que ás vezes, ao fazer algum dos seus graciosos movimentos quasi infantis, ficava a descoberto um pouco, um poucochinho...

A juventude da linda padeirita, a cumplicidade da natureza, a solidão, a proximidade d'aquella guapa rapariga, entregue sem duvida a pensamentos d'amor, tinham completamente embriagado o rapaz, sacudindo-o de extranhos anceios amorosos. De repente, inclinou-se cuidadosamente, e apoiou os labios no tentador collo da moça, apertando-lh'o ao mesmo tempo, com paixão.

A Fornarina, voltou a cabeça, ruborisada. Pintava-se tal espanto e ma-

goa na face e nos olhos d'ella que o rapaz não poude supportar o coruscante olhar da mocita.

Baixou os olhos, e com voz frouxa e tenue, murmurou:

—Desculpa...

Nos olhos da boa rapariguinha assomaram subitamente lagrimas, que deviam resudar de certo de bem fundo, do seu excellente coraçãosinho.

—Margarida!—exclamou o rapaz—sou um desastrado, um maluco... Não me queiras vêr mais, porque te offendi... Mas não sei o que me passou pela cabeça, estava como que embriagado... Eu só queria que sentisses o que eu senti uma vez só, então me comprehenderias...

A padeirinha ficou callada. Um sorriso imperceptivel lhe adejava nos labios...

—Repelles-me?... Já sei que não é assim que se deve fallar d'amor, como te fallam os mais que te amam...

—Que dizes?...

E a moça, ao proferir isto, perguntava-se interiormente:

—Saberá elle que Raphael está a ponto de me amar?...

Tão possuida estava a transtiberina d'esta ideia!...

Elle, porém, suppôz que ella ficára admirada da palavra amor, que pela primeira vez lhe saía dos labios.

—Sim,—disse elle—denunciei-me! Não poderia por mais tempo callar-me... O meu segredo escaldava-me... Bem sei que isto é uma loucura minha, que sou teu irmão colaço, e um pobre rustico que vive nos campos com os bois... Mas que queres?... Isto é mais forte do que eu!... Ha muito já que te amo!... Amo-te doudamente, sabes?... E sem poder dar-lhe remedio, digo-te, atormentado por isto que pode mais do que eu, e que não sei o que é, se não é então o amor!... Padeço muito, e desejava que comprehendesses o meu atrevimento de ha pouco, se acaso m'o não podes perdoar... Amo-te!... És tão formosa!... Formosa demais, e é isso que me traz zeloso de todo o mundo...

Callou-se, e um sorriso acido lhe contrahiu o labio.

—Eu, zeloso!—tornou depois de breve pausa... Já vês que não sou mais do que um doudo... Não deves pois fazer caso do que digo, nem do que faço...

As lagrimas suffocavam-n'o... Ajoelhara-se aos pés da padeirinha, e com as mãos postas em attitude supplice, exclamava:

—Margarida!...

Mas a moça turbada pelo seu proprio amor a Raphael, continuava á janella, olhando ao longe, muito ao longe...

De repente soltou um grito de alegria.

—Emfim!—exclamou ella.

Ao mesmo tempo fazia signaes a alguem de que ella estava ali, e este, atravessando o cerrado, acabava de empurrar a porta do jardim, e com uma carta na mão, dirigia-se para casa, procurando alguem com a vista.

—Ai, pobre de mim!—murmurou Lucas com expressão colerica e amarga.—Nem sequer me ouviu!...

Hochstratten bateu á porta da casa de Raphael, e bateu duas vezes sem que lhe abrissem.

— Diabo! — disse o inquisidor — não estará por acaso?... Parece-me comtudo que ouço bulha de passos...

Assim era com effeito.

O inquisidor ia bater de novo, quando parou pondo-se á escuta.

Morto o suisso, Hochstratten continuou agarrado aos pés d'elle, balouçado no espaço.

CAP. XXII

A bulha dos passos cessou.

Então Hochstratten introduziu a pouco e pouco a chave na fechadura, fel-a girar com cautella e abriu-a. A porta girou sobre os gonzos, sem produzir ruido algum. Chegando á sala d'espera, Hochstratten escutou de novo com attenção. Os creados conversavam em voz baixa, na casa pro-

xima, junto ao cadaver de Domenico, que haviam collocado sobre uma cama.

A conversação era em demasia lugubre. O mordomo, o noivo da vespora, considerava aquella morte como um mau agoiro para o seu casório tão festejado. Os outros creados, apesar do seu respeito pelo pintor, que consideravam um amo excellente, não podiam deixar d'extranhar o seu procedimento, n'aquelle caso.

—Porque—perguntava um—me ordenou expressamente que escondesse o morto, e que não attribuisse a causa senão a um acontecimento desgraçado?...

—Porque—observava um d'elles—quando Sua Santidade, que Deus conserve, lhe mandou perguntar se tinha acontecido aqui algum prejuizo com a tal assaltada dos rapinantes, elle lhe mandou dizer que nada havia, escondendo o sarrabulho em que os larapios fizeram o pobre Domenico, e aparentando rir da obra?...

—Ha aqui cousa, com effeito!—disse unanimemente a creadagem. Hochstratten parou, pensativo.

—Effectivamente—pensou elle—ha alguma cousa de singular na conducta de Raphael!... Suspeitará elle de quem seja o verdadeiro auctor do assassinato?... Ora! Estou doudo!... Quem o poderá imaginar?...

E encolheu os hombros como quem queria dizer:

—No fim de contas, que me importa!...

Mas apesar d'isso acrescentou:

—Todavia, é preciso que eu me tire de duvidas!

Pensando assim, subia cautelosamente a escada. Tropeçou, porém, n'uma lampada cujos vidros se quebraram, e o inquisidor parou espantado: no entanto aquelle estrugido que elle julgou ser um estardalhaço incrivel, foi tão imperceptivel que não conseguiu tirar do seu ripanso, nem da sua bacharellice a creadagem em conciliabulo.

Tranquillisando-se, continuou a subir.

—Será preciso—cogitava comsigo—que diga mentiras, para saber verdades. Dir-lhe-hei que um obstaculo qualquer, um successo imprevisto a impede de vir á sua entrevista antes de tal dia, e por esta fórma espero vir a saber ao certo a data do colloquio amoroso.

Hochstratten recuou com um movimento brusco. Achava-se então no patamar da escada, e em frente d'elle estava a porta do atelier de Raphael, detraz da qual o inquisidor lhe ouviu a voz.

—Vae-te!—dizia.—Esta tarde não estou com vontade de trabalhar!...

E ao mesmo tempo a porta abriu-se de par em par.

Hochstratten sentindo ter entrado d'aquella fórma escusa, e receando ser descoberto, escondeu-se na penumbra.

Raphael entrou no atelier com um soldado suisso de avantajada estatura.

Ao encostar-se á parede, pareceu ao inquisidor que detraz d'elle alguma cousa cedia, como que uma porta.

Era uma porta com effeito. Empurrou-a brandamente, e encontrou-se n'uma especie de *salita-toilette* que servia aos modelos.

—Quereis que venha ámanhã?... —perguntou ao pintor o soldado.

Raphael pareceu reflectir um momento, depois do qual respondeu:

— Não, eu te avisarei. Hoje mesmo vou para o campo. Quero descançar e saír de Roma por algum tempo... Será cousa de poucos dias... alem de que...

E como fallando comsigo mesmo:

— Para fazer uma obra como este retrato, e fazel-o digno do modelo, é preciso prepararmos-nos para uma obra egual.

O soldado cumprimentou, e ia para retirar-se, quando Raphael o fez parar, dizendo-lhe:

— De certo tu deves conhecer a Fornarina...

Hochstratten do seu esconderijo redobrou extraordinariamente d'attenção.

— De certo — disse o soldado. — Tenho-a visto muita vez.

— Sabes onde mora?

— Da outra banda do Tibre. O nosso quartel toca quasi no seu jardim.

— Então has-de-me fazer o favor de te encarregares d'uma carta para ella. Os meus creados estão agora occupados a tratarem d'um seu companheiro que casualmente se feriu.

— Servir-vos-hei com muito gosto — disse o soldado.

— Vamos — pensou comsigo Hochstratten — o acaso favorece-me...

E matutou:

— Vejamos qual será a melhor fórma de tirar partido d'isto...

Com o supercilio franzido, reflectiu um momento, até que lhe occorreu uma turva e demoniaca inspiração, a avaliar pela expressão sombria do rosto.

— Já achei.

E saindo nas pontas dos pés d'onde se achava, subiu ao patamar da escada, inclinou-se sobre o balaustre e olhou para baixo.

— Não ha ninguem...

Tacteou o cordão de seda torcida que segurava a lampada e ficou satisfeito da sua resistencia e solidez.

Dirigiu-se então para uma das paredes lateraes. Em um annel cavado n'ella, estava segura a ponta do cordão de seda, que na parte superior passava por uma polé. Desatou o cordão do annel, e puxou por elle, fazendo subir a lampada. Quando chegou ao primeiro andar, onde se achava, desatou-a e collocou-a a um canto do patamar da escada, com summa cautella, para que o não trahisse o mais leve ruido. A corda, com um nó muito apertado, ficou pendente: e na extremidade inferior d'ella fez Hochstratten um nó corrediço. Todos estes preparativos singulares foram feitos n'um instante, com habilidade e pericia taes, que faziam honra ao mais supino ratoneiro de profissão.

— Está tudo feito! — murmurou, entrando de novo no seu esconderijo.

Raphael n'esta occasião acabava de escrever a carta que entregou ao modelo, dizendo:

— Dize-lhe que é na *villa* dos Alamos, na estrada d'Ostia.

— Muito bem, eu sei... — disse o soldado.

O soldado novamente saudou e saíu, deixando Raphael absorto na contemplação do retrato de Maria de Bibiena.

Ao mesmo tempo que o soldado saía do atelier, Hochstratten saía do seu esconderijo, cuja porta ficára entreaberta. Deixou o soldado dar alguns passos.

—É indispensavel que ninguem me ouça!—murmurava. O soldado que era um homem membrudo, e de estatura avantajada, vestido de armadura, em parte, atravessou o patamar. Hochstratten, sem ser visto, deixou-o passar primeiro. Hochstratten trazia na mão um lenço. Depois, quando elle ia a descer o primeiro degrau, com as costas voltadas, adeantou-se por traz, cautamente, e com uma destreza extraordinaria amordaçou-o, de golpe, com o lenço.

Tão imprevisto e violento foi o ataque que o soldado não teve tempo, nem de soltar um grito, e sentiu-se dobrado para traz e ferreamente preso por um pulso másculo, caindo-lhe a este tempo o elmo da cabeça.

Hochstratten pegou no nó corrediço, sem delonga, na occasião em que o soldado voltando-se, levantava o braço contra o inimigo desconhecido.

O grande inquisidor, n'um movimento lesto e habil, envolveu-lhe os braços no cordão de seda. O modelo ficou d'esta fórma reduzido á impotencia: com as pernas livres, porém, procurava fazer estrugido na escada, sapateando, porque percebêra que o adversario tinha empenho em não fazer ruido.

O inquisidor percebeu o seu intento, e então occorreu-lhe uma cousa extraordinaria. Hochstratten apoderou-se então d'esse homem manietado, que elle fazia mover como um titere ou um fantoche, e tratou de lhe entalar as pernas nas d'elle. Impossibilitando-o de se mover, por todos os modos, conduziu-o até ao balaustre da escada. O soldado escabujava desesperadamente, cuidando que ia ser precipitado no jardim.

O inquisidor aproveitou o tempo, lançando-lhe ao pescoço o nó corrediço, e empurrou o corpo, que oscillou no vácuo.

As malditas pernas do soldado continuavam sempre esperneando, e então o inquisidor, depois de esforços baldados para as prender, agarrou-se-lhe aos pés, como fazem os carrascos com os suppliciados. O corpo foi então sacudido por um grande estremeção, e escutou-se um certo estrugido:—é que se tinham quebrado as vertebras cerebraes do soldado. Morrera finalmente. O inquisidor continuou ainda um bom bocado suspenso dos pés do cadaver, e por fim marinhou por elle acima, trepando-lhe até ao peito, apossando-se da carta de Raphael. Saltou a balaustrada, e cortando o cordão por fim, despojou o morto da armadura, vestiu-se com ella, e mettendo os seus habitos debaixo do braço, desceu a escada. Na sala da espera encontrou-se com um creado: mas, imperturbavelmente, continuou o seu caminho.

O creado que víra entrar o modelo, não pôz objecção á sua saída, e não prestou attenção. O grande inquisidor transpôz a soleira da porta, no momento preciso que Raphael saía do atelier.

Defronte d'elle mesmo viu balançar o enforcado.

Soltou um grito espantoso.

—Soccorro!... Agarrem o assassino!...

Os creados correram, e vendo Hochstratten com a armadura do soldado, esbravejaram:

—Agarra! Agarra! É aquelle safardana!...

E de roldão muitos desceram a escada, para o catrafilarem.

O inquisidor estugou o passo, e deu um pulo para a porta.

O cosinheiro quiz filal-o; mas elle com um tabefe monumental lançou-o de venta ao chão. Ao mordomo porém chegou a fazer-lhe ainda um golpe com um punhal. O pobre recem-casado caíu quasi de chofre em terra.

O inquisidor aproveitou-se então d'este instante de alarido e de confusão para fugir, fechando a porta detraz de si.

Quando os creados arrumaram uma escada ao muro do jardim, e olharam por cima do muro, o modelo ía já bem distanciado.

—Que desgraça!—disseram em grita os creados—o nosso amo foi assassinado! E subiram de tropel e atabalhoadamente a escada.

Mas quando chegaram acima ficaram espavoridos. O soldado que elles haviam perseguido é que era o verdadeiro morto. Era irrecusavel que a casa caíra nas mãos audaciosas d'uma quadrilha de rapinantes e de sicarios. A turbação e o mêdo fazia-os tremer como canniços, e baterem os dentes como castanholas.

Alguns recitaram o *Confiteor*, acompanhados pelo mordomo, a quem a ferida arrancava surdos gemidos, repetindo machinalmente:

—Eu bem dizia que isto não podia ser de bom agouro...

—Agora, sim!—atreveu-se a dizer o creado mais velho.—Espero que nos deixareis dirigir á policia de Sua Santidade...

—Prohibo-vos—replicou o pintor—que recobrára o seu sangue frio.

—O que?... Depois de dous assassinatos a seguir...

—Desprendei o cadaver e enterrae-o no jardim, esta noute, assim como o de Domenico.

Os creados pozeram-se a murmurar em voz baixa.

—E cuidado com as murmurações—ajuntou Raphael.—Se chego a saber que algum de vós disse uma palavra só sobre o occorrido, despeço-o immediatamente.

Os creados entre-olharam-se, callados.

—Fazei o que vos mandei, e que esta noute tenha tudo preparado para passar alguns dias na *villa* dos Alamos.

Dizendo isto, o pintor entrou no atelier, na apparencia tranquillo, mas em demasia pallido.

Á hora aprasada, o cavalleiro, montando uma formosa mula branca, chegava á egreja onde o esperava Francesca Pandolfini.

Seguia-o um escudeiro de cabellos brancos, e typo judaico, montado n'um ardego cavallo de guerra, e em cuja garupa se lobrigava um volumoso fardo de bagagem.

Francesca, ao vêr o escudeiro fez um gesto de surpreza.

—Parece-me que não é a primeira vez que vejo este homem!—disse comsigo.

O homem, da sua parte, cumprimentou-a, como se a conhecesse de velha data. Mas a sua physionomia recobrou bem depressa o seu ar serio e macambusio que tinha, ao chegar.

—Aqui está o vosso companheiro de jornada—disse o cavalleiro á mulher.

O escudeiro interrompeu-o, dizendo com um ar resoluto:

—Não, senhora, com grande sentimento meu, não posso ter essa honra.

—Vamos, Abrahão—disse o cavalleiro—não sejas cabeçudo!...

—Não sou—disse o velho soldado, com entono brusco—bem sabeis que não tendes mais que mandardes, para que eu vos obedeça em tudo...

—Pois então...

—Pois então um dever sagrado me chama a outra parte, e, n'esta occasião, não posso...

—Queres dizer que te negas a acompanhar esta senhora... Tu?...

—Bem percebo o que quereis dizer. Mas, antes de ser vosso escudeiro, sou pae, e não tenho direito a vacillar entre a honra de acompanhar esta senhora e a de reunir-me a minha filha.

—E aonde é que vaes ter com ella?

—Á Allemanha.

—Pois é precisamente á Allemanha aonde deves acompanhar esta senhora, cabeçudo!...

—Ah! então sim, estou prompto a partir já...

—Ora bem!

—Só tenho a pedir-vos que me perdoeis...

—Quasi que o não deveria fazer... mas vá lá...

Francesca interrompeu n'este ponto a conversação.

O tom humilde e sympathico que tomára agora a voz do escudeiro, penetrara-a fundamente. Era innegavel que ella conhecia aquella voz.

—Desculpae—disse-lhe.—Não vos chamaes Abrahão?

—Um seu creado, senhora.

—E vossa filha como se chama?—accrescentou com uma emoção que lhe fazia tremer a voz.

—Minha filha é Sára, e muito bem a conheceis...—E não acabou a phrase.

—Sára!—exclamou—a ama de meu filho?

—Essa mesma.

Suffocada por uma idêa que acabava de a assaltar, quedou-se silenciosa, sem se atrever a exprimil-a.

—Porém...—continuou balbuciante—não dizeis que ides ter com ella á Allemanha?

—Iremos vêl-a os dous, parece...

—Estaes certo, pois, de que ella está na Allemanha?—insistiu Francesca, não se atrevendo a perguntar-lhe se estava certo de que ella vivia na realidade.

—A estas horas ainda lá não está, mas vae em caminho.

—Quando partiu?...

— Hontem á noute.

— Quem vol-o disse?

— Vi-o eu, quando me veio dar parte de que ia partir.

— Ella! Ella! — repetia Francesca, preza de indisivel turbação. E accrescentou:

— Não, não é possivel! Quereis fazer-me esquecer... Quereis enganar-me.

— O que dizeis, senhora?

— Digo... — começou ella. — E deteve-se, sem poder fallar.

O cavalleiro interveio então.

— A senhora — disse elle a Abrahão — foi testemunha da matança do Ghetto.

— Percebo já — disse o judeu.

E voltando-se para Francesca, ajuntou:

— Julgaes que ella esteja morta, não é verdade?...

— Mas eu vi-a.

— Enganaste-vos. Ella fugiu espavorida ao vêr aquella degolla.

— Então...

— Não me disse mais que estas palavras: «Fujo, tenho medo. Tratae de vir ter commigo.» Juro-vos que foi isto o que me disse.

— Vive! — gritou a mãe. — Vive! Enganei-me. Não foi o seu cadaver o que eu vi á porta. Então os dous corpos de creança que lobriguei perto do corpo que me pareceu ser o d'ella, meio carbonisados, não eram, de certo, o de meu filho, nem o do filho d'ella.

— Talvez...

— Não estaes certo... Tendes a certeza que eram os d'elles?...

— Não disse isso. Não sei nada a tal respeito.

— Ella nada vos disse?...

— Um esbirro que nos espiava, forçou-nos a separar.

— Oh! vamos-nos, vamos depressa, que quero esclarecer a verdade de tudo isto. Vamos-nos...

A pobre mãe estava como louca.

— Não! — exclamava. — Não póde ser assim!... Terão acaso assassinado meu filho, um menino tão lindo!... Oh! pobre illuminador!... Se eu soubesse...

— Vamos, vamos já sem demora — continuava ella, apressando o escudeiro.

— Ás suas ordens, senhora. — Montae n'essa mula — tornou Abrahão, mostrando a que o cavalleiro trouxera.

— Perdão, meu amigo! — disse a mulher, dirigindo-se ao rapaz, seu libertador. — Tinha-vos esquecido, mas esta nova fêz-me perder o sizo, bem vêdes!

— Estaes absolutamente desculpada, senhora — respondeu elle — podeis estar certa de que ninguem deseja tanto como eu a vossa felicidade.

E, fallando ainda, offerecia-lhe a mão, para a ajudar a montar na mula.

— Bem o sei — disse ella, dando a mão ao cavalleiro.

— Ficae certa tambem de que podeis dispôr de mim, em tudo e por tudo, e que uma unica palavra vossa me fará logo partir para onde estejaes.

—Não o esquecerei nunca—disse a mãe.

Montára na mulinha, e fallando ainda impaciente, pozera-a a trote.

O escudeiro seguia-a montado a cavallo. O cavalleiro, a pé, caminhava ao lado.

Grande magote de gente, cujo numero a cada instante augmentava, vinha na sua rectaguarda, pelo mesmo caminho que elles.

Ás vezes, paravam os da chusma, e formavam grupos compactos, perto de uma casinha meio escondida atraz da virente folhagem dos cyprestes. Os tres viajantes, abstrahidos completamente nos seus pensamentos, não haviam ainda feito reparo no successo.

De golpe, Francesca estremeceu, e apertou o braço do seu libertador. Perto d'um carro que estavam concertando uns operarios, acabava de acercar-se um homem, esbufando de cançasso, ao lado d'um franchinote elegantemente ataviado.

—Luigi—disse o mais velho com voz forte—sentes-te capaz de supportar um immenso desgosto?

—O que ha?—perguntou o moço, com a voz tremula.

—Uma dupla e espantosa desgraça!

O rapaz, murmurou empallidecendo:

—Acaso, meu pae?...

—Valor, meu pobre amigo! É preciso que te armes de valor, porque não tens só que chorar teu pae...

Luigi soltou um grito estrangulado.

—Tambem, minha mãe, acaso...

E foi acommettido d'uma syncope nos braços do tio.

Francesca reconhecêra Machiavello. Comprehendeu que se tratava de Giovanni e de sua mulher, fechou os olhos como se quizesse fugir da visão sanguinolenta que aquellas palavras n'ella evocavam, e picando d'esporas a mula pol-a a trote, gritando ao cavalleiro:

— Adeus, Lourenço!

—Não—disse elle—até á vista.

E acompanhou estas palavras com um beijo.

—Até á vista, senhor—disse Abrahão a Lourenço.

E accrescentou, baixando mais o metal da voz:

—Não vos esqueçaes da carta.

—Não me esqueço—respondeu elle.

Lourenço de Médicis, o sobrinho do Papa, pois era elle, entrou em casa sem olhar para traz, e, sentando-se á meza, inclinou a cabeça, profundamente apprehensivo. Folheou as obras de Plutarcho, que estava traduzindo, porém machinalmente.

Por fim tirou do peito um sobrescripto volumoso, sellado com lacre negro, em que se lia escripto:

—«A meu filho Lourenço, pedindo-lhe que o abra só no dia em que completar vinte e cinco annos.»

—Como o tempo é interminavel!—exclamou, dando um entranhado suspiro.

Aquelle homem que Fornarina vira atravessar o jardim era um soldado suisso, membrudo e de estatura avantajada, que escondia a cara e a cabeça debaixo d'um elmo que na realidade não parecia feito para a cabeça d'elle, porque lhe bailava n'ella. E com grande pasmo de Lucas Margarida correu ao seu encontro.

O escudeiro seguia-a a cavallo, e ao lado caminhava a pé o cavalleiro.

Cap. XXII.

—É para mim?—perguntou, anciosa.

O soldado murmurou confusamente um *sim*.

—Da parte de Raphael?

Esta pergunta obteve a mesma affirmativa que a anterior; mas tão turbada estava a rapariguita que não notou que a voz do soldado era completamente differente da do modelo que ella conhecia: alem d'isso,

quando elle lhe respondeu, abria ella n'este momento a carta e baixava os olhos ao lel-a, para não revelar o seu jubilo intimo ao portador.

—Porém—disse ella ao cabo d'uns segundos—o senhor em cuja casa servís tambem de modelo...

—Sim, interrompeu o soldado.

—Diz-me que esta mesma noute m'espera, mas não me diz aonde?...

—É...—grunhiu o soldado, fingindo-se borracho, para disfarçar a voz, na granja de Anchises, na estrada de Florença!

—Estrada de Florença, granja de Anchises—repetiu a padeirinha em voz baixa.

E accrescentou:

—Pois bem: lá irei esta noute.

—Bem — disse o soldado, cuja mão tremia, emquanto que nos olhos lhe fusilava um relampago d'alegria.

—Vaes saír?—perguntou Lucas que ouvíra as ultimas palavras.

—Sim, murmurou Margarida.

Lucas abriu os labios para dizer qualquer cousa, mas suspendeu-se, e para não a perturbar com o olhar, pôz-se a contemplar o soldado.

A Fornarina ajuntou, desculpando-se:

—Acabo de receber uma carta.

—Está bem—respondeu Lucas com resignação triste.

—É uma carta do mestre—ajuntou a moça, dirigindo-se para o seu quarto—pódes lêl-a.

E entrou na alcova sem se despedir sequer do pobre camponio.

A Fornarina fôra vestir-se, mas tremiam-lhe as mãos, e a turbação opprimia-lhe a garganta e o peito.

Esta emoção tinha todos os caracteres de uma alegria profunda, misturada, no entanto, de certos presentimentos de insuperavel dôr.

—É preciso que vá depressa—magicava a padeirinha comsigo.

E saíndo pela porta escusa da casa, deitou a correr, como se quizesse afogar a voz do pensamento. Teria querido chegar, arquejante de cançasso da carreira, ao sitio marcado para o colloquio d'amores, e arremessar-se de golpe nos braços de Raphael, com o coração palpitante e aos baques, como se lhe quizesse saltar do peito: mas, mau grado ella, teve que parar na corrida em que ia, pois já lhe ia faltando a respiração. E caíu mais do que se sentou n'um marco do caminho, e alliviou aquella excitação nervosa, chorando. Chorava de alegria?

Chorou assim largo espaço. A brisa da tardinha refrescou-lhe a face, dissipando os seus pesares. Levantou-se, e começou a andar lentamente, depois de haver lavado os olhos com a agua d'uma fonte proxima. Lembrou-se então do capitulo d'Homero, de que lhe fallára o pintor, e um sorriso raiou como um raio de sol em seus labios.

Recordou-se tambem do retrato começado de Maria, e um relampago de orgulho chispou-lhe no olhar.

Apertou o coração como para conter os baques d'elle, e continuou andando pela estrada de Florença.

—Uma carta...—repetia Lucas, que ficára immovel e quêdo, alheio a tudo que não fossem os seus pensamentos amargos.

Nem sequer reparára que o soldado lhe passára a carta para as mãos.

O gesto que fez para enxugar uma lagrima que lhe corria pelas faces, fez com que reparasse na carta do pintor. Abriu-a, e olhou-a com um olhar esgaseado e sombrio.

—O que lhe dirá elle? — perguntava-se o boieiro. — O que quererão dizer estas linhas?...

Bateu irritado com o pé no chão, e accrescentou:

—Ai! não sei lêr!... Se podesse adivinhar o sentido d'estas letras!... Marcar-lhe-ha elle alguma entrevista, ou tratar-se-ha apenas d'ella servir de modelo como as mais vezes e como tambem este soldado?...

Mas este desapparecêra já.

Cambaleando, como se estivesse embriagado, saíu do jardim.

—Deveria ter feito com que ella fosse minha, quando a tive em minhas mãos — murmurou em surda voz. — Tenho o coração tão cheio d'amor, que talvez lhe communicasse o meu fogo... O gelo d'ella não resistiria ao calor dos meus beijos!... Que imbecil que sou! Fui eu mesmo que a perdi por acanhado... Deveria tel-a impedido de saír...

E aqui, parou, meditabundo. A vista d'elle encandeada acabava de enxergar uma flôr encarnada que destacava entre a folhagem verde, e aquella vermelha flôr por uma associação de idêas, como frequentes vezes succede, fel-o pensar n'uma gota de sangue que vira ha pouco na mão do soldado.

Ha pouco, não fizera reparo: mas agora uma tremenda suspeita acordou dentro da alma do camponez.

Quem era aquelle homem?

Seria effectivamente de Raphael a carta que trazia?

Era preciso averigual-o. O soldado não podia ir ainda muito longe. Presa d'uma angustia oppressora, deitou a correr. Deveria, de certo, fallar primeiro ao mensageiro, indagar...

Vacillava se seria melhor correr no encalço d'esse homem que talvez já tivesse desapparecido, ou ir prevenir Margarida. N'esta duvida ia a voltar novamente por onde viera. Encontrava-se n'esta occasião por traz da egreja de Santa Cecilia, quando sentiu o estrupido de cavallos detraz da egreja.

—De certo é o soldado! — exclamou. — Vou demoral-o sob o pretexto d'alguma gota de vinho. E correu para o sitio onde ouvira patádas de cavallo.

Dous cavalleiros a galope subiam a calçada em frente. O primeiro era um pagem, em cuja sella ia atravessada uma armadura: o outro era um homem de habito vermelho e preto, em quem o boieiro reconheceu o inquisidor.

—Elle! — exclamou Lucas. — Sempre elle! E deitou a correr desabaladamente atraz dos dous cavalleiros. Perseguil-os era rematada loucura, e bem depressa o pobre camponez fatigado teve que convencer-se d'isso e tambem de que os dous homens demandavam o caminho de Florença.

CAPITULO XXIII

Enterro religioso

O numero de pessoas que Francesca e Lourenço tinham visto paradas deante da casa de Flóra ia engrossando sempre.

Machiavello divulgára em Roma a noticia da morte da cortezã, especialmente entre as mulheres, o que evidenceia no auctor do *Principe*, o seu profundo conhecimento do coração humano—porque, logo d'ali a pouco, grupos compactos que se formavam nas ruas e praças da cidade eterna, punham-se a commentar aquella noticia, ao pé da qual outra qualquer parecia somenos e sem valor. O boato do incendio de S. João da Porta Latina e da mulher diabolica apenas havia conseguido occupar as imaginações um instante. Ainda que os correios de gabinete tivessem chegado mesmo a annunciar a declaração de guerra do duque d'Urbino, ou do proprio Francisco I, nem sequer se lhe prestaria attenção, tanto preoccupava o povo a nova da morte de Flóra.

—Flóra morreu!...

Eram estas as palavras sacramentaes que se ouviam por toda a parte.

—Não sabe a novidade, compadre?...

—Já sei!... Pobre rapariga!... Tão boa!...

—Conhecieis-la?...

—Um pouco...

—Na vossa edade?...

—Então que tem isso?...

Os dialogos variavam segundo as pessoas; mas versavam todos sobre o mesmo assumpto. Os rapazes, principalmente, mostravam-se inconsolaveis. Os velhos affirmavam com um ar de segurança triste que decorreriam muitos annos primeiro que a natureza tornasse a engendrar uma mulher assim. As donas honestas, ou que tinham reputação de taes, affirma-

vam com ar azedo que era indecente que se produzisse um escandalo tal por uma barregã d'aquella laia, e estavam intimamente despeitadas por aquelle alarido que nunca se fazia em torno das suas virtuosas pessoas.

—Julgaes que se importariam tanto, com a nossa morte?...—inquiria com voz encatarroada uma velha beata, secca como um badejo, a outra, desmazelada e gorda, como um hyppopótamo.

Os homens teem tão mau gosto!—regougou a interrogada, encolhendo os hombros!...

—Tem carradas de razão, minha rica!...

Até os fedelhos, os *bambinos*, se misturavam como podiam aquellas conversações livres. Mas o mais curioso de tudo era ouvir as loureiras. Rejubilando-se no intimo pela morte d'uma rival que tão grande concorrencia lhes fazia, affectavam no emtanto estarem desoladissimas e esbarrondadas de dó!

—Pobre Flóra!... Parece mentira!... Tão rapariga ainda!... Assassinada na flôr dos annos!...

—Sabe-se já quem é o assassino?...

—Não consta nada por ora...

—É, de certo, porque não se atrevem a dizel-o..

—Talvez algum ricaço!...

—Foi um padre!...

—Respeitae a religião, e nada de graças!—interrompeu Clorinda, que n'aquelle momento se acercava do grupo.—O que será de vós sem religião?... É mesmo por serdes descrentes que Deus não protege o vosso commercio!... A pobre Flóra, essa sim, tinha fé e muito respeito pelas sotainas!... A meudo lhe ouvi dizer que roupas de clerigos eram tão veneraveis como as suas. E tinha razão.

As mulheres lagrimejavam e levavam os lenços aos olhos. A arraya miuda punha-se em marcha para a casa mortuaria. Todos queriam vel-a pela ultima vez. Parecia aquillo uma peregrinação. Todas aquellas damas estavam meditativas, pensando que talvez uma catastrophe identica as esperava a ellas tambem. Pensamentos religiosos invadiam todos os cerebros, e palavras de contricção brotavam d'aquelles labios a que eram familiares expressões um tanto frescas. Com as mãos pesadas d'anneis iam esmurrando devotamente os decotes dos vestidos.

Ao passar aquella procissão, as lojas fechavam-se em signal de lucto, e a fila dos fieis engrossava a cada passo (1).

Repetindo, em voz sumida, uma oração funebre pela finada, as *cocottes*

(1) A immoralidade de que o Papa era o primeiro a dar o exemplo aos seus fieis, chegou a um tal cumulo n'esta era que, pode-se dizer, nunca até então se levára mais longe o culto da marafona.

As festas priapicas organisadas por Lucrecia Borgia, no acto das suas bodas, foram o signal do advento e triumpho das prostitutas.

Bastará, para se aquilatar da importancia das mancebas e loureiras, folhear as memorias de Brantôme, que com tanta fraqueza refere as suas visitas a casa de Flóra; as de Benvenuto que descreve o fausto e apparato de Benthesiléa; e, finalmente, a novella de Balzac intitulada, a *Bella Imperia*. Parecia que haviam de novo voltado os tempos da dissolução universal, tão desavergonhadamente cantada na Roma dos imperadores, e a respeito dos quaes narrou Suetónio que a cidade dos Cesares fizera apparatosos funeraes a uma cortezã morta na edade de 89 annos, a qual legava ao povo romano a sua villa, os seus jardins, os seus escravos e a sua fortuna que subia a muitos milhões de sestercios.

romanas, rememoravam saudosas as qualidades da companheira: as suas discipulas recordavam as suas lições:

— Que sciencia a sua, minha rica, e que labia!...

— Mas tambem que sorte!...

E desfiavam então, com minucias e pormenores, as loucuras e prodigalidades dos seus amantes, desde o banqueiro *tal* que a fizera apresentar certa noute aos seus convivas d'uma ceia, absolutamente núa sobre um açafate d'ouro com flores, que traziam dous pagens, até ao cardeal, que quando ella vivia em Roma fizera construir um palacio ao lado da casa da cortezã, para não ter mais do que atravessar um corredor secreto, quando a quizesse vêr.

— Não vos recordaes d'ella na *Mandragora?* — perguntava uma. Que pernas?...

— E que braços!...

— E aquelles olhos, que olhos!...

Clorinda, então, observou:

— Que de certo ella era muito experiente, e tinha encantos dignos de louvor; mas a respeito d'esses encantos não se devia fazer tanto alarde, visto que ella não concorrera nada para isso, pois quem lh'os déra fóra a Providencia...

— De certo! Ora essa! Nasce-se bem *apessoada*, como se póde nascer camapheu, ou *mostrengo!* — philosophou outra.

— Alem d'isso — objectou uma terceira — a respeito d'experiencia, ella já estava em edade de a ter!...

— Tão velha era ella?...

— De certo, menina! — disse a dita terceira. — Pensae, e a causa é bem simples, que quando o rei Carlos VIII de França entrou em Roma, foi em noventa e quatro, não?...

— Havia de ser...

— Pois bem: n'essa data já Flóra se apresentou a offerecer-lhe flores, e já n'esse tempo era celebre...

— Sim?...

— Supponhamos que tivesse só dezoito annos...

— Sim, seria o menos que teria...

— Pois bem, são passados já dezesete annos.

— Contae, pois...

Todas aquellas damas então pozeram-se a contar pelos dedos.

— Bem vêdes que roça já pelos quarenta...

E depois da edade começaram a discutir a sua côr, os seus cabellos, os seus gestos, e finalmente a sua habilidade, que, segundo estas donzellas, não provavam senão a ignorancia dos homens.

— Parece, ao vêr estas caramunhas — observou afinal, bastante abespinhada contra a parte masculina da humanidade, Clorinda — parece ao vêr todas estas *choraminguices* dos homens, que não fica na Italia, depois d'ella, outra mulher!... Graças a Deus, não faltam, e menos *paspalhonas* do que aquella delambida, que nem cumprimentava na rua as collegas...

Se distasse mais duas milhas de caminho a casa de Flóra, não lhe teria ficado á misera um bocadinho de pelle por esfolar, e nem o diabo sa-

beria por onde lhe havia de pegar, para a conduzir ás profundas. Porém, a onda de curiosos havia chegado já cerca dos muros de Roma, e a casita de Flóra apparecia já pittoresca no meio das ramalhadas das arvores. Reinou então cavo silencio: e ás conversações animadas succederam reflexões ponderosas. Todas as paixões e interesses pequeninos emmudeceram em frente da vivenda que encerrava o cadaver da mulher tão gracil e donairosa, e para a qual haviam convergido, durante os ultimos annos, d'um extremo ao outro da christandade, tantas aspirações e affectos sensiveis.

— Se se armassem e equipassem todos os seus amantes — affirmára uma veneravel dona — e se com elles se formasse um exercito, o Papa não teria necessidade de prégar uma nova crusada contra os turcos.

— Meu Deus! — retorquira uma mulher casada — que escandalos que ella deu com os taes amantes! Mas se qualquer de nós contasse os seus, nenhuma ficaria n'um chinello!...

Porém, mau grado estes dicterios e bacharellices do mulherio, um recolhimento pio acurvava todas as cabeças, e como que um certo temor religioso mantinha o poviléo a respeitavel distancia d'aquella casa convertida agora em sepulchro. Apezar que todos desejariam contemplar de perto aquelles despojos perfumados por tantos beijos, ninguem se abalançava a tal.

— Pobre irmão! — exclamavam os circumstantes — quanto o vae penar a falta de Flóra...

Todos receavam que o misero (coitadinho!) não podesse sobreviver á sua entranhada dôr, e que o suicidio fôsse a causa da sua ausencia. Uma outra ausencia chamava tambem a attenção de todos, n'aquella conjunctura — a do clero. Aquella manifestação seria incompleta se elle lhe negasse o seu concurso.

Não havia mesmo quem podesse explicar satisfactoriamente aquella ingratidão para com uma rapariga que em tão alta estima tivera sempre os interesses de Deus.

Soldados novos e velhos, invalidos e bisonhos, com faces lavadas de amarguissimo pranto e bigodeiras roceadas de lagrimas, haviam sido dos primeiros a chegar. Quer italianos, quer não, quer filhos de Roma, quer oriundos de remotas partes do globo terraqueo, todos estes bravos filhos de Marte quizeram vir saudar com a espada, pela derradeira vez, aquella que tanto lhes ornara a fronte de laureis e rosas...

Depois veio a magistratura e a nobreza. Em seguida, a classe media, o commercio, os operarios, formados em grupos, segundo os varios officios e misteres, com seus pendões desfraldados á brisa. Mais atraz, logo, os medicos, os barbeiros, as parteiras e os boticarios.

Seguiam-se os pintores, os esculptores, os comicos, os cantores e os bailarinos, carregados com capellas de flôres tecidas á pressa, emblemas amorosos e legendas encomiasticas. Os rapazes do sitio chegavam a cavallo seguidos das deputações das cidades visinhas e dos diversos bairros da cidade, trazendo corôas que teciam com ramos dos cyprestes mais proximos á quinta, e em que se liam estas e outras epigraphes taes: *A juventude do Capitolio. Os celibatarios do Janiculo, agradecidos. A Flóra, sentimento e saudade eterna.*

Á chegada de cada bando ou deputação nova as lagrimas de novo borbulhavam nos olhos da turba sensivel. E a cada novo grupo tambem que se lobrigava ao longe o pasmo d'aquella massa humana convertia-se em cólera declarada e irritação manifesta.

—Verão, verão como os padres são os unicos que não põem cá o pé!... —vociferava-se de todos os lados.

—Esta conducta é indigna!...

Effectivamente, no meio d'aquella turba-multa em que estavam representadas todas as classes, sem exclusão da aristocracia e da magistratura, não se enxergava nem um habito, nem uma sotaina.

—Ora porte-se lá a gente bem com esta *cambada!*... esbravejou Clorinda, que via humilhada indecorosamente a sua classe.—Sacrifiquemos-nos lá por estes *padrecas* d'uma figa!...

E começou o poviléo logo a vozear que era preciso ir de portada em portada de convento, obrigar as congregações e ordens religiosas a enviar pelo menos alguns representantes. Porém outros, mais radicaes, indignados, ameaçavam já o clero e a fradalharia em pezo com palavras féras e minazes, quando na turba se notou um movimento pronunciado d'attenção da banda da estrada de França. Ao mesmo tempo escutava-se surdo rumor, semelhante a acclamações affogadas pelo respeito, alguma cousa de parecido com gritos ovantes d'enthusiasmo, aos quaes a dôr dissesse:—Moderae-vos, mais baixinho um tanto...

Os garotos, encarapitados nos choupos, gritavam em desconforme berrata:

—São elles! Elles lá veem!...

Uma tempestade de applausos, de chofre reprimida, saudou aquella nova, e o povo enternecido affastou-se para deixar livre o passo ao cortejo que avançava. Frades pertencentes a todas as ordens, carmelitas, dominicanos, agostinhos, franciscanos, com habitos cinzentos, pardos, vermelhos e brancos, abriam a marcha: os acolytos do côro e os chantres seguiam logo atraz: desfilavam em seguida, caminhando vagarosa e pachorrentamente, com o passo magestatico e andadura grave, que as circumstancias exigiam, os curas e os conegos de todas as egrejas de Roma: e, logo apoz os pertigueiros, maceiros e camaristas, ladeando um grupo de inquisidores e os representantes e legados das potencias amigas, que eram saudadas a cada passo por um murmurio de approvação, o que era uma delicada mostra de apreço e reconhecimento respeitoso da turba, ao vel-os associados tambem ao pranto e ao lucto da Patria.

Finalmente, no couce do cortejo, enxergava-se o grupo dos homens escarlates: os cardeaes com Petrucci, o ventrudo, á frente, que n'aquelle momento, por excepção, não casquinava as suas risadas trovejantes e de ribombar sonóro.

E logo, no fim do todas e do proprio Petrucci, Julião de Médicis, o primo do Papa, o que tão extranhamente com elle se parecia, e que fechava a marcha. O Papa?... Acaso não virá o Papa?—perguntavam as gentes, com angustia.

E o poviléo apinhava-se, esmagava-se e encabritava-se, para o vêr apparecer na sua alta liteira, ou sobre o seu palanquim, aos hombros

dos carrejões pontificaes, os guardas suissos, balouçado entre as grandes ventarolas de plumas multicôres. Porém, Sua Santidade, fizéra cousa melhor ainda: e a chusma. ancha de gaudio e gratidão, prorompeu em freneticas ovações, aos gritos de:

—Viva eternamente Leão X!... Viva!...

Sua Santidade vinha a pé, descoberto, e com fundos e cavados vestigios de dôr nos olhos, profunda gravidade e lucto no semblante augusto. Ao vêl-o era impossivel não exclamar:

—Pobre Papa!... Que grande amiga perdeu n'aquella mocetona!...

Este acto do Pontifice fez mais em prol da popularidade do Padre Santo, do que todas as larguezas mais dementadas e doudas que por acaso fizesse com a arraya meuda. Pelo contrario, a ausencia do grande inquisidor foi azedamente commentada, e a sua conducta contribuiu de certo a augmentar a execração publica, que já não era escassa.

O cortejo, no entretanto, chegára a casa de Flóra. Os frades estenderam-se em semi-circulo: os cardeaes abriram-se em duas filas, e precedido de maceiros e encostando-se aos diaconos, o Papa entrou a soleira da porta da casa, desapparecendo detraz dos cyprestes.

—Abaixo os cyprestes que tapam a vista!—gritou a turba-multa.

E, n'um abrir e fechar d'olhos, foram arrancados os cyprestes pelos guardas suissos. Vivo jubilo dilatou os peitos de todos que se acotovellavam, espesinhavam e agatanhavam para vêr melhor aquelle acto de religião. Quanto ao mulherio achou meio de disfructar o espectaculo ás cavalleiras dos homens. Acavalladas nos hombros do sexo forte as damas, d'olho aberto e attento, não perdiam nada da funçanata.

—Silencio!...

E todos se calaram, de modo que se ouviria zumbir o mais timido e modesto mosquito.

O Papa assomára-se á janella da casa. em que fôra perpetrado o covarde assassinato, e fizera d'ali um signal a seu primo. O joven levou-lhe o hyssope cheio d'agua benta e entregou-lh'o, dobrando o joelho. O Papa fel-o levantar, psalmodiando, com voz commovida, versiculos latinos. Mas na occasião em que alçava e brandia o hyssope, para benzer a alcova, estalou de chofre uma gargalhada, que pelo sacrilegio do caso, e o escandalo, de tal fórma indignou o Pontifice, que elle deu um passo á frente, sem poder conter a ira santa.

Mas, de golpe, escapou-se-lhe um grito de pasmo, de surpreza, e talvez de alegria refreada.

—Flóra!...

Era com effeito ella. Desabotoada, com os cabellos esparsos, vestidos enlaivados de nodoas de vinho, era, de facto ella em pessoa: mas rindo como uma perdida, como uma douda, do pasmo do Pontifice, dos cardeaes, dos frades, dos acolytos, dos conegos, dos diaconos, dos bispos, dos curas, dos chantres e dos sachristães.

A estupefacção tinha tornado todos immoveis. mudos, boqui-abertos, e parvos. Ella, entrementes, continuava a casquinar perdidamente, desabaladamente, batendo grandes palmadas nas coxas com os divinos, perfeitos, brancos e rochonchudos braços. Aquella hilaridade era tão franca

tão fresca, contagiosa, que não havia maneira de resistir-lhe: e o Papa, o successor de S. Pedro, imitou a cortezã, rindo sinceramente, e entregando-se a uma alegria immoderada, a que immediatamente correspondeu a gargalhada geral, que irresistivelmente rebentou de todos os lados. Podia-se dizer que isto era uma nova edição correcta e augmentada da divertida e escandalosa missa da capella Sixtina.

Porém se o Papa entendeu que lhe era permittido rir-se, não levou tanto a bem que os outros se permittissem o mesmo. Aquella geral casquinada figurou-se-lhe que continha notas escarninhas e burlonas para a sua dignidade papal.

—Basta! —ordenou, voltando-se para a multidão.

Mas ou fosse porque a ordem não tivesse sido ouvida, ou porque n'aquellas alturas fosse impossivel á multidão sustar e pôr ponto final na alegria da bella frescata, a turba continuou a gargalhar desvergonhadamente, n'um grande desafôro de falta de religião e obediencia.

—Prohibo que riam mais!—esbravejou furioso o Papa.

Foi isto dito com uma face tão carrancuda e tôrva, que os mais proximos do Pontifice fizeram esforços sobrenaturaes para disfarçarem o riso, o que difficilmente conseguiram.

Leão X, pallido de cólera, batia com o pé no chão, e dirigindo-se ao primo, perguntou-lhe:

—Estão caçoando commigo!...

Comprehendeu este que não era prudente, de certo, entabolar conversação n'aquellas criticas circumstancias, principalmente porque da sua tentação de rir á farta elle não fôra senhor ainda, e, portanto, abrir a bocca, em taes casos, era de grave risco...

Por isso, achou mais prudente mudar de logar.

O Papa ordenou a Petrucci, que rebentava com riso, que transmittisse a ordem de regressar a Roma, acto continuo, se não queriam incorrer na colera pontifical.

Bastou isto para que aquelles que ainda não haviam podido suster o riso, se precipitassem no caminho de Roma, para não serem pilhados em flagrante delicto de risota. Frades, camaristas, pertigueiros, maceiros, chantres, cardeaes, conegos e diaconos todos entraram de novo na cidade eterna, sem se atreverem a virar a cabeça. O mulherio, cuja alegria cessára como por encanto, perguntava curiosamente entre si o que iria agora succeder áquella pobre Flóra. Dava causa a esta pergunta o terem ouvido dizer a Leão X:

—Vós, senhora, tendes agora que vos haver commigo!

—O menos que lhe póde succeder é ser excommungada!...

Era isto precisamente o que pensava Flóra, quando recebeu o Papa, cujo irritado e sombrio aspecto, não era em verdade nada para tranquillisar.

Por isso, lançou-se-lhe aos pés, estendendo supplicante os seus divinos e roliços braços côr de leite.

—Santo Padre!—disse ella—perdoae-me. Não sou culpada!... Adivinho o que succedeu... Sem duvida suppozeram-me morta... Tomaram por sangue o vinho sobre que eu me achava caída... o vinho com que me narcotisaram...

Flóra deteve-se calada, aguardando de certo uma interrogação que lhe não fez o Papa.

Ella atreveu-se então a abeirar-se do Pontifice, e com entono dengoso e de carinho, disse-lhe:

—Porque me não respondeis?...

Leão X deixou escapar um demorado suspiro que podia tomar-se por um rugido de raiva.

—Soffreis?—melodiou ella.—Acaso perseguem-vos os inimigos do governo ou tendes alguma pena de coração?...

Sua Santidade pôz-se em pé com violencia.

Ella confiadamente enlaçou-lhe as pernas com os braços, puxando-o para si.

—Amaes acaso alguem, Monsenhor?—insistiu ella.

O Papa estremeceu, e baixou a vista.

A cortezã não lhe deu tempo a proferir a palavra azeda que estavam prestes a disparar os seus labios papaes.

—Confiae-me o vosso segredo!—murmurou com entonações ainda mais musicaes e melodicas na voz, e com os olhos annuviados de languidez estonteadora.—Deixae que eu vos console as magoas d'amor...

E ao mesmo tempo Flóra punha-se de pé, de sorte que, muito perto do Papa, a sotaina branca d'este roçava quasi as pernas semi-nuas d'ella. Ella então lançou-se nos braços do Pontifice, abraçando-o, e inclinando um pouco a cabeça para traz, e com o cabello louro, resplendente como um sol, caído pelas costas abaixo.

—Não sou eu a tua Flóra?...—aventurou-se a dizer, embriagada de paixão contagiosa.

—Não, não Flóra—disse o Papa.—Flóra não, Maria!

—Queres que hoje me chame assim?...

—Quero que hoje te chames Maria.

—Pois seja, Monsenhor...

E adivinhando a intenção do Padre Santo que queria estreital-a entre os braços illudindo-se a si mesmo, e querendo que ella representasse de Maria Bibiena, a inviolada pucella do seu desejo doudo e insaciado, Flóra não achou inconveniente em prestar-se ao capricho do Papa. Não era elle o Omnipotente da terra, o successor de S. Pedro, aquelle que como as mãos do santo pescador empunhava as chaves celestiaes, e a cujo absoluto alvédrio se curvavam as vontades dos soberanos e os rebanhos das nações, que podia elevar uma alma ao côro dos justos, ou arremessal-a ás profundas dos lôbregos infernos?...

Antes, portanto, que o Papa lhe tivesse feito o mais leve signal, ella arrastou-o suavemente para a alcova perfumada e morna, onde reinava uma suave penumbra, uma doce escuridão voluptuosa e langue. Fel-o sentar n'um monte de coxins, e ella sentou-se-lhe languidamente nos joelhos. Abraçou-o com paixão, sem que elle com enfado a affastasse: juntou a braza viva do seu labio á bocca do Pontifice, exclamando com paixão:

—Aqui tens, aqui tens a tua Maria, que é tua, e só tua...

—Sim, é isso!—gritou o Papa.

E arrebatado no turbilhão do desejo, levado na aza de fogo da sua de-

mencia voluptuosa, da sua vesania, do seu hysterismo, da sua doudice de amor, combatido e sem remedio, apertou ao peito com tal violencia phrenetica Flóra, que esta chegou a ter medo, e frequentemente perguntou a si mesmo, durante aquella noute desmanchada:

—Terá o amor tornado o Papa doudo?...

Era ella, de facto, com o cabello esparso, as roupas em desalinho e decotadas, enlaivadas de vinho: mas, rindo como uma perdida, do pasmo que se pintava na face do Papa, dos cardeas, dos frades, e dos assistentes.

Cap. XXIII.

No dia seguinte, extenuado de luxuria o Pontifice, com olheiras d'uma côr arroxeada e plumbea da sua noute de perdição, escutava a cortezã que lhe ciciava cousas de certo escabrosas e difficeis, ao ouvido.

No meio dos seus affagos furiosos, o Papa havia-lhe revelado a paixão que o cruciava, e a rapariga muito satisfeita d'esta confidencia que au-

gmentava as probabilidades de manter sob seu jugo o amante poderoso, fallava-lhe depressa, em voz sumida, confidencialmente.

Estes conselhos deviam de certo agradar muito ao Pontifice, porque a ouvia, sem a interromper. Ella, com a sua fina habilidade habitual, o seu tacto, não encarecia o serviço que lhe prestava. Mas nem por isso Sua Santidade deixava de perceber que o caso não era de pouco preço, e que a recompensa decerto seria *puchadinha*...

—És uma rapariga de muita inventiva!—disse elle, por fim, quando Flóra acabou. A idêa que tiveste é superior a todas que me lembraram, e lembraram a outros... Alguem se occupa n'este momento de executar certo plano que ainda não percebi bem, porém que em todo o caso não leva muito tempo a pôr em pratica, mesmo porque eu não posso esperar muito...

E foi com um amargo suspiro que concluiu a phrase.

—Apoderar-me d'ella por meio d'uma emboscada, e possuil-a pela violencia, seria de certo um meio: mas alem de que isto me impediria de tornar a vel-a,—o que não faria mais que acidular e esporear o meu desejo,—não é por surpreza que a quero possuir, mas por sua propria vontade... Quero a sua alma e o seu corpo, o seu affago e o seu sorriso... Não quero o seu pranto, nem o seu desprezo. Quero saborear a volupia de vêr uma innocente, uma ingenua, uma timida, affeiçoar-se ao mal, e entregar-se, cheia de remorsos, mas perdidamente, a elle...

Levou as mãos aos olhos inflammados e fusilando, como para affastar uma imagem que o abrazava e por toda a parte via. Depois continuou, com entono mais brusco:

—De modo que tu encarregar-te-hias de tudo?

—De tudo!

—Obrigado.—Os livros não os procures. Eu tenho-os.

—Bem sei. Mas não tendes nenhum que se compáre a um que possuo, e que é novo.

—Qual?...

—Eu já mostro.

E saltando do leito, tirou d'um cofresinho de prata um elegante volume em oitavo, de encadernação luxuosa, o qual, para se avaliar a immoralidade, bastará dizer que era de Aretino, e illustrado por Annibal Carrache e seu irmão.

Durante muito tempo estiveram o Papa e Flóra folheando o pornographico livro, interrompendo a leitura ás vezes com gargalhadas e olhares intencionaes e pouco castos. Pareciam saborear aquelle poema do amor bestial, em que os heroes e os semi-deuses eram baralhados e confundidos na mesma crapula de amores carnaes; certa animalidade ardente fazia latejar aquellas figuras lascivas, e quando cerravam os olhos, interrompendo por instantes a leitura, José e a mulher de Putiphar, Sapho e as suas companheiras, as nymphas e os satyros, Hercules, Antonio, Aspasia, Cleopatra, bailavam no cerebro d'elles, n'uma surprehendente confusão, n'uma infindavel dança macabra revolta.

N'estes intervallos da leitura infame, entre o Papa e a amante, travaram-se luctas doudas, embates monstruosos, tentativas e esforços para re-

produzir as atrevidas descobertas: e em tudo misturado, ou resoando, em tudo estalando ou gemendo, estrugindo ou ciciando, este grito nervoso que se exhalava das fauces do Papa, como um gemido, ou uma ameaça, como um rugido ou um uivo:

Maria... Maria... Maria...

Ia já muito adeantado o dia, a julgar pela força dos raios solares que caíam no jardim da cortezã, quando os braços do Papa desenlaçaram Flóra, e elle deixou caír a cabeça arquejante no seio da prostituta. Quando acordou, era já noute.

A mesa estava admiravelmente servida de tudo, e Sua Santidade fez honra aos manjares servidos por Flóra, de quem nunca havia estado tão embeiçado.

—Que pena!—magicava Sua Santidade—se tivessem dado cabo d'uma mocetona tão perfeita e com taes artes!...

Á meia noute foi quando o Pontifice se resolveu a deixar a maravilhosa e ridente sereia, e partiu na sua liteira que mandára buscar ao Vaticano.

—Fica combinado, não é assim?—segredou elle ao ouvido da loureira, ao separar-se d'ella.

—Combinadinho!...—murmurou a cortezã, fazendo soar um beijo na rochonchuda face do Padre Santo.

O Pontifice, todo estarrecido, então, enfiou-lhe no dedo um primoroso annel, obra d'um mestre cinzelador, chamado Benvenuto Cellini, e que por aquellas eras começava a adquirir justa nomeada.

Ella agradeceu-lhe, fazendo soar, de novo, outra beijoca reconhecida na bochecha pontifical, e ajuntou:

—O papel que hei-de representar entre bastidores fica por minha conta...

Flóra mostrou os dentinhos, rindo, e Sua Santidade riu tambem.

—É n'estas peças que mais gosto de te vêr...—disse o Pontifice.

—Sobretudo, quando tomaes parte n'ellas...

—É verdade—affirmou o Papa.

E saíu, accrescentando em tom de mais seriedade e compostura:

—Não supponho que me seja possivel achar modo de executar o plano esta noute, mas ámanhã pensarei no caso...

—Eu tambem. É preciso unicamente achar um pretexto para affastar o outro... Quando me lembrar algum, participar-vos-hei...

—Fica combinado.

A chegada dos creados que deviam conduzir a liteira interrompeu aquelle enigmatico dialogo, e pouco depois o Vigario de Christo ia a caminho do Vaticano. No momento em que a liteira chegava á porta da cidade, um bando de moços pintores, um tanto foliões, batia tambem a ella, dando violentas pancadas.

Os rapazes conheceram os famulos do Papa, e como a fingida morte de

Flóra fôra o assumpto das palestras geraes, aquelle dia, os pintores, que conheciam as minucias do caso, exclamaram:

—Olha! É o Papa, que vem de excommungar Flóra...

—Pois levou bastante tempo!...

—Então, meus ricos, replicou outro,—esqueceis que na ceremonia da excommunhão o cirio deve queimar-se até ao fim?...

Alegres e estrepitosas casquinadas acolheram esta replica maligna, e Leão X, acordando, de mau humor, ordenou:

—Prendam esses descarados!...

Mas antes que os famulos tivessem apeado a liteira na ponte levadiça, para os catrafilar, já os pintores se haviam esgueirado em debandada, como um bando de pardaes, e estavam já bem longe das guardas do Papa, onde as suas estrondosas e asceticas casquinadas continuaram vibrando aos ouvidos do Papa até chegar ao Vaticano.

—Tinha graça!—resmoneava Leão entre dentes—se toda a cidade agora fazia mangação de mim!...

Mal entrou nos aposentos particulares, mandou chamar Hochstratten, ao qual notou uma expressão tragica na face.

—Maria?...—foi a sua primeira pergunta.

—Até agora, só vos posso dizer que o meu plano está em acção—retorquiu o inquisidor.

—Bem!—respondeu o Papa, dominando a sua impaciencia.

E continuou:

—Estaes bem inteirado do que succedeu na *Villa dos Cyprestes?*

—Estou—replicou Hochstratten sem notar o que aquelle *vós*, fóra do costume, continha de ameaçador para elle.

—E sabeis quem foi o primeiro, que fez circular o boato, para lhe fazer pagar caro a sua atrevida burla e mystificação?...

—Está já achado.

—Devéras?

—Desde hontem.

—Sim?—disse o Papa adoçando a voz—Quem é?

—Ides sabel-o. O que vos posso já assegurar é que d'uma cacheirada matareis dous coelhos...

—Bem. Mas como se chama elle?

—Deixae-me o prazer de saborear uma surpreza.

—No emtanto...

O Papa suspendeu-se.

Hochstratten pedia permissão de retirar-se.

—Ah! como abusa—pensava Leão X—do terrivel segredo que n'aquella noute lhe deixei surprehender! Como atravez do seu tom lisongeiro, e apesar das suas bajulações, me faz sentir que me domina!..

Irritado por estes pensamentos, deitou-se.

Por muito grande que fosse o pezar que a scena lhe tivesse causado, não poude, no emtanto, deixar de sorrir e até de felicitar o mensageiro, quando depois de muitos dias se lhe apresentou Hochstratten de novo, e interrogado pelo Papa que conversava com Mohammed ácerca das novas do dia, o inquisidor lhe disse:

—O vosso fidelissimo inquisidor vem annunciar-vos a morte do sobrinho de Machiavello.

—E quem é esse sobrinho?

—Luigi Corsini, o filho de Giovanni Corsini, irmão de Maria Corsini, que foi mulher de Machiavello.

—Pois bem, que me importa a mim esse parentesco e essa morte?...

—Importa-vos, porque Luigi era o auctor do que vós proprio chamaste a burla e a mystificação da *Villa dos Cyprestes*.

—Ah! Ah!—disse o Papa, interessando-se no caso.

E ajuntou, baixando os olhos, e pregando-os no rosario cujas contas ia passando:

—De que morreu?...

O inquisidor ia responder: Mohammed, o envenenador, apparentava observar os desenhos das colgaduras e tapetes.

O Papa continuou:

—Antes de tudo, dize-me porém, estás certo de que foi elle o divulgador do rebate falso?... Eu vi-o só uma vez com o tio, e elle pareceu-me bom rapaz, muito devoto, e não me parece que fosse bastante... maligno para inventar uma cousa tal...

—Nada, comtudo, mais certo.

O inquisidor contou então como o desastre que havia succedido ao carro e um ataque de ladrões o haviam forçado a ir bater a casa de Flóra; contou como elle a havia tomado por morta, ou fingido crêl-o, pelo menos, e que finalmente se atrevêra a servir-se do seu proprio tio, tão affeiçoado á causa do Papa e da religião, para propalar aquella mentira, chegando a deixar-se ficar perto do carro voltado, para melhor saborear o espectaculo e confusão dos curiosos de todas as classes sociaes que affluiram a casa de Flóra.

O Papa interrompeu-o, dizendo:

—Bem, basta. Em resumo, morreu, expiou a sua falta.

—Foi punido no mesmo dia e no mesmo local em que peccou, pois ali mesmo teve a nova do assassinato de seu pae, e do suicidio de sua mãe.

—Devéras? Giovanni morreu?...

—Assassinado pela sua amante Francesca Pandolfini, filha de uma tal Noemi, de que logo vos fallarei. A mulher d'elle morreu sobre o cadaver do marido, e no momento em que Francesca abandonára Roma, o rapaz caía desmaiado á vista dos corpos inanimados dos paes.

—Esses Corsini—perguntou o Papa—não eram muito ricos?...

—Fabulosamente ricos.

Um relampago de ambição e cubiça fusilou nos olhos do Papa, que se esqueceu de passar duas contas do rosario.

Quando de certo o Papa ia fazer uma nova interrogação, o grande inquisidor interrompeu-o, prevenindo essa pergunta.

—Como vós mesmo podestes observar—disse elle—a intelligencia d'esse rapaz estava mal equilibrada: duas catastrophes tão repentinas e inesperadas acabaram de o transtornar. Quem sabe se concorreriam para isso os remorsos da mystificação que elle preparára?... No dia seguinte ao do enterro o desgraçado quiz entrar n'um convento, aonde eu o ia visitar

com frequencia. Confesso-vos que me causava lastima. Levava até ao exagero o espirito de penitencia: jejuava, macerava-se, privava-se de dormir, e dizia a todos que o queriam ouvir que a sua morte não tardaria. Talvez, comtudo, que elle a não julgasse tão proxima!... Hontem, apesar do grande calor que fazia, estava encostado a uma parede recebendo em cheio os raios do sol na cabeça descoberta, rezando n'um rosario que eu lhe déra na vespera. O suor caía-lhe em bagas pela cara abaixo, e corria-lhe mesmo pelos dedos em abundancia tal que as contas do rosario que eram de buxo lavrado e pintado, destingiam-lhe a tinta na mão.

O Papa deixou de passar as contas do rosario.

—Que mais?—perguntou.

—Uma hora depois—terminou Hochstratten—o moço teve um subito arrepio, sentiu violentos calafrios, exhalou dos labios um grito surdo, e baqueou fulminado redondamente em terra, com a cara congestionada.

—Morreu?—perguntou o Pontifice.

O inquisidor, com um momento de cabeça, fez um signal affirmativo.

Leão X, extremamente pallido, deixou caír ao chão o rosario, e não se atrevendo a encarar Hochstratten, olhou para Mohammed.

—Sem duvida, morreu d'uma insolação—disse o arabe, pachorrentamente.—E continuou examinando os desenhos dos tapetes.

—De certo—repetiu machinalmente o Pontifice.

Reinou silencio largo. A fronte do Pontifice acurvava-se para o chão, como meditando. A côr do rosto, ordinariamente pallida, esbatia-se n'uma especie de livido cinzento, e a vista como que fascinada não podia afastar-se do rosario que jazia no chão.

—Tendo morrido—continuou o inquisidor—Luigi Corsini, e sendo noviço, os bens que herdára do pae e da mãe ficaram pertencendo ao convento aonde entrára, cujo convento, por casualidade, pertence á minha ordem.

A estas palavras, que tiveram a efficacia de fazer saír o Pontifice da cogitação em que achava afundado, este só ergueu a cabeça.

—Que ladino que tu és!...—disse elle n'um tom de profundo despeito, que não escapou á penetração do inquisidor.

—Tranquillisae-vos; o acaso offerece-vos tambem um bom quinhão, melhor do que o nosso...

—Vamos... de certo que não é do mesmo valor...

—Não. O vosso é melhor.

—Falla então.

Mahommed deu alguns passos para a porta, com o fim de retirar-se discretamente.

—Podes ficar—disse-lhe o Papa. E voltando-se para Hochstratten, perguntou-lhe:

—Não é verdade que póde ficar?

—Porque não?...

Os tres cumplices entre-olharam-se alguns instantes, silenciosamente.

Depois, o inquisidor, baixando a voz, começou assim:

—Noemi Pandolfini, a mãe d'aquella Francesca de que fallei ha pouco, e entrou para o convento de Nimpkchen, perto de Grimma...

—Se não me engano—interrompeu o Papa—esse convento foi legado ao meu predecessor Alexandre VI.

—Por uma abbadessa que se enamorára d'elle: é completamente exacto, e é d'isso precisamente de que vos vou fallar. Tudo que pertence a esse convento é vosso.

—É verdade—confirmou o Papa, abeirando-se.

Hochstratten proseguiu. A voz d'elle abaixára um tanto as modulações, e quasi que não era mais do que um murmurio. Apesar d'isto o Pontifice distinguiu nitidamente estas palavras cariciosas:

—*Noemi Pandolfini é doze vezes mais rica do que Giovanni Corsini.*

APPENDICE [1]

A bella Imperia

Entre a creadagem que o arcebispo de Bordeus levou ao Concilio de Constança ia um presbytero turenense, de tenra edade e de maneiras e palavras cortezes, e tão alfeninado palaciano, que poderia passar por filho de um mestre de ceremonias.

O arcebispo de Tours cedera-o graciosamente aos seus collegas, quando passou pela dita cidade, porque entre arcebispos e homens sacros é frequente esta classe de presentes e mimos, pois que melhor do que ninguem sabem quanto se deve ter em preço estes regalos theologicos.

Succedeu, pois, que o presbytero foi ao Concilio, e hospedou-se na casa do seu prelado, que era homem de costumes santos e grandes latinidades.

Filippe de Mala, que era o nome do nosso pagem, fez firmissimo proposito de ser fiel e digno servo: mas observou que n'aquelle Concilio estrambolico bastas pessoas viviam na abominação, e que nem por isso eram menores os seus réditos e proventos, antes pelo contrario accumulavam mais indulgencias, escudos d'ouro e prebendas, do que os mais asisados e honestos, e succedeu que o diabo n'uma noute de prova para a sua virtude, tentou-o, fazendo-lhe ver que elle tambem podia ter o seu quinhão n'aquella pilhagem á Nossa Santa Madre Egreja, que nem por isso se esgotaria, milagre que prova melhor do que tudo a presença de Deus n'ella.

(1) Entendemos publicar este notavel trabalho de Balzac, intitulado *A Bella Imperia*, a que fizeram referencia os auctores d'esta obra na nota do capitulo antecedente. Tanto pelo merito litterario d'este espirituoso conto, como por ser uma completa e graphica pintura dos costumes do clero, n'essas datas, crêmos que os nossos leitores o lerão com agrado e gaudio—e por isso o reproduzimos.

Determinou, portanto, regalar-se quanto podesse em bellas comezainas e empanturrar-se d'assados e outros pratos d'Allemanha, tudo sem pagar ceitil, pois era pobre e não possuia nada.

O presbytero havia guardado castidade absoluta (no que não fazia mais do que imitar o exemplo do seu velho e excellente arcebispo), soffrendo nimias indignações, pesares d'animo e melancholia, ao attentar no sem numero de marafonas e cortezãs tanto em voga n'este picaro mundo, que viviam em Constança, para illuminar o entendimento dos padres do Concilio.

Enfurecia-se e rabiava, não sabendo como abeirar-se d'essas galantes devotas, que faziam andar a cabeça á roda tanto aos cardeaes, legados, bispos, principes e margraves, como aos simples tonsurados e diaconos sem bago na algibeira.

Á noute, depois do terço, estudava o modo e artes de lhes fallar, apprendendo o formoso breviario do amor, para lhes responder com acerto qualquer que fosse o assumpto da pratica: mas no dia seguinte topava com qualquer d'estas ditas madamas, em logar apropriado, reclinadas nas suas liteiras, ou escoltadas por pagens armados até aos dentes, e quedava-se de bocca aberta, como um perro apanhando moscas e contemplando as rosadas e frescas faces, que apesar de frescas tanto o abrazavam.

O secretario de Monsenhor, gentilhomem perigordiano, demonstrou-lhe com evidencia que os prelados, procuradores e auditores de Rota, compravam com dadivas e presentes, que não eram decerto de reliquias, nem de indulgencias, mas de pedrarias e ouro, o favor de serem bem vistos em casa d'estas santas que viviam sob a protecção dos padres do Concilio. Então o pobre turenez, apesar de ser tão candido e singello, enthesourou os escudos que lhe dava o arcebispo pelas suas copias, esperando arrecadar no seu saquitel, pelo tempo adeante, o sufficiente para poder fazer uma visitinha, um dia por outro, á cortezã de um cardeal, confiando no mais em Deos.

O presbyterosinho sabia-se adamar desde o toutiço até aos calcanhares, e parecia-se tanto com um homem, como um capro com uma pucella. Esporeado pelos seus appetites, andava á gandaia todas as noutes pelas ruas de Constança sem attentar no perigo de que algum chifarote lhe perfurasse os intestinos, pondo-se á espreita dos cardeaes quando iam ás ditas casas, vendo primeiro accender as grossas velas que illuminavam as portas e as janellas, e escutando depois os bemditos abbades que foliavam bebendo, regalando a entranha, namorando, cantando a Alleluia Secreta, e elogiando a musica com que os obsequiavam... Nas cosinhas cosinhavam-se verdadeiros milagres: diziam-se n'ellas *Officios* de bois estofados, *Matinas* de salmões, *Vesporas* de appetitosas goloseimas e *Laudes* de confeitaria, alem de ricas pingas, terminadas as quaes, os dignos curas se davam por empanzinados. Os seus pagens, entrementes, jogavam os dados nas escadas e vestibulos, e as mulas e cavallos piafavam na calçada. Tudo ia ás mil maravilhas! porque alem d'isto havia muita fé e muita religião! E eis o motivo porque ao excellente Hus o queimaram em vida. Quereis saber o motivo? Foi porque quiz metter a mão ao prato, sem que o convidassem. E demais, a quem é que lembra ser huguenote antes dos mais o serem?...

Mas voltando ao nosso historico Filippe recebeu bastos tabefes e sufficientes tareias no espinhaço: mas o diabo animava-o, segredando-lhe que tivesse por certo que, mais cedo ou mais tarde, podia vir a fazer o papel de cardeal em casa da amasia d'algum d'elles.

Deu-lhe esta convicção mais ardileza do que a um veado em outomno: e tanto que uma noute enfiou pelo melhor palacio de Constança. Mirou a escada aonde vira, com frequencia, senescaes, famulos e pagens, aguardando com brandões accesos a seus amos, reis, duques, cardeaes e arcebispos.

— Deve ser muito gentil e amavel esta mulher! — magicou comsigo.

Um creado deixou-o passar, suppondo que elle pertencesse ao sequito do eleitor de Baviera, que saía n'aquelle momento, e que subiria com algum recado d'aquelle dignatario. Filippe de Mala subiu pois os degraus com a mesma pressa d'um lebreu na pista, guiado por um delicioso tresalar de aromas, até ao *toilette* da dama, que encontrou no acto de se despir, coadjuvada pelas suas açafatas e aias, e ficando a tal vista tão assarapolhado como um ladrão diante da policia. A dama estava sem toucado e sem espartilho, e as aias lhe iam pouco a pouco tirando os vestidos e as saias, deixando o seu nitido e formoso corpo tão absolutamente nú que o presbytero offuscado não poude reprimir um ah! que trescalava amor a cem legoas.

— Que queres, pequerrucho?... — perguntou-lhe a dama.

— Entregar-te a minha alma — respondeu o franganote, comendo-a com os olhos.

— Volta ámanhã — replicou ella, por troça, ao fedelho — ao que Filippe, encarnado como uma romã, respondeu lestamente:

— Não faltarei.

Pôz-se a bella Imperia a rir a bandeiras despregadas, como uma douda, e Filippe, todo confuso, quedou-se immovel e atarantado, mirando, apezar d'isso, com ternos olhares aquellas admiraveis gloseimas d'amor, os formosos cabellos, que caíam sobre uns hombros polidos como o bronze cinzelado, e entre cujos mil anneis fluctuantes se enxergavam deliciosas e niveas carnes.

A sua testa de neve era encimada por um rubim que não chispava raios tão luminosos como os dos seus olhos, humedecidos das lagrimas que lhe rebentaram de tanto rir. Atirou ao ar uma chinelinha de biqueira dourada, com um ar cheio de graça, ficando com o pé descalço, mais pequeno do que o bico d'um cysne. Estava n'aquella noute de muito bom humor, aliás teria mandado atirar o pequenote pela janella fóra, importando-se-lhe tanto com elle, como com o seu bispo.

— Tem uns olhos muito bonitos, senhora — observou uma criada.

— D'onde virá?... — perguntou outra.

— Pobre pequeno! — exclamou a dama — talvez que a mamã ande á procura d'elle, e é preciso leval-o ao bom caminho!

O turenez, sem se acanhar, fez um gesto de extasis tal, contemplando o leito do brocado e ouro em que ia repousar o lindo corpo da bella, cheio de tanto fogo e intenção amorosa, que despertou os desejos d'Imperia, meia risonha, meia vencida pelo donaire e gentileza do moço.

— Até ámanhã — disse-lhe — e despediu-o com um ar que nem o Papa João se teria atrevido a desobedecer-lhe, e tanto mais que por aquelles

tempos o Pontifice e[illegible] m casca, visto que o Concilio acabava de o despapis[illegible]

—Olhe, minha s[illegible] outro voto de castidade em perigo, pelo desejo d'a[illegible] as.

Com isto, as ca[illegible] de novo, e Filippe esgueirou-se, tropeçando em tod[illegible] uma coruja á luz do sol, não tornado ainda a si do [illegible] sára aquella maravilhosa creatura, mais appetitosa q[illegible] onda.

Tratou de fixa[illegible] s esculpturas da porta, e voltou para casa do arcebispo [illegible] coração e o espirito transtornado. Mal se achou sósinho [illegible] e contar os dobrões, que não eram mais de quatro e co[illegible] eus haveres e com que pensava recompensar a dama, [illegible] -a, entregando-lhe tudo que possuia.

—Que tens [illegible] guntou-lhe o arcebispo, inquieto pelos estremecimentos [illegible] o pagem.

—Ah! [illegible] ndeu o pobre presbytero—admiro-me de que uma mulhe[illegible] peze tanto sobre o coração!...

—E que[illegible] mou o arcebispo, largando o breviario em que resava pelos [illegible] es.

—Ah! [illegible] ma! Ides agastar-vos commigo, meu bom amo e protector, mas o que é certo é que vi a amante d'um cardeal, pelo menos, e choro porque me falta um punhado d'escudos.

O arcebispo franziu a ruga em fórma d'accento circumflexo que tinha sobre o nariz, e nada disse.

O pobre pagem tremia por ter confessado a sua falta, mas seu senhor disse-lhe de chofre:

—Bem. Então tão cara se vende ella?...

—Tem destruido muitas mitras e arruinado muitas cruzes!...

—Pois bem, Filippe, se renunciares a ella, dar-te-hei trinta dobrões dos bens dos pobres.

—Ah! Monsenhor! perderia muito—respondeu o moço, ardente e embriagado pela esperança do gozo que cubiçava.

—Oh! Filippe! disse o bom bordelez—queres pois entregar-te ao diabo, e entediar a Deus, como fazem todos os cardeaes?...

E sarjado de dôr implorou a S. Graciano, patrono das virgens, a fim de que salvasse o seu servo, que fez ajoelhar, dizendo-lhe que se encommendasse a S. Filippe. Porém o condemnado presbytero rogava baixinho ao santo que lhe não deixasse fazer má figura, se acaso no dia seguinte a dama o recebesse com favor e misericordia. Vendo a devoção do seu famulo o cardeal gritava-lhe: valor, rapaz, o céo te salvará!...

No dia seguinte, emquanto seu senhor declamava no Concilio contra os costumes impudicos dos apostolos da christandade, Filippe de Mala gastou os seus dobrões enthesourados com tanto trabalho, em perfumes, banhos e varias peralvilhices.

Tanto se adamou e ataviou que parecia filho d'um lord em dia de festa. Percorreu a cidade, a fim de ver o palacio da rainha do seu coração, e quando perguntava aos visinhos quem morava ali, todos lhe riam nas bochechas, dizendo:

— D'onde virá este desgraçado que nunca ouviu fallar de madama Imperia?...

Teve por isto grande medo de ter dispendido os seus dobrões em proveito do diabo, porque pelas respostas comprehendia em que terrilico laço havia caído voluntariamente.

Imperia era a mulher mais caprichosa e mais linda do orbe, a mais resplandecente e bella, e que melhores entes possuia para enviscar cardeaes, fazer enamorar d'ella os rudes sangradores do povo. Possuia ardidos arqueiros, capitães, e senhores dispostos a servil-a até á morte. Um duello com um homem custava-lhe apenas um sorriso. Uma palavra sua bastava para que fosse immolado aquelle que lhe causasse entejo, e, a miudo, o senhor de Baudricourt, capitão do rei de França, lhe perguntava se tinha n'aquelle dia alguem que elle matasse, para se divertir com a estupefacção dos pobres abbades. Exceptuados os dignatarios do alto clero, ante os quaes Imperia dissimulava as suas iras, tratava os demais todos a pontapés, valendo-se de suas artimanhas e meneios amorosos, que cegavam os mais discretos e insensiveis, como aos passaros os boizes. Assim é que vivia querida e acatada como as verdadeiras donas e princezas, e a chamavam senhora. E, por isso, o bom imperador Segismundo disse a uma prudente e virtuosa dona, que se queixava d'isso: «que ellas, como boas donas conservavam os costumes honestos e seguiam a senda da virtude, e madama Imperia as deliciosas maneiras da deosa Venus.» Palavras christãs, que, sem razão, chocaram as matronas.

Filippe, ainda que não fizesse mais do que magicar nas cousas maravilhosas que vira no dia anterior, receou muito que aquella fosse a ultima vez que as contemplára. Esta idêa causou-lhe funda tristeza, e vagabundeou pela cidade sem rumo, sem comer nem beber, esperando a hora da entrevista, pois estava bastante enamorado para que podesse imaginar que passaria horas mais aprazíveis do que as que lhe dispensasse madama Imperia.

Mal chegou a noutinha, o lindo turenesinho, pimpando de orgulho, sarjado de desejos e esporeado pela lascivia que lhe dava azas, deslisou como uma enguia pelo palacio da verdadeira rainha do Concilio, — e verdadeira rainha, porque deante d'ella se acurvavam todas as authoridades, sciencias e prudencias da Christandade. O mordomo, que não conhecia Filippe, ia pôl-o no olho da rua, quando uma creada lhe gritou do patamar da escada:

— Ó senhor Humberto! deixe-o passar, que é o pequeno da senhora...

O pobre padresito, encarnado como uma noute de noivos, subiu as escadas, rebentando de gaudio.

A aia pegou-lhe na mão, e levou-o para a sala, onde o aguardava a dama, vaporosamente vestida, como uma mulher animosa que se promette scenas agradaveis. A resplandecente Imperia estava sentada ao pé d'uma mesa coberta de velludo bordado a ouro, em que estavam faustosos serviços de licores, bôtelhas de vinho, taças de mil fórmas, frascos, jarros plenos de vinho de Chypre, pratos cheios de especiarias, pavões assados, suculentos recheios, e salmões assados, o que alegraria a vista ao galan, se o seu amor a Imperia o tivesse deixado reparar em qualquer cousa. Observou a dama que os olhares do presbyterosinho não se apartavam d'ella um momento, e ainda que habituada ás devoções da gente da egreja, fol-

gou em extremo, porque se havia enamoriscado do rapazito, que desde a vespora á noute lhe andava encasquetado na cabeça, e que se lhe havia encaixado, de golpe, no coração. As janellas estavam fechadas, e madama muito sorridente e amavel, como se tratasse d'obsequiar um principe do imperio. Foi assim, que o frascario, beatificado pela santa belleza d'Imperia, comprehendeu que nem imperadores, burgraves, nem mesmo cardeal algum em vesporas de ser eleito Papa, poderia luctar aquella noute com elle, pobre curita, que não tinha sobre a sua pessoa mais que o diabo e o amor.

Saudou-a, pois, com um garbo de cavalleiro, com uma saudação mesurada nada vulgar, por certo, e por isso a dama lhe disse, excitando-o com o seu relampejante olhar e amorosas palavras:

—Senta-te ao pé de mim, para que eu veja e saiba se mudaste desde hontem á noute.

—De certo que mudei...

—Vamos a vêr... Então, como assim?...

—Hontem amava-te, hoje amamos-nos, e de um pobre diabo pobretão que era, tornei-me mais opulento e glorioso do que um monarcha.

—Ai! pequenito, pequenito!—exclamou a dama—de certo que mudaste, pois d'um curasinho novo te transformaste n'um diabo velho matreiro.

Assentaram-se então perto d'um bom brazido, que espalhava por todo o aposento uma tepida e langue embriaguez, e permaneceram sem começar a comer, immoveis, pois que só pensavam em comerem-se com os olhos.

Quando estavam com todo o remanso e satisfação, chegou até elles um barulho desagradabillissimo, que vinha do vestibulo, como de pessoas que gritavam, disputando.

—Senhora!—disse uma creada, entrando, aturdida—aqui está uma cousa com que não contavamos.

—Que cousa?—replicou a dama com a altivez d'um tyranno, que não gosta que o interrompam.

—O bispo de Coira, que quer fallar-vos.

—Que o diabo o leve! replicou Imperia, olhando com um ar muito gentil Filippe.

—Senhora, elle enxergou luz pelas frinchas, e está damnado...

—Diz-lhe que tenho febre, e com isso não mentirás, pois estou doente d'este presbyterosinho que me faz andar a cabeça á roda.

Acabava apenas de proferir estas palavras, e pegava devotamente na mão de Filippe, que escaldava, quando o ventrudo bispo de Coira se apresentou na soleira da porta, todo radioso. Os seus estafetas seguiam-n'o, conduzindo uma fruta, canonicamente temperada, fresca, porque acabava de saír do Rheno, n'um riquissimo prato d'ouro, e differentes especies de manjares em pequenas cubas magnificas, com outras mil frioleiras, como licores e compotas fabricadas pelas santas freiras das suas abbadias.

—Ora—berrou elle com o seu vozeirão—eu tenho muito tempo a passar ao pé do diabo, quando para elle fôr, para que antes de tempo me faças esperar á porta, pequerrucha!...

—O teu ventre ha-de servir algum dia de excellente bainha a uma

espada — replicou ella, franzindo as sobrancelhas, que de formosissimas se tornaram terriveis.

— E este bonifrate vem aqui resar?... perguntou insolentemente o bispo, voltando a sua face encarniçada para o lindo Filippe.

— Monsenhor, vim confessar madama Imperia.

— Olá! Olá! Acaso sabes tu de canones?... Confessar as damas a taes deshoras da noute!... Isso é um direito só reservado aos bispos... Portanto, abotôa os calções, vae entreter-te com simples freiras, e não ponhas cá pé... sob pena d'excomunhão.

— Cala-te! — gritou a altiva Imperia, mais bella na sua colera agora do que antes no seu amor, porque agora sentia ao mesmo tempo colera e amor.

— Não te vás, meu amiguinho! Aqui estás em tua casa — disse ella, dirigindo-se a Filippe.

Por estas palavras conheceu elle quanto o amava já a cortezã.

— Acaso não é — continuou a bella — materia de rito o ensino evangelico que todos sois eguaes ante Deos, no valle de Josaphat?...

— Isso é uma invenção do demonio que falsificou os textos, porém está escripto — respondeu o enorme bispo de Coira, tratando de sentar-se.

— Pois se isto é assim, sêde eguaes deante de mim, que sou aqui a vossa deosa — replicou Imperia — ou ordeno que vos estrangulem delicadamente, qualquer noute. Assim vos juro pela minha tonsura, que vale mais do que a do Papa!....

Entendendo que não seriam demais na meza as trutas e as gulodices do prelado, a cortezã disse habilmente ao bispo:

— Senta-te e bebe. E ao dizer isto, como mulher fina em malicias, piscou o olho ao bem amado, para indicar ao rapazelho que não lhe devia fazer mossa aquelle maldito caso do allemão, que ficaria d'ali a nada prompto, mal se emborrachasse com o sumo da parreira.

A aia puxou assento para a meza para elle cear, em quanto Filippe com uma colera que o embuchava, mandava o bispo a mais diabos do que freiras tivesse violado em vida... porque via todo o seu gaudio tornado em fumo.

Estavam já a meio da ceia, em que o moço não havia ainda tocado, pois só tinha fome de Imperia, ao pé de quem se encolhia silencioso, fallando aquella gentil linguagem que as senhoras entendem, sem necessidade de virgulas, accentos, pontos, lettras, figuras, caracteres, imagens, notas, nem comas, e o gorducho bispo, demasiado sensual e cuidadoso da pelle ecclesiastica com que a mãe o dotára ao nascer, havia-se deixado emborrachar amplamente com cidra, vertida pela mão delicada da diva.

N'isto escutou-se uma grande estrupida, como de innumera cavalgata na rua. O numero dos cavallos e o estrepito dos pagens indicavam a proximidade de algum principe furioso de amor, e, com effeito, apresentou-se d'ali a pouco o cardeal de Ragusa, a quem a creadagem d'Imperia se não atrevera a fechar a porta na cara.

Á sua entrada, a pobre cortezã, mais o pagem ficaram corridos e vexados como leprosos, porque seria o mesmo que tentar o diabo luctar com aquelle purpurado que ainda se não sabia se conseguiria fazer-se eleger Papa, pois que os tres pretendentes á cadeira de S. Pedro haviam deposto n'aquella occasião as suas tiáras em proveito da christandade.

O cardeal que era um italiano muito tonante e muito barbudo, grande sophista e de enorme influencia no Concilio, logo á primeira vista adivinhou o *alfa* e *ómega* d'esta aventura. Não careceu de matutar muito para encontrar o meio de arranjar as cousas a seu modo, a fim de satisfazer bem e depressa os seus desejos. Chegára a casa d'Imperia, espicaçado por uma luxuria de frade, e era sujeito muito capaz de mandar coser os dous padres a facadas e de vender os pedaços da Véra Cruz, o que seria muito mal feito.

— Ó meu amigo! — disse elle, chamando por Filippe.

O malaventurado turenense, mais morto do que vivo, não duvidando já que o demonio tinha mettido o rabo nos seus negocios, levantou-se, perguntando ao poderoso cardeal o que queria.

Este, pegando-lhe por um braço e levando-o ao patamar da escada, olhando-o fixamente na alva dos olhos, disse-lhe:

— Pelo poder de Deus! És um pequeno e jovial conviva, e por isso eu não quizera ver-me obrigado a fazer saber a teu amo o que as tuas tripas pesam... Este capricho poderia custar-me fundas meditações religiosas talvez na minha velhice. Assim, escolhe entre casar-te com uma boa abbadia para sempre, ou com a madama, por uma só noute, e morrer amanhã.

O desgraçado turenense, no desespero, ainda retorquiu, perguntando:

— E logo que tiverdes satisfeito o vosso appetite, poderei voltar?...

O cardeal esteve a ponto de perder as estribeiras, mas conteve-se, e replicou gravemente:

— Escolhe: a forca, ou a mitra!

— Ah, senhor! — disse maliciosamente o finorio — tão rica será essa abbadia?...

Ouvindo isto, o cardeal voltou á sala, e rabiscou n'um pergaminho um bilhete para o legado de França.

— Monsenhor — disse-lhe o turenense, emquanto arrecadava o pergaminho e a abbadia — o bispo de Coira não se irá tão facilmente como eu, porque tem tantos conventos como os gatos descuidados, e além d'isso está em graça de Deus... — assim, pois, para vos provar a minha gratidão, ahi vae um bom conselho:

— Sabeis quanto malvado e ambicioso é esse frade-pio que tão escandalosamente tem metallisado tudo... Dizei-lhe, pois, que acabaes de assistir á agonia final do vosso velho e bom amigo, o arcebispo de Bordeus. Assim o despachareis mais depressa do que a palha que arrasta a ventania...

— Olá! Olá, saiste-te! — Tu mereces mais do que uma abbadia, pelo ventre do Todo Poderoso, meu amigo!... Toma cem escudos d'ouro, para a viagem até a abbadia de Turpenay, que ganhei hontem ao jogo, e que te dou de presente...

Ao ouvir esta pratica e ao vêr desapparecer Filippe de Mala, sem que mesmo lhe dardejasse sequer um olhar cheio de quinta essencia amorosa, Imperia sentiu cruelmente a indifferença e a cobardia do amante. Não era sufficientemente christã para perdoar ao curasito o seu abandono, e o não se ter deixado matar pelos seus caprichos. Por isso decidiu logo *in mente* a morte de Filippe, e assim lh'o fez sentir no olhar de vibora que lhe fusilou, ao passar, insultando-o, cousa que deu enorme gaudio ao italiano,

porque percebeu que o novo mitrado não havia de perder tempo em caminho da abbadia.

O turenense, fazendo pouco caso do que se passava, pôz-se a andar, de orelha murcha, como canito molhado.

Madama, soltava entranhados suspiros, que d'esta vez vinham directamente do coração, e se podesse teria escaqueirado o genero humano, porque todo o ardor que de principio sentia no corpo, agora subira-lhe á cabeça, e só via grandes chammas vermelhas no ar, e á roda. E não lhe escasseavam, certamente, motivos, porque era a primeira vez que um presbytero cassoava com ella.

O cardeal sorriu-se, pensando na sua muita sorte e no seu gôzo futuro. Acaso, matutava elle comsigo—não sou eu tambem um bello conviva? Tinha por ventura o outro barrete vermelho como eu?...

—Olá, querido compadre!—exclamou, dirigindo-se ao bispo.—Alegro-me muito de me achar na vossa companhia, e ainda me alegro mais de ter despachado este garotito indigno da senhora, porque se o não fizesse assim este curasito de má morte ter-vos-hia podido prejudicar...

—Como assim?...

—Porque este presbyterosinho é escrevente do arcebispo de Bordeus, que esta manhã caiu de cama, com...

O bispo abriu a bocca como se quizesse engolir um queijo todo inteiro.

—Como sabeis esta noticia?...—perguntou.

—É exacta e veridica,—respondeu o cardeal, pegando na mão do arcebispo—acabo de o ungir e sacramentar... A estas horas navega provavelmente com bom vento para o paraiso.

O bispo de Coira demonstrou então como são leves os gordos, porque os pançudos teem a virtude que Deus lhes deu, em recompensa de seus muitos trabalhos, de possuirem tubos interiores elasticos como globos. O bispo de Coira, pois, deu um salto atraz, tossiu, cuspiu, como um boi que encontra pennas na mangedoura, e concentrando-se, precipitou-se pela escada abaixo, sem se despedir de Imperia.

Quando o bispo partiu, e elle o sentiu sapatear na calçada, o cardeal de Ragusa começou a dar casquinadas e a tratar de se divertir.

—Oh! minha pequerrucha! Não sou acaso digno da tiára, e, melhor do que isso, de ser teu galan esta noute?...

Observando que Imperia estava pensativa, abeirou-se d'ella, para a acarinhar, abraçal-a e adoral-a á moda dos cardeaes, gente que entende d'estas cousas melhor do que ninguem, e ainda mais de que os *bravi*, porque como não fazem nada, não gastam as forças.

—Ah! Ah!—disse ella, recuando—queres tu a minha morte, louco metropolitano?... Para vocês o principal é o gôzo, picaro rufião!... tudo o mais é frioleira!... Embora o teu prazer me matasse, tu depois me canonisarias... Não é verdade?... Tens o solidéo, e apesar d'isso desejas-me? Pois bem, vae-te depressa, frade sem mioleira, e não me toques—gritou, vendo elle adeantar-se—porque te furo com este punhal...

E a lesta rapariga sacou da algibeira um estyletesinho, muito curto, que sabia manejar ás mil maravilhas, quando a occasião se offerecia.

—Mas, meu paraisosinho, minha delicia!—replicava o outro, rindo-se—

não reparaste na minha finura? Não viste como eu puz no olho da rua esse boi velho de Coira?

—Sim... porém se me estimas alguma cousa, e eu já o vou ver..., quero que sem demora te ponhas ao fresco... Se estás com a febre da luxuria, a minha morte pouco te importará. Sei o que farias por um momento de gozo, submergirias a terra. Gabaste-te d'isso, com uma grande borracheira, e como eu não penso senão nos meus thesouros, na minha saude e felicidade... vae-te, e senão morreres até lá, virás ver-me ámanhã... Hoje odeio-te, querido cardeal—disse, esforçando-se por sorrir.

—Imperia! minha boa Imperia!—replicou o cardeal, ajoelhando-se—Não zombes de mim!...

—Não zombo, não, porque não chufo nunca das cousas religiosas e sagradas.

—Ah! má irreverente! Eu te excommungarei... ámanhã.

—Graças a Deus! já deixaste as tuas teimas cardinalicias...

—Imperia... Satanaz!... Filha do diabo!... Minha filha!... Minha pequena!...

—Estás-me faltando ao respeito!... Não te ajoelhes!—disse ella.

—Queres dispensas, *in articulo mortis?* Queres a minha fortuna? ou melhor do que isso, um pedaço da Véra Cruz?... Dize o que é queres...

—Esta noute todas as riquezas do céo e da terra não chegariam para a compra do meu coração — replicou ella, gargalhando. — Seria a ultima das peccadoras, indigna de receber o corpo de Nosso Senhor Jesus Christo, se não tivesse, de vez em quando, os meus caprichos.

—Vou deitar fogo á casa... Feiticeira, embruxaste-me... Morrerás na fogueira... Escuta, meu amor, gentil princeza, prometto-te o melhor logar no Paraizo!... Ainda assim, não?... Morra, morra a feiticeira...

—Cuidadinho, Monsenhor, que vou estripar-vos...

O cardeal deitava espuma pela bocca, tal era a sua raiva.

—D'aqui a nada estás maluco de todo. Vae-te... Tudo isto me massa...

—Serei Papa, e então m'as pagarás!

—Ainda assim, não estás dispensado de me obedeceres...

—O que é necessario fazer para te agradar?...

—Pôres-te no andar da rua.

Dizendo isto, saltou a dama como uma corça dentro do quarto, e fechou o ferrolho, deixando o cardeal esbravejando, mas sem ter outro remedio senão pôr-se a andar.

Quando a bella Imperia se viu sósinha deante do lume e da ceia, sem o seu presbyterosinho, disse quebrando, colérica, uma cadeia d'ouro:

—Pelos duplos e triplos chifres do diabo! o pequeno foi causa de que despedisse o cardeal e de que elle me envenene ámanhã sem que eu goze do pequeno a meu gosto... Não morrerei, sem mandar que o esfollem vivo á minha vista. Ah!—disse chorando, d'esta vez, com lagrimas sinceras.—A minha vida é muito infeliz! Tenho medo que a sorte me abandone...

Quando acabou de dizer estas palavras, gemendo como um vitellinho que matam, viu a rosada e gentil figura do curasinho que se havia escondido sorrateiramente, detraz de um armario com espelho de Veneza.

—És—exclamou a corteza—o cura mais perfeito, o frade mais lindo

que tem calcado esta santa e amorosa cidade de Constança... Vem, meu gentil cavalleiro, filho da minha alma, meu bébé, meu paraizo, meu deleite!... Quero beber os teus olhos, comer-te, matar-te de amor. Oh, meu amo! meu verdadeiro e sempiterno deus! hei-de fazer-te de padresinho de agua chilra Imperador, Rei, ou Papa, e ainda mais feliz do que elles. Anda! aqui pódes pôr tudo a sangue e fogo... Sou tua, e eu t'o mostrarei. Se quizeres ser cardeal, sel-o-has, ainda que para tornar encarnado o teu solidéo fosse preciso o sangue do meu coração.

E com as mãos tremulas encheu de vinho grego uma taça d'ouro que havia trazido o bispo de Coira, e apresentou-a ao seu galan, que quiz servir de joelhos, ella! a quem os principes beijavam a chinelinha, com mais prazer do que ao Papa.

Elle olhava-a silencioso, com os olhos chispando amor e desejos: e ella, attentando n'este olhar cupidineo, e cheio de fogo, disse-lhe:

—Vamos!... Espera um pouco, meu pequeno... ceêmos primeiro.

CAPITULO XXIV

Tramoia dupla

Um homem com a face collada aos vidros d'uma janella da granja d'Anchises, situada na estrada de Florença, observa impaciente o caminho como se estivesse á espera d'alguem.

—Não vem, talvez!...—murmurava, consultando o relogio de bronze, cujo ponteiro percorre lentamente a esphera esmaltada.—E comtudo urge que venha!

Estas palavras foram proferidas com um entono que queria ser imperioso e duro, mas que se converteu em expressão d'angustia.

Impaciente, passeava pela alcova a passos acelerados, comprimindo os baques do peito com a mão.

—Não vá ella vacillar na occasião precisa—dizia de si para si.—Mas não, ama-o muito para que faça tal! No outro dia, no atelier, devorava-o com os olhos.

—Que loucas e tontas são as mulheres! Amar tanto esse pintor, que nem sequer pensa n'ella, cuja vida pertence a outra, a esse sonhador incapaz de outra cousa que não seja amontoar obras primas uma sobre a outra, e nem sequer conhecer que eu a adoro! eu, tão poderoso, mas que estou prompto a sacrificar por ella, sem queixa, nem attenção, todas as minhas ambições, que seria capaz de fazer tudo por ella... não reparar sequer que o meu unico desejo é o imperio do mundo, para o pôr a seus pés!

E de novo assomou á janella.

—Ninguem!

E, de facto, a estrada parecia deserta.

O homem irritado, affastou-se da janella, exclamando:

—Ella julga vir a casa d'elle... O seu amor ha-de decidil-a, e não tem motivo para suspeitar de nada...

E a face tornou-se-lhe mais risonha: affastou-se correndo, porque se convenceu que, sem duvida, ella não faltaria. Serenou-o esta idêa.

—Vem!—murmurava elle com voz surda—corre a vir apagar-me em uma hora tantos tormentos devorados em silêncio, tantos soluços estrangulados, uma espera tão longa!...

A cabeça acurvou-se-lhe, os labios esboçaram um beijo, e os braços abriram-se, como para estreitar alguem n'um abraço supremo.

—Ninguem!—exclamou, observando a rua.

Então perdeu a paciencia: a paixão tornou-se-lhe em cólera, que foi crescendo progressivamente.

—A miseravel é capaz de não vir!—esbravejou furioso.

E pôz-se a insultal-a agora tanto, como antes a invocava apaixonadamente.

—Terá acaso encontrado Raphael?—disse, levantando-se de repente. O acaso terá destruido este plano que exigiu tanto tempo para ser bem combinado?... Emquanto eu me consumo aqui, esperando-a, estará ella gozando nos braços do outro?

Esta idêa transtornava-o e cobria-lhe a face de pallidez mortuaria.

—Mas não! Não póde ser!...—dizia, fazendo por tranquillisar-se momentaneamente, como succede nas horas em que uma demorada espera nos enteja e nos enerva... Ella está talvez a chegar, e não deve estar longe!...

Para variar o curso d'estas idêas importunas, passou á sala visinha.

Logo á entrada, d'um pequeno fogão que o inquisidor mandára trazer, exhalava-se um perfume violento.

—Está bem!—disse.

Fazia ainda ao pagem uma ultima recommendação, quando bateram duas pancadas na porta, timidamente.

—Ella!—gritou Hochstratten, aturdido, como se o tivessem atordoado com duas violentas pancadas com uma clava. Não podendo sequer fallar, fez um signal ao pagem, que desappareceu.

De facto era ella, a Fornarina, com as faces tingidas do mais delicioso e vivo carmezim, os olhos inflammados.

—O sr. Raphael?—perguntou ella ao pagem, com voz surda, encostando-se á parede, para não caír.

—Está aqui—disse o pagem—e espera-vos.

Margarida respondeu, fazendo um grande esforço, e como se a espantasse aquella resposta, que comtudo devia esperar:

—Está bem.

—Entrae—tornou o rapaz.

Abriu a porta de uma sala obscura, porque as cortinas estavam cerradas, e retirou-se.

O chão estava coberto de molles tapetes, e cheio de cochins. A Fornarina, ao receber as primeiras exhalações do perfume penetrante a que trescalava a sala, cambaleou.

Comtudo, deu um passo. Os tapetes eram tão molles e brandos que parecia andar sobre pennas.

—Que tendes?—perguntou-lhe o pagem, sustentando-a por um braço.

—Que tenho?... — disse ella ruborisada.

E curvou a cabeça sem atinar com que responder. A final ciciou:

— Tenho sêde.

O pagem parecia esperar aquella resposta, porque sorriu, correu a um aparador e trouxe á padeirinha um copo, que encheu com um liquido que estava dentro d'um jarro de prata.

— Bebei—disse o pagem.

Ella pegou automaticamente no copo e bebeu d'um trago o liquido aromatico e fresco como a neve.

—Sentis-vos melhor?...—perguntou o pagem.

—Sim—retorquiu Margarida.

— Bebei mais, se quereis, emquanto vou avisar o senhor de que chegastes...

O pagem saíu.

A Fornarina ficou sentada no macio assento d'esta sala inebriante de aromas estonteadores, abstrahida e afundada completamente em pensamentos vagos. Tudo, em seu cerebro, era obscuro e confuso, assim como os objectos que via n'aquelle aposento, quasi ás escuras. Pareceu-lhe, no emtanto, que aquella geropiga gelada lhe deixára no peito uma impressão calida, como se fosse lava candente. Novamente bebeu do liquido alguns pequenos tragos, saboreando demoradamente e com attenção.

Experimentou um estranho prurido, titillação em todo o corpo, como se o sangue circulasse com mais violencia, mais febrilmente nas veias: os olhos involuntariamente tendiam a cerrar-se: os braços estendiam-se languidamente, como se quizessem abraçar os aromas balsamicos da atmosphera da sala: o coração latejava-lhe, aos baques, precipitadamente, no peito: imagens indeterminadas, vagas, surgiam ante seus olhos nublados de voluptuosa languidez.

—Como tarda!—murmurou em voz baixa, muito baixa, que quasi parecia um suspiro.

O nome do amante brotou-lhe então involuntariamente dos labios, com paixão.

—Raphael!—ciciava a Fornarina.

E n'aquelle nome, repetido uma, vinte, cem vezes, com todos os tons e modulações do amor, punha a moça toda a energia da sua alma pura e apaixonada.

—Vem!—murmurava.—Vem, meu amado!...

Ebria d'amor a transteveriana havia esquecido tudo n'aquelle instante. Pôz-se de pé e com os braços alongados para deante, começou a andar com passo lento, procurando uma porta, para correr ao encontro do dilecto da sua alma, para o poder vêr, para escutar, ao menos, o timbre da voz d'elle.

— Aqui me tens!—respondeu de subito uma voz surda, que saíu d'um angulo da sombria sala. Fornarina afogou um grito na garganta, e enlouquecida caíu nos braços d'aquelle homem.

—Raphael!—repetiu a Fornarina.

Parecia-lhe que as paredes andavam á roda, que caía em cima de brandos coxins. Sentia-se arrebatada e conduzida ao paraizo de todas as doçuras e de todos os deleites. Os beijos que sentia escaldarem-lhe o collo e os labios estavam impregnados do alento d'uma bocca amorosa: eram apaixonados e deleitosos esses beijos: aquella tremula mão que acariciava com delicia as suas fórmas era uma mão que escaldava de febre amorosa.

Fornarina cerrou pois os olhos, deitou um braço á roda do pescoço d'aquelle que ella suppunha o amado, e cuja phisionomia julgava ver em balde na sombria penumbra da sala, e... entregou-se.

Lucas corrêra desesperadamente, como costumava correr atraz dos seus bois quando lhe fugiam para os pantanos. Com olho cauto e explorador rebuscou a estrada toda, sem poder dar com os individuos que havia bocado apenas perdera de vista.

Desesperava-se já de não encontrar em todo este percurso senão *villas* deliciosas, em cujos jardins graciosas creanças brincavam, ou em que só se topavam com bandos amorosos, ou com pares de namorados á janella, adornadas de virentes trepadeiras.

De repente quedou-se um instante na attitude d'essas estatuas antigas que nos representam os luctadores na carreira dos jogos olympicos. Depois metteu por uma pequena mouta de cytisos.

—Finalmente!—murmurou.

Acabava d'enxergar no alto da escadaria d'uma *villa* o pagem que vira ha pouco, atraz da egreja de Santa Cecilia, a cavallo, escoltando o inquisidor.

—Deve ser ali—disse elle.

Desde logo pensou unicamente em achar meio de introduzir-se n'aquella casa fechada como uma tumba, e em que talvez se consummava a deshonra da linda moça que lhe havia escravisado o coração.

—Mas como o conseguir?—perguntava a si proprio.

Aquella casa não tinha senão uma entrada, que era a porta principal. O boieiro não queria senão um pretexto para lá poder entrar; mas não confiava em nenhuma ficção, mentira ou astucia, para o conseguir. Pensava só em lá poder ir d'assalto, expondo-se a toda a sorte de risco, e só alcançando o seu fito, depois de encarniçada lucta. Mas a grade de ferro que encimava o elevado muro que circumdava a quinta embaraçava o seu proposito.

—Será talvez melhor esperar?...—pergunta a si mesmo o rapaz encolerisado esterilmente.- Eu vim muito depressa: é possivel, portanto, que ella ainda não tenha chegado.

O barulho d'uma pedra rolando por uma ladeira, attrahiu-lhe a attenção para o lado opposto do caminho.

Descobriu então um garotito, que sem duvida devia ter reparado as suas idas e vindas á roda da *villa*, e acercou-se d'elle perguntando-lhe:

— Que fazes tu ahi, pequeno?...

O garotito por unica resposta apontou-lhe um ramo de roseira que trepava por um alamo acima.

— Tu queres apanhar essas flores?...—disse-lhe Lucas.

— Não é para mim, é para minha mãe que móra ali.

O boieiro estremeceu. O pequeno apontara-lhe a casa, á roda da qual elle ha tempo girava inutilmente.

—Ah! tua mãe móra ali?—repetiu.

—Sim,—respondeu o rapaz—é a mulher do rendeiro.

A Lucas lembrou-lhe então dizer uma mentira para saber uma verdade.

—É então ella que entrou ha pouco, vestida de transteveriana?

—Não!—respondeu o pequeno—a transteveriana entrou pela porta do patrão, e é mais nova do que minha mãe: demais ella é morena, e minha mãe loura.

—Não ha duvida!—pensava Lucas, a quem parecia que uma vibora roía o coração.—Está perdida! E nada posso fazer, para o evitar!...

Colérico, batia com o pé no chão.

O pequeno, tocando-lhe no braço para lhe chamar a attenção, indicava-lhe com olhos cubiçosos o ramo da roseira, de que não despregava a vista.

—Sim,—tens rasão!...—disse Lucas, dispondo-se a trepar á arvore.

—Diz-me—continuou com voz rouca o boieiro, subindo pela arvore acima com a agilidade d'um esquilo.

—É o senhor Hochstratten,—disse a creança com a emoção natural em quem sempre ouviu pronunciar este nome com veneração e respeito.

—Hochstratten!...—repetiu Lucas, cravando ao mesmo tempo olhares ameaçadores na casa, como se tivesse querido vêr o que succedia detraz d'aquellas paredes.—Hochstratten!... Miseravel!...

A sua colera converteu-se depressa em desespero, e lagrimas, a punhados, lhe golfaram dos olhos.

—É esse, cortae-o!—dizia o pequeno, referindo-se ao ramo da roseira.

Lucas cortou-o, juntamente com outra abada de bellas rosas que atirou ao rapazito.

O pequeno applaudia com vivas mostras de gaudio, exclamando:

—Obrigado, boieiro!

E com as rosas nas mãos, pinchava de alegria.

De repente parou.

—O pae, olha meu pae que ali vem!...—gritava elle.

E correu ao encontro do camponio. Lucas observava-os, escarranchado na arvore.

Um pesado carro puxado por dous magnificos bois, carregado de feno até acima, vinha chiando pelo caminho. O carro dirigia-se para a dita casa e a um grito do rendeiro, cujo filho pôz-se a picar pimponamente os bois, a mulher d'elle escancarou uma larga porta cocheira, que conduzia á arribana.

—Aquella porta!...—exclamou Lucas illuminado por uma idêa subita que lhe relampagueou na mente.

E pôl-a logo em pratica. Deslisou pelo tronco da arvore, collocou-se ao pé da porta, occulto n'um alto do caminho, e esperou, depois de certificar-se de que estava no mesmo logar a sua navalha de monte, de larga e afiada folha.

Quando o carro passou ao lado d'elle, saltou cautelosamente sobre os molhos de feno, sem ser visto, e, occultando-se com grande cautela, entrou no curral da arribana cujas portas se tornaram a fechar. Os bois pararam no celeiro, até ao tecto do qual chegavam os feixes do feno.

Agarrou-se á borda d'uma abertura praticada no tecto para dar claridade ao celeiro, e esperou que o feitor e os moços descarregassem o carro, para proseguir na sua empreza arriscada. Para maior segurança tivéra o cuidado de apoderar-se d'um fueiro do carro. Com a ajuda do fueiro, e os ramos d'uma arvore, desceu ao jardim. E com tanta cautella e destreza procedeu o boieiro, que um pagem que ao pé da porta do jardim se divertia a deitar bolas de pão aos cysnes do lago, de nada deu fé. Chegára emfim ao local desejado; mas que direcção deveria tomar?... Para que lado deveria dirigir-se, para salvar a Fornarina, e se para isso fosse já demasiado tarde, vingal-a ao menos?... Embalde procurava orientar-se por qualquer cousa significativa. Por qual das diversas portas que via deveria entrar?...

Ia já abrir uma ao acaso, o que o teria irremediavelmente perdido porque dava para a cosinha em que estavam os criados, quando de repente parou, estremecendo de surpreza e dôr.

Parecêra-lhe ter escutado um grito afogado, alguma cousa como um gemido. Presa de inarravel anciedade, contendo a respiração, escutou attentamente. Não se equivocára.

O grito, grito inexplicavel, cheio de cólera infinita, confuso mixto de indignação e dôr, reproduziu-se.

—É ella!—murmurou Lucas, cujo coração pareceu-lhe que ia estalar no peito.—É ella! É a sua voz...

E empurrou a porta, em cuja direcção se lhe figurára ter ouvido a voz penetrante da Fornarina.

—Quererá agora assassinal-a o monstro?...—pensava, avançando pelas casas dentro.

De repente parou, afogando um grito de dôr. Acabava de dar uma grande cabeçada n'uma parede. Atordoado pela pancada, desnorteado pela lôbrega escuridão do corredor, a que os seus olhos não se haviam ainda habituado, ficou immovel alguns momentos. Lucas não se enganára, o grito que ouvira fôra soltado pela afflicta Fornarina.

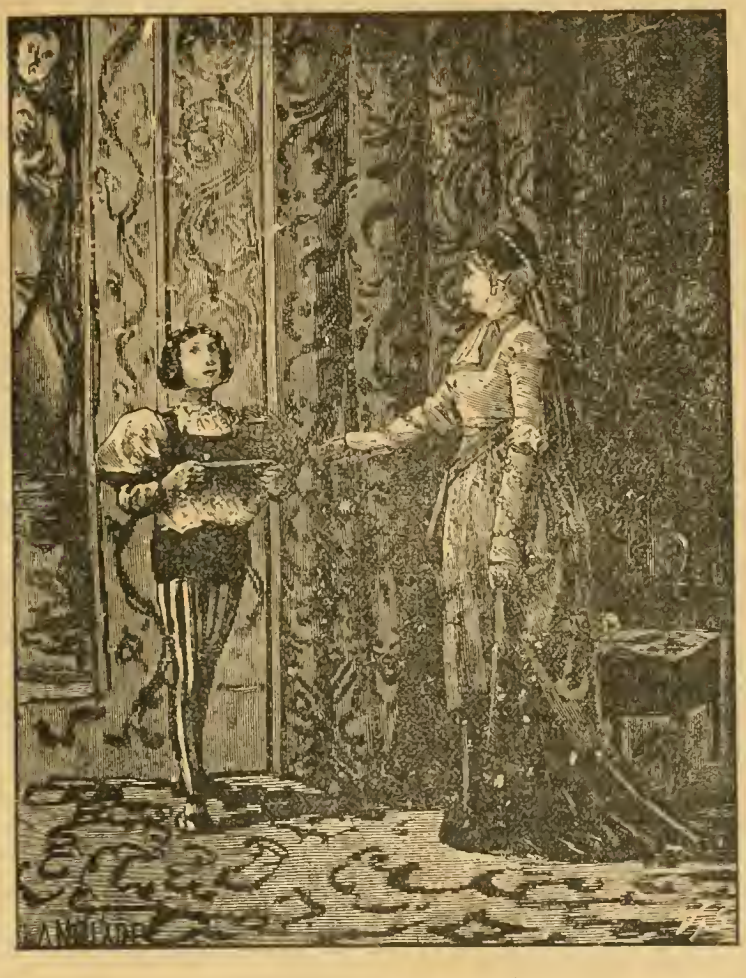
Quando a padeirinha tornou a si, ao encontrar-se nos braços d'aquelle a que se entregára cuidando ser Raphael, confusa e ruborisada, o seu primeiro movimento foi esconder a cabeça no peito d'elle, ao passo que o abraçava apaixonadamente.

—Despresaes-me?...—murmurou com voz tremula e timida. - Por Deus,

respondei-me que não... eu amo-vos muito... por piedade, respondei-me! Meu amo, meu senhor, fallae-me... Deixae-me suppôr que vós tambem me amaes com um amor sem fim... Se me enganasse, enlouqueceria...

—Amo-te!—respondeu a voz.

O metal d'aquella voz, porém, não era o que ella conhecia, e por isso estremeceu.



Ella machinalmente tomou o copo de prata.

Cap. xxiv.

Como se quizesse distinguir os traços phisionomicos do que lhe fallara no meio da escuridão da sala, apertou com ambas as mãos, puxando-a para si, a cabeça de Hochstratten. Mas em vez dos sedosos e largos anneis da cabelladura loura de Raphael, as suas mãos tactearam apenas com uns cabellos raros e asperos, onde facilmente ao simples tacto se podia reconhecer o espaço circular, rapado á navalha, da corôa sacerdotal.

—Meu Deus!...—exclamou a moça, espavorida.

E presa de intraduzivel vergonha e afflicção, tornou:

—Não é elle! é um padre!... Um padre!...

Fôra este o grito que Lucas ouvira.

Hochstratten pozéra-se em pé.

Por implacavel que fosse aquelle homem, o grito d'aquella pobre mocinha que acabára de desflorar, vibrara-lhe tão lancinantemente ao ouvido, que não poude reprimir um estremecimento. Percorrendo a sala, e apalpando as paredes, Fornarina acabára por descobrir uma janella com uma cortina espessa. Levantou a seda da cortina, e abriu as portas da janella fazendo entrar na sala a claridade do dia.

—Hochstratten!...—exclamou a padeirinha, estrangulada de soluços.

Ao reconhecer aquelle homem, a mocita, sarjada cruamente pelo desespero, esteve a ponto de baquear em terra.

Uma corrente, porém, de ar fresco reanimou-a. N'um impeto então de cólera, arremetteu para o inquisidor com um ar minaz e terrivel.

—Miseravel!...—clamou a padeirinha.

E cuspiu-lhe na cara.

Estava tão excessivamente pallida a pobre rapariguinha, com o corpete esbagachado, a farta e loura madeixa esparsa nos hombros, corriam-lhe tão fervidas e abundantes as lagrimas, como chuva de perolas, nas faces esmaecidas da emoção, e a voz estava tão alterada e tremula, que Hochstratten chegou a ter medo.

Pela primeira vez na sua vida conheceu o remorso.

—Miseravel!—dizia a Fornarina.—Miseravel!... Tu és quem me armaste este laço!... Teu olhar de vibora cravara-se em mim e eu descuidei-me. Tu sabias que eu amava este homem até ao extremo de tudo lhe sacrificar, e abusaste d'esta minha paixão... Apoderaste-te de mim pela traição, e pondo na cara uma mascara... Maldito sejas! Maldito para sempre, homem de negro e vermelho, sacerdote do inferno, juiz de sangue! Oxalá que todos te maldigam, porque fizeste de mim uma meretriz... Sim, eu estou peor do que uma prostituta!... Cuidas que saberei disfarçar o meu ultraje, que a vergonha que me ha-de subir em ondas de vermelhidão á cara não me atraiçoará?... Imaginas que saberei mentir agora, e que me irei offerecer aos seus beijos, depois da macula do teu labio me haver enlaivado para sempre as faces, o rosto e a bocca?...

Emquanto assim fallava vehementemente e com um fogo unico, a padeirita limpava a face com a mão, com mostra de invencivel repugnancia e entranhado asco.

—Ah! infame!—proseguiu.—Infame que me perdeste!... Que será agora de mim?... Não me será mais permittido gosar d'aquelle amor phrenetico que era o unico alvo da minha vida... Ainda que elle me quizesse amar, ser-me-hia impossivel a mim.

Os gemidos afogavam-lhe a voz.

—Oh! que vergonha!...—proseguia a misera rapariguita.—Eis-me coberta para sempre de irremissivel infamia... Mata-me, ao menos, verdugo, afoga-me sob um montão, um charco, uma esterqueira de lama!... Queima-me viva, para carbonisar este vexame!... Mata-me!... Mata-me!...

Fornarina baqueára por fim no chão, com a face inundada de um diluvio de lagrimas, embriagando-se na sua afflicção, ensanguentando o seio, esfregando os olhos com as mãos, sem poder subtrahir-se á ideia da sua desgraça irremediavel.

Hochstratten guardára silencio até ali. Mas depois de decorrido um largo espaço, ao vel-a esbarrondada pela sua dôr, suppôz que a moça consentiria em ouvil-o, e sem se atrever a acercar-se d'ella, começou a fallar-lhe, em voz sumida, mas que foi elevando paulatinamente.

—Eu tambem sentia por ti — disse — um amor vehemente, o que constitue e constituirá sempre a minha desculpa.

Esperou ser interrompido, mas Fornarina guardou um silencio fundo.

—O amor apaga a vergonha e por justa compensação a vergonha origina o amor.

A padeirinha soergueu a cabeça, fixando no inquisidor um olhar brusco.

—Não me comprehendes? — proseguiu elle. — Eu me farei comprehender. O que tu cuidas que constitue a origem da tua desventura, marca o começo da tua felicidade.

Fornarina sacudiu a cabeça com ar incredulo.

—Escuta — continuou Hochstratten — não zombo! A tua felicidade teria sido possuir Raphael. Mas isto, ainda que te empenhes em querer o contrario, conseguil-o-has. Um incidente, no qual a tua vontade para nada entrou, não extinguirá a tua paixão, antes talvez a avivente mais. Talvez o venhas a amar mais d'hoje em diante.

A moça continuava a quedar-se silenciosa, como se lhe escasseassem as forças para responder.

—Pois bem — proseguiu o inquisidor, cujo entono era severo como o de um juiz — em balde o terias amado como uma louca, jámais terias auferido o deleite de o apertares nos braços.

Fornarina pôz-se em pé. O inquisidor parou um momento. Depois continuou:

—Oh! bem sei que o que vou dizer-te póde parecer-te odioso, e que por isso me encherás de affrontas. Mas has de acostumar-te a esta idêa, asseguro-te. Escuta-me bem, que vou concluir. Sendo innocente e pucella, jámais conseguirias o amor de Raphael, que ama uma mais innocente que tu. Sendo cortezã, conseguirás o teu desejo.

A Fornarina exhalou um gemido surdo.

—Converte-te em cortezã. Apparenta-o, pelo menos, e lograrás vel-o a teus pés. Experimenta e verás.

—Infame! Infame! — clamou a padeirinha, quasi sem lhe dar tempo de terminar.

—Eu?...

Hochstratten tratou de levar o caso de galhofa, mas ella não lhe deu tempo. Correu para um armario, pegou n'um jarro de bronze e brandiu-o com energia ameaçadora. Estava verdadeiramente terrivel n'aquella attitude de cólera e de iracundia, com os labios tremulos e quasi brancos, as narinas roseas dilatadas pelo desespero...

Hochstratten não esperou pelas consequencias d'aquelle arranco, que lhe poderiam ter sido funestas e pôz-se a recuar lestamente para a porta.

Mas a Fornarina que prevíra a retirada em recúo, atirou-lhe colerica o jarro. O grande inquisidor evitou a pancada, esgueirando o corpo, e o jarro, passando-lhe por cima da cabeça, e roçando-a ainda, foi bater na parede e caíu por terra.

O inquisidor pondo-lhe um pé em cima, disse com fleugma:

—Para que tu conheças se te amo, sabe: que uma vez te salvei no Ghetto do furor da soldadesca que te teria chacinado.

—Mais valera que tivesse morrido!—replicou vivamente a rapariguita.

—Outra noute livrei-te da audacia d'um pagem que te queria violar...

—Vergonha por vergonha,—exclamou a Fornarina—antes aquella!

—E tu queres agora recompensar esses favores, matando-me?—concluiu o inquisidor.

—Tendes a liberdade de me fazer o mesmo!

—Não, eu perdôo-te, mas com a condição de que me has-de perdoar tambem.

—Eu?

—Sim, tu, quando te tornares rival e emula de Flora, e quando Raphael expirar d'amor em teus braços. Não digas que não. Isso succederá, affirmo-t'o. Eu esperarei que isto aconteça, para me apresentar então: mas confio que não terei muito que esperar.

E dirigindo-se para a porta, accrescentou:

—Até á vista, Margarida, até á vista!...

—Dize-lhe adeos!—gritou atraz d'elle uma voz terrivel.

—Lucas!—exclamou a Fornarina.

O inquisidor estremeceu.

O boieiro havia em[illegible]rrado a porta, e estava detraz do inquisidor com o punhal na dextra, e a forquilha na mão esquerda.

O primeiro olhar do camponez foi para a sua querida, e ao vêl-a com os olhos affogueados do pranto e as roupas em desalinho, adivinhou a fundura da affronta feita á padeirinha. A colera d'elle então explosiu em furia implacavel. Lançou-se sobre elle, n'uma bravia arremettida com o punhal nos dentes, e brandindo a forquilha ás mãos ambas.

Hochstratten, agachando-se a proposito, escondeu-se atraz d'um armario, e Lucas, que arremettera com demasiado impeto, errou o golpe.

Era isso precisamente que esperava o inquisidor, que, voltando-se, precipitou-se logo para a porta. Um grito de raiva, como um rugido, foi a unica expressão que soltou o boieiro, ao ver que elle se evadia: mas a Fornarina, com o jarro de bronze em punho, pôz-se adeante do inquisidor, interceptando-lhe a fuga.

—Soccorro! Acudam!—gritou Hochstratten.

Mas não teve tempo de continuar alvorotando os famulos, porque o jarro arremessado com toda a violencia foi bater-lhe em cheio no peito, e o inquisidor rolou sobre o tapete, regougando um grito raivoso e dorido.

—Tu agora!—clamou a Fornarina—Mata-o Lucas!...

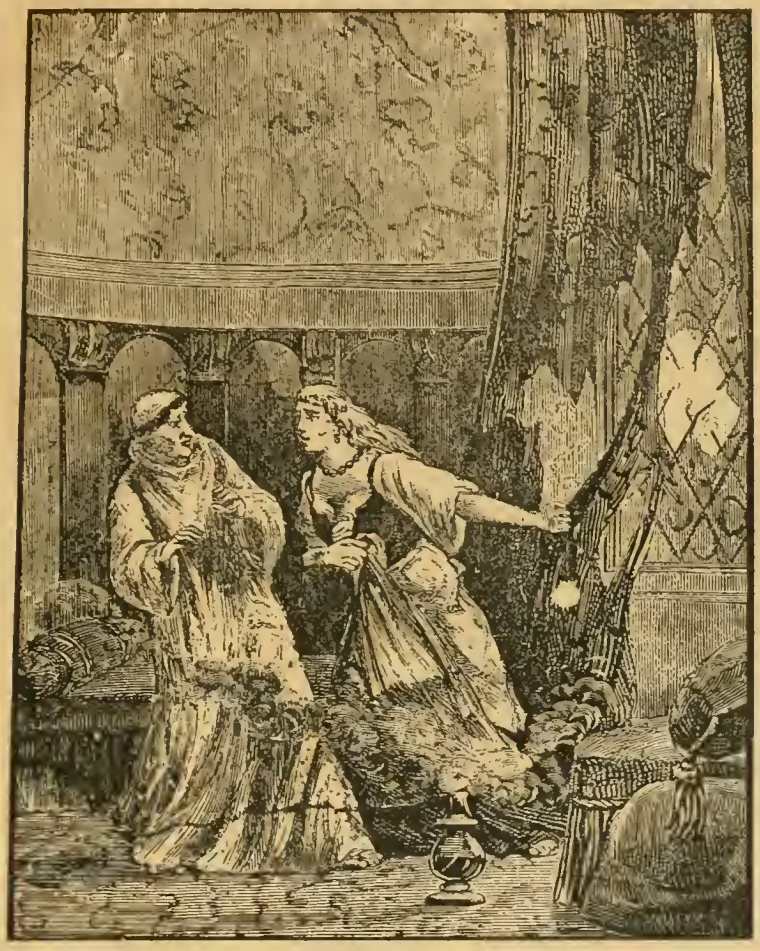
Tudo isto occorrera n'um segundo.

—Ah! caíste-me emfim nas mãos!—sibilou o boieiro entre dentes—Vou esmagar-te como um reptil nojento...

E alçou a forquilha sobre o miseravel, mas a forquilha não deu golpe

mortal, e Lucas caíu de costas, emquanto o punhal lhe caía. É que o frade, reforçando-se pelo mesmo perigo da situação, puxára violentamente pelas pernas do pastor, fazendo-o baquear por terra.

—Chega a minha vez agora!—exclamou o inquisidor pondo-se em pé, e pegando no punhal do boieiro caído.



Estava tão extraordinariamente pallida, eram tão dramaticos os seus gestos, corria-lhe pela face tão copioso choro, era sacudida de tão frequentes soluços, que Hochstratten teve medo...

Cap. xxiv.

—Cuidado, Lucas!—gritou a Fornarina.

O boieiro estava já com um joelho em terra, e quando o inquisidor de novo arremetteu para elle, teve que sustar a acommettida deante dos tres dentes da forquilha com que o boieiro o queria estripar.

O inquisidor então vibrou-lhe uma punhalada que o vararia fundo, se Fornarina, que lhe previra o ataque, não aparasse o golpe d'elle n'uma al-

mo da, indo o punhal cravar-se até ao cabo n'aquelle almofadim que a padeirinha embraçara, em guisa d'escudo.

—Maldição!—esbravejou Hochstratten.

—Obrigado!—disse o camponio, com o olhar e com o gesto, á padeirita.

E logo, n'um impeto de furia maior, caiu sobre o inquisidor.

O frade estava irremediavelmente perdido, e já Fornarina, via com prazer e triumpho, o seu figadal inimigo, sem recurso algum, nem expediente, recuar para a parede.

—Morre, cobarde!—gritou o boieiro.—É a tua ultima hora!

Mas a padeirinha presenceou então um successo inesperado, imprevisto, e com que decerto estava longe de contar.

O punhal tremeu nas mãos do camponio, e o sólo abateu debaixo d'elle. De golpe, o corpo do boieiro desappareceu, como se fosse tragado por um alçapão, que o inquisidor fizera funccionar, comprimindo um botão occulto na parede, de modo que o misero ficou todo subvertido pelo chão abaixo, com o pescoço apenas de fóra como estrangulado.

Hochstratten casquinou então uma das suas ácidas risadas. Quanto á malaventurada padeirita, caiu redondamente no chão com uma syncope, mais esmaecida do que uma defunta.

Quando o inquisidor ia chamar a creadagem, fazendo soar um timbre, appareceram na soleira das portas lateraes dous famulos armados.

—Acudi a essa moça—disse o inquisidor.

O mais velho d'estes creados acercou-se da pobresita, e acurvando-se sobre ella, depois de alguns segundos de observação, disse:

—É apenas um desmaio, mas um desmaio que póde ainda durar algum tempo.

—Está bem. Conduzi-a a casa d'ella—ordenou o frade.

—Emquanto a este homem—tornou o inquisidor, designando Lucas com o olhar—atae-o bem, e já vos digo o que fareis d'elle.

Os famulos curvaram-se respeitosamente, e começaram a manietar o pobre camponio, a quem tiraram com cautela do alçapão.

Hochstratten lançou a benção, e saíu, sorrindo-se, sem ousar, entretanto, fitar a triste padeirinha.

Lucas fusilou ao padre um olhar terrivel e ameaçador, sem se atrever comtudo a dizer uma palavra.

FIM DO TOMO I.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 05 18 10 031 0